

ALCEU MASSON

Religioso

1200

Af 16

IV

O Filho de Deus

(OS QUATRO EVANGELHOS NUMA SÓ NARRAÇÃO)

EDIÇÕES PAULINAS

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano,

Delegando-se-me, por despacho do Exmo. e Revmo. Sr. Vigário Geral, D. Edmundo Kunz, datado de 11-XI-1959, o encargo de "proceder à censura e dar parecer" da obra intitulada "O Filho de Deus", da autoria de Alceu Masson, examinei detidamente o manuscrito e, como nada encontrei que ofendesse os bons costumes e a ortodoxia doutrinária da Igreja — sob o ponto de vista exegético o autor se apóia em autores consagrados, antigos e modernos: Allioli, Schuster-Holzammer, Fillion, Knabenbauer, Cristiani, Willam, J. M. Lagrange, Ricciotti, Wikenhauser, Zerwick, etc. — julgo que a obra será de grande proveito espiritual para leigos, pessoas dedicadas a Deus, máxime religiosas, e até sacerdotes, devido à riqueza e solidez das notas, fluência do estilo e por isso ela pode e convém mesmo ser editada, coroando assim os esforços árduos de 8-9 longos anos de trabalho pesquisador.

*Pe. Alberto Braun S.J.
Catedrático de Exegese
na Faculdade de Teologia
Cristo Rei de S. Leopoldo*

NIHIL OBSTAT

São Leopoldo, 4 de março de 1960

Pe. Alberto Braun, S.J.

Censor

NIHIL OBSTAT

Pia Sociedade de S. Paulo

Pe. Tiago M. Alves, S. S. P.

Caxias do Sul, 19 de março de 1963

IMPRIMATUR

Pôrto Alegre, 11 de março de 1960

† Vicente Scherer

Arcebispo Metropolitano

A Jesus, Redentor nosso.

A Maria, nossa Mãe Santíssima.

ERRATA

Página	Onde se lê	Leia-se
73	299	172
80	273	212
243	1240	755
275	Estáter é	Estáter e
"	Choronis	Chronis
"	parg.	parag.
314	No reverso	No reverso
359	1902	1181
375	Vogné	Vogüe

ÍNDICE DE CAPÍTULOS E PARÁGRAFOS

INTRODUÇÃO	11
I — PREÂMBULO DO EVANGELHO	19
1 — Dedicatória do evangelista S. Lucas a Teófilo. 2 — Súmula da missão do Verbo Eterno e Encarnado.	
II — PRELIMINARES DA HISTÓRIA EVANGÉLICA	25
3 — Anunciação a Zacarias. 4 — Anunciação do nascimento de Jesus. 5 — Visita de Maria a Isabel. 6 — Nascimento de João Batista. 7 — Genealogia de Jesus. 8 — Um anjo revela a José o mistério da Encarnação.	
III — VIDA OCULTA DE JESUS	37
9 — Natividade do Salvador. 10 — Imposição de nome na cerimônia da circuncisão. 11. — Apresentação de Jesus no Templo. 12 — Adoração dos Magos. 13 — Fuga para o Egito. 14 — Regresso à Galiléia. 15 — Jesus no Templo aos doze anos. 16 — Jesus em Nazaré.	
IV — COMEÇO DA VIDA PÚBLICA DE JESUS	47
17 — João, precursor de Jesus, batiza em água. 18 — João anuncia o batismo que será ministrado pelo Messias. Seu primeiro testemunho. 19 — Batismo de Jesus no Jordão. 20 — Outra genealogia de Jesus. 21 — Jesus tentado no deserto. 22 — Segundo testemunho de João aos judeus. 23 — Tercei- ro testemunho de João. 24 — Os dois primeiros discípulos. 25 — Filipe e Natanael. 26 — Bodas de Caná. — Primeiro milagre. 27 — Breve permanência em Cafarnaum.	
V — EM JERUSALÉM	65
28 — Jesus expulsa os vendilhões do Templo. 29 — Crentes suspeitos. 30 — Jesus e Nicodemos. 31 — Último testemu- nho de João. 32 — Notícia da prisão do Precursor. Regres- so à Galiléia. Encontro com a samaritana. 33 — Jesus cura o filho de um homem da córte. 34 — Residência em Cafar- naum.	
VI — HOSTILIDADES CONTRA JESUS	81
35 — Início da pregação sobre o reino de Deus. 36 — Na si- nagoga de Nazaré. 37 — São chamados os quatro primeiros Apóstolos. 38 — Cura de um possesso na sinagoga de Ca- farnaum. 39 — Cura da sogra de Pedro e de outros doentes.	

VII — MISSÃO NA GALILÉIA	87
40 — Pregação nos arredores de Cafarnaum. 41 — No barco de Pedro. Pesca milagrosa. 42 — Curas e pregações na Galiléia. 43 — Cura de um leproso. 44 — Cura do paralítico de Cafarnaum. 45 — Mateus é chamado. 46 — Banquete em casa de Mateus. 47 — A questão do jejum. 48 — Jesus percorre cidades e aldeias.	
VII — A NOVA LEI	97
49 — Cura do paralítico de Bezeta. 50 — Jesus fala sobre a sua missão. 51 — As espigas apanhadas em sábado. 52 — Cura em dia de sábado. 53 — Jesus subtrai-se à cólera dos fariseus. 54 — Escolha dos doze Apóstolos. 55 — Sermão da Montanha. Espírito da lei evangélica. Os mandamentos na antiga e nova lei. Como praticar as boas obras. Esperança, caridade e fé. 56 — Cura do servo de um centurião.	
IX — MOTIVO DE LUTA O REINO DOS CÉUS	125
57 — Ressurreição do jovem de Nain. 58 — Mensagem de João Batista. 59 — A pecadora e o fariseu.	
X — AS PARÁBOLAS DO REINO DE DEUS	131
60 — A família espiritual de Jesus. 61 — O semeador. 62 A luz debaixo do alqueire. 63 — A sementeira. 64 — O joio no campo de trigo. 65 — O grão de mostarda e o fermento. 66 — Profecia sobre as parábolas. 67 — Explicação da parábola do joio no trigo.	
XI — VIAGEM À TERRA DOS GERASENOS	141
68 — O tesouro oculto, a pérola e a réde. 69 — Tempestade aplacada. 70 — Cura dos possessos de Gerasa. 71 — Cura da hemorroíssa e ressurreição da filha de Jairo. 72 — Cura de dois cegos e de um possesso mudo.	
XII — A EUCARISTIA	151
73 — Missão dos Apóstolos. 74 — Apreensões de Herodes. Morte de João Batista. 75 — Regresso dos Apóstolos. Descanso no deserto. 76 — Multiplicação dos pães (primeira). 77 — Jesus caminha sobre o mar. 78 — Curas em Genezaré. 79 — Sermão sobre a Eucaristia.	
XIII — REFÚGIO NA GALILÉIA	171
80 — Tradições em discussão. 81 — Jesus explica aos discípulos as suas palavras.	
XIV — VIAGEM AS TERRAS DE TIRO E SIDON, E PELA DECÁPOLE	175
82 — A mulher canaanita. 83 — Cura de um surdo-mudo e outros doentes na Decápole. 84 — Segunda multiplicação dos pães. 85 — Pedem a Jesus um prodígio do céu. 86 — O fermento dos fariseus. 87 — Cura do cego de Betsaida. 88 — Promessa a Pedro. 89 — Primeira profecia da Paixão. 90 — Como seguir a Jesus. 91 — Transfiguração de Jesus. 92 — Cura de um lunático.	
XV — NA FESTA DOS TABERNÁCULOS	189
93 — Jesus parte para a festa dos Tabernáculos. 94 — Primeira prédica no Templo. 95 — Prédica no último dia da festa. 96 — Terceira prédica de Jesus, no dia seguinte ao	

da festa. A adúltera. Jesus, a luz do mundo. Jesus, principio eterno. Filhos de Abraão. Jesus anterior a Abraão. 97 — Cura do cego de nascença. 98 — O bom pastor.

XVI — NOVAMENTE NA GALILÉIA 207

99 — Segunda profecia da Paixão. 100 — Pagamento da dindarema, tributo do Templo. 101 — Rivalidade dos Apóstolos. 102 — Escasso de zelo. 103 — Os samaritanos da fronteira não recebem a Jesus. 104 — Advertência sobre a vocação. 105 — Missão dos setenta e dois discípulos. 106 — As cidades impenitentes. 107 — Regresso dos setenta e dois discípulos. 108 — O jugo suave. 109 — O bom samaritano. 110. — Em casa de Marta e Maria. 111 — A oração dominical. 112 — Insistência na oração. 113 — O possesso mudo e cego. 114 — A verdadeira felicidade. 115 — O sinal de Jonas. 116 — Censuras aos fariseus. 117 — Censuras aos doutores da lei. 118 — Guardai-vos da hipocrisia. 119 — A Providência. 120 — Guardai-vos da cobiça. — 121 — Os servos vigilantes. 122 — O fogo trazido à terra. Separação de espíritos. 123 — Os sinais da vinda do Messias. 124 — Necessidade da penitência. 125 — A figueira estéril. 126 — A mulher corcunda. 127 — O grão de mostarda. O fermento.

XVII — RECRUDESCIMENTO DE HOSTILIDADES 233

128 — Festa da Dedicção, em Jerusalém. 129 — A porta fechada. 130 — Perseguição de Herodes. 131 — Censuras a Jerusalém. 132 — Cura de um hidrópico em sábado. 133 — Escolha de lugar à mesa. 134 — Convidai os pobres. 135 — Os convidados que se escusam. 136 — O verdadeiro discípulo. 137 — O ovelha desgarrada. A dracma perdida. 138 — O filho pródigo. 139 — O feitor infiel, mas esperto. 140 — Lázaro e o mau rico. 141 — Ai do mundo, por seus escândalos! 142 — Paz e correção fraternal. 143 — Perdão das injúrias. O devedor injusto. 144 — Lição de fé. 145 — O servo humilde. 146 — Cura de dez leprosos. 147 — A segunda vinda de Jesus. 148 — A viúva e o juiz iníquo. 149 — O fariseu e o publicano. 150 — Jesus na Peréia. 151 — Indissolubilidade do matrimônio. 152 — Celibato. 153 — Morte e ressurreição de Lázaro. 154 — O Sanedrim contra Jesus. Refúgio em Efrém. 155 — Em caminho para Jerusalém, Jesus abençoa as crianças. 156 — O jovem rico. 157 — A recompensa dos sacrificios. 158 — Os trabalhadores da vinha. 159 — Jesus prediz pela terceira vez a sua paixão próxima. 160 — O pedido dos filhos de Zebedeu. 161 — Cura dos cegos de Jericó 162 — Conversão de Zaqueu. 163 — Os dez marcos de prata. 164 — Jesus unguido em Betânia.

XVIII — ÚLTIMAS INSTRUÇÕES, NO TEMPLO 127

165 — Entrada triunfal em Jerusalém. 166 — A figueira sem figos. 167 — Gentios querem ver a Jesus. 168 — A figueira seca, a fé e a oração. 169 — Jesus confunde os seus inimigos. 170 — Os dois filhos. 171 — Os vinhateiros homicidas. 172 — Os convidados para o banquete de núpcias. 173 — O tributo de Cesar. 174 — Os saduceus e a ressurreição. 175 — O primeiro e maior mandamento. 176 — O Cristo, filho de Davi. 177 — Advertência suprema. 178 — Contra os escribas e os fariseus. 179 — O donativo da viúva. 180 — A destruição do Templo.

XIX — PROFECIAS NO MONTE DAS OLIVEIRAS	305
181 — Males futuros. 182 — Destruição de Jerusalém. 183 — A vinda do Filho do Homem. 184 — A figueira na aproximação do estio. 185 — Necessidade de vigilância. 186 — As dez virgens. 187 — Os talentos. 188 — O Juízo Final. 189 — A conjuração.	
XX — ÚLTIMA CEIA PASCAL	317
190 — Preparativos da ceia pascal. 191 — Comêço da ceia. Lava-pés. 192 — Judas é denunciado. 193 — Glorificação de Jesus. 194 — Instituição da Eucaristia. 195 — Palavras de despedida. Advertência a Pedro. 196 — Palavras de consôlo aos discípulos. 197 — A paz em Cristo. 198 — A videira e os sarmentos. 199 — O ódio do mundo. 200 — Assistência do Espírito Santo. Próxima deserção dos discípulos e advertência a Pedro. 201 — Lutas futuras e promessas de vitória. 202 — Oração de Jesus a seu pai. 203 — No Monte das Oliveiras, terceira advertência a Pedro.	
XXI — PAIXÃO E MORTE DE JESUS CRISTO	341
204 — Agonia em Getsêmani. 205 — Jesus é prêso. 206 — Em casa de Anás. Primeira negação de Pedro. 207 — Jesus perante Caifás. 208 — Pedro continua negando a Jesus. 209 — Novas afrontas. 210 — Jesus perante o Grande Conselho. 211 — Remorso e morte de Judas. 212 — Jesus perante Pilatos. 213 — Jesus é remetido a Herodes. 214 — Novamente perante Pilatos. 215 — Barrabás preferido a Jesus. 216 — Jesus é açoitado e coroado de espinhos. 217 — Condenado por Pilatos. 218 — A caminho do Calvário. 219 — A crucificação. 220 — O distico na cruz. 221 — Divisão das vestes de Jesus. 222 — Blasfêmias contra o Crucificado. 223 — O ladrão arrependido. 224 — Jesus, Maria e João. 225 — Morte de Jesus. 226 — O golpe de lança. 227 — Jesus é descido da cruz e sepultado. 228 — Sábado Santo. E' guardado o sepulcro.	
XXII — "SURREXIT"	379
229 — Ressurreição de Jesus. 230 — As mulheres vão contar que viram os anjos. 231 — Primeiras aparições de Jesus. 232 — São subornados os guardas. 233 — Os discípulos de Emaús. 234 — Jesus aparece aos Apóstolos reunidos sem Tomé. 235 — Nova aparição aos Apóstolos, em presença de Tomé. 236 — Aparição de Jesus à margem do lago de Tiberíades. 237 — Primado de Pedro e predição do seu martírio. 238 — Aparição de Jesus num monte da Galiléia. 239 — Últimas instruções. 240 — Ascensão de Jesus.	
Índice das notas e de nomes próprios, no final do volume.	
INDICE DAS NOTAS E NOMES PRÓPRIOS, NO FINAL DO VOLUME.	

INTRODUÇÃO

A *Bíblia*, coleção de livros sagrados, é o maior monumento de caráter literário e religioso que existe.

A Igreja Católica organizou uma relação ou catálogo desses livros, ao qual deu a denominação de "Cânon das Sagradas Escrituras". E conforme a sua doutrina, os livros canônicos são *inspirados* pelo Espírito Santo. "A *concepção* que levou os escritores santos a tomarem a pena — diz Fillion — a *iluminação* interior que lhes incitou o pensamento e a *direção una* em toda a grande obra, tudo vem de Deus".

Não deixa, porém, de ter grande importância a contribuição dos homens na feitura da Bíblia. Embora sob a influência direta do Espírito Santo, conservaram os hagiógrafos o livre exercício das suas faculdades naturais. E por isto revelam os seus escritos, além do estilo de cada autor, a sua personalidade e mesmo a sua condição no meio em que viviam. Resulta daí a grande variedade dos livros sagrados, a qual, sem lhes prejudicar a unidade, torna mais rica a sua extraordinária beleza.

Como se lê em "Introdução à Bíblia Sagrada", de A. Cañizares Nascimento, excelente obra de que já nos valem ao escrever as linhas acima: "Filosoficamente considerando, a Bíblia apresenta o mais completo e racional sistema de moral que conheceu a humanidade, resolvendo o problema do destino humano".

"E" reconhecida, mesmo pelos livres pensadores, como um monumento literário merecedor da maior reverência, não apenas do ponto de vista *geográfico* e *histórico*, em que sua importância é indiscutível, mas ainda sob o aspecto *filosófico, moral* e *estético*..." "Nela um único sistema de verdade é sustentado sempre: a unidade de Deus; a criação e conservação de todos os seres pelo poder divino, a providência; a queda do homem; a imortalidade da alma; castigos e recompensas; a lei natural permitindo a distinção do bem e do mal; o poder da oração; a redenção; a responsabilidade e o livre arbítrio; a obrigação de praticar a virtude; os mesmos mandamentos, etc., completando-se o ensino bíblico pelos *Evangelhos*, com o mesmo nexó doutrinário de uma religião que se vai constituindo até Jesus".

"E" o livro máximo da espiritualidade humana!"

O Messias, prometido logo depois da queda do primeiro homem, é a idéia central da Bíblia. Fazendo-se abstração desta idéia, a obra

perde o seu essencial sentido de conjunto. Como disse muito bem Stolberg, famoso escritor luterano convertido ao catolicismo: "Tódas as partes d'êste livro são unidas por uma relação única, isto é, por *Jesus Cristo*".

Divide-se a Bíblia em *Antigo* e *Nôvo Testamento*.

O *Antigo* ou *Velho Testamento* é um conjunto de livros escritos num período de dezesseis séculos aproximadamente, em tempo anterior ao comêço de era cristã, e que contém a cosmogonia de Moisés, ou seja, a origem do universo; a história dos primeiros homens e dos hebreus; as leis religiosas e civis d'esse povo; regras de moral e sabedoria, e, finalmente, os vaticínios de diversos profetas. Deu-se a êsses livros a denominação de "Testamento" no sentido de uma declaração da vontade divina, por encerrarem êles a aliança que o Senhor fêz com Noé, Abraão e Israel e seus descendentes, depois do dilúvio, (Gên. IX, 8-17; etc.) a lei que lhes impos e as promessas que lhes fêz.

O *Nôvo Testamento* é uma coletânea de livros escritos no primeiro século de nossa era, que contém diversos aspetos da vida e da doutrina de Jesus, Filho Unigénito de Deus, Messias anunciado pelos profetas; a doutrina por êle pregada; a história primitiva da Igreja que fundou; vinte e uma cartas (epístolas), principalmente doutrinaárias, dirigidas pelos Apóstolos aos primeiros cristãos; e o Apocalipse, revelação da volta de Jesus Cristo, para o Juízo Final. Também lhe foi dado o título de "Testamento", porque nêle se estabelece a aliança do Senhor com todos os povos, por intermédio de Jesus Cristo, Homem-Deus.

Referindo-se a essas duas grandes divisões da Sagrada Escritura, disse S. João Crisóstomo: "Nenhuma lei antiga existiu senão por Jesus Cristo e para Jesus Cristo. O Velho Testamento apenas precedeu o Nôvo, e êste consiste tão sômente na explicação do primeiro". A lei nova é o complemento da anterior, ou melhor, é a mesma lei, mas definitivamente aperfeiçoada. A antiga lei — como ensina ainda o famoso patriarca de Constantinopla — é uma prefiguração da nova; esta é a verdade e a coisa mesma".

Ao contrário do que muitos afirmam, a Igreja Católica, longe de proibir sistematicamente aos fiéis a leitura da Bíblia, sempre a recomendou, e até com insistência, exigindo apenas que usassem edições autênticas, com os necessários esclarecimentos das passagens de mais difícil interpretação. Entretanto, aconselha a Igreja muito especialmente a leitura do Nôvo Testamento, que mais de perto interessa à vida cristã (como já vimos pelo resumo do seu conteúdo) e, nêle, considera primaciais os Evangelhos, porque em suas páginas se apresenta com maior brilho e vigor a verdade religiosa.

Em número de quatro, os *Evangelhos* constituem a primeira parte do Nôvo Testamento, na qual se encontram a história de Jesus Cristo e a doutrina cristã nos termos em que a pregou o Salvador.

O primeiro dos Evangelhos foi escrito por S. Mateus com o intuito de provar que *Jesus é o Messias* prometido aos israelitas no Antigo Testamento, e por isto lembra o evangelista tantas vezes as profecias, fazendo notar a sua realização em Jesus Cristo.

O segundo, de S. Marcos, companheiro de S. Pedro, obedece à finalidade de demonstrar a divindade de Jesus, mediante a narração dos milagres operados pelo Redentor.

O terceiro, da autoria de S. Lucas, médico de origem pagã que logo depois de convertido ao Cristianismo se tornou dedicado colaborador de S. Paulo, tem por fim narrar metódicamente a vida, milagres e ensinamentos de Jesus, para que os leitores reconheçam a verdade da doutrina cristã, particularmente no que diz respeito ao mistério da redenção do gênero humano.

O quarto foi escrito por S. João, que, segundo a tradição eclesiástica, o destinou aos cristãos da Ásia Menor, onde já se propagavam algumas heresias, e que se propôs como objetivo confirmá-los na verdadeira doutrina, mostrando-lhes que Jesus é o Cristo Filho de Deus, a fim de que, por meio da fé, tivessem em nome do Salvador a vida eterna.

Principalmente em consequência das diferentes finalidades que que orientaram o trabalho dos quatro escritores sagrados, é natural apresentarem os Evangelhos bastante diversidade nas suas narrações. Certas particularidades que interessavam de modo especial a algum dos evangelistas e foram expostas mais minuciosamente num Evangelho, apenas são mencionadas nos outros ou até omitidas. Demais, a história evangélica reproduzida nos quatro livros contém necessariamente muitas repetições. Ora, causa isto sempre algum desagrado à maior parte dos leitores. E, então, com o intuito de tornar mais prática a sua leitura, para divulgar, tanto quanto possível, a vida de Jesus e a doutrina do Salvador, publicaram diversos autores excelentes compilações dos Evangelhos, às quais se dá a denominação técnica de "sinopses evangélicas". Nestas obras, os quatro textos são fundidos num só, com todos os fatos da história evangélica narrados em seqüência cronológica. Dizem-se "sinopses" (resumos) porque expurgadas das repetições a que já nos referimos. De resto, o vocábulo também é usado para designar uma obra que apresente, de maneira sistemática, algum conjunto científico, religioso, etc., sendo, portanto, aplicável ao caso também por este motivo.

Dentre as sinopses evangélicas até hoje publicadas, uma das melhores é sem dúvida a que foi editada em português pelos Estabelecimentos Brepols A. G., editores pontifícios de Turnhout (Bélgica). O autor, que por modéstia omite o seu nome no frontispício do livro e se apresenta apenas como "um padre da Congregação da Missão", baseou o seu importante trabalho em dados recentes da ciência atinente à matéria, seguindo as normas estabelecidas pelo Pe. J. P. A. Azibert e hoje consagradas pela aprovação das maiores autoridades eclesiásticas.

Para a compilação da aludida sinopse foi aproveitada a tradução portuguesa do Nôvo Testamento por frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, Bispo de Coimbra, tradução que nos dá o texto evangélico na sua "rusticidade primitiva", como esclarece o autor da compilação. Em obra que visa a propagação do Evangelho pelo atrativo da forma, constitui isso um inconveniente que nos parece preferível evitar, já porque se pode dar diferente feição literária ao sagrado texto sem lhe prejudicar em nada o sentido substancial.

Ora, a Igreja Católica considera inspirado pelo Espírito Santo o texto bíblico original. As versões também o são enquanto concordam com o original. O Concílio Tridentino, na sua quarta sessão (1546) declarou autêntica uma tradução da Bíblia, em latim, da autoria de S. Jerônimo, denominada "Vulgata" (V. nota h), que desde então ficou oficialmente adotada, com exclusão de outras quaisquer traduções latinas, como base para as lições, disputas, pregações e exposições públicas em questões de fé e moral. Não há, pois, motivo para que sempre nos cinjamos a traduzir os Evangelhos submetendo-nos ao sentido literal do texto. Garantido pela Vulgata o sentido essencial do mesmo, são também admissíveis as traduções mais livres, mormente quando feitas para uma sinopse, obra que por sua natureza não é tão sujeita aos rigores de que dependem outros trabalhos de caráter religioso e doutrinário. Claro está que mesmo neste caso a história evangélica não deverá ser tratada de tal modo que até venha a sofrer alterações sensíveis nos seus caraterísticos essenciais. Isto seria desfigurá-la, tirar-lhe a beleza do aspeto peculiar, e nunca se poderia censurar com suficiente veemência a ousadia de quem tomasse essa liberdade abusiva. O que entendemos conveniente é escoimá-la de expressões que nas traduções literais não ficam bem, e tornar a narração mais fluente onde os autores omitem certas ligações imprescindíveis a fim de se estabelecer aquela conexão de idéias que se impõe para a leitura coerente, o que falta nos Evangelhos em inúmeros casos.

Por essas razões, que, seja dito de passagem, não envolvem a intenção de depreciar o trabalho do ilustrado missionista a que já nos referimos, resolvemos escrever uma sinopse evangélica em linguagem tão corrente quanto possível, tomando, porém, por base, em geral, a excelente compilação daquele sacerdote, colhendo trechos das melhores traduções atuais dos Evangelhos para o português, e dando ao todo redação homogênea.

As notas apenas à nossa sinopse, cuja leitura não é apenas conveniente para a ilustração do leitor, mas também necessária para a exata compreensão do texto, foram coligidas dos mesmos Evangelhos mencionados linhas atrás, principalmente do editado pelos Religiosos Franciscanos, e enriquecidas com excertos de obras dos au-

tores Knabenbauer, Daniel-Rops, Ricciotti, Vigouroux, Schuster-Holzammer, Fillion, Allioli, Willam, Martini, Cristiani, J. M. Lagrange, A. Wikenhauser, Holzmeister, Duarte Leopoldo e outros. Com respeito a elas, salvo algumas exceções apenas, cifrou-se o nosso trabalho em combiná-las, completando-as umas pelas outras.

Como se vê, muito modesta é a nossa contribuição pessoal nesta nova sinopse. Em compensação, animou-nos o mais vivo empenho de cooperar para a difusão cada vez maior do Evangelho, e esperamos em Deus não seja frustrado o nosso intento.

Terminando, deixamos aqui consignados os nossos penhorados agradecimentos aos Revmos. Padres Afonso Knecht, Edwino Puhl, Germano Junges, Raimundo Weizenmann, Luis Angerpoitner, Balduino Kipper e Alberto Braun. a uns pelos estímulos que nos deram para escrever esta obra, a outros pela bondosa solicitude com que nos auxiliaram a resolver inúmeras questões inerentes ao difícil trabalho.

A. M.

a — **Bíblia.** Plural grego da palavra «biblion», que significa «livro». Depois da Idade Média, a expressão foi latinizada como forma singular feminina, passando a significar «o livro», isto é, «o livro dos livros», o livro por excelência.

b — **Cânon.** O cânon ou catálogo dos livros santos tornou-se definitivo no IV século. Desde os primeiros tempos mostrou-se a Igreja extremamente rigorosa, como tinha que ser, no que diz respeito aos livros sagrados. E, assim, muitos escritos não foram admitidos no cânon, sobretudo por não se poder invocar a seu favor a autoridade de um dos Apóstolos. São os textos «apócrifos», como os denomina a Igreja, dando principalmente à expressão o sentido oposto ao de livro canônico, divinamente inspirado. Apócrifos também por não serem dos autores a que foram atribuídos, como por exemplo o «Evangelho de S. Pedro», o «Proto-evangelho de S. Tiago», etc. — Nem tudo o que contém essas obras é falso. Mas encerram elas muitas fábulas, alegorias fantasistas, lendas e atoardas. — O cânon judaico e o da Igreja Protestante diferem do católico e também entre si.

c — **Livros sobrenaturalmente inspirados.** Por si mesmo, o homem jamais poderia chegar ao conhecimento da verdade religiosa completa, essencialmente sobrenatural, que já por definição transcende da capacidade intelectual humana. E' um axioma de Teologia. Dêle se deduz a necessidade de que a verdade religiosa fôsse sobrenaturalmente revelada ao homem. Daí a inspiração pelo Espírito Santo, que dá à Bíblia o seu caráter sagrado. — A inspiração divina dos livros bíblicos é confirmada pela realização das profecias nêles contidas. Dois exemplos entre muitos. O profeta Miquéias predisse o cativeiro dos hebreus, em Babilônia (citando a cidade) cento e cinquenta anos antes do acontecimento (Miquéias, IV, 10). As profecias sobre as particularidades da vida de Jesus são tão numerosas, tão claras e tão exatas, que, na expressão de Lodié, «parecem formar um Evangelho antecipado». — Muitas verdades reveladas não foram escritas. Constituem elas o que a Igreja denomina de «tradição». São, pois, duas as fontes da fé: a tradição e a Sagrada Escritura.

d — **Evangelhos.** São os quatro primeiros livros do Novo Testamento, segunda parte da Bíblia. — A palavra «evangelho» significa feliz notícia, boa nova, que, no caso, era a de estar prestes a se restabelecer na Terra o reino de Deus, prometido pelos profetas à posteridade de Abraão, e que se estenderia a todo o mundo para sempre. — A boa nova da salvação do gênero humano converteu-se em atos, pelos ensinamentos, a vida e a morte redentora de Jesus Cristo, sendo designada com o nome de Evangelho. — Durante alguns anos depois da morte de Jesus, a mensagem que êle nos trouxe, difundiu-se apenas pelo ensino oral ministrado sob a severa fiscalização e autoridade da Igreja, isto é, pela catequese. Sobre tudo em assunto de religião, os semitas, habituados à memorização metódica, confiavam ao «arquivo da memória», como disse Ricciotti, vultoso cabedal didático que só mais tarde foi pôsto por escrito. Exemplo clássico no campo semítico, embora não hebraico, é o Alcorão, que, por toda uma geração, ficou somente confiado à memória dos discípulos de Maomé, conservando-se, não obstante, sem alterações verbais. Coisa análoga ao que sucedeu com o Talmude, livro das leis e tradições judaicas. — A catequese, o ensino tradicional apostólico, mesmo no caso dos evangelistas que convi-

veram com Jesus Cristo, foi, pois, a fonte donde derivaram os evangelhos de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João, incluídos pela Igreja no «Cânon das Sagradas Escrituras» (donde a expressão «evangelhos canônicos»), os quatro livros em que vem narrada a vida de Jesus, e é exposta a doutrina cristã com as próprias palavras do Divino Mestre. — Em face do resultado de inúmeros e exaustivos estudos que foram feitos sobre os Evangelhos, razoavelmente já ninguém pode duvidar da sua autenticidade, ou, por outra, está provado que os Evangelhos foram escritos pelos autores a quem são atribuídos, que o texto primitivo foi preservado de qualquer alteração substancial e que é incontestável a veracidade dos seus autores. — Provou-se também a integridade dos Evangelhos confrontando-os com antigos manuscritos da Bíblia, entre os quais avulta pela sua importância o «Codex Vaticanus», considerado como o mais precioso manuscrito que se conhece. — Os três primeiros Evangelhos, da autoria de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas, são chamados «sinópticos» por se basearem num plano geral comum, apresentando grandes semelhanças entre si; o quarto, de S. João, constitui caso à parte. (V. nota 2)

e — Jesus, o Messias prometido. O nome de Jesus vem do hebraico «Jeoschua» (pronúncia: Jeoschúa), que significa «Salvação de Jeová», ou, por abreviação, «Salvador». Veja-se a nota seguinte a respeito da palavra «Cristo». — «Messias» é nome também derivado do hebraico e significa «ungido» ou «sagrado». — Dirigindo-se ao demônio que, em forma de serpente, levava Adão e Eva ao pecado da desobediência, disse Deus: «Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a tua. Ela te esmagará a cabeça, e tu te empenharás em mordê-la no calcanhar». Conforme o ensino tradicional da Igreja, por estas palavras entende-se que da raça humana deveria nascer o «cristo»

f — Cristo. Nome proveniente do grego «Christós» através do latim «Christus» — com que se traduz a palavra «mexilhã» (ungido). (Veja a nota anterior).

g — Testamento. Antiga versão latina da palavra grega «diathékê», com a qual se traduziu «berith», vocábulo hebraico que significa «aliança».

do demônio, o Salvador, e que Maria Santíssima seria a mulher bendita que daria à luz o Redentor prometido.

h — Antigo Testamento. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico. Dêle chegaram até nós duas traduções célebres. A primeira em grego, é obra de setenta e dois intérpretes judeus (em geral arredonda-se o número destes tradutores), razão pela qual é chamada «Versão dos Setenta» ou simplesmente «Setenta». Na opinião de S. Jerônimo, adotada por muitos críticos, os Setenta traduziam apenas o «Pentateuco» (a mais antiga obra autêntica do mundo), isto é, os primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônimo; e as traduções dos outros livros terão sido realizadas depois, por intérpretes desconhecidos. — A segunda das traduções célebres a que se alude acima, é a Vulgata, em latim, da autoria de S. Jerônimo. A Vulgata inclui também a tradução latina do Novo Testamento.

i — Moisés. Nasceu no Egito. Salvo das águas do Nilo, ainda criança de peito, por uma princesa egípcia (Termúti), como refere a Sagrada Escritura. (Êxodo: I, 13-22; II, 1-10), tornou-se o grande legislador dos israelitas, cuja nacionalidade fundou. É uma das mais notáveis figuras da História.

j — Hebreus. Os hebreus, descendentes de Abraão, passaram a chamar-se israelitas nas gerações que se sucederam à do patriarca, a quem um enviado do Senhor deu o nome de Israel, que quer dizer «guerreiro de Deus». A denominação de «judeus», que em rigor pertence aos israelitas da tribo de Judá, vem sendo dada a todos os filhos de Israel desde a época greco-romana.

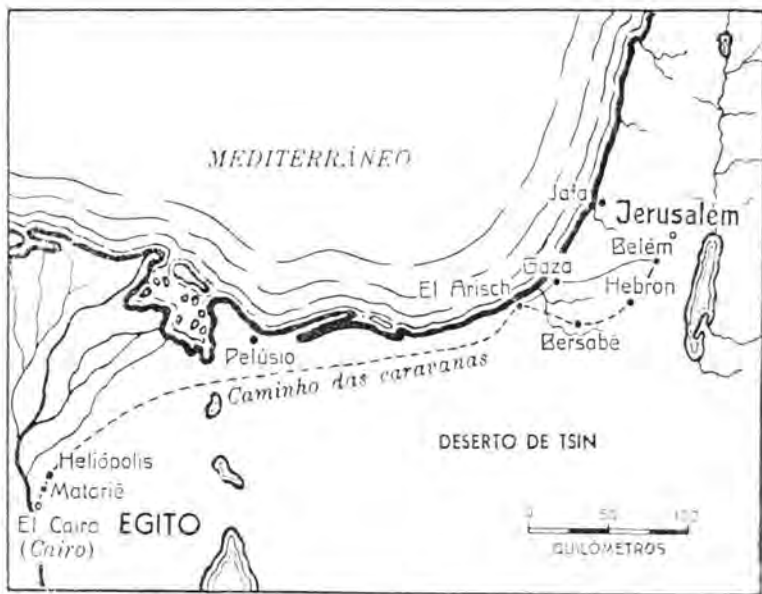
k — Profeta. Na Sagrada Escritura, a palavra «profeta» tem sentidos diversos, como se explica na nota 528, para a qual remetemos o leitor.

m — Gên. IX, 8-17. Os textos bíblicos foram divididos em capítulos na Idade Média. Quanto aos versículos, denominados «stickes» pelos gregos, originariamente tiveram por finalidade suprimir a pontuação. Cada linha era um versículo de trinta e quatro a trinta e oito letras. Numerados os versículos à maneira hebraica, facilitou-se muito a indicação de qualquer passagem da Escritura. Dá-se, por extenso ou abreviadamente, o nome do livro bíblico em que ela se encontra seguido dos números do capítulo e dos versículos respectivos. Na epígrafe desta nota, «Gên.» significa «Gênesis», que é o primeiro livro da Bíblia.

n — Apóstolo. O nome de «apóstolo», derivado do grego «apostolos», significa «enviado». Eram assim denominados os emissários do Supremo Tribunal judaico. Jesus Cristo também chamou «Apóstolos» aos doze discípulos que escolheu para seus companheiros e para pregarem o Evangelho. Foram eles, pois, discípulos e apóstolos: discípulos porque observavam as prescrições do Mestre, e mesmo com maior rigor e perfeição do que os outros fiéis, para dar exemplo; apóstolos, porque receberam a missão de ensinar e pregar a palavra de Deus.

o — *Lei Antiga*. Ou simplesmente a «Lei». O código de Moisés, a legislação dos judeus. Por contraposição chama-se «Nova Lei» a doutrina de Jesus Cristo ou do Evangelho.

p — *Leitura da Bíblia*. Diversos livros da Bíblia são históricos. Ora, em matéria de História, o que sobretudo interessa é a veracidade dos fatos narrados. Não é, pois, de estranhar que encontremos na Bíblia a humanidade primitiva tal como era, com os seus costumes bárbaros, a sua rudeza e ferocidade, os seus crimes hediondos, as suas grosseiras superstições. Contudo, a Igreja Católica não proíbe a leitura da Bíblia. O que realmente proíbe é a leitura de versões da Bíblia em que a palavra de Deus é mutilada e adulterado o seu verdadeiro sentido. Mas é bem de ver que a Bíblia, no texto integral, já pela sua natureza não é obra cuja leitura esteja ao alcance de qualquer leitor. Recomendar-lhe a leitura a uma criança, por certo não seria muito maior despropósito que dar a essa mesma criança, para ler, a «História Universal», de César Cantú. E no mesmo caso estão muitos adultos de formação intelectual insuficiente. Para esses leitores existem as Bíblias resumidas, que se usam nas escolas católicas. Há mais. A complexidade, profundidade e transcendência do contexto bíblico exigem estudos especiais para a sua compreensão exata. A sua interpretação está sujeita a normas de hermenêutica reclamadas pela própria razão como precauções contra a possibilidade do erro. Em assuntos que fogem à nossa competência, recorreremos judiciosamente a especialistas e técnicos. No caso do conteúdo da Bíblia, assunto já em si difficillimo, manda o bom senso que, a fim de esclarecê-lo, apelemos para o auxílio da autoridade máxima, a Igreja Católica, que se cerca de todas as cautelas antes de pontificar sobre a matéria, louvando-se nos conhecimentos um grupo de sábios especializados, a chamada «Comissão Bíblica», constituída de hebraístas, etnologistas, historiadores, lingüistas, críticos e pesquisadores de renome.



FUGA PARA O EGITO

I — PREÂMBULO DO EVANGELHO

1 — DEDICATÓRIA DO EVANGELISTA S. LUCAS A TEÓFILO*

(S. Lucas, capítulo I, versículos 1 a 4)

Empreenderam muitos escrever a narração* dos acontecimentos entre nós ocorridos, baseando-se no que nos foi relatado, sobre o assunto, por aquêles que desde o início presenciaram os fatos e foram os pregadores* da palavra de Deus. Tendo investigado* tudo o que desde o princípio aconteceu, pareceu-me, excelentíssimo Teófilo, que devia narrar-te êsses fatos por escrito, na ordem em que ocorreram, a fim de que reconheças a verdade da doutrina em que fôste instruído.

1 — *Teófilo.* E' opinião corrente que o Evangelho de S. Lucas foi especialmente destinado aos cristãos convertidos do paganismo, representados na pessoa de Teófilo. A obra, escrita em grego, baseada em parte no Evangelho de S. Marcos, reproduz principalmente o ensino oral ou catequese de S. Paulo. Segue a ordem cronológica e liga a narração evangélica com os principais acontecimentos da história profana.

2 — *Empreenderam muitos a narração.* Já existia o Evangelho de S. Mateus vasado em aramaico, linguagem popular naquele tempo. Em contraste com o Evangelho de S. Lucas, a obra de S. Mateus não segue a ordem cronológica, mas sim a ordenação lógica e sistemática dos assuntos, muito em uso na antiguidade. Foi traduzida para o grego, chegando até nós só uma dessas traduções. Já existia também o Evangelho de S. Marcos, escrito em grego, reprodução da catequese de São Pedro. Já existiam, finalmente, outros escritos sobre o assunto que o evangelista se propõe expor, sendo alguns dêles os apócrifos (V. nota b). Vem aqui a ponto outro comentário. Os evangelhos de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João, em que vem narrada a vida de Jesus Cristo e é exposta a doutrina cristã com as próprias palavras do Divino Mestre, todos os quatro livros provêm da catequese dos Apóstolos. Os três primeiros são chamados "Sinópticos" porque, seguindo um mesmo plano genérico, proporcionam uma vista geral ou de conjunto sobre a vida e doutrina de Jesus, tendo sido impressos em colunas paralelas para facilidade de confronto de uns com os outros. O Evangelho de S. João constitui caso à parte. E' de índole diferente e bem diverso teor. Cumpre não esquecer, porém, que os quatro Evangelhos se completam uns pelos outros, formando um só Evangelho, como fêz notar Orígenes. — Os Evangelhos Sinópticos formam como que um tríptico de que ressaltam as suas semelhanças recíprocas. Não obstante, notam-se também nêles algumas discrepâncias. Nenhuma, porém, que dissipe a impressão de identidade fun-

damental das três obras. Foi o que exprimiu admiravelmente Ricciotti, dizendo haver entre os Sinópticos uma "concordia discors". A questão essencial está em explicar como foi possível que isto acontecesse. Primeiramente existiu o Evangelho semítico de S. Mateus. Depois S. Marcos reproduziu no seu Evangelho o ensino oral de S. Pedro, valendo-se também da obra do primeiro evangelista. Por fim, S. Lucas escreveu o seu Evangelho, baseando-se na catequese de S. Paulo e servindo-se do Evangelho de S. Mateus ou de algum documento que o reproduzisse em grande parte, e do Evangelho de S. Marcos. Assim, pois, a "concordia" dos Sinópticos provém do fundo comum dos três, que é, direta ou indiretamente, o texto original de S. Mateus. E esta "concordia" se apresenta "discors" quando cada autor, levado pelos seus objetivos pessoais, abrevia, translada a narração e até lhe acrescenta outros elementos, que em sua maior parte também procedem da catequese apostólica, se bem que por vias diferentes. Quanto ao Evangelho de S. João, escrito em grego, destaca-se dos outros pela sua transcendente espiritualidade. Nos outros, as prédicas de Jesus são morais; em São João, são dogmáticas. E' o Evangelho Teológico. Mas obra histórica também. Confrontando-o com os três precedentes, têm-se a impressão de que o autor procurou ocasiões para precisar e completar o que os outros deixaram vagamente indicado ou incompleto.

3 — *Pregadores da palavra de Deus.* Na Vulgata está "ministri sermonis", isto é, ministros da palavra. Refere-se o evangelista aos Apóstolos e aos discípulos de Jesus.

4 — *Tendo investigado.* A inspiração recebida do Espírito Santo pelos escritores sagrados, não excluía os seus conhecimentos, diligência e fidelidade de escritores. E por isto S. Lucas alude às informações que tomou para escrever o seu Evangelho.

2. ^o SÚMULA DA MISSÃO DO VERBO ETERNO E ENCARNADO (S. João, I, 1-18)

No princípio era o Verbo* e o Verbo estava* com Deus, e o Verbo era* Deus. Estava êle em Deus desde o princípio. Tôdas as coisas foram feitas por êle, e sem êle nada se fêz de quanto foi feito.

Estava nêle a vida*, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha* nas trevas, mas as trevas não a acolheram*.

Um homem foi enviado* por Deus. Chamava-se João. Veio como testemunha, para prestar testemunho à luz, a fim de que por sua mediação todos tivessem fé. Não era êle mesmo a luz, mas sim quem devia dar testemunho à luz.

O Verbo, a verdadeira luz que a todo homem ilumina, veio ao mundo. Estava no mundo, e o mundo*, embora feito por êle, não o conheceu.

Veio para o que era seu*, e os seus não o receberam. E deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos os que o receberam, àquêles que crêem em seu nome, os quais não nasceram do sangue* nem do desejo da carne nem da vontade do homem, mas sim de Deus.

E o Verbo se fez carne* e habitou entre nós. E nós vimos a sua glória, a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

João deu testemunho dêle, declarando em alta voz: "Eis aquêle de quem eu disse: depois de mim virá quem é maior* do que eu, porque antes de mim existia".

Graça sôbre graça todos nós temos recebido da sua plenitude. A Lei* foi dada por Moisés, mas a Jesus Cristo é que devemos a graça* e a verdade. Ninguém jamais viu a Deus. O Unigênito, que é Deus e está no seio do Pai, foi quem o revelou.

5 — *O Verbo*. A expressão interior do pensamento infinito e a palavra substancial de Deus. No Evangelho de S. João a palavra grega "Logos" (Verbo) designa a hipóstase essencialmente divina que é o Filho de Deus, segunda pessoa da Santíssima Trindade. (Veja-se a nota seguinte)

6 — *O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*. Afirma-se aqui que o Verbo é pessoa distinta do Eterno Pai, e que subsiste por si, embora íntima e inseparavelmente unida com êle.

A Santíssima Trindade é o primeiro dos três principais mistérios da religião católica: Trindade, Encarnação, Redenção (V. nota 13). Em religião, mistério é uma verdade que está acima do alcance da inteligência humana, mas verdade na qual devemos crer, porque foi revelada por Deus e porque Deus — a própria ciência e a própria verdade — além de não poder enganar-se, a ninguém pode enganar, já que isto envolveria contradição, o que é incompatível com a sua natureza. Mas — note-se bem — o mistério religioso, conquanto esteja acima da razão, não é nem pode ser contrário à razão. Ninguém explica o mistério fisiológico que é a vida; ninguém explica o mistério físico que é a electricidade. No entanto, até os mais ferrenhos racionalistas acreditam num e noutro, em virtude dos seus efeitos, que saltam à vista. Deus, o mistério supremo, impõe-se à razão pelas suas obras, a começar pela criação do homem dotado de razão. E quem crê em Deus, não se pode recusar, em nome do bom senso, a admitir outros mistérios que com Deus se relacionam, e por Deus revelados aos homens. Dá-se o nome de Santíssima Trindade ao mistério da existência de um só Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Estas três pessoas, distintas entre si, não são contudo senão um só Deus, por terem uma mesma natureza divina. As três pessoas divinas, por serem da mesma divina substância, não se manifestam exteriormente uma sem as outras, e tudo no mundo é comum obra sua. Todavia, por apropriação e modo de falar, geralmente atribuímos ao Pai a criação, como obra de poder; ao Filho, a redenção do gênero humano, como obra de sabedoria; e ao Espírito Santo, a santificação, como obra de santidade. Devemos notar, como exceção única, que a Redenção é obra do Filho, pois sômente a segunda pessoa da Santíssima Trindade se fez homem (encarnou), para nos remir do pecado, expiando-o por nós, crucificado no Calvário.

7 — *Estava nêle a vida e a vida era a luz do mundo*. Não se trata aqui da vida própria do Verbo nem da vida natural comunicada às coisas criadas, mas sim da graça, dom sobrenatural que é a vida

do espírito. Neste versículo, S. João atribui ao Filho de Deus tôdas as revelações anteriores a Jesus Cristo, e tudo o que foi feito no mundo para instruir o homem e conduzi-lo à eterna bem-aventurança.

8 — *E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a acolheram.* Significam estas palavras que a doutrina da salvação, ensinada pelos patriarcas, pelos profetas e finalmente pelo próprio Filho de Deus, iluminou o mundo mergulhado na escuridão dos erros, e que, não obstante, grande parte dos homens preferiram permanecer nas trevas da ignorância, do êrro e do pecado.

9 — *Um enviado.* O evangelista começa a passar das revelações sobre o Verbo à manifestação pessoal dêste ou Encarnação, referindo-se primeiramente ao precursor S. João Batista, cuja missão consiste em anunciar a verdadeira luz que surge, e encaminhar os homens para o Salvador.

10 — *O mundo, embora feito por êle...* Criou o Verbo tôdas as coisas e deu a vida aos sêres que a possuem. Foi também o Verbo que deu aos homens a inteligência, e lhes esclareceu a razão natural. E dêle nos vem ainda a revelação das verdades sobrenaturais. A expressão "conheceu", no final do versículo, inclui, segundo o modo de pensar dos semitas, a acepção de reconhecer.

11 — *Veio para o que era seu.* Trata-se do povo judaico, o povo privilegiado a quem Deus havia prometido o Messias (V. nota e).

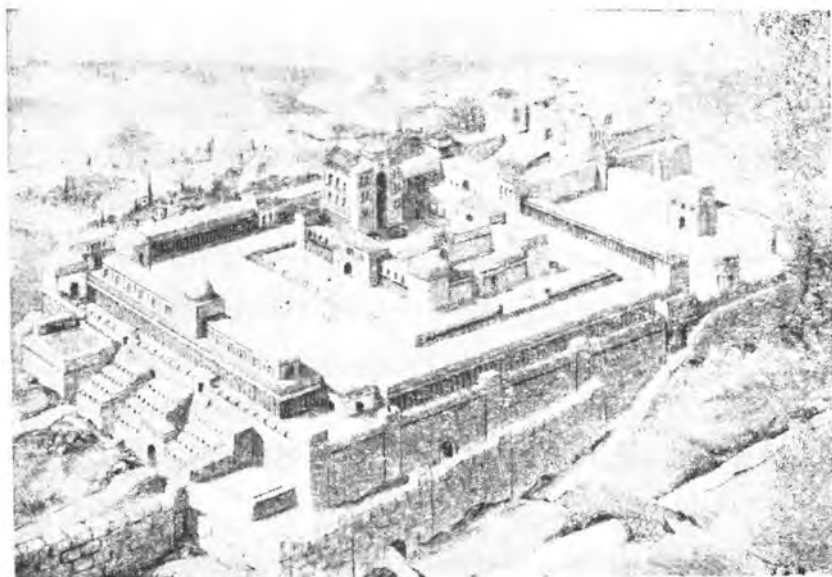
12 — *Não nasceram do sangue... mas sim de Deus.* Esta filiação não tem por fundamento nem a ascendência até Abraão, pelo sangue, nem as energias da natureza humana nem o próprio arbítrio, mas tão sômente a vontade de Deus, por geração espiritual em que é comunicada a graça divina.

13 — *E o Verbo se fez carne.* Nestas expressões fica claramente estabelecida a distinção das duas inconfundíveis naturezas (divina e humana, existentes em Jesus Cristo, pois na língua hebraica as palavras "carne" e "sangue" têm sentido oposto ao da palavra "Deus". Ao fazer-se carne, não mudou o Verbo a sua essência; apenas assumiu a natureza humana. Mas Jesus Cristo é Deus e Homem numa só pessoa. Um, não pela transmutação das naturezas divina e humana numa só, mas sim pela unidade da pessoa. São as seguintes as razões da Encarnação. Os pecados dos homens, a partir de Adão e Eva, constituíam um agravo à Divindade, por assim dizer infinito, porque a extensão da injúria se avalia aqui pela condição do ofendido e pela inferioridade de quem cometeu a ofensa. Ora, o homem não podia oferecer a Deus reparação equivalente ao agravo, isto é, infinita. O Filho de Deus tomou então para isto a nossa natureza, pois, a fim de padecer por nós como vítima expiatória, era necessário ter êle um corpo que pudesse sofrer, e alma humana que lhe permitisse representar em sua pessoa a humanidade culpada. Resgatou-nos assim Jesus Cristo da escravidão do pecado — o que constitui o mistério da Redenção — significando isto que por seus merecimentos, Paixão e Morte, nos proporcionou novamente a possibilidade de alcançar a eterna bem-aventurança.

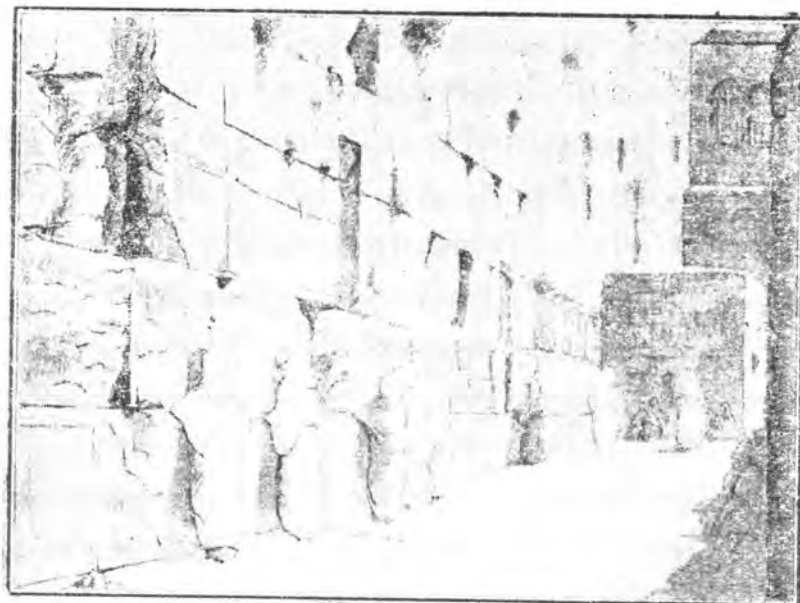
14 — *Depois de mim virá quem é maior do que eu, porque antes de mim existia.* S. João Batista nasceu seis meses antes de Jesus Cristo. Entretanto, Jesus, por sua geração eterna, é anterior a João Batista. Êle virá depois do Batista na ordem dos tempos (para a pre-

gação), mas precede-o e está acima dêle na ordem da graça e da dignidade.

15 — *A Lei por Moisés, a graça por Jesus Cristo.* A lei de Moisés, repleta de prefigurações, apenas dava a conhecer o mal. Jesus Cristo deu-nos a graça, dom sobrenatural que nos fortalece para cumprir a vontade de Deus e assim salvar a alma. E com a sua Encarnação realizou as prefigurações do Antigo Testamento, fazendo-nos conhecer a verdade pela revelação dos mistérios divinos. Não quer isto dizer que nos antigos tempos a graça ainda não era concedida. Significa sòmente que, depois da vinda de Jesus Cristo, passou ela a ser dada por amor do Filho de Deus, e no intuito da reparação que ele oferecia pelos homens.



TEMPLO DE JERUSALEM



MURO DAS LAMENTAÇÕES

II — PRELIMINARES DA HISTÓRIA EVANGÉLICA

3 — ANUNCIAÇÃO A ZACARIAS

(S. Lucas, I, 5-25)

No tempo de Herodes* rei da Judéia, vivia um sacerdote chamado Zacarias. Pertencia êle à classe de Abias* e era casado com uma das filhas de Aarão, que tinha o nome de Isabel. Ambos justos perante Deus, seguiam irrepreensivelmente todos os mandamentos e preceitos do Senhor. Não possuíam filhos porque Isabel era estéril e os dois já haviam chegado a avançada idade.

Em certa ocasião, desempenhava Zacarias as funções sacerdotais diante de Deus, por ser a vez da sua classe. Segundo o costume do sacerdócio, tocara-lhe por sorte entrar no Templo para oferecer incenso ao Senhor*.

A hora do oferecimento de incenso, todo o povo achava-se fora, em oração. Apareceu então a Zacarias um anjo do Senhor, mantendo-se de pé à direita do altar em que o incenso era oferecido.

Ao vê-lo, o sacerdote perturbou-se e ficou transido de susto.

Disse-lhe, porém, o anjo: “Não temas, Zacarias. A tua oração foi ouvida e tua mulher Isabel te dará um filho, a quem deverás pôr o nome de João. Sentirás profunda satisfação e alegria, e muitos hão de regozijar-se com o nascimento do menino, porque êle será grande diante do Senhor. Não tomará vinho nem outra bebida inebriante”. Ainda no seio de sua mãe, será cumulado de graças pelo Espírito Santo. Converterá ao Senhor, seu Deus, muitos dos filhos de Israel, e irá adiante dêle, no espírito e na virtude de Elias,* para restabelecer a concórdia entre os pais e os filhos e reconduzir os rebeldes aos sentimentos dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo dócil”.

Perguntou Zacarias ao anjo: “Como me certificarei de que isso há de acontecer, apesar de ser eu um homem velho, e estando também minha mulher já avançada em anos?”

“Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus — respondeu o anjo — e fui enviado para te falar e trazer esta boa notícia. Como não deste crédito às minhas palavras, que a

seu tempo se cumprirão, ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que suceder o que te anunciei”.

Entretanto, esperavam os fiéis pelo sacerdote, e admiravam-se de sua demora no Templo. Quando Zacarias saiu, não lhes pôde falar. Mas fêz-se entender por gestos, e então o povo compreendeu que êle vinha de ter uma visão.

E Zacarias permaneceu mudo.

Logo que terminaram os dias do seu ministério, voltou para casa. Algum tempo depois, sua mulher concebeu. Mantendo-se oculta³ por espaço de cinco meses, dizia ela: “Foi o Senhor que me concedeu esta graça. Fêz cessar agora, benignamente, o meu opróbrio diante dos homens”.

16 — *Herodes*. Trata-se de Herodes I, o Grande, assim cognominado pelo aparato de sua côrte e suntuosidade das obras que realizou. Auxiliado moral e materialmente por Roma, então potência máxima do mundo, erigiu em Jerusalém o seu trono, mas era apenas um mandatário servil do Imperador romano. Foi um dos tiranos mais sangüinários da História.

17 — *Pertencia à classe de Abias*. A nação judaica, de regime tradicionalmente teocrático, mesmo nos tempos da dominação romana conservou o seu centro espiritual em Jerusalém. No templo de Jerusalém oficiavam os sacerdotes que constituíam o grupo dominante do regime. O chefe era o Sumo Sacerdote. Primitivamente com funções vitalícias, a partir de certa época os Sumos Sacerdotes passaram a ser freqüentemente depostos. Desde os tempos de Davi, dividiam-se os sacerdotes em vinte e quatro ordens ou classes, que semanalmente se revezavam no serviço do Templo. Cada classe tinha por chefe um sacerdote (Príncipe dos sacerdotes) cujo nome tomava.

18 — *Para oferecer incenso ao Senhor*. Todos os dias, de manhã e à tarde, oferecia-se ao Senhor o sacrificio do incenso num altar que ficava na parte do Santuário chamada “Santo”, a qual precedia o “Santo dos Santos”, recinto considerado como morada do Deus de Israel e por isto como o lugar mais santo de toda a terra.

19 — *Não tomará vinho nem outra bebida inebriante*. Com estas palavras dá o anjo Gabriel a entender que João ingressaria no nazireato. Os nazireus deviam ser abstêmios, não cortar os cabelos e levar vida de rigorosa pureza levítica. Eram pessoas consagradas a Deus. Em vez do vocábulo “nazireu”, alguns autores adotam as expressões “nazareus”, “nazaritas” e mesmo “nazarenos”. Esta última é a menos aconselhável, porque dá margem a confusão com o homógrafo que significa “natural de Nazaré.” Rigorosamente exata é a expressão “nazireu”, visto que as pessoas assim designadas viviam segregadas da vida comum, e o vocábulo em questão se deriva do hebraico “nazir”, que quer dizer “separado”.

20 — *No espírito e na virtude de Elias*. Significam estas palavras que João, na primeira vinda do Messias, será um profeta e campeão ardoroso como Elias quando estiver próxima a segunda, para o Juízo Final, como foi predito, ou seja, João preparará os homens para bem receberem a Jesus Cristo.

21 — *Mantendo-se oculta.* Entre os judeus, a esterilidade era tida como verdadeira ignomínia, porque as mulheres estéreis não concorriam para a multiplicação da descendência de Abraão, da qual deveria proceder o Redentor. Isabel, depois de ter concebido, encerrrou-se no lar durante cinco meses para santificar, pelo recolhimento, o tempo em que o menino se desenvolvia sob o seu coração.

4 — ANUNCIAÇÃO DO NASCIMENTO DE JESUS

(S. Lucas, I, 26-38)

Seis meses depois* de ter Isabel concebido, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma virgem, em Nazaré*, cidade da Galiléia. A virgem, desposada* com um homem que tinha o nome de José* e era da casa de Davi, chamava-se Maria. Entrou o anjo onde ela estava e disse: "Eu te saúdo, cheia de graça! O Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres".*

A essas palavras perturbou-se a virgem e pôs-se a refletir sobre o que significaria aquela saudação.

"Não temas, Maria — tornou o anjo — pois achaste graça diante de Deus. Conceberás e hás de dar à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamá-lo-ão Filho do Altíssimo.* Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai, e ele reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim".

Falou Maria ao anjo: "Como se fará o que dizes, se eu guardo a virgindade?"*

"O Espírito Santo descerá sobre ti — respondeu o anjo — e a virtude do Altíssimo lançará sobre ti a sua sombra. Por isto, o Santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus. Tua prima Isabel, em sua velhice, também concebeu um filho, e, sendo tida como estéril, já está no sexto mês, porque para Deus nada é impossível".

Então disse Maria: "Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra".*

E o anjo retirou-se de sua presença.

22 — *Seis meses depois.* A Vulgata diz apenas: "In mense autem sexto..." isto é, "No sexto mês..." Mas pelo contexto vê-se claramente que o tempo é contado desde os dias em que se realizou o último acontecimento referido pelo evangelista, a concepção de João Batista.

23 — *Nazaré.* Naquela época, Nazaré não passava de uma aldeia com moradias semi-troglodíticas, cavadas nas encostas dos montes e tendo duas peças apenas, só a da frente tornada mais apresentável com rústicas construções de alvenaria. Viandantes e caravanas detinham-se em Nazaré para matarem a sede homens e animais, num manancial afamado, que hoje se chama "Fonte de Maria" ou "Fonte da Virgem".

24 — *Virgem desposada*. Maria ainda morava com os pais, mas já estava desposada com José, e esperava o dia das bodas ("nissu'in"), em que êle a levaria para o novo lar. Conforme a lei judaica, não havia diferença jurídica entre o noivado, firmado por contrato, e o casamento. Todavia, os noivos-cônjuges deviam abster-se de relações matrimoniais. Com a expressão "virgem desposada" o evangelista faz notar que se cumpre, no caso, a profecia segundo a qual o Salvador seria concebido e dado ao mundo por uma virgem (Isaiás: VII, 14).

25 — *José*. O santo espôso da Virgem Maria era filho de Jacó e exercia a profissão de carpinteiro. Na hagiologia católica não existe figura de mais excelsas virtudes.

26 — *Bendita és tu entre as mulheres*. Dentre tôdas as mulheres, foi Maria a escolhida para fazer cessar a maldição que em consequência do pecado de Eva pesava sobre a humanidade, pois o divino Filho da Virgem daria novamente aos homens a possibilidade de participarem da eterna bem-aventurança, a começar pelos justos falecidos antes de Jesus Cristo, cujas almas esperavam pela Redenção, no lugar comumente chamado limbo ("scheôl") conforme a Sagrada Escritura.

27 — *Chamá-lo-ão Filho do Altíssimo*. Segundo a Vulgata: "Filius Altissimi vocabitur", que também se traduz por: "será chamado Filho do Altíssimo". A expressão "será chamado", que se encontra em diversas passagens da Sagrada Escritura como está aqui empregada, é um hebraísmo com o qual se afirma, no caso, que Jesus Cristo, não só será Filho de Deus, mas também que o receberão como tal.

28 — *Como se fará o que dizes, se eu guardo a virgindade?* Na Vulgata está: "Quomodo fiat istud, quoniam virum non cognosco?" Maria não duvida, como aconteceu com Zacarias em circunstância análoga. Apenas procede com prudência. As suas palavras, quer no texto latino, quer traduzidas como se vê acima, razoavelmente só podem aludir ao propósito que tinha, de guardar a virgindade para sempre. O fato de ter dito: "Se eu guardo a virgindade", não infirma esta asserção, pois em todos os idiomas é comum empregarem-se verbos no tempo presente para exprimir o futuro. E precisamente porque a Virgem se referia a uma decisão tomada para tôda a vida foi que perguntou ao anjo como se faria o que êle anunciava. Em extenso artigo publicado na revista "Verbum Domini" (Vol. 37, f. 4 212-224, f. 5 276-278 — 1959), Zerwick defende brilhantemente esta tese.

Não deve causar estranheza o voto de Maria. Nem que tenha êle sido aprovado por José, como se deduz das palavras anteriormente comentadas, nem que Maria tenha consentido em contrair matrimônio apesar do seu voto. Antes de mais nada, cumpre tomar em consideração tratar-se aqui de pessoas excepcionais, que viviam em atmosfera da mais alta espiritualidade. Além disto, os orientais daquele tempo não veriam nada de extraordinário no ajuste dos noivos. Sob curatela viviam então as mulheres solteiras ou casadas. Os pais consideravam um dever sagrado conseguir casamento para as filhas. Assim sendo, já que Maria tinha feito o voto de virgindade perpétua, melhor lhe seria abrigar-se no casamento com um espôso que respeitasse o seu compromisso. E homens suficientemente imbuidos de idealismo religioso para se submeterem a tão rigorosa condição, absolutamente não faltavam em Israel, povo de religião por excelência.

29 — *Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra.* Assim que compreendeu que a anunciação do anjo se conciliava perfeitamente com o seu voto, Maria não hesitou em dar o seu humilíssimo consentimento para a milagrosa concepção. E no mesmo momento operou-se o mistério da Encarnação (V. nota 13). O acontecimento fôra profetizado sete séculos antes por Isaias. S. Mateus faz notar que a profecia se realizara. (S. Mateus: I, 22-23) Entretanto, por motivos de caráter político, como adiante se verá, a aludida profecia não passa de letra morta para os judeus. E assim, nos escritos rabínicos não existe a mais leve alusão à partenogênese do Messias.

5 — VISITA DE MARIA A ISABEL

(S. Lucas, I, 39-56)

Naqueles dias, Maria encaminhou-se pressurosamente para uma cidade de Judá,* que ficava nas montanhas. Chegou à casa de Zacarias, e, tendo entrado, saudou a Isabel. No momento em que Isabel ouviu a saudação de Maria, exultou-lhe o filho nas entranhas, e ela, inspirada pelo Espírito Santo, exclamou em altas vozes: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Em que mereci eu a felicidade de que me venha visitar a mãe do meu Senhor? Quando a tua saudação me chegou aos ouvidos, estremeceu de prazer o menino que trago no seio. Bem-aventurada és tu porque acreditaste que se cumprirá o que te foi anunciado da parte do Senhor”.

Disse, então, Maria: “A minha alma glorifica o Senhor* e se regozija em Deus, meu Salvador. Porque lançou um benigno olhar à sua humilde serva, de hoje em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada. Grandes maravilhas operou em mim Aquêle que é poderoso. Santo é o seu nome e a sua misericórdia se estende de geração em geração sôbre todos os que o temem. Ele mostrou o poder do seu braço, confundiu o coração dos soberbos, depôs do trono os poderosos e exaltou os humildes. Cumulou de bens os que passavam fome, e aos que viviam na abundância despediu de mãos vazias. Lembrado da sua misericórdia, tomou sob a sua proteção a Israel, seu servo, conforme a promessa que fêz, para sempre, a nossos pais, Abraão e seus descendentes”.

E depois de ter feito companhia a Isabel por espaço de três meses, aproximadamente, Maria regressou a sua casa”.

30 — *Uma cidade de Judá.* Supõem alguns autores que se trate de Hebron ou de uma localidade situada a pouca distância da cidade mencionada.

31 — *A minha alma glorifica o Senhor.* E’ o “Magnificat”, poema que tem por nome a palavra com que começa a sua tradução latina. No Oriente, era comum manifestar-se o júbilo pelo canto e pela im-

provisação poética, com certo ritmo, mas sem rigorosa metrificacão. Mesmo entre os semitas de hoje não é raro que, em ocasiões de grandes dores ou alegrias, as mulheres assim exprimam os seus sentimentos.

Embora nunca tenha sido manchada pelo pecado, Maria, no "Magnificat", chama a Jesus de "meu Salvador" porque pelos merecimentos d'ele foi preservada da mácula original, o que constitui o privilégio da Imaculada Conceição.

32 — *Depois Maria regressou a sua casa.* Maria prestou assistência a sua prima Isabel desde o mês de abril até o de junho. Parece mais provável que tenha voltado a Nazaré depois do nascimento de João.

6 — NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA

(S. Lucas, I, 57-80)

Chegado o tempo em que Isabel devia dar à luz, nasceu-lhe um filho.* Tendo sabido como o Senhor a distinguira com sua misericórdia, os vizinhos e parentes com ela se congratularam.

Oito dias depois, foram circuncidar o menino.* Quiseram então dar-lhe o nome de seu pai, isto é, de Zacarias. "Não — protestou a mãe. Ele será chamado João".

Objetaram-lhe que na sua família não havia ninguém com aquêl nome, e, por acenos,* perguntaram a Zacarias como queria que o menino se chamasse. Zacarias pediu uma tabuinha* e nela escreveu: "O seu nome é João". E todos ficaram admirados.

No mesmo instante descerraram-se os lábios de Zacarias, soltou-se-lhe a língua, e êle falou, bendizendo a Deus.

E encheram-se de temor* os vizinhos.

A noticia d'esses fatos espalhou-se pelas montanhas da Judéa, e todos os que tiveram conhecimento do que sucedera, refletiam sôbre a ocorrência, dizendo consigo mesmo: "Que virá a ser êste menino? E' que a mão do Senhor estava com êle".

Seu pai Zacarias, inspirado pelo Espírito Santo, proferiu estas palavras proféticas: "Bendito seja o Senhor,* Deus de Israel, porque visitou e redimiou o seu povo, fazendo surgir, na casa de Davi, um Salvador de grande poder,* como há séculos anunciou pela palavra dos seus santos profetas. Cumpriu o Senhor a sua promessa de nos livrar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam; de exercer a sua misericórdia a favor de nossos pais; de se recordar da santa aliança firmada no seu juramento a nosso pai Abraão, quando declarou que ainda viríamos a servi-lo, libertados de mãos inimigas, sem temor, em santidade e justiça,

por todos os dias da nossa vida. E tu, menino, serás chamado Profeta do Altíssimo, porque irás à frente do Senhor, preparando-lhe os caminhos, e levarás ao conhecimento do seu povo a salvação que está na remissão dos pecados, graças à entranhada misericórdia do nosso Deus, pois das alturas nos veio o Sol Nascente* para iluminar os que jazem nas trevas profundas da morte e para dirigir os nossos passos no caminho da paz”.

O menino cresceu, fortalecendo-se em espírito. E viveu nos desertos até o dia em que se manifestou a Israel.

33 — *Nasceu-lhe um filho.* O nascimento do Precursor ocorreu no dia 24 de junho.

34 — *Foram circuncidar o menino.* Operação de caráter religioso, (V. Gênesis: XVII, 10-12) a circuncisão significava, segundo Bossuet, a mortificação das paixões sensuais que o pecado havia introduzido no mundo. Na ocasião impunha-se oficialmente o nome à criança. Como cerimônia religiosa, foi abolida pela Igreja desde o Concílio de Jerusalém, porque Jesus Cristo estabelecera com os homens uma nova aliança, sem essa exigência.

35 — *Por acenos.* Para que Zacarias também respondesse por acenos, ou porque ele tivesse também ensurdecido, em castigo da sua incredulidade.

36 — *Tabuinha para escrever.* Eram tabuinhas revestidas com leve camada de cera, sobre a qual se escrevia por meio de um estilete.

37 — *Encheram-se de temor.* A expressão “temor”, como frequentemente ocorre na linguagem dos livros santos, significa uma espécie de assombro religioso. Tem também o sentido de reverência, e não propriamente medo.

38 — *Bendito seja o Senhor.* É o “Benedictus”, inspirado cântico de júbilo. Nele o ancião dá como realizada a redenção do gênero humano, porque o Redentor já fôra concebido pela Virgem Santíssima, como anunciara Isaías.

39 — *Um Salvador de grande poder.* Na Vulgata está “cornu salutis”, expressão simbólica do poder, em linguagem oriental. No caso, exprime salvação profusa, de extraordinário poder.

40 — *Das alturas nos veio o Sol Nascente.* “Oriens ex alto”, conforme a Vulgata. Graciosa imagem com que é representado o Messias, sol de justiça, verdadeira luz do mundo espiritual.

7 — GENEALOGIA DE JESUS

(S. Mateus, I, 1-17)

Genealogia* de Jesus Cristo, descendente de Davi e Abraão: de Abraão descende Isaac; de Isaac descende Jacó; de Jacó descendem Judas e seus irmãos; de Judas e Tamar descendem Farés e Zara; de Farés descende Êsron; de Êsron

descende Arão; de Arão descende Aminadab; de Aminadab descende Naásson; de Naásson descende Sálmon; de Sálmon e Ráab descende Booz; de Booz e Rute descende Obéd; de Obéd descende Jessé; de Jessé descende o rei Davi; do rei Davi e da mulher de Urias* descende Salomão; de Salomão descende Roboão; de Roboão descende Abias; de Abias descende Asá; de Asá descende Josafá; de Josafá descende Jorão; de Jorão descende Ozias;* de Ozias descende Joatão; de Joatão descende Acaz; de Acaz descende Ezequias; de Ezequias descende Manassés; de Manassés descende Ámon; de Ámon descende Josias; de Josias descendem Jeconias* e seus irmãos, gerados na época da transmigração para a Babilônia. Depois da transmigração para Babilônia, de Jeconias descende Salatiel; de Salatiel descende Zorobabel; de Zorobabel descende Abiud; de Abiud descende Eliácim; de Eliácim descende Ázor; de Ázor descende Sadoc; de Sadoc descende Áquim; de Áquim descende Eliud; de Eliud descende Eleazar; de Eleazar descende Mátã; de Mátã descende Jacó; de Jacó descende José,* espôso de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo.*

Assim, essas gerações são, ao todo: quatorze desde Abraão até Davi; quatorze desde Davi até ao tempo da deportação.* para Babilônia, e quatorze desde a deportação para Babilônia até Cristo.

41 — *Primeira genealogia.* Esta relação dos antepassados de Jesus foi escrita por S. Mateus. Mais adiante encontra-se outra, da autoria de S. Lucas. Em comentário (126) é confrontada com a presente. S. Mateus dá os ascendentes de Jesus conforme a linha genealógica de José, porque este era o pai de Jesus segundo a Lei, embora não fôsse seu pai no sentido comum da palavra (genitor). A genealogia de S. Mateus demonstra que Jesus e Maria descendiam de Davi. Entre os Judeus, era costume representarem nas árvores genealógicas exclusivamente o ramo masculino. E a mulher, a quem tocava, quando filha única, o direito à herança, devia casar na tribo e na família a que pertencesse, (Números: XXXVI, 6-8) sendo este precisamente o caso de Maria. Em conclusão: mencionar os ascendentes de José é indicar implicitamente os da Virgem Maria e de Jesus, seu verdadeiro Filho.

42 — *De Davi e da mulher de Urias descende Salomão.* Betsabê, a mulher de Urias, teve de Davi um filho adúlterino, que faleceu quando ainda criança. Depois de ter morrido Urias, Davi recebeu a Betsabê como espôsa, sendo Salomão filho legítimo do casal.

43 — *De Jorão descende Ozias.* Ozias não é descendente imediato de Jorão, pois entre um e outro existiram Ocázias, Joás e Amasias. Adiante notam-se outras omissões. Explica-se, porém, o fato. O objetivo do evangelista não é propriamente histórico, mas sim jurídico: quer apenas provar que Jesus Cristo é o herdeiro da dignidade real de Davi. Além disto, as omissões em questão foram certamente intencionais, para que se conservasse a simetria das três séries de quatorze



Judeus cativos, em trabalhos forçados na Assíria, e guerreiros do mesmo país. Ao alto, fragmento de inscrição em caracteres assírios.

gerações a que depois alude — o que era admitido nas árvores genealógicas orientais, para auxiliar a memória.

44 — *Deportação para Babilônia.* No ano 606 A. C., Nabucodonosor II, filho do rei de Babilônia, conquistou a Síria. Depois estabeleceu suzerania sobre o reino de Judá e levou cativos para a sua terra grande número de judeus. Mais tarde, Nabucodonosor — já então rei — foi restabelecer a ordem em Jerusalém, que se rebelara, e regressou com 10.000 cativos. Finalmente depois de outra expedição punitiva, o mesmo Nabucodonosor, além de destruir o templo dos judeus, levou prisioneiros o rei e o resto do povo. — Assim se processou a transmigração, ou melhor, a deportação mencionada pelo evangelista. E' o tão falado cativo de Babilônia, que se prolongou durante setenta anos, até que Ciro, rei dos persas, tendo-se apoderado de Babilônia, restituiu à liberdade todos os judeus escravizados.

45 — *Jeconias.* Filho de Jeconias descendente de Davi.

46 — *De Jacó descende José.* Veja-se a parte final da nota 126.

47 — *Cristo.* Veja-se nota f — Introdução.

8 — UM ANJO REVELA A JOSÉ O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO

(S. Mateus, I, 18-25)

O nascimento de Jesus ocorreu como a seguir se narra. Maria, mãe de Jesus, estava desposada com José. Antes, porém, de terem coabitado.* Maria concebera por obra do Espírito Santo. José, sendo um homem justo e não querendo denunciar a espôsa, pensou em abandoná-la secretamente.* E andava êle com essa idéia, quando um anjo do Senhor lhe apareceu em sonho* e lhe disse: "José, filho de Davi, não receies receber a Maria como espôsa em tua casa, pois vem do Espírito Santo o que nela se gerou. Maria dará à luz um filho a quem porás o nome de Jesus,* porque êle salvará dos pecados o seu povo".

E tudo isso sucedeu cumprindo-se o que o Senhor dissera pelo profeta,* nestes têrmos: "Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, a quem chamarão de Emanuel"* — nome que significa "Deus conosco".

Despertado do sono, José procedeu como lhe ordenara o anjo, recebendo a desposada em sua casa. Entretanto, respeitava-lhe a intimidade.* E ela deu à luz seu filho primogênito,* e José pôs ao menino o nome de Jesus.

48 — *Antes de terem coabitado.* Não se deve inferir daí que José e Maria, depois de constituírem o seu lar, tenham vivido como o comum dos casais. As locuções conjuntivas "antes de", "antes que", "até que" e as equívalentes usam-se para exprimir a negação de um fato no passado, e mesmo nos casos em que a realização posterior do fato é evidentemente impossível.

49 — *Sendo justo, pensou em abandoná-la secretamente.* No momento em que notou que Maria concebera, José certamente se sen-

tiu perplexo. Por um lado tinha certeza de que sua noiva continuava pura como antes. Por outro lado, estava diante de um fato inegável. Não quis denunciar a Maria por virtude; não a interrogou por descrição. Maria, de sua parte, não lhe revelou o mistério por modéstia, deixando à Divina Providência o cuidado de protegê-la. José estava no direito de dar carta de repúdio à desposada, conforme a Lei. Não o fez, porque, "sendo justo", nunca duvidou de Maria. E a reflexão levou-o a abster-se de qualquer juízo. Depois José fez tenção de separar-se da noiva de maneira secreta. Abandonando-a assim deixá-la em melhor situação, pois, atrairia sobre si, com a fuga aos compromissos matrimoniais, a malévola atenção dos difamadores. Na opinião de diversos autores, José, conhecendo a profecia segundo a qual o Messias viria a nascer de uma Virgem, viu no caso qualquer coisa de extraordinário, e, na sua humildade, pretendeu afastar-se. Mas sem considerar logo a concepção milagrosa do Messias como explicação real e indiscutível do que acontecera, sendo por isto perfeitamente lógico vir o anjo confirmá-lo depois na sua suposição, dando-lhe a certeza que lhe faltava. Entretanto, José veio a desistir do seu intento. E' que o anjo lhe disse: "Maria dará à luz um filho a quem porás o nome de Jesus". E estas palavras representavam uma ordem para que José assumisse o encargo de pai suposto do menino, pois constituía privilégio do pai impor nome aos filhos, no dia da circuncisão.

50 — *Sonho de José sobre a Encarnação.* E' claro que não se trata aqui de um sonho comum, e sim de um sonho profético. José, em virtude de sua santidade, tinha a necessária faculdade de discernimento para reconhecê-lo, inequívocamente, como revelação do Céu que era.

51 — *Jesus.* Veja-se a nota e.

52 — *É tudo isto sucedido, cumprindo-se o que o Senhor dissera pelo profeta.* Ou "ut adimpleretur" (para se cumprir), como está na Vulgata. Esta maneira de exprimir o pensamento, que envolve curiosa inversão de idéias, é um hebraísmo que freqüentemente ocorre na Bíblia. A Divina Providência não fez que se efetuassem os acontecimentos em causa para que se cumprisse a profecia (de Isaías). Outra é a realidade: a profecia fôra feita porque os acontecimentos se realizariam. Ensina o Pe. Ligny que, na Sagrada Escritura, as expressões "a fim de" e "para que" são muitas vêzes empregadas com o sentido de que um fato foi motivo de outro, ou mesmo simplesmente que o precedeu. — Encontra-se a mesma locução em outras passagens dos Evangelhos, nas quais se mencionam vaticínios. Nesta Sinopse, o caso sempre será resolvido da mesma maneira, pelo sentido real da expressão.

53 — *A quem chamarão Emanuel.* O nome "Emanuel" significa "Deus está conosco". Entretanto, Isaías, que havia feito a profecia, não quis dizer que seria impôsto a Jesus o nome de Emanuel, mas sim que Jesus seria "Deus conosco", como protetor. Com efeito, o Verbo Divino veio habitar entre os homens e entre eles permanece, na Sagrada Eucaristia.

54 — *Respeitava-lhe a intimidade.* Na Vulgata está: "Et non cognoscebat eam donec peperit...", isto é, "E não a conheceu até que ela deu à luz..." A locução "até que" tem muitas vêzes o valor de tempo indefinido e sem termo. O evangelista quis tornar bem claro aquilo que não se podia presumir se não tivesse sido revelado, para que as-

sím se compreendesse o que não ficava expresso. Nem é admissível que José, varão justo e religioso, pretendesse usar dos seus direitos matrimoniais depois de lhe ter sido revelado o mistério da Encarnação.

55 — *Seu filho primogênito.* Entre os judeus, era costume chamar "primogênito" não só o filho mais velho, senão também o filho único. Exemplo: Maquir, filho único de Manassés, é mencionado na Bíblia como primogênito (Números: XXVI, 29; Josué: XVII, 1). Constitui, pois, erro crasso de interpretação alegar o sentido etimológico da palavra "primogênito" com o intuito de provar que Maria teve outros filhos.

III — VIDA OCULTA DE JESUS

9 — NATIVIDADE DO SALVADOR

(S. Lucas, II, 1-30)

Por aquêles tempo,* publicou-se um edito de César Augusto determinando que se procedesse a recenseamento em todo o mundo.* Foi êsse o primeiro recenseamento.* Realizou-o Cirino, Governador da Síria.

Iam todos registrar-se, cada qual na sua cidade.* José também, deixando Nazaré para se registrar com sua espôsa, que então já estava grávida, subiu da Galiléia à cidade de Davi,* situada na Judéia e chamada Belém. Porque êle pertencia à casa e família de Davi.

Enquanto ali se encontravam, completou-se o tempo em que Maria devia dar à luz. Nasceu-lhe então o filho primogênito.* E ela, tendo-o envolvido em paninhos, deitou-o numa manjedoura,* porque não havia lugar para êles na estalagem da cidade.

Achavam-se naquela mesma região alguns pastôres* que passavam a noite em claro, guardando os seus rebanhos. Em dado momento apareceu-lhes um anjo do Senhor. A glória de Deus cercou-os de luz e êles ficaram tomados de grande mêdo.

Disse-lhes, porém, o anjo: “Não temais. Venho trazer-vos uma noticia que dará grande alegria a todo o povo. Hoje, na cidade de Davi, nasceu o vosso Salvador, que é o Cristo, Senhor nosso. Como sinal para que o reconheçais, encontrareis um menino envolto em paninhos e deitado numa manjedoura”.

No mesmo instante apareceu com o anjo uma multidão da milícia celeste,* que louvava a Deus, dizendo: “Glória a Deus nas alturas e paz, na Terra, aos homens de sua boa vontade”.*

Depois que os anjos voltaram ao céu, disseram os pastôres uns aos outros: “Vamos até Belém para ver o que lá aconteceu e que acaba de nos anunciar o Senhor”.

Puseram-se logo a caminho apressadamente. E encontraram a Maria e José, e viram o menino deitado na manjedoura. Reconheceram então a verdade do que lhes havia sido dito acêrca daquele menino. E quantos lhes ouviam a

narração do acontecimento, ficavam admirados do que diziam êles.

Maria, entretanto, retinha bem na memória todos êsses fatos,* e, em seu coração, sôbre êles meditava.*

E os pastôres voltaram aos seus rebanhos, louvando e glorificando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, conforme lhes fôra anunciado.

56 — *Data do nascimento.* O nascimento de Jesus deve de ter ocorrido por volta do ano 748 de Roma. Por falta de dados históricos, a cronologia da vida de Jesus tem sido diversamente apresentada pelos eruditos. No tocante a êste particular, reproduziremos de preferência informações de Ricciotti, extraídas de sua obra "Vida de Jesus Cristo". Baseou-se a Igreja na tradição para fixar no dia 25 de dezembro a celebração do Natal. A circunstância de que na noite em que nasceu Jesus havia pastôres guardando rebanhos em campos dos arredores de Belém, não prova que fôsse verão ou primavera. Na Palestina, sobretudo ao sul, mesmo durante as noites de inverno os animais freqüentemente são deixados ao relento, sem inconvenientes, porque em geral os frios não são ali muito intensos. Veja-se também a nota 63.

57 — *Em todo o mundo.* "Universus orbis", conforme a Vulgata. No caso, o Império Romano. Roma já estendera as suas conquistas a tão longínquas regiões que era chamada "Rainha do Universo".

58 — *O primeiro recenseamento.* O primeiro na Palestina.

59 — *Na sua cidade.* Na cidade da qual procedia a família de cada um. Nos Evangelhos, freqüentemente são chamadas cidades as pequenas localidades a que hoje se dariam a denominação de aldeia ou vila. Trata-se provavelmente de um costume da época.

60 — *Subiu da Galiléia à cidade de Davi chamada Belém.* De Nazaré, a estrada baixava primeiramente até a planície de Esdrelon (antiga Jezrael), e daí em diante subia sempre mais, atingindo em Belém a altura de 777 metros acima do mar. Belém, conquanto fôsse ponto de passagem das caravanas que demandavam o Egito ou que de lá voltavam, não passava de uma pequena povoação.

61 — *Primogênito.* Veja a nota 55.

62 — *Deitou-o numa manjedoura porque não havia lugar para êles na estalagem da cidade.* A estalagem era apenas um "Khan" ou caravancaraí, grande recinto descoberto, circundado por um muro bastante alto, com um ou mais alpendres. Pousada para viandantes e animais. José provavelmente levou a espôsa para uma gruta que servia de abrigo a pastôres da vizinhança nas noites mais frias ou chuvosas. E' de crer que tenha procurado em vão melhor acomodação para Maria. Certo é apenas que a Divina Providência dispôs que Jesus Cristo nascesse em ambiente paupérrimo, para dar aos homens de todos os tempos uma inolvidável lição de humildade.

63 — *Alguns pastôres.* Tudo indica que eram pastôres nômades do deserto, conhecidos como "pessoas que vivem ao relento". Os seus rebanhos deviam ser de ovelhas, pois estas ainda hoje não são recolhidas em apriscos fechados para evitar que a lã se estrague. A pastôres foi prometido o Cristo. Abraão havia sido pastor, e bem assim o próprio rei Davi. E o Cristo se fêz reconhecer em primeiro lugar

pelos pastôres de Belém, para que as primeiras testemunhas da Encarnação fossem homens humildes e simples que as paixões humanas não houvessem corrompido e cegado.

61 — *Milicia celeste*. Expressão clássica. Significa os anjos, os bem-aventurados. Neste mesmo sentido se emprega no Antigo Testamento a locução "Deus dos Exércitos".

65 — *Paz, na Terra, aos homens de sua boa vontade*. Conforme os melhores intérpretes, a expressão da Vulgata "pax hominibus bonae voluntatis" é versão literal de locução hebraica que significa "paz aos homens bem amados de Deus, da sua predileção, distinguidos com a sua benevolência.

66 — *Todos êsses fatos*. Na Vulgata está: "omnia verba haec" isto é, tôdas essas palavras. Trata-se de um hebraísmo em que o termo "palavras" ocorre com o sentido de "fatos".

67 — *Sobre êles meditava*. Meditava sôbre o que ouvia e a respeito do que com ela se passara, comparando tudo com o que sabia do Messias pelos livros sagrados. "Conforens in corde suo", como diz a Vulgata.

10 — IMPOSIÇÃO DE NOME, NA CERIMÔNIA DA CIRCUNCISÃO

(S. Lucas, II, 21; S. Mateus, I, 25)

No dia da circuncisão do menino,* decorridos oito dias desde o seu nascimento, deu-lhe José e lhe impuseram o nome de Jesus, como ainda antes de ser êle concebido o havia chamado o anjo.

68 — *Circuncisão de Jesus*. À medida que prosseguia o recenseamento, os forasteiros deixavam a cidade, desocupando-se mais as casas. E' de supor que José se tenha transferido com Maria para uma delas, logo que possível. Seria a casa onde depois se apresentaram os Magos, como se lê em S. Mateus. E nela provavelmente foi Jesus circuncidado (V. nota 34). José e Maria, embora sabendo que o Filho de Deus estava naturalmente isento dessa obrigação, cumpriram religiosamente o dever tradicional que lhe dizia respeito, porque Jesus viera ao mundo como descendente de Israel pela estirpe de Davi. Merece meditada a lição que o caso encerra, de solícita obediência à lei divina.

11 — APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO

(S. Lucas, II, 22-39)

Tendo-se completado o tempo da purificação de Maria* segundo os preceitos de Moisés, os pais do menino o levaram a Jerusalém* para apresentá-lo ao Senhor,* assim como em sua lei está escrito: "Deverá ser consagrado ao Senhor todo primogênito do sexo masculino". Queriam, além disso, oferecer em sacrifício, como também está determinado na lei do Senhor, um par de rôlas ou dois pombinhos.

Havia então em Jerusalém um homem chamado Simeão.* Era justo e temente a Deus, e vivia esperando a vinda do Messias* prometido a Israel. Tinha o dom da profecia.* E pelo Espírito Santo lhe fôra revelado* que não morreria sem primeiro ter visto o Ungido do Senhor. E movido pelo Espírito Santo* dirigiu-se êle ao Templo quando os pais de Jesus ali o levaram para cumprirem a seu respeito o que a lei ordenava.

Simeão tomou o menino nos braços, louvou a Deus e disse: "Agora, Senhor, deixarás morrer em paz o teu servo, conforme a tua palavra, porque os meus olhos viram o Salvador que suscitaste à vista de todos os povos, para ser a luz que iluminará as nações, e a glória de Israel, teu povo".

Admiram-se o pai e a mãe do menino* em face do que dêle era dito. Abençoou-os,* porém, Simeão, e, dirigindo-se a Maria, mãe de Jesus, proferiu estas palavras: "Este veio ao mundo* para ruína e ressurreição* de muitos em Israel e para ser alvo de contradição. Uma espada transpassará tua alma a fim de que sejam revelados* os pensamentos ocultos em muitos corações".

Havia também na cidade uma profetisa chamada Ana, que era filha de Fanuel, da tribo de Aser, e já tinha chegado a avançada idade. Estivera casada durante sete anos, em primeiras núpcias. Falecido o marido, mantinha-se ela ainda viúva aos oitenta e quatro anos de idade, e não se afastava do Templo, servindo a Deus, noite e dia, com jejuns e orações.

Tendo-se apresentado ali naquela mesma ocasião, a profetisa glorificava o Senhor e falava do menino a todos os que esperavam a redenção de Israel.

Quanto aos pais de Jesus, depois de haverem feito o que lhes cumpria, segundo estava determinado na lei do Senhor, voltaram à Galiléia, para a sua cidade de Nazaré.*

69 — *Purificação de Maria.* Segundo disposições da lei hebraica, a mulher, depois do parto, ficava considerada "impura", devendo apresentar-se no Templo, para se purificar legalmente. As mães abastadas deviam fazer ainda a oferta de um cordeiro; as mais pobres podiam oferecer menos: um par de rôlas ou dois pombinhos. Maria, dadas as suas prerrogativas sobrenaturais, não estava obrigada ao cumprimento da Lei nesse ponto. Obedeceu, porém, voluntariamente, para não causar escândalo aos que ignoravam o mistério da Encarnação, e por humildade e respeito à lei religiosa.

70 — *Jerusalém.* A cidade santa dos cristãos e dos judeus chamou-se primeiramente "Jebus". Tomou o nome de Jerusalém (em hebraico "Jerusalaim") por volta do ano 14 A. C. Está situada numa elevação rodeada a leste, ao sul e a oeste por ravinas profundas que descem até os vales de Hinon e Josafá. Ao nascente, domina-a o Monte das Oliveiras. No tempo de Jesus era muito mais bela do que

hoje. Cidade inteiramente de pedra. Mas Herodes I. o Grande, acabara de renová-la faustosamente. O Gólgota ou Monte Calvário, onde Jesus viria a ser crucificado, fica para além das muralhas, a noroeste da cidade.

71 — *Para apresentá-lo ao Senhor.* Os primogênitos pertenciam a Deus por lei. Os que nasciam na tribo de Levi, descendentes de Arão, primeiro Grande Sacerdote dos israelitas, eram destinados ao sacerdócio. Os outros deviam ser resgatados por cinco moedas de prata. Não havia exigência expressa de que a criança fôsse levada ao Templo. Mas era piedoso costume das mães, para invocar sobre os filhos as bênçãos do céu.

72 — *Simeão.* Era um homem piedoso, não sacerdote como pensam alguns, e que vivia à margem dos grandes acontecimentos políticos de Jerusalém. E nada mais se sabe a seu respeito.

73 — *Esperando a vinda do Messias.* Na Vulgata está: "Expectans consolationem Israel", esperando a consolação de Israel, isto é, esperando o Messias, pois assim já se haviam referido a êle os profetas, e assim também o chamavam comumente os israelitas.

74 — *Tinha o dom da profecia.* Na vulgata lê-se, com o mesmo sentido: "Spiritus Sanctus erat in eo", isto é, estava nêle o Espírito Santo.

75 — *Pelo Espírito Santo lhe fôra revelado.* Consta na Vulgata, com igual significação: "Responsum acceperat a Spiritu Sanctu", isto é, tinha recebido resposta do Espírito Santo.

76 — *E movido pelo Espírito Santo, dirigiu-se êle ao Templo.* A Vulgata diz, com o mesmo sentido: "Et venit in spiritu in templum". Em tradução literal: "E veio em espírito ao Templo".

77 — *Admiraram-se o pai e a mãe do menino.* O evangelista refere-se a José como pai legal de Jesus, e porque Jesus não tinha outro pai entre os homens. José e Maria certamente se surpreenderam com os conhecimentos demonstrados por Simeão a respeito da natureza e do futuro da criança que tinha nos braços.

78 — *Abençoou-os.* A palavra "abençoar" é empregada aqui no sentido de felicitar ou de apresentar votos de bênçãos.

79 — *Este veio ao mundo.* Na Vulgata lê-se, com o mesmo sentido: "Ecce positus est hic", ou seja, em tradução literal: "Eis aqui está pôsto êste".

80 — *Para ruína e ressurreição de muitos.* Conforme aproveitarem ou não as graças da salvação que Jesus Cristo mereceu por todos. Perdem-se os que rejeitam a graça, pela obstinação no pecado. Exclusivamente por sua culpa, portanto.

81 — *A fim de que sejam revelados os pensamentos.* Dá a entender Simeão que com a vinda do Messias se veria claramente a falsidade de muitos israelitas, os quais, desprezando a glória de Deus, somente esperavam do Messias, as grandezas e prosperidades terrenas, com o restabelecimento da supremacia política de Israel. Dá a entender também que ao mesmo tempo se tornaria manifesta a humildade de muitas almas.

82 — *Em primeiras núpcias.* Na Vulgata está "a virginitate sua", isto é, desde a sua virgindade.

S3 — *Voltaram para Nazaré.* Aqui S. Lucas omite voluntariamente diversos acontecimentos já divulgados através do Evangelho de S. Mateus. Além-se a objetivos pessoais os dois historiadores: S. Mateus insiste em mostrar que se cumpriram na pessoa de Jesus as profecias do Antigo Testamento, S. Lucas nos mostra em Jesus o Filho do Homem submetendo-se à Lei. Mas as duas narrações são idênticas quanto aos acontecimentos principais: a concepção sobrenatural de Jesus, seu nascimento em Belém e vida oculta em Nazaré.

12 — ADORAÇÃO DOS MAGOS

(S. Mateus, II, 1-12)

Havendo nascido Jesus em Belém de Judá, e ao tempo em que Herodes* reinava, do Oriente vieram uns Magos* a Jerusalém. E diziam êles: “Onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer?* Avistamos a sua estrêla* no Oriente e viemos adorá-lo”.

A essa notícia inquietou-se o Rei Herodes* e com êle tôda a cidade de Jerusalém. Mandou o Rei chamar todos os Príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo,* e perguntou-lhes onde devia nascer o Cristo. “Em Belém de Judá — responderam os interpelados — pois assim deixou escrito o profeta:* “E tu, Belém,* terra de Judá, não és a menos importante dentre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que há de governar Israel, meu povo”.

Então Herodes fêz comparecerem os Magos secretamente à sua presença, e dêles colheu informações precisas sôbre o tempo em que a estrêla lhes aparecera. Depois enviou-os a Belém, dizendo-lhes: “Ide e informai-vos bem a respeito do menino. E logo que o achardes, vinde dizer-me onde êle se encontra, para que eu também vá adorá-lo”.

Após terem ouvido o Rei, partiram os Magos. Em seguida luziu a estrêla que já tinham avistado no Oriente. Vendo-a novamente, os Magos sentiram-se tomados de grande alegria. E o astro movia-se à frente dêles, e só se deteve quando chegou sôbre o lugar onde o menino estava.

Tendo entrado na moradia assim indicada,* viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. E abriram os seus alforjes e lhe ofertaram ouro, incenso e mirra.

Mais tarde, receberam, em sonho, o aviso de que não deviam voltar à presença de Herodes. E então regressaram à sua terra por outro caminho.

84 — *Herodes.* Trata-se de Herodes I, o Grande.

85 — *Os Magos.* Acredita-se haverem sido três os Magos que foram adorar a Jesus, porque lhe ofereceram ouro, incenso e mirra.

Deram-lhes nomes: Gaspar, Melquior, Baltazar. Atribuíram-lhes realzação. O primeiro é tido como representante da raça semita; o segundo, do restante dos brancos; e o terceiro dos pretos. Supõe-se terem vindo da Caldéa e do interior da Arábia. Do ponto de vista histórico, o que há de certo a respeito dos Magos (em geral), é que originariamente foram sacerdotes da religião mazdeista, constituídos em casta muito reservada, gozando de autoridade na Pérsia. E no tempo de Jesus a palavra "mago" era usada para designar certas pessoas que se dedicavam ao estudo dos astros.

86 — *Onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer?* Desde os antigos tempos, esperava-se na Pérsia uma espécie de salvador ("saushyant") e se sabia de expectativa análoga na Palestina. Mas Santo Agostinho é de opinião que os magos sabiam, por revelação especial, que a estrela pela qual se orientaram, era a do Messias anunciado por Balaão (Números: XXIV, 17)

87 — *Sua estrela.* O termo "stella", da Vulgata, pode ser entendido como "fenômeno astronômico". E pelo que se lê no Evangelho de S. Mateus (II, 9), o evangelista refere-se a um prodígio.

88 — *Inquietou-se Herodes e com ele toda a cidade.* Herodes receava que Jesus fôsse rei como ele e lhe disputasse o trono. Quanto ao povo de Jerusalém, sabia que a esses reccios fatalmente se seguiria impiedosa matança de suspeitos. Daí a sua inquietação.

89 — *Os Príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo.* A respeito do título Príncipe dos sacerdotes veja-se a nota 17. Escribas eram os doutôres da lei, depositários dos livros santos e seus intérpretes para o povo. Quase todos seguiam os princípios farisaicos, motivo por que nos Evangelhos freqüentemente são citados com eles.

90 — *O profeta.* Trata-se de Miquéias.

91 — *E tu, Belém...* A profecia não está citada "ipsis verbis", mas o sentido é o mesmo.

92 — *Tendo entrado na moradia assim indicada.* A Vulgata fala em "domum", casa, palavra que nas línguas orientais tem sentido muito lato, podendo ser aplicado à gruta aonde se recolheram José e Maria. Mas parece mais provável que o casal se tenha transferido para alguma casa, como consta na nota 68.

13 — FUGA PARA O EGITO

(S. Mateus, II, 13-18)

Logo que os Magos partiram, um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: "Levanta-te; toma o menino e sua mãe, e foi refugiar-se no Egito, onde ficou até que aviso meu, porque Herodes vai mandar procurar o menino para o matar".

Levantou-se José, tomou consigo, ainda à noite, o menino e sua mãe, e foi reguiar-se no Egito,* onde ficou até que Herodes morreu. E assim se cumpriu o que dissera o Senhor pelo profeta: "Do Egito chamei meu Filho".*

Ao compreender Herodes que tinha sido burlado pelos Magos, ficou possuído de grande cólera, e, baseando-se nas

informações dêles colhidas, fêz matar, por sicários seus, todos os meninos* que havia em Belém e arredores com idade de dois anos para baixo.

Sucedeu então o que estava anunciado pelo profeta Jeremias, que assim deixara dito: "Ouvem-se, em Ramá, clamores, gemidos e lamentações.* É Raquel que chora os filhos sem aceitar consolações, porque êles já não existem".

93 — *E foi refugiar-se no Egito.*, cumprindo-se o que dissera o Senhor pelo profeta: "Do Egito chamei meu Filho". Segundo alguns autores, S. José terá escolhido o caminho mais curto, rumo ao sul, por Hebron e Bersabê. Entretanto, conforme a tradição, os fugitivos optaram pelo caminho onde era menos provável que os procurassem, dirigindo-se logo para a costa e seguindo depois as estradas do litoral até o Egito. A localidade em que se refugiou a sagrada família pode ter sido Heliópolis, Matariê ou Cairo. A êste respeito nada se sabe com certeza. A profecia mencionada na epígrafe é de Oséias (XI, 1). Literalmente refere-se ao povo de Israel. No sentido místico, porém, entende-se de Jesus Cristo, que é figurado pelo povo escolhido, no Antigo Testamento declarado filho de Deus (V. Êxodo: IV, 22). Nas traduções literais dos Evangelhos, a frase: "Cumprindo-se o que dissera o Senhor pelo profeta" começa com as palavras "para se cumprir". Veja-se a êste respeito a nota 52.

94 — *Fêz matar todos os meninos.* Conforme cálculos cuidadosos, acredita-se que tenha sido trinta o número dos meninos mortos. A bárbara mortandade é fato indiscutivelmente histórico. Naqueles tempos, em que a desumanidade se fazia lei, a eliminação de trinta ou mais crianças do povo, por "motivos políticos", certamente chegava a ser considerada como ocorrência de somenos importância.

95 — *Ouvem-se em Ramá as lamentações de Raquel, que chora os filhos.* Ramá pertencia à tribo de Benjamim, filho de Raquel. Aludindo às provações dos israelitas no cativeiro de Babilônia, Jeremias faz chorá-las não apenas pelos vivos, mas também pelos mortos, particularmente por Raquel, que era mãe (Jer. XXI, 15). E o evangelista aplica as mesmas palavras do profeta ao morticínio dos inocentes de Belém.

14 — REGRESSO À GALILÉIA

(S. Matheus, II, 19-23)

Tendo morrido Herodes, um anjo do Senhor imediatamente apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: "Levanta-te; toma contigo o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel, pois já não vivem os que procuravam o menino para o matar".

Ergueu-se José, tomou consigo o menino e sua mãe, e voltou para a terra de Israel. Mas ouvindo dizer que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, ficou com receio de passar àquelas terras,* e, aconselhado em so-



TUMULO DE RAQUEL

nho, dirigiu-se para a Galiléia e ali estabeleceu residência na cidade denominada Nazaré. Realizou-se dêste modo o que fôra predito pelos profetas: "Ele será chamado Nazareno".*

96 — *Aquelas terras.* Provavelmente José pretendia fixar-se em Belém.

97 — *Será chamado Nazareno.* Esta palavra deriva-se do hebraico "netzer", que significa vergôntea ou rebento, e assim foi designado pelos profetas o Messias esperado pelos israelitas. Entretanto, a frase "Ele será chamado Nazareno" não se encontra nos textos proféticos da Bíblia. Na opinião de S. Jerônimo, o evangelista S. Mateus, citando os profetas indiscriminadamente, não pretende indicar palavras textuais, mas sômente um conceito. É uma espécie de citação usada naqueles tempos. Em "Kommentar", de Strack e Billerbeck (vol. I, págs. 92 e 93) há especiais referências a êste mesmo tipo de citação, encontrada também nos escritos rabinicos.

15 — JESUS NO TEMPLO AOS DOZE ANOS

(S. Lucas, II, 40-50)

Entretanto crescia o menino, e foi-se robustecendo cheio de sabedoria. E com êle estava a graça de Deus.

Todos os anos iam seus pais a Jerusalém, para tomar parte na festa da Páscoa.* Quando Jesus completou doze anos de idade, subiram êles a Jerusalém como era costume por ocasião da festa. Decorridos os dias da solenidade, puseram-se a caminho, de volta para casa, ficando o Menino Jesus em Jerusalém,* sem que êles se dessem conta do seu desaparecimento, por julgarem que estava com os companheiros de viagem. Assim percorreram o caminho de um dia, findo o qual procuraram a Jesus entre os parentes e conhecidos. E não o tendo encontrado, voltaram para Jerusalém em busca dêle.

Três dias depois o acharam no Templo, sentado entre os doutôres, ouvindo-os e propondo-lhes questões. E todos os que o escutavam, pasmavam de sua inteligência e das respostas que dava.

Admiraram-se seus pais quando o viram. E falou-lhe sua mãe: "Filho, por que procedeste assim para conosco? Teu pai* e eu andávamos à tua procura cheios de aflição".

"E por que me procuravam? — disse Jesus. Não sabiam que me devo ocupar com o que é de meu Pai?"

Mas êles não atinaram com o sentido de suas palavras.*

98 — *Seus pais iam sempre à festa da Páscoa.* Os judeus residentes na Palestina eram obrigados a assistir em Jerusalém as festas da Páscoa, de Pentecostes e dos Tabernáculos. A Páscoa (passagem) comemorava a passagem do anjo enviado para libertar os israelitas do cativeiro no Egito, e também a passagem do Mar Vermelho. Com a festa de Pentecostes — vocábulo que significa "qüinquagésimo" — no

caso quinquagésimo dia — celebravam os judeus a promulgação da Lei Divina no monte Sinai, cinquenta dias depois da primeira Páscoa. Na festa dos Tabernáculos (tendas), comemoravam a peregrinação dos israelitas conduzidos por Moisés através dos desertos, em demanda de Canaã, e faziam-no passando sete dias em cabanas e ramadas. Esta última festa não tem solenidade correspondente no nosso ano eclesiástico. Com a Páscoa, celebram os cristãos a ressurreição de Jesus Cristo; com a festa de Pentecostes, a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos.

99 — *Ficando o Menino Jesus em Jerusalém.* Com doze anos, um menino israelita era tido como adulto, tanto que respondia por si perante a lei. Isto explica o fato de José e Maria não terem trazido o filho sempre consigo. Acresce que nas peregrinações a que já aludimos, os homens reuniam-se em grupos separados das mulheres, e as crianças acompanhavam ora o pai ora a mãe, ou viajavam com parentes e conhecidos. Freqüentemente os pais ficavam muito distanciados dos filhos e por isto nem nas horas das refeições se reuniam. Só à noite, no fim de cada jornada, se juntavam as famílias.

100 — *Por que procedeste assim para conosco?* Não foi uma repreensão. Maria apenas manifesta que se afligira com a ausência do filho, e confessa ignorar a causa do seu procedimento. Jesus, ao responder, não se mostra ressentido. Esclarece os pais, consola-os e defende-se. Se abandonou temporariamente sua família humana, foi pela única razão capaz de levá-lo a afastar-se assim: o dever de sua divina missão.

101 — *Teu pai.* Maria dá a S. José o nome de pai porque êle o era em face da lei e desempenhava funções paternas.

102 — *Não atinaram com o sentido de suas palavras.* José e Maria não compreenderam como servia aos fins para os quais o Eterno Pai enviara o Filho ao mundo, aquela breve permanência do Menino no Templo.

16 — JESUS EM NAZARÉ

(S. Lucas, II, 51-52)

Depois Jesus desceu com os pais, voltou para Nazaré e prestava-lhes obediência.* Entretanto sua mãe guardava no coração* tudo aquilo que vinha acontecendo. E Jesus crescia em sabedoria, idade e graça,* diante de Deus e dos homens.

103 — *E prestava-lhes obediência.* Na Vulgata consta, com o mesmo sentido: "et erat subditus illis".

104 — *Sua mãe guardava no coração tudo aquilo que vinha acontecendo.* Lê-se na Vulgata: "Et mater ejus conservabat omnia verba haec in corde suo". Mas abalizados autores traduzem, aqui, "verba" por "fatos", em virtude do que ficou dito na nota 66.

105 — *Jesus crescia em sabedoria, idade e graça.* Trata-se aqui de um desenvolvimento exterior. À medida que ia crescendo, Jesus deixava transparecer cada vez mais a plenitude de santidade que nêle havia.

IV — COMEÇO DA VIDA PÚBLICA DE JESUS

17 — JOÃO, PRECURSOR DE JESUS, BATIZA EM ÁGUA

(S. Lucas, III, 1-14; S. Mateus, III, 1-10; S. Marcos, I, 1-6)

Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

No décimo quinto ano do reinado de Tibério* César, sendo Pôncio Pilatos* governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia,* seu irmão Felipe tetrarca da Iturêia e da província de Traconites, e Lisânias* tetrarca de Abilene, e sendo Anás e Caifás* príncipes dos sacerdotes, no deserto falou o Senhor a João,* filho de Zacarias. E naqueles dias percorreu João Batista tóda a região do Jordão,* pregando, no deserto da Judéia, o batismo de penitência para remissão dos pecados. “Penitenciai-vos,* — dizia — porque está próximo o reino dos céus”. Tal como está escrito no livro do profeta Isaías:* “Eis que mando o meu enviado* à tua frente, e ele preparará o teu caminho diante de ti”.

A João refere-se o profeta Isaías, quando diz: “Uma voz ressoa no deserto. Preparai o caminho do Senhor; aplanai as estradas por onde há de passar. Encher-se-ão todos os vales e todos os montes e outeiros serão abatidos; os caminhos tortuosos serão tornados retos, e planos os escabrosos. E verá todo homem o Salvador enviado por Deus”.

Estêve, pois, João no deserto batizando e pregando o batismo de penitência para a remissão dos pecados. Usava uma veste feita de pêlos de camelo, presa em volta dos rins por um cinto de couro, e alimentava-se de gafanhotos* e mel silvestre.

Iam ter com ele tóda a Judéia, Jerusalém em péso, todos os moradores das imediações do Jordão, e, confessando os seus pecados, no Jordão eram por ele batizados.

E João pregava às multidões que iam procurá-lo para que as batizasse.

Notando que muitos fariseus e saduceus* também acorriam a fim de receber o seu batismo, falou-lhes: “Raça de víboras,* quem vos ensinou a fugir da cólera que há de vir? Fazei, pois, penitência que produza bons frutos, e não vos contenteis de dizer aí convosco: *Nós temos a Abraão por pai*; porque eu vos declaro que Deus pode fazer nascerem

filhos de Abraão até das pedras que aqui vêdes. O machado já está pôsto sôbre a raiz das árvores. E tôda árvore que não der bom fruto, será cortada e lançada ao fogo”.

Perguntaram-lhe, então, as turbas: “Que devemos, pois, fazer?” E êle respondeu: “Aquêlê que tem duas tûnicas, dê uma a quem não tem; e proceda do mesmo modo aquêlê que tem o que comer”.

Foram também a êle os publicanos para que os batisasse. E perguntaram-lhe: “Mestre, que nos cumpre fazer?” Respondeu-lhes João: “Nada cobreis a mais do que vos está determinado”.

Interrogaram-no igualmente os soldados: “E nós, que devemos fazer?” E João respondeu-lhes: “Não useis de violência contra ninguém nem levanteis calúnias, e contentai-vos com o vosso sôldo”.

106 — *No décimo quinto ano do reinado de Tibério.* O ano décimo quinto de Tibério provávelmente decorreu no período compreendido entre 1º de outubro do ano 27 e 18 de agosto de 29 da nossa era. O evangelista determina com solenidade a época do aparecimento de João Batista porque o acontecimento marcava o início da vida pública de Jesus.

107 — *Pôncio Pilatos.* Naquela época, a Judéia e a Samaria eram governadas por procuradores romanos. Pilatos foi o quinto procurador.

108 — *Herodes, tetrarca da Galiléia.* Trata-se de Herodes Antipas, filho de Herodes I, o Grande.

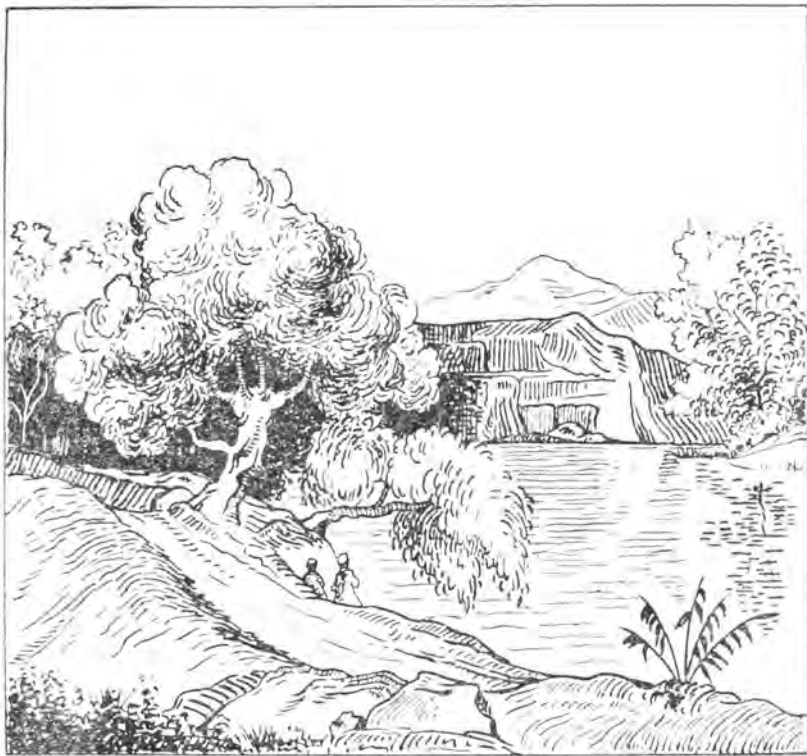
109 — *Lisânias.* Dêste tetrarca sabe-se apenas que deixou de governar Abilene no ano 37 da nossa era.

110 — *Anás e Caifás.* Na qualidade de Sumo Sacerdote, o primeiro exerceu durante nove anos, aproximadamente, a presidência do Conselho Supremo dos judeus. Depois de deixar as suas funções, continuou a gozar de grande prestígio, conservando honorariamente o título da sua dignidade. O segundo, genro de Anás, foi presidente da mesma entidade desde o ano 18 até o ano 36.

111 — *Falou o Senhor a João.* Consta na Vulgata, com o mesmo sentido: “Factum est verbum Domini super Joannem”, isto é, literalmente, em termos de linguagem teológica: “Fêz-se a palavra de Deus sôbre João”.

112 — *Percorreu loda a região do Jordão.* Assim foi realmente. Mas pregava sobretudo no passo de Betabara, próximo do Mar Morto. No texto atual do Evangelho de S. João, o local é denominado Betânia. Entretanto, como em diversos manuscritos gregos consta Betabara, tem-se adotado êste nome para evitar confusão com a vila de Betânia, pouco distante de Jerusalém.

113 — *Penitenciai-vos.* Lê-se na Vulgata: “Poenitentiam agite”, isto é, literalmente: Fazei penitência. Não representam estas palavras exclusivamente uma exortação para mortificações e sacrifícios a fim de expiar pecados. São também empregadas no Evangelho com um incitamento à conversão.



PASSO DE BETABARA

114 — *Tal como está no livro de Isaías.* A profecia em questão, constituída pela anunciação preliminar que se segue à indicação acima e pela continuação imediata que começa com as palavras "Uma voz ressoa no deserto", não é inteiramente de Isaías, pois as primeiras frases se encontram em Malaquias, cap. III, vers. 1. Não obstante, o evangelista cita apenas o primeiro profeta, por ser o mais célebre dos dois, e por encerrar a sua profecia o sentido e a substância da outra.

115 — *Enviado.* A Vulgata diz "Ego mitto Angelum meum", isto é, mando o meu anjo. Mas esta palavra também significa emissário ou enviado, e com este sentido está empregada na Vulgata. Deus serve-se dos seus anjos para mandar executar as suas ordens.

116 — *Batizando... para a remissão dos pecados.* O batismo do Precursor, embora de caráter religioso, era simples manifestação externa de conversão, e não propiciava o perdão dos pecados daqueles que o recebiam. As palavras "para remissão dos pecados" significam que ele preparava o povo para o batismo de Jesus Cristo, que teria a virtude de conferir a graça santificante.

117 — *Alimentava-se de gafanhotos.* No Oriente Próximo, ainda hoje os gafanhotos são aproveitados como alimento. S. João Batista passava apenas a gafanhotos e mel silvestre por mortificação. Dizia S. Francisco de Sales que na vida dos santos há muita coisa para admirar e não imitar. E' que para as imitar devidamente seria necessário fazê-lo no espírito em que as faziam os santos. Em outras palavras, seria necessário ser santo também.

118 — *Fariseus e saduceus.* Na época em que a nação judaica era governada pelos asmoneus, estes desavieram-se com o povo. Então, antigos partidários dos asmoneus bandearam-se para a oposição, adoptando o nome de separados — em hebreu "perushim" e em aramaico "perishajja", vocábulos dos quais provém o termo "fariseu". Quanto aos outros dissidentes, passaram a chamar-se "saduceus", denominação que vem de "Sadoc", nome de insigne chefe do partido governamental. Para os fariseus, a "Torá", ou seja, a lei escrita, considerada pelos saduceus como norma fundamental e única do judaísmo, constituía somente uma parte do estatuto nacional-religioso, sendo a outra parte a "lei oral", formada por inúmeros preceitos tradicionais sobre a vida civil e religiosa, desde as disposições relativas aos trâmites nos tribunais, até as regras concernentes à lavagem dos utensílios antes das refeições. Afetavam os fariseus grande rigorismo na observância da Lei, embora a desvirtuassem por falsas interpretações. No que respeita aos saduceus, eram os epicuristas da época, como fez notar Calmet. Negando a imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos, empenhavam-se em adquirir riquezas e gozar à larga os prazeres desta vida.

119 — *Raça de viboras!* Em geral João se mostrava condescendente e compreensivo para com as pessoas que o procuravam. Haja visto a bondade com que tratou os soldados e os publicanos, como se lê no capítulo aqui comentado. Os publicanos principalmente, sobre os quais pesava a execração nacional, porque, concessionários da cobrança de impostos, por via de regra o faziam com extremo rigor e mesmo cometendo abusos. Conhecendo a ostentosa e falsa religiosidade dos fariseus e dos saduceus, apostrofou-os o Batista com justa indignação. Poderá parecer forte demais a objurgatória do Batista. Mas, em todo o Oriente Médio, locuções dessa índole são comuns na linguagem habitual, e ninguém as estranha.

18 — JOÃO ANUNCIA O BATISMO QUE SERÁ MINISTRADO PELO
MESSIAS. SEU PRIMEIRO TESTEMUNHO

(S. Luc. III, 15-20; S. Mat. III, 11-12; S. Marc. I, 7-8)

Estando o povo na expectativa da vinda do Messias,* pensava tôda a gente, em seu íntimo, que talvez João fôsse o Cristo. Mas João protestou, declarando a todos: "Eu, na verdade, batizo-vos em água, para vos levar à penitência; mas outro virá, mais poderoso do que eu, e cujo calçado não mereço carregar. Nem sou digno de me prostrar à sua frente para lhe desatar as correias das sandálias.* Eu não vos tenho batizado senão em água; êle, porém, batizar-vos-á no Espírito Santo e em fogo.* Na mão traz uma pá de joeirar e limpará bem a sua eira. Recolherá o seu trigo no celeiro, e queimará a palha em fogo que nunca se apaga".

Também pregando sôbre outros assuntos, João anunciava a boa nova.

Mas o tetrarca Herodes, tendo sido por êle censurado a respeito de Herodiade,* mulher de seu irmão, e também por causa de tôdas as iniquidades que praticara, acrescentou à série de seus crimes o de mandar prender a João* num cárcere.

120 — *Estando o povo na expectativa da vinda do Messias.* A Vulgata traz: "Existimante autem populo..." o que, literalmente, significa: "Mas, cogitando o povo...". Entretanto, os melhores tradutores contemporâneos atribuem a essas palavras o sentido que lhes é dado na presente Sinopse.

121 — *Sandálias.* Na Vulgata (S. João: I, 27) lê-se "calceamenti", ou seja, calçado. Ora, o calçado geralmente usado pelos habitantes de Palestina, no tempo de Jesus, eram as sandálias. Daí adoptar-se nesta Sinopse o vocábulo específico.

122 — *No Espírito Santo e em fogo.* Dá a entender João que entre o seu batismo e o de Jesus Cristo há tanta diferença como entre a água e o fogo. A água lava o corpo, ao passo que o fogo da caridade, que procede do Espírito Santo, purifica, transforma e inflama a própria alma.

123 — *Censurado por causa de Herodiade.* Herodes Antipas vivia com uma sobrinha carnal, que também era cunhada sua. Hábeis quanto fôssem os causídicos da época, de modo nenhum poderiam coonestar a adúlterina união. Mas todos os obstáculos foram postos de lado, e só João Batista ousava levantar a voz, tachando-a abertamente de ilícita. Divergem os autores quanto ao nome da concubina. Chamam-na uns de Herodias; outros, de Herodiade e também de Herodiades.

124 — *Mandou prender a João.* O evangelista serve-se aqui da figura denominada "prolepse" (antecipação), pois alude à prisão de João Batista antes de ter ocorrido o batismo de Jesus, que foi ministrado por João, como adiante se verá.

19 — BATISMO DE JESUS NO JORDÃO

(S. Mat. III, 13-17; Marc. I, 9-11; S. Luc. III, 21-22)

E sucedeu, por aquêles tempo, que ao ser batizado todo o povo, Jesus veio de Nazaré da Galiléia até o Jordão, a fim de ter com João e receber dêle o batismo.

Mas João esquivou-se, dizendo: "Eu devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?"

Respondeu-lhe Jesus: "Deixa-me proceder assim agora, porque convém cumprirmos dêste modo tudo o que é justo".

Então João aquiesceu e Jesus foi por êle batizado no Jordão.

Logo que terminou a cerimônia,* Jesus saiu da água, e, enquanto estava em oração, viu abrirem-se as alturas e o Espírito Santo descer em forma de pomba e sôbre êle pairar. E uma voz fêz-se ouvir do céu, que dizia: "Êste é meu Filho bem amado, em quem pus a minha complacência".

125 — *Logo que terminou a cerimônia.* Nos versículos que se seguem, é narrada a primeira manifestação da Santíssima Trindade: O Pai, que fala; o Filho, que é batizado; o Espírito Santo, que desce sôbre êle em forma de pomba.

20 — OUTRA GENEALOGIA DE JESUS*

(S. Lucas. III, 33-38)

Tinha Jesus cerca de trinta anos quando começou o seu ministério. Era tido como filho de José, sendo êste filho de Heli;* Heli, filho de Matat; Matat, filho de Levi; Levi, filho de Mélqui; Mélqui, filho de Jane; Jane, filho de José; José, filho de Matatias; Matatias, filho de Amós; Amós, filho de Naum; Naum, filho de Hélsi; Hélsi, filho de Nage; Nage, filho de Máat; Máat, filho de Matatias; Matatias, filho de Semei; Semei, filho de José; José, filho de Judá; Judá, filho de Joanas; Joanas, filho de Resa; Resa, filho de Zorobabel; Zorobabel, filho de Salatiel; Salatiel, filho de Néri; Néri, filho de Méqui; Mélqui, filho de Adi; Adi, filho de Cosá; Cosá, filho de Elmadã; Elmadã, filho de Her; Her, filho de Jesus; Jesus, filho de Eliézer; Eliézer, filho de Jorim; Jorim, filho de Mátat; Mátat, filho de Levi; Levi, filho de Simeão; Simeão, filho de Judá; Judá, filho de José; José, filho de Jonas; Jonas, filho de Eliaquim; Eliaquim, filho de Meleá; Meleá, filho de Mená; Mená, filho de Matatá; Matatá, filho de Natã; Natã, filho de Davi; Davi, filho de Jessé; Jessé, filho

de Obed; Obed, filho de Booz; Booz, filho de Sálmon; Sálmon, filho de Naásson; Naásson, filho de Amínadab; Amínadab, filho de Arão; Arão, filho de Êsron; Êsron, filho de Farés; Farés, filho de Judas; Judas, filho de Jacó; Jacó, filho de Isac; Isac, filho de Abraão, Abraão, filho de Taré; Taré, filho de Nácór; Nácór, filho de Sárug; Sárug, filho de Ragau; Ragau, filho de Faleg; Faleg, filho de Héber; Héber, filho de Salé; Salé, filho de Cainã; Cainã, filho de Arfaxad; Arfaxad, filho de Sem; Sem, filho de Noé; Noé, filho de Lamec, Lamec filho de Matusalém; Matusalém, filho de Henoc; Henoc filho de Jaréd; Jaréd, filho de Malaleel; Malaleel, filho de Cainã; Cainã, filho de Henós; Henós, filho de Set; Set, filho de Adão, que foi criado por Deus.*

126 — *A questão genealógica.* A primeira genealogia de Jesus, dada por S. João, está comentada na nota 41. A segunda, objeto desta nota, vem-nos do Evangelho de S. Lucas. Os dois evangelistas não tiveram o propósito de nos dar a genealogia de Jesus com a rigorosa exatidão que exigem os métodos históricos dos nossos dias. Outra foi a intenção de cada um. S. Mateus, começando por Abraão e seguindo a linha descendente até Jesus, pretendeu provar aos judeus que em Jesus se realizaram as promessas feitas a Abraão e Davi nos antigos tempos. S. Lucas, escrevendo para pagãos convertidos, segue a linha da ascendência, a fim de provar que Jesus veio ao mundo para salvar toda a posteridade de Adão, "que foi criado por Deus". E quando S. Mateus nos dá a lista dos antepassados de Jesus em três séries de catorze nomes — provavelmente para efeitos mnemônicos (V. nota 43) — é claro que omite não poucos elos da verdadeira cadeia genealógica. Resultam daí várias diferenças de uma genealogia para outra. Questão sobremaneira complexa, a conciliação das duas genealogias ainda está por ser definitivamente resolvida. De todas as teorias propostas para a solução do problema — e não são poucas — tem sido julgada como de mais fundamento a que se baseia na lei do levirato. (Deuteronomio: XXV, 5-10) Prescrevia este costume israelita que ao morrer um homem casado sem deixar descendentes, seu irmão tomasse a viúva por esposa e lhe suscitasse filhos, que eram considerados como do morto, e, em consequência disto, tinham dois pais, natural um e legal o outro. Segundo a aludida teoria, Natã teria tido de sua mulher, Esta, um filho chamado Jacó. Falecendo o marido de Esta, a viúva teria desposado a Mátat e lhe dera um filho, Heli. Por conseguinte, Jacó e Heli eram irmãos uterinos. Heli falecera sem deixar filhos. Seu irmão Jacó teria então tomado por esposa a viúva de Heli, e desta união nasceria José, filho legítimo de Jacó e filho legal de Heli. Chega-se, pois, à conclusão de que ambas as genealogias nos dão os antepassados de José, mas referindo-se uma à filiação natural de Jesus, e a outra à sua filiação legal. A mesma lei do levirato também terá tido aplicação no caso de outros descendentes mencionados nas duas genealogias (Salatiel, Zorobabel).

127 — *José, filho de Heli.* Veja-se a parte final da nota anterior.

128 — *Adão que foi criado por Deus.* Na Vulgata, Adão é citado como filho de Deus. Não por natureza, é claro, mas por adoção.

21 — JESUS TENTADO NO DESERTO

(c. Mat. IV, 1-11; S. Marc. I, 12-13; S. Luc. IV, 1-13)

Tomado do Espírito Santo, Jesus voltou do Jordão, e, induzido pelo mesmo Espírito, retirou-se para o deserto,* onde seria tentado pelo demônio.*

Estêve êle no deserto quarenta dias e quarenta noites, foi tentado por Satanás, viveu entre animais bravios e nada comeu durante êsse tempo.

Depois de ter assim jejuado, sentiu fome. Aproximou-se dêle o tentador e falou-lhe: "Se és o Filho de Deus, manda que estas pedras se convertam em pães".

Respondeu-lhe Jesus: "Está escrito: "Não só de pão vive o homem,* mas de tôda palavra proferida por Deus".

Levou-o então o demônio à cidade santa,* e, tendo-o pôsto sôbre o pináculo do Templo, propôs: "Se és o Filho de Deus, atira-te daqui abaixo, porque está escrito: "O Senhor confiou-te aos seus anjos,* e êles te levarão nas palmas das mãos, para que não suceda que tropeces em alguma pedra".

Retorquiu-lhe Jesus: "Também está escrito: "Ao Senhor teu Deus não tentarás".*

Transportou-o ainda o demônio a um monte muito alto. Num relance mostrou-lhe dali todos os reinos do mundo com a sua magnificência, e disse-lhe: "Dar-te-ei o domínio de tudo isso e a glória dêsses reinos, porque êles me foram entregues* e posso dá-los a quem quiser. Sim, se me adorares, prostrando-te diante de mim, dar-te-ei tudo isso, tudo será teu".

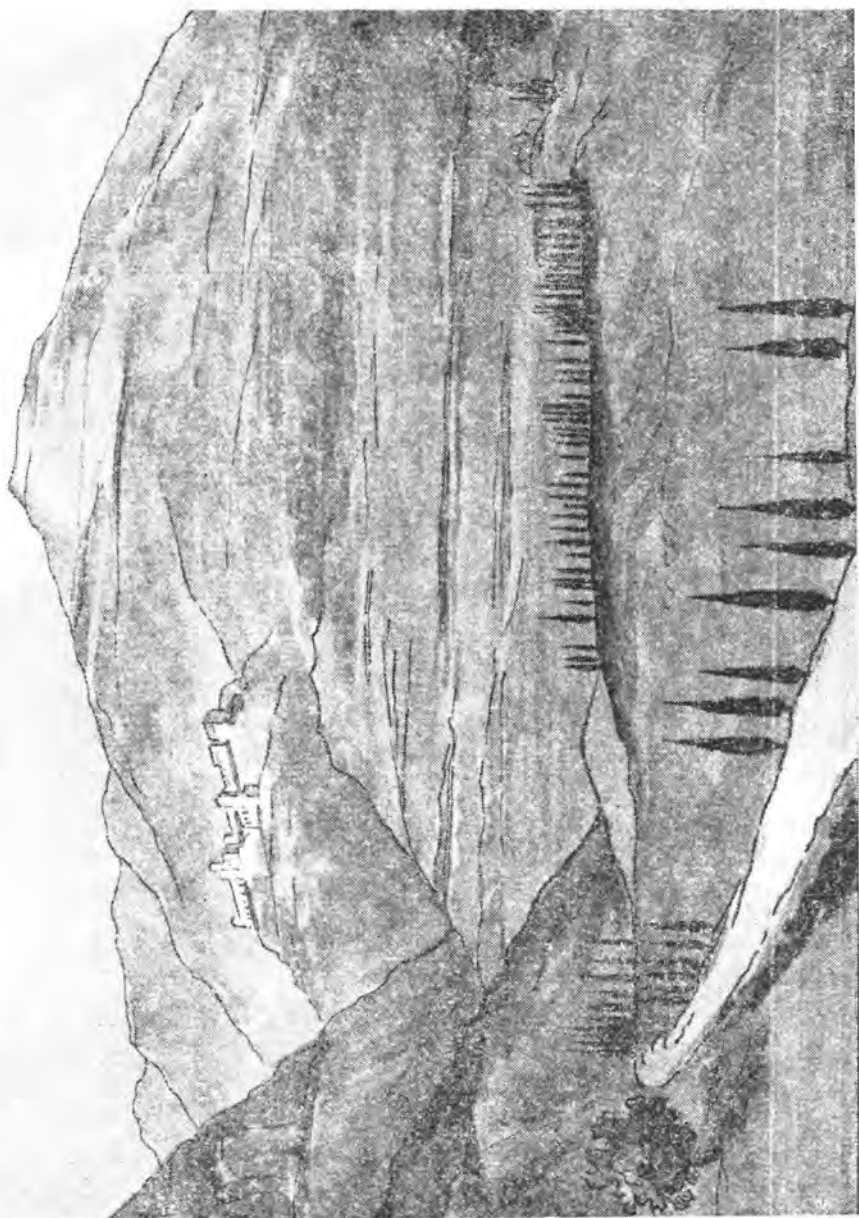
Ordenou-lhe então Jesus: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: "Adorarás ao Senhor teu Deus,* e só a êle deverás servir".

Consumadas tôdas essas tentações, o demônio desapareceu para só voltar em outra ocasião.* E logo chegaram anjos e assistiram a Jesus.*

129 — *Retirou-se para o deserto.* O chamado "Monte da Quarentena" — Djebel Karantal — para onde, conforme a tradição, se retirou Jesus, fica nas proximidades de Jericó e é um dos sítios mais áridos do deserto de Judá. Nêle preparou-se Jesus de modo especial para o seu ministério público.

130 — *Seria tentado pelo demônio.* Consentiu Jesus em ser tentado, para mostrar como devemos vencer as tentações, isto é, pela mortificação, a oração e a meditação da palavra de Deus. E também porque quis passar por tôdas as provações a que está sujeito o homem.

131 — *Está escrito: Não só de pão vive o homem.* Deuterônimo, VIII, 3.



MONTE DA QUARENTENA

132 — *À cidade santa.* Isto é, Jerusalém. Consideravam-na santa os judeus porque nela estava o seu templo, centro da religião mosaica.

133 — *Está escrito: O Senhor confiou-te aos seus anjos.* Salmo XC, 11-12.

134 — *Está escrito: Ao Senhor teu Deus não tentarás.* Deuteronomio: VI, 16.

135 — *Porque eles me foram entregues.* Aqui o Pai da Mentira, como é cognominado o demônio, mentiu menos do que de ordinário, pois, se é verdade que todos os reinos da Terra pertencem a Deus, não é menos verdade que o demônio exerce o seu nefasto poder entre os homens como em domínio próprio, razão por que é chamado Príncipe do Mundo. Permite isto a Divina Providência porque o homem, para ser admitido na eterna bem-aventurança, deve provar a sua fidelidade ao Criador, resistindo ao espírito do mal e da rebeldia.

136 — *Está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus.* Deuteronomio: VI, 13.

137 — *Desapareceu para só voltar em outra ocasião.* Refere-se o evangelista ao tempo da Paixão de Jesus, que Satanás reservou para o seu último e mais violento ataque.

138 — *E assistiram a Jesus.* Serviram-lhe alimentos, como a Elias no deserto — nota Holzhammer.

22 — SEGUNDO TESTEMUNHO DE JOÃO AOS JUDEUS

(S. João, I, 19-28)

De Jerusalém, os judeus enviaram a João sacerdotes e levitas* para lhe perguntarem quem era ele. E João deu o seu testemunho. Sem negar a verdade, manifestou-se, declarando: "Eu não sou o Cristo".

Indagaram os enviados dos judeus: "E então? És tu Elias?"*

"Não sou", disse João.

"És profeta?"*

"Não", tornou ele.

Pediram-lhe, pois: "Então dá-nos a saber quem és, para que possamos levar a resposta aos que nos enviaram. Que dizes tu de ti mesmo?"

Respondeu-lhes João: "Eu sou a voz que clama no deserto.* Preparai o caminho do Senhor — como disse o profeta Isaías".

Ora, aquêles sacerdotes e levitas, tinham sido enviados dentre os fariseus. E continuaram a interrogá-lo: "Como batizas então, se não és o Cristo nem Elias nem profeta?"

Retorquiui-lhes João: "Eu batizo em água. Está, porém, entre vós quem não conheceis, e esse é o que há de vir depois de mim, mas que antes de mim existiu. E eu nem sou digno de lhe desatar as correias das sandálias".

Passou-se isto em Betânia,* para além do Jordão, onde João ministrava o batismo.

139 — *Levitas.* Ministres secundários do culto no templo de Jerusalém.

140 — *És tu Elias?* Os antigos profetas haviam anunciado que Elias voltaria ao mundo antes do fim dos séculos. Ao anunciar a Zacarias que sua mulher lhe daria um filho — João — o anjo Gabriel revelara que o Precursor prepararia os caminhos de Jesus Cristo “no espirito e virtude de Elias”.

141 — *És profeta?* No texto grego, a palavra “profeta” vem precedida do artigo, o que indica um profeta determinado. Queriam saber os judeus se João era o profeta anunciado por Moisés, (Deuteronomio: XVIII, 15) que seria o próprio Messias — opinião que entretanto não gozava de aceitação geral — e João compreendeu perfeitamente a intenção dos que o interrogavam. Veja-se também a nota 401.

142 — *Voz no deserto.* Isaías: XL, 3.

143 — *Betânia.* Veja-se a nota 112.

23 — TERCEIRO TESTEMUNHO DE JOÃO

(S. João, I, 29-31)

No dia seguinte, viu João aproximar-se Jesus, e falou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo.* E’ êsse de quem eu disse: Depois de mim há de vir alguém que é anterior a mim, porque antes de mim existiu. Eu não o conhecia,* mas vim batizar em água para torná-lo conhecido em Israel”.

E deu João mais êste testemunho: “Vi o Espírito Santo descer do céu em forma de pomba e pairar sôbre êle. Eu não o conhecia, mas quem me mandou batizar em água, preveniu-me: “Aquêle sôbre o qual vires descer e pairar o Espírito Santo, é quem batiza no Espírito Santo. E eu o vi e dou testemunho de que êle é o Filho de Deus”.

144 — *Que tira os pecados do mundo.* Reza a Vulgata “qui tollit peccatum mundi”. A palavra pecado, no singular, designa aqui todo e qualquer pecado; portanto, os pecados do mundo — “peccata mundi”, como se diz no “Agnus Dei” litúrgico.

145 — *Eu não o conhecia.* Quando assim fala — nota S. João Crisóstomo — o Batista referia-se a tempos anteriores. E falou dessa maneira para que não se pensasse que dava testemunho de Jesus por amizade ou por motivo do seu parentesco carnal; e também porque, tendo vivido muito tempo no deserto, não o conhecia pessoalmente.

24 — OS DOIS PRIMEIROS DISCÍPULOS

(S. João, I, 35-42)

Ao outro dia, no mesmo lugar estava novamente João, com dois dos seus discípulos. Vendo a Jesus que por ali passava, disse êle: "Eis o Cordeiro de Deus".

Ouvindo-lhe essas palavras os dois discípulos, logo o deixaram a fim de seguir a Jesus. Voltando-se Jesus para trás e vendo que êles o seguiam, falou-lhes: "Que desejais?"

Disseram êles: "Rabi (o que significa "Mestre"), onde moras?"

Respondeu-lhes Jesus: "Vinde e vêde".

Êles foram, viram onde morava Jesus e com êle ficaram aquêle dia.

Era então quase à décima hora.*

André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que, tendo ouvido o que João dissera, haviam seguido a Jesus. Logo depois André avistou-se com Simão Pedro, seu irmão, e comunicou-lhe: "Encontramos o Messias" (isto é, "o Cristo"). E o levou a Jesus.

Fixando nêle o olhar, Jesus disse: "Tu és Simão, filho de Jonas.* Serás chamado Cefas"* (o que quer dizer "pedra").

146 — *A décima hora.* Cêrca das quatro horas da tarde. O dia legal dos judeus não começava à meia-noite, mas ao pôr-do-sol. Dividiam-se em doze horas o dia e a noite. A primeira hora da noite era, assim, a do crepúsculo; e a primeira do dia, mais ou menos ao nascer do Sol. Segundo observa Fillion, o evangelista dá a hora com precisão porque ela se tornou decisiva na sua vida íntima, pois, segundo opinião geral, um dos dois discípulos, no episódio, foi João Evangelista, que calou o seu nome por modéstia.

147 — *Ês filho de Jonas. Serás chamado Cefas.* S. João, autor do quarto Evangelho, ao narrar o episódio em que André levou seu irmão Pedro e Jesus, para conhecê-lo, refere que o Salvador designou o futuro Apóstolo como "filho de Jona". Assim está em diversos códices gregos, e S. Jerônimo, provavelmente por êste motivo, fêz constar "filius Jona" na Vulgata. Entretanto, nos códices Vaticano e Sinaítico consta "ho yós Joannu". Quando narra o episódio em que S. Pedro é constituído Chefe da Igreja Universal, S. João refere que por três vêzes Jesus designou o Apóstolo como "filho de João". E esclarece o Pe. Lagrange que o evangelista não ensina que "Jonas" seja uma forma derivada de "Jochanan", mas apenas indica um equívalete grego e mais conhecido do nome. Ainda conforme o mesmo comentador, "Joannes" era talvez um equívalete aceito de "Jona", como o era "Jochanan", nome mais freqüentemente usado. Quanto ao nome "Cefas", (pedra) em aramaico dizia-se "Kefá". Dava-se, porém, à última vogal uma entonação particular que depois se transformou em "s". Daí a palavra "Kefas" que aparece em alguns textos evangélicos. Só mais tarde o Salvador fará compreender o motivo por que assim cognominou a Pedro.

25 — FILIPE E NATANAEL

(S. João, I, 43-51)

No dia seguinte, dispunha-se Jesus a ir para a Galiléia, quando deu com Filipe, e lhe disse: "Segue-me".

Filipe era natural da cidade de Besaida, onde André e Pedro haviam nascido.*

Avistou-se êle com Natanael* e participou-lhe: "Encontramos aquêle de quem escreveu Moisés na Lei e que os profetas anunciaram: Jesus de Nazaré, filho de José".

Retorquiu-lhe Natanael: "Acaso pode sair boa coisa de Nazaré?"

"Vem e vê" — tornou Filipe.

Quando Jesus viu a Natanael, que dêle se aproximava, falou a seu respeito: "Eis aí um verdadeiro israelita, em quem não há nada falso".

"Donde me conheces?" — perguntou Natanael.

Respondeu-lhe Jesus: "Antes que Filipe te chamasse, te vi eu, quando estavas à sombra da figueira".

"Mestre! — exclamou Natanael — tu és o Filho de Deus, és o Rei de Israel!"

Volveu-lhe então Jesus: "Tu crês porque eu te disse que te vi à sombra da figueira. Maiores coisas verás ainda". E acrescentou: "Em verdade, em verdade te digo,* verás o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descendo por sôbre o Filho do Homem".*

148 — *Cidade de Betsaida, onde André e Pedro haviam nascido.* Ou como está na Vulgata: "Bethsaida, civitate Andrae et Petri", isto é, Betsaida, cidade de André e Pedro. Pelo que dizem autores fidedignos de grande nomeada, como por exemplo Schuster-Holzammer, conclui-se que no tempo de Jesus existiam na Palestina duas localidades com o nome de Betsaida. Uma delas estava situada ao norte do lago de Genesaré, pouco acima da desembocadura do Jordão, na região fronteiriça da Galiléia, depois que esta se estendeu para a Transjordânia, pois primitivamente ficava tôda a oeste do rio. Fôra reconstruída pelo tetrarca Filipe e denominada "Julia" (Betsaida-Júlia). A outra Betsaida ficava na margem ocidental do lago de Genesaré, ao sul de Cafarnaúm, pouco distando desta cidade. E teria sido ela o torrão natal de Filipe, André e Pedro. Há quem duvide da existência desta segunda Betsaida. Trata-se, porém, de uma dúvida que não se baseia em argumentos peremptórios. Note-se finalmente que nada há de excepcional no fato de coexistirem duas Betsaidas na Palestina. Hajam vista os casos de Betânia (V. nota 112) e de Caná (V. nota 152)

149 — *Natanael.* Naqueles tempos era comum ter uma mesma pessoa dois nomes. Conforme a opinião geral dos intérpretes, Natanael foi o futuro apóstolo S. Bartolomeu. Natanael devia ser o primeiro nome. O nome de Bartolomeu, dado a Natanael posteriormente, significa "filho de Tolmai".

150 — *Em verdade, em verdade te digo.* Palavras que alguns consideram locução pessoal de Jesus, e outros, uma fórmula solene de afirmação usada pelos judeus, afora o juramento.

151 — *Filho do Homem.* Empregou muitas vezes Jesus esta expressão para se designar a si mesmo, certamente referindo-se ao lado humano de sua natureza de Homem-Deus. Mas a expressão tinha também sentido místico. O profeta Daniel havia-se servido dela para designar o homem por excelência, ou seja, o Messias. Entendiam-na somente os que tinham mais profundos conhecimentos de religião, quem estava preparado para a revelação que ela encerrava.

26 — BODAS DE CANÁ. PRIMEIRO MILAGRE

(S. João, II, 1-11)

Três dias depois, celebrou-se um casamento em Caná da Galiléia.* Achava-se ali a mãe de Jesus. E também ele e os seus discípulos tinham sido convidados para participarem das bodas.

Como o vinho viesse a faltar, disse a Jesus sua mãe: "Eles não têm mais vinho".

Redarguiu-lhe Jesus: "Mãe,* por que me dizes isso? A minha hora ainda não chegou".

Recomendou então sua mãe aos serviçais: "Fazei tudo o que ele vos disser".

Ora, havia ali seis talhas de pedra para servir às purificações de praxe entre os judeus, tendo cada uma a capacidade de duas ou três medidas.

Ordenou Jesus aos serviçais: "Enchei de água essas talhas".

E eles as encheram até às bordas.

Em seguida disse-lhes Jesus: "Tirai agora do que há nas talhas e levai ao mordomo* das bodas".

E assim foi feito.

O mordomo provou a água, que fôra convertida em vinho, e, não sabendo donde procedia a bebida (sabiam-no, porém, os serviçais que haviam tirado a água) logo chamou o espôso e disse-lhe: "Todos servem primeiramente o vinho bom, e depois que os convidados beberam bastante, servem o vinho menos generoso. Tu, no entanto, guardaste o melhor vinho para o fim".

Este milagre realizado em Caná da Galiléia foi o primeiro dos que operou Jesus. Revelou assim a sua glória, e os seus discípulos creram nele.

152 — *Caná da Galiléia*. Aldeia próxima de Nazaré. Escreve o evangelista "Caná da Galiléia" porque havia outra povoação com o mesmo nome, na Fenícia.

153 — *Mãe*. Na Vulgata consta "mulier" (mulher), não sendo apropriada em português a tradução literal do termo. No hebreu popular que Jesus falava, ou aramaico, o tratamento pela expressão "mulher" nada tem de desrespeitoso. E não só no hebraico, como ainda no grego. Conforme faz notar Ricciotti, os filhos, entre os judeus, geralmente chamavam "mãe" à mulher de que haviam nascido; mas também lhe davam o tratamento de mulher.

154 — *Por que dizes isso? A minha hora ainda não chegou*. Na Vulgata está "Quid mihi et tibi est?", palavras que têm sido traduzidas de vários modos. Ricciotti manifesta-se em desacôrdo com as versões correntes, e comenta: "Tôdas as linguas possuem frases idiomáticas análogas em que as palavras servem apenas de pretexto para expressar uma idéia, e não podem ser literalmente traduzidas em outra lingua. No caso vertente, poder-se-ia dizer, em paráfrase adequada ao idioma hebraico: "Que (motivo inspira) a ti e a mim (essas palavras?)", o que, independentemente dos vocábulos, equivale a perguntar: "Por que me dizes isso?" Era, pois, aquela, uma frase elíptica com que se procurava saber a razão oculta pela qual ocorria, entre duas pessoas, uma conversa, um fato qualquer ou coisa semelhante". Em seguida disse o Salvador: "A minha hora ainda não chegou". Segundo abalizados intérpretes, quis Jesus dizer: "Ainda não é chegado o momento de manifestar eu aos homens todo o meu poder. Contudo, adiantarei êsse momento, porque é da vontade do Pai que eu ceda à tua intercessão". Outros opinam que tôda a frase é interrogativa. O sinal de interrogação freqüentemente falta nos livros do Nôvo Testamento, e então só se reconhece pelo contexto a forma interrogativa da frase. Assim, "Quid mihi et tibi est mulier?" seria traduzido: "Mulher, por que me lembras o que devo fazer?" E seguir-se-ia: "Não há necessidade disso. Porventura a minha hora ainda não chegou?" Não faltará quem insista no fato de serem um tanto obscuras para nós as mencionadas palavras de Jesus. Aproveitaremos o ensejo para um comentário especial. Se a Sagrada Escritura tudo nos expusesse tão claramente como um tratado de filosofia apresenta as demonstrações de suas teses, que mérito haveria em crer? Não há merecimento nenhum em acreditar naquilo que se impõe a inteligência pela força da lógica. É simples questão de bom senso. Há mais. A fé é uma graça. Assim, presta-se ela inteiramente à glória de Deus, o que não sucederia se resultasse, digamos, de uma simples dedução filosófica. Conseguida essa graça, o homem verifica pela reflexão e pelo estudo que sua fé pode ser defendida com os melhores recursos da razão como tem que ser, vindo-nos ela do próprio Deus. Já dizia Santo Agostinho: "Não entendo para crer; mas creio para entender". E Keyserling, nos nossos dias: "O silogismo nada mais é do que a demonstração técnica de uma verdade que anteriormente se admitiu". Mas, sendo a fé uma graça, que mérito temos nós em crer? O mérito de não ter resistido a essa graça. Em outras palavras, o mérito da boa disposição. Como disse Daniel Rops: "Dieu ne peut rien pour l'homme qui se refuse".

155 — *Mordomo*. O evangelista chama-o "architriclinus" (do grego: "archos", chefe, e "triklinos", sala de jantar). Era, entre os antigos, o principal conviva dos festins. Ficava encarregado da direção do banquete, competindo-lhe dar aos criados as ordens necessárias.

27 — BREVE PERMANÊNCIA EM CAFARNAÚM
(S. João, II, 12)

Depois das bodas, Jesus desceu para Cafarnaúm* com sua mãe, seus irmãos* e seus discípulos. Mas só alguns dias se demoraram ali.

156 — *Cafarnaúm*. Cidade de bastante importância por estar situada no caminho das caravanas que se dirigiam de Damasco para a costa do Mediterrâneo. Em Cafarnaúm fixou Jesus a sua residência habitual, tornando-a como que o centro dos seus trabalhos apostólicos.

157 — *Seus irmãos*. Os judeus costumavam dar o nome de irmão aos primos-irmãos e a outros parentes mais próximos, como se pode verificar em diversas passagens da Sagrada Escritura. Vejamos um exemplo entre muitos. No capítulo XIV do Gênesis, diz o versículo 12: "Também levaram Lô, filho do irmão de Abraão..." E logo a seguir no versículo 14, lê-se "Abraão, tendo ouvido que Lô seu irmão, fôra feito prisioneiro..." Assim, Lô, mencionado como irmão do patriarca, era na realidade seu sobrinho. Segundo o Pe. Fouard, sábio autor das "Origens da Igreja", o termo hebraico habitualmente traduzido por "irmão", tem sentido mais lato, e designa ora parentesco remoto, ora comunidade de raça e pátria, ora simples relações de amizade. Acresce que o tratamento de "irmão" não constitui costume exclusivo dos judeus. Na Polônia, para designar primos-irmãos, empregam-se as palavras "brat" (irmão) e "siostra" (irmã). Pelo que acima ficou dito, verifica-se o erro grosseiro em que têm incorrido aqueles que nas passagens evangélicas onde se lêem as palavras "os irmãos de Jesus", julgaram encontrar argumento contra o fato de ser Jesus Cristo filho único, e também contra a perpétua virgindade de Maria "ante partum, in partu, post partum", conforme a doutrina da igreja. Os irmãos ou primos de Jesus a que se alude no Evangelho, seriam os seguintes: Tiago, Judas Tadeu, José e Simão, filhos de Maria, esposa de Cléofas e parentes da Virgem Maria.

V — EM JERUSALÉM

28 — JESUS EXPULSA OS VENDILHÕES DO TEMPLO

(S. João, II, 13-22; S. Marc. XI, 15-18; S. Mat. XXI, 12-13; S. Luc. XIX, 45-46)

Como estivesse próxima a festa pascal dos judeus,* subiu Jesus para Jerusalém. Tendo entrado no Templo, encontrou gente que vendia e comprava bois, ovelhas e pombas, e também cambistas* que lá se haviam estabelecido. Então fêz de cordas uma espécie de açoite,* expulsou dali todos os vendilhões com as ovelhas e os bois, lançou por terra o dinheiro dos cambistas, derrubou-lhes as mesas, virou os assentos dos que vendiam pombas e disse-lhes: "Tirai isto daqui e não transformeis a casa de meu Pai em lugar de negócios". Não consentia que se transportasse utensílio nenhum pelo Templo, e admoestou aos vendilhões: "Porventura não está escrito que a minha casa é casa de oração* para todos os povos? No entanto, vós a transformastes em covil de ladrões".

A estas palavras recordaram-se os discípulos de que está escrito: "Devorou-me o zelo pela tua casa".

Mas os judeus protestaram, interpelando-o: "Que prova nos dás de que tens autoridade para fazer isso?"

Respondendo-lhes, disse Jesus: "Destruí vós este templo e eu em três dias o reerguerei".

Replicaram os judeus: "Quarenta e seis anos durou a construção deste templo, e tu o reedificarás em três dias?"

Mas Jesus referia-se ao templo do seu corpo. Quando ressurgiu dos mortos, lembraram-se os seus discípulos do que dissera, e creram na Escritura e nas palavras por ele proferidas.

Entretanto, ao terem conhecimento do que acontecera, os Príncipes dos sacerdotes e os escribas entraram a cogitar sobre a maneira de perderem a Jesus, pois se arreceavam dele porque o povo admirava a sua doutrina.

158 — *Jesus expulsa os vendilhões.* S. João situa este episódio no princípio da vida pública de Jesus; os outros evangelistas, no fim. Muitos têm opinado que tratam de dois fatos diversos. Entretanto, autores de nomeada, como Ricciotti e Lagrange, entendem que o fato só ocorreu uma vez e que S. João colocou no seu verdadeiro lugar o episódio. Os outros evangelistas situam o fato no fim da vida pública

de Jesus, especialmente porque, em suas narrações sumárias, que freqüentemente não seguem a ordem cronológica, falam numa só permanência do Salvador em Jerusalém (em lugar de quatro referidas por S. João), e por conseguinte, só nesta podiam incluir o episódio.

159 — *Festa pascal dos judeus.* Ou como diz a Vulgata: "Pascha Judaeorum". Menciona S. João claramente três festas pascaes, nas seguintes passagens: II, 13; VI, 4; XI, 55-56. Mas entre a primeira e a segunda Páscoa, na narração da cura do paralítico de Bezeta (V, 1-16), diz êle: "Depois chegou o dia de uma festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém". Não se pode afirmar que "uma festa dos judeus" ou mesmo "a festa dos judeus", como se lê em alguns códices gregos, fôsse, no tempo de Jesus, unicamente a Páscoa. Por isto, há quem entenda que durante a vida pública do Salvador ocorreram três Páscoas apenas, e não quatro, o que no entanto também se tem considerado possível.

160 — *No Templo encontrou cambistas e gente que vendia e comprava bois, ovelhas e pombas.* Jesus encontrou os mercadores num dos três átrios do Templo, chamado "átrio dos gentios", que estava situado na periferia da construção. Os vendilhões, em vez de permanecerem nas proximidades do Templo, tinham-se estabelecido naquele vasto pátio, por abuso, com a conivência das autoridades religiosas, interessadas nos seus lucros.

161 — *Fêz de cordas um açoite, e expulsou todos os vendilhões.* Jesus, que era a personificação da mansuetude e da bondade, enérgicamente reagiu contra os profanadores do Templo. Brilhava-lhe no olhar a santa indignação que o impelira a fazer respeitar a casa de seu Pai. Em Jesus — diz Cornélio a Lapide — encontram-se a indignação e outros sentimentos humanos, mas sempre subordinados à razão e inspirando atos de virtude. Em nós, a cólera é paixão, em Jesus, ela é sempre refletida, determinada por motivos justos. E' ação. E nunca lhe impede o superior domínio de si mesmo.

162 — *A minha casa é casa de oração.* Na sua alusão ao texto sagrado, Jesus refere-se a profecias de Isaías e Jeremias. (Is. LVI, 7; Jer. VII, 11) Vem aqui a propósito um esclarecimento sobre as passagens do Antigo Testamento que freqüentemente aparecem nos Evangelhos como referências feitas por Jesus. Não devem elas ser consideradas citações propriamente ditas, mas antes simples reminiscências de leitura, a que Jesus aludia sem a preocupação de reproduzir com rigorosa exatidão literária o texto original.

163 — *Devorou-me o zelo pela tua casa.* São palavras do salmo LXVIII.

164 — *Destruí vós este Templo e eu em três dias o reerguerei.* Como estava em causa a missão de que o Salvador fôra investido, ofereceu êle uma porção do seu poder divino, mas que só mais tarde seria compreendida. O sinal ou milagre a que alude é o da sua ressurreição, pois o templo de que fala é o seu próprio corpo, que na ocasião certamente indicou com um gesto, o que entretanto terá passado despercebido.

29 — CRENTES SUSPEITOS

(S. João, II, 23-25)

Estando Jesus em Jerusalém por ocasião da festa pascal, em seu nome muitos creram, por verem os milagres que



VELHO RECANTO DE JERUSALÉM

fazia. Mas nêles não se fiava* Jesus, porque os conhecia a todos. Não era necessário que lhe dessem informações sobre quem quer que fôsse, pois sabia por si mesmo o que havia no íntimo das pessoas.

165 — *Nêles não se fiava.* A fé que os judeus depositavam em Jesus por causa de seus milagres, prendia-se à idéia entre êles corrente de que o Messias viria restaurar o reino de Israel, trazendo-lhes bens e felicidade temporais. Por isto não confiava Jesus que perseverassem na crença de que êle era o Messias prometido, nem julgava conveniente revelar-lhes os mistérios da redenção, que gradualmente levava ao conhecimento dos seus discipulos.

30 — JESUS E NICODEMOS

(S. João, III, 1-21)

Havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, que era um dos principais do povo judaico. Foi êle ter com Jesus à noite* e lhe disse: "Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir, porque ninguém pode fazer mialgres como fazes, se não tiver a assistência de Deus".

Respondeu-lhe Jesus: "Em verdade, em verdade te digo, não poderá ver o reino de Deus quem não nascer de novo".*

"Como nascerá um homem, se já é velho?" objetou Nicodemos. "Acaso poderá voltar às entranhas de sua mãe e nascer outra vez?"

Volveu-lhe Jesus: "Em verdade, em verdade te digo que não poderá entrar no reino de Deus quem não renascer pela água e pelo Espírito Santo.* O que nasce da carne é carne; o que nasce do espírito é espírito.* Não estranhes eu te dizer que é necessário nascerdes de novo. O vento sopra onde quer.* Tu ouves a sua voz, mas não sabes donde vem êle nem para onde vai. Acontece o mesmo com todo aquêle que nasce do espírito".

"Como é isso possível?" perguntou Nicodemos.

E Jesus respondeu: "Tu és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Em verdade, em verdade te digo: nós revelamos o que sabemos,* testemunhamos o que vimos, e vós, mesmo assim, não aceitais o nosso testemunho. Se não credes quando falo de coisas da Terra, como haveis de crer quando vos falar de coisas do céu? Ninguém subiu ao céu, a não ser aquêle que do céu desceu, o Filho do Homem, que está no céu. E assim como Moisés ergueu a serpente no deserto, também deve ser levantado o Filho do Homem,* para que todos os que nêle crêem não pereçam, mas tenham a vida eterna. Sim, de tal modo amou Deus o mundo que lhe deu seu Filho Unigênito* para que todos os que nêle

crêem não pereçam, mas tenham a vida eterna. Porque Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo,* e sim para que o mundo seja salvo por êle. Não será condenado quem nêle crer,* mas quem não crer já está condenado, por não crer em nome do Filho Unigênito de Deus. E a causa dêste julgamento é esta: a Luz veio ao mundo* e os homens amaram mais as trevas do que a Luz,* porque eram más as suas obras. E' que todo aquêle que procede mal, tem aversão à luz,* e dela não se aproxima a fim de que as suas obras não apareçam. Mas aquêle que procede conforme a verdade, para a luz se chega, a fim de que as suas obras sejam conhecidas,* porque são praticadas segundo a vontade de Deus".*

166 — *Nicodemos foi ter com Jessu à noite.* Dentre os admiradores incertos de Jesus sobressai Nicodemos, doutor da lei, membro do Supremo Conselho dos judeus, homem honrado e de muito retas intenções. Segundo os melhores intérpretes, não foi por pusilanimidade que escolheu a noite para procurar a Jesus. Durante o dia, o Salvador certamente sempre estava rodeado de discípulos e curiosos. Por conseguinte, quem quisesse tratar com êle de assunto que exigisse mais demora, justamente à noite é que deveria procurá-lo.

167 — *Quem não nascer de nôvo.* Como os judeus entendessem que só por serem descendentes de Abraão podiam entrar no reino de Deus, Jesus adverte a Nicodemos de que é preciso ter ainda outra origem, nascendo de nôvo e de mais alto. O Salvador alude ao sacramento do batismo, que nos comunica uma segunda vida, a vida sobrenatural da graça. No texto grego do Evangelho consta "nascer do alto". Mas o vocábulo grego que significa "alto" também pode ser traduzido por "de nôvo". E assim está na Vulgata.

168 — *Quem não nascer pela água e pelo Espírito Santo.* Explica Jesus que se refere a geração e nascimento espirituais, isto é, à regeneração pelo sacramento do batismo. Na água batismal desaparece o homem velho, que, renovado pelo Espírito Santo, surge cristão.

169 — *O que nasce da carne; o que nasce do Espírito.* O reino de Deus é de ordem sobrenatural. O homem, nascido sob o domínio dos sentidos e das paixões, entregue às suas próprias forças jamais poderá alcançá-lo. Para isto é indispensável a regeneração batismal, operada pelo Espírito Santo.

170 — *O vento sopra onde quer.* No idioma então falado pelos judeus, o vocábulo que significava "espírito" também tinha o sentido de "sopro" (vento). Aproveitou Jesus êsse duplo significado para um exemplo material. A força do exemplo está no seguinte: o vento, apesar de não o vermos e de ter origem e fim que ignoramos, é uma realidade do mundo físico, que conhecemos pelos seus efeitos; no setor moral, a ação do Espírito Divino não é escrutável em sua essência nem acessível à inteligência humana, fazendo-se conhecer, porém, pelos seus resultados. Insufla-se o Espírito Santo onde quer. Não vemos a alma nem percebemos pelos sentidos ou pela inteligência a regeneração que se opera na alma pela infusão da graça. Mas conhecemos a alma pelas suas manifestações e a graça pelos seus frutos, entre os quais, por exemplo a perseverança na prática da virtude.

171 — *Nós revelamos o que sabemos.* Aquilo que para nós é objeto de fé, para Jesus é objeto de ciência, de visão direta. E segundo notam muitos intérpretes, serve-se o Salvador do plural "nós" para significar que fala como Homem-Deus, em nome das três pessoas divinas.

172 — *Como Moisés ergueu a serpente no deserto, deve ser levantado o Filho do Homem.* Durante a viagem dos israelitas para Canaã, a serpente de bronze foi levantada no deserto, por Moisés, a fim de que, olhando-a, se curassem os israelitas que, como castigo das suas murmurações contra Deus, eram mordidos por serpentes. (Números: XXI, 4-9) Significa esta figura, esclarece Allioli, que a própria morte de Jesus Cristo, embora de valor infinito como satisfação pelos pecados dos homens, só aproveitaria aos que cressem no Redentor, olhando-o com fé, pregado na cruz.

173 — *De tal modo amou Deus o mundo que lhe deu seu Filho Unigênito.* Os melhores comentaristas são de opinião que a partir deste versículo, 16 do capítulo III do Evangelho de São João, já não se trata da conversa de Jesus com Nicodemos, mas de reflexões do evangelista, que, servindo-se de palavras tomadas de outras prédicas do Mestre, completa as lições contidas no memorável colóquio.

174 — *Não para condenar.* Com este sentido, está na Vulgata o verbo "judicare" (julgar).

175 — *Não será condenado quem nêle crer.* Crer em Jesus Cristo implica em aceitar os seus ensinamentos. E como decorrência necessária, é também pôr em prática a sua doutrina, porque os seus ensinamentos a impõem.

176 — *A luz veio ao mundo.* Refere-se Jesus a si mesmo.

177 — *Os homens amaram mais as trevas.* Nesta passagem, Jesus acusa os judeus que se recusaram a reconhecê-lo como o prometido Messias.

178 — *Quem procede mal tem aversão à luz.* Aqui a palavra "luz" significa a verdadeira fé em Cristo. Luz da verdade. Detestam-na os pecadores porque ela impõe deveres que lhes pesam, principalmente Messias.

179 — *A fim de que as suas obras sejam conhecidas.* Não para granjear a admiração dos outros — o que seria simples vaidade — mas para a maior glória de Deus, de quem recebemos as graças necessárias à prática da virtude. E também para dar bom exemplo ao próximo.

180 — *Porque são praticadas segundo a vontade de Deus.* Com o mesmo sentido está na Vulgata: "quia in Deo sunt facta", isto é, em tradução literal: porque são feitas em Deus.

31 — ÚLTIMO TESTEMUNHO DE JOÃO

(S. JOÃO, III, 22-30)

Depois de ter sido procurado por Nicodemos, Jesus passou com os seus discípulos ao território da Judéia,* onde com eles morou, ministrando o batismo.*

Entretanto, João também batizava, em Enon, junto de Salim, porque havia ali muita água.* E muitos lá se apresentavam e se faziam batizar. E' que João ainda não tinha sido encarcerado.

Suscitou-se por isto uma questão entre os discípulos de João e os judeus a respeito do batismo.* E os primeiros foram a João e disseram-lhe: "Mestre, aquêlê que estêve contigo além do Jordão e de quem deste testemunho, está agora batizando, e todos vão ter com êle".

Respondendo-lhes, disse João: "Não pode o homem receber coisa alguma que não lhe seja dada do céu. Vós mesmos sois testemunhas de ter eu declarado: Não sou o Cristo; fui apenas enviado adiante dêle. Quem tem a espôsa é que é o espôso.* Mas o amigo do espôso,* que está com êle e o escuta, profundamente se regozija ao lhe ouvir a voz. Por isto a minha alegria é agora completa".

"E' necessário que êle cresça e eu venha a desaparecer".

"Aquêlê que veio do alto, está acima de todos. Quem da terra vem, é da terra e fala de assuntos terrenos. Aquêlê que veio do céu, a todos é superior. Diz o que viu e ouviu, e não lhe aceitam o testemunho. Mas quem aceita o que êle assevera, também confirma que Deus é verdadeiro. Porque aquêlê que pelo Céu foi enviado, se exprime com as palavras de Deus, visto que Deus lhe dá a plenitude do espírito".*

"O Pai ama ao Filho e tudo pôs em suas mãos. Quem crê no Filho tem a vida eterna; mas quem nêle não crer, não verá a vida eterna e terá sôbre si a cólera de Deus".*

181 — *Passou ao território da Judéia.* De Jerusalém, a capital, onde se encontrava, saiu Jesus para outros pontos da região.

182 — *Ministrando o batismo.* Assim escreveu S. João. Note-se, porém, que Jesus não batizava pessoalmente, e sim por intermédio dos seus discípulos, como S. João mesmo esclarece no capítulo IV do seu Evangelho.

183 — *Em Enon, junto de Salim.* Não se sabe ao certo onde ficavam essas localidades. Opinam alguns autores que era perto de Citópolis, na Samaria. — Tratava-se do batismo de imersão.

184 — *A respeito do batismo.* Na Vulgata lê-se, com o mesmo sentido: "...de purificatione", isto é, literalmente: acêrca da purificação.

185 — *O espôso. O amigo do espôso.* A união de Deus com o seu povo foi muitas vêzes representada no Antigo Testamento, sob o sim-

bolo do matrimônio. João Batista apresenta a Jesus como espôso da Igreja. S. Paulo desenvolverá esta imagem em termos admiráveis e estabelecerá sôbre ela a doutrina do matrimônio cristão. (V. Epístola aos Efésios: V, 22-23) "Amigo do espôso" significa, nesta passagem, padrinho do noivo.

186 — *Deus lhe dá a plenitude do espírito.* Ou como está na Vulgata: "non enim ad mensuram dat Deus spiritum" — Deus não lhe dá o espírito por medida. As graças do Espírito Santo são conferidas aos homens em maior ou menor abundância, mas sempre até certo limite; Jesus, porém, as possui de modo infinito.

187 — *A cólera de Deus.* Deus é impassível. A palavra "cólera" tem aqui, como em outras passagens da Escritura, o sentido de condenação.

32 — NOTÍCIA DA PRISÃO DO PRECURSOR. REGRESSO À GALILÉIA. ENCONTRO COM A SAMARITANA

(S. João, IV, 1-45 S. Mat. IV, 12-13; S. Marc. I, 14; S. Luc. IV, 14)

Correu a notícia de haver sido prêso João, e Jesus teve dela conhecimento. Soube também que os fariseus estavam informados de que êle fazia muitos discípulos e batizava mais do que João — se bem que não era Jesus mesmo quem batizava, mas sim os seus discípulos. Então deixou êle a Judéia,* e, movido pelo Espírito Santo, retornou novamente à terra dos galileus.

Como tivesse de atravessar a Samaria,* chegou à cidade denominada Sicar,* situada naquela região, junto da herdade que Jacó havia dado a seu filho José. E lá estava o poço de Jacó. Fatigado da viagem, Jesus logo se sentou na borda do poço. Era por volta da sexta hora do dia.*

Nisto aproximou-se, para tirar água, uma mulher samaritana.

Pediu-lhe Jesus: "Dá-me de beber".*

Os seus discípulos tinham ido comprar mantimentos na cidade.

"Como se explica — perguntou a samaritana — que, sendo tu judeu, me peças de beber, a mim que sou uma mulher da Samaria?"

Isto por não manterem relações os judeus e os samaritanos.*

Respondendo, disse Jesus: "Se conhecesses o dom de Deus* e quem te pede de beber, tu lhe pedirias água viva* e êle te daria essa água".

"Senhor — replicou-lhe a mulher — nem ao menos tens com que tirá-la, e o poço é fundo. Donde tiras então a água viva? Serás tu maior do que nosso pai Jacó, que nos deu

êste poço, de que êle mesmo bebeu, como também seus filhos e os seus rebanhos?"

Tornou-lhe Jesus: "Todo aquêle que bebe desta água voltará a ter sede; mas quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede. A água que eu lhe der, nêle se tornará uma fonte jorrando para a vida eterna".

"Senhor, dá-me dessa água — pediu a mulher — para que não torne a sentir sede nem precise mais vir tirar água dêste poço".

Disse-lhe Jesus: "Vai chamar teu marido e volta aqui"

"Não tenho marido" — respondeu a mulher.

Volveu-lhe Jesus: "Disseste bem que não tens marido. São cinco os maridos que já tiveste, e o homem com quem vives agora, não é teu marido. Falaste, pois, a verdade".

"Senhor! — exclamou a mulher — vejo que és profeta. Nossos pais adoraram a Deus neste monte, e vós, os judeus, dizeis que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar a Deus".

Disse-lhe Jesus: "Mulher, acredita-me que é chegado o tempo em que não adorareis ao Pai apenas neste monte ou em Jerusalém.* Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque é dos judeus que vem a salvação. Aproxima-se a hora — e mesmo já chegou — em que os verdadeiros adoradores hão de adorar ao Pai em espírito e verdade.* E quer o Pai que sejam êsses que o adorem. Deus é espírito. Portanto, aquêles que o adoram, em espírito e verdade devem adorá-lo".

Continuou a mulher: "Sei que está por vir o Messias (que se chama o Cristo). E quando êle vier, nos ensinará tudo".

Revelou-lhe Jesus: "Eu que te falo, sou o Messias".

No mesmo instante chegaram os discípulos e admiraram-se de que êle estivesse falando com uma mulher. Mas nenhum indagou: "Que lhe perguntas?" ou "Por que falas com ela?"

Em seguida a mulher deixou ali o cântaro que trouxera, foi para a cidade e falou aos seus moradores:* "Um desconhecido acaba de me dizer* tudo o que tenho feito. Venham ver êsse homem. Talvez êle seja o Cristo".

Saíram então os samaritanos e foram em busca de Jesus.

Neste meio-tempo insistiram com Jesus os seus discípulos, dizendo-lhe: "Mestre, come".

E êle respondeu: "Eu tenho para comer uma iguaria que vós não conheceis".

A estas palavras os discípulos perguntaram uns aos outros: "Alguém lhe terá trazido de comer?"

Tornou-lhes Jesus: "Para mim, o comer consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e completar a sua obra. Não vos tenho ouvido dizer: — Para a colheita ainda faltam quatro meses?* Pois digo-vos eu: — Levantai os olhos e vêde como os campos já estão branqueando para a colheita. Aquêlê que ceifa recebe recompensa e recolhe frutos para a vida eterna, a fim de se regozijar o que semeia como se regozija o que ceifa. Aqui se vê que é verdadeiro o provérbio: Um semeia e outro colhe.* Eu vos mandei fazer a colheita onde não trabalhastes; outros foram os que trabalharam, e vós entrastes nos seus trabalhos".

Muitos samaritanos daquela cidade creram nele ao ouvirem as palavras da mulher que asseverava ter-lhe dito Jesus tudo quanto ela fizera. Foram então procurá-lo, rogaram-lhe que ficasse ali, e êle ficou dois dias com êles.

E muitos mais passaram a crer em Jesus por causa da sua pregação, motivo por que diziam à mulher: "Já não é pelo que disseste que nós cremos, mas sim porque o ouvimos e sabemos que êle é verdadeiramente o Salvador do mundo".

Decorridos dois dias, Jesus partiu de Sicar e dirigiu-se para a Galiléia, deixando de parte a cidade de Nazaré, porque, como êle mesmo havia declarado, em sua própria terra um profeta não goza de consideração. E ao chegar à Galiléia, receberam-no bem os galileus por terem visto o que Jesus fizera em Jerusalém na ocasião da festa pascal, pois também êles tinham assistido àquela solenidade.

188 -- *Então deixou êle a Judéia.* Na Judéia, a corporação policial obedecia diretamente às ordens do Sumo Sacerdote, e os fariseus, já então tomados de animosidade contra Jesus, causariam ali à sua atividade evangelizadora os maiores embaraços. Foi a razão por que Jesus se afastou. Ainda não chegara a hora de se entregar.

Vem a propósito, desde já, um comentário sôbre a oposição que Jesus encontrou entre os judeus. Pelo que se lê no Evangelho deve ela ter começado quando Jesus expulsou os vendilhões do Templo. E mais tarde agravou-se. Como ficou dito em outra nota, os judeus esperavam um Messias que restabelecesse a supremacia política de Israel, e no entanto Jesus veio pregar o "reino dos céus", puramente espiritual, onde o Senhor é adorado em espírito e verdade; atinham-se os judeus à letra da Lei com o mais extremado rigorismo, e, para Jesus, o que importava era o espírito da Lei; os judeus entendiam que o Messias viria ao mundo sômente para o bem do povo eleito, constituído por êles, descendentes de Abraão, e Jesus veio dizer-lhe que também os gentios seriam recebidos no reino de Deus, sendo isto o que tornou mais profundo o antagonismo que separou do Redentor os filhos de Israel. Foram, porém, os fariseus os mais irredutíveis adversários de Jesus. Por quê? Como acontece com tanta gente em nossos dias, menos por motivos filosóficos do que por incapacidade de pautar sua vida pelos princípios evangélicos. Habitados à reverência alheia, eram

solenes, cheios de si, suscetíveis e rancorosos. Censurados com razão pelo Divino Mestre, votaram-lhe ódio de morte.

189 — *Como tivesse de atravessar a Samaria.* A Samaria formava uma das quatro divisões da Palestina nos dois primeiros séculos da era cristã. Região fértil e pitoresca, ficava entre a Judéia e a Galiléia. O caminho escolhido por Jesus era o mais curto, e, ao que informa Flávio Josefo ("Ant. Jud. XX), o que os galileus preferiam para ir a Jerusalém.

190 — *Sicar.* Cidade situada nas proximidades do lugar onde existira a antiga Siquém.

191 — *Por volta da sexta hora do dia.* Mais ou menos ao meio-dia.

192 — *Dá-me de beber.* Segundo S. Nilo, chamava-se Fotina a samaritana a quem Jesus pediu água. Falando-lhe junto ao poço, deixou Jesus de observar uma praxe da Palestina, onde os homens não dirigiam a palavra às mulheres em plena via pública. Vem aqui a propósito um comentário especial. No tempo de Jesus, os judeus encaravam a mulher com menosprézo. Coisa semelhante ao que sucedia em Roma, onde Sêneca chegou a tachá-la de "impudens animal". Em suma, naquela época a mulher estava muito longe de ocupar o lugar que lhe assegurou entre nós o Cristianismo. Neste ponto como em tantos outros, Jesus não seguiu os costumes judaicos. Em todo o Evangelho êle sempre se mostra benévolo para com as mulheres, e estas, ante a sublime pureza do Mestre, sempre o tratam com a mais profunda veneração. Às pecadoras Jesus inspirava contrição e respeito. As naturais efusões das pecadoras arrependidas só piedade inspiravam a Jesus. Os próprios fariseus jamais se permitiram uma só palavra ou qualquer insinuação pela qual se pudesse concluir que tivessem duvidado do que ficou dito acima. No entanto — note-se bem — chegaram a afirmar que Jesus expulsava demônios por virtude de Bezebú, como adiante se verá, e, profundamente exacerbados com as liberdades do Salvador contra o rigorismo dêles, tinham o maior interesse em desmoralizá-lo, e com tanto maior satisfação o fariam quanto mais vexatório fôsse o motivo da desmoralização.

193 — *Por não manterem relações os judeus e os samaritanos.* Os samaritanos só reconheciam como Escritura Sagrada os cinco livros de Moisés (Pentatêuco) e não tomavam em conta as tradições dos doutores judaicos, atendo-se unicamente à palavra escrita. Por volta do ano 330 A. C. (ao que se supõe) construíram um templo sobre o monte Garizim, em oposição ao de Jerusalem. Mas os judeus ortodoxos proclamavam que sòmente no templo da cidade santa se rendia a Javé (Deus Onipotente) o verdadeiro culto.

194 — *O dom de Deus.* Segundo o exegeta Martini, o dom que o Eterno Pai fez ao mundo, dando-lhe seu Filho Unigénito, que ali oferecia a salvação à samaritana.

195 — *Água viva.* No sentido comum, água corrente. Exprimindo-se em sentido figurado, alude Jesus à água espiritual da graça, de que já haviam falado os profetas. (Joel: III, 18; Zacarias: XIV, 8)

196 — *Nossos pais adoraram a Deus neste monte.* O monte a que se refere a samaritana é o Garizim, para o qual certamente terá apontado.

197 — *Não adoreis ao Pai apenas neste monte ou em Jerusalem.* Na Vulgata está: "... neque in monte hoc, neque in Jerosolymis

adorabitis Patrem". Na sua excelente tradução dos Evangelhos, o Pe. Matos Soares escreve: "Não adorareis ao Pai, nem neste monte nem em Jerusalém (mas em qualquer parte)", ficando assim esclarecido o verdadeiro significado das palavras evangélicas: Deus deve ser adorado em tôda parte, porque, sendo Espírito infinito, sua presença não se pode restringir a um lugar material, como o Templo de Jerusalém ou o monte Garizim.

198 — *Em espírito e verdade.* Não quis Jesus dizer que ao culto judaico faltavam espírito e verdade e que na religião cristã se deva prescindir do culto exterior. O que as suas palavras significam é que a religião cristã deve ter em vista, principalmente, o espírito, isto é, a santidade das disposições interiores, e a verdade, ou seja, o claro conhecimento da doutrina religiosa, nisto diferenciando-se do culto judaico, que consistia sobretudo em práticas exteriores.

199 — *Eu sou o Messias.* Sendo Jesus o Messias, é claro que devia anunciar-se publicamente como tal. E fê-lo realmente mais tarde, por diversas vezes. Mas foi uma revelação gradual: primeiramente anunciou o reino de Deus; depois fêz a alguns a confiança de que era o Messias; e por fim manifestou-se em público. E assim procedeu Jesus a fim de evitar um movimento de entusiasmo político entre os judeus ansiosos pelo Messias nacionalista que esperavam. O fato de se revelar à samaritana, mesmo pertencendo ela a um povo inimigo dos judeus, e no entanto recomendar mais tarde aos seus discípulos que não dissessem a ninguém que êle era Jesus, o Cristo (S. Mateus; XVI, 20), explica-se precisamente pela hostilidade reinante entre os judeus e samaritanos. E' que entre êstes a notícia não provocaria a excitação de caráter político que sem dúvida produziria entre os judeus.

200 — *E falou aos seus moradores.* Consta na Vulgata: "...et dicit illis hominibus", isto é, literalmente: "...e disse àqueles homens". No caso, "aqueles homens" eram evidentemente os moradores de Sicar.

201 — *Um desconhecido acaba de me dizer.* Na Vulgata estão como segue as palavras da samaritana: "Venite, et videte hominem, qui dixit mihi omnia quocumque feci: numquid ipse est Christus?" ou seja, literalmente: Vinde e vêde um homem que me disse tudo o que tenho feito. Acaso não será êle o Cristo? Como facilmente se pode verificar, a tradução livre desta passagem no texto de nossa Sinopse, além de reproduzir de maneira corrente as palavras da samaritana, torna mais claro o seu verdadeiro sentido — razão por que preferimos adoptá-la.

202 — *Para a colheita ainda faltam quatro meses.* Segundo uma antiga interpretação dêste trecho, que foi adotada pelos comentaristas Holzammer, Ricciotti e Lagrange, as palavras que Jesus atribui aos seus discípulos são uma espécie de provérbio, significando que, depois de terminado o trabalho da sementeira, pode o lavrador descansar quatro meses, já que, trabalhando depois o tempo por êle, na época própria virá a messe. E o Salvador faz ver que o provérbio não se aplica à sua messe espiritual, que, já pronta, exige o imediato trabalho dos discípulos. O encontro de Jesus com a samaritana terá ocorrido em maio. E neste caso, conforme Willam, ao falar nos campos que estavam branqueando, já prontos para a ceifa, disse Jesus o que realmente via no momento, porque o trigo da Palestina, inteiramente desenvolvido só na estação seca, nesse estado em geral não apanha chuva, e seca logo que amadurece, do que resulta ficar com brilho esbranquiçado.

203 — *Um semeia e outro colhe.* Quis Jesus dizer que freqüentemente Deus escolhe a um para semear e a outros para colher. E acrescenta que dentro em pouco os discípulos hão de colher o fruto do que semearam os patriarcas, os profetas, João Batista e êle mesmo, Jesus. E, como já dissera antes, todos participarão do regozijo da colheita.

33 — JESUS CURA O FILHO DE UM HOMEM DA CÔRTE

(S. João, IV, 46-54)

Então foi Jesus novamente para Caná da Galiléia, onde tinha convertido água em vinho.

Ora, estava em Cafarnaúm um homem da côrte,* cujo filho se achava enfêrmo. Tendo êle ouvido dizer que da Judéia voltara Jesus para a Galiléia, foi procurá-lo e rogou-lhe que descesse a Cafarnaúm* e lhe curasse o filho já prestes a morrer.

Disse-lhe Jesus: "Vós, se não vêdes sinais e prodígios, não credes".

"Senhor — suplicou o pai do doente — vem comigo* antes que meu filho morra".

Tornou-lhe Jesus: "Volta, que teu filho vive".

E o áulico acreditou no que lhe disse Jesus.

Partiu êle no dia seguinte* e já ia descendo a estrada quando à frente lhe surgiram criados seus com a notícia de que seu filho ainda estava vivo.

Perguntou-lhes então a que horas tinha melhorado o doente, e os criados responderam: "Ontem, pela sétima hora,* passou-lhe a febre".

Verificou o pai que era a mesma hora em que Jesus lhe dissera: "Teu filho vive". E creram tanto êle como todos os de sua família.

Foi êste o segundo milagre realizado por Jesus depois de sua volta da Judéia para a Galiléia.

204 — *Um homem da côrte.* A Vulgata dá-lhe a denominação de "regulus". Mas êste vocábulo, como tradução que é do grego "basilicós", designa aqui pessoa ligada ao rei, e não um soberano de pequeno Estado, como é o seu sentido clássico.

205 — *Rogou-lhe que descesse a Cafarnaúm.* Na Vulgata está apenas "ut descenderet"; mas, pelo contexto, significa isto, evidentemente, descer de Caná a Cafarnaúm.

206 — *Vem comigo.* A Vulgata traz "descende" (desce) que foi traduzido pela expressão "vem comigo" porque o que o pai do doente pedia é que Jesus descesse imediatamente com êle a Cafarnaúm, para lhe curar o filho. Mais adiante encontra-se o vocábulo latino "descendente" com idêntico sentido ou significando "descendo a estrada", como consta nesta Sinopse. Outra expressão elíptica ocorre logo a seguir, na resposta de Jesus: "Vade" (Vai), traduzida pelo verbo "Volta", por ser êste, no caso, o seu verdadeiro sentido.

207 — *No dia seguinte.* Interpolação lógica, para tornar mais clara a narração.

208 — *Sétima hora.* Uma hora da tarde.

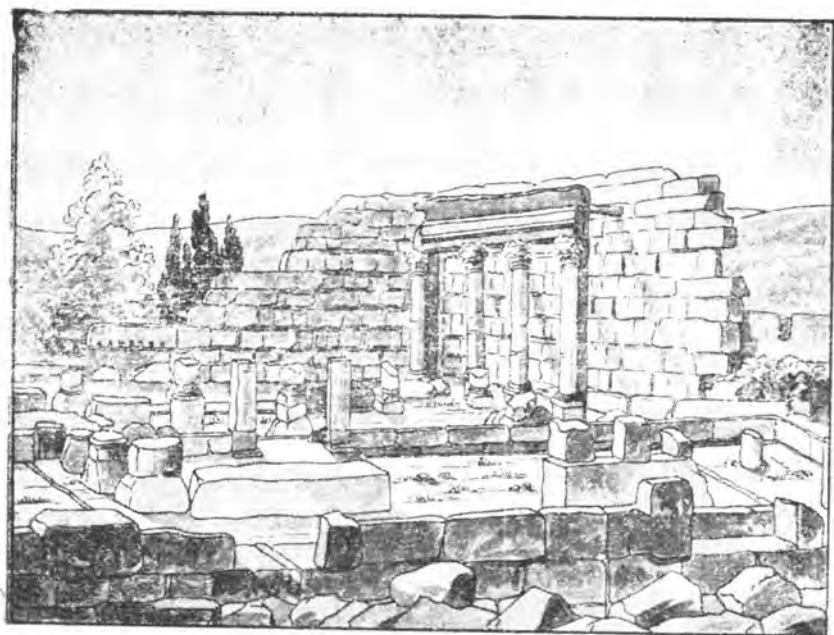
34 — RESIDÊNCIA EM CAFARNAÚM

(S. Mateus, IV, 13-16)

Jesus passou então a morar na cidade marítima de Cafarnaúm, nos confins das terras de Zabulon e Neftali. Cumpriu-se assim o que fôra predito pelo profeta* Isaías: "Terra de Zabulon e terra de Neftali que confina com o mar além do Jordão — Galiléia dos gentios — êste povo que jazia nas trevas viu grande luzeiro,* e resplandeceu a luz para os que habitam as sombrias regiões da morte".

209 — *Predito pelo profeta.* Isaías: IX, 1-2.

210 — *Um grande luzeiro.* *Sombrias regiões da morte.* O luzeiro é Jesus Cristo anunciando a salvação dos homens. Por oposição, as palavras "sombrias regiões da morte" significam, em linguagem figurada, a ignorância dos galileus, que viviam entre gentios, pois Cafarnaúm ficava em região onde se tinham fixado muitos pagãos no tempo de Salomão.



SINAGOGA DE CAFARNAÛM — V. nota 273

VI — HOSTILIDADES CONTRA JESUS

35 — INÍCIO DA PREGAÇÃO SÔBRE O REINO DE DEUS

(S. Marc. I, 14-15; S. Mat. IV, 17; S. Luc. IV, 14-15)

Desde então começou Jesus a pregar o evangelho* do reino de Deus, dizendo: "Completo-se o tempo, já se aproxima o reino de Deus. Fazei penitência e crêde no Evangelho".

Sua fama espalhou-se por tôda aquela região. E êle ensinava nas sinagogas* dos galileus e era por todos aclamado.

211 — *Evangelho*. Palavra aqui empregada no seu sentido etimológico de "boa nova".

212 — *Sinagogas*. Em tôdas as aldeias da Palestina e em todos os bairros das cidades encontravam-se sinagogas, isto é, lugares destinados a reuniões religiosas do povo judeu, onde não se celebrava culto (o único local consagrado ao culto prôpriamente dito era o Templo, em Jerusalém), mas nos quais se liam as Escrituras, estudando-as em comum, e onde também se rezava. As reuniões eram presididas por um "chefe da sinagoga". Podiam falar nas sinagogas os doutôres da lei e outros judeus de boa reputação.

36 — NA SINAGOGA DE NAZARÉ

S. Mat. XIII, 53-58; S. Luc. IV, 16-31; S. Marc. VI, 1-6.

Tendo ido Jesus a Nazaré,* onde se havia criado, compareceu à sinagoga em dia de sábadó, como era costume seu, e levantou-se para ler.

Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías. Êle o desenrolou* e deparou-se-lhe a passagem que diz: "Sôbre mim repousou o Espírito do Senhor.* Consagrou-me para comunicar a boa nova aos humildes e enviou-me com a missão de curar os contritos de coração, anunciar a redenção dos cativos, restituir a vista aos cegos, pôr em liberdade os oprimidos, proclamar um ano propício do Senhor* e o dia da justiça".*

Em seguida enrolou o livro, entregou-o ao ajudante do chefe da sinagoga e sentou-se. Estavam fixados nêle os olhares de todos os presentes.

Jesus começou a falar, declarando: "Cumpriu-se no je a passagem da Escritura que acabais de ouvir".

Prosseguiu então,* e todos lhe aprovaram a doutrina, admirando-se das palavras cheias de graça que proferia. E indagavam: “Não é este o filho de José?”

Disse mais Jesus: “Sem dúvida aplicareis a mim o provérbio: Cure-se o médico a si mesmo. E direis: — Aqui na tua terra também debes fazer os prodígios que, segundo nos informaram, operaste em Cafarnaúm”.

E continuou: “Em verdade, em verdade vos digo que em parte alguma são menos honrados os profetas do que na própria terra,* em sua casa e entre a parentela, onde nenhum deles é bem recebido. Digo-vos, em verdade: muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando não choveu durante três anos e seis meses, reinando grande fome em todo o país; e a nenhuma delas foi Elias enviado, mas sim a uma viúva de Sarepta,* em terras de Sidon. Havia também muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu, e nenhum deles foi curado, mas sim Naáman,* o sírio”.

Ouvindo estas palavras, encheram-se de cólera* todos os que estavam na sinagoga. E diziam: “Donde lhe vêm tôdas essas coisas? Que sabedoria é essa que lhe foi dada? Como se operam por suas mãos os prodígios de que se fala? Não é ele o artesão, filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria? Não se chamam seus irmãos: Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não vivem tôdas aqui entre nós? Donde lhe vêm, pois, tantos conhecimentos e poder?”

E, escandalizados por causa dêle, logo se ergueram, forçaram Jesus a sair de sua cidade, e o levaram ao alto do monte no qual estava situada Nazaré, para dali o jogarem abaixo. Mas Jesus passou por entre eles, e, seguindo seu caminho, desceu para Cafarnaúm, cidade da Galiléia.

Muitos milagres não pôde Jesus fazer em Nazaré — nem lhe era possível realizar ali milagre algum* — por motivo da incredulidade dos nazarenos, que lhe causava espécie.* Apenas curou alguns doentes, impondo-lhes as mãos. E passou a pregar pelas aldeias circunvizinhas.

213 — *Tendo ido Jesus a Nazaré.* Provavelmente em atenção a pedido de sua mãe ou de outra pessoa bem intencionada, porque sabia que seria repellido pelos nazarenos.

214 — *Desenrolou o livro.* Os livros antigos consistiam em uma só fôlha de pergaminho e também de papiro, prêsa em cima e em baixo a bastõezinhos cilíndricos sôbre os quais se enrolava.

215 — *Sôbre mim repousou o Espírito do Senhor...* Confrontando, na Vulgata, o texto de Isaías como está no Antigo Testamento, (CXI, 1-2) com a sua reprodução no Evangelho de São Lucas, (IV, 18-19) notam-se várias diferenças de um para o outro. Mas o sentido

genérico e essencial é o mesmo em ambos. Há, porém, outra circunstância que exige especial consideração. Em S. Lucas (IV, 19) lê-se: "dimittere contractos in remissionem" (pôr em liberdade os oprimidos), e esta passagem não se encontra no texto correspondente de Isaías (LXI, 1 ou 2) seja em hebraico, seja em grego. "Et pour cause" pois pertence ao sexto versículo do capítulo LVIII de Isaías. Parece isto indicar que S. Lucas citou de memória o trecho profético lido por Jesus. E neste caso mais compreensíveis ainda se tornam as diferenças de que aqui se trata. Examinemos, porém, uma dessas diferenças de pormenores. Consta em Isaías: "annuntiandum mansuetis; e em S. Lucas "evangelizare pauperibus". "Anuntiandum" e "evangelizare" têm o mesmo sentido, de divulgar a boa nova (o evangelho). Entretanto, "mansuetis" significa: aos mansos; e "pauperibus", aos pobres. O termo hebraico que foi assim traduzido ("anâvim") aplica-se aos mansos e humildes, e também aos pobres, aflitos ou necessitados de auxílio. S. Jerônimo, traduzindo o Antigo Testamento para a Vulgata (veja nota h) entendeu o termo no primeiro sentido; em outra tradução célebre, denominada "Setenta, a palavra está empregada na segunda acepção, tendo sido reproduzida por S. Lucas a expressão ali usada. E são da mesma espécie as outras diferenças. Nesta Sinopse, a expressão "pauperibus" figura com a tradução "aos humildes" porque em português a palavra "humildes" tanto pode significar "pobres" como "submissos", o que está de acôrdo com os dois textos fundamentais em questão, hebraico e grego.

216 — *O ano propício do Senhor.* Proclamavam-no os judeus entre períodos de cinquenta anos. No ano jubilar deixavam-se descansar os campos, os escravos eram alforriados e as terras alienadas revertiam aos seus antigos proprietários.

217 — *Dia da justiça.* O Juízo Final. Com o mesmo sentido consta no Antigo Testamento: (Isaías: CXI, 2) "diem ultionis Deo", dia da vingança de Deus. Encontra-se em diversas passagens da Bíblia esta expressão, mas sempre empregada na acepção de justiça divina, e nunca no sentido comum de desforra, que no caso seria pejorativo, por incompatível com a excelsitude do Criador. O mesmo se pode dizer da expressão "ira de Deus", também freqüente no texto sagrado.

218 — *Em parte alguma são menos honrados os profetas do que na própria terra.* Observa Jesus que o ser menosprezado na pátria e não gozar de confiança entre os seus é injúria a que não escaparam nem os maiores profetas — o que sucede em consequência da inveja de uns, da ignorância de outros e do conceito vulgar e errôneo de que não podem ter destino e méritos superiores as pessoas que nos são familiares.

219 — *Proseguiu então.* Aditamento explicativo, baseado no contexto.

220 — *Uma viúva de Sarepta.* III Reis: XVII, 10-14.

221 — *Cura de Naáman.* IV Reis: V, 9-14.

222 — *Encheram-se de cólera.* Operou-se, pois, entre os nazarenos, completa transformação. A princípio, tomados de admiração pela doutrina de Jesus, haviam perguntado se êle não era o filho de José. Mas respeitosamente. Agora, porém, passam a perguntar acintosamente se não era êle porventura o artesão, filho de Maria, aparentado com pessoas conhecidas, de condição humilde. Como po-

deria Jesus, um homem sem estudos, saber mais do que os outros? E o seu provalado poder de realizar milagres — vindo-lhe de um dia para outro — acaso nada tinha de suspeito? Assim pensavam já então os encolerizados nazarenos.

223 — *Nem lhe era possível realizar milagres em Nazaré.* Não porque lhe faltasse o poder necessário para os realizar, mas porque os nazarenos, não acreditando na missão de Jesus, se tinham tornado indignos de seus benefícios.

224 — *Que lhe causava espécie.* Não é contrário à razão estranhar Jesus, apesar de sua divina onisciência, a incredulidade dos nazarenos. A previsão de qualquer ocorrência não prepara o espírito de tal modo que o torne absolutamente impassível. E a surpresa de Jesus foi apenas humana. Consequência do abalo produzido pela realidade do fato.

37 — SÃO CHAMADOS OS QUATRO PRIMEIROS APÓSTOLOS

(S. Mat. IV, 13-22; S. Marc. I, 16-20)

Caminhando Jesus ao longo do mar da Galiléia,* viu dois irmãos — Simão, chamado Pedro, e André* — que lançavam as rédes ao mar, pois eram pescadores.

“Segui-me — disse-lhes Jesus — e eu vos farei pescadores de homens”.

Jesus continuou andando e mais adiante viu outros dois irmãos — Tiago,* filho de Zebedeu, e João — que estavam num barco consertando as rédes com seu pai. Chamou-os logo, e eles, largando as rédes e deixando o pai no barco com os empregados, imediatamente seguiram a Jesus.

225 — *Mar da Galiléia.* É um grande lago, com 21 quilômetros de extensão por 11 de largura. Tem ainda dois nomes: lago de Genezaré e mar de Tiberiades.

226 — *Pedro e André.* Já discípulos de Jesus, ambos são agora chamados para a grande missão de apóstolos, que consiste essencialmente na salvação das almas.

227 — *Tiago.* A Vulgata traz o nome “Jacobi”. Mas Tiago e Jacó são duas formas do mesmo nome.

38 — CURA DE UM POSSESSO NA SINAGOGA DE CAFARNAÚM

(S. Marc. I, 21-23; S. Luc. IV, 31-37)

Foram então para Cafarnaúm. Aos sábados ia Jesus à sinagoga e dedicava-se a ensinar. E sua doutrina causava admiração a todos, porque êle ensinava como quem tem autoridade,* e não como os escribas.

Aconteceu achar-se na sinagoga um homem possuindo de espírito impuro.* “Vai-te daqui! — vociferou o possesso. Que tens tu que ver conosco, Jesus Nazareno? Vieste para nos perder? Eu bem te conheço: és o Santo de Deus!”

Mas Jesus o repreendeu, ordenando-lhe: "Cala-te e sai dêsse homem".

Então o espírito impuro, depois de haver lançado o possesso por terra, no meio de todos, em violentas convulsões, soltou um grito estridente, e saiu do homem sem lhe fazer mal nenhum.

Tinham ficado tomadas de assombro as pessoas presentes. E cheias de admiração perguntavam umas às outras: "Que vem a ser isto? Que nova doutrina é esta? Que será esta palavra, com tal poder e virtude? Pois êste homem dá ordens com autoridade aos espíritos impuros e êles lhe obedecem e saem das pessoas!"

E logo correu a fama de Jesus por tôda a terra da Galiléia, propalando-se também pelas regiões circunvizinhas.

228 — *Ensinava como quem tem autoridade.* Os escribas sempre se apoiavam na autoridade dos antigos e tinham por ideal transmitir integralmente os ensinamentos recebidos, sem acrescentar nem omitir nada. Jesus falava por si mesmo, e a todos manifestava a sua autoridade, aprovando diversas tradições judaicas e corrigindo ou refutando outras.

229 — *Um homem possuído do espírito impuro.* Segundo Alioli, o espírito maligno, tendo verificado que já viera o Messias, usou de todo o seu poder para manter a influência que, pelo pecado, exercia sôbre a humanidade. E daí resultou o aparecimento de um grande número de possessos no tempo de Jesus.

39 — CURA DA SOGRA DE PEDRO E DE OUTROS DOENTES

(S. Marc. I, 29-34; S. Mat. VIII, 14-17; S. Luc. IV, 38-41)

Imediatamente depois de terem saído da sinagoga, Jesus e seus discípulos foram à casa de Simão e André, em companhia de Tiago e João.

A sogra de Simão estava de cama, com febre alta. Em seguida o disseram a Jesus e pediram que a socorresse. Êle aproximou-se-lhe então, e, inclinando-se para ela, impôs à febre que cessasse, tomou a doente pela mão e a fez levantar-se. E ela, tendo a sua febre desaparecido assim repentinamente, logo passou a servi-los.

À tarde, depois do sol-pôsto, todos os que tinham doentes os levaram a Jesus, havendo entre os enfermos grande diversidade de moléstias. Muitos foram os possessos que lhe apresentaram. E tôda a cidade aglomerou-se em frente à casa.

Com uma palavra Jesus expulsava os demônios, e, pondo as mãos sôbre cada um dos enfermos, curava todos os que sofriam de qualquer moléstia, cumprindo-se assim o que fôra anunciado* pelo profeta Isaiás, isto é: "Êle

próprio tomou as nossas enfermidades sôbre si e carregou com os nossos sofrimentos”.

Demônios em quantidade foram por êle expulsos, e retiravam-se bradando: “Tu és o Filho de Deus!” Mas Jesus os repreendia, não lhes permitindo dizer que sabiam ser êle o Cristo.*

230 — *O que fôra anunciado.* Isaías: LIII, 4.

231 — *Não lhes permitindo dizer que sabiam ser êle o Cristo.* A maioria dos intérpretes entende que Jesus impunha aos demônios essa proibição porque ainda não convinha propalar-se entre os judeus a noticia da vinda do Messias, para evitar um movimento político no sentido de fazê-lo rei de Israel. Os outros exegetas, porém, são de parecer que Jesus obrigava os demônios ao silêncio por serem êles indignos de transmitir a grande noticia.

VII — MISSÃO NA GALILÉIA

40 — PREGAÇÃO NOS ARREDORES DE CAFARNAÚM

(S. Marc. I, 35-38; S. Luc. IV, 42-44)

No dia seguinte, Jesus levantou-se de madrugada e foi orar num lugar deserto.

Saíram a procurá-lo Simão e os que com êle estavam. Quando o acharam, disseram-lhe: "Estão todos à tua procura".

Respondeu Jesus: "Vamos às aldeias e cidades dos arredores, onde também devo pregar. Porque vim para isto".

Procuraram-no então as multidões. Chegando onde Jesus estava, detiveram-no com receio de que se ausentasse. Mas Jesus disse: "E' preciso que eu também anuncie a outras cidades o reino de Deus, porque para isto fui enviado".

E passou a pregar nas sinagogas da Galiléia.

41 — NO BARCO DE PEDRO. PESCA MILAGROSA

(S. Lucas, V, 1-11)

Um dia, à margem do lago de Genesaré, viu-se Jesus cercado pela multidão, que se comprimia para ouvir a palavra de Deus. Avistou êle dois barcos à beira do lago, e os pescadores, que tinham saltado em terra e lavavam as rédes. Subiu então a um dos barcos, que pertencia a Simão, e pediu a êste se afastasse um pouco da praia. E sentando-se, de dentro da embarcação pregou ao povo.

Quando acabou de pregar, falou a Simão: "Leva o barco para o largo". Em seguida, dirigindo-se também aos outros:* "Lançai nágua as vossas rédes para pescar".

"Mestre — respondeu Simão — trabalhamos toda a noite e não pescamos nada. Mas já que ordenas, lançarei a réde ao mar".

E assim foi feito. E apanharam tamanha quantidade de peixes que a réde começou a se romper. Acenaram então para os companheiros que estavam no outro barco, a fim de que fôssem ajudá-los. Acudiram êles, e as duas embar-

cações foram de tal modo carregadas que ficaram a ponto de ir ao fundo.

Vendo aquilo, Simão Pedro lançou-se aos pés de Jesus e disse: "Senhor, afasta-te de mim, porque sou homem peccador". E' que se sentia possuído de assombro, assim como todos os que com êle estavam na embarcação, à vista da extraordinária pescaria que acabavam de fazer. E o mesmo aconteceu aos companheiros de Simão no outro barco, Tiago e João, filhos de Zebedeu.

Disse, porém, Jesus a Simão: "Não temas. De agora em diante serás pescador de homens".

E êles conduziram os barcos para terra, abandonaram tudo e seguiram a Jesus.

232 — *Em seguida, dirigindo-se uos outros.* Aditamento justificado pelo contexto. Doravante não serão anotadas essas interpolações porque não alteram em nada o sentido dos Evangelhos e facilmente podem ser verificadas por simples confronto desta Sinopse com outras traduções da Vulgata.

233 — *Abandonaram tudo.* Jesus já os convidara a segui-lo, e êles o acompanhavam, sim, mas ainda sem propósito definitivo e sem se consagrarem inteiramente ao Mestre e à sua missão, tanto assim que haviam retomado as ocupações habituais. Depois da pesca milagrosa, porém, passaram a acompanhá-lo sempre.

42 — CURAS E PREGAÇÕES NA GALILÉIA

(S. Mat. IV, 23-25; S. Marc. I, 39)

Jesus percorreu tôda a Galiléia, ensinando nas sinagogas dos judeus, pregando o evangelho do reino,* curando as consumpções e enfermidades que encontrava no povo, e expulsando os demônios. Até por tôda a Síria espalhou-se a sua fama. Levaram-lhe à presença todos os que haviam contraído algum mal ou padeciam de enfermidades e dores diversas, e também possessos, lunáticos* e paralíticos. E êle os curava.

Acompanhavam-no multidões procedentes da Galiléia, da Decápole,* de Jerusalém, da Judéia e das terras de além Jordão.

234 — *Pregando o evangelho do reino.* Isto é, ensinando os meios de ganhar o reino dos céus, pois esta era a missão de Jesus.

235 — *Lunáticos.* Assim chamavam aos epiléticos. A periodicidade típica da doença sugerira ao vulgo a idéia de que atuava sobre os enfermos certa influência da Lua.

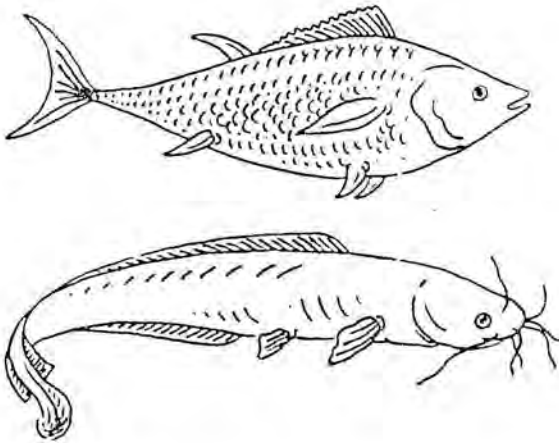
236 — *Decápole.* Confederação de cidades helenizadas, sitas quase tôdas na Transjordânia.

I CH TH Y S

Jésays Christós Theoy yós sater

Jesus Christus Dei filius salvator

Jesus Cristo - de Deus, filho - salvador



No Evangelho, o reino de Deus é comparado a uma rêde, lançada ao mar, que colhe peixes de tôda espécie (S. Mat. XIII, 47). Por êste motivo o peixe foi tomado como símbolo dos cristãos. E São Clemente de Alexandria, de quem procede a informação, explica que a palavra grega "ichthys" (peixe) se compõe das iniciais de outras cinco palavras gregas que significam, em latim, "Jesus Christus, Dei Filius, Salvator".

Na figura, peixes do lago de Genesaré, onde Jesus fez realizar-se o milagre da pesca milagrosa (S. Luc. V, 1-11).

43 — CURA DE UM LEPROSO

(S. Marc. I, 40-45, II, 1; S. Mat. VIII, 2-4; S. Luc. V, 12-16)

Estava Jesus nos arredores de uma cidade,* quando viu um homem coberto de lepra. Aproximando-se de Jesus o leproso,* prostrou-se diante d'êlé, com o rosto em terra. E pôsto de joelhos implorou-o, dizendo: "Senhor, se quiseses, poderás curar-me".

Compadecido, Jesus estendeu a mão, e, tocando-o,* disse: "Quero. Torna-te são".

A estas palavras desapareceu a lepra, o homem ficou limpo.

Logo o despediu Jesus, fazendo-lhe severas recomendações. "Não fales a ninguém sôbre isto* — ordenou-lhe — mas vai mostrar-te ao Príncipe dos sacerdotes e oferece pela tua purificação o sacrificio que Moisés determinou,* para lhes servir de testemunho".*

Entretanto, o homem, mal se havia retirado, pôs-se a contar a que acontecera, propalando assim o milagre.

Como se espalhasse cada vez mais a fama de Jesus, acorriam multidões para ouvi-lo e serem curadas de suas enfermidades, e com tal insistência que lhe tornaram impossível entrar abertamente na cidade. Ele então ficou de fora, em lugares desertos, onde fazia oração. Mas de tóda parte vinha gente procurá-lo. E vendo-se Jesus oprimido pelas multidões, ordenou aos seus discípulos que passassem com êlé à margem oposta do lago.

237 — *Nos arredores de uma cidade.* Consta no Evangelho de S. Lucas que Jesus "estava numa cidade" quando foi encontrado pelo leproso, o que no entanto não deve ser interpretado literalmente, pois o texto de S. Mateus, (VIII, 5) mais explícito no caso, merece preferência como fundamento para interpretação.

238 — *Aproximando-se d'êlé o leproso.* Por disposição legal, os morféuticos deviam evitar encontrar-se com as pessoas sãs. Não obstante, transgrediam êles por vêzes o preceito da segregação. E não era caso tão raro.

239 — *Tocando-o.* A lei proibia tocar os leprosos, considerados impuros. Mas naturalmente não atingia a Jesus, porque o seu contato fazia desaparecer tódas as impurezas. Em várias ocasiões Jesus Cristo se serviu de meios exteriores na cura milagrosa de enférmos. Alioli faz notar que o Salvador ensinou-nos assim que a santificação interior do homem também se operaria por sinais externos, da graça invisível, ou seja, pelos sacramentos.

240 — *Não fales a ninguém sôbre isto.* Muitas vêzes recomendou Jesus aos doentes, depois de os curar, que guardassem reserva sôbre o fato. Acreditam uns que fôsse para evitar entusiasmos importunos acêrca de sua pessoa (V. nota 199). Pensam outros tratar-se de simples modéstia. Supõe-se também que era intenção de Jesus

não acirrar a inveja e malevolência dos escribas e fariseus, porque poderiam criar sérios embaraços à sua missão. Finalmente toma-se em conta a possibilidade de que o Salvador, de sua parte, humanamente não devia omitir nada que a caridade exigisse, como seja o cuidado de evitar se excitasse mais ainda, sem necessidade, a animadversão dos seus adversários. Isto em vista de que geralmente a sua recomendação de reserva não era atendida; e Jesus, prevendo-o embora, não deixava de fazê-la. Em suma, tanto neste particular como a respeito de outros casos, Jesus sempre pautou os seus atos atendendo às circunstâncias na medida do possível. Devemos convir, porém, em que, passado tanto tempo, já nos é difícil apreciar devidamente essas circunstâncias, razão por que, apesar de tudo, ainda poderá haver nas atitudes de Jesus alguma coisa que não chegemos a compreender perfeitamente.

241 — *O sacrificio que Moisés determinou.* Veja-se o Levítico; XIV, 2-32.

242 — *Para lhes servir de testemunho.* Tratava-se de uma prova da onipotência de Jesus, e, portanto, da sua divina missão.

44 — CURA DO PARALÍTICO DE CAFARNAÚM (S. Luc. V, 17-26; S. Mat. IX, 1-8; S. Marc. II, 2-12)

Um dia, embarcando Jesus, voltou à outra margem do lago, e, decorrido pouco tempo, entrou novamente na sua cidade de Cafarnaúm.*

Correndo a noticia de que êle se achava em casa, acudiu o povo em tal multidão que não cabia nem mesmo no espaço à frente da entrada. E Jesus estava ali dentro, sentado e ensinando. Também ali se achavam sentados diversos fariseus e doutores da lei, vindos de tôdas as aldeias da Galiléia, da Judéa e de Jerusalém.

Em dado momento, sentiu-se Jesus com especial disposição para curar. E eis que quatro homens, conduzindo num leito um paralítico, procuravam introduzi-lo na casa para o colocar diante de Jesus. Mas não achando por onde entrar, devido à grande aglomeração de povo, subiram ao terraço, e, descobrindo-o, fizeram uma abertura, por ela desceram o paralítico* no seu leito, e o puseram diante de Jesus, no meio de todos.

Vendo a fé daqueles homens, disse Jesus ao paralítico: "Tem confiança, filho; os teus pecados te são perdoados".*

Então os escribas e fariseus que ali estavam sentados, começaram a dizer de si para si: "Por que fala assim êste homem? Êle blasfema! Quem pode perdoar os pecados, a não ser sômente Deus?"

Conhecendo logo os seus pensamentos, disse-lhes Jesus: "Por que estais a pensar assim em vossos corações? Que é mais fácil, dizer ao paralítico: — Os teus pecados te são perdoados; ou dizer: — Levanta-te, toma o teu leito e anda?"

Vereis agora que o Filho do Homem tem sôbre a terra o poder de perdoar os pecados”.

E falou ao paralítico: “A ti o digo, levanta-te, toma o teu leito e vai para casa”.

Levantou-se logo o doente à vista dêles, tomou o leito em que estivera deitado, e, dando graças a Deus, na presença de todos dirigiu-se para sua casa, com grande surpresa dos presentes. E ficaram todos pasmados.

Em face do prodígio, as turbas glorificaram a Deus, que tal poder dera aos homens. E penetrados de temor, diziam os presentes: “Vimos, hoje, coisas extraordinárias. Nunca presenciámos nada semelhante”.

243 — *Sua cidade de Cafarnaüm.* Isto é, a cidade em que Jesus habitualmente residia — centro dos seus trabalhos apostólicos.

244 — *Subiram ao telhado, fizeram uma abertura e por ela desceram o paralítico.* Na Palestina, a maior parte das casas têm um pavimento apenas, o rés-do-chão. Os telhados são terraços formados de telhas largas ou lajes, colocadas sôbre vigas e cobertas de argila argamassada com palha ou cana. Sobe-se para os terraços por uma escada geralmente colocada na parte de fora. Para compreender os pormenores da cura do paralítico, basta observar qualquer dos terraços que ainda hoje possuem muitas casas palestínenses, feitos de materiais leves, através dos quais não seria muito difícil fazer uma abertura a fim de passar por ela o catre de um doente.

245 — *Os teus pecados te são perdoados.* Perdoando o paralítico antes de curá-lo, quis Jesus mostrar que muitas vêzes as nossas enfermidades são causadas pelos nossos pecados, como castigos. Mas quis também ensinar que o Filho do Homem viera principalmente para perdoar os pecados, reconciliando o homem com Deus.

45 — MATEUS É CHAMADO

(S. Marc. II, 13-14; S. Mat. IX, 9; S. Luc. V, 27-28)

Tendo-se Jesus encaminhado novamente para o mar, todo o povo foi-lhe ao encontro, e êle instruía as multidões. De passagem, Jesus viu um homem sentado ao telônio,* um publicano de nome Levi,* filho de Alfeu e a quem chamavam Mateus,* e disse-lhe: “Segue-me”.

Abandonando as suas coisas, logo se ergueu Levi e o seguiu.

246 — *Telônio.* Mesa ou lugar onde eram cobrados os impostos.

247 — *Levi, Mateus.* S. Marcos e S. Lucas dão ao publicano Mateus o nome de Levi. E' que êle tinha mais de um nome, como então era costume entre os judeus.

248 — *Segue-me.* Mateus era rico. Ao torná-lo um dos seus Apóstolos, mostrou Jesus que, não obstante as suas preferências pelos pobres, tem eleitos e seguidores em tôdas as classes sociais.

46 — BANQUETE EM CASA DE MATEUS

(S. Luc. V, 29-35; S. Mat. IX, 10-13; S. Marc. II, 15-17)

Em sua casa, Levi ofereceu a Jesus um grande banquete. Ora, estavam sentados à mesa com Jesus e seus discípulos muitos publicanos e outros pecadores,* porque era grande o número dos que o seguiam. Vendo os escribas e os fariseus que êle comia com aquêles homens, murmuravam e diziam aos discípulos de Jesus: "Como podeis comer com publicanos e pecadores? Por que come e bebe o vosso Mestre com essa gente?"

Jesus, que os tinha ouvido, respondeu-lhes: "São os enfermos, não os que têm saúde, que precisam de médico. Ide, pois, e aprendei o que quer dizer: Eu quero a misericórdia e não o sacrificio.* Porque não vim chamar os justos à conversão, mas sim os pecadores".

Mas êles redarguíram: "Por que motivo os teus discípulos comem e bebem com tôda gente, quando os discípulos de João, assim como os dos fariseus, tantas vêzes jejuam e fazem orações?"

Respondeu-lhes Jesus: "Acaso podeis fazer jejuar os convidados às núpcias,* enquanto o espôso está com êles?*" Dias virão, porém, em que o espôso lhes será tirado. Nesses dias, sim, êles jejuarão.*

249 — *Pecadores.* Pecadores são os homens em geral. Entretanto, nesta passagem evangélica o têrmo está empregado no sentido particular que lhe davam os fariseus, applicando-o aos estrangeiros e a todos os que não eram afetadamente rigoristas como êles na observância das prescrições legais do judaísmo. O evangelista emprega o têrmo nesta acepção, justamente porque o episódio que está narrando é motivado pelo fato de Jesus e seus discípulos comerem em companhia daqueles que os fariseus consideravam, à sua maneira, como pecadores.

250 — *Quero a misericórdia e não o sacrificio.* Cita Jesus aqui uma frase de Oséias, (VI, 6) referindo-se aos sacrificios rituais ou holocaustos, e ensinando que Deus prefere as obras de misericórdia às práticas do culto exterior. Convém notar, porém, que as obras de caridade são preferenciais sômente nos casos em que vêm a colidir com os deveres externos da religião, o que no entanto nem sempre acontece.

251 — *Os convidados às núpcias.* Na Vulgata (S. Lucas: V, 34) consta "filios sponsi", isto é, os filhos do espôso. Na tradução latina do texto de S. Marcos, (II, 19) lê-se: "Filií nuptiarum", ou seja, os filhos das núpcias. Trata-se de hebraísmos. Significam amigos e companheiros do espôso.

252 — *Enquanto o espôso está com êles.* A multidão que seguia a Jesus era a Igreja nascente, que João já denominara "Espôsa de

Cristo". Por sua vez, o Salvador também emprega a expressiva imagem, dizendo-se realmente Espôso da Igreja.

253 — *Nesses dias jejuarão.* Efetivamente, assim procederam os Apóstolos. Depois que Jesus subiu aos céus, foi de austera penitência a vida de todos eles, até selarem com o martírio a sua dedicação ao Divino Mestre. Para legislar sobre o jejum, é claro que a Igreja não podia basear-se na interpretação literal das palavras de Jesus nesta passagem evangélica. Se a questão dependesse da presença visível do Redentor, os Cristãos deveriam jejuar sempre, porque já não a gozam neste mundo. Se dependesse da presença invisível mas real de Jesus, os cristãos nunca precisariam jejuar, porque a têm sempre na Eucaristia.

47 — A QUESTÃO DO JEJUM

(S. Mat. IX, 17; S. Marc. II, 18-22; S. Luc. V, 36-39)

Os discípulos de João e os fariseus costumavam jejuar. Alguns dos primeiros apresentaram-se a Jesus e lhe perguntaram: "Por que razão não jejuam os teus discípulos, ao passo que nós e os fariseus freqüentemente jejuamos?"

Respondeu-lhes Jesus: "Porventura podem estar tristes os amigos do espôso* e porventura devem jejuar os convidados às núpcias, enquanto o espôso está com eles? Não, durante os dias em que têm o espôso consigo, não podem jejuar. Mas tempo virá em que serão privados da companhia do espôso. Então, sim, jejuarão eles".

Fêz-lhes também a seguinte comparação: "Ninguém põe em roupa velha um remendo tomado de roupa nova.* Se o fizer, o pano novo romperá o velho porque levará quanto dêle alcançar, e tornar-se-á maior o rasgão, e com o velho não ficará bem o nôvo. E ninguém guarda vinho nôvo em odres velhos,* pois, do contrário, o vinho rompe os odres, e tanto o vinho como os odres se perderão. O vinho nôvo deve ser pôsto em odres novos. E se conservarão ambos. Nem haverá quem logo depois de beber vinho velho queira beber do nôvo; porque diz: — O velho é melhor".

254 — *Jesus é interpelado por discípulos de João.* Os discípulos de João, não compreendendo que as exortações do Batista a respeito do jejum apenas se destinavam a preparar os espíritos para as pregações de Jesus, haviam recebido como fundamental e obrigatório tudo o que o Precursor dissera. E não foi difícil aos fariseus encontrarem solidariedade entre alguns desses discípulos, que não tinham dado a devida atenção aos testemunhos do Batista a favor de Jesus, e, por vulgar espírito de partido, se mostravam despeitados com a crescente popularidade do novo Mestre.

255 — *Porventura podem estar tristes os amigos do espôso?* No fundo, a resposta de Jesus é a mesma que fôra dada a igual pergunta formulada pelos fariseus no banquete em casa do publicano Levi. Esta repetição naturalmente se explica pelo fato de não haver melhor resposta para tal pergunta. Mas nos Evangelhos se verifica que Jesus

repetia com bastante freqüência palavras suas, observações e ensinamentos. Trata-se de uma particularidade que merece comentário especial. O ensino, entre os judeus, sobretudo de religião, baseava-se principalmente na memorização metódica. Em perguntas e respostas, toda a matéria era constantemente repassada. Assim sendo, é natural que o hábito das repetições se tenha tornado comum naquele povo. E por isto mesmo a freqüência das repetições de Jesus é uma característica resultante de costume regional. Além disto, o auditório de Jesus não era sempre o mesmo; e, variando êle, impunham-se por êste motivo, freqüentes repetições do que já fôra ensinado.

256 — *Remendos de fazenda nova em roupa velha. Vinho novo em odres velhos.* Citando provérbios populares, Jesus mostra a grande diferença que existe entre o espírito da nova lei e o da antiga, e faz ver que certas prescrições antigas não constituem obrigação para os discípulos da lei da graça, e que êstes mesmos discípulos ainda não estão preparados para a prática das penitências muito mais severas que serão estabelecidas na sua Igreja. Em seguida, falando do vinho novo e do vinho velho, explica Jesus a relutância de alguns em abraçar a sua doutrina, e especialmente as desconfianças dos fariseus e dos discípulos de João, pelo apêgo natural que tinham às práticas religiosas em que haviam sido educados.

48 — JESUS PERCORRE CIDADES E ALDEIAS

(S. Mateus, IX, 35-38)

Entretanto, percorria Jesus tôdas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando todos os mal-estares e enfermidades. E olhando para as multidões, compadeceu-se daquela gente, porque estavam todos fatigados e abatidos como ovelhas que não têm pastor.* Disse então aos seus discípulos: "A messe é realmente grande, e os operários são poucos. Rogai, pois, ao senhor da messe que mande operários para a sua seara".

257 — *Como ovelhas sem pastor.* Jesus compadeceu-se principalmente das privações espirituais das multidões que o seguiam, sendo a maior de tôdas o não terem pastores idôneos. Com os maus pastores que tinham, achavam-se em situação pior do que estariam se nenhum tivessem.



VIII — A NOVA LEE

49 — CURA DO PARALÍTICO DE BEZETA
(S. João, V, 1-16)

Depois chegou o dia de uma festa dos judeus,* e Jesus subiu a Jerusalém.

Ora, existe em Jerusalém, junto à porta probática, uma piscina* chamada em hebraico Bezeta e que tem cinco galerias.* Grande número de doentes, cegos, coxos e paralíticos jaziam nas galerias, esperando que se agitasse a água, porque de tempos a tempos um anjo do Senhor descia à piscina, e a água se movimentava, e quem primeiro entrava na água em movimento ficava curado de qualquer enfermidade que tivesse.

Achava-se ali um homem que havia trinta e oito anos estava doente.

Vendo-o prostrado e sabendo-o enfêrmo já de muito tempo, perguntou-lhe Jesus: "Queres ficar são?"*

"Senhor — respondeu o doente — não tenho ninguém que me desça à piscina quando a água se agita. E enquanto eu vou indo para lá, outro entra na água antes de mim".

Disse-lhe Jesus: "Levanta-te, toma o teu leito e anda".

No mesmo instante ficou são o homem, e tomou o seu leito e pôs-se a caminhar.

Mas era sábadado aquêlo dia. Por isto disseram os judeus ao que fôra curado: "Hoje é sábadado, não é lícito carregares o teu leito".

E êle respondeu: "O homem que me curou disse: — Toma o teu leito e anda".

Perguntaram-lhe então: "E quem é que te disse: — Toma o teu leito e anda?"

Mas o enfêrmo que fôra curado não sabia quem era, porque Jesus se havia afastado da multidão que lá estava reunida.

Mais tarde encontrou-o Jesus no Templo e falou-lhe: "Aí estás curado. Não peques mais, para que não te aconteça coisa pior".

Então o homem retirou-se e informou os judeus de que havia sido Jesus quem lhe restituira a saúde. E por

esta razão foi que os judeus moveram perseguição a Jesus, isto é, porque êle praticava tais atos em dia de sábado.

258 — *Uma festa dos judeus.* Não é possível determinar com certeza a que festa se refere o evangelista. Alguns comentadores supõem que tenha sido a Páscoa; outros, porém, são de opinião que se trata de Pentecostes.

259 — *Piscina probática.* A piscina era chamada "probática", isto é, "das ovelhas", por estar situada junto a uma das portas de Jerusalém que tinha essa mesma denominação e pela qual passavam as ovelhas e outros animais destinados aos sacrificios. Talvez também porque os sacerdotes lavassem ali êsses animais.

260 — *Cinco galerias.* Por muito tempo pareceu bastante misteriosa a piscina de Bezeta, em consequência das suas cinco galerias. Não se admitia de bom grado que fôsse pentagonal. Finalmente, um arquiteto francês (Mauss) a encontrou. Tinha ela a forma de um comprido retângulo, cercado de passadiços com colunas. E era dividida ao meio por uma quinta galeria. Êste o segredo que a tantos deixara intrigados.

261 — *Queres ficar são?* E' certo que para isto ali estava o paralítico. Mas Jesus lhe faz a pergunta a fim de chamar a sua atenção para o milagre que ia realizar e porque aquella cura seria uma imagem da regeneração espiritual para a qual sempre deve concorrer a vontade do pecador.

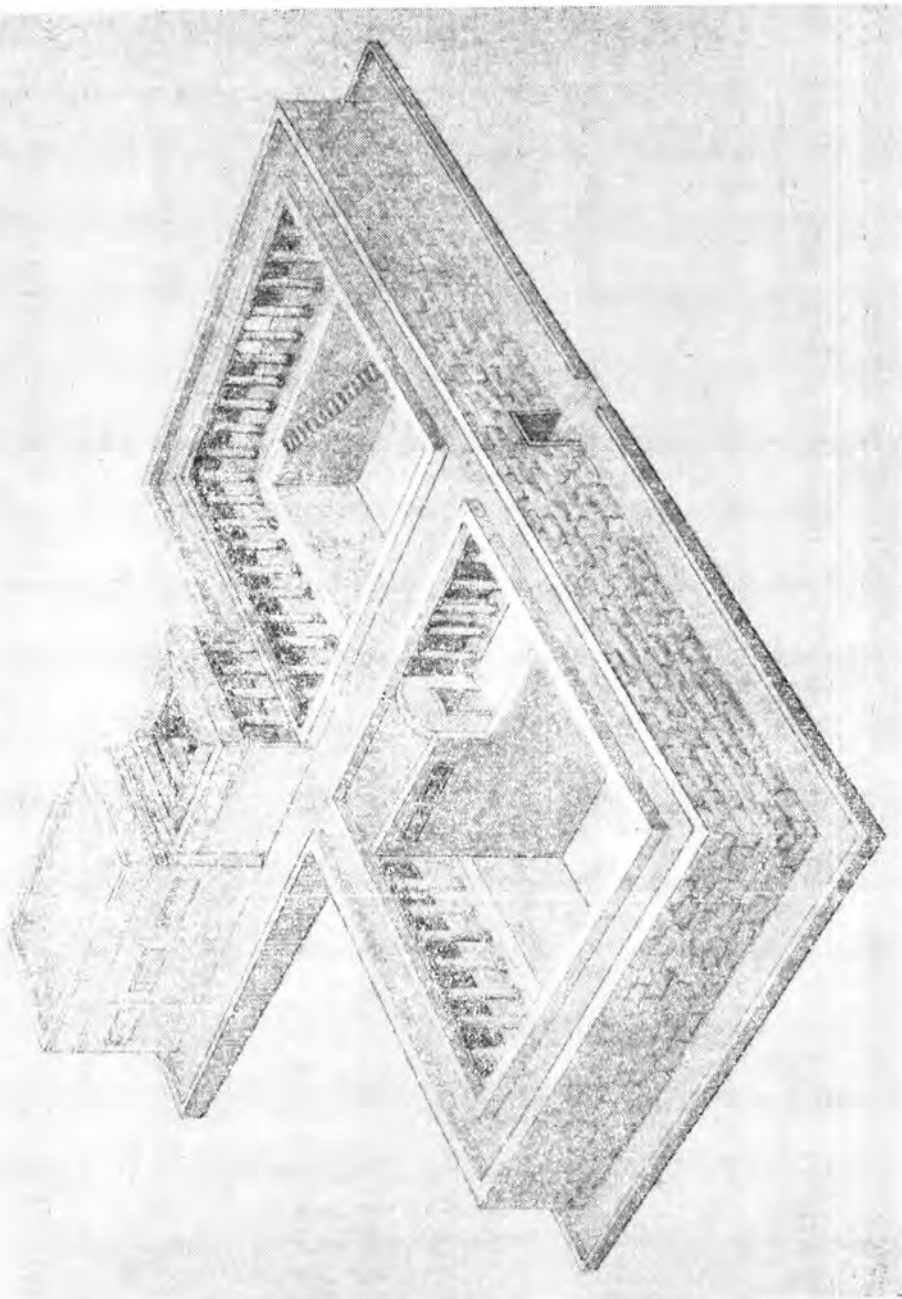
262 — *Hoje é sábado, não é licito carregares o teu leito.* O sábado era e ainda é para os judeus o dia do descanso. A casuística minuciosa dos fariseus proibia as viagens e qualquer trabalho nesse dia. Nem acender fogo era permitido; preparavam-se na véspera os alimentos. Os judeus de que nos fala o evangelista não se interessaram em saber se tinha havido milagre na cura surpreendente do paralítico. Obcecados pelos preconceitos farisaicos, só os preocupou a infração da lei do repouso sabatino. No entanto, em vez de violar o sábado, Jesus justamente o santificara pela caridade do seu ato. (V. nota 250) Vem aqui a propósito outro comentário. Com a morte de Jesus Cristo, crucificado por exigência dos judeus, ficaram derogadas a lei do sábado e as outras cerimônias do povo deicida. E já nos primeiros tempos, a Igreja instituiu o domingo como dia de repouso, porque êste dia ficou consagrado por dois importantes acontecimentos do Cristianismo: a ressurreição de Jesus e a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, no dia de Pentecostes.

50 — JESUS FALA SÔBRE A SUA MISSÃO (S. João, V. 17-17)

Declarou Jesus aos judeus: "Meu Pai está sempre em ação e eu também".

Em consequência disto, ainda com maior empenho procuravam os judeus levá-lo à morte, pois não somente violava o sábado, mas também afirmava que Deus era seu Pai, fazendo-se assim igual a Deus.

Ao que Jesus lhes disse: "Em verdade, em verdade vos digo: nada pode o Filho fazer por si mesmo,* mas somente o que vê fazer o Pai. Tudo o que o Pai faz, fá-lo



PISCINA DE BEZETA — reconstrução

do mesmo modo o Filho. Porque o Pai ama ao Filho e lhe mostra tudo o que faz.* E maiores obras que estas ainda lhe mostrará, até ao ponto de ficardes pasmados. Assim como o Pai faz ressurgirem os mortos e lhes dá vida, também o Filho dá vida a quem lhe apraz.

“Nem o Pai julga a quem quer que seja,* pois confiou ao Filho todo o poder de julgar, para que todos honrem ao Filho assim como honram ao Pai. Quem não honra ao Filho também não honra ao Pai, que o enviou.

“Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna para a vida.

“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora — Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho o e mesmo já chegou — em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus,* e os que a ouvirem viverão. Assim como o ter em si mesmo a vida. Deu-lhe igualmente o poder de julgar, por ser ele o Filho do Homem.

“Não vos cause isto surpresa. Virá a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus. Então, os que tiverem praticado o bem ressurgirão para a vida, e os que tiverem praticado o mal serão ressuscitados para a condenação.

“Nada posso eu fazer por deliberação própria;* quero dizer que julgo segundo o que ouço. E é justo o meu julgamento, porque não procuro a minha vontade, mas sim a daquele que me enviou.

“Se eu desse testemunho de mim mesmo, o que eu dissesse não seria um verdadeiro testemunho.* Outro é quem dá testemunho de mim, e eu sei que o testemunho que de mim dá é verdadeiro.

“Mandastes interrogar a João, e ele deu testemunho da verdade. Digo-vos isto a fim de que sejais salvos, porque não e não está sujeito a condenação, mas sim passou da morte é do homem que recebo testemunho.* João era uma lâmpada ardente e luminosa. Vós, porém, só por algum tempo quisestes aproveitar-lhe a claridade.

“Mas eu conto com testemunho superior ao de João: são as obras que meu Pai me incumbiu de realizar,* e estas mesmas obras que faço provam que o Pai me enviou. E o Pai que me enviou, assim deu testemunho de mim. Nunca lhe ouvistes a voz nem lhe enxergastes a face. E não guardias no íntimo de vós mesmos a sua palavra* porque não credes naquele que foi por ele enviado. Estudais as Escrituras porque julgais encontrar nelas a vida eterna. Pois elas, precisamente, dão testemunho de mim. Mas não quereis vir a mim para ter a vida.

“Não recebo dos homens a minha glória, pois vos conheço e sei que não tendes no coração o amor de Deus. Vim em nome de meu Pai e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis.

“Como podeis ter fé, vós, que vos glorificais uns aos outros* e não procurais a glória que só de Deus provém.

“Não penseis que eu vá acusar-vos perante o Pai.* Acusar-vos Moisés,* em quem tendes pôsto as vossas esperanças. Porque se acreditásseis no que escreveu Moisés, certamente também teríeis fé em mim, pois foi de mim que ele escreveu. Mas se não dais crédito aos seus escritos, como podereis crer nas minhas palavras?”

263 — *Nada pode o Filho fazer por si mesmo*... Com estas palavras inicia-se o chamado “discurso apologético” de Jesus, no qual afirma o Salvador, solene e categoricamente a sua divindade. E prova-a com os testemunhos do Eterno Pai, de João Batista, de Moisés, das Escrituras e com os seus milagres.

“Nada pode o Filho fazer por si mesmo” não significa inferioridade ou falta de poder, e sim, que, tendo o Filho de Deus a mesma natureza divina que o Pai, nada pode fazer isoladamente. Trata-se — bem se vê — das obras divinas, porque as obras divinas e ao mesmo tempo humanas, como por exemplo os seus sofrimentos, não eram próprias do Pai, que não se fez homem, e somente lhe podem ser atribuídas como conformes com a sua vontade.

264 — *O Pai mostra-lhe tudo o que faz*. Jesus Cristo fala aqui particularmente como homem.

265 — *O Pai não julga a ninguém*. Não significa isto que o Pai se abstenha absolutamente de julgar, pois as ações “ad extra” são comuns às três pessoas da Ssma. Trindade. O que por essas palavras se entende é que o Pai não julga a ninguém com personalidade de juiz, não fala aos homens nem os julga como o Filho, na natureza que tomou.

266 — *Os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus*... Refere-se Jesus aos mortos de alma e à ressurreição espiritual.

267 — *Nada posso eu fazer por deliberação própria*. Aqui também (V. nota 264) é o Filho do Homem que fala, sempre humílimo de coração.

268 — *Se eu desse testemunho de mim mesmo, não seria um verdadeiro testemunho*. Correndo também entre os judeus a máxima de que ninguém é boa testemunha em causa própria, Jesus concede-lhes que não lhe dêem fé só pelo que ele diz de si mesmo, e alega o testemunho que através dos seus milagres lhe presta o Eterno Pai.

269 — *Não é do homem que recebo testemunho*. Jesus não despreza as declarações de João Batista a seu respeito. Diz apenas que os testemunhos do Precursor foram inspirados por Deus.

270 — *Testemunho superior ao de João, as obras que meu Pai me incumbiu de realizar*. O século XX, que apesar de ser chamado o século das ciências e das luzes, com frequência tem sido um século

de negações pueris, não esconde a sua profunda aversão à palavra milagre. É um indício revelador semelhante repulsa. Se conseguissem os homens suprimir o milagre, não haveria obrigação de aceitar o fato evangélico. O milagre é a marca de Deus numa vida, numa obra, numa revelação, na religião e na Igreja. Tanta importância dava Jesus à prova do milagre, que depois da última ceia, dirá: "Se eu não tivesse feito entre eles (os judeus) obras tais como ainda ninguém fez, não teriam pecado". Especialmente digno de nota é o fato de que os milagres de Jesus não são negados no Talmude, repositório de doutrinas e preceitos ensinados pelos mais autorizados doutores judeus.

271 — *Não guardais no íntimo a sua palavra.* A palavra divina, que guardam os corações de boa vontade, é o próprio Verbo de Deus, vida eterna das almas. Não crendo em Jesus Cristo, os judeus não guardavam consigo a palavra de Deus.

272 — *Como podeis ter fé, vós, que vos glorificais uns aos outros?...* A fé exige abnegação e humildade. Não poderá tê-la quem se deixa dominar pelo egoísmo e não se dá a Deus com perfeito e filial abandono.

273 — *Não vos acusarei a meu Pai. Acusa-vos Moisés.* Não é necessário que eu vos acuse. Fa-lo-á Moisés, porque me prestou o seu testemunho no que escreveu (v. g. Gênesis: III, 15; XVIII, 18; XLIX, 10; Deuteronômio: XVIII, 15), e não obstante me rejeitais.

51 — AS ESPIGAS APANHADAS EM SÁBADO

(S. Mat. XII, 1-8; S. Marc. II, 23-28; S. Luc. VI, 1-5)

Sucedeu ainda, naquele tempo, que num sábado chamado o segundo-primeiro,* passava o Senhor pelas plantações de trigo com os seus discípulos, e êstes, sentindo fome, adiantaram-se e começaram a colher espigas,* que esbrugavam entre as mãos e comiam.

Vendo isto, disseram-lhe alguns fariseus: "Por que fazeis vós o que não é lícito fazer em dia de sábado?"* E advertiram a Jesus: "Olha! Os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido em sábado".

Respondeu-lhes Jesus: "Não lêstes o que fez Davi* quando êle e os seus companheiros se acharam em necessidade e tiveram fome? Não lêstes como entrou na casa de Deus, no tempo de Abiatar,* Sumo Sacerdote, e tomou os pães de proposição, e comeu e deu aos que o acompanhavam, apesar de que nem a êle nem aos seus companheiros era permitido comê-los, senão somente aos sacerdotes? E não lêstes na Lei que aos sábados os sacerdotes deixam de observar no Templo o descanso do sábado,* e contudo não pecam? Pois digo-vos eu que aqui está quem é mais do que o Templo.

"E se soubésseis o que significam as palavras: *Prefiro a misericórdia ao sacrifício*, jamais condenaríeis inocentes".*

Disse-lhes mais ainda: "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.* E por isto o Filho do Homem também do sábado é senhor".

274 — *Num sábado chamado o segundo-primeiro.* Não se sabe ao certo qual seja o dia que é assim designado pelo evangelista. (S. Lucas: VI, 1) Entretanto, muitos comentadores entendem que se trata do primeiro sábado posterior ao segundo dia de Páscoa.

275 — *Seus discípulos começaram a colher espigas.* Permitia a Lei que os pobres, ao passarem por um campo de trigo, colhessem algumas espigas para comê-las. Também lhes era permitido comer uvas em vinha alheia, não, porém, levá-las consigo. Veja-se Deuteronomio: XXIII, 24-25.

276 — *Por que fazeis o que não é lícito em dia de sábado?* A ação dos discípulos de Jesus não estava incluída na lista das trinta e nove maneiras de trabalhar proibidas aos sábados, conforme constava na "Michna", ou seja, na jurisprudência tradicional dos rabinos. Mas as sutilezas de interpretação dos fariseus criava infrações por conta própria. E, para eles, colher equivalia a ceifar; esbrugar espigas era malhar.

277 — *Nunca lêstes o que fez Davi?...* Refere-se Jesus a um episódio que vem narrado no Livro I dos Reis (capítulos XXI e XXII). Despeitado com a popularidade de Davi, por quem fôra morto o gigante Golias, o rei Saul passou a perseguir o jovem herói. Fugindo do monarca, Davi foi acolhido pelo sacerdote Aquimélec, que, à falta de outro alimento, lhe cedeu os pães da proposição, consagrados a Deus. Aludindo a este exemplo, mostra Jesus que as necessidades da vida têm preferência sobre as conveniências da disciplina religiosa, e que a lei suprema é a da caridade.

278 — *No tempo de Abiatar.* O evangelista (S. Marcos) chama Abiatar o Sumo Sacerdote que socorreu a Davi. No I Livro dos Reis o mesmo sacerdote é chamado Aquimélec. Na famosa obra intitulada "Dicionário da Bíblia", Vigouroux informa que, segundo uns, Abiatar, filho de Aquimélec e também ocupado nos serviços do Templo, substituiu na ocasião seu pai ausente ou enfermo; que outros entendem ter havido no caso um erro de copista; e finalmente que ainda outros pensam tratar-se de personagem com duplo nome.

279 — *Deixam de observar o descanso do sábado e contudo não pecam.* As leis naturais, constantes do Decálogo, não sofrem exceção: obrigam sempre e a todos. As leis positivas, no caso as da Igreja, dadas para completar ou especificar as naturais, não obrigam em ocasião de necessidade. Desrespeitar os pais é sempre um mal; comer carne em sexta-feira santa é mal somente porque a Igreja o proíbe. A blasfêmia é sempre pecado; os trabalhos servis aos domingos, embora condenados pela Igreja, em certos casos são permitidos.

280 — *Quem é mais do que o Templo.* Na Vulgata consta: "Quia templo maior est", quem é maior do que o Templo, significando estas palavras "quem é mais santo do que o Templo". Em face da cegueira dos fariseus, não hesita Jesus em afirmar da maneira frisante a sua divindade.

281 — *Jamais condenaríeis inocentes.* Sendo lícito o trabalho servil em dias de repouso disciplinar, nos casos de necessidade ou por

motivos de ordem superior como o serviço de Deus e a caridade urgente para com o próximo, Jesus faz ver que os seus discípulos não deveriam ser acusados por colherem algumas espigas de trigo a fim de matar a fome depois de se terem ocupado todo o dia em seu serviço, a ponto de não lhes sobrar tempo para se alimentarem.

282 — *O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.* O sábado foi instituído em favor do homem (V. o final da nota 262), para conforto de sua alma, pelos atos religiosos a que é especialmente consagrado esse dia, e para o descanso necessário do corpo. Assim sendo, a lei do repouso semanal deve ser observada de modo que não venham a sofrer nem a alma nem o corpo. Com as suas palavras, Jesus liberta os homens da servidão farisaica à letra da lei, e traça a norma correta para a interpretação da lei positiva.

52 — CURA EM DIA DE SÁBADO

(S. Luc. VI, 6-11; S. Mat. XII, 9-14; S. Marc. III, 1-6)

Tendo partido dali, em outro sábado entrou Jesus numa sinagoga a fim de ensinar. Achava-se na sinagoga um homem que tinha sêca a mão direita. Os escribas e fariseus, que observavam a Jesus para ver se faria curas em dia de sábado, perguntaram-lhe: “E’ licito curar aos sábados?”* E’ que procuravam motivo para o acusar.

Mas Jesus conhecia-lhes os pensamentos, e disse ao homem que tinha a mão sêca: “Levanta-te e põe-te no centro da sala”.

Ergueu-se o homem e postou-se no lugar indicado.

Então interpelou Jesus os escribas e os fariseus: “Eu vos pergunto se é licito praticar o bem ou o mal aos sábados, salvar a vida ou deixá-la perecer. Se alguém de vós possuir uma ovelha e ela cair num fôssco em dia de sábado, porventura não correrá a tirá-la do fôssco? Ora, muito mais vale um homem do que uma ovelha! Por conseguinte, é licito praticar o bem em sábado”.

Eles, entretanto, mantiveram-se calados. Fitou Jesus a todos com revoltado olhar,* porque o afligia a cegueira dos seus corações, e disse ao homem: “Estende a tua mão”.

Estendeu-a êle, e sua mão imediatamente ficou sã como a outra.

Profundamente encoierizados, os escribas e os fariseus confabularam entre si para resolver o que fariam a Jesus. Então os fariseus saíram, e, tendo entrado em entendimento com os herodianos,* deliberaram sôbre o modo de levar Jesus à morte.

283 — *E’ licito curar aos sábados?* Os fariseus insistem na suspensão dos trabalhos em sábado, propondo uma questão particularmente delicada, para deixar Jesus em situação embaraçosa. Mas o Salvador lhes frustra a intenção, mostrando que curar em sábado é fazer bem.

284 — *Fitou-os com revoltado olhar.* A indignação e a tristeza invadem o coração de Jesus ante a má fé dos fariseus e a dureza de seus corações. Nada o aflige mais do que a falta de bondade. Contudo, mesmo na sua profunda indignação, nunca perde o domínio de si mesmo, e condôe-se dos seus inimigos.

285 — *Em entendimento com os herodianos.* Como o nome indica, os herodianos eram partidários da família e da política de Herodes. Amigos dos romanos, portanto, e odiados pelos fariseus. Mas nem assim se constroem os fariseus de entrar em conlúio com os assessores de Herodes, para uma acção conjunta contra o Salvador. O ódio que os cegava era verdadeiramente mortal.

53 — JESUS SUBTRAI-SE À CÓLERA DOS FARISEUS

(S. Marc. III, 7-12; S. Mat. XII, 15-21)

Tendo Jesus conhecimento do que sucedia, retirou-se daquela localidade* e foi com os seus discípulos para os lados do mar.* Seguiu-o o povo em grande aglomeração, vindo da Galiléia e da Judéa, de Jerusalém, da Iduméia e da outra margem do Jordão. Também dos lados de Tiro e Sidon acorriam grandes turbas, depois de terem ouvido falar nos prodígios que Jesus realizava.

Recomendou então Jesus aos seus discípulos que lhe aprontassem um barco, para evitar que o povo o oprimisse. Porque havia curado muita gente, e em torno d'ele se comprimiam, para tocá-lo, quantos sofriam de alguma enfermidade. E a todos curou Jesus, ordenando-lhes, porém, que não o dissessem a ninguém.

Os espíritos impuros, logo que o avistavam, prostravam-se à sua frente, exclamando em altas vozes: "Tu és o Filho de Deus!" Mas êle os ameaçava severamente, proibindo-lhes que o dessem a conhecer.

Realizava-se assim o que fôra anunciado pelo profeta Isaías: "Este é o meu servo, o servo que escolhi, amado meu, no qual minha alma pôs a sua complacência. Farei descer sobre êle o meu Espírito, e anunciará a justiça a tôdas as nações. Não há de envolver-se em contendas nem falará aos brados, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças públicas.* Não quebrará de todo o caniço fendido nem apagará a mecha ainda fumegante,* até que faça triunfar a justiça." E em seu nome terão esperança os povos".

286 — *Jesus retirou-se da cidade... para os lados do mar.* Jesus só affrontava as reacções e o ódio dos escribas e fariseus quando considerava oportuno. Adaptava-se às circunstâncias, quando lhe parecia lícito. Jamais, porém, o vemos capitular ou mesmo fraquejar ante as maquinações dos seus inimigos. O mar a que alude o evangelista é o lago de Genesaré (V. nota 225).

287 — *Ninguém ouvirá a sua voz nas praças públicas.* Significam estas palavras que Jesus não procederia como os demagogos, que

falam aos gritos nos lugares públicos para conquistar adesões com discursos incendiários.

288 — *Não quebrará de todo o caniço fendido nem apagará a mecha ainda fumegante.* Há pecadores — “caniços fendidos” — que não perderam completamente os sentimentos religiosos. São “mechas ainda fumegantes” que podem ser reanimadas. E Deus não quer a morte do pecador, mas sim que se converta e viva.

289 — *Até que faça triunfar a justiça.* Até o triunfo da justiça divina na Terra, triunfo que começou com a ressurreição de Jesus e culminou na vinda do Espírito Santo, o qual, segundo as próprias palavras de Jesus na última ceia, ao mundo argüiria do pecado, de justiça e do juízo: do pecado, porque não acreditaram nêle, Jesus; de justiça, porque êle seria a glória do céu; e do juízo, porque o príncipe dêste mundo (Satanás) já estava julgado (S. João: XVI, 8-11).

54 — ESCOLHA DOS DOZE APÓSTOLOS

(S. Mat. X, 1-4; S. Marc. III, 13-19; S. Luc. VI, 12-16)

Aconteceu que naqueles dias foi Jesus orar num monte, e ali passou tôda a noite em oração a Deus.

Ao romper do dia chamou para junto de si os seus discípulos, e êles atenderam ao chamado. Dentre todos elegeu doze como companheiros seus e para lhes confiar a missão de pregar. Denominou-os Apóstolos* e deu-lhes poder sobre os espíritos impuros, a fim de que os expulsassem, e também o poder de curar tôdas as enfermidades.

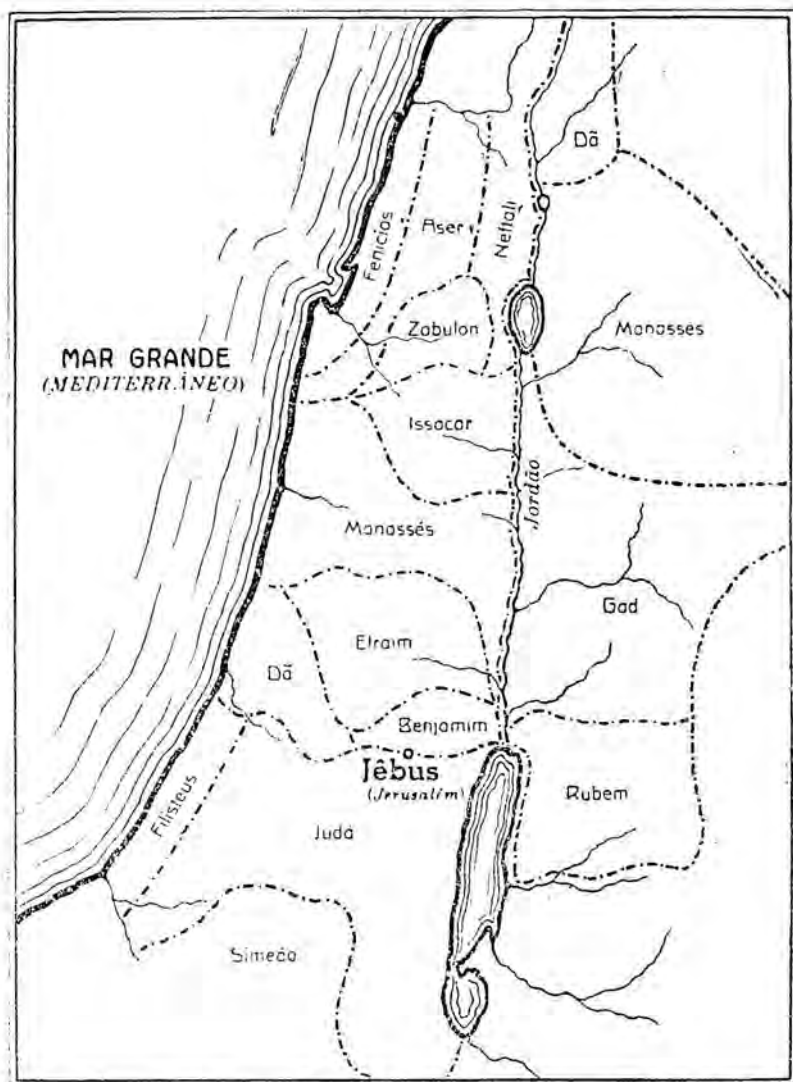
São os seguintes os nomes dos doze Apóstolos: o primeiro, Simão,* a quem deu a alcunha de Pedro; André, irmão dêste; Tiago, filho de Zebedeu* e João, irmão de Tiago, aos quais chamou Boanerges,* o que quer dizer “filhos do trovão”; Filipe e Bartolomeu; Torné e Matheus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, chamado o Cananen,* Zelador, e Judas Iscariotes,* que foi quem o traiu.*

290 — *Denominou-os Apóstolos.* V. nota n, Introdução.

291 — *O primeiro, Simão.* Notam os intérpretes que todos os evangelistas, narrando a escolha dos Apóstolos, dão o primeiro lugar a S. Pedro, já indicando dêste modo a sua futura primazia.

292 — *Tiago, filho de Zebedeu.* Também chamado Tiago Maior, talvez por ser mais velho do que o outro Apóstolo de igual nome. O outro Tiago, filho de Alfeu, é por isto chamado Tiago Menor.

293 — *Boanerges, o que quer dizer “filhos do trovão”.* Deu Jesus esta alcunha a Tiago e João porque conhecia o caráter ardente e impulsivo de ambos. E ninguém os excedeu no amor ao Divino Mestre. Sugere o caso outro comentário. Não faltará quem suponha que Jesus — o Homem das Dores — jamais se permitiu sorrir. Puro engano. “Há sorrisos na vida humana do Cristo” — afirmou Daniel Rops (“Jésus en son Temps”). E Cristiani, na obra “Jésus Christ, Fils de Dieu”: “Parece estarmos a ver o sorriso que Jesus terá esboçado quando deu



A Palestina dividida entre as doze tribos de Israel, que deverão ser julgadas pelos Apóstolos, na ressurreição universal.

este nome (Boanerges) aos impetuosos Tiago e João". Nosso o parêntesis.

294 — *Cananeu*. O cognome de "Cananeu", dado a Simão, significa zeloso, devotado, e não como supõem alguns, natural da cidade de Caná, nem "zelote", como eram chamados certos fariseus que se extremavam em zelo na aplicação da lei judaica até em política.

295 — *Iscariotes*. Homem de Carioth, antiga cidade palestinese. Judas Iscariotes é assim chamado para que não seja confundido com êle o apóstolo Tadeu, que também tinha o nome de Judas.

296 — *Foi quem o traiu*. Na sua onisciência, sabia Jesus que Judas haveria de trai-lo. Como se explica, pois, que também o tivesse escolhido? E por que não o preservou do monstruoso crime que o levaria ao suicídio? Fazendo abstração do que sabia sobre os acontecimentos futuros, Jesus escolheu os doze Apóstolos tomando em conta somente as disposições destes nos primeiros tempos de convivência com êles. Judas recebeu graças extraordinárias, além das suficientes para a salvação. Transviou-se exclusivamente por sua culpa. O livre arbítrio supõe que assim como Deus não nos impede de resistir à graça, também não nos força a cooperar com ela. A traição de Judas foi predita na Escritura por intermédio de Davi (Salmo XL, 10). Mas Jesus não cometeu o seu crime porque êle foi profetizado; a profecia é que foi motivada pela traição, isto é, Davi predisse o crime porque êle haveria de ser cometido. Vejamos um caso de certo modo semelhante, na ordem natural. Suponha o leitor que, todos os dias, em hora certa, vê passar à frente de sua casa um operário que se encaminha para a fábrika onde trabalha. Fido na probabilidade de que o fato se repita, poderá predizê-lo. Mas a sua previsão em nada influirá sobre a vontade do operário. Estas poucas considerações não resolvem inteiramente a questão de que acima se trata. Apenas lançam um pouco de luz sobre alguns dos seus aspetos. A perfeita compreensão dos problemas suscitados pela passagem evangélica constante da epígrafe, excede a capacidade intelectual do homem, porque êles encerram um mistério divino. Não é isto de admirar. Já dizia Pascal que "o último passo da razão é reconhecer que muitas coisas há superiores à razão".

55 — SERMÃO DA MONTANHA

(S. Mat. V, VI, VII, VIII, 1; S. Luc. VI, 17-49, VII, 1)

ESPÍRITO DA LEI EVANGÉLICA

Desceu Jesus com os Apóstolos e deteve-se em uma planície acompanhado dos seus discípulos e de grande aglomeração de povo, que viera de toda a Judéia, de Jerusalém, das regiões marítimas de Tiro e Sidon, para lhe ouvirem a pregação e serem curados de suas enfermidades. Os que eram atormentados pelos espíritos impuros, ficavam livres da obsessão, e toda a multidão procurava tocá-lo porque emanava dêle uma virtude que a todos curava.

Vendo Jesus aquela multidão, subiu a um monte* e sentou-se. Acercaram-se os seus discípulos, e êle, tomando a palavra, entrou a instruí-los,* dizendo:

"Bem-aventurados os pobres em espírito,* por que dêles é o reino dos céus.

"Bem-aventurados os pacientes, porque possuirão a terra.*

"Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

"Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

"Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus.

"Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.*

"Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque dêles é o reino dos céus.

"Bem-aventurados sereis quando por minha causa os homens vos injuriarem, perseguirem e caluniosamente disserem de vós tudo quanto há de mal.

"Alegrai-vos, exultai, pois grande é a recompensa que vos está reservada no céu. Assim perseguiram os profetas que viveram antes de vós.

"O discípulo não é mais do que o Mestre; perfeito será todo aquêle que fôr como o seu Mestre.

"Mas ai de vós que sois ricos,* porque tendes a vossa consolação!

"Ai de vós que estais fartos,* porque tereis fome!

"Ai de vós que agora rides,* porque haveis de gemer e chorar!

"Ai de vós quando vos louvarem os homens,* porque isto mesmo faziam seus pais aos falsos profetas!

"Vós sois o sal da Terra.* Se o sal perde a sua virtude, com que poderá ser salgado? Fica sem préstimo algum, é jogado fora e calcado aos pés pelos homens.

"Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada no alto de um monte. Nem se acende luz para a colocar debaixo de um alqueire,* e sim sôbre um candelabro, a fim de que dê claridade a todos os que estão em casa. Assim briihe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras* e glorifiquem vosso Pai que está nos céus.

OS MANDAMENTOS NA ANTIGA E NA NOVA LEI

"Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas.* Não vim para revogar a Lei, mas sim para lhe dar cumprimento. Porque em verdade vos digo: enquanto durarem o

céu e a Terra, nem a menor letra nem sequer um sinal desaparecerá da Lei,* sem que tudo se cumpra. Por isto, quem violar algum dos preceitos mínimos,* e assim ensinar os homens, será julgado ínfimo no reino dos céus; e quem os guardar e ensinar, no reino dos céus será considerado grande. Digo-vos eu que se a vossa justiça não fôr superior à dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.

“Tendes conhecimento do que foi dito aos antigos, isto é: — Não matarás; quem matar será condenado pelo Juízo.* Eu, porém, vos digo que deverá ser condenado pelo Juízo todo aquêlê que se encolerizar contra seu irmão.* Quem chamar a seu irmão de “imbecil” deverá ser condenado pelo Conselho; e quem o tachar de “louco” merecerá a condenação ao fogo da Geena.*

“Por conseguinte, se no momento de apresentardes a vossa oferenda diante do altar vos acudir à lembrança que vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, deixai ao pé do altar o que tiverdes levado e ide reconciliar-vos primeiro com vosso irmão. Depois voltareis para apresentar a vossa oferenda.

“Se vos indispusestes com alguém,* não retardeis a reconciliação, mas aproveitai para isto o tempo durante o qual estais em caminho com o vosso desafeto, para que não aconteça que êle vos entregue ao juiz, que o juiz vos entregue ao executor de justiça e afinal sejais levado à prisão. Porque em verdade vos digo que de lá não saireis até que tiverdes pago o último óbolo.*

“Tendes ouvido que foi imposto aos antigos o preceito de não cometerem adultério. Mas eu vos digo: todo aquêlê que olhar para uma mulher, cobiçando-a, em seu coração já cometeu adultério com ela.

“Se o vosso olho direito fôr causa de pecardes, arrancai-o* e jogai-o fora, porque é melhor para vós perder-se um dos vossos órgãos do que ser todo o vosso corpo precipitado no inferno. E se vos levar ao pecado a vossa mão direita, cortai-a* e jogai-a longe de vós, porque mais vale perder-se um dos vossos membros do que ir para o inferno o vosso corpo todo.

“Também foi dito: — Dê carta de repúdio a sua mulher todo aquêlê que dela se separar. Mas eu vos digo que todo aquêlê que repudia sua mulher, a não ser por causa de mancebia, fá-la tornar-se adúltera;* e que comete adultério quem se unir com a repudiada.

“Ouvistes ainda que foi dito aos antigos: — Não cometerás perjúrio; cumprirás os juramentos que tiveres feito ao Senhor. Eu, porém, vos digo que não jureis de modo algum,* nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela

Terra, porque é o escabêlo de seu pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei. Não deveis jurar nem pela vossa cabeça, porque não podeis tornar branco ou negro um só dos vossos cabelos. Portanto, limitai-vos a dizer simplesmente "sim" ou "não", pois o que passa disto provém do mal.

"Tendes ouvido que foi dito: — Ôlho por ôlho,* dente por dente. Mas eu vos digo que não revideis aos maus. Ao contrário, se alguém vos bater na face direita, oferecei-lhe também a esquerda.* Se alguém pretender chamar-vos a juizo para vos tirar a túnica, cedei-lhe também o manto.* Se alguém vos forçar a acompanhá-lo em mil passos, acompanhai-o em mais dois mil.* Dai a quem vos pede, e não volteis as costas a quem deseja que lhe empresteis alguma coisa.

"Fazei aos outros o que quereis que eles vos façam. Não condeneis e não sereis condenados. Perdoai e sereis perdoados. Dai e vos será dado. No seio vos será lançada uma boa medida,* de conteúdo comprimido e transbordante, porque com a mesma medida de que vos servirdes para medir, sereis vós também medidos.

"Ouvistes que foi dito: — Amarás o teu próximo e detestarás o teu inimigo.* Eu, entretanto, vos digo: amai os vossos inimigos, fazei o bem a quem vos odeia, e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus e faz nascer o seu Sol para os bons e para os maus e faz cair a chuva sôbre justos e injustos. Porque se amais sômente os que vos amam, que recompensa mereceis? Não fazem o mesmo os publicanos?

"Se apenas fizerdes o bem aos que o fazem a vós, onde está o vosso mérito? Os pecadores também não procedem assim? E se emprestais sômente àqueles de quem esperais receber alguma coisa, que recompensa mereceis? Também os pecadores emprestam uns aos outros para receberem outro tanto. E se saudais apenas os vossos amigos,* que fazeis a mais do que os outros? Os pagãos também não procedem assim?

"Antes amai os vossos inimigos, praticai o bem e emprestai sem esperar retribuição. Então será grande a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que também é bom para os ingratos e os maus.

"Por conseguinte, sede misericordiosos assim como é misericordioso vosso Pai. Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celeste".*

COMO PRATICAR AS BOAS OBRAS

“Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens com a intenção de serdes vistos por eles,* pois, do contrário, não sereis recompensados por vosso Pai que está nos céus. Assim, quando derdes esmola, não vos ponhais a apregoá-lo como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiados pelos outros. Em verdade vos digo que êsses já receberam a sua recompensa. Quando, pois, derdes esmolas, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a direita,* para que a esmola fique em segredo. E vosso Pai que vê o que é oculto, não deixará de vos recompensar.

“Também quando fizerdes as vossas orações, não procedais como os hipócritas que gostam de orar em pé* nas sinagogas e nas esquinas das praças a fim de serem vistos pelos outros. Em verdade vos digo que êsses já receberam a sua paga. Portanto, para fazer oração, entrai em vosso quarto,* fechai a porta e orai a vosso Pai em particular. E vosso Pai, que vê o que se faz às ocultas, não vos deixará sem recompensa.

“Não useis de muitas palavras em vossas orações,* como fazem os pagãos, que esperam ser atendidos por falarem muito. Não os imiteis, porque bem sabe vosso Pai o que vos é necessário,* antes mesmo de o pedirdes. Deveis orar assim: Pai nosso que estais no céu,* santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino.* Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje.* Perdoai-nos as nossas dívidas* assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.*

“Se perdoardes aos homens as ofensas que vos fizerem, também vosso Pai celestial perdoará os vossos pecados; mas se não perdoardes aos homens, vosso Pai também não perdoará os pecados que tiverdes cometido.

E quando jejuardes, não vos mostreis melancólicos como os hipócritas que desfiguram o rosto para mostrar que jejuam. Em verdade vos digo que êles já receberam a sua recompensa. Portanto, quando jejuardes, ungi a cabeça e lavai o rosto, para que os outros não notem que estais jejuando, mas somente vosso Pai, presente ao que há de mais secreto. E vosso Pai que vê o que se passa às ocultas, não deixará de vos recompensar.

ESPERANÇA, CARIDADE E FE'

I — “Não queirais acumular tesouros na terra, onde êles são destruídos pelas traças e a ferrugem, ou vêm a

ser descobertos e roubados pelos ladrões. Acumulai tesouros para vós no céu, onde não os destroem as traças e a ferrugem, nem os descobrem e roubam os ladrões. Lembrai-vos: onde estiver o vosso tesouro, aí também estará o vosso coração.

“Os olhos são a luz do vosso corpo. Enquanto êles se conservarem bons, estará em luz o vosso corpo todo. Mas se os vossos olhos se tornarem maus, todo o vosso corpo ficará em trevas. E quando até a luz se fizer trevas em vós, o que não serão as próprias trevas?

“Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou virá a detestar um e amar o outro, ou há de afeiçoar-se ao primeiro e ao outro desprezará. Não podeis servir a Deus e à riqueza.*

“Por conseguinte vos digo: não vos dê cuidado a vossa vida e com que a mantereis, nem o vosso corpo e com que podereis vesti-lo. Não vale mais a vida que o alimento e não vale mais o corpo do que a roupa?

“Olhai as aves do céu. Não semeiam, não ceifam, e vosso Pai celeste as alimenta. Acaso não valeis muito mais do que elas? E qual de vós, por mais que faça, poderá aumentar, em pouco que seja, a sua idade?* E se nem o que é insignificante podeis fazer, por que vos preocupais com as outras coisas?

“E quanto ao que haveis de vestir, por que vos inquietais? Olhai os lírios do campo como crescem. Não trabalham nem fiam. No entanto, digo-vos eu, nem Salomão, com toda a sua magnificência, jamais se vestiu como um dêles. E se Deus cobre de galas uma planta do campo que hoje existe e amanhã será lançada ao forno, maior cuidado terá de vós, homens de pouca fé.

“Não vos inquieteis, pois, fazendo perguntas como estas: Que teremos para comer? que beberemos? com que nos havemos de vestir? Aos pagãos é que preocupam estas coisas. E vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas.

“Procurai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça, que o mais vos será dado por acréscimo. Portanto, não vos preocupeis com o dia de amanhã.* De si mesmo êle cuidará.* A cada dia bastam os seus cuidados.

II — “Não vos arvoreis em juizes* a fim de que não sejais julgados. Porque do mesmo modo como julgardes os outros, julgados sereis também. E sereis medidos com a mesma medida com que houverdes medido os outros.

“Por que notais o argueiro no olho de vosso irmão e não vêdes a trave nos próprios olhos? Ou por outra, como dizeis a vosso irmão: — Deixa-me tirar-te o argueiro do olho

— quando tendes uma trave no vosso. Hipócritas! Tirai primeiramente a trave dos vossos olhos e então vereis bastante para tirar o argueiro do olho de vosso irmão.

“Não deis as coisas santas aos cães nem atireis aos porcos as vossas pérolas,* para que não suceda que eles as calcem aos pés, e, voltando-se contra vós, acabem por vos despedaçar.

“Pedi e vos será dado, procurai e achareis, batei e abri-vos-á.* Haverá entre vós quem dê a seu filho uma pedra, quando ele lhe pede um pão? Ou quem lhe dê uma serpente, quando ele pede um peixe? Se, pois, vós, que sois maus,* sabeis dar boas coisas a vossos filhos, tanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará o que é bom aos que lho pedirem.

“Fazei aos outros tudo o que quereis que vos façam, pois nisto é que consistem a Lei e os Profetas”.

III — “Entrai pela porta estreita,* porque larga é a porta do espaçoso caminho que conduz à perdição. E são muitos os que por ela entram. Quão estreita é a porta do apertado caminho que conduz à vida, e como são poucos os que a encontram!*

“Guardai-vos dos falsos profetas que a vós se apresentam vestidos com pele de ovelha, mas que no íntimo são lobos rapaces. Pelos frutos de suas obras os conhecereis. Porventura se colhem uvas dos espinhos ou figos dos abro-lhos? Tôda árvore boa produz bons frutos, e tôda árvore má produz maus frutos. Não pode a árvore boa produzir maus frutos nem a árvore má pode produzir frutos bons. E tôda árvore que não produzir bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos frutos de suas obras conhecereis os falsos profetas”.

Propôs-lhes Jesus também esta comparação: “Porventura pode um cego conduzir outro cego? Não cairão ambos barranco abaixo? O discípulo não é mais que o mestre. Mas será perfeito todo aquêle que fôr como o seu mestre. O homem bom tira o bem do bom tesouro do seu coração, ao passo que o homem mau do mau tesouro tira o mal. Porque a bôca fala do que está repleto o coração.

“Nem todos os que me dizem: — *Senhor! Senhor!*, entrarão no reino dos céus. Entrarão, sim no reino dos céus aquêles que fazem a vontade de meu Pai, que nos céus está. Porque, pois, me chamais vós — *Senhor! Senhor!* — se não fazeis o que vos recomendo?

“No último dia, muitos me dirão: — *Senhor, Senhor,* não profetizamos nós em teu nome,* e em teu nome não expulsamos demônios dos possessores e não fizemos tantos milagres?* Mas eu lhes responderei em voz alta: — Ja-

mais vos conheci.* Afastai-vos de mim, vós, que cometeis iniquidades.

"Eu vos mostrarei agora com quem se pode comparar aquêles que vem a mim, e ouve as minhas palavras e as põe em prática. Esse poderá ser comparado a um homem sensato que edificou sôbre rocha a sua casa. E veio a chuva e transbordaram os rios e sopraram os vendavais, investindo contra a casa, e ela não caiu, porque estava assentada sôbre rocha.

"E quem ouve as minhas palavras e não as observa, pode ser comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sôbre areia. E veio a chuva e transbordaram os rios e sopraram os vendavais, investindo contra a casa, e ela desabou e foi grande a sua ruína".

Quando Jesus terminou esta prédica, mostrou-se o povo cheio de admiração pela sua doutrina, porque êle ensinava como quem possui autoridade, e não como os escribas e os fariseus.

Depois de ter assim falado ao povo atento, Jesus desceu do monte, e, seguido pela multidão, entrou em Cafarnaúm.

ESPÍRITO DA LEI EVANGÉLICA

297 — *Subiu a um monte.* Segundo opinião tradicional, o sermão foi proferido na elevação atualmente conhecida por "Monte das Bem-aventuranças", entre o Tabor e a cidade de Cafarnaúm, numa esplanada que existe na encosta a sudoeste, lugar preferido por Jesus para falar às multidões que o procuravam.

298 — *Entrou a instruí-los.* Depois da eleição dos Apóstolos, Jesus entra a iniciar os discípulos no seu pensamento, ao mesmo tempo que faz ao povo uma fundamental exposição da moral cristã. E' o Sermão da Montanha, a promulgação da Nova Lei, essencialmente a lei da caridade. Encontram-se nêle muitos dos mais belos e mais tocantes ensinamentos que já foram ministrados ao homem. Dois evangelistas, S. Mateus e S. Lucas, reproduzem a prédica imortal, mas de modo diverso. O primeiro enumera oito bem-aventuranças; o segundo, quatro sômente, acrescentando-lhes porém, algumas apóstrofes, que não se encontram em S. Mateus. A êste respeito faz notar Santo Ambrósio que nas bem-aventuranças mencionadas por S. Lucas estão resumidas as oito dadas por S. Mateus, e que nas bem-aventuranças enumeradas por êste evangelista estão explanadas as quatro do texto de S. Lucas. S. Mateus é mais explícito por se ter empenhado em salientar o caráter transcendental da mensagem de Jesus; S. Lucas, escrevendo para gentios convertidos, atêm-se ao essencial da prédica, isto é, à doutrina da caridade. Daí as diferenças a que acima se alude, e que, como se viu, nunca chegam até a oposição. Muitos são de opinião que o sermão, como o pronunciou Jesus, foi mais extenso, e que S. Lucas e S. Mateus só o reproduziram nas partes que melhor respondiam aos seus objetivos diversos. Além disto, acredita-se que, posteriormente, Jesus terá tornado a falar sôbre alguns pontos de sua prédica fundamental, repetindo comparações e sentenças, a exemplo dos mestres de todos os tempos e de qualquer matéria.

299 — *Pobres em espírito.* As palavras da Vulgata "pauperes spiritu" não aludem às pessoas destituídas de inteligência, aos insensatos, aos débeis mentais, mas se referem àqueles que não têm apêgo aos bens deste mundo, e que se conservam humildes tanto na pobreza como na prosperidade.

300 — *Possuirão a terra.* Possuirão a terra da bem-aventurança, isto é, o céu, que no Antigo Testamento é chamado terra dos vivos, "Terra viventium" (Salmo XXVI, 13).

301 — *Filhos de Deus.* Aquêles que se mostrarem animados do espírito cristão de paz, merecerão de modo particular a denominação de filhos de Deus, pois, compreendendo a Jesus Cristo, de certo modo continuarão a sua missão de Príncipe da Paz, como lhe chamou o profeta (Isaias: IX, 6).

302 — *Ai de vós que sois ricos.* Refere-se Jesus apenas aos maus ricos, idólatras dos tesouros materiais. A riqueza é um dom de Deus; o mal está unicamente no apêgo excessivo aos bens do mundo. Fazendo de Mateus, que era rico, um dos seus Apóstolos, mostrou Jesus que, apesar de sua preferência pelos pobres, também tem eleitos nas outras classes da sociedade.

303 — *Ai de vós que estais fartos.* Alude aqui Jesus aos que tudo fazem por galgar posições eminentes, sem se preocuparem com os seus deveres para com o Criador.

304 — *Ai de vós que agora rides.* Alusão os que se engolfam nos prazeres do mundo, vivendo completamente esquecidos de Deus.

305 — *Ai de vós quando vos louvarem os homens.* E' dirigida esta apóstrofe aos que apreciam a lisonja, só procurando agradar o mundo, a fim de lhe conquistar os aplausos, que sempre são reservados aos que servem às paixões.

306 — *Vós sois o sal da Terra.* Como o sal que serve para dar sabor aos alimentos e preservá-los da deterioração, os Apóstolos e os seus sucessores deverão incutir em todos o gôsto da religião, e preservar ou salvar os homens da corrupção resultante do pecado.

307 — *Não se acende luz para a colocar debaixo de um alqueire.* Brille a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas obras. Os Apóstolos são considerados "luz do mundo" em virtude da sua participação no ministério de Jesus, que, êle sim, era a luz do mundo propriamente dita. Cumpria assim aos Apóstolos iluminar os povos e empenhar-se em regenerá-los, tanto pela doutrina de Cristo como pelo exemplo. Mas deviam ter em mira a glória de Deus e a salvação das almas, não praticando suas boas obras por ostentação, é claro, e sim dando-lhes só a publicidade necessária para a edificação e estímulo dos fiéis.

OS MANDAMENTOS NA ANTIGA E NA NOVA LEI

308 — *Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas.* Nada foi revogado do que havia de essencial e definitivo na legislação do Antigo Testamento e nos ensinamentos dos profetas. Jesus Cristo ampliou a antiga lei, isto sim, e, rejeitando falsas interpretações dos escribas, aperfeiçoou-a, sobretudo no que diz respeito à caridade. A pena de talião — "ôlho por ôlho, dente por dente" — estabelecida entre os judeus para reprimir as violências dos que faziam justiça pelas próprias mãos,

admissível numa época em que certos excessos dos judeus eram tolerados por causa da dureza de seus corações (V. S. Mateus: XIX, 7-8), foi substituída pelo perdão das injúrias. Foram abolidas prescrições cerimoniais que não eram senão prefigurações do novo culto de Deus. O Decálogo, porém, fundamento da legislação mosaica, constitui também a base do Evangelho.

309 — *Nem a menor letra nem sequer um sinal.* No texto em latim encontram-se as expressões "iota" e "apex". A letra "iota" é grega, e sem dúvida foi mencionada por quem verteu para o grego o Evangelho de S. Mateus. No original aramaico certamente estava "iod", que é a menor letra do alfabeto hebraico quadrado, já então em uso, substituindo o mais antigo, de caracteres semelhantes aos fenícios. "Apex" (ápice) é um sinal produzido por pequena inflexão de pena, com o qual se distinguem as letras D e R do alfabeto hebraico. Quando disse que nem a menor letra nem sequer um sinal desaparecia da Lei sem que tudo se cumprisse, Jesus Cristo quis fazer compreender que os preceitos divinos ainda deveriam ser cumpridos em tudo, não tanto conforme a letra, que não precisava ser alterada, mas principalmente segundo o seu espírito.

310 — *Preceitos mínimos.* Refere-se Jesus às normas de perfeição que não obrigam como os mandamentos propriamente ditos, e declara que será maior no céu a glória dos que as tiverem recomendado e pôsto em prática.

311 — *Juízo.* Tinham os judeus três tribunais: um de três juizes ("Casa dos Três"), para os delitos menores; o "Pequeno Sanedrim", para causas mais graves; o "Grande Sanedrim", para crimes de suma importância, como os de lesa-majestade. A palavra "sanedrim" (diz-se também sinedrim, sanédrio e sinédrio) é corruptela do grego "sunedrion", que significa "assembléia ou tribunal". Na Vulgata, o Pequeno Sanedrim é chamado simplesmente de Juízo, e o Grande Sanedrim, de Conselho. Mas as palavras Juízo e Conselho constantes do trecho que aqui se comenta, não devem ser tomadas na sua acepção literal. O verdadeiro sentido do versículo é que a uma falta leve contra a caridade corresponderá punição também leve, e que para as faltas graves haverá penas mais severas.

312 — *Todo aquêle que se encolerizar, etc.* A antiga lei condenava somente o homicídio; a lei evangélica, porém, vai até o pensamento, donde o homicídio procede. Nota-se, ainda, a diversa gravidade de que se podem revestir os pecados contra o próximo, como Jesus mostrou. O simples movimento de cólera deveria ser tomado com pecado menos grave do que injuriar alguém, chamando-lhe, por exemplo, "raca" (assim está na Vulgata), o que significa, segundo uns, cabeça ôca ou insensato, e segundos outros, vil ou desprezível. Mais grave pecado ainda seria chamar alguém de louco, isto é, ímpio ou ateu, sentido especial que davam os judeus à palavra correspondente em hebraico.

313 — *Geena.* O "Ge-Hinnon", o vale de Hinnon, a sudoeste de Jerusalém, onde eram queimados os corpos dos réus condenados à morte. Para os judeus, um símbolo do inferno.

314 — *Se vos indispuestes com alguém...* Como o trecho que assim começa é o que foi mais livremente traduzido nesta Sinopse, vai aqui a sua tradução pelo Pe. Matos Soares: "Acomoda-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás em caminho com êle,

para que não suceda que (êsse) adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro, e sejas pôsto na prisão".

315 — *De lá não saireis até que tiverdes pago o último óbolo.* No texto original menciona-se "quadrante" que era a menor moeda de cobre dos romanos. Equivalia à quarta parte do asse, provindo daí o seu nome. Nesta Sinopse, traduziu-se "quadrante" por "óbolo" (também pequena moeda da época), porque êste vocábulo, além de ser mais conhecido, é muitas vêzes empregado para designar quantia insignificante. — Não será admitido na eterna bem-aventurança quem não estiver purificado de tôda culpa; mas não será condenado por tôda a eternidade quem só tiver culpas leves. E é no purgatório que as almas se purificam dos pecados veniais, sofrendo as penas temporárias de que não se remiram nesta vida. As palavras de Jesus que servem de epígrafe ao presente comentário, constituem uma das provas da existência dêsse lugar de expiação.

316 — *Arrancaí vosso ôlho direito... cortai vossa mão direita.* Estas expressões não devem ser tomadas ao pé da letra. Entende-se por elas que nos cumpre evitar a todo transe as ocasiões de pecado, como por exemplo certas relações que nos são tão preciosas como o nosso ôlho direito e a nossa mão direita. A hipérbole é comum na linguagem oriental. Faltando-lhe essas exagerações (se fôsse submetida às normas ocidentais de comedimento) certamente pareceria menos característica, se não mesmo insôssa. Locuções há que um conterrâneo de Jesus entendia naturalmente na sua aceção exata, e que, no entanto, tomadas ao pé da letra, podem ser entendidas em sentido que ultrapassa a verdadeira intenção de Jesus. As morais cômodas não se enquadram no Cristianismo verdadeiro. Mas daí não se segue que devamos extremar inconsideradamente os nossos rigores de consciência. Não houve Apóstolo que se tenha mutilado para evitar tentações ou o pecado. Fê-lo Origenes, incorrendo, porém, em reprovação categórica da Igreja.

317 — *A não ser por causa de mancebia.* A lei hebraica permitia o divórcio "a vinculo". Interpelado pelos farisesu a êste respeito, respondeu Jesus: "Por causa da dureza de vossos corações foi que Moisés permitiu que repudiásseis vossas mulheres. No princípio, porém, não era assim". Ora, Jesus veio aperfeiçoar a Lei. E por isto declara em seguida: "Eu, porém, vos digo: Quem repudiar sua mulher — a não ser por causa de prostituição — e casar com outra, comete adultério, e comete adultério quem casar com a repudiada". Êste versículo está aqui reproduzido numa das suas traduções clássicas. Os que interpretam o livro sagrado segundo o seu espirito e pelo contexto, como a razão impõe, sempre viram nas citadas palavras uma solemne declaração da indissolubilidade do matrimônio, claramente confirmada no Evangelho de S. Marcos (X, 11-12) e também no de S. Lucas (XVI, 18). — Acresce que a indissolubilidade do matrimônio é fato incontestavelmente integrado na tradição cristã, que, numa questão de suma importância como esta, não pode deixar de ser tomada em conta. A simples separação dos corpos sempre foi admitida pela Igreja; mas nunca o rompimento do vínculo matrimonial. Entretanto, partidários do divórcio têm invocado, para justificá-lo, a exceção apresentada por Jesus no versículo acima reproduzido: "a não ser por causa de prostituição". Pretende-se que neste caso especial Jesus autorizava o divórcio "a vinculo", tão combatido, em qualquer caso, pela Igreja Católica. A "Vulgata", em S. Mateus — V, 32 e XIX, 9 — dá a mencionada exceção nestes termos: "excepta fornicationis" e "nisi ob fornicationem". Em versões dos Evangelhos para o português,

a palavra "fornicatio" encontra-se traduzida literalmente, e ainda por prostituição, adultério ou infidelidade, sendo os dois últimos vocábulos os menos próprios, como se verá. A Sagrada Escritura sempre a traz com o seu mais adequado sentido, manifestamente pejorativo, também não designando apenas um ato isolado. E na passagem que agora nos interessa "fornicatio" é a tradução da palavra grega "porneia". Como se sabe, S. Mateus escreveu em aramaico, hebreu popular do seu tempo, o primeiro Evangelho, único onde se encontram as restrições "excepta fornicationis" e "nisi ob fornicationem". Perdê-se, porém, o original de S. Mateus. Ficou-nos apenas a sua tradução para o grego, e esta tem servido de base para as traduções subseqüentes. Daí a afirmação de que "fornicatio" é, na Vulgata, a tradução do vocábulo "porneia", constante do mencionado texto grego, na passagem a que acima se faz referência. Ora, "porneia" significa prostituição e é o vocábulo com que se traduz acertadamente a palavra aramaica "zenut", a qual designa, não uma ou outra falta contra a fidelidade conjugal, mas o estado de união ilícita ou matrimônio nulo: concubinato ou mancebia. Um só ato de luxúria sempre é designado em grego pela expressão "moicheia". Assim sendo, a palavra "porneia" existente no Evangelho de S. Mateus (em grego) leva à conclusão de ter sido "zenut" a expressão que empregou Jesus Cristo na passagem evangélica em estudo, expressão a que corresponde na Vulgata, o termo "fornicatio" como já se viu. Finalmente, como "zenut" significa mancebia ou concubinato, a tão discutida passagem de S. Mateus pode ser assim traduzida: "Mas eu vos digo que todo aquêle que repudiar sua mulher — a não ser por causa de mancebia — e casar com outra, comete adultério; e comete adultério quem casar com a repudiada". A exceção "nisi ob fornicationem", que tanta tinta fez correr, fica assim perfeitamente esclarecida. O homem ilicitamente unido com sua mulher, pode abandoná-la e casar com outra. E' evidente que se fôr possível legitimar a união pelo matrimônio, haverá mais esta alternativa, que dependerá, no entanto, de critério e sentimentos pessoais. Só não se admite a continuação do concubinato, civilmente legalizado ou não. Aos que porventura tenham estranhado as palavras "ilicitamente unido com sua mulher" — porque mulher também significa espôsa — lembramos, entre outros exemplos, o dos casais ligados por contrato. Nos nossos dias, a sociedade, geralmente falando, não faz maiores objeções a esses casamentos, e muitos os consideram tão legítimos como outro qualquer. Mas a Religião exige que os cônjuges sejam unidos pelo sacramento do matrimônio, sem o que não considera lícita, perante Deus, qualquer união conjugal.

318 — *Fá-la tornar-se adúltera.* Isto é, deixa a mulher em perigo de se tornar adúltera.

319 — *Não jureis de modo algum.* Jesus condenou apenas o juramento na vida comum, sem motivo imperioso.

320 — *Ólho por ólho...* Em dados casos, a retaliação ou represália exercida pelas autoridades constituídas poderá ser admitida como princípio de justiça. Mas Jesus Cristo exige um procedimento mais nobre. Sem proibir a legítima defesa contra a agressão injusta, quer que nos inclinemos à clemência e ao perdão.

321 — *Se alguém vos bater na face direita, oferecei-lhe também a esquerda.* Não é um preceito que Jesus impõe, é somente um conselho de perfeição, um ensinamento de paciência e mansuetude. Ocasões há em que não só se pode, mas até se deve usar o direito de

legítima defesa. O que Jesus exige dos homens é a disposição interior que exclui o espírito de vingança.

322 — *Se alguém pretender tirar-vos a túnica, cedei-lhe também o manto.* Não proíbe Jesus que se recorra aos tribunais. Ensinava, porém, que afora os casos de necessidade, sempre é mais conforme à caridade cristã prescindir desse recurso, e que aqueles que aspiram à perfeição devem levar ao mais alto grau a sua generosidade e desprendimento.

323 — *Se alguém vos forçar a acompanhá-lo em mil passos, acompanhai-o em mais dois mil.* Os correios públicos tinham a faculdade de exigir de um transeunte que os acompanhasse durante certo trecho do trajeto para lhes ensinar o caminho ou ajudá-los a conduzir a carga que levavam. Jesus alude a esse costume, ensinando que seria um ato de perfeição prestar o serviço requisitado, e fazer ainda mais, se possível, por amor ao próximo.

324 — *No seio vos será lançada uma boa medida.* Na época costumavam chamar "seio" as dobras formadas no peito pela túnica enrolada. Serviam elas freqüentemente como uma espécie de bolsa.

325 — *Detestarás o teu inimigo.* A Lei mandava "amar o amigo" (Levítico: XIX, 18). Os doutores da lei é que lhe tinham acrescentado o preceito de "odiar os inimigos". Porque no Antigo Testamento consta que Deus recomendara severa hostilidade contra os inimigos de Israel, que pretendiam impor ao povo eleito o culto dos ídolos. Mas isto absolutamente não significava a consagração do ódio entre os homens.

326 — *Se saudais apenas os vossos amigos...* Os cumprimentos, no Oriente, são mais complicados e cerimoniosos do que entre nós. Compreende-se que deixemos de saudar as pessoas que absolutamente não querem manter relações conosco. Mas os orientais sabem fazer notar de modo todo particular a abstenção intencional do cumprimento, e então podem tornar-se até acintosos. Daí a observação de Jesus.

327 — *Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celeste.* O que Jesus quer dizer é que o ideal da virtude não está na mera observância da lei escrita, e que devemos tomar por modelo a Deus mesmo. E' certo que nunca chegaremos à perfeição. Contudo, podemos aproximar-nos dela. E com a graça de Deus certamente o conseguiremos.

COMO PRATICAR AS BOAS OBRAS

328 — *Não façais vossas boas obras diante dos homens para serdes vistos por eles.* As boas obras que são de preceito, podem e devem ser praticadas em público, mas sem ostentação. As que apenas são de conselho, como certas mortificações e penitências, devem, ser ocultas, ao menos tanto quanto possível. A humildade é a base das virtudes cristãs. Para bem apreciar a novidade da doutrina que Jesus ensinava, é necessário reparar na especial relevância que tomou, na ascética de Cristo, a virtude da humildade, desconhecida dos antigos moralistas.

329 — *Não saiba a mão esquerda o que faz a direita.* Com estas palavras quis Jesus recomendar que aquele que faz o bem, evitando ser visto pelos outros, nem por isto se deixe tomar de vã complacência ou se julgue digno de louvor.

330 — *Os hipócritas que é gostam de orar em pé.* Os judeus oravam habitualmente de pé. No texto, a expressão "orar em pé" tem praticamente o sentido de fazer orações bem à vista.

331 — *Para fazer oração, entrai no vosso quarto.* Jesus não condena as orações públicas que se fazem nas reuniões dos fiéis; o que ele quer é que se procure um lugar retirado para fazer as orações particulares, rezando-se então com recolhimento, sem afetação nem singularidade.

332 — *Não useis muitas palavras em vossas orações...* Jesus chegou a passar noites inteiras em oração. Não reprova, pois, as orações longas, mas somente as que se prolongam mecânicamente, quase sem atenção e sem nenhuma piedade.

333 — *Bem sabe vosso Pai o que vos é necessário.* Não ensina Jesus que a oração seja inútil. Apenas faz ver que se dirigirmos nossas súplicas a Deus com fé e humildade, jamais deixaremos de ser atendidos por não nos exprimirmos bem ou por termos sido breves.

334 — *Pai Nosso, que estais no céu...* A oração dominical, isto é, a oração do Senhor (do latim "dominus") que começa com as palavras da epígrafe, denominava-se "Padre Nosso". Mas a palavra "padre", com o sentido de "pai", é um arcaísmo há muito caído em desuso, razão por que em 1955 os Srs. Bispos do Brasil determinaram a sua substituição pelo vocábulo correspondente da linguagem habitual. — Jesus ensinou duas vezes a oração dominical. Corroborando esta asserção o fato bastante significativo de que o "Pai Nosso" ensinado mais tarde, no segundo ano da vida pública do Salvador, é apenas um resumo de sua forma no "Sermão da Montanha". — O "Pai Nosso" é oração não somente aconselhada, mas também obrigatória. "E' assim que deveis orar" — disse Jesus. Os fiéis podem adotar outras orações, mas tôdas devem seguir a norma do modelo deixado por Jesus, em que o cristão demonstra o seu interesse pela propagação do reino do céu, pela glória de Deus, pela salvação do próximo e pela sua própria salvação.

335 — *Venha a nós o vosso reino.* Isto é, que se propague o Evangelho, que triunfe a Igreja e que o domínio de Deus se estenda sobre todos os corações desde a vida presente, e depois dela nos reuna para sempre no reino dos céus.

336 — *O pão nosso de cada dia nos dai hoje.* S. Mateus (VI, 11) fala em "pão sobre-substancial" e S. Lucas (XI, 3) em "pão cotidiano". Tratado etimologicamente o caso, chega-se à conclusão de que ambos aludem ao que é "indispensável para a existência". Pedimos aí o necessário para a vida do corpo, mas também podemos entender com isto outros alimentos, roupa, habitação, e o que necessitamos para a vida da alma, isto é, a graça de Deus, e, principalmente a Sagrada Eucaristia, pão do céu.

337 — *Perdoai-nos as nossas dívidas.* E' claro que as palavras "dívidas e devedores" estão aqui empregadas em sentido figurado, significando a primeira os nossos pecados, e referindo-se a segunda àquelles que de qualquer modo nos ofendem.

338 — *Amém.* Antes dêste vocábulo final, que significa "assim seja", os evangelhos dos protestantes trazem, ainda, as palavras: "Porque teu é o reino e o poder e a glória nos séculos dos séculos". E' uma frase extraída de livros litúrgicos da Igreja grega (católica) e que não

procede do texto evangélico. Assim sendo, não pode figurar nos Evangelhos como parte integrante da oração ensinada por Jesus.

339 — *Não podeis servir a Deus e à riqueza.* Jesus condena o servir à riqueza. Não é, pois, condenada aqui a posse das riquezas, mas sim a avareza de quem as sonega ao exercício de caridade, a vaidade dos que as empregam despropositadamente, por espírito de ostentação, e em geral a ambição dos que as cobiçam como se elas fôsem os bens supremos. Nesta passagem da Vulgata, a expressão traduzida por “riqueza” é “mammona”. Este vocábulo de origem siro-caldaica, tinha realmente o sentido com que está aqui traduzido.

ESPERANÇA, CARIDADE E FÉ

340 — *Qual de vós poderá aumentar em pouco que seja a sua idade?* O vocábulo grego “*élikia*”, traduzido na Vulgata por “*statura*”, tanto pode significar “altura do corpo” como “extensão da vida”. O côvado, também mencionado na Vulgata, equivalia a pouco mais de meio metro. Seria, porém, um aumento mínimo o do espaço de tempo comparável a um côvado na existência de alguém. E este é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus aqui comentadas.

341 — *Não vos preocupeis com o dia de amanhã.* Jesus não condena o trabalho e a providência, mas sim a inquietação, por inconciliável com a confiança filial na Providência.

342 — *De si mesmo cuidará o dia de amanhã.* São um provérbio estas palavras, e significam que ainda terá tempo para cuidar de si quem chegar ao dia seguinte.

343 — *Não vos arvoreis em juizes...* Jesus Cristo não tira aos magistrados e superiores o poder de julgar. Refere-se tão somente aos particulares que têm o mau hábito de esquadriñar a vida alheia e censurar os costumes e ações dos outros.

344 — *Não védes a trave nos próprios olhos.* Em nota anterior, já foi esclarecido que a hipérbole, figura de linguagem que aumenta ou diminui exageradamente a verdade das coisas, é da própria índole dos idiomas orientais. E por isto a empregou também Jesus muitas vezes. Nas palavras do Salvador, o “argueiro” significa, figuradamente, uma ligeira imperfeição; e a trave, um defeito considerável.

345 — *Não deis as coisas santas aos cães nem atireis aos porcos as vossas pérolas.* Alude Jesus aqui aos soberbos, que não reconhecem a Deus e escarnecem ou blasfemam das verdades da fé como cães que ladram para o alto; e aos corruptos, que só se ocupam do que lhes proporciona gozos materiais e lhes dá pasto às paixões mais desregradas. Recomenda-nos o Salvador que procuremos saber quem são as pessoas a quem abrimos o tesouro da nossa religião e da nossa vida interior. Sem atraçoar a fé e sem pactuar com os maus, devemos saber adaptar a nossa atitude ao meio em que nos encontramos. A Igreja antiga recomendou a “lei do segredo” em relação ao sacramento da Eucaristia, a fim de evitar profanações que eram de recear por parte dos pagãos.

346 — *Abrir-se-vos-á.* Jesus não disse que receberemos precisamente o que pedirmos, nem que haveremos de encontrar exatamente o que procuramos. Porque em nossa miséria, nem ao menos sabemos pedir o que mais nos convém. Deus sempre nos dá o que é melhor para nós.

347 — *Vós, que sois maus.* Falou Jesus assim porque somos todos pecadores. Tanto é verdade que nem os melhores de nós conseguem viver isentos de toda culpa.

348 — *Entrai pela porta estreita.* Referência, por comparação, a uma porta de cidade. E nas cidades do Oriente, a largura dessas portas geralmente guardava proporção com a das estradas gerais.

349 — *Poucos são os que as encontram.* Não significa isto que o número dos eleitos seja necessariamente pequeno. Disse Jesus serem poucos os que entram pela porta estreita da salvação, porque desejava que fôsem em maior número, ou mesmo todos.

350 — *Não profetizamos em teu nome... e não fizemos tantos milagres?* Ainda que os milagres e as profecias sejam provas de missão divina confiada a quem os faz, nem sempre constituem também provas de santidade e muito menos de que os seus autores sejam salvos. Assim, por exemplo, o traidor Balaão profetizou em nome do Senhor (Números: XXIV) e Judas Iscariotes recebeu como os outros Apóstolos o poder de expulsar demônios e operar milagres (S. Mateus: X, 1).

351 — *Jamais vos conheci:* Significam estas palavras que Jesus não terá reconhecido em tais homens as qualidades pelas quais se identificam os seus servos e ministros.

56 — CURA DO SERVO DE UM CENTURIÃO

(S. Luc. VII, 2-10; S. Mat. VIII, 5-13)

Achava-se em Cafarnaúm, muito doente, o servo de um centurião, que êste muito estimava.

Ouvindo falar em Jesus, que já tinha entrado na cidade, o centurião enviou a êle alguns anciãos dos judeus* para lhe pedirem que fôsse curar o seu servo. “Senhor — mandou êle dizer — tenho em minha casa um servo que está de cama, atacado de paralisia, e que sofre grandes dores”.

Os anciãos foram ter com Jesus e encarecidamente o suplicaram, dizendo: “Bem merece o centurião que lhe faças êste favor, porque quer bem ao nosso povo e até nos edificou uma sinagoga”.

Disse Jesus: “Irei curar-lhe o servo”.

Pôs-se então a caminho com êles, e, quando já estava perto da casa do centurião, mandou-lhe êste dizer por amigos seus: “Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa.* Por isto mesmo também não me julguei com direito de me apresentar a ti. Dize uma só palavra, e ficará curado o meu servo. Porque também eu, embora subordinado a outros, tenho soldados às minhas ordens, e se mando a algum dêles que vá a alguma parte, êle vai; e se mando a outro que venha para onde estou, êle vem; e se ordeno ao meu criado que faça alguma coisa, êle faz”.

Ouvindo isto, Jesus tomou-se de admiração,* e, voltando-se para os que o acompanhavam, disse: “Em verdade vos digo que nem em Israel encontrei tão grande fé.* Declaro-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa,* no reino de Deus, com Abraão, Isaac e Jacó; e os filhos do reino* serão lançados fora, nas trevas,* onde haverá choro e ranger de dentes”.

Então disse ao centurião: “Vai e seja-te feito conforme acreditaste”.

E na mesma hora o servo que adoecera recuperou a saúde. Ao voltarem para casa os que haviam sido enviados a Jesus, já encontraram o doente completamente restabelecido.

352 — *Enviou êle alguns anciãos dos judeus.* Assim se lê no texto de S. Lucas (VII, 3). S. Mateus refere que o centurião foi ao encontro de Jesus. E' que S. Mateus omitiu as circunstâncias, para abreviar a narração, dando como feito pelo centurião o que foi feito por ordem dêste e em seu nome. Entre os Judeus, a administração das cidades e aldeias ficava a cargo de velhos chefes de família. A êsses anciãos refere-se o evangelista.

353 — *Mandou-lhe dizer: “Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que antres em minha casa”.* Ansioso pela cura do servo, o centurião, num primeiro impulso, mandara chamar a Jesus. Sobreveio-lhe, porém, um escrúpulo. Os judeus consideravam impuras as casas dos pagãos. E quando o romano soube ou viu que Jesus se aproximava, sentiu aumentarem a sua fé e humildade, o que manifestou, declarando crer e esperar que com uma só palavra poderia Jesus curar o servo doente.

354 — *Jesus tomou-se de admiração.* Não significa isto que o fato tenha surpreendido a Jesus, por inesperado. Sensível às delicadezas da alma humana, sentiu Jesus uma viva admiração pela humildade, retidão e franqueza militar do centurião. E foi logo à fonte de tôdas essas qualidades do oficial romano: a fé no poder de Deus.

355 — *Nem em Israel encontrei tão grande fé.* Aqui aludiu Jesus à nação israelita em geral, sem incluir na sua declaração os casos especiais da Santíssima Virgem e dos Apóstolos, do mesmo modo que um soberano, referindo-se a algum dos seus vassallos, poderá dizer que nenhum lhe é tão dedicado quanto êsse, não afirmando entretanto com isso, que sua esposa e seus filhos não o sejam ainda mais.

356 — *E se assentarão à mesa.* Na Sagrada Escritura, a vida eterna é muitas vêzes comparada a um banquete onde o homem encontra em sua plenitude o conforto, a satisfação e a alegria.

357 — *Filhos do reino.* Os judeus, herdeiros das promessas feitas a Abraão, Isaac e Jacó, seus antepassados; herdeiros, portanto, do reino que Jesus estabelecia.

358 — *Fora, nas trevas.* No Oriente, os banquetes realizavam-se ordinariamente à noite. Continuando a metáfora explicada na nota 356, Jesus compara o inferno às trevas que reinavam fora das salas de banquete.

IX — MOTIVO DE LUTA O REINO DOS CÉUS

57 — RESSURREIÇÃO DO JOVEM DE NAIM

(S. Luc. VII, 11-18)

Algum tempo depois, encaminhava-se Jesus para uma cidade chamada Naim,* e iam com ele os seus discípulos e o povo em multidão.*

Nas imediações da porta da cidade, viram estarem levando para fora um morto, filho único de sua mãe, que era viúva, e a quem muita gente da cidade acompanhava. Assim que o Senhor a avistou, compadeceu-se dela e disse-lhe: "Não chores". Depois aproximou-se do esquife, tocou-o, e, tendo parado logo os que o levavam, falou ao morto: "Môço, eu te ordeno, levanta-te".

No mesmo instante sentou-se o que estivera morto, e começou a falar. E Jesus o restituiu a sua mãe.

Ficaram possuídos de temor* todos os presentes e glorificaram a Deus, dizendo: "Apareceu entre nós um grande profeta, e Deus visitou o seu povo".

A notícia dêste milagre espalhou-se por tôda a Judéia e por tôda a região que a circunda. E João teve conhecimento de tudo o que sucedera, por informações dos seus discípulos.

359 — *Naim*. Pequena cidade da Galiléia, situada ao sul de Nazaré, perto da estrada que havia naquela época entre Cafarnaúm e Jerusalém.

360 — *Com o povo em multidão...* Provavelmente Jesus ia à cidade de Jerusalém, com aquela multidão, para assistir a alguma festa solene.

361 — *Possuídos de temor*. O que o evangelista chama "temor" é o sentimento de profunda veneração religiosa, uma forte impressão da presença de Deus e do respeito fora do comum que ela impõe.

58 — MENSAGEM DE JOÃO BATISTA

(S. Luc. VII, 19-35; S. Mat. XI, 2-19)

João, ainda encarcerado, tendo notícia dos atos de Cristo, chamou dois dos seus discípulos, e os enviou a Jesus com a recomendação de lhe perguntarem: "És tu aquêle que há de vir, ou devemos esperar outro?"

Chegados à presença de Jesus, disseram os dois discípulos: "João Batista nos enviou a ti para te perguntarmos se és o que há de vir ou se devemos esperar outro".

Curou Jesus na ocasião os males e enfermidades de muitos, livrando-os de espíritos malignos e restituindo a vista a grande número de cegos. E deu aos emissários do Batista esta resposta: "Ide e contai a João o que acabais de ver e ouvir: os cegos vêem, os coxos andam,* os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos humildes. Bem-aventurado aquêlle que não se escandalizar de mim".*

Depois que se afastaram os mensageiros de João, Jesus falou sôbre êste ao povo, dizendo: "Que fôstes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?* Dizei-me, que fôstes ver? Um homem vestido com esmêro? Não, os que vestem roupas de valor e vivem em delícias, é nos palácios dos reis que são encontrados. Que fôstes ver então? Um profeta? Sim, declaro-vos eu, e mais que profeta, porque João é aquêlle de quem está escrito:* "Eis que mando o meu enviado* à tua frente, e êle preparará o teu caminho diante de ti". Por isto vos digo: — Entre os nascidos da mulher, não veio ao mundo profeta maior que João Batista. No entanto, o menor no reino de Deus é maior do que êle.*

"Desde os dias de João Batista até hoje, o reino dos céus tem sido motivo de luta, e os que lutam o arrebatam, porque o profetizaram todos os profetas, a Lei e o próprio João.* E se quereis compreender a João, sabeí que o Elias que há de vir é êle mesmo.* Quem tem ouvidos para ouvir, ouça".

A estas palavras, o povo e os publicanos que haviam recebido o batismo de João, deram glória a Deus. Quanto aos fariseus e doutores da lei, tinham desprezado os designios de Deus a seu respeito, não recebendo aquêlle batismo.

Então disse o Senhor: "A quem hei de comparar os homens desta geração? Com quem se parecem êles? São como crianças sentadas em praças públicas e que gritam aos seus companheiros: — Cantamos ao som de flautas para vos divertir, e não dançastes;* entoamos cânticos tristes e não chorastes. Aparece João Batista, que não come pão nem bebe vinho, e dizeis: — Está possuído do demônio. Aparece o Filho do Homem, que come e bebe como é de costume, e dizeis: — Aí está um glutão e um êbrio, amigo de publicanos e pecadores.

"Entretanto, a sabedoria foi justificada por todos os seus filhos".

362 — *Es tu aquêlê que hã de vir ou devemos esperar outro?* Com a expressão “aquêlê que hã de vir” os profetas designavam o Messias. E’ inadmissível a hipótese de que S. João tenha tido qualquer dúvida a respeito da missão do Salvador que anunciara. Sabia perfeitamente que Jesus era o Salvador esperado. Entretanto, não conseguindo convencer disto alguns dos seus discipulos, como os que tinham interpelado a Jesus sôbre a prática do jejum, (S. Mateus: IX, 14) enviou-os o Batista para que vissem o que estava sucedendo, e para que Jesus se manifestasse a êles.

363 — *Os coxos andam.* Isto é, os coxos, livres do seu defeito, andam normalmente, sem claudicar.

364 — *Bem-aventurado aquêlê que não se escandalizar de mim.* Alude Jesus aos vaticínios que anunciam as grandes humilhações e tormentos por que hã de passar, e chama bem-aventurados àqueles que, apesar de tudo, continuarem a crer na sua divina missão de Salvador do mundo.

365 — *Um caniço agitado pelo vento?* Com estas palavras Jesus faz ver que João Batista não podia ser comparado a um caniço (símbolo da inconstância), porque não se dobrava ao sabor dos acontecimentos, mantendo-se sempre firme na sua doutrina e levando até ao heroísmo a sua fidelidade.

366 — *Estã escrito.* Malaquias: III, 1.

367 — *O meu enviado.* Com o mesmo sentido consta na Vulgata “Angelum meum”, isto é, “o meu Anjo”. Veja-se a nota 115.

368 — *O menor no reino de Deus é maior do que êle.* Na Epistola aos Gálatas, S. Paulo refere-se à diferença entre os que pertencem à lei antiga e os que são da nova lei. Os primeiros foram servos protegidos do Senhor; os segundos, pelo sacramento do batismo, recebem o Espírito Santo, revestindo-se da dignidade de cristãos. Nenhum cristão é maior do que o Precursor em santidade, mas sim na dignidade que lhe conferem os sacramentos.

369 — *Profetizou-o o próprio João.* Na Sagrada Escritura, o verbo “profetizar” tem dois significados: um estrito, que é anunciar acontecimentos futuros; outro, lato, que é explicar as profecias e ensinar a doutrina revelada. João Batista anunciou que depois dêle viria o Messias. Mas ao dizer Jesus que o Precursor profetizara a respeito do reino do céu, faz ver apenas que êle ensinara a necessidade da penitência para a entrada no reino de Deus.

370 — *E’ êle mesmo o Elias que hã de vir.* Deve esta passagem ser entendida em sentido figurado. O profeta Malaquias (IV, 5-6) havia anunciado que Elias voltaria ao mundo a fim de preparar os homens para a segunda vinda do Filho de Deus, isto é, para o juízo universal. João não era Elias em pessoa, mas em espirito, com as mesmas características de virtude e santidade, com a mesma missão de preparar os caminhos do Senhor, como já dissera a Zacarias o anjo Gabriel. Ora, como os judeus esperavam ainda a vinda do Messias, adverte-os Jesus de que o Elias daqueles tempos era o próprio João Batista.

371 — *Cantamos e não dançastes...* Fazendo uma comparação baseadas nos costumes das crianças palestineses daquele tempo, Jesus alude à má vontade pueril dos judeus em aceitarem o Evangelho, pois, à semelhança de crianças que, ao brincar, se zangam quando os companheiros não os acompanham em tudo, os judeus censuravam a Jesus e a S. João por não pregarem ambos doutrina concorde com o modo de pensar d'êles.

372 — *A sabedoria foi justificada por todos os seus filhos.* Esta frase, de índole hebraica, significa que os Apóstolos e os discípulos de Jesus tinham reconhecido e admirado a sabedoria de Deus nos seus dois enviados, João e Jesus.

59 — A PECADORA E O FARISEU

(S. Luc. VII, 36-50)

Certo fariseu rogou a Jesus que fôsse comer com êle. Jesus foi à casa do fariseu e tomou lugar à mesa.

Ora, vivia na cidade uma mulher pecadora,* e esta, logo que soube que Jesus estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro, cheio de bálsamo, e, colocando-se por detrás de Jesus,* a seus pés, começou a regá-los com lágrimas, e depois os enxugou com os seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o bálsamo.

Vendo isto, o fariseu que havia convidado a Jesus, pensou de si para si: "Se êste homem fôsse profeta, com certeza saberia quem é a mulher* que o toca, e de que espécie é: uma pecadora".

Observou-lhe então Jesus: "Simão, tenho a dizer-te uma coisa".

"Fala, Mestre", respondeu Simão.

"Um credor tinha dois devedores: devia-lhe um quinhentos dinheiros e o outro cinqüenta. Sabendo que êles não lhe podiam pagar, perdoou as dívidas de ambos. Qual dos dois terá maior afeição ao credor?"

Respondeu Simão: "Parece-me que aquêle a quem mais foi perdoado".

"Acertaste", disse-lhe Jesus.

Em seguida, voltando-se para a mulher, tornou a Simão: "Vês esta mulher? Vim à tua casa e não me deste água para os pés;* ela, porém, os banhou com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me deste o ósculo da paz; ela, no entanto, desde que entrou não cessou de me beijar os pés. Deixaste de me ungiu a cabeça com bálsamo; ela, porém, ungiu com bálsamo os meus pés. Digo-te, pois, que os seus muitos pecados lhe são perdoados porque muito amou,* e que menos ama aquêle a quem menos se perdoa".

Depois dirigiu-se à mulher: "Os teus pecados te são perdoados".

Então os que estavam com êle à mesa, começaram a dizer consigo mesmo: "Quem será êste homem que até perdoa pecados?"

E Jesus tornou à mulher: "A tua fé te salvou. * Vai em paz."

373 — *Uma mulher pecadora.* Há quem entenda que essa pecadora tenha sido Maria Madalena, e que no entanto é contestada por muitos comentadores.

374 — *Colocando-se por trás de Jesus.* A refeição certamente teve lugar numa sala com mesa em semicírculo, coolcada no centro. No espaço interior do semicírculo moviam-se os criados que serviam os convivas, e êstes comiam reclinados em coxins ou divãs dispostos junto à curva exterior da mesa. Tinham os rostos voltados para a mesa, e, em direção oposta, para o lado das paredes, os pés descalços, por motivo do costume oriental de tirar as sandálias antes de tomar lugar à mesa para comer. Como os divãs eram muito inclinados, os pés ficavam junto ao solo, e até o tocavam. Compreende-se assim por que se colocou a pecadora atrás de Jesus para lhe ungi-rem os pés.

375 — *Se fôsse profeta, saberia quem é a mulher.* Indicam estas palavras que a pecadora arrependida procedia com tanto recato nas suas demonstrações de contrição e reverência, que a ninguém podia dar motivo de suspeitas. De outro modo, o fariseu não pensaria que Jesus precisava ser vidente para saber quem ela era (V. nota 192).

376 — *Não me deste água para os pés...* Era costume entre os judeus, ao receberem um hóspede ou convidado, dar-lhe o beijo da paz ("osculum", isto é, o ósculo, como consta abreviadamente na Vulgata), pôr-lhe água à disposição para lavar os pés, que as sandálias não impediam de se cobrirem com o pó dos caminhos; e oferecer-lhe essências aromáticas que proporcionavam alívio contra a fadiga e o calor. V. nota 743.

377 — *Seus muitos pecados lhe são perdoados porque muito amou.* Por amor a Deus sentira-se a pecadora impelida a buscar o perdão de suas culpas, e o amor fôra a causa do perdão.

378 — *A tua fé te salvou.* Muitos têm alegado estas palavras pretendendo demonstrar que é possível a justificação só pela fé. Um erro, certamente, e dos maiores. A fé suscita as obras, e estas provam a sinceridade da fé. A idéia da justificação pela fé, independente das obras, e absolutamente estranha ao ensino de Jesus, de S. Paulo e dos outros Apóstolos. Pouco antes dissera Jesus a respeito da pecadora arrependida: "Seus muitos pecados lhe são perdoados porque muito amou". Nestas condições, não é a fé por si só que justifica, mas sim a "fé que opera pela caridade", como salienta S. Paulo na sua Epístola aos Gálatas (V, 6).

X — AS PARÁBOLAS DO REINO DE DEUS

60 — A FAMÍLIA ESPIRITUAL DE JESUS

(S. Luc. VIII, 1-3, 19-21; S. Marc. III, 20-21; 31-35; S. Mat. XII, 46-50)

Algum tempo depois, Jesus passou a percorrer cidades e aldeias, pregando e anunciando a boa nova do reino de Deus. Acompanhavam-no os doze Apóstolos e também algumas mulheres* que haviam sido libertadas de espíritos malignos e enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinha expellido sete demônios; Joana, mulher de Chusa, procurador de Herodes; Susana e muitas outras que com os seus haveres lhe prestavam assistência.*

Ao regressarem Jesus e seus discípulos para casa, outra vez reuniu-se ali tanta gente que eles nem podiam comer. Ao ouvirem isto os seus, saíram para tomar conta dêle, porque, segundo se dizia, não estava no seu juízo perfeito.*

Ainda pregava Jesus à multidão, quando chegaram à parte de fora da casa sua mãe e seus irmãos, que pretendiam falar-lhe. Não podendo aproximar-se por causa da aglomeração do povo, mandaram chamá-lo. Em tórno dêle havia muita gente sentada. E alguém avisou-o: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te”.

Disse Jesus a quem lhe dera o aviso: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?”

Depois, olhando para os que lhe estavam em derredor, indicou com a mão os seus discípulos, e declarou: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos, porque todos os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus, que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática, esses são meus irmãos, minhas irmãs e minha mãe”.

379 — *Acompanhavam-no também algumas mulheres.* Tratava-se de mulheres piedosas. Mesmo Maria Madalena, já então regenerada pela graça de Deus, ou para empregar a expressão da linguagem oriental que vem no texto evangélico, libertada de “sete demônios”, isto é, de diversos espíritos malignos. Evidentemente Jesus não permitiria que mulher nenhuma o acompanhasse a não ser com as mais santas intenções (V. nota 192). E nem tôdas eram de condição humilde. Haja visto o caso de Joana, cujo marido ocupava importante posição na côrte de Herodes. Veja-se a nota seguinte.

380 — *Com seus haveres lhe prestavam assistência.* Era costume entre os judeus. Mulheres piedosas sempre seguiam os que pregavam em nome do Senhor, ministrando-lhes o necessário, para que pudessem dedicar-se inteiramente à sua nobre missão.

381 — *Ao ouvirem isto seus irmãos, saíram para tomar conta d'ele porque, segundo declaravam, não estava no seu juízo perfeito.* S. Mateus e S. Lucas dizem aqui: "seus irmãos", mas na acepção de "seus parentes", em conformidade com o que ficou esclarecido na nota 157. Deviam ser parentes afastados que talvez tivessem receio de se verem envolvidos nas hostilidades provocados pelos escribas e fariseus contra Jesus, ou que pretendiam livrá-lo dos inimigos e também da curiosidade das turbas, que nem lhe davam tempo para se alimentar regularmente. Alguns dos parentes de Jesus ainda não acreditavam na sua divina missão. Seria este, outro motivo para o dizerem afetado das faculdades mentais, fato muito vulgar entre os que não compreendem os grandes espíritos. E também merece consideração a hipótese de que o declarassem demente porque arriscava a própria vida com a pregação da sua doutrina apesar da exacerbada oposição dos fariseus, de cuja vingança pretendiam salvá-lo (como está dito linhas acima), se ainda fôsse tempo.

E os tais "heróis da mediocridade", como os chama Ricciotti, contavam com a autoridade da mãe de Jesus, que se mostrara tão eficiente no caso das bodas de Caná. Mas isto não significa que Maria pensasse como eles. Acompanhou-os ela porque entre os judeus uma mulher dificilmente poderia subtrair-se às decisões tomadas pelos chefes de sua parentela, quando estes entendiam necessária alguma providência em favor de um consanguíneo ou do conceito de que gozava a família; e também porque certamente queria rever o filho e fazer o que fôsse possível no sentido de manter em moderação os parentes no momento do encontro. Nos nossos tempos, críticos houve que igualmente puseram em dúvida a sanidade mental de Jesus. As suas teses encontram-se resumidas e refutadas na obra "Die Psychiatrische Beurteilung Jesus", de A. Schweitzer. Há mais. O próprio Renan, figura das mais comentadas entre aquêles que negaram a divindade de Jesus, também refutou o despropósito: "O louco jamais consegue êxito. Até hoje não foi dado à alienação mental o poder de influir sèriamente na marcha da humanidade".

382 — *Esses são meus irmãos, minhas irmãs e minha mãe.* Com esta resposta, Jesus Cristo absolutamente não repele sua mãe e seus parentes. Como vêm interrompê-lo no seu ministério, quando êle ainda estava pregando, o Salvador apenas faz ver que não era ocasião de atender à voz da natureza, pois acima do parentesco do sangue há o parentesco sobrenatural, que importa muito mais. No exercício de sua divina missão, êle só reconhecia como parentes os que fizessem a vontade do Eterno Pai, e neste sentido poderiam ser parentes seus quantos ali se achavam, e era-o mais do que ninguém Maria Santissima, modelo de fidelidade ao serviço de Deus.

61 — O SEMEADOR

(S. Marc. IV, 1-20; S. Mat. XIII, 1-23; S. Luc. VIII, 4-15)

Como houvesse afluído o povo em multidão e os moradores das cidades acorressem pressurosos a Jesus saiu êle de casa naquele dia, sentou-se à margem do lago e ali novamente se pôs a ensinar. Mas a multidão aumentava cada vez

mais. Então Jesus subiu a um barco, sentou-se nêle sôbre as águas, e, dirigindo-se ao povo que estava na praia, muitas coisas ensinou por parábolas.*

Numa das suas pregações, por comparação disse Jesus: "Ouvi-me. Um semeador saiu para semear. Quando lançava à terra as suas sementes, caíram algumas à beira da estrada e foram pisadas, e vieram as aves do céu e as comeram. Outras caíram em terreno pedregoso, onde a terra não era muita, e logo se desenvolveram porque estavam rente à superfície do solo. Mas quando brilhou o sol, crestaram-se os rebentos e secaram por falta de raízes profundas, pois em cima não havia umidade. Outras caíram entre espinhos, e, nascendo os espinhos com elas, cresceram e as sufocaram, e elas não deram fruto. Outras caíram em terra fértil, e deram frutos que vingaram e se desenvolveram, rendendo uma trinta grãos, outra sessenta e outra cem por um".

E alteando a voz, acrescentou: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça".

Depois que Jesus ficou só,* cercaram-no os discípulos e os doze que o acompanhavam, interrogaram-no sôbre a parábola e perguntaram por que motivo falava ao povo assim por comparações.

Respondendo, disse-lhes Jesus: "Porque a vós foi concedido conhecer os mistérios do reino dos céus; aos outros, porém, que são de fora, não foi dado conhecê-los.* Ao que tem, dar-se-lhe-á,* e possuirá em abundância; mas quem não tem, será privado até daquilo que possuir.* Por isto, quando lhes falo, tudo lhes é proposto em parábolas. E êles, olhando, vêem e não advertem; escutando, ouvem e não entendem. E não chegam a converter-se nem lhes são perdoados os pecados.* Cumpre-se nêles a profecia de Isaías, que diz: "Ouvireis com os vossos ouvidos e não entendereis, olhareis com os vossos olhos e não vereis; porque o coração dêste povo se tornou insensível; duro se tornou o seu ouvido, e fecharam-se-lhe os olhos; não querem que os seus olhos vejam, que os seus ouvidos ouçam e o coração compreenda, nem se convertem para que eu os cure".

"Felizes, porém, os vossos olhos porque vêem, e os vossos ouvidos porque ouvem, pois em verdade vos digo que muitos justos e profetas desejaram ver o que tendes visto, e não viram, e desejaram ouvir o que tendes ouvido, e não ouviram".

Disse-lhes ainda: "Se vós não compreendeis esta parábola, como podereis entender tôdas as outras? Ouvi, porém, o que significa a parábola do semeador. O que o semeador semeia, é a palavra. Há quem ouve a palavra do reino* e não entende. São aquêles que se acham ao longo do ca-

minho onde a palavra é semeada. Logo que a ouvem, vem Satanás, o espírito maligno, e tira o que lhes foi semeado nos corações, para que não venham a crer e salvar-se.

“Do mesmo modo, a palavra é semeada em solo pedregoso* naqueles que a escutam e logo a recebem com gosto, mas não a deixam criar raízes, e assim a duração dela é apenas temporária, porque eles creem por certo tempo, mas depois, sobrevindo a tribulação e a perseguição por causa da palavra semeada, imediatamente esmorecem e na hora da tentação voltam atrás.

“Há ainda os que recebem a semente entre espinhos.* São os que ouvem a palavra, mas acabam por sufocá-la entre os trabalhos, preocupações e prazeres da vida, a sedução das riquezas e as outras paixões a que dão acolhida. E assim a palavra não chega a produzir fruto.

“E os que recebem a semente em terra boa, são os que ouvem a palavra e a guardam em coração dócil e bom, do que lhes vêm os frutos pela perseverança, um a trinta, outro a sessenta e outro a cem”.

383 — *Muito ensinou por parábolas.* Parábola é a narração de algum fato da vida prática que se toma em comparação para ensinar ou dar a entender verdades religiosas ou morais de certa gravidade. Por causa do seu peculiar poder de insinuação das idéias, era muito usada entre os judeus, e mesmo constantemente em certas escolas de rabinos. Entretanto, a inteligência semítica, alheia aos métodos de raciocínio com que se habituaram os ocidentais por influência dos gregos, não exigia na parábola a precisão lógica e o rigor didático que nela desejaríamos encontrar. As parábolas dos Evangelhos têm dupla significação. As multidões compreendiam-lhes o sentido moral, pois do contrário elas não passariam de simples enigmas. No caso da parábola do semeador, por exemplo, esse sentido moral era a recomendação do bom trabalho, que, apesar de um ou outro contratempo, sempre acaba por dar resultados compensadores. O outro sentido das parábolas, isto é, o espiritual, revelava-o Jesus aos discípulos e aos Apóstolos, falando-lhes sobre os mistérios do reino dos céus. Na opinião de diversos comentadores, Jesus passou a usar a parábola em suas pregações porque em face da hostilidade que encontrara por parte dos fariseus desde o princípio da sua vida pública, preferia falar em termos velados sobre o reino dos céus, esperando a sua hora de se manifestar abertamente.

384 — *Depois que Jesus ficou só.* Isto é, quando já se achava em casa, ao ter voltado do lago para a cidade de Cafarnaúm.

385 — *Aos que são de fora não foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus.* Os de fora são os que não creem e por isto não entram no reino de Deus. Tudo o que é objeto de preceito, por conseguinte necessário a todos, já foi claramente ensinado às multidões. A revelação das verdades sublimes é reservada aos discípulos e Apóstolos, para que essas, ao menos, não sejam ultrajadas pela incredulidade dos escribas, fariseus e outros adversários. E assim, os judeus em geral, por culpa exclusivamente sua (“Deus nada pode pelo homem

que se recusa" — D. Rops), não chegariam à conversão nem alcançariam o perdão dos seus pecados.

386 — *Ao que tem, dar-se-lhe-á; quem não tem, será privado até do que possuir.* Aos que têm boa vontade, concederá Deus a graça de compreenderem as coisas santas de modo cada vez mais profundo. Aquêles que não têm boa vontade, acabarão sem a facultade de compreendê-las mesmo como em geral devem ser compreendidas. E assim se explicam a cegueira, o enfraquecimento moral, o endurecimento do coração e a impenitência de tantas pessoas.

387 — *Tudo lhes é proposto em parábolas, e elles, olhando, vêm e não advertem; escutando, ouvem e não entendem. E não chegam a converter-se nem lhes são perdoados os pecados.* Em tradução literal esta passagem, como consta na Vulgata, seria do teor seguinte: "Tudo lhes é proposto em parábolas para que, olhando, vejam e não advertam, e, ouvindo, ouçam e não entendam, de sorte que não se convertam nem lhes sejam perdoados os pecados". Dir-se-ia então que, cansado da infidelidade do povo judaico, Jesus falou por parábolas com o intuito de não se fazer entender e a fim de que os judeus não se convertessem. "Tôda a continuação do Evangelho prova o contrário" — faz notar Daniel Rops — e também que a misericórdia divina não se cansa tão depressa como uma paixão do coração humano".

388 — *A palavra do reino.* Isto é, a palavra do Evangelho, sobre o reino de Deus.

389 — *A semente à beira da estrada, sobre terra pedregosa e entre espinhos.* Os ouvintes em quem a palavra de Deus não produz fruto, dividem-se em três classes: a primeira é a dos que não dão ouvidos à pregação, ou se limitam a ouvi-la como palavra simplesmente humana; a segunda é a dos que a ouvem com espirito atento, mas não dispõem o coração para a porem em prática; a terceira é a dos que, embora tendo-a ouvido atentamente e com o propósito de observá-la, depois se entregam de tal modo aos cuidados da vida temporal ou aos atrativos dos bens terrenos, que acabam por deixá-la esquecida, infringindo-a a cada passo.

390 — *A trinta, a sessenta e a cem.* E' claro que estes números valem somente no que diz respeito ao terreno espiritual.

62 — A LUZ DEBAIXO DO ALQUEIRE

(S. Marc. IV, 21-25; S. Luc. VIII, 16-18)

Disse também Jesus: "Porventura se manda vir uma lâmpada para colocá-la sob um alqueire ou debaixo do leito? Não será, antes, para colocá-la sobre um lampadário? Ninguém acende luz e a cobre com um vaso ou a põe debaixo do leito, mas sim sobre o candelabro, para que a vejam os que entram. Porque nada há oculto que não venha a ser revelado; nem o que se faz é para ficar em segredo, e sim para se tornar conhecido. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.

"Prestai, pois, atenção ao que ouvis — recomendou Jesus — e vêde como o ouvis. Com a mesma medida de que vos servires para medir, sereis vós também medidos,* e mais

ainda vos será acrescentado. Porque àquêle que tem, mais será dado;* e ao que não tem, será tirado mesmo o que possui”.

391 — *Põe-se uma lâmpada sob um alqueire ou debaixo do leito?* Já no Sermão da Montanha empregara Jesus a comparação da luz sob o alqueire. Repete-a agora para significar aos Apóstolos que os mistérios do reino dos céus, embora primeiramente revelados só a eles, devem ser comunicados aos outros homens também. Os Apóstolos são os luzeiros que êle prepara, a fim de que mais tarde espalhem por todo o mundo a luz da Verdade.

392 — *Com a medida de que vos servirdes, sereis vós também medidos...* Na passagem aqui mencionada, êste provérbio significa que quanto maior fôsse a medida da caridade com que os Apóstolos ministrassem aos homens a verdade evangélica, maior seria o seu mérito, e também mais lhes daria Deus em luzes e graças (“mais ainda vos será acrescentado”).

393 — *Aquêle que tem mais será dado*, etc. Este adágio já comentado em nota anterior, presta-se a diversas applicações. Aqui significa o seguinte: quanto mais alguém reflete sobre o que ouve, mais se enriquece a sua intelligência; quanto menos ouve e atende, mais pobres se torna, intellectual e espiritualmente.

63 — A SEMENTEIRA

(S. Marcos, IV, 26-29)

Disse mais Jesus:* “Sucede com o reino de Deus como o que acontece quando o homem lança a semente à terra. Durma êle ou se mantenha acordado, quer de dia quer de noite, a semente vai germinando e crescendo sem que êle o perceba.* Por si mesma produz a terra primeiramente a planta, depois a espiga, e por fim o grão cheio da espiga.

“E estando amadurecidos os frutos, logo se passa a foice na planta, porque é chegado o tempo da ceifa”.

394 — *Disse mais Jesus.* Tendo voltado para casa com os discípulos, como já foi dito, Jesus provavelmente tornou a sair no dia seguinte, a fim de pregar ao povo. Era a época da sementeira. Nos arredores de Genesaré os lavradores semeavam os campos cuidadosamente arroteados. Tudo indica que o Salvador tirava as suas comparações também de cenas e fatos presenciados no momento, o que aumentava mais ainda o interêsse que despertavam as suas parábolas.

395 — *A semente germina e cresce sem que êle o perceba.* A parábola da sementeira alude ao continuo desenvolvimento da Igreja até o dia do Juizo Final, “o tempo da ceifa”. O lavrador semeia; do resto encarrega-se a natureza. Os ministros de Deus semeiam a palavra divina; o principal, que é o desenvolvimento do reino dos céus, a Deus pertence, e resultará necessariamente como efeito da graça, conforme a acolherem os homens.

64 — O JOIO NO CAMPO DE TRIGO
(S. Mat. XIII, 24-30)

Propôs Jesus outra parábola:

“Dá-se com o reino dos céus como o que sucede a um homem que semeou boa semente no seu campo, mas, enquanto dormiam os servos, veio o inimigo do proprietário das terras, semeou joio entre o trigo e retirou-se.

“Quando se desenvolveram as plantas e começaram a espigar, apareceu também o joio. Chegaram-se então os servos ao dono da casa e lhe perguntaram: “Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Como é que nêle também há joio?”

“Foi o inimigo que o semeou”, respondeu-lhes o patrão.

Perguntaram-lhe os servos: “Queres que vamos arrancá-lo?”

“Não — disse êle. Porque pode acontecer que, ao arrancar o joio, arranqueis com êle também o trigo. Deixai crescer um e outro até a ceifa. No tempo da colheita direi aos ceifadores que colham primeiro o joio e o atem em molhos para o queimar. Mas o trigo, mandarei que o recolham ao meu celeiro”.

396 — *Pode acontecer que com o joio arranqueis também o trigo.* O zelo pela salvação das almas é útil quando combate o pecado, não o pecador, e com os meios adequados, isto é, com paciência, persuasão, orações, sacrifícios, sempre respeitando a liberdade humana.

65 — O GRÃO DE MOSTARDA E O FERMENTO
(S. Mat. XIII, 31-33; S. Marc. IV, 30-32)

Propôs Jesus mais uma parábola, dizendo: “Com que compararemos o reino de Deus? Por meio de que parábola o representaremos?

“O reino de Deus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo.* No momento de ser lançado à terra, é esta sem dúvida a menor de tôdas as sementes que há no mundo; mas depois de semeada, cresce e torna-se a maior de tôdas as hortaliças,* pois se faz árvore e cria grandes ramos, de tal modo que as aves do céu podem pousar à sua sombra e fazer ninho nos seus ramos”.

Outra parábola ainda propôs Jesus: “O reino dos céus é semelhante ao fermento* que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tôda a farinha fique levedada”.

397 — *No seu campo.* Segundo os rabinos, a mostardeira devia ser plantada no campo, isto é, em terras não cultivadas. Talvez em

consideração a preceitos do Deuteronomio (XXII, 9) e do Levítico. (XIX, 19) Diversamente do que se lê em S. Mateus, alude S. Lucas ao grão de mostarda da parábola como tendo sido semeado "na horta". E fá-lo porque destinou o seu Evangelho a leitores que desconheciam os costumes judaicos e as prescrições dos rabinos, como já foi explicado em nota anterior.

398 — *Torna-se a maior das hortaliças.* Nas margens do lago de Genesaré e junto ao rio Jordão, dá uma variedade de mostardeira, a dos grãos pretos, que alcança altura de três a quatro metros, tornando-se lenhoso o seu tronco. Não é, pois, sem razão que naquela região se fala em "árvores de mostarda".

399 — *Semelhante ao fermento.* Nesta parábola é salientada a natureza íntima, silenciosa e espiritual do reino de Deus que penetra no coração do homem e se difunde insensivelmente por toda a humanidade, renovando e enobrecendo tudo o que não resiste à sua influência.

66 — PROFECIA SÔBRE AS PARÁBOLAS

(S. Mat. XIII, 31-35; S. Marc. IV, 33-34)

Tudo isto disse Jesus às multidões por meio de parábolas. Falava-lhes em parábolas como estas, sempre segundo o alcance dos que o ouviam. E não lhes falava sem se servir dessas comparações,* vindo a cumprir-se assim a palavra do profeta:* "Por parábolas falarei, e tornarei conhecidas coisas ocultas desde a criação do mundo".

Aos seus discípulos, porém, Jesus tudo explicava em particular.

400 — *Não lhes falava sem se servir dessas comparações.* O que o evangelista quer fazer notar é o fato de que Jesus instrua o povo unicamente por parábolas, naquela época.

401 — *A palavra do profeta.* Refere-se o evangelista a Assaf, chantre do Templo no reinado de Davi e autor do Salmo LXXVII, do qual cita o segundo versículo. Na Sagrada Escritura, a palavra "profeta" tem sentidos diversos: ora significa aquêlê que fala em nome de outro; ora alguém dotado de poder sobrenatural ou investido de missão divina, ora um homem que anuncia acontecimentos futuros, revelados por Deus; ora os que explicavam as Escrituras, quer por inspiração do Céu, quer por ciência e tradição. Entre os judeus, também eram chamados "profetas" os homens zelosos da lei divina, que praticavam a mortificação e se entregavam a rigoroso exercício de todas as virtudes. Era o caso de Assaf.

67 — EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DO JOIO NO TRIGO

(S. Mat. XIII, 36-43)

Depois de despedir a multidão, foi Jesus para casa. Chegaram-se então a êle os seus discípulos e pediram-lhe: "Explica-nos a parábola do joio no campo de trigo".

Atendendo-os, disse Jesus: "Quem semeia a boa semente é o Filho do Homem. O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos da iniquidade, e o inimigo que semeia o joio é o demônio. A ceifa representa o fim do mundo, e os segadores os anjos.

"Assim, pois, o que sucede ao joio, que é colhido e lançado ao fogo, também acontecerá na consumação dos tempos.* O Filho do Homem enviará os seus anjos e eles retirarão do seu reino todos os escândalos e aqueles que praticam a iniquidade, e os lançarão na fornalha com fogo,* onde haverá lágrimas e ranger de dentes. E então os justos resplandecerão como o Sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça".

402 — *Consumação dos tempos.* E' o fim do mundo. Na Vulgata consta, com o mesmo sentido, "consummatio saeculi", consumação do século.

403 — *Na fornalha com fogo.* Com o mesmo sentido lê-se na Vulgata "in caminum ignis", na fornalha do fogo. Alusão ao inferno.

COLEÇÃO
BIBLIOTECA DE DOCUMENTOS
FUND. DE DOCUMENTOS
1974 - 1975
1976 - 1977

XI — VIAGEM À TERRA DOS GERASENOS

68 — O TESOURO OCULTO, A PÉROLA E A RÊDE

(S. Mat. XIII, 44-52; S. Luc. VIII, 22)

Naquele tempo, certo dia subiu Jesus a um barco com os seus discípulos, e falou: “O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido* no campo. Quem o acha guarda segredo, e, na sua alegria, vai e vende tudo o que possui e compra o campo do tesouro.

Do mesmo modo, dá-se com o reino dos céus como o sucedido a um negociante que procurava pérolas raras.* Tendo êle encontrado uma pérola de grande valor, foi vender tudo o que possuía e a comprou.

“Finalmente, o reino dos céus é semelhante a uma rêde de pescar lançada ao mar e na qual são colhidos peixes de toda espécie.* Estando ela cheia, os pescadores puxam-na para a praia, e, sentando-se, recolhem os peixes bons em vasilhas, e os ruins jogam fora.

“Assim será na consumação dos tempos. Virão os anjos e retirarão os maus do meio dos justos, e os lançarão na fornalha com fogo. E ali haverá choro e ranger de dentes.

“Compreendestes tudo o que eu disse?”

“Sim”, responderam-lhe.

Acrescentou então Jesus: “Todo mestre instruído na doutrina do reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas”.*

404 — *Tesouro escondido.* Em tempos de revolução ou guerra, era costume enterrar dinheiro e objetos de valor nos campos, para preservá-los do saque, que até na Idade-Média se considerava como justa consequência da derrota militar, e constituía a paga dos soldados aventureiros.

405 — *Procurava pérolas raras.* A pérola não é encontrada casualmente, mas sim procurada com empenho. Pensa-se, por isto, que Jesus alude aqui aos que não se contentam com os meios comuns de alcançar a eterna bem-aventurança e intentam conquistá-la seguindo o árduo caminho da perfeição cristã.

406 — *Peixes de toda espécie.* Com a parábola da rêde, Jesus provavelmente pretendeu insistir num ponto que a parábola da cizânia e o trigo já tinha explicado, isto é, que o reino de Deus neste mundo encerra justos e pecadores, bons e maus, parecendo serem

mais felizes os segundos, mas que a separação não deixará de ser realizada, no Juízo Final, fazendo-se justiça a todos.

407 — *Tira do tesouro coisas novas e coisas velhas.* Aquêles que se instruem para pregar o Evangelho, como era o caso dos discípulos deevrão conhecer bem o tesouro constituído pelo Antigo e o Nôvo Testamento, intimamente relacionados, e distribuirão pelas almas a palavra divina, tirada de um ou de outro, conforme as necessidades dos ouvintes.

69 — TEMPESTADE APLACADA

(S. Mat. VIII, 18, 23-27, XIII, 53; S. Marc. IV, 35-40; S. Luc. VIII, 22-25)

Tendo Jesus terminado de expor as suas parábolas já sôbre a tarde daquele dia, disse: “Vamos para a outra margem do lago”.

Os discípulos despediram a multidão, e logo se fizeram ao mar, levando a Jesus no barco, assim como estava. Outros barcos seguiam atrás.*

Iam êles navegando, quando Jesus adormeceu.

Nisto caiu sôbre o lago uma tempestade das mais violentas. As ondas arremessavam-se contra a embarcação, enchendo-a de água e pondo-a em risco de soçobrar.

Entretanto, reclinado sôbre uma almofada, dormia Jesus na popa do barco.

Então os discípulos chegaram-se a êle e o despertaram, exclamando: “Mestre, estamos naufragando! Não te importa que pereçamos?”

“Por que temeis, homens de pouca fé?” — disse Jesus. E levantando-se, opôs-se ao vento e às ondas, e falou ao mar: “Deixa de bramir e acalma-te!” Logo cessou o vento e sobreveio uma grande bonança.

Então tornou Jesus aos discípulos: “Por que ficastes com mêdo? A vossa fé onde está? Ainda não tendes fé?”

E os discípulos ficaram cheios de temor. Olhavam-se pasmados, dizendo: “Quem é êste que assim fala aos ventos e ao mar, e a quem o vento e o mar obedecem?”*²

408 — *Outros barcos seguiam atrás.* Iam nêles parte dos discípulos e certamente algumas pessoas mais fervorosas das que compunham a multidão.

409 — *Reclinado sôbre uma almofada.* Era uma almofada pequena que se encontrava até nas mais humildes embarcações.

410 — *Quem é êste que assim fala aos ventos e ao mar?* Não foram os Apóstolos que fizeram esta pergunta, mas sim os que iam no outro barco.

70 — CURA DOS POSSESSOS DE GERASA

(S. Marc. V, 1-20; S. Mat. VIII, 28-34; S. Luc. VIII, 26-39)

Proseguida a travessia, Jesus e os discípulos chegaram à terra dos gerasenos,* fronteira à Galiléia, na outra margem do lago.

Mal haviam êles desembarcado, correram ao encontro de Jesus dois possessos* que saíram de uns sepulcros.* Eram ambos tão furiosos que ninguém se atrevia a passar por aquêlo caminho. E gritaram logo: "Que tens tu conosco, Jesus, Filho de Deus? Vieste aqui antes do tempo para nos atormentar?"

Um dêles havia muito que estava possuído do demônio. Não vestia roupa alguma. Em vez de ficar em casa, vivia nos sepulcros. Nem com cadeias podiam mantê-lo preso, pois, já tendo sido acorrentado, muitas vêzes rompera e despedaçara todos os liames e grilhões. Ninguém conseguia amansá-lo. Tanto de dia como de noite, andava pelos sepulcros e pelos montes, bramando e ferindo-se com pedras.

Êste, assim que avistara a Jesus de longe, tinha corrido para êle, prostrara-se à sua frente, adorara-o e em altas vozes lhe dissera: "Que tens tu comigo, Jesus, Filho do Altíssimo? Suplico-te por Deus que não me atormentes!" E' que Jesus ordenara: "Sai dêste homem, espírito imundo!"

Mandou, pois, Jesus ao espírito impuro saísse do homem que desde muito tempo impelia para os desertos, fazendo-o romper as correntes com que o prendiam.

Entretanto, perguntou-lhe Jesus: "Que nome tens tu?"*

E êle logo respondeu: "Chamo-me Legião". E' que naquele possesso haviam entrado muitos demônios. E acrescentou: "Tenho o nome de Legião porque somos muitos". E rogava-lhe encarecidamente que não o expulsasse daquela região, que não os mandasse para o abismo do inferno.*

Ora, andava passeando por ali, na encosta de um monte, não longe dêles, uma grande vara de porcos. E os espíritos malignos suplicaram a Jesus que lhes permitisse irem para os animais: "Se nos expulsas daqui, manda-nos aos porcos para ficarmos nêles".

Concedendo logo o que pediam, disse-lhes Jesus: "Ide".

Então os espíritos imundos saíram do homem e entraram nos porcos. Imediatamente os animais, cêrca de dois mil, com grande ímpeto se precipitaram no mar* por um despenhadeiro, e ali se afogaram todos.

Tendo presenciado o fato, os homens que guardavam os porcos fugiram em seguida, e foram contando tudo por onde passavam, na cidade e nas aldeias.

E logo acudiu muita gente para verificar o que havia acontecido. Quando chegaram onde Jesus estava, viram sentado aos seus pés, já vestido e no seu juízo perfeito, o possesso do qual haviam saído os demônios, e então sentiram grande medo. E os que tinham assistido à expulsão dos demônios, narravam com pormenores o que sucedera ao possesso e aos porcos, e como o homem fôra libertado da legião de espíritos impuros.

Os moradores da cidade saíram ao encontro de Jesus e com todo o povo da região de Gerasa lhe suplicaram que se retirasse daquelas terras,* porque estavam tomados de grande medo.

Então Jesus, afastando-se, voltou ao barco. E aquêlle que estivera possesso, insistentemente lhe pediu que o deixasse ir com êle. Não concordou Jesus, e despediu-o, dizendo: "Vai para casa ter com os teus e conta-lhes as grandes coisas que te fêz o Senhor* e como se compadeceu de ti".

E retirou-se o homem e pôs-se a divulgar na Decápole os prodígios que nêle operara Jesus. E todos ficavam pasmados.

411 — *À terra dos gerasenos.* Alguns manuscritos gregos trazem os adjetivos gentílicos "gadarenos" e "gergesenos". Ora, as cidades de Gerasa, Gadara e Gergesa estavam situadas no mesmo distrito, a leste do lago de Genesaré. Os evangelistas referem-se àquella região e não particularmente a qualquer das três cidades, empregando denominações diversas para designar os habitantes do território em que elas se encontravam. Nas traduções mais recentes, a denominação geralmente empregada é a que está nesta Sinopse: gerasenos.

412 — *Dois possessos.* Narram o fato S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas. Mas os dois últimos falam de um só possesso. Porque entenderam necessário ocupar-se apenas do energúmeno mais furioso e mais conhecido na região, já que o outro não tinha nenhuma particularidade que tornasse imprescindível mencioná-lo.

413 — *Saíram de uns sepulcros.* Na Palestina, os sepulcros eram muitas vezes abertos nas rochas das encostas dos montes, formando câmaras bastante espaçosas. Quando vazios, até podiam servir de moradia.

414 — *Que nome tens tu?* Fêz Jesus esta pergunta para que o possesso revelasse aos presentes a causa dos seus extraordinários tormentos, a qual consistia em estar possuído, não de um só espírito maligno, mas de muitos.

415 — *Que não os mandasse para o abismo do inferno.* Preferem os demônios ficar neste mundo, porque, atormentados pela inveja, continuamente se empenham em tentar os homens, procurando por todos os meios impedi-los de alcançar o reino dos céus. E Deus o permite a fim de pôr à prova a perseverança dos justos na prática da virtude.

416 — *Imediatamente os animais se precipitaram no mar.* A lei proibia aos judeus comerem carne de porco. Quanto aos pagãos,



SEPULCROS NAS ROCHAS DO VALE DE JOSAFÁ

costumavam oferecer porcos aos seus ídolos. Pertencessem, pois, os animais a judeus ou pagãos residentes na Decápole, a perda da manada era um exemplar castigo impôsto àqueles que os criavam.

417 — *Suplicaram-lhe que se retirasse daquelas terras.* Com certeza por receio de sofrerem outros prejuízos materiais. Não lhes interessavam os benefícios espirituais que Jesus prodigalizava.

418 — *Conta as grandes coisas que te fez o Senhor.* Os geranos, mais impressionados com a perda dos seus porcos do que com a recuperação do energûmeno, certamente contariam o fato ressaltando o prejuízo que lhes impusera Jesus, e criando assim naquelas terras um ambiente desfavorável à futura pregação do Evangelho. Foi sem dúvida para evitar isto que o Salvador houve por bem recomendar a divulgação do benefício feito ao demoníaco.

71 — CURA DA HEMORROÍSSA E RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO

(S. Marc. V, 21-43; S. Mat. IX, 18-26; S. Luc. VIII, 40-56)

Tendo Jesus voltado no mesmo barco para a margem oposta do lago, chegou-se a êle o povo em grande aglomeração e o recebeu com entusiasmo, pois estavam todos à sua espera junto ao mar.

Enquanto êle falava às turbas, aproximou-se um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga, e logo se prostrou aos seus pés e o adorou, rogando-lhe que fôsse a casa dêle, onde tinha à morte uma filha única, de quase doze anos. E instava com Jesus, dizendo: "Senhor, minha filha está agonizante ou acaba de expirar. Vem, impõe-lhe as mãos para que se salve, e ela viverá".

Jesus ergueu-se e pôs-se a caminho com Jairo e os discípulos. Seguia-o muita gente. E no trajeto era êle comprimido pelo povo.

Ora, lá estava uma mulher que, havia doze anos, padecia de um fluxo de sangue.* Tinha sofrido muito às mãos de diversos médicos, e gastara tudo o que possuía, sem que nenhum dêles tivesse conseguido curá-la. Nem aproveitara ela coisa alguma. Antes pelo contrário, achava-se cada vez pior. Tendo ouvido falar em Jesus, introduziu-se na multidão, acercou-se por detrás dêle, e pegou na bara do seu manto, pois pensava consigo mesma que ficaria sã se lhe tocasse ao menos na orla das vestes. No mesmo instante estancou-se-lhe o fluxo de sangue, e ela sentiu no corpo que estava curada do seu mal.

Logo notou Jesus que uma fôrça lhe saíra do íntimo. Voltou-se para o povo e perguntou: "Quem tocou o meu manto? Quem me tocou?"

Negando todos que o tivessem feito, disseram Pedro e os seus companheiros: "Mestre, a multidão te empurra e aperta, e tu perguntas: "Quem me tocou?"

Insistiu Jesus: "Alguém me tocou, porque senti uma força sair de mim". E olhou em torno para descobrir a pessoa que o tocara.

Vendo-se descoberta, a mulher, que bem sabia o que nela se tinha passado, atemorizada e trêmula foi prostrar-se diante de Jesus e lhe confessou toda a verdade. Depois revelou perante a multidão o motivo por que o tocara e como logo se sentira curada.

Disse-lhe, então, Jesus: "Tem confiança, filha, a tua fé te salvou. Vai em paz, e fica curada do teu mal".

E desde aquele momento a mulher ficou definitivamente curada.

Ainda estava Jesus falando, quando chegou gente da casa do chefe da sinagoga e lhe disse: "Tua filha morreu. Já não há razão para ainda cansares o Mestre. Não o incomodes mais".

Tendo ouvido o que acabava de ser dito, Jesus falou ao pai da menina: "Não temas. E' só teres fé, e tua filha será salva". E não consentiu que o seguissem senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

Chegando à casa do chefe da sinagoga, encontrou-a cheia de gente que fazia grande alarido.* Era o choro de uns, as lamentações de outros e a música funerária dos tocadores de flauta.

Entrou Jesus e falou-lhes: "Por que vos agitais assim? Por que chorais? Deixai de chorar e retirai-vos, pois a menina não está morta, mas apenas dorme".*

E as pessoas a quem falara escarneceram d'ele por saberem que ela estava morta.

Entretanto, Jesus mandou que saíssem todos,* e, fazendo-se acompanhar pelos que trouxera consigo e pelo pai e a mãe da menina, entrou onde estava deitada a filha do casal, tomou-lhe a mão e em alta voz lhe disse: "Talitá, cumi!"* o que quer dizer: Menina, eu te ordeno, levanta-te!

A menina, tendo-lhe voltado a vida, saiu do leito e pôs-se a caminhar pelo quarto, pois já contava doze anos. E Jesus mandou que lhe dessem de comer.

Seus pais estavam atônitos, verdadeiramente assombrados.

Recomendou-lhes Jesus com insistência que não falassem sobre o que havia acontecido,* para que ninguém

o ficasse sabendo. Não obstante, espalhou-se por toda aquela região a notícia do acontecimento.

419 — *Fluxo de sangue.* Veja-se o Levítico: XV, 33.

420 — *Alarido fúnebre.* Para dar testemunho de dor e em sinal de luto por seus mortos, costumavam os judeus recorrer a carpideiras que sem cessar os chorassem, e também contratavam músicos para tocarem hinos fúnebres na casa mortuária.

421 — *A menina não está morta, mas apenas dorme.* O que Jesus quer dizer é que vai fazer a menina despertar da morte como de um simples sono. E também nos lembra que a morte vem a ser apenas um sono de que despertaremos para a vida eterna. Dirá o mesmo no episódio da ressurreição de Lázaro, como adiante se verá.

422 — *Mandou que saíssem todos.* Não quis Jesus que fossem testemunhas do prodígio, como indignas disto, as pessoas que dêle haviam escarnecido quando dissera que a menina dormia.

423 — *"Talitá, cumi"*. Palavras aramaicas. Em tradução literal significam: Menina, levanta-te. O evangelista inseriu na sua tradução as palavras "eu te ordeno", integrantes do sentido da frase.

424 — *Recomendou-lhes que não falassem sobre o que havia acontecido.* Veja-se a nota 240.

72 — CURA DE DOIS CEGOS E DE UM POSSESSO MUDO

(S. Mateus, IX, 27-34)

Quando Jesus continuava o seu caminho, saíram-lhe no encalço dois cegos, clamando: "Tem compaixão de nós, Filho de Davi!"*

E chegando Jesus à casa, foi alcançado pelos cegos.*

"Credes que posso fazer o que desejais?" perguntou-lhes.

"Sim, Senhor", responderam-lhe.

Então Jesus lhes tocou os olhos, dizendo: "Faça-se conforme a vossa fé". Imediatamente êles recuperaram a vista. E Jesus lhes recomendou severamente: "Vêde que ninguém fique sabendo disto". Contudo, tendo-se ido dali, espalharam êles a notícia do ocorrido, dando fama a Jesus em toda a região.

Logo depois que os cegos partiram, levaram a Jesus um homem mudo, possuído do demônio.* Expulso o espírito maligno, o mundo recuperou a fala. Cheias de admiração, exclamaram as turbas: "Nunca se viu coisa assim em Israel!" Os fariseus, porém, diziam: "E' pelo poder do príncipe dos demônios que êle expulsa demônios".

425 — *Filho de Davi*. Com este título era habitualmente designado o Messias. Entretanto, não é fora de dúvida haverem os dois cegos testemunhado assim que reconheciam em Jesus o Salvador prometido a Israel. Segundo Ricciotti, os mendigos da Palestina costumavam implorar a caridade usando a invocação de que aqui se trata.

426 — *Foi alcançado pelos cegos*. Portanto, Jesus não se deteve para curar na estrada os dois cegos que aos brados o proclamavam Filho de Davi (Veja-se a nota anterior). E assim procedeu o Salvador em atenção à norma que adotara com respeito à sua divina missão, o que está explicado na nota 199.

427 — *Um homem mudo, possuído do demônio*. Segundo S. João Crisóstomo, esse homem era mudo não por defeito orgânico ou motivo natural, mas sim em consequência da possessão diabólica.

XII — A EUCARISTIA

73 — MISSÃO DOS APÓSTOLOS

(S. Mat. X, 5-42, XI, 1; S. Marc. VI, 7-13; S. Luc. IX, 1-6)

Tendo chamado os doze Apóstolos, enviou-os Jesus, dois a dois, para anunciar o reino de Deus e curar doentes. Conferiu-lhes poder e autoridade sobre todos os espíritos malignos e a virtude de curar enfermidades. E deu-lhes as seguintes instruções:

“Deixai de parte a terra dos gentios e não entreis nas cidades dos samaritanos,* mas procurai antes as ovelhas perdidas da casa de Israel.

“Ide, pois, e pregai, dizendo que está próximo o reino de Deus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, tornai limpos os leprosos, expulsai os demônios.

“Dai de graça o que de graça recebestes.* Não quereis possuir ouro nem prata. Não leveis coisa alguma para a viagem, a não ser um bastão,* e nem mesmo isto, nem alforje nem dinheiro na cinta* nem duas túnicas nem calçado nem pão, pois quem trabalha merece o seu sustento.*

“Sempre que chegardes a qualquer cidade ou aldeia, procurai conhecer ali alguma pessoa digna, e ficai em sua casa até saídes do lugar. Ao entrardes, saudai a residência, dizendo: “Esteja a paz nesta casa”.* E se na verdade a casa fôr digna, descera sobre ela a vossa paz; mas se fôr indigna, a vossa paz voltará para vós.*

“Quando alguém não vos acolher nem quiser ouvir as vossas palavras, deixai a casa ou cidade onde isto acontecer, e sacudi na saída o pó de vossos pés* em testemunho contra eles. Em verdade vos digo, no dia do Juízo, a terra de Sodoma e Gomorra* será tratada com menos rigor do que qualquer dessas cidades.

“Vede que vos envio como ovelhas para o meio dos lobos. Portanto, sede cautelosos como as serpentes e simples como as pombas.* Tomai cuidado com os homens, porque hão de entregar-vos aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas. Por minha causa sereis levados à presença de reis e governadores, para servir de testemunho a eles e às nações. Mas quando vos levarem, não vos preocupe o que haveis de dizer nem de que modo falareis. No momento oportuno recebereis a inspiração do que vos cumprirá dizer,

pois não sereis vós quem então falará, mas o Espírito de vosso Pai é quem há de falar por vós.

"O irmão entregará seu irmão à morte, o pai entregará o filho,* e os filhos se revoltarão contra os pais e lhes tirarão a vida. E por causa de meu nome sereis detestados por todos. Mas quem perseverar até o fim será salvo.

"Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra.* Em verdade vos digo que não terminareis de evangelizar as cidades de Israel até que apareça o Filho do Homem.* Não é o discípulo melhor que o mestre nem o servo é mais que o seu senhor. Deve o discípulo aceitar a sorte do seu mestre e o servo a do seu senhor. Se chamaram Belzebú ao pai de família, tanto mais insultarão os de sua casa.

"Não os temais, porém. Nada há encoberto que não se venha a descobrir, e nada há oculto que não se venha a saber.

"O que vos digo na escuridão, dissei-o em plena luz;* e o que vos digo ao ouvido, dissei-o do teto das casas.

"Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; antes temei aquêles que podem precipitar no inferno tanto a alma como o corpo.

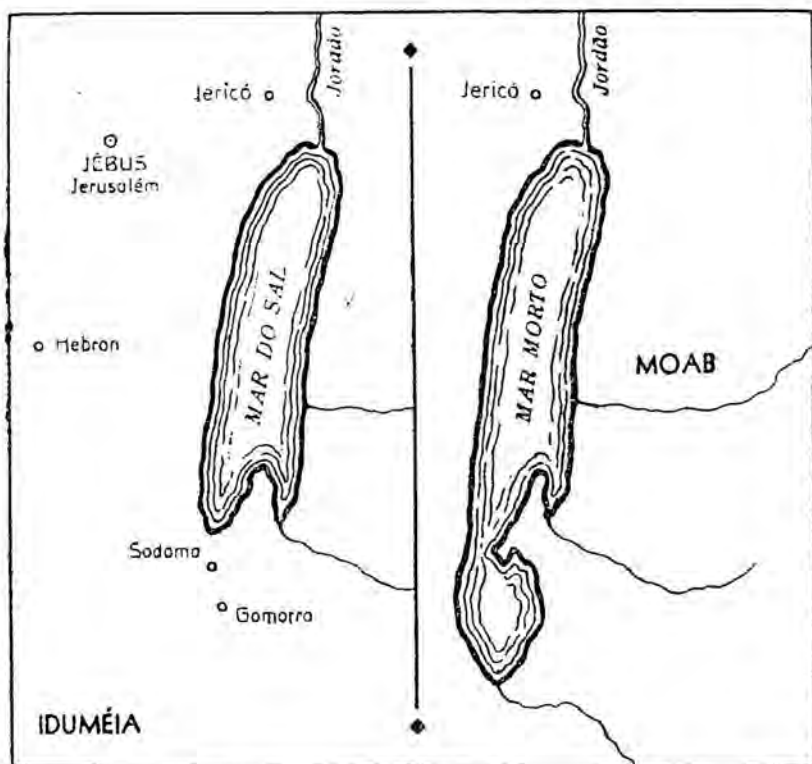
"Porventura não se vendem dois pardais por um asse?*" No entanto, nenhum deles cai por terra sem a permissão de vosso Pai. Até os cabelos de vossas cabeças estão todos contados. Assim sendo, não temais, porque maior é o vosso valor do que o dos pássaros em grande número.

"Todo aquêles que me professar diante dos homens será também reconhecido por mim diante de meu Pai que está nos céus. E quem diante dos homens me renegar, diante de meu Pai que está nos céus será também renegado por mim.

"Não julgueis que vim trazer a paz à terra. Não vim trazer a paz, mas sim a espada.* Vim separar o filho e o pai, a mãe e a filha, a sogra e a nora.* E serão inimigos do homem os seus próprios familiares.

"Quem ama seu pai e sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim. Quem ama seu filho e sua filha mais do que a mim, de mim não é digno. Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. Todo aquêles que se apega à sua vida, virá a perdê-la,* e quem por mim perde a sua vida, acha-la-á.

"Quem vos recebe, a mim recebe, e o que me recebe, recebe aquêles que me enviou. Quem recebe um profeta por ser êle um homem de Deus,* terá a recompensa de profeta; e quem recebe um justo, por ser êle um homem de virtudes,



O mar interior da Palestina, antes e depois da catástrofe mandada por Deus contra as cidades de Sodoma e Gomorra (Gen. XIX, 24-25), que provavelmente afundaram por efeito de terremoto, parte do castigo, sendo então submergidas pelas águas do grande lago.

terá a recompensa do justo. Quem oferecer a algum dos meus mais humildes discípulos um simples copo de água fresca, por ser êle discípulo meu, pode ficar certo — em verdade vos digo — que não deixará de receber a sua recompensa”.

Depois de ter terminado as suas instruções, partiu Jesus para ensinar e pregar nas cidades da Galiléia.*

Quanto aos Apóstolos, tendo-se pôsto a caminho, andavam de aldeia em aldeia, anunciando o Evangelho e fazendo curas em tôda parte. Pregavam a penitência, expulsavam demônios em quantidade e curavam numerosos enfermos, unguindo-os com óleo.*

428 — *Deixai de parte a terra dos gentios e não entreis nas cidades dos samaritanos.* O tempo da conversão dos gentios e dos samaritanos ainda não havia chegado. Cumpria aos Apóstolos pregarem primeiramente aos judeus, que era o povo em que o Messias havia nascido.

429 — *Dai de graça o que de graça recebestes.* Para que pudessem demonstrar com fatos a verdade que pregariam, os Apóstolos tinham recebido de Jesus o poder de curar enfermos e realizar milagres. Assim sendo, não deveriam aceitar remuneração pelo bem que fizessem ao próximo, exercendo o seu ministério sagrado sem atender aos interesses terrenos. Entretanto, veja-se também a nota 432.

430 — *A não ser um bastão.* Conforme S. Mateus, Jesus não permitiu aos Apóstolos levarem bastão e calçado, ao passo que, segundo S. Marcos, Jesus os autorizou a levar bastão e usar sandálias. E' uma contradição apenas aparente. No que diz respeito ao caso do bastão, vê-se no texto desta Sinopse como se conciliam os dois Evangelhos, completando-se naturalmente. Quanto ao segundo ponto, também não há contradição, porque S. Mateus se refere ao calçado supérfluo, a mais do que as sandálias. Em suma, o que Jesus ordena é que os Apóstolos partam como estão, sem procurar munir-se de outras coisas. A preocupação de elucidar estas minúcias, não deve fazer-nos esquecer o principal. Os dois evangelistas querem fazer notar, principalmente, que Jesus ordenou aos Apóstolos levarem consigo as coisas indispensáveis, entregando-se com absoluta confiança à Divina Providência.

431 — *Nem dinheiro na cinta.* Em viagem, os palestineneses, como outros orientais, costumavam levar as suas moedas em diferentes lugares da larga cinta que usavam: as de bronze mais à mão; as de ouro e prata cuidadosamente ocultas.

432 — *Quem trabalha merece o seu sustento.* Como os deveres da pregação não permitiam aos Apóstolos manter-se por trabalho de outro gênero, ao povo que êles serviam cumpria sustentá-los.

433 — *Esteja a paz nesta casa.* Proferidas pelos Apóstolos, estas palavras de saudação atraíam a bênção divina sôbre as casas dignas de recebê-los.

434 — *A vossa paz voltará para vós.* São expressões próprias dos costumes orientais. Ainda hoje, por exemplo, se um muçulmano “deseja paz” a um transeunte e vem a saber depois que se trata de um cristão, poderá pedir a êle: “Dá-me de volta a minha paz”. Entre-

tanto, o que Jesus quer dizer é que, no caso, reverteriam aos Apóstolos tôdas as bênçãos com que por sua causa poderia enriquecer-se a moradia indigna de recebê-los.

435 — *Sacudi o pó de vossos pés.* Na recomendação de Jesus, o ato representa um modo de manifestarem os Apóstolos que nada queriam de comum com os que repeliam a graça de Deus e assim provocavam os seus castigos.

436 — *Sodoma e Gomorra.* Fôra tão grande a corrupção dos moradores destas cidades, que as destruiu Deus, fazendo chover fogo e enxôfre sôbre elas (Gênesis: XIX, 24-25).

437 — *Sêde cautelosos como as serpentes e simples como as pombas.* São muito cautelosas as serpentes, porque não ouvem e só de rastos podem fugir. Quanto à pomba, é tomada como símbolo da alma inocente e boa. Fica assim compreendida a recomendação de Jesus. A prudência sem simplicidade é astúcia; a simplicidade sem prudência é inépcia e estultice.

438 — *O irmão entregará seu irmão, o pai entregará o filho, etc.* Na história dos mártires encontram-se dolorosas confirmações desta profecia. Basta citar o caso de Bárbara e Cristina, entregues ao algoz pelos próprios pais.

439 — *Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra.* A fuga foi recomendada aos Apóstolos porque, além de preservar para a Igreja os seus primeiros pastôres, também contribuía para a propagação do Evangelho. Nos tempos que se seguiram, a fuga foi condenada, permitida ou proibida, segundo as circunstâncias. E' proibida aos sacerdotes, quando com ela sofrerem consideravelmente os fiéis, pois então será o caso de dar o pastor a vida por suas ovelhas. Aos fiéis, só é proibida quando importa em apostasia.

440 — *Não terminareis de evangelizar as cidades de Israel até que venha o Filho do Homem.* Na acepção literal, significam estas palavras, segundo alguns intérpretes, que os Apóstolos não chegariam a evangelizar todo o povo de Israel antes que Jesus Cristo viesse exercer a sua justiça contra a cidade deicida e contra a nação judaica, o que aconteceu no ano 70 da nossa era, com a tomada de Jerusalém por Tito. Segundo outros, representam um aviso de que ainda antes de terem percorrido os Apóstolos tôda a Judéia, na pregação do Evangelho, Jesus Cristo, ressuscitado, os enviaria a anunciá-lo entre os gentios. Em sentido místico, podem elas significar que o povo de Israel se converterá ao Cristianismo no fim dos tempos, quando Jesus voltar ao mundo como já fôra predito, mas que mesmo então haverá judeus impenitentes.

441 — *O que vos digo na escuridão, dizei-o em plena luz.* Saindo da reserva que mantivera até então com o propósito de não excitar a malevolência dos seus adversários a fim de evitar que criassem embaraços à sua missão, Jesus passará agora a falar explicitamente sôbre os grandes mistérios do reino de Deus, a começar pela Eucaristia, e enfrentará publicamente os fariseus e os escribas, que serão por êle desmascarados. E então ordena aos Apóstolos que preguem a sua doutrina abertamente, como êle mesmo o fará. Ainda virá a propor algumas parábolas ao povo. Mas sômente porque a parábola era muito usada entre os judeus, e não com o intuito de encobrir, por motivo de prudência necessária, o sentido espiritual de suas palavras (V. nota 383).

442 — *Não se vendem dois passarinhos por um asse?*, etc. O asse era moeda romana de mínimo valor. Nesta passagem evangélica ensina Jesus que devemos abandonar-nos com absoluta confiança aos paternais cuidados de Deus, certos de que êle tudo faz pelo melhor, ainda que muitos dos seus cuidados escapem à nossa limitada compreensão.

443 — *Não vim trazer a paz à terra, mas sim a espada.* Jesus veio ensinar uma doutrina contrária ao mundo, com o fim de destruir o domínio de Satanás. E' a luta entre a virtude e o vício. E neste sentido disse o Salvador ter trazido à terra não a paz, mas sim a espada.

444 — *Vim separar o filho do pai*, etc. Jesus Cristo faz ver que o Evangelho será motivo de separação e divisão até na família, onde os pecadores obstinados se tomarão de animosidade contra os que se converterem.

445 — *Quem se apega à sua vida virá a perdê-la.* Na Vulgata consta "animam suam", mas no latim o vocábulo "anima" (alma) também significa "a vida". O sentido geral dos versículos é que devemos sacrificar tudo, até a vida, para alcançar a salvação eterna.

446 — *Quem recebe um profeta por ser êle um homem de Deus*, etc. Quem coopera com a obra da evangelização e auxilia os justos, tem parte no mérito e na recompensa que cabe aos justos e aos apóstolos.

447 — *Nas cidades da Galiléia.* Lê-se na Vulgata "in civitatibus eorum", nas cidades dêles. Os Apóstolos, com exceção de Judas Iscariotes, eram naturais da Galiléia. Entretanto, o evangelista não se refere às cidades natais dêles, mas sim às cidades dos galileus.

448 — *Ungindo-os com óleo.* Ensinou o Concílio Tridentino que nessas unções com óleo se figurava o futuro sacramento da Extrema-Unção.

74 — APREENSÕES DE HERODES — MORTE DE JOÃO BATISTA

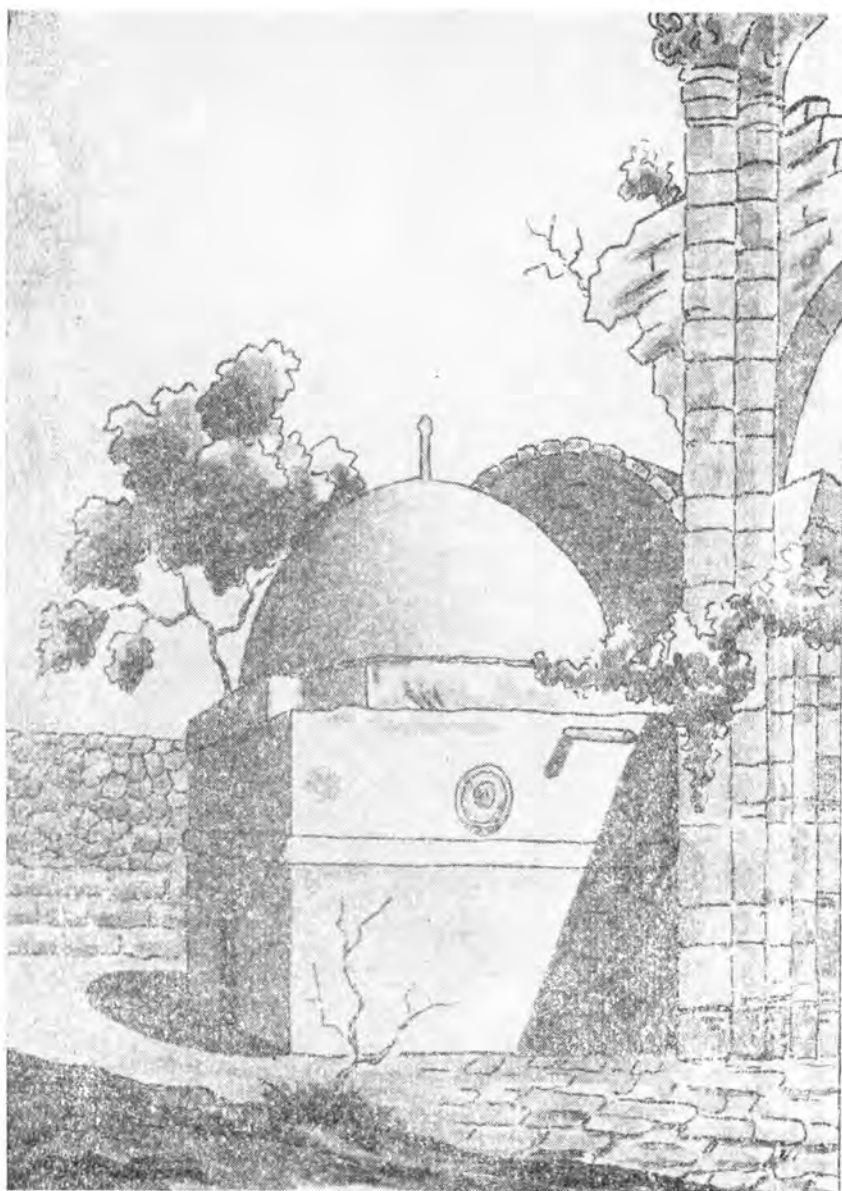
(S. Marc. VI, 14-29; S. Mat. XIV, 1-13; S. Luc. IX, 7-9)

Naquele tempo, o tetrarca Herodes* veio a saber notícias de Jesus, cujo nome já se tornara famoso. E disse êle aos seus familiares: "Êsse homem é João Batista que ressuscitou dos mortos. Por isto atua nêle a virtude dos milagres". Outros, porém, diziam: "E' Elias. Apareceu Elias".* E diziam terceiros: "E' um profeta como tantos que já existiram". E também: "E' um dos antigos profetas que ressuscitou".

Ouvindo isto, Herodes insistiu: "E' João, o mesmo que mandei decapitar, que ressurgiu dos mortos".

E' que Herodes mandara prender a João, pô-lo a ferros e encarcerá-lo,* por causa de Herodiade,* mulher de seu irmão Filipe, com a qual tinha casado. Porque João lhe advertira: "Não te é permitido ter a mulher de teu irmão".

Herodiade, entretanto, urdia intrigas contra êle. Queria fazê-lo matar. E não o conseguia porque Herodes vene-



TUMULO DE SÃO JOÃO BATISTA

rava a João, pois sabia que era um homem justo e santo. E não somente o protegia, mas ainda fazia muitas coisas a seu conselho, ouvindo-o de boa vontade. Demais, não se atrevia a mandá-lo matar por temer o povo, que considerava a João como profeta.

Chegou, porém, um dia propício.* Herodes celebrava o seu aniversário banquetecendo-se com os grandes de sua corte, os tribunos e os notáveis da Galiléia. E eis que entrou na sala a filha de Herodiade e dançou no meio do aposento,* agradando tanto a Herodes e aos seus convidados que o soberano lhe propôs: "Pede-me o que quiseres, e eu te darei". E até lhe disse: "Juro que te darei tudo o que me pedires, nem que seja a metade do meu reino".

Tendo saído da sala, a môça perguntou a sua mãe: "Que hei de pedir?"

E Herodiade respondeu: "A cabeça de João Batista".

Assim industriada pela mãe, voltou a môça apressadamente à sala onde estava o soberano, e fêz-lhe o seu pedido, dizendo: "Quero que me dê agora mesmo, numa bandeja, a cabeça de João Batista".

Entristeceu-se Herodes. Contudo, por causa do seu juramento e dos que estavam com êle à mesa,* não a quis contrariar. Enviou, pois, um dos seus guardas com ordem de trazer a cabeça de João numa bandeja.* O guarda foi então decapitar a João no cárcere. Depois trouxe numa bandeja a cabeça do morto e a entregou à môça, e ela foi levá-la a sua mãe.

Ao saber disto, vieram os discípulos de João, levaram o corpo e o sepultaram. E regressando, comunicaram a Jesus o ocorrido.

Ora, tendo notícia de tudo o que fazia Jesus, Herodes não sabia ao certo o que pensar a seu respeito, e dizia: "Eu mandei decapitar a João. Quem é, pois, êsse homem de quem ouço tais prodígios?" E por isto queria vê-lo.*

Mas ao saber da intenção do Tetrarca, Jesus retirou-se* daqueles lugares.

449 — *O tatarca Herodes.* Trata-se de Herodes Antipas.

450 — *Apareceu Elias.* Expressando-se dêste modo, confirmavam a tradição e a crença geral de que Elias não morrera. Se assim não pensassem, diriam que o profeta ressuscitara.

451 — *Mandara encarcerá-lo.* Na fortaleza de Maqueronte, situada a nordeste do Mar Morto e onde o Precursor permaneceu cerca de dez meses.

452 — *Por causa de Herodiade.* Veja-se a nota 123.

453 — *Dia propicio.* Propício para os planos perversos de Herodiade.

454 — *A filha de Herodiade dançou no meio do aposento.* Segundo o historiador Flávio Josefo, chamava-se Salomé essa princesa. Era filha de Filipe, o verdadeiro marido de Herodiade. Uns poucos críticos modernos põem em dúvida a narração evangélica, alegando que seria impróprio dançar uma princesa herodiana no festim. Conta Flávio Josefo, embora com certa repugnância, torpezas tais dessas fidalgas, que a falta de recato da jovem Salomé não pode nem deve causar espécie ("Guerra Judáica", 1, 498; "Antigüidade Judáicas", XVI, 221 e seg.).

455 — *Por causa dos que estavam com êle à mesa.* Para que não o menosprezassem em consequência de faltar à palavra levemente empenhada. Logo, por simples questão de amor-próprio, pois a degolação de João Batista não passou de assassinio, e não há juramento que obrigue a cometer um crime.

456 — *Mandou trazer a cabeça de João numa bandeja.* Os mesmos críticos a que se faz referência na nota 454, consideram crueldade inaudita e inverossímil esta ordem num banquete. No entanto, Cícero fala de crueldade idêntica perpetrada por L. Flaminino em Roma. E no Oriente êsses fatos ainda eram mais comuns.

457 — *Queria vê-lo.* E' provável que Herodes Antipas, mesmo admitindo a possibilidade de ser João ressuscitado aquêle de quem lhe contavam tantos prodígios, ainda hesitava em acreditá-lo, e queria ver para certificar-se.

458 — *Jesus retirou-se.* Evidentemente não foi por temor que Jesus se afastou dos domínios de Herodes, mas sim para evitar que a sua missão viesse a sofrer embaraços em consequência de alguma arbitrariedade do Tetrarca.

75 — REGRESSO DOS APÓSTOLOS — DESCANSO NO DESERTO

(S. Marc. VI, 30-34; S. Mat. XIV, 13-14; S. Luc. IX, 10-11; S. João, VI, 1-5)

Tendo voltado os Apóstolos, reuniram-se a Jesus e relataram-lhe tudo o que haviam feito e ensinado.

Disse-lhes então Jesus: "Vinde comigo. Retiremo-nos a algum lugar solitário para que descanséis um pouco". Porque êles nem tinham tempo para comer, tantas eram ali as pessoas que iam e vinham.

Levou-os, pois, Jesus consigo. E entrando num barco, retiraram-se todos para um lugar afastado, em terras da cidade de Betsaida,* na outra margem do mar da Galiléia,* chamado mar de Tiberíades.

Muitos, porém, os viram partir e perceberam-lhes a intenção. E logo que as turbas o souberam, foram por terra atrás do grupo. O povo seguia a Jesus em grande aglomeração, porque via os milagres que fazia aos enfermos. De tôdas as cidades acorreu gente, e chegaram antes a Betsaida.*

Depois de desembarcar ali, Jesus subiu a um monte, onde se sentou com os seus discípulos.

Estava próxima a Páscoa, dia de festa para os judeus.

Tendo Jesus erguido os olhos, viu os que em tão grande multidão o procuravam, e apiedou-se deles, porque eram como ovelhas sem pastor. E os recebeu, ensinou-lhes muitas coisas, falou-lhes do reino de Deus e restituiu a saúde a todos os que necessitavam ser curados de algum mal.

459 — *Em terras da cidade de Betsaida.* Trata-se de Betsaida-Júlia. A leste havia uma vasta extensão de terras quase completamente desabitadas. Foi para onde Jesus levou os Apóstolos.

460 — *Na outra margem do mar.* A travessia fêz-se em direção oblíqua, não na direção cardeal do ocidente para leste.

461 — *Chegaram antes a Betsaida.* A multidão seguiu a Jesus pela curva setentrional do lago, e, para se antecipar ao barco em que viajava o Salvador, atravessou o Jordão na sua desembocadura, onde é bastante estreito.

76 — MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (primeira)

(S. João, VI, 5-15; S. Mat. XIV, 15-23; S. Marc. VI, 35-46; S. Luc. IX, 12-17)

O dia começara a declinar. Fazendo-se tarde, os discípulos chegaram-se a Jesus e lhe disseram: "Este lugar é deserto e já vai adiantada a hora. Despede o povo para que vá às aldeias e vilas das redondezas, onde poderá hospedar-se e comprar o que comer".

Respondeu-lhes Jesus: "Não precisam ir. Dai-lhes de comer vós mesmos".

Tornaram êles: "Vamos então comprar duzentos denários* de pão para lhes dar de comer?"

Dirigiu-se Jesus a Filipe: "Onde compraremos pão para dar de comer a esta gente?" Disse isto, porém, somente a fim de pô-lo à prova, pois bem sabia o que havia de fazer.

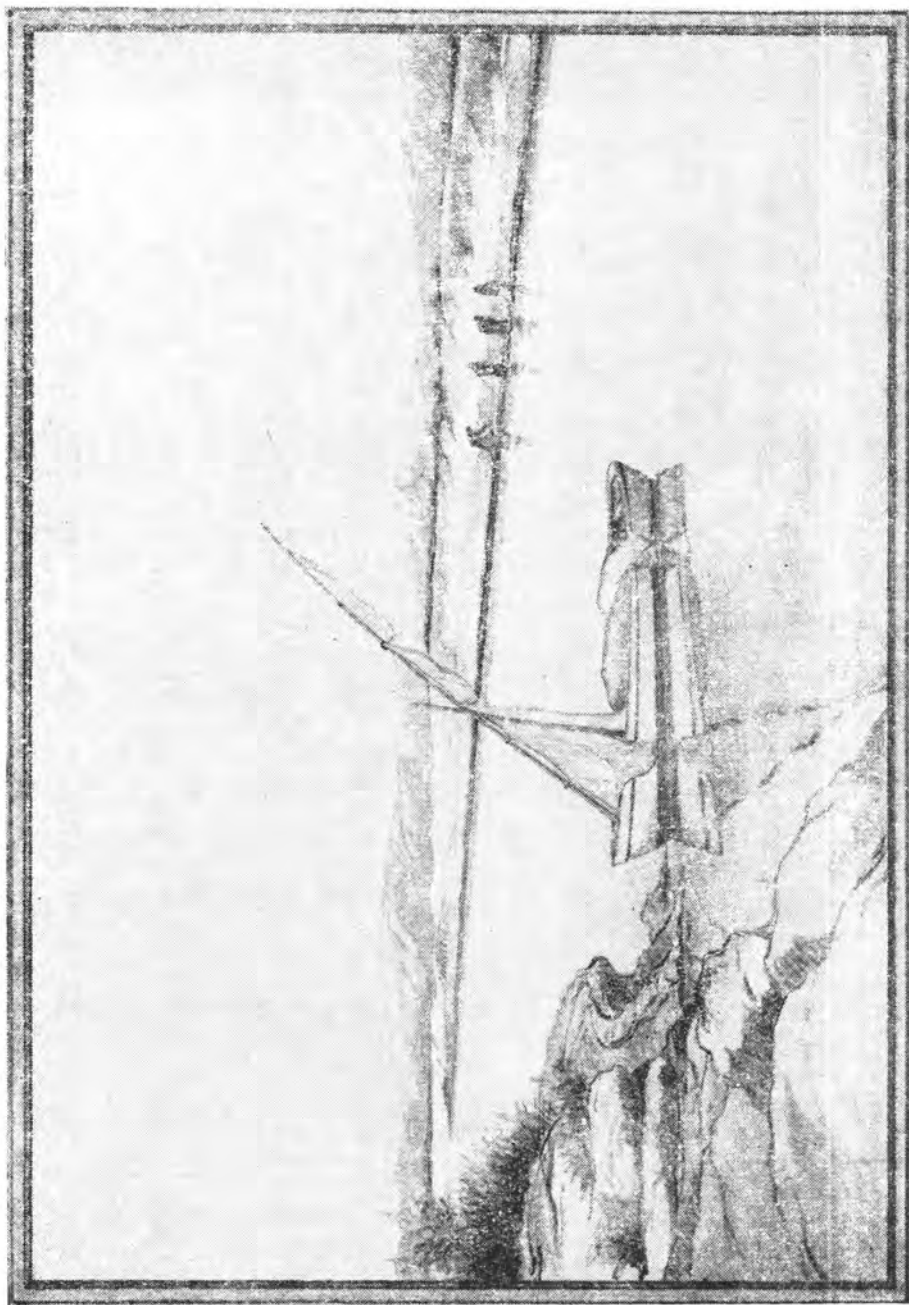
Respondeu Filipe: "Duzentos denários de pão não bastam nem para que cada um receba um bocado apenas".

Perguntou Jesus: "Quantos pães têm? Ide e verificai".

Depois de se terem informado os discípulos, um deles, André, irmão de Simão Pedro, informou-lhe: "Há aí um menino que tem cinco pães e dois peixes. Mas que é isto para tanta gente?" E disseram os outros: "Não havendo mais do que cinco pães e dois peixes, teríamos de comprar mantimentos para toda esta multidão". A turba que ali estava era de quase cinco mil homens.*

Disse Jesus aos discípulos: "Trazei-me os pães e os peixes, e fazei sentar-se o povo para comer, em grupos de cinquenta homens".

Ora, havia muita relva naquele lugar, e Jesus mandou que fizessem recostar-se o povo sobre as alfombras verdes. Atendendo-lhe à recomendação, os discípulos fizeram sentar-



O JORDÃO NA ENTRADA DO LAGO DE GENESARÉ

-se todos. E os cinco mil homens, ou quase, por ali se recostaram em grupos de cem e cinqüenta.*

Jesus tomou então os cinco pães e os dois peixes. Em seguida ergueu os olhos ao céu, e, tendo dado graças, abençoou e partiu os pães, e entregou-os aos discípulos para que os oferecessem à multidão. E os discípulos os distribuíram pelo povo, que já estava recostado para comer.

O mesmo fez Jesus com os peixes, e os repartiu entre todos, tanto quanto queriam.

E todos comeram e ficaram saciados.

Quando os viu satisfeitos, ordenou Jesus aos seus discípulos: "Recolhei tôdas as sobras* para que não se percam". Os discípulos as recolheram, e encheram doze cestos com o que sobrou de quanto o povo tinha comido dos cinco pães e dos dois peixes. Ora, o número dos que comeram era aproximadamente de cinco mil homens, sem falar, portanto, nas mulheres e nas crianças. E diante do milagre que Jesus realizara, dizia o povo: "Este é sem dúvida o profeta que havia de vir ao mundo".

Nisto Jesus previu que tentariam apoderar-se dêle com o intuito de o proclamarem rei. Então fez os seus discípulos embarcar imediatamente, para que, seguindo em direção a Betsaida, chegassem antes à outra margem do lago,* enquanto êle despedia o povo.

E depois de ter despedido a multidão, retirou-se outra vez sozinho para o monte, a fim de fazer oração.

462 — *Duzentos denários.* O denário ou dinheiro era moeda romana. Por duzentos denários poder-se-ia comprar pão para 4.800 pessoas aproximadamente. Mas só homens já havia ali cerca de 5.000. Foi o que motivou a imediata discordância de Filipe.

463 — *Cinco mil homens.* No Oriente, em público só se tomavam em conta os homens. Tratava-se de um costume legal. Haja vista o recenseamento de Moisés (Números, I) que não cita as mulheres.

464 — *Recostaram-se em grupos de cem e cinqüenta.* E' possível que não tenha sido rigorosamente executada a recomendação feita por Jesus de que o povo fôsse acomodado em grupos de cinqüenta homens. Mas também pode ser que o evangelista se refira a grupos de cem homens porque dois de cinqüenta, muito aproximados, se poderiam tomar como um de cem.

465 — *Recolhei tôdas as sobras.* Jesus segue aqui um costume judaico, segundo o qual as sobras das refeições eram cuidadosamente recolhidas, para serem depois aproveitadas como fôsse possível. Ao mesmo tempo nos ensina o Salvador a não desperdiçar as dádivas que nos prodigaliza.

466 — *Em direção a Betsaida... na outra margem do lago.* Como ficou dito em nota anterior (148), asseguram diversos autores que no tempo de Jesus existia na margem ocidental do lago de Genesaré, ao sul de Cafarnaúm, uma povoação com o nome de Betsaida. Admi-

tida a existência desta Betsaida, a ordem de Jesus explica-se por si mesma. Entretanto — como também ficou dito na mesma nota — há quem conteste que essa localidade tenha existido, explicando-se então a ordem de Jesus da seguinte maneira: não é necessário supor que Betsaida fôsse a meta final do trajeto; a ordem justifica-se muito bem como indicação geral do caminho a seguir, visto que se tratava de um "regresso", e que, na ida, Jesus e os discípulos haviam passado por perto de Betsaida Júlia.

77 — JESUS CAMINHA SÔBRE O MAR

(S. Mat. XIV, 24-33; S. Marc. VI, 47-52; S. João, VI, 16-21)

Era ao anoitecer. Os discípulos desceram até o mar, e, tendo embarcado, navegaram para a outra margem, no rumo de Cafarnaúm.

Já noite escura, Jesus ainda não fôra ter com êles.

Entretanto, as águas encapelavam-se porque soprava um vento muito forte. Em pleno mar, o barco era violentamente sacudido pelo embate das ondas.

Ia, pois, o barco a meio caminho, e Jesus ainda estava sôzinho em terra. Quase à quarta vigília* da noite, vendo quanto se fatigavam os seus discípulos pelo esforço de remar,* pois navegavam com vento contrário e já tinham percorrido vinte e cinco a trinta estádios,* Jesus foi caminhando sôbre as águas em direção a êles, e fêz como se pretendesse seguir adiante.*

Quando viram a Jesus andando no mar e aproximando-se do barco, os discípulos pensaram que era um espectro, e, assustados, exclamaram: "E' um fantasma!" E gritaram de medo, porque todos o viram e ficaram perturbados.

Mas logo Jesus lhes falou: "Tende confiança. Sou eu. Não temais".

Então disse-lhe Pedro: "Senhor, se és tu, manda que eu vá sôbre a água* até onde estás".

"Vem", respondeu Jesus.

Pedro saiu do barco e pôs-se a caminhar sôbre o mar em direção a Jesus. Nisto ocorreu-lhe que o vento estava muito forte, e teve medo. Começando logo a afundar, bradou: "Senhor, salva-me!"

Imediatamente Jesus estendeu a mão, segurou-o e disse-lhe: "Homem de pouca fé, por que duvidaste?"

De bom grado os Apóstolos receberam então a Jesus no barco, e, no momento em que êle embarcou, amainou o vento, e de repente o barco chegou à terra para onde iam,* o que aumentou muito mais o espanto dos Apóstolos.* E' que não haviam compreendido o milagre dos pães, porque tinham obcecado o coração. Mas então todos os que se achavam no barco prostraram-se aos pés de Jesus,* dizendo: "Tu és verdadeiramente Filho de Deus".

467 — *Quase à quarta vigília.* Como os romanos e os gregos, os judeus dividiam a noite em quatro espaços de tempo, de três horas cada um, chamados vigílias. A quarta vigília começava às três horas da madrugada.

468 — *Pelo esforço de remar.* Os discípulos navegavam batidos de lado pela ventania, e quando já estavam a quatro ou cinco quilômetros da praia, colheram a vela, que então se tornara perigosa, e puseram-se a remar com vigor. Mas a viagem se fazia de tal modo difícil que muito pouco conseguiam avançar.

469 — *Vinte e cinco a trinta estádios.* Uma distância de cinco quilômetros, mais ou menos, pois o estádio, antiga medida itinerária, equivalia a 185 metros.

470 — *Fêz como se pretendesse seguir adiante.* A fim de pôr à prova a fé dos Apóstolos, fazendo-os sentir quanto poderiam esperar da sua onipotência.

471 — *Manda que eu vá sobre a água.* S. Marcos omite no seu Evangelho o fato de ter S. Pedro caminhado sobre as águas do lago. E' que o caso revertia em honra para o chefe dos Apóstolos, o qual demonstrara maior fé do que os seus companheiros, e porque a narração de S. Marcos baseia-se tôda em informações do próprio S. Pedro e foi submetida a sua aprovação. A modéstia impunha a omissão.

472 — *E de repente o barco chegou à terra para onde iam.* Neste ponto dos Evangelhos, S. João omite diversas circunstâncias registradas pelos outros evangelistas, e assim procede para salientar um fato milagroso de que eles não falaram: a repentina chegada do barco à margem ocidental do lago.

473 — *Muito mais aumentou o espanto dos Apóstolos.* Os Apóstolos ainda tinham os corações obstinados na falsa interpretação das profecias messiánicas. Pensavam que chegara a ocasião de Israel reconquistar a preeminência entre as nações. Longe ainda estavam de se dar conta da onipotência de Jesus. Por isto continuavam a admirar-se dos prodígios que o Mestre realizava.

474 — *Prostraram-se aos pés de Jesus.* Com este sentido S. Mateus emprega nesta passagem (XIV, 33) o hebraísmo "adoraram-no". Foi um ato de reverência e não de adoração própria dita.

475 — *És verdadeiramente Filho de Deus.* Não pensaram os Apóstolos em dar assim a entender que reconheciam a consubstancialidade de Jesus com o Eterno Pai. Nem o diziam Filho de Deus simplesmente como todo justo pode ser chamado. Proclamavam-no, sim, um homem extraordinário a quem Deus havia concedido poderes supremos.

78 — CURAS EM GENESARÉ

(S. Marc. VI, 53-56; S. Mat. XIV, 34-36)

Tendo atravessado o lago, Jesus e seus discípulos foram dar à terra de Genesaré,* onde aportaram.

Os moradores daquele lugar, que já conheciam a Jesus, imediatamente mandaram avisos para as redondezas. E como eles percorressem tôda a região, aquêles que padeciam

algun mal eram levados a Jesus em leitos, a qualquer lugar onde ouviam dizer que êle estava. Apresentavam-lhe assim quantos sofriam de enfermidades. E onde quer que êle entrasse, fôsse nas aldeias ou nas vilas e cidades, punham os doentes no centro das praças e lhe pediam que ao menos permitisse aos enfermos tocarem a orla de suas vestes. E todos os que o tocavam ficavam sãos.*

476 — *Foram dar à terra de Genesaré.* Era uma planície situada um pouco abaixo de Cafarnaúm. Chamava-se também Genesar. — Os Apóstolos haviam tomado a direção de Cafarnaúm, como lhes ordenara Jesus. Foram, porém, desviados do seu rumo por correntes e ventos contrários. E' a razão de haverem arribado a Genesaré.

477 — *Ficavam sãos.* Jesus recompensava assim a crença edificante de que bastava tocá-lo para recuperar a saúde.

79 — SERMÃO SÔBRE A EUCARISTIA

(S. João, VI, 22-72)

No dia seguinte, o povo que ficara na outra margem do mar, atentou em que não estivera ali senão um barco, que Jesus não embarcara nêle com os discípulos e que êstes tinham partido sòzinhos.

Entretanto, chegaram de Tiberíades outras embarcações até às imediações do lugar onde haviam comido o pão, tendo o Senhor dado graças.* Como a turba verificasse que Jesus já não se encontrava ali, assim como não estavam os seus discípulos, entraram nos barcos e foram a Cafarnaúm, em busca de Jesus. E ao darem com êle na outra margem, perguntaram-lhe: "Mestre, quando foi que chegaste aqui?"*

Respondeu-lhes Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo, andais à minha procura, não por terdes visto os meus milagres, mas porque comestes os pães e ficastes saciados.* Deveis trabalhar, não pelo alimento, que dura pouco,* mas sim pelo que fica para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará, pois a êle assinalou Deus Pai* para isto".

Então perguntaram êles: "Como devemos proceder para fazer o que Deus quer de nós?"*

Respondeu-lhes Jesus: "O que Deus quer de vós consiste em crerdes naquele que foi por êle enviado".

Tornaram êles: "E que milagres fazes tu,* para que os vejamos e te demos fé? Quais são as tuas obras? Nossos pais comeram o maná no deserto segundo está escrito:* 'Deu-lhes de comer o pão do céu'".

Disse-lhes Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo, Moisés não vos deu o pão do céu; meu Pai, sim, vos dá o

verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá a vida ao mundo”.

Então eles lhe pediram: “Senhor, dá-nos sempre dê-se pão”.

E Jesus prosseguiu: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim nunca terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede.* Mas já vos disse que me vistes e no entanto não crêdes.

“Tudo o que o Pai me dá vem a mim, e eu não hei de repelir quem vier ter comigo. Porque desci do céu, não para fazer a minha vontade,* mas sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de meu Pai, que me enviou, é que eu não deixe perecer nenhum de quantos ele me deu, mas que os ressuscite no dia do Juízo. E’ vontade de meu Pai que todos os que vêem o Filho e nele crêem, tenham a vida eterna e que no último dia eu os faça ressuscitar”.

Entretanto, os judeus murmuravam dêle porque afirmara ser o pão vivo que havia descido do céu. E diziam: “Acaso este Jesus não é o filho de José, e porventura não conhecemos tanto seu pai como sua mãe? Portanto, como pode êle dizer que desceu do céu?”

E Jesus respondeu-lhes, dizendo: “Não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a mim se não o mover a isto o Pai* que me enviou. E eu o ressuscitarei no último dia”.*

“Está escrito* nos profetas: “Serão todos ensinados por Deus”. Quem ouve ao Pai e lhe aceita a doutrina, vem a mim. Não que alguém tenha visto ao Pai, a não ser o que é de Deus, pois êste, sim, o viu.

“Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim tem a vida eterna.*

“Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Mas o pão que desce do céu é tal que não morre quem dêle come. Eu sou o pão vivo que desci do céu. Quem comer dêste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne, para a vida do mundo”.

Discutiram entre si os judeus, dizendo: “Como poderá êle dar a sua carne para a comermos?”

E Jesus lhes disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue,* não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.* Porque a minha carne é verdadeiramente alimento, e o meu sangue é verdadeiramente bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, em mim permanece. E eu também nêle permaneço. Como meu Pai, que tem em si a vida, me enviou, e como eu vivo pelo Pai, todo aquele que de mim se alimentar, também por mim viverá. Êste é o pão que desceu do céu. Não é como o maná

que vossos pais comeram, morrendo depois. Quem come este pão viverá eternamente”.

Estas palavras foram ditas por Jesus na sinagoga de Cafarnaúm,* enquanto ali ensinava.

Muitos dos seus discípulos* que o tinham ouvido, disseram: “Estranha linguagem essa!* Quem pode ouvi-la?”

E sabendo Jesus que os discípulos murmuravam a respeito de suas palavras, disse: “Isto vos escandaliza? Que acontecerá então quando virdes o Filho do Homem subindo para onde estava antes?* De nada vale a carne; o espírito é que vivifica. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida.* Mas entre vós há alguns que não crêem”.

Jesus sabia desde o princípio quem eram os descrentes e quem haveria de traí-lo.

E acrescentou: “Por este motivo vos disse eu que ninguém pode vir a mim se isto não lhe fôr concedido pelo Pai”.*

A partir daí, muitos dos seus discípulos tornaram atrás e deixaram de andar com ele. Então disse Jesus aos doze Apóstolos: “Porventura quereis vós também retirar-vos?”

“Senhor — respondeu imediatamente Simão Pedro — a quem havíamos de ir? Tu tens palavras de vida eterna,* e nós acreditamos e sabemos que és o Santo de Deus”.*

Volveu-lhes Jesus: “Não vos escolhi eu a vós doze? No entanto, entre vós há um demônio”.*

Referia-se Jesus a Judas Iscariotes, filho de Simão, porque Judas, sendo embora um dos doze, ainda viria a traí-lo.

478 — *Onde haviam comido o pão, tendo o Senhor dado graças.* Nesta passagem inspirou-se provavelmente a Igreja para dar o nome de “Eucaristia” (Ação de Graças) ao sacramento da Comunhão.

479 — *Quando chegaste aqui?* Como a ressaca é muito forte na margem oriental do lago de Genesaré, costumam deixar as embarcações nas praias ocidentais. E para evitarem o vento do Mediterrâneo que em geral começa a soprar pouco depois do meio-dia, navegam antes para o Ocidente. Na narração evangélica supõe-se isto. Já era tarde quando o povo terminara a refeição de pães e peixes que lhes fôra proporcionada por Jesus no deserto de além Jordão. Os barcos que se achavam no local, haviam regressado à outra margem do lago, com exceção de um, que afinal também partiu, conduzido pelos discípulos. Muita gente resolvera esperar ali por perto que Jesus voltasse do monte aonde se retirara para fazer oração. No dia seguinte regressaram os pescadores que haviam feito a travessia para a margem ocidental, e encontraram os que ainda esperavam, no outro lado, a volta de Jesus. Estes, tendo visto os discípulos partirem para a margem ocidental e tendo verificado que Jesus já não se encontrava no local da multiplicação dos pães nem nas imediações, pediram aos pescadores que os levasse de volta a Cafarnaúm. Quando finalmente encontraram a Jesus, procuraram informar-se do momento exato da sua chegada, pensando deduzir da informação o modo como o Salvador viera até ali, porque, não podendo explicar satisfatoriamente como pas-

sara da Transjordânia para Cafarnaúm sem ter sido avistado por nenhum deles, suspeitaram de um prodígio, o que realmente tinha acontecido, como já se viu.

480 — *Andais à minha procura porque comestes os pães e já castes saciados.* Com esta censura àqueles homens que não o procuravam em busca de benefícios espirituais, mas de proveitos terrenos, inicia Jesus o chamado Sermão da Eucaristia. A magnífica peça evangélica, assim como hoje a conhecemos, é uma "composição" em que foram reunidas à pregação do Salvador propriamente dita diversas sentenças de assunto análogo, anunciadas em outras ocasiões. Este método de "composição" em parte cronológica e em parte lógica, era habitual na catequese e nos escritos da época. A primeira parte do sermão foi proferida nas ruas de Cafarnaúm. O restante, na sinagoga da cidade.

481 — *Não deveis trabalhar pelo alimento que dura pouco.* Houve quem interpretasse literalmente esta passagem do Evangelho, concluindo que Jesus pregava o absurdo de que não se deve trabalhar para viver. O verdadeiro sentido das palavras de Jesus consiste em que não devemos trabalhar principalmente pelo sustento corporal, mas sim pelo sustento da alma, pela graça divina, que dura para a vida eterna.

482 — *A ele assinalou Deus.* O poder de realizar milagres e a excelência da doutrina são os sinais pelos quais se fazem reconhecer os enviados de Deus.

483 — *Que devemos fazer?* Refere-se esta pergunta à exortação de Jesus: Deveis trabalhar pelo alimento que fica para a vida eterna.

484 — *Que milagres fazes tu?* Esta pergunta, feita depois do milagre da multiplicação dos pães, parece absolutamente descabida. Explica-se, porém. Freqüentemente nos diz o Evangelho que, à vista dos milagres, as multidões acreditavam em Jesus. No entanto, pouco depois o texto sagrado nos fala de incrédulos que se opunham ao Salvador. Seriam outras pessoas, que se vinham juntar às testemunhas dos prodígios.

485 — *Segundo está escrito.* Vejam-se Êxodo: XVI, 14; Salmos, LXXVII, 24; Sabedoria: XVI, 20.

486 — *Nunca terá fome... nunca terá sede.* O pão que dá a vida eterna, isto é, a vida sobrenatural, não satisfaz a fome fisiológica, mas a fome e sede de paz e felicidade que sentem as almas.

487 — *Não para fazer a minha vontade.* A vontade do Eterno Pai é a vontade divina do Filho. Quando Jesus fala da vontade de seu Pai e da sua como de vontades diferentes, refere-se à sua vontade humana.

488 — *Se a isto não o mover o Pai.* Sem que haja no caso qualquer coação, mas apenas um estímulo da graça, ato de amor e não de violência, a que uns cedem de bom grado e ao qual outros obstinadamente resistem.

489 — *E eu o ressuscitarei no último dia.* Só Jesus pode falar assim, igualando-se ao Eterno Pai. Cada uma de suas palavras revela a sua divindade, e não só isto, mas também a supõe.

* 490 — *Está escrito.* Cfr. Isaías: LIV, 13.

491 — *Quem crê em mim tem a vida eterna.* A fé viva, animada pela caridade, é que dá a vida eterna. A fé abstrata do pecador é morta e não pode salvá-lo, como ensina S. Tiago na sua Epístola. (II, 24-26)

492 — *Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue...* A despeito do espanto dos judeus e de sua repulsa em admitir o que ouviam, Jesus, exigindo que tivessem fé em suas palavras, e por isto sem explicar de que modo a sua carne e o seu sangue se tornariam alimento e bebida das almas, responde apenas que o caso é de preceito absolutamente necessário. Não se trata de alimento puramente espiritual. Fala êle do pão eucarístico, consubstanciação da carne e do sangue do Homem-Deus.

493 — *E eu o ressuscitarei no último dia.* (V. nota 489) Todos os homens, bons e maus, serão ressuscitados pelo poder de Cristo. Mas êle aqui só fala da ressurreição dos bons, como conseqüência de seus méritos, e do princípio vital de que o pão eucarístico lhes terá penetrado a carne e o sangue, e que se conservará até nas suas cinzas.

494 — *Na sinagoga de Cafarnaüm.* Veja-se a nota 480 "in fine".

495 — *Muitos dos seus discípulos.* Não do número dos Apóstolos, mas dos que com êles seguiam a Jesus.

496 — *Estranha linguagem essa!* Na Vulgata consta: "Durus est hic sermo", isto é, dura é essa linguagem. O vocábulo "durus" significa aí "difícil de compreender e admitir", sentido também contido no vocábulo "estranho", adotado nesta Sinopse. Evidentemente as palavras de Jesus nesta passagem haviam de ser muito obscuras para os seus ouvintes. Era natural e justo que necessitassem de algum esclarecimento, e que o pedissem. Deviam lembrar-se dos muitos milagres que tinham presenciado, e implorar novas luzes do Mestre. Mantiveram-se, porém, na sua obstinação mental, e êste foi o grande erro que afinal os levou à deserção.

497 — *Que acontecerá quando virdes o Filho do Homem subindo para onde estava antes?* Jesus fala do seu corpo como êle seria depois da ascensão, isto é, espiritualizado. E dá a entender que se apesar dos seus milagres os judeus se escandalizavam quando êle afirmava ter descido do céu, mais haveriam de se escandalizar se o vissem subir ao céu ou quando ouvissem dizer que êle para lá voltara.

498 — *As minhas palavras são espírito e vida.* Assim como a alma comunica a vida natural ao corpo, o Filho de Deus, o Verbo Eterno, que é espírito, comunica a vida sobrenatural àqueles em quem habita. O Filho de Deus habita em Jesus e fala por sua bôca. Também habita nas almas que aceitam as palavras de Jesus e nelas crêem. Assim é que as palavras de Jesus são transmissoras do espírito e da vida divina.

499 — *Ninguém pode vir a mim se isto não lhe fôr concedido pelo Pai.* Os adversários do livre arbitrio abusaram desta passagem do Evangelho para defender a falsa doutrina da graça irresistível. Entretanto, a verdade é outra. Em matéria de salvação, o homem nada pode sem o estímulo da graça; mas tem a faculdade de resistir a êsse estímulo, tornando-o inútil. Assim pontificou o Concílio de Trento (Sessão VI, cânone IV). As afirmações em contrário constituem heresia.

500 — *Tu tens palavras de vida eterna.* Ainda que S. Pedro não compreendesse mais do que os outros o mistério sobre o qual Jesus aca-

bava de falar, declarou acreditar que seu Mestre nada prometia que não fôsse verdade. No momento era o bastante. E esta sua profissão de fé nos prepara o espírito para a que fará mais adiante e lhe merecerá a primazia entre os Apóstolos (V. S. Mateus: XVI, 16).

501 — *Sabemos que és o Santo de Deus.* Tradução do versículo como se encontra no texto grego.

502 — *Entre vós há um demônio.* Não quis dizer Jesus que Judas era um demônio por natureza, mas sim que o era por semelhança. Ainda que previsse a infidelidade de Judas, sentiu-a Jesus como um golpe, no trágico momento em que ela começou a se tornar efetiva. A respeito do caso de Judas vejam-se as notas 296 e 876.

XIII — REFÚGIO NA GALILÉIA

80 — TRADIÇÕES EM DISCUSSÃO

(S. Marc. VII, 1-16; S. Mat. XV, 1-11; S. João, VII, 1)

Depois disto, estêve Jesus percorrendo a Galiléia. Resolvera sair da terra dos judeus porque éstos queriam matá-lo.*

Então foram ter com êle os fariseus e diversos escribas chegados de Jerusalém. E tendo visto alguns dos seus discípulos comer pão* com mãos impuras, isto é, sem estarem lavadas, censuraram-lhes o procedimento. E' que os fariseus e os judeus em geral não comem sem lavar muitas vêzes as mãos, observando nisto a tradição dos antigos. Quando voltam dos lugares públicos, não comem sem se banharem. Além disto, observam muitos outros usos e costumes impostos pela tradição, como lavar os copos, os jarros, os vasos de metal e os reclinatórios.

Assim, pois, os fariseus e os escribas perguntaram a Jesus: "Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos antigos, não lavando as mãos para comer pão, mas comendo-o com mãos impuras?"

Respondeu-lhe Jesus: "E vós, por que transgredis a lei de Deus, preferindo seguir a vossa tradição?* Hipócritas!* Com razão profetizou Isaías sôbre vós segundo está escrito:* "Êste povo honra-me com a bôca, mas o seu coração está longe de mim. Ensinando apenas doutrinas e preceitos humanos, é em vão que me honram.* Deixais de parte o que Deus vos ordenou e observais a tradição dos homens, lavando jarros e copos. E fazeis muitas outras coisas semelhantes".

Disse-lhes Jesus ainda: "Para guardar a vossa tradição, fazeis caso omisso do que Deus determinou. Segundo Moisés, disse Deus: "Honra teu pai e tua mãe. Quem injuriar seu pai ou sua mãe seja punido de morte". Vós, porém, dizeis: "Basta que um homem declare: "E' *corban** — quer dizer oblação — qualquer coisa minha que te possa ser útil", e ficará dispensado de auxiliar o pai ou a mãe". Dêste modo, com a tradição por vós inventada contrariais a palavra de Deus. E fazeis muitas outras coisas assim".

Em seguida chamou para si o povo e disse: "Ouvime todos e compreendi bem. O que de fora passa ao in-

terior do homem, não pode manchá-lo.* Sòmente o que sai do homem é que o torna impuro. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!"

503 — *Resolvera sair da terra dos judeus porque estes queriam matá-lo.* Ainda não era chegada a hora de Jesus entregar-se para o supremo e cruento sacrifício do Calvário.

504 — *Comer pão.* E' um hebraismo esta expressão. Significa comer, geralmente falando, tomar alimento.

505 — *Por que transgredis o mandamento de Deus, preferindo seguir a vossa tradição?...* Severa é a réplica de Jesus. Mas porque os homens de Jerusalém lhe falaram em tom de censura, com manifesta insolência. Adversários da Igreja têm citado a passagem da epígrafe com a intenção de provar que Jesus Cristo rejeitou a tradição. E' argumentar da espécie para o gênero, do particular para o geral. O que Jesus Cristo condenou foram as tradições opostas à lei de Deus, como era a dos rabinos, que sacrificava a essência da lei divina a cerimônias exteriores.

506 — *Hipócritas!* E' a primeira vez que assim verbera Jesus os seus adversários. Cerrando os olhos à verdade e o coração à voz da justiça, eles pretendem levá-lo à morte e tudo fazem por desprestigiar o seu ensino e deturpar o caráter de sua missão. São eles mesmos que forcem o Salvador a desmascará-los. E sòmente dêsse modo se faz calar esta espécie de gente. Veja-se também a nota 119.

507 — *Como está escrito.* Isaías: XXIX, 13.

508 — *Em vão me honram.* As práticas exteriores de devoção, quando bem entendidas, não são apenas úteis, mas também necessárias para despertar a piedade do coração, porque o homem não é puro espirito. Erram, porém, os que fazem consistir a sua piedade unicamente nessas práticas devocionais.

509 — *"Corban".* E' uma palavra hebraica que significa "ofenda". Censura Jesus os fariseus porque, sob pretexto de seguir a tradição dos antepassados, ensinavam que os filhos podiam consagrar a Deus os bens que tivessem, ainda mesmo deixando de acudir os pais em suas necessidades, visto ser Deus o Pai supremo e os pais terrestres participarem do mérito de tais ofertas, que eram entreues ao Templo. Sucedia então freqüentemente que um filho indisposto com os pais declarava "Corban" o que pessoalmente possuía, e seus pais, mesmo que estivessem em grande necessidade, não podiam tocar em nada do que era do filho, ao passo que este continuava gozando tranqüilamente os bens oferecidos em voto — assim o permitiam os rabinos — até que os entregasse efetivamente no Templo, se é que não descobria uma desculpa válida para deixar de entregá-los, pois também nisto o auxiliava a casuística dos doutôres da lei.

510 — *O que vem de fora não pode manchar o homem, etc.* O que entra pela bôca, só por sua natureza não mancha o homem, espiritualmente falando. Poderá manchar se existe lei que proíba o seu uso. Mas mesmo neste caso, não é o alimento recebido que mancha, e sim a desobediência, que procede do íntimo do homem. Já houve quem citasse esta passagem como argumento para condenar os preceitos de abstinência e jejum estabelecidos pela Igreja. Mas se as palavras de Jesus pudessem ser assim interpre-

tadas, dever-se-ia também admitir que o Salvador não condenou também a gula e a embriaguez, o que é absurdo.

81 — JESUS EXPLICA AOS DISCÍPULOS AS SUAS PALAVRAS

(S. Mat. XV, 12-20; S. Marc. VII, 17-23)

Depois de despedido o povo, e já estando Jesus em caminho com os discípulos, aproximaram-se-lhe êstes e o interrogaram sobre o sentido da parábola. E disseram-lhe: "Sabes que os fariseus se escandalizaram quando ouviram as tuas palavras?"

Respondeu-lhes Jesus: "Tôda planta que não foi plantada por meu Pai celestial, será arrancada pela raiz.* Deixai-os: são cegos e guias de cegos. E se um cego é guiado por outro cego, virão ambos a cair barranco abaixo".

Pediu-lhe Pedro: "Explicai-nos a parábola".

Tornou então Jesus: "Também vós ainda não compreendeis? Vós também sois tão faltos de inteligência? Não entendeis então que tudo o que de fora passa ao interior do homem pela bôca não o pode manchar porque não entra no coração, mas vai para o ventre, donde as impurezas dos alimentos são lançadas fora em lugares escusos?"

E explicou que o homem se torna impuro pelo que lhe sai da bôca, vindo do coração, porque do íntimo do coração do homem é que procedem os maus pensamentos, os adultérios e outros pecados da sensualidade, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, as fraudes, as desonestidades, a inveja,* os falsos testemunhos, as blasfêmias, a soberba e o desregramento do espírito; que todos êstes males vêm de dentro, sendo êles que contaminam o homem; e que o homem não se torna impuro por comer sem lavar as mãos.

511 — *Tôda planta que não foi plantada por meu Pai celestial, será arrancada pela raiz.* Os preceitos de fé e de moral que forem inculcados em nome de Deus, sem emanarem dêle e sem o terem por alvo, serão desautorizados e radicalmente eliminados da doutrina religiosa.

512 — *A inveja.* Na Vulgata (S. Marcos: VII, 22) consta, com êste sentido: "oculus malus", isto é, olho mau.

XIV — VIAGEM ÀS TERRAS DE TIRO E SIDON, E PELA DECÁPOLE

82 — A MULHER CANAANITA

(S. Mat. XV, 21-28; S. Marc. VII, 24-30)

Depois Jesus deixou a Galiléia, e retirou-se para as regiões de Tiro e Sidon. E entrou numa casa desejando que ninguém soubesse da sua permanência ali. Mas não pôde passar despercebido. Uma mulher canaanita daquelas terras, que tinha uma filha possuída do espírito impuro, ouviu dizer que ele lá estava, e acorreu imediatamente, suplicando em altas vozes: "Senhor, Filho de Davi,* compadece-te de mim! Tenho uma filha muito atormentada pelo demônio!"

Jesus, porém, nada disse.* E os seus discípulos chegaram-se a ele e pediram: "Atende essa mulher, porque vem gritando para nós".

Respondeu Jesus: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel".

Entretanto, penetrou a mulher na casa, e, prostrando-se aos pés de Jesus, disse: "Ajuda-me, Senhor!"

Era pagã essa mulher, natural da Siro-Fenícia.* E suplicava que Jesus expulsasse de sua filha o espírito maligno.

Respondeu ele: "Deixa que primeiramente se fartem os filhos. Não convém tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães".*

Ela, porém, replicou: "Assim é, Senhor; mas acontece também que os cachorrinhos comem debaixo da mesa as migalhas do pão dos filhos, caídas da mesa dos seus donos".

Disse-lhe então Jesus: "O' mulher, grande é a tua fé. Seja-te feito como desejas.* Por causa do que disseste, vai em paz, que o demônio acaba de deixar tua filha".

E desde aquêlê momento ficou sã a filha da canaanita. E a mulher, tendo ido para casa, encontrou a menina deitada em sua cama, e verificou que o demônio se tinha retirado.

513 — *Filho de Davi.* Veja-se a nota 425.

514 — *Jesus, porém, nada disse.* O milagre era, para Jesus, um meio de pregação, a prova da autoridade da sua doutrina, e não sim-

plesmente uma obra de misericórdia. Assim, realizar um milagre naquela ocasião (no caso, esconjuração à distância) em benefício de uma pagã, representava como que um compromisso de evangelizar desde logo os pagãos também, missão que estava reservada aos Apóstolos para depois de Pentecostes. E então adotou Jesus a atitude mais consentânea no momento, a do silêncio.

515 — *Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.* A redenção atingiria todo o gênero humano. A pregação de Jesus, porém, devia circunscrever-se ao povo de Israel. A evangelização das outras nações estava reservada aos seus discípulos.

516 — *Natural da Siro-Fenícia.* A Siro-Fenícia era uma província romana. S. Marcos é que diz ser a mulher "siro-fenícia de nação". (VII, 26) Menciona-a S. Mateus como canaanita (mais exato do que cananêia), vocábulo gentilico alusivo aos remanescentes dos pagãos que habitavam a Síria e a Palestina antes da chegada dos israelitas à Terra Prometida (Canaã).

517 — *Não convém tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães.* Trata-se de um conceito que os judeus aplicavam aos gentios, a quem habitualmente chamavam de cães. Jesus repete a afrontosa máxima para desmentí-la, atendendo à canaanita, e para dar uma lição contra a intolerância judaica.

518 — *Seja-te feito como desejas.* O caso não autoriza a conclusão de que Jesus anuiu em evangelizar desde logo os pagãos — à vista do que ficou dito na nota 514. Trata-se de uma exceção.

83 — CURA DE UM SURDO-MUDO E OUTROS DOENTES NA DECÁPOLE

(S. Marc. VII, 31-37; S. Mat. XV, 29-31)

Jesus retirou-se dos confins de Tiro e dirigiu-se, por Sidon, ao lago de Genesaré, atravessando o território da Decápole.

Trouxeram-lhe então um surdo-mudo e lhe rogaram que impusesse as mãos sobre ele.

Fazendo-o sair do meio da multidão e tomando-o de parte, pôs Jesus os dedos nos seus ouvidos e tocou-lhe a língua com saliva.* Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: "Efetá!"* — o que significa "Abre-te!"

No mesmo instante abriram-se os ouvidos do surdo-mudo e soltou-se-lhe a língua e ele passou a falar desembaraçadamente.

Ordenou Jesus aos presentes que não contassem a ninguém* o que haviam visto. Mas quanto mais lhes proibia, tanto mais divulgavam o fato, e mais ainda se admiravam, dizendo: "Ele tudo faz bem. Aos surdos faz ouvir e aos mudos falar".

Entretanto, Jesus subiu a um monte, e ali sentou-se. Ao redor dêle aglomeraram-se as turbas em grande número, levando consigo mudos, cegos, coxos, entrevados e muitas outras pessoas assim. E os depuseram aos pés de Jesus, e

êle os curou. E, vendo falarem os mudos, andarem os coxos e enxergarem os cegos, as multidões pasmavam e glorificavam ao Deus de Israel.

519 — *Pôs Jesus os dedos nos seus ouvidos e tocou-lhe a língua com saliva.* É lícito supor que a circunstância de se achar Jesus em terra de gentios tornasse oportuna essa espécie de simbolismo preparatório. Além disto, é provável que, em vista de não poder o surdo-mudo ouvir a voz de Jesus, quisesse o Salvador excitar-lhe a confiança que sempre exigia dos que lhe pediam um milagre, e então se servira daqueles atos materiais para o exortar indiretamente à fé.

520 — “*Efetú*”. Palavra aramaica, foneticamente reproduzida.

521 — *Ordenou que não o contassem a ninguém.* Veja-se a nota 240.

84 — SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES *

(S. Mat. XV, 32-39; S. Marc. VIII, 1-10)

Naqueles dias, como novamente houvesse afluído o povo e não tivesse o que comer, Jesus chamou os seus discípulos e disse-lhes: “Compadeco-me desta gente. Há três dias que andam comigo e não têm o que comer. Não quero despedi-los em jejum, porque se os mandar assim para casa, cairão de fraqueza pelo caminho. Alguns deles vieram de longe”.

Objetaram os discípulos: “Neste deserto, onde encontraremos pães* para matar a fome de tão grande multidão?”

“Quantos pães tendes?” perguntou Jesus.

“Sete — responderam-lhe — e mais uns peixes pequenos”.

Então ordenou Jesus que o povo se sentasse em terra; tomou os sete pães e os peixes, deu graças, partiu-os e entregou-os aos seus discípulos; e os discípulos os distribuíram ao povo.

Todos comeram até se fartarem, e das sobras que ficaram, os discípulos recolheram sete cestos cheios. Ora, o número dos que haviam comido montava a quatro mil pessoas, sem contar as mulheres e as crianças.

Depois Jesus despediu as turbas, entrou num barco com os seus discípulos e passou para o território de Dalmanuta nos confins de Magedan.*

522 — *Repetição do prodígio.* Os dois evangelistas que narram a segunda multiplicação dos pães (S. Mateus e S. Marcos), expressamente a distinguem da primeira. Não obstante, os críticos radicais modernos sustentam que se trata do mesmo fato. Contrariam, porém, flagrantemente a opinião desses críticos, não só a importante circunstância das ocasiões em que foram realizados os dois prodígios, como também as próprias cifras mencionadas nas narrações evangélicas. A crítica histórica é aceita em seu justo valor pelos escritores católicos. Críticos há, porém, que exageram o papel da lógica na apreciação dos documentos históricos, fazendo caso omisso das realidades e vicissitudes

da vida. Assim, por exemplo, consideram a segunda multiplicação dos pães como um desdobramento da primeira, porque "não é lógico" que Jesus tenha realizado o mesmo prodígio duas vezes na mesma região. Mas a verdade é que a vida não se deixa coagir pela razão. Haja vista o que sucedeu, em França, com as dinastias dos Valois e dos Capetos diretos. No final, tanto uma como a outra apresentam três reis irmãos a se sucederem sem filhos, o que é incomparavelmente mais ilógico do que a repetição dos fatos evangélicos mencionados linhas acima. De resto, o próprio Jesus referiu-se expressamente a duas diferentes multiplicações de pães, como se pode verificar no Evangelho de S. Marcos: VIII, 19-20.

523 — *Onde encontraremos pães?* Pensavam os discípulos que Jesus não tinha a intenção de repetir o milagre da multiplicação dos pães.

524 — *Dalmanuta, nos confins de Magedan.* São desconhecidos esses dois lugares. Apesar de diversas conjeturas, ainda nos é impossível localizá-los.

85 — PEDEM A JESUS UM PRODÍGIO DO CÉU

(S. Mat. XVI, 1-4; S. Marc. VIII, 11-13)

Então foram ter com Jesus os fariseus e os saduceus, e entraram em discussão com êle. E para tentá-lo, rogaram-lhe que lhes fizesse ver um prodígio do céu.*

Respondeu-lhes Jesus: "Quando se aproxima a noite, costumais dizer: "Teremos bom tempo porque o céu está côr-de-fogo"; e de manhã dizeis: "Hoje vamos ter tempestade porque o céu está avermelhado e sombrio". Sabeis, portanto, interpretar os aspetos do céu, e não podeis reconhecer os sinais dos tempos!"*

E suspirando do íntimo do coração, disse Jesus: "Por que pede esta geração um prodígio? Esta geração perversa e adúltera* pede um sinal, mas, em verdade vos digo, não lhe será dado outro sinal senão o do profeta Jonas".*

E deixando-os, tornou Jesus a embarcar, e passou à margem oposta do lago.

525 — *Um prodígio do céu.* Segundo os rabinos, a vinda do Messias seria anunciada por sinais do céu. Outros portentos, quaisquer que fôsem, não eram considerados de valor probatório irrecusável. Unicamente porque não correspondiam às esperanças comuns.

526 — *Não podeis reconhecer os sinais dos tempos.* Isto é, os sinais destinados a indicar que os tempos anunciados para a vinda do Messias eram chegados, sinais de que haviam falado os profetas, como por exemplo o fato de perder o cetro a casa de Judá, o que já acontecera.

527 — *Geração adúltera.* Os profetas Oséias e Isaias haviam comparado à fidelidade matrimonial o desvêlo em que deveria perseverar o povo eleito pela constância das suas relações com o Altíssimo, evitando cair na idolatria. Ora, nesta ordem de idéias também eram infiéis a Deus os que se opunham a Jesus, o Messias enviado

para salvar o gênero humano. Daí as palavras "geração adúltera" empregadas pelo Salvador.

528 — *Não lhe será dado outro sinal senão o do profeta Jonas.* Jonas é chamado profeta por ter sido investido de missão divina e não por haver proferido profecias propriamente ditas, já que o seu vaticínio da destruição de Nínive (Jonas: III, 4) foi, antes, uma ameaça condicional, e não se realizou porque os ninivitas se converteram em tempo de evitar a catástrofe. Veja-se a nota 401. Conforme vem narrado, no livro de Jonas, (capítulos I e II) este profeta, atirado ao mar, foi tragado por um grande peixe, em cujas entranhas permaneceu três dias e três noites, sendo depois lançado à praia. E' no Antigo Testamento uma figura da ressurreição de Jesus. Assim, pois, aludem a êsse prodígio as palavras "o sinal do profeta Jonas". Veja-se também a nota 682.

86 — O FERMENTO DOS FARISEUS

(S. Mat. XVI, 5-12; S. Marc. VIII, 14-21)

Chegados à outra margem do lago, verificaram os discípulos que se haviam esquecido de levar pães e que só tinham um no barco.

Recomendou-lhes Jesus: "Tende cuidado. Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes e dos saduceus".*

E os discípulos comentaram estas palavras entre si, dizendo: "Ele fala assim porque não trouxemos pães".

Conhecendo-lhes os pensamentos, disse Jesus: "Homens de pouca fé! Por que estais aí a vos preocupar por não terdes trazido pão? Ainda não atinais nem compreendeis nada? Mantendes ainda obcecado o coração? Tendo olhos, não vedes! Tendo ouvidos, não ouvis! Nem já vos lembrais daqueles cinco pães que dividi entre cinco mil pessoas, e de quantos cestos recolhestes cheios de sobras?"

"Foram doze cestos", responderam-lhe.

"E quando dividi sete pães entre quatro mil pessoas, quantos cestos recolhestes com sobras?"

"Sete", disseram os discípulos.

Tornou-lhes Jesus: "No entanto, ainda não entendeis? Como não chegais a compreender que não foi a propósito do pão que eu recomendei que vos guardásseis do fermento dos fariseus e dos saduceus?"

Então compreenderam os discípulos que êle não lhes aconselhara que se precavesses do fermento dos pães, mas sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus.

529 — *Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes e dos saduceus.* Como o próprio texto evangélico esclarece a seguir, referia-se Jesus à doutrina dos seus contumazes adversários. E citou o nome de Herodes (Antipas), por ser o mais refalsado de todos eles.

87 — CURA DO CEGO DE BETSAIDA

(S. Marcos, VIII, 23-26)

Jesus foi então, com os discípulos, para Betsaida.*

Ali apresentaram-lhe um cego e rogaram-lhe que o tocasse. Tomou-o Jesus pela mão e o levou para fora da aldeia.* Depois, passou-lhe nos olhos um pouco de saliva, e, pondo nêles as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa.

O homem ergueu as vistas e disse: "Vejo as pessoas como árvores que andam".

Novamente lhe pôs Jesus as mãos sôbre os olhos. Tornou-se então normal a visão do homem,* que ficou curado de forma que passou a ver claramente tôdas as coisas.

E Jesus mandou-o de volta, dizendo: "Vai para casa, é, quando entrares na aldeia, não fales a ninguém sôbre isto".*

530 — *Foi para Betsaida.* Trata-se aqui de Betsaida Júlia.

531 — *Levou-o para fora da aldeia.* Supõe-se que Jesus lhe quis dar tempo de se recolher e pensar na graça que para êle haviam pedido.

532 — *Tornou-se então normal a visão do homem.* Jesus fez o homem recuperar aos poucos a visão normal porque as suas curas eram muitas vêzes simbólicas. A cura progressiva do cego de Betsaida representa o processo que segue a cura da cegueira espiritual, com a intensificação da fé e a purificação da alma, o que exige a ação iterativa da graça divina.

533 — *Não fales a ninguém sôbre isto.* Veja-se a nota 240.

88 — PROMESSA A PEDRO

(S. Mat. XVI, 13-20; S. Marc. VIII, 27-30; S. Luc. IX, 18-21)

Dirigiu-se, depois, Jesus com os seus discípulos para as aldeias dos arredores de Cesaréia de Filipe.*

No caminho, estando a orar, sómente acompanhado pelos seus discípulos, perguntou-lhes: "Quem dizem que é o Filho do Homem? Quem dizem os homens que eu sou?"

Responderam os discípulos: "Uns dizem que és João Batista; outros, que és Elias; ainda outros, que és Jeremias.

Finalmente há quem diga apenas que és um dos antigos profetas* ressuscitado”.

Perguntou-lhes então Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou?”

Respondendo Simão Pedro, disse: “Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo”.*

Volveu-lhe Jesus: “Bem-aventurado és tu, Simão Bar-Jona,* porque não te veio da carne e do sangue essa revelação,* mas sim de meu Pai que está nos céus. De mim te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja,* e as portas do inferno* não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus,* e tudo o que ligares na terra, também será ligado nos céus,* e tudo o que desligares na terra, nos céus também será desligado”.

Em seguida determinou Jesus aos seus discípulos não dissessem a ninguém que ele era o Cristo,* e até com ameaças lhes proibiu de o dizerem.

534 — *Cesaréia de Filipe*. Cidade situada junto ao monte Hermon, totalmente reconstruída pela tetrarca Filipe. Dão-lhe o nome da epigrafe para a distinguir da cidade de Cesaréia banhada pelo Mediterrâneo e fundada por Herodes, o Grande.

535 — *Há quem diga que és um dos antigos profetas*. Os últimos falam assim unicamente por serem menos precisos, pois também consideravam a Elías e Jeremias como profetas.

536 — *Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo*. O Cristo era o Messias, o esperado dos judeus. Na boca de S. Pedro, a palavra tomou o seu verdadeiro sentido. E quando ele declara que Jesus é Filho de Deus vivo, ascende a uma idéia completamente nova, à concepção de que Jesus é verdadeiro filho de Deus por natureza. E é sem dúvida a isto que se refere Jesus em seguida, dizendo que ao Eterno Pai deve Pedro essa revelação. Dos três evangelistas que narram este episódio — S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas — somente o primeiro nos transmite as últimas palavras da declaração de S. Pedro: “Filho de Deus vivo”, e o elogio subsequente de Jesus. Em consequência disto, houve quem levantasse a hipótese de uma interpolação no primeiro Evangelho. Mas é uma idéia insustentável à luz da crítica histórica. Todos os códices e todas as versões antigas contêm a passagem em questão. Quanto ao silêncio de S. Marcos e S. Lucas, facilmente se explica. O Evangelho de S. Marcos — como já ficou dito em outra nota — é a reprodução do ensino oral e da catequese de S. Pedro. S. Pedro é sempre claríssimo quando se trata de suas fraquezas, mas omite o principal ou nada diz, quando se trata de algum fato que lhe seja favorável. No caso, não devendo omitir por completo o episódio da sua declaração de fé, calou o elogio de Jesus e as palavras transcendentais que o motivaram. Quanto a S. Lucas, fez o mesmo, porque se baseou no Evangelho de S. Marcos, como era de seu costume (V. nota 2).

537 — *Bar-Jona*. Isto é, filho de Jonas. Veja-se a nota 147.

538 — *Não te veio da carne e do sangue essa revelação.* Significam estas palavras: homem nenhum te fez essa revelação; não foi a simples razão humana que te inspirou essa idéia.

539 — *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.* Na linguagem siro-caldaica que se falava naquele tempo, o nome "Pedro" e o substantivo comum "pedra" não soavam de maneira diferente como em português. Por isto pôde Jesus exprimir-se conforme se vê na epigrafe. A palavra "Igreja" significa aqui a sociedade visível dos fiéis que reconhecem a Jesus Cristo por verdadeiro Filho de Deus, professando a mesma fé, participando dos mesmos meios de santificação, sujeitos à mesma disciplina sob um chefe supremo.

540 — *As portas do inferno.* Entendem-se estas palavras na acepção comum que toma a parte principal pelo todo, significando tôdas as forças do inferno, porque na Antiguidade as portas das cidades eram os seus locais mais fortificados.

541 — *Eu te darei as chaves do reino dos céus.* Com estas palavras quis Jesus dizer que dava autoridade a Pedro sobre o reino dos céus.

542 — *Tudo o que ligares na terra, também será ligado no céu.* As expressões "ligar" e "desligar" são aqui empregadas com o sentido que tinham na terminologia rabinica da época, em que eram freqüentemente usadas. "Atar" significa proibir, e, como é lógico, por "desatar" entendia-se permitir. Um dos mais afamados mestres do judaísmo, Rabi Nechonia, costumava fazer uma oração para "não declarar impuro o que fôsse puro nem puro o que fôsse impuro: não atar o que estivesse solto nem desatar o que estivesse atado". ("Kommentar zum N. T. aus Talmud und Midrasch", Strack Billerbeck, vol. I, pág. 741).

543 — *Determinou não dissessem a ninguém que ele era o Cristo.* Os discípulos deveriam revelar aos homens o segredo messiânico. Não, porém, já naqueles dias, em país quase pagão. De resto, ainda precisavam êles ser levados a uma concepção mais clara acêrca do Messias. Também o povo em geral não estava suficientemente preparado. Só depois que Jesus ressuscitasse triunfante poderia a grande revelação ser divulgada sem inconveniente.

89 — PRIMEIRA PROFECIA DA PAIXÃO *

(S. Mat. XVI, 21-23; S. Marc. VIII, 31-33; S. Luc. IX, 22)

Desde então começou Jesus a revelar aos seus discípulos que lhe era necessário ir a Jerusalém, padecer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos Sumos Sacerdotes e pelos escribas, ser morto e depois de três dias ressuscitar. E dizia-o claramente.

Então Pedro tomou-o de parte e entrou a lhe fazer admoções, dizendo solicitamente: "Afastese de ti essa idéia, Senhor! Não te há de acontecer isso!"

Voltou-se Jesus, fitou os olhos nos seus discípulos e disse a Pedro: "Sai de diante de mim, Satanás.* Tu me escandalizas. Porque não tens o gôsto das coisas que são de Deus, e sim das que são dos homens".

544 — *A paixão de Cristo.* Chama-se "Paixão de Cristo ao conjunto de tormentos que Jesus padeceu desde que foi prêso no Monte das Oliveiras até o momento em que expirou na cruz.

545 — *Sai de diante de mim, Satanás.* Dirige-se Jesus ao mau espírito que, atuando em Pedro, o instigava a fazer Jesus desistir de se entregar aos seus inimigos e consumir a obra da redenção do gênero humano. O Apóstolo, iludido, procedia de boa fé, não percebendo que servia de instrumento a maquinações diabólicas.

90 — COMO SEGUIR A JESUS

(S. Marc. VIII, 34-39; S. Mat. XVI, 24-28; S. Lue. IX, 23-27)

Tendo então chamado o povo e os discípulos, disse Jesus a todos: "Se alguém quiser acompanhar-me, renuncie a si mesmo,* tome cada dia a sua cruz* e siga-me. Quem quiser salvar a sua vida, virá a perdê-la;* e quem perder a sua vida por amor de mim e do Evangelho, salva-la-á.

"Que aproveita ao homem ganhar o mundo todo, se acabar perdendo-se a si mesmo, com a ruína de sua alma? E com que poderá o homem resgatar a sua alma?

"Se alguém se envergonhar de mim e da minha doutrina nesta geração adúltera* e pecadora, também dêle se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua majestade e na glória de seu Pai, com os santos anjos. Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos, e então recompensará a cada um segundo as suas obras".

Declarou-lhes mais: "Em verdade vos digo, dos que aqui estão presentes, alguns há que não sofrerão a morte sem que vejam vir o Filho do Homem na glória do seu reino, enquanto não virem o reino de Deus manifestar-se com poder".*

546 — *Renuncie a si mesmo.* A renúncia que Jesus impõe a quem quiser segui-lo é a do nosso humano modo de pensar, é a docilidade, a disciplina, a mortificação dos desejos imoderados, em suma, a sujeição de tôdas as nossas inclinações puramente naturais às exigências da vida sobrenatural.

547 — *Tome cada dia a sua cruz.* Significa esta recomendação de Jesus que devemos aceitar os trabalhos e tribulações cotidianos, e também a própria morte, com paciência e resignação cristã.

548 — *Quem quiser salvar a sua vida, virá a perdê-la, etc.* Adotar a renúncia cristã pode parecer que equivale a malbaratar e perder a vida. E', porém, um erro pensar que aproveitamos bem a vida entregando-nos ao gozo das alegrias terrenas e das efêmeras riquezas dêste mundo. Um erro, porque assim procedemos contra os nossos interesses mais altos. Trata-se de ganhar ou perder uma eternidade feliz. E esta só se conquista pela renúncia que Jesus pregou. V. também a nota 445.

549 — *Geração adúltera.* Veja-se a nota 527.

550 — *Dos presentes, alguns não morrerão sem ver o reino de Deus manifestar-se com poder.* Dentre as interpretações dadas a esta passagem, considera-se mais plausível a opinião de S. Beda e outros comentadores, segundo a qual as palavras de Jesus encerram a promessa de que alguns dos seus discípulos viveriam até ver a Igreja triunfar das primeiras perseguições e firmar-se no mundo.

91 — TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

(S. Mat. XVII, 1-13; S. Marc. IX, 1-13; S. Luc. IX, 28-35)

Aproximadamente oito dias depois* desta prédica, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João, irmão do segundo, levou-os a um alto e isolado monte,* ao qual subiu para fazer oração.

Enquanto rezava, mudou-se-lhe a aparência da fisionomia, e êle transfigurou-se diante dos três discípulos. Fêz-se o seu rosto resplandecente como o Sol, e as suas vestes ficaram brilhantes e extremamente alvas como a neve. Quem quer que as lavasse não poderia branqueá-las assim.

E logo apareceram dois varões que falavam com Jesus. Eram Moisés e Elias,* com majestoso aspeto, e falavam da morte que Jesus haveria de padecer em Jerusalém.

Entretanto, Pedro e os seus companheiros dormitavam. Despertando, porém, viram a majestade de Jesus e os dois varões que com êle estavam. Êstes fizeram menção de se retirar, e então Pedro tomou a palavra e disse: "Senhor, como nos faz bem estarmos aqui! Se quiseres, armaremos três tendas neste lugar: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias".

Não tinha noção do que dizia. Porque tanto êle como os seus companheiros estavam atônitos.

Ainda não havia êle terminado de falar, quando se formou uma nuvem luminosa e envolveu a Jesus e os varões. Ao vê-los serem envolvidos por ela, assustaram-se os discípulos. Mas logo saiu uma voz da nuvem, e disse: "Êste é meu Filho bem amado, em quem pus a minha complacência. Ouví-o". E enquanto soavam estas palavras, Jesus ficou só. E ouvindo-as, os discípulos prostraram-se com o rosto em terra, tomados de grande medo.

Aproximou-se, porém, Jesus, tocou-os e disse: "Levantai-vos e não temais".

Então os discípulos, erguendo os olhos e logo correndo o olhar em roda, não viram ninguém com êles, a não ser Jesus sòmente.

Quando dali baixaram, Jesus ordenou-lhes não dissessem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dos mortos. Êles guardaram consigo o segrêdo do prodígio, a ninguém revelando, naqueles dias, coisa alguma do que haviam presenciado. Entretanto, discutiam en-



T A B O R

tre si sôbre o significado das palavras de Jesus: "Quando houver ressuscitado dos mortos".

E lhe perguntaram: "Por que afirmam os fariseus e os escribas que primeiro há de vir Elias?"*

Respondeu-lhes Jesus: "Elias, é certo, há de vir, e quando vier, restabelecerá tôdas as coisas. Mas está escrito que o Filho do Homem sofrerá muito e será desprezado, e assim sucederá. Digo-vos, entretanto, que Elias já veio e não o reconheceram, e dêle fizeram o que queriam, como a seu respeito está escrito.* Do mesmo modo farão padecer o Filho do Homem".

Compreenderam então os discípulos que fôra de João Batista que Jesus lhes tinha falado.

551 — *Quase oito dias depois.* S. Lucas, que assim se exprime, inclui em sua conta o primeiro e o último dia entre a confissão de S. Pedro e a Transfiguração. S. Mateus e S. Marcos contam apenas os dias intermediários (seis).

552 — *Levou-os a um alto e isolado monte.* Uma tradição que remonta ao século IV, identifica o Tabor como o monte da Transfiguração.

553 — *Eram Moisés e Elias.* Moisés representava a antiga lei, e Elias, os profetas. Ambos ali estavam para prestar homenagem àquêle que a Lei e os profetas anunciavam havia quinze séculos, vaticinando-lhe a morte em Jerusalém e o grande mistério da Redenção.

554 — *Por que afirmam... que primeiro há de vir Elias?* Entendiam os discípulos que no alto do monte tudo fôra preparado de modo perfeito para a anunciação do reino messiânico. Ora, dizia-se que Elias precederia o Messias, e no entanto o profeta desaparecera. Esses os pensamentos que motivaram a pergunta dos discípulos.

555 — *Como dêle está escrito.* Referência ao Livro III dos Reis (cap. XVIII e seguintes) em que vem narrada a perseguição que moveu a rainha idólatra Jezabel contra Elias. E Jesus aplica a João Batista, Elias quanto ao espirito e também vítima do rancor de uma mulher perversa, o que fôra narrado no Antigo Testamento a respeito da profeta.

92 — CURA DE UM LUNÁTICO*

(S. Marc. IX, 13-28; S. Mt. XVII, 14-20; S. Luc. IX, 37-44)

No dia seguinte, ao descerem do monte voltando para os outros discípulos, viu Jesus a êstes, cercados de muito povo e alguns escribas discutindo com êles.

Assim que a multidão avistou a Jesus, encheu-se de espanto e temor.* E muitos, correndo para êle, o saudavam.

Aproximou-se Jesus da turba e perguntou: "Que estais discutindo entre vós?"

E eis que a êle se chegou um homem, e, lançando-se de joelhos à sua frente, disse: "Mestre, trouxe-te meu filho

que está possuído de um espírito mudo. Rogo-te que atendas meu filho porque é o único que tenho. Compadece-te dêle, Senhor! E' lunático e sofre muito. Logo que o espírito o invade, onde quer que o apanhe grita repentinamente, joga-o em terra, atira com êle de um lado para outro, fazendo-o espumar e ranger os dentes. E só o larga depois de o ter deixado exausto. Seguidamente o rapaz cai no fogo, e muitas vêzes cai na água. E vai-se consumindo aos poucos. Levei-o aos teus discípulos e pedi-lhes que expulsassem o espírito maligno, mas êles não o conseguiram, e não puderam curar meu filho”.

Falando então Jesus, exclamou: “O' geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Tragam o rapaz aqui, diante de mim”.

Assim fizeram. E mal o espírito viu a Jesus, começou a agitar violentamente o rapaz, e, dando com êle em terra, revolvia-se espumando.

Perguntou Jesus ao pai do possesso: “Quanto tempo faz que isto lhe acontece?”* E êle respondeu: “Desde pequeno. E o espírito maligno muitas vêzes o tem atirado ao fogo e à água para lhe acabar com a vida. Se puderes fazer alguma coisa, tem piedade de nós e socorre-nos”.

“Se puderes crer — disse Jesus — tudo é possível para quem crê”.

“Eu creio, Senhor! — logo exclamou chorando o pai do rapaz. Mas ajuda a imperfeição da minha fé!”

E ante o povo que afluia em massa, Jesus falou severamente ao espírito impuro, dizendo: “Surdo e mudo espírito, eu te ordeno, sai dêste rapaz e nêle não entres mais”.

Então, entre convulsões e dando gritos, o demônio saiu da sua vítima. E como o rapaz ficasse desfalecido e sem côr, muitos dos presentes disseram: “Está morto”. Tomou-o, porém, Jesus pela mão e o levantou. E êle se pôs de pé, ficando curado desde aquela hora, e Jesus o restituiu a seu pai.

E pasmaram todos do grande poder de Deus.

Quando Jesus entrou em casa, perguntaram-lhe em particular os seus discípulos: “Por que não pudemos nós expulsar aquêle demônio?”

Respondeu-lhes Jesus: “Por causa da vossa falta de fé. Pois em verdade vos digo que se tiverdes fé, como um grão de mostarda que seja, direis a êste monte: “Passa daqui para lá”, e assim fará o monte,* e nada vos será impossível. Mas êsse gênero de demônios não se pode expulsar senão a poder de oração e jejum”.

556 — *Lunático*. Veja-se a nota 235.

557 — *A multidão encheu-se de espanto e temor*. E' provável que o rosto de Jesus tenha conservado então, como outrora o de Moisés (Êxodo: XXXIV, 29130), algum reflexo do esplendor divino que apresentara na transfiguração.

558 — *Meu filho é lunático*. Conforme o que se lê na nota 235, o jovem era um epilético. Entretanto, o fato de estar o jovem afetado de epilepsia, absolutamente não impede que ele fôsse ao mesmo tempo um possesso. O pai do enfêrmo, na exposição que fêz, pode ter confundido os sintomas da enfermidade com a própria possessão. Mas é um despropósito assoalhar, como os racionalistas, que Jesus tenha caído no mesmo êrro.

559 — *Quanto tempo faz que isto lhe acontece?* Evidentemente Jesus sabia desde quando estava doente o jovem. A intenção da pergunta é ressaltar o valor do prodígio que se dispunha a realizar, a fim de fazer os presentes refletir sôbre a sua falta de fê.

560 — *Direis a este monte: "Passa daqui para lá", e assim fará o monte*. A fê põe a serviço dos santos a onipotência de Deus. A expressão de que Jesus se serve era tradicional no judaísmo. Jó, por exemplo, já dizia que Deus transportava as montanhas (Jó: IX, 5). Isto é, nada é impossível para Deus.

XV — NA FESTA DOS TABERNÁCULOS

93 — JESUS PARTE PARA A FESTA DOS TABERNÁCULOS

(S. João, VII, 2-10; S. Marc. IX, 29)

Estava próxima a Cenopégia,* festa dos judeus. Disse-ram então a Jesus os seus irmãos:* “Deixa esta terra e vai para a Judéia a fim de que outros discípulos teus* também vejam as tuas obras. Ninguém faz coisa alguma às ocultas quando quer tornar-se conhecido do público. Se és capaz de fazer prodígios, mostra-te abertamente ao mundo”.

E' que nem seus irmãos acreditavam nele.*

Respondeu-lhes Jesus: “O meu tempo ainda não chegou. Para vós, sim, é sempre tempo. A vós não pode o mundo detestar. Mas a mim detesta, porque faço ver que as suas obras são más. Subi vós para a festa.* Eu ainda não vou,* porque ainda não se completou o meu tempo”.

Tendo-lhes falado assim, Jesus ficou na Galiléia. Entretanto, depois que seus irmãos* subiram a Jerusalém, também êle subiu, não ostensivamente,* mas como se quisesse passar despercebido.

E assim partiram dali (êle e os seus discípulos) e atravessaram a Galiléia. E não queria Jesus se propalasse que ia à festa.

561 — *Cenopégia*. E' o nome grego da festa dos Tabernáculos (tendas) com que os judeus comemoravam, durante sete dias, os quarenta anos que seus pais tinham vivido em tendas no deserto, depois de haverem saído do Egito. Era também uma espécie de festa da vindima.

562 — *Seus irmãos*. Veja-se a nota 157.

563 — *Outros discípulos teus*. Na Vulgata consta: “...ut et discipuli tui videant opera tua”, isto é, para que também os teus discípulos vejam as tuas obras. Refere-se o texto aos discípulos que Jesus tinha na Judéia e em Jerusalém. A outros discípulos seus, portanto, como está nesta Sinopse.

564 — *Nem seus irmãos acreditavam nele*. Aparecem aqui novamente aquêles parentes de Jesus que um dia quiseram levá-lo consigo, declarando-o afetado do juízo. Agora estão convencidos de que Jesus tem o poder de realizar prodígios. Mas ainda não se mostram dispostos a reconhecê-lo como o Messias senão na medida em que êle corresponda à idéia comum de que viria restaurar o reino de Israel.

Não se pode dizer que crê em alguém quem verifica os seus milagres e não reconhece no taumaturgo a própria presença de Deus, sem a qual nenhum milagre é possível.

565 — *Subi vós para essa festa.* A altitude de Jerusalém é superior a setecentos metros. Da Galiléia à cidade santa o caminho sobe sempre. "Subir" era a palavra então empregada para indicar as viagens a Jerusalém.

566 — *Eu ainda não vou.* Assim consta esta frase no texto grego de que procedem as traduções correntes em latim e outras línguas. Muitas dessas traduções são omissas neste ponto. Não trazem o advérbio "ainda", no entanto muito importante no caso, porque faz concordar perfeitamente o sentido da frase com os fatos subsequentes.

567 — *Seus irmãos.* Veja-se nota 157.

568 — *Não ostensivamente.* De acôrdo com o que dissera a seus parentes, naquela ocasião Jesus não foi operar prodígios em Jerusalém. E' o sentido que tem o advérbio da epígrafe.

94 — PRIMEIRA PRÉDICA NO TEMPLO

(S. João, VII, 11-36)

No decorrer da festa, os judeus procuravam a Jesus, indagando: "Onde está êle?" E muito se falava a seu respeito entre o povo. Diziam uns: "E' um homem de bem". Contestavam outros: "Não é, porque engana o povo".* Todavia ninguém se referia a êle abertamente, por receio aos judeus.

Estando já em meio as solenidades, subiu Jesus ao Templo e entrou a ensinar. Os judeus admiravam-se e diziam: "Como conhece êle as Escrituras sem as ter estudado?"

Respondendo-lhes, disse Jesus: "O que eu ensino não é doutrina minha,* mas daquele que me enviou. Quem quiser cumprir a vontade dêle, reconhecerá se vem de Deus a minha doutrina ou se falo de mim mesmo. Quem de si mesmo fala, procura a sua própria glória; mas quem procura a glória daquele que o enviou, é verdadeiro e não há nêle injustiça.

"Não vos deu Moisés a Lei? Contudo, nenhum de vós obedece à Lei. Por que quereis matar-me?"*

E o povo respondeu: "Estás possuído do demônio. Quem pretende matar-te?"

Continuou Jesus: "Uma só coisa fiz, e todos vós ficastes admirados.* Moisés vos prescreveu a circuncisão* — sendo que ela não vem de Moisés mesmo, mas dos patriarcas — e não deixais de praticar circuncisões em dia de sábado. Ora, se um homem pode ser circuncidado em sábado para que não seja transgredida a lei de Moisés, como vos indignais contra mim porque curei um homem em dia de sá-

bado? Não deveis julgar pelas aparências, mas sim conforme a reta justiça”.

Observaram então alguns dos homens de Jerusalém: “Não é este a quem procuram matar? Aí está êle falando em público e não lhe dizem nada. Será que os Príncipes dos sacerdotes reconheceram que êle é realmente o Cristo? Mas nós sabemos donde é este homem, e, ao contrário, quando vier o Cristo, ninguém saberá donde êle é”.

Jesus, porém, continuava ensinando no Templo e dizia em alta voz: “Afirmais que me conheceis e sabeis donde sou. Entretanto, eu não vim por mim mesmo,* mas fui enviado por aquêle que é verdadeiro e a quem não conheceis. Conheço-o eu, porque dêle venho e porque foi êle que me enviou”.

Intentaram então prendê-lo. Contudo, ninguém lhe pôs a mão, porque a hora dêle ainda não era chegada.

E muitos do povo, crendo nele, diziam: “O Cristo, quando vier, fará maiores milagres do que este homem faz?”

Chegou aos ouvidos dos fariseus o que o povo dizia a respeito de Jesus. Então, de acôrdo com os Príncipes dos sacerdotes, enviaram esbirros para o prenderem.

Disse Jesus: “Estarei convosco por algum tempo ainda. Depois voltarei para aquêle que me enviou. Haveis de procurar-me, e não me encontrareis. Porque onde estou, não podeis chegar”.

Disseram então os judeus uns aos outros: “Para onde pretende êle ir que não o encontremos. Irá, talvez, para onde os judeus vivem dispersos entre os gentios,* e ensinará aos pagãos? Que significam as suas palavras: Haveis de procurar-me e não me encontrareis; e onde estou não podeis chegar?”

569 — *Engana o povo.* Emitiam esta opinião desfavorável os príncipes e os chefes espirituais do povo, mal dispostos contra Jesus.

570 — *O que ensino não é doutrina minha.* Responde aqui Jesus que não adquiriu conhecimentos por esforço de estudo e que a sua sabedoria lhe foi comunicada pelo Eterno Pai.

571 — *Não vos deu Moisés a Lei? Contudo, nenhum de vós obedece à Lei. Por que quereis matar-me?* Para mostrar o nexo destes versículos com os precedentes, interpreta-os Santo Agostinho como significando que, se os judeus cumprissem a Lei, pelo próprio conteúdo dela reconheceriam o Cristo, e não intentaríamos matá-lo. Segundo Cristiano, porém, as palavras de Jesus provavelmente provocaram em alguns dos presentes um assomo de furor homicida, e o Salvador interrompeu-se para se dirigir diretamente a êles, afrontando as ameaças que lhes lia nos olhos.

572 — *Uma só coisa fiz e todos vós ficastes admirados.* Alude Jesus à cura do paralítico de Bezeta. Tendo sido operada num sábado,

servia ela de pretexto aos judeus para a perseguição que moviam contra o Salvador.

573 — *Moisés vos prescreveu a circuncisão...* Consistindo numa incisão e obrigando a um curativo, a circuncisão era mais laboriosa do que o milagre de Jesus a favor do paralítico de Bezeta, realizado unicamente pelo poder da palavra do Salvador. Uma lei natural e eterna, como é a da caridade, que manda fazer sempre o bem, não poderia ter mais restrita interpretação do que um preceito temporário dos homens, como o da circuncisão.

574 — *Quando vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é.* O profeta Miquéias havia anunciado explicitamente que o Messias nasceria em Belém; e outros profetas tinham predito que seria da raça de Judá e descenderia da família de Davi. Mas, aludindo à geração divina, Miquéias tinha declarado que a origem do Messias era de todos os séculos, dos dias da eternidade. Por sua vez, dissera Isaías: "Quem narrará a sua geração?" De tudo isto inferia erradamente o povo que, embora o Salvador devesse nascer conforme anunciavam os profetas, jamais se poderia averiguar donde provinha e a que família pertencia.

575 — *Afirmais que me conheceis e sabeis donde sou.* Entretanto, eu não vim por mim mesmo... Faz ver Jesus que não sabem donde ele é porque não conhecem a sua geração eterna nem o mistério do seu nascimento na Terra; que existe verdadeiramente aquêle de quem se diz enviado; e que, como Deus, é gerado do Eterno Pai, tendo sido enviado por ele em benefício dos homens.

576 — *Dispersados entre os gentios.* Trata-se de uma referência aos judeus disseminados pelo mundo, nas nações pagãs. A diáspora dos judeus ocorreu depois do cativo em Babilônia.

95 — PRÉDICA NO ÚLTIMO DIA DA FESTA

(S. João, VII, 37-53, VIII, 1)

No último dia da festa, que era o de maior solenidade, Jesus, de pé, falou em altas vozes: "Quem tiver sede e crer em mim, venha a mim e beba,* pois diz a Escritura: Do seu seio brotarão rios de água viva".*

Aludia assim ao Espírito que haviam de receber aqueles que nele cressem, pois não viera ainda o Espírito Santo, porque ele, Jesus, ainda não fôra glorificado.

Ao ouvirem aquelas palavras, diversos dentre o povo diziam: "Este homem é realmente profeta". Diziam outros: "Ele é o Cristo". Alguns, porém, discordavam: "Então o Cristo pode vir da Galiléia?*" Não diz a Escritura que ele descenderá da família de Davi e que há de vir da povoação de Belém, onde Davi habitava?"

Originou-se assim, por causa de Jesus, uma discussão entre o povo. E alguns queriam prendê-lo, mas ninguém pôs nêle as mãos.

Voltaram os esbirros* para os Príncipes dos sacerdotes e os fariseus, que lhes perguntaram: "Por que não o trouxestes prêso?"*

Responderam êles: "Nunca ninguém falou como o tal homem".

Volveram os fariseus: "Vós também vos deixastes seduzir? Porventura há alguém que creia nele entre os príncipes e os fariseus? E' só essa gente da plebe, que nada entende da Lei — são uns malditos".

Ponderou então um dos fariseus, Nicodemos, aquêlle que em certa ocasião fôra falar com Jesus de noite: "Acaso é da nossa lei condenar alguém sem o ter ouvido e sem investigar o que fêz?"

"Serás tu também galileu? — replicaram os outros. Lê com atenção as Escrituras, e verás que profeta algum é originário da Galiléia".*

Depois voltou cada qual para sua casa. Jesus, porém, foi para o Monte das Oliveiras.*

377 — *Se alguém tem sede, venha a mim e beba.* Quem tem sede da verdadeira justiça e da verdadeira felicidade — diz Jesus — venha a mim e será saciado. Alguns autores, como por exemplo Wikenhauser, entendem que o versículo da epígrafe e mais o seguinte devem ser assim traduzidos: "Quem tiver sede, venha a mim, e beba quem em mim crer. Pois diz a Escritura: "Brotarão do seu interior torrentes de águas vivas". V. a nota seguinte.

378 — *Do seu seio, brotarão rios de água viva.* Consta na Vulgata: "de ventre ejus", isto é do seu ventre. Mas como nota Kabenbauer, entre os hebreus a palavra "ventre" era muito usada em sentido figurado, para significar o que há de mais íntimo no homem: o seu coração, como dizemos hoje, também figuradamente. Os rios de água viva a que alude Jesus, são as efusões da graça divina anunciadas pelos profetas Isaias e Joel, (XLIV, 3 e II, 28-29, respetivamente) para os tempos do Messias.

379 — *Então o Cristo pode vir da Galiléia?* Baseando-se no que dizia o vulgo e sem procurar certificar-se do que ouviam, muitos pensavam que Jesus era galileu por ter êle residido longos anos na Galiléia.

380 — *Os esbirros.* Na Vulgata está "ministri", isto é, servos. Eram os servos do Tribunal Supremo dos judeus.

381 — *Por que não o trouxestes prêso?* A pergunta faz crer que os esbirros tinham recebido ordem de prender a Jesus no decorrer da festa.

382 — *Nenhum profeta é originário da Galiléia.* Naum e Oséias haviam nascido na Galiléia.

383 — *Foi para o Monte das Oliveiras.* Este môrro, também chamado Monte Olivete, fica a leste de Jerusalém. Costumavam os galileus acampar no Monte das Oliveiras por ocasião das festas de Jerusalém, e por isto dera-se ao lugar a antonomásia de Galiléia.

96 — TERCEIRA PRÉDICA DE JESUS, NO DIA SEGUINTE AO DA FESTA (S. João, VIII, 2-59)

Ao romper da manhã, voltou Jesus para o Templo, sentou-se e passou a instruir o povo que viera ter com êle.

*A adúltera.** Então alguns escribas e fariseus levaram-lhe uma mulher surpreendida em adultério e a puseram no meio dos que ali estavam reunidos. Depois disseram a Jesus: "Mestre, esta mulher acaba de ser apanhada em adultério. Ora, Moisés ordenou na Lei* que apedrejássemos os adúlteros. Tu, porém, que opinas?"

Diziam isto com o intuito de lhe criar dificuldades,* para terem de que acusá-lo.

Jesus baixou-se e pôs-se a escrever no chão* com o dedo. E como continuassem a lhe fazer perguntas, ergueu-se e disse: "Atire-lhe a primeira pedra aquêle de vós que estiver sem pecado". E baixando-se novamente, continuou a escrever no solo.

Ao ouvirem as palavras de Jesus, os que haviam levado a mulher foram-se retirando um depois do outro, a começar pelos mais velhos.

E então Jesus ficou só com a mulher,* que ainda estava onde a tinham colocado.

Levantou-se êle e perguntou-lhe: "Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?"

"Ninguém, Senhor", respondeu ela.

"Pois nem eu te condenarei",* disse Jesus. Vai, e não tornes a pecar".

*Jesus, a luz do mundo.** Continuou Jesus a falar ao povo: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não anda em trevas, e terá a luz da vida".

Ao que lhe argüiram os fariseus: "De ti mesmo dás testemunho; portanto, o teu testemunho não tem valor".

Respondeu-lhes Jesus: "Embora dê eu testemunho de mim mesmo, o meu testemunho tem valor, porque sei donde vim e para onde vou.* Vós, porém, não sabeis donde venho* nem para onde vou. Julgais pelas aparências* e eu a ninguém julgo.* Mas ainda que julgasse, seria verdadeiro o meu julgamento, porque não estou só. Comigo está o Pai que me enviou. Na vossa lei* está escrito que é válido o testemunho de duas pessoas. Ora, eu dou testemunho de mim mesmo e também dá testemunho de mim o Pai que me enviou".

"Onde está teu pai?" — perguntaram-lhe.

Respondeu Jesus: "Não conheceis nem a mim nem a meu Pai.* Se me conhecêsseis, também a meu Pai conheceríeis".

Assim falou Jesus quando ensinava no Templo, junto ao gazofilácio.* E ninguém o prendeu porque a sua hora ainda não era chegada.

Jesus, princípio eterno. Disse Jesus, ainda: "Eu partirei. Haveis de procurar-me e morrereis no vosso pecado.* Para onde eu vou não podereis ir".

Observaram os judeus: "Quererá êle dizer que pretende suicidar-se? Será por isto que diz: Para onde eu vou não podereis ir?"

"Vós sois aqui de baixo — disse-lhes então Jesus — eu sou lá de cima. Vós sois dêste mundo, e eu não sou dêste mundo. Disse-vos, pois, que morrereis nos vossos pecados. Porque se não credes em quem eu sou, no vosso pecado morrereis".

Perguntaram-lhe então: "E quem és tu?"

Respondeu Jesus: "Valerá a pena falar-vos?* Muito tenho ainda por dizer de vós* e muito que condenar. Aquê-le que me enviou é verdadeiro, e o que dêle ouvi é o que digo ao mundo".

Os judeus, porém, não atinavam que a Deus é que chamava seu Pai.

E prosseguiu Jesus: "Quando tiverdes suspenso o Filho do Homem, conhecereis quem eu sou, e que nada faço por mim mesmo, mas que falo conforme fui instruído por meu Pai. Comigo está aquê-le que me enviou. Não me deixou só, porque sempre faço o que é do seu agrado".

E quando assim falava, muitos acreditaram nê-le.

Filhos de Abraão. Jesus anterior a Abraão. Então disse Jesus aos judeus que nele acreditavam: "Se permanecerdes fiéis à minha doutrina, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres".

"Somos descendentes de Abraão — disseram os fariseus* — e nunca fomos escravos de ninguém.* Como, pois, dizes tu que viremos a ser livres?"

Replicou-lhes Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo, todo aquê-le que comete pecado é escravo do pecado. Ora, o escravo não fica para sempre em casa,* o filho, sim, nela fica para sempre. Por isto, se vos livrar o Filho, sereis verdadeiramente livres".

"Bem sei que sois filhos de Abraão. Mas pretendeis matar-me porque a minha palavra não é bem recebida entre vós. Eu vos digo o que vi em meu Pai, e vós fazeis o que vistes em vosso pai".*

Tornaram êles: "Nosso pai é Abraão".

"Se sois filhos de Abraão — respondeu-lhes Jesus — praticai as obras de Abraão. Mas o que pretendeis agora é matar-me, a mim, que vos disse a verdade que ouvi de Deus. Abraão nunca fez nada assim. Vós praticais, pois, as obras de vosso pai".

“Não somos filhos bastardos — retorquiram êles. Temos um pai que é Deus”.

Disse-lhes Jesus: “Se fôsse Deus vosso pai, certamente me amarieis, porque de Deus saí e vim ao mundo.* Não vim por mim mesmo. Foi êle que me enviou. Por que não compreendeis o que vos digo? E’ porque não podeis atender à minha palavra.

“Sois filhos do demônio e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Desde o princípio foi êle homicida,* e não persistiu na verdade, porque não há verdade nêle. Quando diz alguma mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.* Eu vos digo a verdade e não me credes. Qual de vós me argüirá de pecado? Se vos digo a verdade, por que não acreditais em mim? Quem é de Deus ouve a palavra de Deus. Vós não a ouvis porque não sois de Deus”.

Replicaram-lhe os judeus: “Não temos razão em dizer que és samaritano* e estás possuído do demônio?”

“Não estou possuído do demônio* — protestou Jesus. Honro meu Pai, ao passo que vós me desonrais. Não procuro a minha glória. Há de outro procurá-la e fazer justiça. Em verdade vos digo, quem guardar a minha palavra, não verá a morte eterna.*

Exclamaram então os judeus: “Agora verificamos que estás mesmo possesso! Abraão morreu, morreram os profetas, e tu dizes: — Quem guardar a minha palavra jamais morrerá! Porventura és tu maior do que nosso pai Abraão, que morreu, e maior do que os profetas, que também morreram? Quem pretendes ser?”

Tornou Jesus: “Se me glorifico a mim mesmo, nada vale a minha glória. Meu Pai é quem me glorifica, aquêle que dizeis que é vosso Deus, e no entanto não o conheceis. Eu, porém, o conheço, e, se dissesse o contrário, seria mentiroso como vós. E não só o conheço, como guardo a sua palavra. Abraão, vosso pai, ansiosamente desejou ver o meu dia. Êle viu-o e rejubilou-se”.*

Objetaram-lhe os judeus: “Ainda não tens cinqüenta anos e viste a Abraão?”

Respondeu Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo, antes de ter nascido Abraão, eu sou”.*

Então os judeus pegaram em pedras para lhe atirarem. Mas Jesus ocultou-se* e saiu do Templo.

584 — *A adúltera*. O episódio da mulher adúltera falta nos códices mais antigos do Nôvo Testamento. Entretanto, os argumentos aduzidos pelos eruditos a favor da autenticidade do belo episódio são de tal modo convincentes que até pelos críticos radicais foram aceitos.

585 — *Na Lei*. Isto é, no Levítico (XX, 10) e no Deuteronômio (XXII, 22). Só a adúltera foi levada à presença de Jesus porque provavelmente o seu cúmplice conseguira fugir, como é comum em tais casos.

586 — *Com o intuito de lhe criar dificuldades*. A lei em questão tinha caído em desuso na parte concernente à lapidação das pessoas acusadas de adultério. Se Jesus optasse pela sua aplicação, diriam os seus adversários que ele era rigoroso demais e mesmo cruel, e assim o fariam perder a sua ascendência sobre o povo, conseguida, conforme supunham, graças a seus preceitos de misericórdia e bondade. Certamente diriam também que atentava contra a ordem pública, porque os romanos tinham privado os judeus de impor a pena de morte. E se Jesus resolvesse que a adúltera não devia ser apedrejada, imediatamente o apontariam como demolidor da Lei e propagador de idéias subversivas.

587 — *Pôs-se a escrever no chão com o dedo*. Se havia pó sobre o pavimento, terá sido fácil formar caracteres na camada de pó. Quando não, o lento mover do dedo sobre o solo certamente bastou para indicar as letras. Quanto ao que Jesus escreveu, parece mais provável a hipótese de que apenas esboçou alguns sinais vagos para significar que se desinteressava da ardilosa questão.

588 — *Jesus ficou só com a mulher*. Como faz notar Fillion, este "só" não se entende a respeito do povo que ouvia a Jesus, mas sim a respeito dos acusadores da adúltera, que todos desapareceram.

589 — *Nem eu te condenarei*. Momentos antes falara a justiça; agora fala a misericórdia. Sem dúvida Jesus viu na alma da pecadora o arrependimento sincero, e por isto a perdoou. Mas com as palavras "não peques mais" deixou bem claro que não abrigava no espírito qualquer condescendência para com o seu pecado.

590 — *Eu sou a luz do mundo*. Assim falando, apresenta-se Jesus como o Messias, pois esta metáfora havia sido empregada pelo profeta Isaías para designar o Salvador (XLII, 6; XLIX, 6; LX, 1). E assim o entenderam os fariseus. Nem terá sido por outro motivo que retrucaram agressivamente, contestando a validade do que Jesus dissera sobre si mesmo.

591 — *Embora dê eu testemunho de mim mesmo, o meu testemunho tem valor, porque sei donde vim e para onde vou*. Em outra ocasião, dissera Jesus: "Se eu desse testemunho de mim mesmo, o que eu dissesse não seria um verdadeiro testemunho". Mas falara do ponto de vista comum e humano, apelando para as testemunhas que garantiam a sua missão: o Eterno Pai e João Batista. Agora, porém, o caso é diferente. Jesus sabe que veio de Deus, de quem é Filho, e sabe que volta para Deus, a fim de lhe dar conta da missão redentora de que foi incumbido junto dos homens. São mistérios que os homens não podem chegar a conhecer senão por Ele mesmo. Neste sentido ninguém pode rejeitar o seu testemunho sobre si próprio. E bastam as suas obras para comprovação do que diz.

592 — *Não sabeis donde venho...* Veja-se a nota 575.

593 — *Julgais pelas aparências*. Com este sentido consta na Vulgata: "Vos secundum carnem judicatis", isto é, literalmente: vós julgais segundo a carne.

594 — *Eu a ninguém julgo.* Não vos julgo nem vos condeno, porque os dias que vivemos não são de castigo, mas sim de misericórdia.

595 — *Na vossa Lei.* No Deuteronomio: XVII, 6 e XIX, 15.

596 — *Não conheceis nem a mim nem a meu Pai.* Refere-se Jesus à sua natureza divina, e por isto declara que não o conhecem e também não conhecem o Eterno Pai, porque são ambos o mesmo Deus.

597 — *Gazofilácio.* O gazofilácio era o lugar em que se guardavam os vasos sagrados e onde havia treze mealheiros destinados a receber donativos para a manutenção do culto.

598 — *No vosso pecado.* O pecado particular de que Jesus fala por último, é o da infidelidade, permanecendo o qual todos os outros permanecem, porque não pode haver remissão onde falta a fé.

599 — *Valerá a pena falar-vos?* Consta na Vulgata: "Principium, qui et loquor vobis", isto é: Sou o Princípio, eu que vos falo; ou, mais explicitamente: Eu, que vos falo, sou Deus, o princípio de todas as coisas. No texto grego, porém, esta passagem permite diversas interpretações. A versão que está nesta Sinopse, adotada em traduções recentes dos Evangelhos, é abonada por diversos autores contemporâneos, como Lagrange, Lebreton e Willam.

600 — *Muito teria ainda por dizer de vós, etc.* O sentido desta passagem é o seguinte: Não quero falar de vós nem condenar-vos; limito-me a dizer o que ouvi de quem me enviou.

601 — *Disseram os fariseus.* Na Vulgata consta: "Responderunt ei", isto é, responderam êles. Esclarece, porém, Lagrange que na linguagem daquele tempo "responder" e "tomar a palavra" eram idéias que se exprimiam do mesmo modo. Assim, foram outros interlocutores — fariseus, certamente — que no caso protestaram contra as palavras de Jesus, e não os que nêle creram.

602 — *Nunca fomos escravos de ninguém.* Entenderam, e com razão, que Jesus se referia à escravidão espiritual. E disseram-se livres porque apesar de submetidos a domínio estrangeiro, sempre conservaram a sua independência interior.

603 — *O escravo não fica para sempre em casa, etc.* Segundo as prescrições da lei civil, o escravo não tinha o direito de permanecer na casa da família a que pertencia, nem o de participar da herança, podendo mesmo ser expulso e vendido, ao passo que o filho, na sua qualidade de herdeiro e senhor também, tinha o poder de alforriar o servo e lhe fazer doação de bens. Do mesmo modo, o pecador não tem direito ao reino dos céus e aos bens eternos, estando dêles excluído por efeito do pecado; mas o Filho de Deus pode resgatá-lo de sua escravidão moral e dar-lhe a verdadeira liberdade. E quis o Eterno Pai que somente por Jesus Cristo — o Verbo Divino Humanado — se operasse a redenção do gênero humano.

604 — *Vosso pai.* Jesus alude a Satanás. Mais adiante di-lo-á abertamente.

605 — *De Deus saí e vim ao mundo.* De Deus saí pela Encarnação, e assim me manifestei ao mundo.

606 — *Desde o principio foi êle homicida.* Isto é, quando levou Adão e Eva à desobediência de comer o fruto que tornaria mortais as criaturas humanas (Gênesis: II, 17). Assim, foi o demônio que introduziu a morte no mundo, por ter sido o autor do pecado, de que ela dependia.

607 — *Pai da mentira.* Estigmatizou-o assim Jesus, porque, além de ter sido o primeiro que mentiu, foi ainda quem ensinou a mentir, quer aos homens quer aos anjos decaídos.

608 — *Não temos razão em dizer que és samaritano?* Era esta uma das maiores injúrias que podiam sair da boca de um judeu. A respeito do antagonismo que separava judeus e samaritanos, veja-se a nota 193.

609 — *Não estou possuído do demônio.* Não responde Jesus à acusação de "samaritano" porque não a considera injuriosa. Repele, porém, a acusação de estar possuído do demônio, porque é uma afronta à Divindade.

610 — *Quem guardar a minha palavra, não verá a morte eterna.* Isto é, quem observar a minha doutrina não morrerá para a graça, para o céu, para a eternidade. A morte eterna é a morte no pecado.

611 — *Abraão desejou ansiosamente ver o meu dia. Ele viu-o e rejubilou-se.* A locução "ver o meu dia" significa, aqui, ver chegados os tempos messiânicos. Viu-o Abraão, patriarca dos hebreus, porque lhe foi concedida uma revelação especial do mistério da Encarnação, provavelmente quando já estava o patriarca no limbo.

612 — *Antes de ter nascido Abraão, eu sou.* No monte Horeb dissera Deus a Moisés: "Eu sou aquêle que sou" (Êxodo: II, 14). Jesus, empregando a seu respeito a expressão do Altíssimo contida no livro do Êxodo, declarava-se Deus. Por conseguinte, ou lhe dariam crédito ou o perseguiriam como blasfemo. Assim o entenderam os Judeus, tanto que pretenderam lapidá-lo.

613 — *Jesus occultou-se.* Isto é, subtraiu-se à vista dos presentes, em virtude de um prodígio, como já o fizera em Nazaré, quando haviam pretendido jogá-lo num precipício.

97 — CURA DO CEGO DE NASCENÇA

(S. João, IX, 1-41)

Ia Jesus passando, quando viu um cego de nascença.

"Mestre — perguntaram-lhe os discípulos — quem foi que pecou, êle mesmo ou seus pais,* para que nascesse cego?"

Respondeu Jesus: "Não nasceu cego porque êle ou seus pais tenham pecado, mas sim para que se manifestasse nêle as obras de Deus.* E' preciso que eu realize, enquanto é dia, as obras daquele que me enviou. Porque vem a noite em que ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo".

Dito isto, cuspiu no chão, fêz com a saliva um pouco de lodo, passou o lodo nos olhos do cego, e disse-lhe: "Vai

e lava-te na piscina de Siloé.* (A palavra Siloé quer dizer "Enviado".)

O cego foi, lavou-se e voltou enxergando.

Disseram então os vizinhos e outras pessoas que antes o tinham visto mendigar: "Este homem não é o que víamos contestavam outros. E' alguém que se parece com o mendigo".

Ele, porém, declarou: "Sou eu mesmo".

Perguntaram-lhe, pois: "Como foi que passaste a ver?"

Respondeu êle: "O homem que se chama Jesus, fêz um pouco de lódo, passou o lódo nos meus olhos, e disse: "Vai e lava-te na piscina de Siloé". Eu fui, lavei-me e agora enxergo".

"E onde está o homem?" perguntaram-lhe.

"Não sei", respondeu.

Levaram então à presença dos fariseus o homem que tinha sido cego. Porque fôra em sábado que Jesus fizera o lódo e havia curado* da cegueira aquêle mendigo.

Perguntaram-lhe novamente, desta vez os fariseus, como passara a ver, e respondeu: "Ele pôs lódo nos meus olhos, eu me lavei e agora enxergo".

Observaram alguns fariseus: "O homem aquêle não é de Deus porque não guarda o sábado". Outros, porém, diziam: "Pode então um pecador fazer semelhantes prodígios?" E como não chegassem a concordar uns com os outros, dirigiram-se outra vez ao cego: "Que dizes tu do homem que te fêz enxergar?"

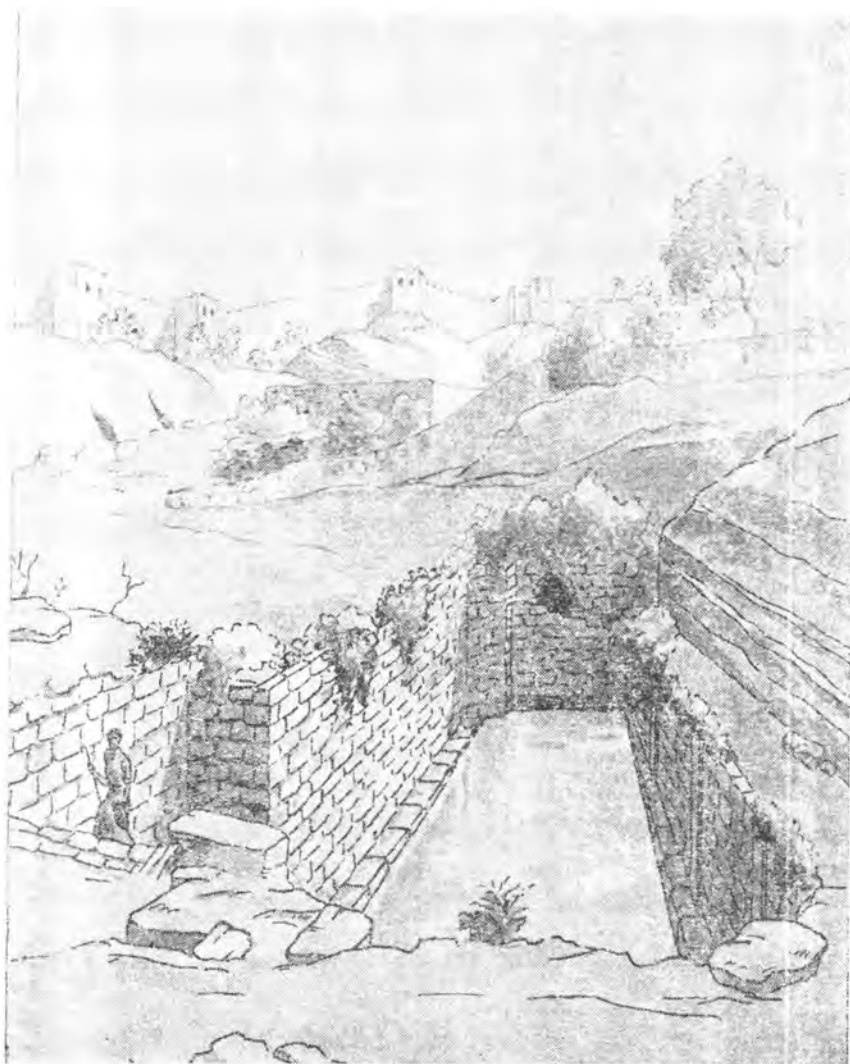
"Que é um profeta", respondeu êle.

Entretanto os judeus já nem acreditavam que êle estivesse cego e que havia sido curado de cegueira. Chamaram, pois, os pais do que fôra dotado de visão e lhes perguntaram: "E' êste vosso filho que dizeis ter nascido cego? Como se explica que êle agora enxerga?"

Responderam os pais: "Sabemos que êste é nosso filho e que nasceu cego. Mas não sabemos explicar como passou êle a enxergar. E também não sabemos quem lhe curou a cegueira. Perguntai a êle. Já tem idade bastante para prestar informações sobre si mesmo".

Assim falaram os pais do cego por medo dos judeus. E' que êstes já tinham decidido expulsar da sinagoga quem reconhecesse que Jesus era o Cristo. Por esta razão haviam dito os pais do cego que o filho já tinha idade suficiente e que o interrogassem a êle próprio.

Então os fariseus tornaram a chamar o mendigo que que o tal homem é um pecador".*
fôra cego, e disseram-lhe: "Dá glória a Deus. Nós sabemos



PISCINA DE SILOÉ

Volveu-lhes o mendigo: "Se êle é pecador, não sei. O que sei é que era cego e que agora enxergo".

"Que te fez êle?" perguntaram-lhe. Como te fez enxergar?"

"Já vos disse — tornou o mendigo — e vós ouvistes. Por que quereis ouvir outra vez? Será que também quereis fazer-vos discípulos dêle?"

Cobriram-no de injúrias os judeus e disseram: "Discípulo dêle sejas tu! Nós somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés. Mas quanto ao tal homem, nem sabemos donde êle é".

Replicou o mendigo: "Pois é de admirar não saberdes donde é êle, apesar de me ter feito enxergar. Sabemos que Deus não ouve os pecadores, e que só atende aquêles que o honram e lhe fazem a vontade. Desde que o mundo existe, nunca se ouviu dizer que alguém tenha feito um cego de nascença enxergar. Se aquêle homem não fôsse de Deus, não poderia fazer semelhante coisa".

"Todo em pecado nasceste — retrucaram êles — e pretendes dar-nos lições a nós?"

E então o expulsaram da sinagoga.

Soube Jesus que o haviam expulsado, e, encontrando-o, perguntou-lhe: "Crês no Filho de Deus?"

Respondeu o mendigo: "Dize-me quem é, Senhor, para que eu creia nêle".

"Já o viste — tornou-lhe Jesus. Sou eu mesmo, que te falo".

"Creio, Senhor!" exclamou o homem.

E, prostrando-se, o adorou.

Disse então Jesus: "Vim a êste mundo para exercer um juízo,* e os cegos passarão a ver e se tornarão cegos os que vêem".*

Ouviram isto alguns dos fariseus que com êle estavam, e lhe disseram: "Porventura somos cegos também nós?"

Respondeu Jesus: "Se fôsseis cegos, não teríeis culpa. Mas como afirmais que vêdes, o vosso pecado subsiste".

614 — *Quem foi que pecou, êle mesmo ou seus pais?* A maioria dos judeus pensavam que a desgraça (enfermidade ou indigência) sempre provinha de qualquer falta secreta ou pública da pessoa infeliz. Mas aquêle cego, já tendo nascido sem o sentido da vista, como poderia ter pecado antes do seu nascimento? E' a razão da pergunta dos discípulos.

615 — *Não nasceu cego porque êle ou seus pais tenham pecado, mas sim para que se manifestassem nêle as obras de Deus.* Todos os nossos males provêm do pecado original. Mas no caso do cego de nascença êle não degenerou precisamente em cegueira. Permitira Deus que o homem nascesse com aquêle defeito a fim de se manifestarem a glória de Jesus e sua missão divina. A glória de Deus teria podido

manifestar-se de outra maneira, é claro. Contudo, Deus assim quis, e as sagradas disposições da Divina Providência sempre são as mais sábias, ainda que muitas vezes não possamos explicá-las. Teria havido uma injustiça contra o homem, para a glória de Deus? Que injustiça? A cegueira tornou-se para ele um benefício, porque o Senhor lhe abriu os olhos do espírito. Em vista de que os defeitos humanos podem provir de causas naturais, não cabe inquirir como Deus pode infligir, sem injustiça, tal pena a alguém que não a tenha merecido por motivo de pecado. Em tais casos, não é justo pensar que Deus negou o que devia dar. O que se pode concluir é que Deus não dá necessariamente nem dá sempre tudo o que pode dar. E sem jamais faltar à justiça, porque é essencialmente justo.

616 — *Fêz com saliva um pouco de lodo, passou o lodo nos olhos do cego, e mandou-o lavar-se na piscina de Siloé.* Concordam os comentadores em que as ações de Jesus, no caso da cura do cego de nascença, foram somente simbólicas. Misturando a saliva com terra, lembra Jesus a mão do Criador que fêz de barro o homem. E ao enviar o cego à piscina de Siloé, donde o mesmo voltou enxergando, lembra o sacramento do batismo e seus miraculosos efeitos espirituais na criatura que do barro foi extraída.

617 — *Porque fôra em sábado que Jesus o havia curado.* Fazia parte das atribuições dos fariseus, membros do Conselho Supremo, decidir sobre o que era permitido ou não no sábado.

618 — *Dá glória a Deus. Nós sabemos que o tal homem é um pecador.* A primeira frase da epígrafe era uma fórmula solene de pedir juramento (Josué: VII, 19). Abusando, porém, de sua autoridade, os fariseus insinuavam o que lhes deveria ser respondido, pois ao dizerem que sabiam ser Jesus um pecador, implicitamente induziam o homem a negar que tivesse sido curado por um milagre, já que Deus não concede este poder aos pecadores, a não ser por exceção, que como tal confirma a regra.

619 — *Para exercer um juízo.* Tratava-se de uma discriminação dos bons e dos maus, que resultaria da presença, pregação e milagres de Jesus, repelindo-o os incrédulos obstinados, e tomando-o como exemplo e observando-lhe a doutrina aquêles que cressem.

620 — *Os cegos passarão a ver e se tornarão cegos os que vêem.* Aquêles que reconhecessem ignorar os mistérios divinos e acolhessem a palavra de Jesus, seriam esclarecidos e conduzidos à salvação; os outros mergulhariam em trevas cada vez mais densas e finalmente se perderiam. A segunda frase da epígrafe consta com outra forma na Vulgata: "et qui vident caeci fiant", isto é, a fim de que se tornem cegos os que vêem. Significam, porém, estas palavras que em consequência da vinda de Jesus, a incredulidade de muitos se tornaria, por culpa deles, tão tenebrosa como a cegueira total. — No caso, a expressão "a fim de que" nada encerra que deva causar estranheza, pois, suposto o pecado do homem, Deus quer realmente, pela sua santidade e justiça, aquilo que tem com o pecado uma relação íntima e necessária, como sejam as suas consequências e o seu castigo. A este respeito deixou notáveis considerações o comentador Kna-beunbauer. Segundo ele, Deus, tendo-nos dado o livre arbitrio e tendo previsto o abuso desta liberdade, faz servir aos seus fins aquilo mesmo que se produz por esse abuso, isto é, ordena tudo de tal modo que os próprios males, a despeito de sua natureza, vêm a patentear a sabedoria, a justiça e o poder divino. Veja-se também a nota 52.

98 — O BOM PASTOR

(S. João, X, 1-21)

Propôs Jesus esta parábola:*

“Em verdade, em verdade vos digo, quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas,* mas nêle penetra por outra parte, é salteador e ladrão. O que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A êle dá entrada o vigia, e as ovelhas ouvem a sua voz. Chama pelo nome as suas ovelhas e as faz sair. E depois de ter feito sair tôdas as ovelhas que lhe pertencem, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem porque conhecem a sua voz. Não seguem, porém, a um estranho, antes fogem dêle, porque não conhecem a voz dos estranhos”.

Como não atinassem com o que Jesus queria dizer, tornou êle: “Em verdade, em verdade vos digo, sou eu a porta para as ovelhas.* Todos os que antes de mim vieram, não passavam de salteadores e ladrões,* e as ovelhas não os escutaram.* Eu sou a porta. Quem entrar por mim* será salvo, e há de entrar e sair, e encontrará pastagens”.

“O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que as minhas ovelhas tenham a vida, e a tenham em maior abundância.

“Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. Mas o mercenário, o que não é pastor e ao qual não pertencem as ovelhas, quando vê chegar o lobo, abandona o rebanho e foge, e o lobo rouba o que quer e faz as outras ovelhas desgarrarem. O mercenário foge porque é mercenário e não lhe importam as ovelhas.

“Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço ao Pai. E eu dou a vida pelas minhas ovelhas.

“Ainda tenho outras ovelhas que não são dêste aprisco. E' preciso que para êle as traga. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor.*

“Por isto é que me ama o Pai,* porque dou a minha vida. Mas depois a recupero. E ninguém a tira de mim; eu é que a dou por mim mesmo. Tenho o poder de dá-la e o poder de reavê-la. Pelo Pai me foi conferido êste poder”.*

Por causa destas palavras suscitou-se nova dissensão entre os judeus. Muitos dêles diziam: “Está possuído do demônio e enlouqueceu. Por que o ouvis ainda?” Diziam outros: “Essas palavras não são de quem está possuído do demônio. E porventura pode o demônio fazer os cegos enxergarem?”

621 — *Esta parábola.* Na parábola compara Jesus a sua atividade com a do bom pastor, e a sociedade por êle fundada, isto é, a



O BOM PASTOR, ESCULTURA MURAL DAS CATACUMBAS
ROMANAS

Igreja, com um redil de ovelhas. E faz ver que os condutores de Israel, cegos pela sua incredulidade pertinaz a respeito d'ele, já não podiam ser bons pastores.

622 — *Quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas...* Na Palestina, os apriscos, geralmente afastados das habitações, eram simples recintos de pedras, alguns cobertos com ramagens, nos quais se recolhiam à noite as ovelhas e cabras de um ou mais rebanhos. Entrar no redil pela porta, como está escrito no Evangelho, significa ser enviado por Deus, procurar sinceramente à Divina Providência e empenhar-se na salvação das almas.

623 — *Eu sou a porta para as ovelhas.* Diz aqui Jesus que por êle têm os homens acesso ao Pai, ao reino de Deus, à eterna bem-aventurança.

624 — *Todos os que antes de mim vieram eram salteadores e ladroes.* Segundo alguns comentadores, refere-se o Salvador aos falsos profetas e impostores que pulularam em Israel. Entendem outros que alude aos escribas e fariseus.

625 — *E as ovelhas não os escutaram.* Jesus fala aqui da parte sã do povo israelita, que no seu tempo ainda era a de maior número.

626 — *Quem entrar por mim.* Entrar por Jesus Cristo significa ter fé no Salvador do mundo.

627 — *Eu sou o bom pastor.* Jesus proclama-se "bom pastor" por ser esta denominação atribuída pelos profetas ao Messias. A Igreja também tem os seus "bons pastores, mas só Jesus é "o bom pastor", ou seja, o bom pastor por natureza. Quanto ao mercenário, foge quando se recusa a sacrifícios pela salvação das almas; foge quando deixa de socorrer os necessitados, materialmente, na medida de suas possibilidades; foge quando vê a injustiça e se cala. As palavras de Jesus atingem aqui todos aquêles que pretendem dirigir as almas sem a idoneidade que só o sacramento da Ordem confere. E' possível que a grande maioria d'êles sejam bem intencionados. Não obstante, causam às almas um grande mal, que é desviá-las do verdadeiro caminho que leva à felicidade eterna.

628 — *Um só rebanho e um só pastor.* Alude o Salvador às nações que ainda estão no limbo da História; vê os filhos de Jafé ao lado dos filhos de Sem; e pensa com misericórdia nos desgraçados filhos de Cam. Em outra ocasião afirmou que fôra enviado sómente às ovelhas perdidas da casa de Israel. Com isto, porém, quis apenas dizer que só o povo de Israel seria evangelizado por êle pessoalmente (V. nota 515).

629 — *Por isto é que me ama o Pai, etc.* Faz ver Jesus que, morrendo e ressuscitando, cumpre com satisfação a vontade do Eterno Pai, e que uma das razões pelas quais o Pai o ama é a disposição d'êle, em sacrificar a vida por suas ovelhas, como de fato acontecerá.

630 — *Pelo Pai me foi conferido este poder.* Jesus fala aqui como homem. Com o mesmo sentido das palavras da epigrafe, consimilmente: Recebi de meu Pai este mandato. Mandato significa, no caso, "comissão de poder", e não ordem ou incumbência. ta na Vulgata: "Hoc mandatum accepi a Patre meo", isto é, literal-

XVI — NOVAMENTE NA GALILÉIA

99 — SEGUNDA PROFECIA DA PAIXÃO

(S. Luc. IX, 44-46; S. Mat. XVII, 21-22; S. Marc. IX, 30-31)

Jesus encontrava-se na Galiléia com os seus discípulos. E admiravam-se todos à vista de tudo o que êle fazia. Instruindo então os seus discípulos, disse-lhes Jesus: "Guardai nos vossos corações estas palavras: o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, dar-lhe-ão a morte, e ao terceiro dia êle ressuscitará".

Mas os discípulos não atinaram com a significação destas palavras,* para êles obscuras e incompreensíveis. Entretanto, recebiam interrogá-lo a tal respeito. E sentiram-se tomados de profunda tristeza.

Depois ocorreu-lhes a idéia de saber qual dentre êles seria superior a todos.*

631 — *Não atinavam com a significação destas palavras.* Não entendiam como não podia Jesus subtrair-se à morte, sendo êle o Filho de Deus e possuindo o dom dos milagres. Entendiam menos ainda como poderia ressuscitar-se a si mesmo quem podia salvar-se da morte.

632 — *Ocorreu-lhes a idéia de saber qual dentre êles seria superior aos outros.* Fica esta frase em suspenso na narração evangélica, porque o assunto só é retomado mais tarde, quando Jesus e os discípulos já estavam em casa, como se vê em S. Marcos: IX, 32-33.

100 — PAGAMENTO DA DIDRACMA, TRIBUTO DO TEMPLO

(S. Mat. XVII, 23-26)

Chegando Jesus e os discípulos a Cafarnaúm, aproximaram-se de Pedro os cobradores da didracma,* e lhe perguntaram: "Vosso mestre não paga o tributo das duas dracmas?"

"Paga", respondeu Pedro.

Mal entrou êle em casa, antecipou-se-lhe Jesus, dizendo: "Que te parece, Simão: de quem recebem os reis da terra o tributo ou o senso? De seus filhos ou dos súditos?"*

Respondeu Pedro: "Dos súditos".

"Sendo assim — continuou Jesus — os filhos estão isentos.* Entretanto, não demos aos cobradores motivo

de escândalo. Vai ao lago e joga o anzol à água. Toma o primeiro peixe que apanhares, abre-lhe a bôca, e nela encontrarás um estáter.* Paga, com êle, por mim e por ti".

633 — *Didracma*. A didracma (duas dracmas, V. nota 755) era o tributo cmo que todo israelita de maior idade devia contribuir anualmente, para pagamento das despesas do Templo.

634 — *De seus filhos ou dos súbditos?* Na Vulgata consta: "a filiis suis, an ab alienis?" No caso, o vocábulo "alienis" (estranhos) foi empregado em contraposição a "filiis" (filhos), designando as pessoas ordinariamente sujeitas a pagamento de tributo em determinado reino.

635 — *Os filhos estão isentos*. Filho do Rei dos reis, Jesus não estava obrigado a pagar qualquer tributo. Quis pagar, porém, a fim de evitar que alguém se escandalizasse com uma recusa que certamente não seria compreendida.

636 — *Um estáter*. Moeda de prata que no sistema monetário em vigor entre os judeus tinha o valor de quatro dracmas. Em outros países valia somente duas dracmas.

101 — RIVALIDADE DOS APÓSTOLOS

(S. Marc. IX, 32-36; S. Mat. XVIII, 1-5; S. Luc. IX, 47-48)

Nessa mesma ocasião, quando ainda estavam em casa, viu Jesus os pensamentos que agitavam nos corações dos seus discípulos e perguntou-lhes: "De que vínheis falando pelo caminho?"

Mantiveram-se calados os discípulos, porque em caminho tinham discutido sôbre qual dêles seria superior aos outros.

Sentou-se Jesus e chamou os doze.

Aproximaram-se os discípulos e perguntaram: "Em tua opinião, quem é maior no reino dos céus?"

"Se alguém quiser ser o primeiro — respondeu Jesus — torne-se o último e o servo de todos".*

Em seguida chamou uma criança, colocou-a no meio dêles, junto a si, e depois de a ter abraçado, disse aos discípulos: "Em verdade, em verdade vos digo, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças,* não entrareis no reino dos céus. Assim, todo aquêle que se fizer pequeno como esta criança, será maior no reino dos céus. Quem recebe em meu nome uma criança como esta, a mim recebe. E quem me receber, não me recebe a mim, mas àquele que me enviou. Quem fôr o menor entre vós, êste é que é superior aos outros.

637 — *Torne-se o último e o servo de todos*. Ensina Jesus que será sempre mais exaltado no céu quem neste mundo fôr mais humilde.

638 — *Se não vos tornardes como as crianças. Se não vos tornardes humildes e simples por virtude, como as crianças o são por natureza.*

102 — EXCESSO DE ZÊLO

(S. Marc. IX, 37-40; S. Luc. IX, 49-50)

Tomando João a palavra, disse: "Mestre, vimos um homem esconjurar demônios em teu nome, e o proibimos de continuar, porque não anda conosco".

Respondeu-lhe Jesus: "Deixai-o continuar,* porque ninguém pode fazer milagres em meu nome e depois dizer mal de mim. Quem não é contra vós é por vós.* E todo aquele que vos der um copo d'água em meu nome, porque sois discípulos de Cristo, em verdade vos digo que não deixará de ser recompensado".

639 — *Deixai-o continuar.* Nunca se deve impedir a prática do bem, pelo receio de que não seja digno ou capaz aquele que o pratica.

640 — *Quem não é contra vós, é por vós.* No Evangelho de São Mateus (XII, 30), lê-se que outra ocasião disse Jesus: "Quem não está comigo está contra mim". Embora possam parecer contraditórias, as duas sentenças exprimem coerentemente a idéia fundamental de que não há meio termo entre estar com Jesus ou contra Jesus.

103 — OS SAMARITANOS DA FRONTEIRA NÃO RECEBEM A JESUS

(S. Lucas, 51-56)

Aproximando-se o tempo de subir Jesus ao céu, tornou êle manifesto que resolvera subir a Jerusalém. E enviou emissários adiante a fim de lhe prepararem a pousada. Os emissários puseram-se a caminho e chegaram a uma povoação de samaritanos,* onde não quiseram receber a Jesus porque êle ia na direção de Jerusalém.*

Ao saber disto, os discípulos Tiago e João disseram: "Senhor, queres que façamos cair o fogo do céu para consumir essa gente?"

Voltou-se Jesus para êles e os repreendeu, dizendo: "Não sabeis de que espírito sois.* O Filho do Homem não veio para perder as almas, e sim para salvá-las".

Então foram para outra povoação.

641 — *Uma povoação de samaritanos.* Devia ser uma povoação próxima da fronteira entre a Samaria e a Galiléia. Na Vulgata encontra-se a palavra "cidade". E' que os Evangelhos designam como cidades, não só as povoações mais importantes da Palestina, mas também pequenos núcleos de povoação, o que de resto já foi esclarecido.

642 — *Porque ele ia na direção de Jerusalém.* Os samaritanos freqüentemente se opunham a que passassem por suas terras os peregrinos que demandavam a cidade santa. Isto por causa da sua desinteligência com os judeus (V. nota 193).

643 — *Não sabeis de que espírito sois.* Jesus faz ver que o espírito da Nova Lei é a caridade (amor), e que os seus apóstolos deveriam pregá-lo com brandura e misericórdia. Só esgotados este meio e agravada a resistência e maldade dos homens — em casos extraordinários, portanto — é que se poderia pensar em recorrer aos meios extremos, que são os castigos.

104 — ADVERTÊNCIAS SÔBRE A VOCAÇÃO

(S. Luc. IX, 57-60; S. Mat. VIII, 19-22)

Enquanto estavam no caminho, aconteceu ainda que dêles se aproximou um escriba e disse a Jesus: "Seguir-te-ei para onde quer que fôres".

"As raposas têm as suas tocas* — respondeu Jesus — e as aves do céu têm os seus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça".

E disse a outro: "Segue-me".

Mas êste, que também era discípulo seu, pediu-lhe: "Permite-me, Senhor, que vá primeiro sepultar meu pai".

Tornou-lhe Jesus: "Deixa os mortos sepultarem os seus mortos.* Tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus".

Disse-lhe, também, outro: "Eu te seguirei, Senhor; mas dá-me licença de ir primeiro à casa despedir-me dos meus".

Respondeu-lhe Jesus: "Quem pega no arado e olha para trás não é feito para o reino de Deus".

644 — *As raposas têm as suas tocas, etc.* Jesus sabia que a dedicação do escriba não era sincera e que o seu oferecimento se inspirava em cálculos interesseiros. Daí os termos em que lhe respondeu. O espírito de renúncia, se já é necessário em se tratando dos fiéis, mais necessário ainda se faz para aquêles que se votam à vida religiosa. Não quer isto dizer que seja menos cristão possuírem bens os religiosos. Em inúmeros casos, as próprias circunstâncias o exigem. O que realmente se impõe é o desapêgo dos bens terrenos e a renúncia a tudo o que possa constituir empecilho à salvação das almas.

645 — *Filho do Homem.* Veja-se a nota 151.

646 — *Deixa os mortos sepultarem os seus mortos.* Os pais e parentes do discípulo não pertenciam ao número dos que se empenhavam em ouvir a pregação do Evangelho, estando por isto afastados do caminho da vida eterna. E' o motivo por que Jesus os chama de "mortos". Com as palavras da epígrafe, não teve o Salvador em vista dispensar os filhos dos últimos cuidados que devem prestar aos pais. Sômente quis significar que nos casos em que estiverem em colisão os deveres para com os pais e os deveres para com Deus, são êstes os que têm preferência.

105 — MISSÃO DOS SETENTA E DOIS DISCÍPULOS

(S. Lucas X, 1-12)

Depois, designou ainda o senhor setenta e dois discípulos* e mandou-os, dois a dois, à sua frente, por tôdas as cidades e povoações que tinha intenção de visitar.

E disse-lhes: "Grande é na verdade a messe, mas os operários são poucos. Rogai, portanto, ao dono da seara que mande mais operários para ela. Ide, pois! Envio-vos como cordeiros para o meio dos lobos. Não leveis bolsa nem alforje nem calçado, e a ninguém saudeis pelo caminho.* Tôda vez que entrardes numa casa, dizei primeiro: "A paz esteja nesta casa". E se ali morar um filho da paz, a vossa paz repousará sôbre êle; do contrário, ela voltará para vós.* Permanecei numa mesma casa, e comei e bebei do que nela houver,* pois quem trabalha merece o seu sustento. Não andeis de uma casa para outra.

"Em qualquer cidade onde entrardes e vos receberem, comei o que vos apresentarem. Curaí os enfermos que aí encontrardes, e dizei-lhes: "Aproximou-se de vós o reino de Deus".

"Mas se entrardes numa cidade e não vos receberem, saí às praças públicas e dizei: "Contra vós sacudimos até o pó da vossa cidade, que nos ficou nos pés. Entretanto, ficai sabendo que se aproxima o reino de Deus". Digo-vos eu que, no último dia,* Sodoma será tratada com menos rigor* do que uma cidade assim".

647 — *Setenta e dois discípulos.* Em alguns manuscritos consta que foram setenta discípulos. Mas autores de nomeada, como por exemplo Lagrange, sustentam que foram setenta e dois, conforme se lê em outros códices e é versão tradicional no Oriente. Os discípulos foram designados com a missão de auxiliarem os Apóstolos, não propriamente pregando o Evangelho, mas dispendo a população a receber o Salvador.

648 — *E a ninguém saudeis pelo caminho.* No Oriente, os cumprimentos podem prolongar-se por horas a fio, trocando-se perguntas amáveis sôbre a saúde de pessoas da família, sôbre os rebanhos, as colheitas, em suma, falando-se de tudo um pouco, sem dar atenção ao tempo que passa. E' um costume como tantos outros. Ora, os enviados de Deus não deviam perder tempo pelo caminho em conversas de pouca importância. E assim sendo, "Não saudar a ninguém" significava apenas não saudar as pessoas por aquêle modo, e tomar a atitude de quem recebeu uma missão urgente e quer desempenhá-la sem delongas — o que não impedia, é claro, as saudações de passagem.

649 — *Filho da paz.* Isto é, digno da paz.

650 — *Do contrário, voltará a paz para vós.* Veja-se a nota 434.

651 — *Comei e bebei do que nela houver.* Em seguida dirá Jesus: "Comei o que vos apresentarem". Desvirtuando estas palavras, hou-

ve quem as citasse como argumento contra a abstinência de carne nos dias determinados pela Igreja. Entretanto, o pensamento de Jesus era impedir que os discípulos, por alguma exigência descabida, viessem a se tornar molestos para quem os hospedasse. Não os autorizava, por exemplo, a comer carne de porco, o que era proibido pela lei de Moisés. Acresce que nas casas a que o Salvador se refere, certamente se guardava a abstinência legal.

652 — *No último dia.* "In dia illa", como está na Vulgata, ou seja, naquele dia, o que quer dizer no dia do Juízo Final, em que será definitivamente proclamado o reino de Deus.

653 — *Sodoma será tratada com menor rigor.* Porque enviados de Deus haviam sido acolhidos por Ló naquela cidade (Gênesis: XIX, 1-3).

106 — AS CIDADES IMPENITENTES

(S. Mat. XI, 20-24; S. Luc. X, 13-16)

Referindo-se então às cidades em que operara numerosos milagres, entrou Jesus a exprobar-las por não terem feito penitência:

"Ai de ti, Corozaim!* Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e Sidon* tivessem ocorrido os prodígios que em vós foram realizados, há muito tempo que ali teriam feito penitência. Por isto vos declaro que, no dia do Juízo, Tiro e Sidon serão tratadas com menos severidade do que vós.

"E tu, Cafarnaúm, que foste tão exaltada, acaso te elevarás até o céu? Hás de ser precipitada no fundo do inferno, porque se em Sodoma tivessem ocorrido os milagres que em ti se realizaram, a cidade de Sodoma talvez ainda hoje existisse".

E tornou aos discípulos: "Quem vos ouve, a mim me ouve; quem vos despreza, a mim despreza; e quem me despreza, despreza aquele que me enviou".

654 — *Ai de ti, Corozaim!* Nomear Jesus esta localidade da Galiléia numa lamentação especial demonstra que ela havia sido alvo de particulares cuidados seus. Provavelmente realizaram-se ali curas milagrosas, como tantas outras que já haviam sido narradas pelos evangelistas. Vê-se, assim, que estes omitiram muitos acontecimentos da vida de Jesus, o que de resto S. João declara nos versículos de encerramento do seu Evangelho.

655 — *Tiro e Sidon.* Os moradores destas cidades haviam mantido relações de amizade com os grandes reis Davi e Salomão, e mais tarde se converteriam ao Evangelho.

107 — REGRESSO DOS SETENTA E DOIS DISCÍPULOS

(S. Lucas, X, 17-20)

Voltaram* depois, cheios de alegria, os setenta e dois discípulos, e disseram: "Senhor, até os demônios nos obedecem em teu nome".

E Jesus lhes disse: "Eu vi Satanás cair do céu como um raio. Com efeito, dei-vos o poder de calcar serpentes e escorpiões* e tôdas as fôrças do inimigo, e nada vos fará mal. Contudo não vos regozijeis porque os espíritos se submetem a vós, mas antes alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos no céu".

656 — *Voltaram os discípulos.* Calcula-se que os discípulos se tenham demorado uns quinze dias na sua missão. Jesus seguiu em grande parte o trajeto dos seus emissários, mas certamente não visitou em pessoa tôdas as povoações por onde andaram. Para se afirmar o contrário, seria preciso interpretar com exagerada rigidez o texto de São Lucas a respeito do assunto (X, 1).

657 — *O poder de calcar serpentes e escorpiões.* O Salvador menciona as serpentes e os escorpiões juntamente com "tôdas as fôrças do inimigo". Deve, pois, tratar-se de uma simples metáfora, em que os escorpiões e as serpentes simbolizam espíritos infernais.

108 — O JUGO SUAWE

(S. Luc. X, 21-24; S. Mat. XI, 25-30)

Na mesma ocasião, Jesus exultou no Espírito Santo, e disse: "Graças te dou, ó Pai,* Senhor do céu e da terra, porque ocultaste aos sábios e entendidos estas coisas e as revelaste aos humildes. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado.

"Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai. Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquêle a quem o Filho o quiser revelar".

Em seguida disse aos discípulos: "Felizes os olhos que vêem o que vós vêdes. Porque vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vêdes, e não viram; quiseram ouvir o que vós ouvis, e não ouviram.

"Vinde a mim todos os que andais aflitos e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sôbre vós o meu jugo,* e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas, porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

658 — *Graças te dou, ó Pai, etc.* Em nenhuma passagem do Evangelho Jesus fala tão claramente das relações transcendentais que, unindo-o com o Pai, nos obrigam a adorar nêle o Filho de Deus, coeterno e coexistente com o Pai. A geração eterna do Filho, na sua existência divina, só é conhecida do Pai, e só o Pai o conhece desde tôda a eternidade. Revela-se o Pai aos pequenos e humildes por intermédio do Filho, e êste, revelando-o, também se revela a si mesmo.

659 — *Tomai sôbre vós o meu jugo, etc.* O jugo da lei, interpretada esta pelo rigor farisaico, era verdadeiramente acabrunhador. Jesus abre novos horizontes à concepção religiosa do seu povo e do mundo, e liberta as consciências escravizadas em mesquinhasias preten-

samente legais. Entretanto, longe de pregar a falsa liberdade, que acaba degenerando em licença, propõe-nos um "jugo" e um "fardo" que não devemos recusar. Mas o amor a Deus torna suave o jugo da religião, e leve o fardo dos sacrifícios. Pelo amor a Deus compreendemos a vida como ela deve ser compreendida, e carregamos com alegria o jugo que a doutrina de Jesus nos impõe, certos de que assim evitamos muitos e grandes infortúnios já nesta vida, e principalmente a eterna infelicidade na outra.

109 — O BOM SAMARITANO

(S. Lucas, X, 25-37)

Eis que se levantou um doutor da lei, e com a intenção de pôr Jesus à prova, disse: "Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?"

Perguntou-lhe Jesus: "Que está escrito na Lei? Como é que a lê?"

Respondeu êle: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento; e ao teu próximo como a ti mesmo".

"Respondeste bem — disse Jesus. Observa isso e terás a vida eterna".

Mas o doutor da lei, querendo justificar-se* a si mesmo, perguntou: "E quem é o meu próximo?"*

Retomando então a palavra, disse Jesus: "Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos de ladrões, que o roubaram, e, depois de o terem ferido, foram-se dali deixando-o quase morto.

"Aconteceu que seguia o mesmo caminho um sacerdote.* Quando viu o ferido, passou de largo. Também passou de largo, depois de ter visto o ferido, um levita* que andava pelas imediações. Mas um samaritano que por ali passava, aproximou-se, e, vendo como estava o homem, moveu-se à compaixão. Chegou-se a êle, derramou-lhe azeite e vinho nos ferimentos e envolveu-os em panos. Em seguida, tendo-o pôsto sobre o seu jumento, levou-o para uma estalagem e cuidou dêle.

"No dia seguinte, tomou dois dinheiros, deu-os ao estalajadeiro e recomendou-lhe: "Toma conta dêste homem. Quando eu voltar, te pagarei o que gastares a mais".

"Qual dos três te parece ter sido o próximo do homem assaltado pelos ladrões?"

Respondeu o doutor da lei: "O que se mostrou misericordioso para com êle".

"Vai — disse-lhe Jesus — e procede do mesmo modo".

660 — *Querendo justificar-se.* Isto é, com a intenção de mostrar aos presentes que a questão levantada por êle não era tão simples como à primeira impressão podia parecer.



CAMINHO DE JERUSALÉM PARA JERICÓ

661 — *E quem é o meu próximo?* Para os judeus, “próximo” era exclusivamente o judeu. Os estrangeiros, como tais, não tinham parte nos sentimentos fraternais dos filhos de Abraão. E como o nacionalismo se confundia então inteiramente com a religião, o problema apresentado se revestia de particular gravidade. Ousaria Jesus manifestar-se contra a doutrina tradicional? Ao que parece, nisto é que pretendia o escriba pô-lo à prova.

662 — *Um sacerdote... um levita.* Supõe a narração que tanto o sacerdote judeu como o levita, auxiliar dos serviços religiosos, voltavam para casa depois de terminado o seu turno de serviço no Templo.

110 — EM CASA DE MARTA E MARIA

(S. Lucas X, 38-42)

Continuando o seu caminho, entrou Jesus numa aldeia, e uma mulher chamada Marta o hospedou em sua casa.*

Marta tinha uma irmã por nome Maria. Sentou-se esta aos pés do Senhor e pôs-se a escutar as suas palavras.

Entretanto, Marta afadigava-se na contínua lida da casa. Em dado momento deteve-se à frente de Jesus e queixou-se: “Senhor, não te importas de que minha irmã me deixe trabalhar sòzinha? Manda-lhe que me ajude”.

“Marta, Marta — disse-lhe Jesus — tu te cansas e te preocupas com muitas coisas.* No entanto, uma só é necessária.* Maria escolheu a parte melhor,* que não lhe será tirada”.

663 — *Marta o hospedou em sua casa.* Marta e Maria, irmãs de Lázaro, que viria a ser ressuscitado por Jesus, tinham a sua residência principal em Betânia, mas possuíam mais de uma casa, em localidades diversas.

664 — *Tu te cansas e preocupas com muitas coisas.* Jesus não condena a atividade de Marta, mas somente faz ver à afanosa dona de casa que ela se excede nos seus trabalhos, chegando mesmo a ser tomada de preocupações, com risco de se esquecer do mais importante: o cuidado da vida espiritual. Jesus recomenda-lhe menos dissipação no trabalho.

665 — *Uma só coisa é necessária.* Isto é, procurar o reino de Deus, a salvação eterna.

666 — *Maria escolheu a melhor parte.* Jesus louva em Maria o recolhimento. Note-se, porém, que Jesus não erige em regra absoluta o procedimento de Maria. Quando êle fala, devemos deixar tudo para ouvi-lo. Mas a meditação geralmente leva à atividade. A vida mais perfeita é aquela em que a meditação e a ação se unem e se completam.

111 — A ORAÇÃO DOMINICAL

(S. Lucas, XI, 1-4)

Estava Jesus algures em oração. Depois que terminou, pediu-lhe um dos seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar,* como João ensinou aos seus discípulos”.

Disse-lhes Jesus: “Quando quiserdes orar, dizei: Pai, santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino. O pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdoa-nos os nossos pecados, assim como nós perdoamos os nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação”.

667 — *Senhor, ensina-nos a orar.* Vejam-se as notas 334 e seguintes.

112 — INSISTÊNCIA NA ORAÇÃO

(S. Lucas, XI, 5-13)

Falou-lhes Jesus ainda: “Suponhamos que algum de vós vai ter com um amigo à meia-noite e lhe diz: “Empresta-me três pães, porque um amigo meu, que chegou agora de viagem, parou em minha casa, e nada tenho para lhe servir”. Respondendo o de dentro, talvez dirá: “Não me importunes! Já fechei a porta da rua e meus filhos estão deitados como eu. Não posso levantar-me para te dar o que me pedes”. Mas, continuando o outro a bater, garanto-vos que, se o dono da casa não se levantar para o atender porque é seu amigo, certamente acabará levantando-se por causa da importunação, e dará ao importuno quantos pães êle quiser.

“Por isto vos digo: pedi e recebereis;* procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Porque quem pede recebe; quem procura, acha; e a quem bate abrir-se-á.

“E se alguém de vós pedir pão a seu pai, acaso lhe dará êle uma pedra? E se pedir um peixe, dar-lhe-á o pai em vez de peixe uma serpente? Ou se pedir um ovo, porventura lhe dará um escorpião?

“Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com mais razão vosso Pai dará o bom espírito aos que o pedirem”.

668 — *Pedi e recebereis...* Pregando a constância na oração, Jesus inculcava como requisito mais necessário ainda a confiança absoluta, a certeza de que Deus sempre nos escuta e atende da melhor maneira para nós, embora nem sempre possamos verificá-lo.

113 — O POSSESSO MUDO E CEGO

(S. Mat. XII, 22-37, 43-45; S. Luc. XI, 14-26; S. Marc. III, 22-30)

Entretanto, apresentaram a Jesus um demoníaco mudo e cego, e êle o curou. Logo depois de expulso o demônio,

o que estivera possesso passou a falar e ver, e o povo ficou estupefato. E diziam todos admirados: "Não será êste o Filho de Davi?"

Ao ouvir isto, alguns fariseus e escribas* que haviam baixado de Jerusalém, retrucaram: "Ele está possuído de Belzebu, e por virtude de Belzebu,* príncipe dos demônios, é que consegue expulsar os espírito malignos". Outros, a fim de pô-lo à prova, pediam-lhe um sinal do céu.

Assim que Jesus lhes conheceu os pensamentos, chamou-os para junto de si e lhes falou por parábola: "Como pode Satanás expulsar a Satanás? Todo reino dividido contra si mesmo será destruído, e as casas cairão umas sôbre as outras, porque um reino que contra si mesmo se divide não poderá subsistir. Nem poderão subsistir nenhuma cidade ou família contra si mesmas divididas. Se, pois, Satanás está em desacôrdo consigo mesmo, e se afronta e expulsa a Satanás, contra si mesmo está dividido. Como subsistirá, então, o seu reino? Não poderá subsistir; ao contrário, está chegando ao seu fim. Porque dizeis que é pelo poder de Belzebu que expulso os demônios".

"Ora, se é por virtude de Belzebu que expulso os demônios, por virtude de quem os expulsam vossos filhos? Por isto serão êles mesmos os vossos juizes. Se, porém, é por virtude do Espírito de Deus que expulso os demônios, então o reino de Deus chegou a vós.

"Além disto, como pode alguém invadir a casa de um homem forte e roubar-lhe os bens, sem atar primeiramente o homem para em seguida lhe saquear a casa? Quando um homem forte e bem armado guarda a sua casa, estão em segurança os bens que possui. Mas se outro mais forte do que êle o atacar e vencer, tirar-lhe-á as armas em que confiava e distribuirá os seus despojos.

"Quem não está comigo está contra mim;* e quem não recolhe comigo, desperdiça.

"Por isto, em verdade vos digo que todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, até as blasfêmias que proferirem; mas não será perdoada a blasfêmia contra o Espírito Santo.* A todo aquêle que disser uma palayra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoada; mas quem a disser contra o Espírito Santo, não alcançará que lhe seja ela perdoada nem nesta vida nem na vida futura.* Quem blasfemar contra o Espírito Santo jamais alcançará perdão, será réu de eterna culpa".*

Falou Jesus assim porque êles o diziam possuído do espírito imundo.

“Ou dizeis que a árvore é boa, e que, portanto, é bom o seu fruto; ou dizeis que a árvore é má e que o seu fruto também é mau. Porque é pelo fruto que se conhece a árvore.

“Raça de víboras!* Como podereis dizer coisas boas, se sois maus? Em verdade, a boca fala do que está repleto o coração. O homem bom tira coisas boas do bom tesouro, e o homem mau, do mau tesouro tira coisas más. Declaro-vos que no dia do Juízo os homens darão conta de toda palavra ociosa que tiverem proferido. Por vossas palavras sereis declarados justos ou por vossas palavras sereis condenados.

“Quando o espírito impuro sai de um homem,* vagueia por lugares desertos à procura de repouso. Não o achando, porém, diz: “Voltarei para minha casa, donde sai”. E chegando, encontra-a disponível, varrida e adornada. Então vai e toma consigo outros sete espíritos piores do que êle, e, entrando todos na casa, nela passam a habitar. E o último estado do homem fica sendo pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa”.

669 — *Os fariseus e os escribas.* O mesmo ódio a Jesus Cristo ligava escribas e fariseus. O que os evangelistas diziam dos primeiros, subentendiam também dos segundos, e vice-versa.

670 — *Belzebu.* Em hebraico, “Ba'al zebub”, divindade invocada contra os enxames de moscas. Como os judeus tomavam os ídolos dos pagãos por representações do demônio, consideravam a Belzebu como um dos príncipes infernais.

671 — *Quem não está comigo, está contra mim.* Em matéria de religião, não pode haver neutralidade. Quem não está com Deus, já por isto é contrário a Deus, mesmo que não se manifeste contra a religião e não procure impedir que outros a pratiquem.

672 — *Não será perdoada a blasfêmia contra o Espírito Santo.* Segundo Santo Agostinho, a blasfêmia contra o Espírito Santo, mencionada nesta passagem, é a impenitência final, ou seja, a obstinação do pecador que, descrendo da misericórdia de Deus, repele até na hora da morte a graça da conversão, sem a qual não há perdão neste mundo nem salvação no outro.

673 — *Nem nesta vida nem na vida futura.* Com o mesmo sentido lê-se na Vulgata: “Neque in hoc saeculo, neque in futuro”, nem neste século nem no século futuro. Do versículo que termina com estas palavras (S. Mateus: XII, 32), e de outra passagem do Livro II dos Macabeus (XII, 46) concluem os teólogos que há pecados que são perdoados no outro mundo. E vê-se por isto nas duas passagens um indício da existência do purgatório.

674 — *Será réu de eterna culpa.* Declarando Jesus que serão réus de eterna culpa os que blasfemarem contra o Espírito Santo, não diz que êles deixarão de ser perdoados mesmo quando verdadeiramente arrependidos; o que faz ver é que muito dificilmente chegarão ao arrependimento — com o que alcançariam o perdão da gravíssima culpa — aquêles que assim afrontam e ultrajam a Divina Misericórdia.

675 — *Raça de víboras.* Jesus dirige aos seus adversários a mesma apóstrofe com que já os havia estigmatizado João Batista. E não será demais repetir aqui algumas considerações sobre o assunto. A muitos poderá parecer excessivamente forte, no caso, a objuratória "Raça de víboras". Entretanto, locuções desta índole eram comuns na linguagem oriental e não causavam espécie, mesmo quando empregadas por pessoas de impecável ponderação e dignidade. E não há motivo para estranhar que Jesus, apesar de sua habitual mansuetude, assim apostrofasse os escribas e os fariseus, porque, como homem, era passível de todos os nossos sentimentos, sem excluir a indignação justa, e também porque os seus adversários, perversos e cavilosos, bem mereciam ser estigmatizados daquele modo.

676 — *Quando o espirito impuro sai de um homem, etc.* Aplica-se esta parábola às almas dos convertidos que não perseveraram na virtude, e, por reincidirem em graves culpas, se tornam piores do que haviam sido antes, sendo então difícil que se salvem. Em sentido particular, a parábola aplica-se ao povo judeu, que depois de um período de fervor religioso, na época dos Macabeus, acabara decaindo muitíssimo.

114 — A VERDADEIRA FELICIDADE

(S. Lucas XI, 27-28)

Quando Jesus assim falava, do meio do povo uma mulher levantou a voz e lhe disse: "Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que foste amamentado!"

E Jesus respondeu: "Antes bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus* e a põem em prática".

677 — *"Antes bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus..."* Jesus esclarece que Maria era bem-aventurada não tanto por haver recebido em seu puríssimo seio o Verbo Divino, como por ter guardado em seu coração a palavra de Deus. Assim sendo, foi Maria proclamada a mais feliz de todas as criaturas, por ter sido, entre todas, a mais fiel.

115 — O SINAL DE JONAS

(S. Mat. XII, 38-42; S. Luc. XI, 29-36)

Então lhe disseram alguns dos escribas e fariseus: "Mestre, queremos ver fazeres um milagre".*

Respondeu-lhes Jesus: "Esta geração é uma geração perversa. E' má e adúltera* e pede um prodígio. Mas não lhe será dado ver outro prodígio senão o do profeta Jonas. Porque assim como Jonas esteve três dias e três noites nas entranhas do grande peixe,* também o Filho do Homem permanecerá três dias no seio da Terra.* E assim como Jonas veio a ser um sinal para os ninivitas, também o será para esta geração o Filho do Homem.

"Os habitantes de Ninive hão de levantar-se contra esta geração no dia do Juízo e a condenarão, porque se

converteram com a pregação de Jonas — e no entanto aqui está quem é mais do que Jonas.

“No dia do Juízo, a rainha do Meio-dia* levantar-se-á contra esta geração e a condenará, porque veio dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão — e no entanto aqui está quem é mais do que Salomão.

“Ninguém acende uma lâmpada* e a põe em lugar oculto ou debaixo do alqueire. Põe-na, sim, sôbre o candelabro, para que lhe vejam a claridade todos os que entram. Os teus olhos são a luz do teu corpo.* Se os teus olhos forem simples, estará em luz todo o teu corpo. Se forem maus, tenebroso ficará todo o teu corpo. Toma, pois, cuidado para que não se transforme em trevas a luz que em ti está. Se o teu corpo fôr inteiramente luminoso, sem nenhum ponto escuro, então ficará todo resplandecente, como se uma lâmpada te iluminasse com os seus fulgores”.

678 — *Mestre, queremos ver fazeres um milagre.* Com o mesmo sentido consta na Vulgata: “Magister, volumus a te signum videre”, isto é, literalmente: Mestre, queremos ver um sinal de ti.

679 — *Geração adúltera.* Veja-se a nota 527.

680 — *Não lhe será dado ver outro prodígio senão o do profeta Jonas.* Repete Jesus aqui o que já havia declarado em circunstância análoga. Veja-se a nota 528.

681 — *Permanecerá três dias no seio da Terra.* Não três dias de vinte e quatro horas rigorosamente contadas. Jesus expirou por volta das três horas da tarde de sexta-feira santa e ressuscitou já nas primeiras horas de domingo.

682 — *Nas entranhas do grande peixe.* Na Vulgata consta “in ventre ceti”, isto é, no ventre do cetáceo. Lê-se por isto em muitas traduções “no ventre da baleia”. Ora, é sabido que êsses mamíferos só se alimentam de pequenos animais marinhos e de certas espécies de algas. Mas é evidente que Deus poderia ter feito que uma baleia tragasse o profeta Jonas, mesmo que isto não fôsse naturalmente possível. Demais, a palavra “cetáceo” vem do grego “ketos”, grande peixe do mar. Assim sendo, aquela passagem pode ser traduzida como consta nesta Sinopse, o que é corroborado pelo próprio livro de Jonas. (cap. II, vers. 1) Alguns comentadores são de opinião que o peixe do caso de Jonas deve ter sido um esqualo (“squalus carcharias”), verdadeiro monstro marinho que chega a atingir dez metros de comprimento. Além disto, há um peixe que é capaz de hospedar um homem nas entranhas por alguns dias o “Rhinodon Typicus”. Certo marinheiro inglês foi engolido por um desses monstros marinhos, que, apanhado dois dias depois, devolveu a sua presa ainda viva. E o caso não é único.

683 — *Rainha do Meio-dia.* Trata-se da rainha de Sabá, país situado ao sul da Judéia, em região que na linguagem popular era mencionada como sendo a mais longínqua da Terra. O fato a que Jesus alude vem narrado no capítulo X do III Livro dos Reis.

684 — *Ninguém acende uma lâmpada*, etc. Comparação já comentada nas notas sobre o Sermão da Montanha. Nos exemplos de Jesus e dos Apóstolos deve o mundo procurar a luz da verdade.

685 — *Os teus olhos são a luz do teu corpo*, etc. Desta comparação também se serviu Jesus no Sermão da Montanha. Aqui advertenos o Salvador contra a má fé.

116 — CENSURA AOS FARISEUS

(S. Lucas XI, 37-44)

Ainda estava Jesus falando, quando um fariseu o convidou para ir jantar com êle. Jesus foi e logo tomou lugar à mesa.* E o fariseu pôs-se a pensar consigo mesmo sobre qual teria sido o motivo por que Jesus não se havia purificado antes de comer.

Ao que o Senhor lhe disse: “Antes das refeições,* vós, fariseus, limpais a parte externa da taça e do prato. Mas o vosso interior está cheio de rapina e iniquidade. Insensatos que sois! Porventura quem fez o que está de fora, não fez também o que está por dentro? Dai, antes, esmola do que vos sobra, e tudo se tornará puro para vós.*

“Mas, ai de vós, fariseus, que pagais o dizimo da hortelã,* da arruda e de toda espécie de hortalças, e no entanto não fazeis caso da justiça e caridade de Deus! Deve-se fazer estas coisas e não omitir as outras.*

“Ai de vós, fariseus, que vos regozijais por ter os primeiros lugares nas sinagogas e por receber cumprimentos nas praças públicas. Ai de vós, porque sois como os sepulcros que não se vêem* e que sem saber os homens calcam aos pés”.

686 — *Logo tomou lugar à mesa*. Jesus omite voluntariamente a observância das abluções rituais preceituadas pelos fariseus, porque êles tinham chegado ao cúmulo de impô-las como rigoroso dever de consciência.

687 — *Ao que o Salvador lhe disse: “Antes das refeições*, etc. Penetrando os pensamentos dos fariseus, sentiu-se Jesus tomado de santa indignação ante a má vontade, a obstinada incompreensão e a acintosa arrogância daquela gente. Daí a aspereza de suas palavras. Só recursos extremos poderiam ainda salvar um ou outro dos seus adversários.

688 — *Dai esmola e tudo se tornará puro para vós*. A esmola cobre inúmeros pecados, não porque a pessoa esmolet possa pecar impunemente, mas porque Deus tem tal aprêzo a caridade, que muitas e grandes graças concede ao pecador caridoso, para a sua conversão.

689 — *Dizimo da hortelã*. O dizimo, isto é, a décima parte da colheita, era um tributo que se pagava no Templo. Só recaía sobre os produtos do campo. E os fariseus, para se vangloriarem de contribuintes exemplares, pagavam também espontaneamente o dizimo das plantas que cultivavam em suas hortas e jardins.

690 — *Deve-se fazer estas coisas e não omitir as outras.* Isto é, além de observar os preceitos da justiça e da caridade, deve-se proceder generosamente no que diz respeito a contribuições de caráter religioso.

Sois como sepulcros que não se vêem... Era vedado aos judeus passarem por cima de sepulturas, pois ficavam considerados em estado de impureza legal. Mas às vezes os túmulos eram encobertos pela vegetação rasteira, e os transeuntes se contaminavam sem dar pelo fato. Jesus, na sua comparação, quer dizer que os fariseus não pareciam pecadores como os outros homens, mas também tinham a alma cheia das impurezas morais que são os pecados.

117 — CENSURA AOS DOUTÔRES DA LEI

x(S. Luc. XI, 45-51)

Tomou então a palavra um dos doutôres da lei e disse: "Mestre, falando assim, também nos insultas a nós".

Respondeu Jesus: "Ai de vós também, doutôres da lei, porque carregais os homens de fardos que não podem suportar, quando vós mesmos nem os tocais com um dedo sequer! Ai de vós que levantais mausoléus aos profetas,* quando foram vossos pais que lhes deram a morte! Assim dais testemunho do que fizeram vossos pais e o aprovais, porque êles mataram os profetas e vós edificais os túmulos de suas vítimas. Por isto também disse a sabedoria de Dues:* "Enviarei a êles profetas e apóstolos, e a uns darão a morte, e a outros perseguirão. Não de pedir-se contas a esta geração, do sangue de todos os profetas derramado desde o princípio do mundo, a começar pelo sangue de Abel,* até o sangue de Zacarias,* morto entre o altar e o santuário. Sim, declaro-vos que de tudo isto se pedirão contas a esta geração.

"Ai de vós, doutôres da lei, que vos apoderastes da chave da ciência,* e vós mesmos não entrastes nem permitiastes a entrada aos que queriam entrar!"

Como assim lhes falasse Jesus, começaram os fariseus e doutôres da lei a lhe dirigir invectivas. E também o cumularam de perguntas, armando-lhe ciladas e procurando surpreender alguma palavra de sua bôca para poderem acusá-lo.

692 — *Ai de vós que levantais mausoléus aos profetas, etc.* Jesus não censura os seus adversários por levantarem grandes túmulos aos profetas, o que é uma ação piedosa, mas sim porque, no caso, a piedade dos escribas e fariseus apenas se limitava a obras materiais, já que empenhados em levar Jesus à morte, procediam de igual modo que seus antepassados em relação aos enviados de Deus. Levantando mausoléus às vítimas de seus pais, davam testemunho de que êstes haviam morto varões justos, dignos de grandes honrarias póstumas. No entanto, à vista das intenções homicidas que êles, escribas e fariseus, abrigavam no coração com respeito a Jesus, também se podia dizer que aquêles monumentos fúnebres tinham sido erguidos para comemorar o homicídio dos profetas, e não para honrá-los.

693 — *Disse a sabedoria de Deus.* Jesus não cita aqui a Sagrada Escritura. A predição que faz é sua mesmo. Por conseguinte, é a si próprio que designa pela expressão "sabedoria de Deus".

694 — *Desde o sangue de Abel.* Abel não foi profeta no sentido de vidente. Veja-se a este respeito a nota 401.

695 — *Até o sangue de Zacarias.* O profeta Zacarias foi morto por ordem do rei Joás, porque condenou publicamente a idolatria em que tinham caído tanto o rei como o seu povo (II Paralipômenos: XXIV, 20-22).

696 — *Ai de vós... que vos apoderastes da chave de ciência...* A ciência das Escrituras devia abrir passagem para o Evangelho. Era, pois, como que a chave do reino dos céus. Entretanto, os doutores da lei serviam-se dela precisamente para combater a pregação evangélica.

118 — GUARDAI-VOS DA HIPOCRISIA

(S. Lucas, XII, 1-3)

Entretanto, reuniu-se em torno de Jesus tão grande multidão de povo que se oprimiam uns aos outros. Disse então Jesus aos seus discípulos: "Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.* porque não há nada escondido que não se descubra,* nem coisa alguma oculta que não se venha a saber. O que dissestes nas trevas, será dito à luz do dia, e o que segredastes aos ouvidos, no interior dos aposentos, será propalado de cima dos telhados".

697 — *Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.* Já fizera Jesus esta recomendação. Mas não aludia então à hipocrisia dos seus inimigos, e sim à doutrina dos fariseus, de Herodes e dos saduceus.

698 — *Não há nada escondido que não se descubra.* Se não nesta vida, no Juízo Final.

119 — A PROVIDÊNCIA

(S. Luc. XII, 4-12)

A vós, que sois meus amigos, digo eu: "Não tendes receio dos que matam o corpo, e nada mais podem fazer. Já vos mostrarei a quem deveis temer: é àquele que, além de tirar a vida, tem o poder de precipitar no inferno. A este, sim, teme, digo-vos eu.

"Não é verdade que se vendem cinco pardais por dois asses?* No entanto, nenhum deles é esquecido por Deus. Até os cabelos de vossas cabeças estão contados. Não temais, pois. Mais valor tendes vós do que os pardais em grande número.

"Declaro-vos que todo aquêl que me reconhecer diante dos homens, também será reconhecido pelo Filho do Homem diante dos anjos de Deus. Mas aquêl que me negar

diante dos homens, negado será diante dos anjos de Deus.* Quem proferir qualquer palavra contra o Filho do Homem, será perdoado; mas não será perdoado quem blasfemar contra o Espírito Santo.

“Quando vos levarem às sinagogas e a presença dos magistrados e autoridades da Terra, não vos dêem cuidados nem o modo nem as palavras com que deveis responder, porque o Espírito Santo vos inspirará, no momento, o que precisareis dizer”.

699 — *Dois asses*. Veja-se a nota 442.

700 — *Quem me renegar diante dos homens, será por mim renegado*. Não há covardia que Jesus deteste mais do que a pusilanimidade em matéria de convicção. O homem deve ter a intrepidez de sua fé e a coragem de suas idéias.

701 — *Não será perdoado quem blasfemar contra o Espírito Santo*. Veja-se a nota 672.

120 — GUARDAI-VOS DA COBIÇA

(S. Lucas, XII, 13-34)

Pediú a Jesus alguém da multidão: “Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a nossa herança”.

Respondeu-lhe Jesus: “O’ homem! Quem me constituiu juiz para me encarregar das vossas partilhas?”

“Tende cuidado — acrescentou — e guardai-vos de toda cobiça, porque a vida do homem não depende da abundância dos bens que possui”.

E sôbre isto lhes propôs a seguinte parábola: “Um homem rico tinha um campo que produzira muito. E pensava consigo: “Não tenho onde recolher o que produziu o meu campo. Que hei de fazer?” Ocorreu-lhe então a idéia de destruir os seus celeiros e fazer outros maiores, onde reuniria o que lhe havia dado a terra, e os demais bens que possuía. Depois diria à sua alma: “Agora sim, tens muitos bens em depósito para longos anos. Descansa, pois, alma minha, come, bebe e regala-te!”*

Entretanto, disse-lhe Deus: “Insensato! Ainda esta noite perderás a vida. E então para quem será tudo o que juntaste?”

“Isto é o que sucede a quem acumula tesouros para si, e não se torna rico aos olhos de Deus”.

Disse ainda Jesus aos seus discípulos: “E’ a razão por que vos recomendo: não vos dê cuidados o que haveis de comer* para manter a vossa vida, nem o que haveis de vestir para cobrir o corpo. Vale mais a vida do que o alimento, e o corpo vale mais do que a roupa.

“Observai os corvos. Não semeiam nem ceifam, não têm despensa nem celeiro, e Deus lhes dá de comer. E muito mais valeis vós do que êles.

“E qual de vós, com todos os seus cuidados, poderá prolongar a sua vida por pouco que seja?

“Assim, pois, se não sois capazes das menores coisas, por que vos inquietais com as outras?

“Olhai como crescem os lírios. Não trabalham nem fiam. Digo-vos, no entanto, que nem Salomão, em tôda a sua magnificência, jamais se vestiu como um dêles. Ora, se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã será lançada ao fogo, quanto mais o fará a vós, homens de pouca fé.

“Não indagueis, portanto, o que haveis de comer e beber, nem vos deixeis inquietar.* Os pagãos é que se preocupam com tôdas essas coisas. Vosso Pai bem sabe que tendes necessidade delas. Procurai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, que tudo o mais vos será dado por acréscimo.

“Não temas, pequeno rebanho. Aproveu ao vosso Pai dar-vos o seu reino. Vendei o que possuíis e dai esmola.* Tratai de arranjar bôlsas que não se estragam, e um tesouro inexaurível nos céus, onde os ladrões não penetram nem os vermes o consomem. Porque onde está o vosso tesouro aí também estará o vosso coração”.

702 — *Depois diria à sua alma:... come, bebe e regala-te.* E' um homem voluptuoso o da parábola, a ponto de pensar em fazer sua alma fartar-se de manjares e bebidas. Êste é o seu ideal. A isto leva à cobiça, quando não conduz a outro extremo, que é a avareza.

703 — *Não vos dê cuidado o que haveis de comer, etc.* Veja-se o Sermão da Montanha.

704 — *Não vos deixeis inquietar.* Na Vulgata consta: “...no-lite in sublime tolli”. Diversas têm sido as interpretações dadas a esta frase. A sua tradução pode ser: não vos levanteis tão alto — significando que não devemos adiantar-nos à Divina Providência. Mas o verdadeiro sentido da recomendação de Jesus é o que se exprime pelas palavras da epígrafe.

705 — *Vendei o que possuíis e dai esmola.* Em matéria de esmola, cumpre distinguir o preceito do conselho. O primeiro constitui obrigação de ordem geral: todos devem dar esmolas, de acôrdo com os seus recursos e as necessidades do próximo. Já não assim o conselho contido nas palavras da epígrafe. Consistindo êle em despojar-se dos bens de fortuna para se consagrar ao serviço de Deus e do próximo, em estado de pobreza voluntária, é naturalmente uma fonte de graças e merecimentos inumeráveis, mas a ninguém obriga debaixo de pecado.

121 — OS SERVOS VIGILANTES

(S. Lucas XII, 35-48)

“Andai com os rins cingidos e com lâmpadas acesas* nas mãos. Fazei como os servos que esperam o seu senhor quando volta das bodas,* para lhe abrirem a porta logo que êle chegar e bater.

“Bem-aventurados os servos que, ao chegar, o Senhor encontrar vigiando! Em verdade vos digo que se há de cingir e os fará sentar à mesa, e, passando de um a outro, os servirá.* E se vier na segunda vigília ou se vier na terceira,* e os encontrar assim vigilantes, bem-aventurados serão êses servos.

“Sabei que se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, certamente havia de vigiar e não o deixaria arrombar a sua casa.

“Vós também deveis estar sempre preparados, porque quando menos esperardes virá o Filho do Homem”.*

Então perguntou Pedro: “E’ para nós que dizes essa parábola, Senhor, ou para todos?”*

Respondeu-lhe Jesus: “Quem julgas tu que seja o despenseiro fiel e prudente a quem o senhor confiou êsse encargo entre os seus familiares para que dê a cada um, em tempo oportuno, a medida de trigo que lhe está destinada?

“Bem-aventurado o servo que o senhor, quando vier, encontrar procedendo assim! Em verdade vos digo que o estabelecerá sôbre todos os bens que possui.

“Mas se, ao contrário, o servo de que falei, pensar consigo mesmo que o seu senhor não voltará tão cedo, e então se puser a maltratar os criados e as empregadas, a comer e beber e embriagar-se, virá o seu senhor num dia em que êle não o espera e em momento que êle ignora, e o separará dos seus e o fará partilhar a sorte dos infiéis.*

“Assim, pois, o servo que conhecia a vontade do seu senhor e não se preparou nem procedeu conforme a vontade dêle, será severamente castigado. Entretanto, o servo que não a conhecia,* mas também praticou atos pelos quais mereça punição, será menos castigado. Porque muito se há de exigir daquele a quem foi dado muito, e daquele a quem muito foi confiado, mais rigorosas contas serão tomadas”.

706 — *Andai com os rins cingidos e lâmpadas acesas.* Os orientais usam geralmente vestes amplas, que costumam cingir à altura dos rins para que não os estorvem no trabalho. Cingir os rins significa também mortificar a carne. A lâmpada acesa a que se refere Jesus, é a luz da fé e do bom exemplo.

707 — *Como os servos que esperam o seu senhor quando volta das bodas.* Os cristãos são os servos do Divino Espôso da Igreja, que

foi celebrar no céu as suas bodas eternas. E devemos estar prontos para recebê-lo a qualquer momento, quando vier recompensar as obras de todos nós, no fim de nossa vida ou no dia do Juízo.

708 — *Digo-vos que se há de cingir, . . . e os servirá.* Comovido ante a solicitude e devotamento dos seus servos, que, empenhados em esperá-lo com lâmpadas acesas, nem puderam preparar comida nem se alimentar, o bondoso amo ligará as vestes à cintura para se mover desembaraçadamente, fará sentar os fâmulos à mesa e éle mesmo os servirá. Trata-se de uma alusão ao banquete celestial, de que é prelúdio a comunhão eucarística.

709 — *Se vier na segunda vigília ou na terceira.* Referê-se o Salvador às quatro idades da vida, e nesta, a segunda vigília e a terceira correspondem à juventude e à meia-idade, época da existência em que o homem, pouco pensando nos perigos da morte inesperada, mais se descuida dos seus interesses eternos.

710 — *Quando menos esperardes, virá o Filho do Homem.* Na ocasião da morte de cada um de nós, que ninguém sabe quando ocorrerá, seremos julgados por Jesus Cristo. E a hora do Juízo Particular, do qual dependerá ser a nossa alma mandada para a bem-aventurança do céu, a explicação temporal no purgatório ou nos suplícios do inferno. Pensou-se em outros tempos que as recompensas e as penas impostas no Juízo Particular eram adiadas até o Juízo Final. Mas no ano de 1445, o Concílio de Florença declarou que as almas justas são imediatamente admitidas no céu e que as almas dos réprobos logo descem ao inferno.

711 — *E' para nós que dizes esta parábola ou para todos?* Pedro faz esta pergunta porque no princípio Jesus dirigira especialmente aos discípulos as suas instruções. Jesus não responde diretamente à pergunta, mas do que diz se depreende que as suas recomendações, convindo principalmente aos Apóstolos e àqueles que tiverem a missão de dirigir os outros, interessam também a todos os homens.

712 — *Separá-lo-á dos seus e o fará partilhar a sorte dos infieis.* Naquele tempo, sobretudo no Oriente, os servos colhidos em delito eram submetidos a castigos cruéis e até mortos.

713 — *O servo que não conhecia a vontade de seu senhor.* Trata-se aqui do servo que por negligência não conhecia a vontade de seu senhor. E' a ignorância culpável, que, não excusando o pecador, contudo escapa ao rigor das penas a que está sujeita a culpa cometida com pleno conhecimento de causa e propósito formal.

122 — O FOGO TRAZIDO À TERRA. SEPARAÇÃO DE ESPÍRITOS

(S. Lucas, XII, 49-53)

“Eu vim trazer o fogo à terra.* E que quero eu senão que éle se acenda? Mas ainda tenho de passar por um baptismo,* e grande é o meu anseio de que éle enfim se consuma.

“Pensais que vim trazer paz à terra? Não, digo-vos eu, vim trazer separação.* Porque de ora em diante estarão divididos cinco que se acharem numa mesma casa, três contra dois, e dois contra três. Estarão divididos o pai contra o

filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora, e a nora contra a sogra”.

714 — *Vim trazer fogo à terra.* Refere-se Jesus ao fogo divino da caridade: o fogo do amor de Deus e do próximo.

715 — *Tenho de passar por um batismo...* O batismo de sangue que seria a sua Paixão.

716 — *Vim trazer separação.* Não era isto, evidentemente, o que Jesus queria. Não fala êle aqui das suas intenções, e sim da consequência de sua vinda ao mundo. Já dissera Simeão que êle seria “alvo de contradição”.

123 — OS SINAIS DA VINDA DO MESSIAS

(S. Lucas, XII, 54-59)

Disse Jesus também às turbas: “Quando vêdes elevar-se uma nuvem do poente, logo dizeis: “Vai chover”, e assim acontece. E quando sopra o vento sul dizeis: “Vamos ter calor”, e isto ralmente sucede. Hipócritas!* Se tendes inteligência para compreender os sinais do céu e da terra, como não compreendeis o tempo presente? E por que também não discernis, por vós mesmos, o que é justo?

“Quando fôrdes com o vosso competidor à presença do magistrado,* tratai de vos acomodar com êle ainda em caminho, para não suceder que vos leve ao juiz, que o juiz vos entregue ao oficial de justiça, e êste vos ponha na prisão. Porque vos asseguro que de lá não saireis enquanto não pagardes até o último óbolo”.

717 — *Hipócritas!* Vejam-se as notas 119 e 506.

718 — *Quando fôrdes com o vosso competidor à presença do magistrado,* etc. Reproduz aqui o Salvador, com pequenas variações, uma parábola de que já se servira no Sermão da Montanha. E faz agora essa repetição, talvez porque, afora os Apóstolos, eram outros na ocasião os seus ouvintes. Ou talvez porque conviesse mesmo a repetição da parábola.

719 — *Até o último óbolo.* No texto original consta “lepton” moeda grega que corresponde à oitava parte do “asse”. Veja-se a nota 315.

124 — NECESSIDADE DA PENITÊNCIA

(S. Lucas, XIII, 1-5)

Na mesma ocasião, ali chegaram diversas pessoas e deram-lhe notícia do que se passara com certos galileus,* cujo

sangue Pilatos fizera correr com o sangue dos seus sacrificios.

E Jesus lhes disse: "Pensais que êsses galileus, por haverem sido tratados assim, tenham sido maiores pecadores do que todos os outros galileus? Eu vos digo que não. Mas se não vos converterdes, como êles vós todos perecereis.

"Também julgais que eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém aquêles dezoito homens sôbre os quais caiu a tôrre de Siloé.* Digo-vos eu que não. Mas se não vos converterdes, vós todos também perecereis".

720 — *Notícia do que se passara com certos galileus...* Provavelmente êsses galileus eram rebeldes que por ocasião de alguma festa em Jerusalém teriam tentado a sublevação do povo contra os romanos. Pilatos não exercia a sua jurisdição na Galiléia. Por isto aproveitara a presença dos rebeldes na cidade santa, não vacilando em mandá-los matar no Templo mesmo, quando êles ofereciam holocausto a Deus.

721 — *Aquêles dezoito homens sôbre os quais caiu a tôrre de Siloé.* Jesus alude aqui a um desastre, então recente, que ocorrera no bairro de Siloé, situado a sudoeste de Jerusalém. Desabara inesperadamente uma tôrre que fazia parte do sistema defensivo da cidade, e esmagara dezoito pessoas, causando-lhes morte instantânea.

125 — A FIGUEIRA ESTÉRIL

(S. Lucas, XIII, 6-9)

Propôs-lhes Jesus ainda esta parábola: "Certo homem havia plantado uma figueira na sua vinha. Tendo ido procurar frutos na figueira e não os achando, disse ao encarregado da vinha: "Há três anos que venho procurar figos nesta figueira e não os encontro. Corta-a pela raiz. Não há motivo para que ainda esteja ocupando terreno".

"Senhor — interveio o empregado — poupa-a ainda êste ano.* Vou cavar em redor dela e adubar-lhe as raízes. Talvez assim dê frutos. Se não der, então mandarás cortá-la".

722 — *Senhor, poupa-a ainda êste ano.* Com esta parábola mostra Jesus como devem proceder os sacerdotes em relação às almas que lhes são confiadas. Ensina que devem redobrar de cuidados para salvá-las e que devem solicitar dêle o que fôr necessário neste sentido.

126 — A MULHER CORCUNDA

(S. Lucas, XIII, 10-17)

Estava Jesus ensinando em dia de sábado na sinagoga, quando se lhe apresentou uma mulher possuída de um espírito que havia dezoito anos a trazia enfêrma. Andava ela tão encurvada que nem podia olhar para cima.

Logo que a viu, Jesus chamou-a para junto de si e disse-lhe: "Mulher, estás livre da tua enfermidade". Impôs-lhe as mãos, e ela imediatamente se aprumou e glorificou a Deus.

Indignando-se porque Jesus curava em sábado, o chefe da sinagoga tomou a palavra e disse ao povo: "Há seis dias em que se pode trabalhar. Vinde, pois, nestes dias para que vos curem, e não em dia de sábado".

Respondendo, porém, disse o Senhor. "Hipócritas! Qual de vós não desamarra o seu boi ou o seu jumento em dia de sábado* e não os tira do estábulo para levá-los a beber? Assim sendo, por que motivo esta filha de Abraão, que Satanás teve prêsena dezoito anos, não deveria ser libertada das suas peias em dia de sábado?"

A estas palavras envergonharam-se todos os seus inimigos. Mas o povo mostrava-se jubiloso* por vê-lo praticar tantas ações gloriosas.

723 — *Qual de vós não desamarra o seu boi ou o seu jumento em dia de sábado?...* Entre os trinta e nove grupos de ações proibidas em sábado estavam compreendidos atar ou desatar nós. Mas na prática, em se tratando dos cuidados requeridos pelos animais, os judeus não deixavam de efetuar em sábado nem uma nem outra dessas duas ações. E Jesus conclui que, em se tratando da cura de um ser humano, por mais forte razão a lei do sábado não devia ser tomada ao pé da letra, com rigorismo exagerado e descabido.

724 — *O povo mostrava-se jubiloso.* O povo continuava a se entusiasmar ante os milagres de Jesus, é claro, mas também se rejubilava por se sentir mais à vontade na atmosfera criada pela caridade do Salvador.

127 — O GRÃO DE MOSTARDA. O FERMENTO

(S. Lucas, XIII, 18-21)

Disse então Jesus: "A que é semelhante o reino de Deus? Com que o compararei? Assemelha-se a um grão de mostarda* que um homem tomou e semeou na sua horta, e que cresceu até se tornar uma grande árvore, de modo que as aves do céu descansavam nos seus ramos".

E propôs-lhes outra parábola: "Com que direi que é semelhante o reino de Deus? Assemelha-se ao fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha, até que toda a farinha ficasse levedada".

725 — *Assemelha-se a um grão de mostarda.* Tanto à repetição desta parábola como à da seguinte, é aplicável o que ficou dito na parte final da nota 255.

XVII — RECRUDESCIMENTO DE HOSTILIDADES

128 — FESTA DA DEDICAÇÃO, EM JERUSALÉM
(S. João, X, 22-39)

Celebrava-se em Jerusalém a festa da Dedicção* do Templo. Era inverno. Estava Jesus no Templo, caminhando sob o pórtico de Salomão.* Cercaram-no então os judeus e lhe disseram: “Até quando nos deixarás em dúvida? Se és o Cristo, dize-o claramente”.

Respondeu Jesus: “Eu vos falo e não credes. As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim. Mas vós não credes porque não fazeis parte do meu rebanho. As minhas ovelhas escutam a minha voz. Eu as conheço e elas me seguem, e eu lhes dou a vida eterna. Jamais se perderão elas, e da minha mão ninguém as arrebatará. Supremo é o dom que recebi de meu Pai,* e ninguém pode arrebatá-lo das suas mãos. E eu e meu Pai somos um”.*

Tornaram os judeus a pegar em pedras para lapidá-lo. E Jesus lhes disse: “Muitas obras boas tenho feito na vossa presença em nome de meu Pai. Por qual delas quereis apedrejar-me?”

Responderam eles: “Não é por boa obra nenhuma que queremos apedrejar-te, mas por causa da tua blasfêmia, pois, sendo homem, te inculcas como Deus”.

Volveu-lhes Jesus: “Não está escrito na vossa Lei: “Disse eu: “Vós sois deuses?” Ora, se a Escritura chama deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus* — e a Escritura não pode falhar* — como dizeis a mim, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo: “Tu blasfemas!”, por ter eu declarado que sou o Filho de Deus?”

“Se não faço as obras de meu Pai, não me deis crédito. Mas se as faço e não quereis crer-me, crêde nas minhas obras, para que conheçais e acrediteis que está em mim o Pai e que nele estou eu.

Então os judeus procuraram prendê-lo, mas Jesus subtraiu-se de suas mãos.*

726 — *Festa da Dedicção.* Fôra esta festa intuída por Judas Macabeu para comemorar a purificação do Templo três anos depois de ter êle sido profanado por Antioco Epifânio, rei da Síria, conforme está

narrado no I Livro dos Macabeus: I, 21-24. A fim de aproveitar o ensejo da festa, interrompeu Jesus por alguns dias as suas peregrinações e subiu à cidade santa para continuar ali a missão evangelizadora que levava a efeito. Veja-se a nota 734.

727 — *Pórtico de Salomão*. Este pórtico, que pròpriamente em uma galeria, fôra construído pelo rei Salomão, provindo daí o seu nome. Poupara-o Nabucodonosor quando destruiu o primeiro templo de Jerusalém.

728 — *Supremo é o dom que recebi de meu Pai*. Na opinião da maioria dos intérpretes, referem-se estas palavras à natureza divina. Na geração "ab aeterno" do Filho, deu-lhe o Pai a sua divindade substancial sem contudo privar-se dêsse atributo supremo, "que ninguém lhe pode arrebatár".

729 — *Eu e meu Pai somos um*. Com estas palavras mostra Jesus que serem as ovelhas guardadas e defendidas por êle, é o mesmo que serem guardadas e defendidas por seu Pai, que o fêz essencialmente participante da natureza divina. E não poderia ser mais categórica a sua afirmação de divindade. Tanto assim que Santo Atanásio opôs êste texto aos hereges arianos, que não admitiam a divindade de Jesus.

730 — *Não está escrito na vossa Lei: "Disse eu: Vós sois deuses?"* Refere-se Jesus ao Salmo LXXXI (versículo 6) onde se vê êste título atribuído aos juizes de Israel, como já o havia dado Deus a Moisés (Exodo: VII, 1), porque os juizes eram os representantes officiais de Deus junto ao povo. E o Salvador dá aquelas palavras como contidas "na Lei" por ser assim que os judeus aludiam freqüentemente aos textos que hoje constituem o Antigo Testamento.

731 — *Aqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus*. Isto é, designando-os para distribuir justiça e governar a Israel.

732 — *E a Escritura não pode falhar*. Na bôca de Jesus têm estas palavras extraordinário valor como testemunho de que a Sagrada Escritura foi realmente inspirada por Deus, conforme sempre sustentou a Igreja.

733 — *Subtraiu-se de suas mãos*. Livrou-se Jesus dos seus inimigos por efeito de um prodígio, como já o fizera em outra ocasião, na cidade de Nazaré.

129 — A PORTA FECHADA

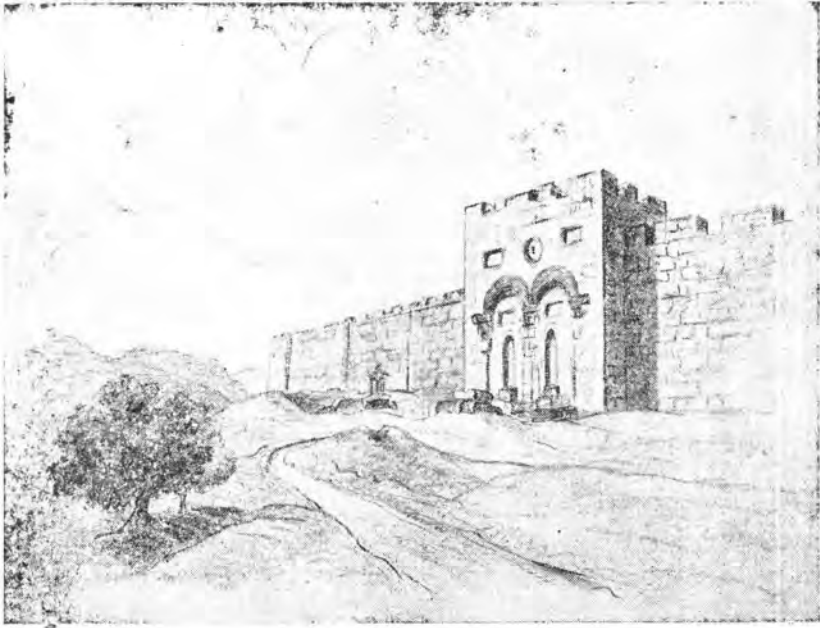
(S. Lucas, XIII, 22-30)

E Jesus passava pelas cidades e aldeias, ensinando enquanto se dirigia para Jerusalém.*

Perguntou-lhe então alguém: "Senhor, são poucos os que se salvam?"

Respondeu êle: "Empenhai-vos em entrar pela porta estreita.* Digo-vos que muitos procurarão entrar e não conseguirão.

"Quando entrar o pai de família e fechar a porta,* ficareis do lado de fora, e, batendo à porta, direis: "Abre-nos, Senhor". E êle vos responderá: "Não sei donde sois". Direis então: "Mas nós comemos e bebemos em tua presença, e tu estiveste ensinando nas nossas ruas". "Não sei donde



PORTA DOURADA, NA MURALHA EXTERIOR DO TEMPLO DE
JERUSALÉM

sois — tornará êle a responder — afastai-vos de mim, vós todos que praticais iniquidades”.

“Então haverá choro e ranger de dentes, quando virdes a Abraão, Isaac e Jacó e todos os profetas no reino de Deus, ao passo que vós mesmos sereis lançados fora. E muitos virão do Oriente e do Ocidente,* de Setentrão e do Meiodia, e tomarão lugar à mesa no reino de Deus. E os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos”.

734 — *Jesus passava pelas cidades e aldeias, ensinando enquanto se dirigia para Jerusalém.* A atividade de Jesus nesse período de sua vida é relatada por S. Lucas. Deve-se, porém, notar, que o evangelista não pretendeu escrever uma narração minuciosa e cronológica dos fatos, mas apenas procurou apresentá-los de maneira a poderem figurar como conclusão apropriada da presente atividade do Salvador, que serenamente vai ao encontro da morte em Jerusalém, para a redenção do gênero humano. Entrementes — narra-o S. João (X, 22-39) — subiu à cidade santa para pregar durante a festa da Dedicção, como ficou esclarecido em outra nota. Atacado então pelos seus inimigos, libertou-se por um prodígio e voltou às suas peregrinações porque ainda não era chegada a hora de se entregar para morrer na cruz. Nesse tempo andou Jesus pela Peréia, na Transjordânia, não se sabendo, entretanto, até onde avançou. Dali partiu em diversas excursões pelas regiões setentrionais da Judéia, entrando também na Galiléia e na Samaria.

735 — *Empenhai-vos em entrar pelo porta estreita, etc.* Jesus não responde diretamente à ociosa pergunta que lhe foi dirigida; mas, servindo-se de idéia já apresentada no Sermão da Montanha, faz ver que muitos, embora desejem a salvação, não chegarão a alcançá-la, seja por causa de culposa cegueira espiritual, seja por fraqueza no empregar os meios necessários.

736 — *Quando entrar o pai de família e fechar a porta, etc.* Para se fazer compreender melhor, emprega Jesus uma comparação. E' o senhor que todo o dia estêve à espera que chegassem os amigos convidados à sua casa acolhedora, e que à noite, descontente com tanta demora voluntária e culpada, fecha a porta para que não entre ninguém. E a fim de desenganar os retardatários que o importunam com insistências inúteis, tratá-los-á como estranhos, (“Não sei donde sois”) pois na realidade não os reconhecerá como amigo seus. O pecador tem a vida inteira para se valer da misericórdia de Deus. Com a morte, perde definitivamente tôdas as oportunidades de perdão.

737 — *Muitos virão do Oriente e do Ocidente...* E' o universalismo da religião cristã, que não encontrou compreensão entre os judeus, porque êstes, em sua má vontade contra os gentios, até os consideravam indignos de salvação.

738 — *Os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos.* Opinam comentadores de mérito que o texto evangélico se refere aos que julgados menos virtuosos neste mundo, todavia se apresentam com maior merecimento aos olhos de Deus; e ainda àqueles que, por se converterem na hora da morte, alcançam a salvação eterna mais cedo do que outros que são detidos por mais tempo na vida terrestre.

130 — PERSEGUIÇÃO DE HERODES

(S. Lucas, XIII, 31-33)

No mesmo dia, chegaram-se a Jesus alguns fariseus e disseram-lhe: "Sai e retira-te daqui porque Herodes pretende matar-te".*

Respondeu-lhes Jesus: "Ide dizer a essa raposa* que tenho de expulsar demônios e restituir a saúde aos enfermos ainda hoje e amanhã, e que só chegarei ao fim no terceiro dia.* Entretanto, é necessário que eu continue a caminhar hoje, amanhã e depois de amanhã, porque não convém que um profeta morra fora de Jerusalém".

739 — *Retira-te daqui porque Herodes pretende matar-te.* Jesus achava-se na região governada por Herodes Antipas, o tetrarca que mandara degolar a João Batista. A mencionada região compreendia a Galiléia e a Poréia. — Aos fariseus que sugeriram se retirasse Jesus daquelas terras, pouco inportava a vida de Jesus. Tudo indica que eram emissários disfarçados do adúltero tetrarca, o qual não ousava prendê-lo e pretendia fazê-lo refugiar-se na Judéia, onde certamente acabariam por mandar matá-lo.

740 — *Ide dizer a essa raposa...* Nesta resposta transparece claramente o desdém que Jesus sentia pelo vão poder do pequeno tirano. Ao que parece, a palavra "raposa" designava no Oriente o chacal, que pertence à raça canina, e é voraz e indolente, dois atributos pelos quais primava Herodes Antipas.

741 — *Ainda hoje e amanhã, e no terceiro dia...* Expressões então usadas para indicar certo prazo mais ou menos próximo. Significam que Jesus ainda continuaria a sua missão por algum tempo, e só depois permitiria que os seus inimigos lhe dessem a morte.

131 — CENSURAS A JERUSALÉM

(S. Lucas, XIII, 34-35)

"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vêzes quis eu reunir os teus filhos como uma ave recolhe a sua ninhada debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que as vossas casas ficarão desertas. Em verdade vos declaro que não tornareis a ver-me* até chegar o dia em que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!"

742 — *Não tornareis a ver-me, etc.* Nesta profecia refere-se Jesus às aclamações com que será recebido em Jerusalém poucos dias depois. Repetirá mais tarde o Salvador as palavras da epígrafe, dando-lhes, porém, outro sentido profético.

132 — CURA DE UM HIDRÓPICO EM SÁBADO

(S. Lucas, XIV, 1-6)

Em certo dia de sábado, Jesus foi comer na casa de um dos principais fariseus,* e éstos o observavam.

Nisto apresentou-se a êle um homem hidrópico.

Dirigindo-se aos doutôres da lei e aos fariseus, perguntou Jesus: "E' permitido curar em dia de sábado?" Êles, porém, picaram calados. Então Jesus tomou o homem pela mão, curou-o e mandou-o embora.

Em seguida, dirigiu-se outra vez aos fariseus e doutôres da lei: "Quem de vós, vendo o seu jumento ou o seu boi caído num poço, não o tirará imediatamente, mesmo em dia de sábado?" E êles não souberam o que responder a isto.

743 — *Jesus foi comer na casa de um dos principais fariseus.* Os fariseus convidavam a Jesus, não por amizade, é claro, mas para mostrar ao povo que não temiam o Mestre, e também para estudá-lo de perto, obrigá-lo a falar e observar as suas atitudes e palavras. E Jesus não recusava êsses convites porque na sua imensa bondade queria proporcionar até aos seus maiores inimigos ocasião de o conhecer melhor, a fim de lhes converter o coração endurecido.

133 — ESCOLHA DE LUGAR À MESA

(S. Lucas XIV, 7-11)

Ao observar que os convidados escolhiam os primeiros lugares à mesa, propôs-lhes Jesus a seguinte parábola:

"Quando fores convidado para bodas, não ocupes o primeiro lugar, porque pode acontecer que outra pessoa a quem se deva maior consideração tenha sido convidada pelo dono da casa, e, vindo êste, que te convidou a ti e à outra pessoa, te diga que cedas o teu lugar a ela, e tu, cheio de confusão, tenhas de ir para o último lugar. Ao contrário, quando fores convidado, vai e toma o último lugar.* Então poderá vir o que te convidou e te dizer: "Amigo, passa mais para cima", e assim serás honrado na presença dos que estiverem à mesa contigo. Porque todo aquêle que se enaltece será humilhado e todo aquêle que se humilha será enaltecido".

744 — *Toma o último lugar.* Com sincera modéstia, e não por modéstia afetada. E' claro que não ficaria bem sentar-se no último lugar um convidado de honra. Jesus refere-se apenas aos convidados comuns. Naquele tempo não se sabia o que era a humildade, que no entanto constitui a base das virtudes cristãs.

134 — CONVIDAI OS POBRES

(S. Luc. XIV, 12-14)

Dirigindo-se ao fariseu que o tinha convidado, disse também Jesus: "Quando deres algum jantar ou alguma ceia, não convides os teus amigos nem teus parentes nem os teus vizinhos ricos,* e assim não acontecerá que, convidando-te eles por seu turno, venham a pagar o que de ti receberam. Não. Quando deres banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos, e serás feliz, porque estes não têm com que te retribuir, e receberás a tua recompensa na ressurreição dos Justos".

745 — *Não convides os teus amigos nem teus parentes nem os teus vizinhos ricos.* E' evidente que Jesus não desaprovava os costumes que contribuem para manter a união das famílias e tornam mais cordiais as relações entre os homens. O que êle condenava era que se convidassem os ricos por serem ricos, e que se deixasse de convidar os pobres por serem pobres. Cumpre, porém, notar que Jesus não estabeleceu aqui um preceito, de convidarmos os indigentes à nossa mesa. Muitos santos os têm convidado, é certo. Mas não se trata de uma obrigação. O essencial é que não falte aos pobres o nosso amparo.

135 — OS CONVIDADOS QUE SE ESCUSAM

(S. Lucas XIV, 15-24)

Ao ouvir essas palavras de Jesus, falou-lhe um dos convivas: "Feliz de quem comer o pão no reino de Deus!"

Tornou-lhe Jesus: "Um homem deu um banquete, para o qual convidou muitas pessoas.* Chegada a hora do banquete, mandou um servo dizer aos convidados que comparecessem, porque já estava tudo preparado. Mas todos foram unânimes em se escusar. Disse o primeiro: "Comprei uma quinta e preciso ir vê-la. Peço desculpas por não poder comparecer". Disse outro: "Comprei cinco juntas de bois e vou experimentar os animais. Peço encarecidamente que seja desculpado". Disse ainda o outro: "Casei há pouco, e por isto não posso ir".

Voltou o servo e transmitiu os recados ao seu senhor. Indignou-se o dono da casa e disse ao servo: "Vai às praças e às ruas da cidade e traze-me aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos".

"Senhor — disse-lhe depois o servo — foi feito o que ordenaste, mas ainda há lugar".

Tornou o senhor ao servo: "Sai pelas estradas e pelos atalhos, e obriga a vir quem encontrares,* para que se encha a minha casa. Porque eu declaro que não tomará parte no meu banquete nenhum dos que foram convidados".*

746 — *Um homem deu um banquete para o qual convidou muitas pessoas.* A parábola que começa com estas palavras, alude manifestamente ao reino dos céus, para o qual Jesus veio convidar os homens, e que as Escrituras comparam muitas vezes a um banquete. Grande número dos convidados se recusam ao convite do Salvador por simples razões de interesse e cuidados temporais, ou mesmo por motivos frívolos. Rejeitam a graça divina e por isto são excluídos do reino de Deus.

747 — *Obriga a vir quem encontrares.* Deus não chega ao extremo de nos conduzir ao bom caminho mesmo contra a nossa vontade. As palavras da epígrafe, no seu sentido espiritual, devem ser tomadas como simples hipóbole destinada a mostrar o paternal empenho de Deus em nos salvar. Deu-nos o Criador a prerrogativa do livre arbítrio, e sempre deixa a nós mesmos a decisão definitiva do nosso procedimento, sem o que não nos poderia imputar responsabilidades nem atribuir merecimentos.

748 — *Não tomará parte no meu banquete nenhum dos que foram convidados.* Estas palavras encerram a reprovação definitiva em que incorreram os judeus, deixando por isto de ser o povo eleito. Note-se, entretanto, que as expressões "nenhum dos que foram convidados" aludem aos convidados da parábola, que todos se escusaram. Não há de ser poucos os judeus que se têm convertido. E para estes abriu-se novamente o reino do céu.

136 — O VERDADEIRO DISCÍPULO

(S. Lucas, XIV, 25-35)

Ía Jesus em caminho acompanhado pelo povo em grande aglomeração. Voltou-se então e falou-lhes: "Se alguém vier a mim, tendo, porém, mais amor a seu pai e a sua mãe,* à mulher e aos filhos, aos irmãos e às irmãs, e até à sua própria vida, não poderá ser discípulo meu. Quem vem seguir-me sem tomar a sua cruz, não poderá ser meu discípulo.

"Qual de vós, querendo construir uma torre,* não faz primeiro os seus cálculos, com todo o vagar, a fim de verificar se dispõe dos meios necessários para a obra? E assim procede para evitar que, tendo assentado os alicerces, não possa concluir a torre, e então todos os que a virem se ponham a zombar dele, dizendo: "Esse homem começou a edificar e não pôde concluir.

"E qual é o rei que, estando por empreender uma guerra contra outro, não se senta primeiro a refletir se com dez mil homens poderá ir ao encontro do que vem enfrentá-lo com vinte mil? E se vê que não pode? Então envia ao outro, quando êle ainda está longe, uma embaixada para lhe fazer propostas de paz.

"Assim, pois, qualquer de vós que não renunciar a tudo o que possui,* não pode ser meu discípulo.

"Bom é o sal.* mas se o sal perder a sua força, com que se poderá temperar? Já não servirá nem para a terra nem para estrume, e por isto será jogado fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!"

749 — *Tendo mais amor a seu pai e a sua mãe...* Consta na Vulgata: "et non odit patrem suum, et matrem..." isto é, e não odeia seu pai e sua mãe. O verbo "odiar" é aqui um hebraísmo que significa "ter em menos estima". Por conseguinte, o sentido real do versículo é que devemos sacrificar até o nosso amor à família, se ela se tornar um obstáculo à nossa salvação.

750 — *Qual de vós, querendo construir uma torre,* etc. Os judeus costumavam levantar torres nos seus campos, das quais se utilizavam principalmente como celeiros. A isto alude Jesus. — Aquêles que por leviandade de decisão ao abraçar a religião de Cristo, depois deixam de seguir o Evangelho, tornam-se objeto de irrisão e desprezo. E' pior a sua condição de apóstatas, do que a dos infiéis cuja inteligência não recebeu a luz da revelação.

751 — *Quem não renunciar a tudo o que possui.* Isto é, quem não se desapegar de suas riquezas, de suas relações e de sua vida, preferindo-as por isto ao amor de Deus.

752 — *Bom é o sal.* Veja-se a nota 306.

137 — A OVELHA DESGARRADA. A DRACMA PERDIDA

(S. Lucas, XV, 1-10)

Ora, os publicanos e os pecadores chegavam-se a Jesus para ouvi-lo. Mas os escribas e os fariseus murmuravam, dizendo: "Esse homem recebe os pecadores e come com eles".

Então lhes propôs Jesus a seguinte parábola:

"Qual de vós, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa no deserto as outras* noventa e nove, e não vai procurar a que se perdeu, até que a encontre? E que faz quando a encontra? Alegrementemente a põe sobre os ombros, e, de volta à sua casa, reúne os amigos e os vizinhos, e diz:

"Regozijai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se perdera.

"Digo-vos que, da mesma forma, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se converte, do que por noventa e nove justos,* que não necessitam de conversão.

"Ou qual é a mulher que, possuindo dez dracmas* e tendo perdido uma delas, não acende a sua lâmpada e não varre a casa e procura com empenho, até achá-la? E que faz quando a encontra? Chama as suas amigas e vizinhas e lhes diz: "Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que tinha perdido".

“Digo-vos que, do mesmo modo, haverá grande alegria entre os anjos do Céu* por um só pecador que se converte”.

753 — *Não deixa no deserto as outras.* Os judeus chamavam de deserto os campos situados longe das povoações.

754 — *Haverá maior júbilo no céu por um pecador que se converte do que por noventa e nove justos...* Não quer isto dizer que Deus tenha menos amor pelos justos do que por um pecador que se converte. Limita-se o versículo a nos dar uma indicação para avaliarmos o júbilo que provoca no céu a conversão de um pecador. Semelhante é o caso do pai extremoso que tem um filho enfermo. Concentram-se neste filho todos os seus pensamentos e cuidados. E o restabelecimento do doente lhe causa maior alegria do que a saúde dos outros filhos, a quem, no entanto, não dedica menos amor e apreço.

755 — *Dez dracmas.* A dracma, moeda de prata, unidade monetária entre os antigos gregos, ainda hoje é dinheiro corrente na Grécia. Também era moeda judia, com o valor de meio siclo, mais ou menos vinte cruzeiros em nossos dias (1957). — No caso da mulher de que trata a parábola, as dez dracmas deviam pertencer ao seu pecúlio de esposais, única fortuna que podia possuir como coisa realmente sua.

756 — *Haverá grande alegria entre os anjos do Céu.* Ressaltam nesta fórmula final no remate da parábola, como nota Buzy, as precauções usuais da Teologia judaica. O respeito que os judeus tributavam ao santo nome de Deus, levava-os a não o proferirem diretamente. Recorriam por isto a expressões indiretas como “o Céu”, “as Potências do Céu”, “os Anjos”, às quais emprestavam o significado de “Deus”. Assim, quando diziam que os anjos se rejubilavam, davam a entender que se alegrava o próprio Criador. E também, é claro, que os anjos se alegravam com Deus. — Adotou Jesus, no caso, essa escrupulosa maneira de falar, possivelmente em consideração a alguns ouvintes mais rigoristas, para não lhes causar espécie.

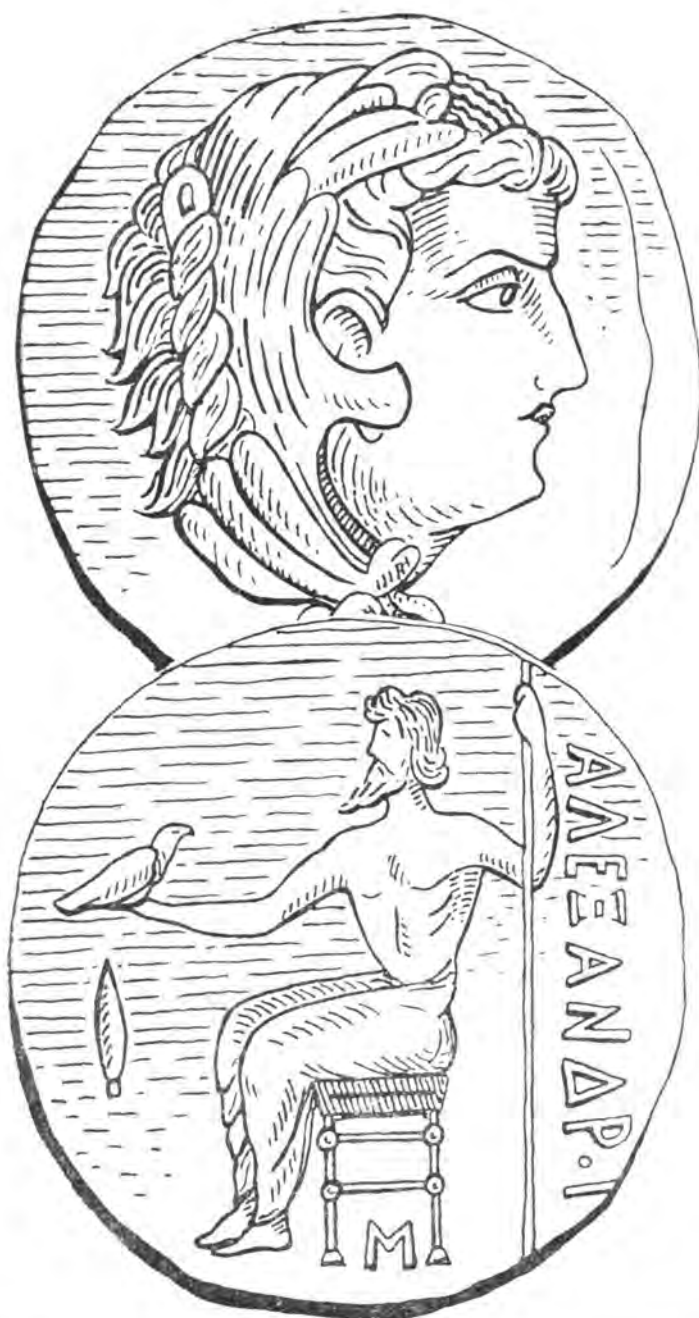
138 — O FILHO PRÓDIGO

(S. Lucas, XV, 11-32)

Proseguiu Jesus: “Um homem tinha dois filhos.* E disse o mais mōço ao pai: “Dá-me o quinhão de herança que me pertence”. E o pai repartiu os seus bens entre os dois filhos.

“Poucos dias depois, o filho mais nôvo juntou tudo o que possuía e partiu para uma terra estranha e distante. Passando a levar vida dissoluta, ali esbanjou a sua fortuna.

“Depois de terem sido dissipados todos os seus bens, sobreveio grande fome naquela região. Começando êle mesmo a sofrer privações, foi e pôs-se a serviço de um dos moradores daquelas terras, que o mandou guardar porcos nos seus campos. E ali ansiava êle por matar a fome com as vagens* que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava.



Dracma. No reverso da moeda o nome de Alexandre em grego. A letra "M" isolada, significa "mil". V. nota 1240.

"Então caiu em si e disse: "Em casa de meu pai há tantos trabalhadores que têm pão em abundância, e eu aqui morro de fome. O que vou fazer é levantar-me para ir a meu pai, e lhe direi: "Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho. Peço-te apenas que me trates como a um dos teus empregados".

"E levantando-se, voltou para seu pai.

"Estava êle ainda longe, quando seu pai o avistou, e, tocado de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o.

"Disse-lhe o filho: "Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho".

"Mas o pai ordenou aos seus servos: "Tragam depressa as melhores roupas para vesti-lo. Ponham-lhe um anel no dedo e calcem-lhe os pés. Tragam também um novilho gordo e abatam-no. Comamos e regozijemo-nos, porque êste meu filho estava morto e ressuscitou; andava perdido e foi encontrado".

"E começaram a banquetear-se.

"Entretanto, voltou o filho mais velho que estava no campo, e aproximou-se da casa. Ouvindo música e ruído de danças, chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo.

Respondeu o servo: "Teu irmão voltou são e salvo, e teu pai, por isto, mandou matar um novilho gordo".

"Indignou-se o filho mais velho e não quis entrar em casa. Saiu então o pai e insistiu para que entrasse.

"Êle, porém, respondeu: "Há tantos anos que te sirvo sem desobedecer às tuas ordens, e tu nunca me deste um cabrito para que me banqueteasse com os meus amigos. Mas volta êsse teu filho,* que devorou tôda a fortuna com mulheres de má vida, e logo mandaste matar para êle um novilho gordo".

"Meu filho — ponderou-lhe então o pai — tu tens estado sempre comigo, e tudo o que é meu também te pertence. Mas não podíamos deixar de dar êste banquete e alegrar-nos, pois teu irmão estava morto e ressuscitou, tinha-se perdido e foi encontrado".

757 — *Um homem tinha dois filhos, etc.* A parábola do filho pródigo mostra-nos, figuradamente, os desvios do pecador, sua conversão e a misericórdia de Deus. Certos pormenores invulgares parecem ter sido calculados justamente para nos fazer compreender que se trata de um drama de ordem espiritual, e que aquilo que poderia ser estranhável numa história do mundo, é rigorosamente exato quando se trata da alma. Assim, por exemplo, o leviano môço da parábola reclama uma antecipação de herança, e fá-lo para "ir gozar a vida", como se diz em linguagem cínica dos nossos dias. Dificilmente concordará um pai com isto. Deus, porém, deixa ao homem irrestrita liberdade.

Mas é precisamente esta liberdade que torna o homem inteiramente responsável pelos seus atos.

758 — *Vagens.* Jesus alude provavelmente aos frutos da alfarrobeira, de que muito gosta o gado.

759 — *Esse teu filho...* Revela este modo de falar não só a indignação do irmão mais velho, senão também o seu profundo desprezo pelo filho pródigo. Mas recebe ele uma lição de edificante caridade. Deus não quer a morte do pecador, mas sim que se converta e viva. E quer, ainda, que o homem, em vista do perdão divino, também se mostre misericordioso para com o pecador arrependido, que é seu irmão.

139 — O FEITOR INFIEL, MAS ESPERTO

(S. Luc. XVI, 1-18)

Falando aos seus discípulos, disse também Jesus: "Havia um homem rico que tinha um feitor.* Como o feitor lhe fôsse denunciado por malbaratar os bens que administrava, chamou-o o proprietário e falou-lhe: "Que é isso que ouço dizer de ti? Presta contas da tua administração, porque não poderás continuar como meu feitor".

"Então pensou o feitor consigo: "Que farei, já que o meu patrão me priva da administração dos seus bens? Cavar a terra não posso; de mendigar tenho vergonha. Mas já sei o que farei para que depois de ser afastado da administração encontre quem me receba em sua casa".

"Mandou chamar, um após outro, os devedores do seu patrão, e perguntou ao primeiro: "Quanto deves ao meu amo?"

"Cem cados* de azeite", respondeu êle.

"Tornou-lhe o feitor: "Toma de volta as tuas letras. Senta-te aí depressa e escreve-me uma de cinquenta".

"Depois perguntou ao segundo: "E tu, quanto deves?"

"Cem medidas,* de trigo", respondeu êle.

"Toma aí as tuas letras, e escreve-me uma de oitenta".

"E o patrão reconheceu que o feitor infiel procedera atiladamente.* E' que os filhos deste mundo são mais hábeis nos seus negócios do que os filhos da luz.

"Por isto digo-vos eu: granjeai amigos com as riquezas da iniquidade* para que na hora da necessidade êles vos recebam nos tabernáculos eternos.

"Quem é fiel nas pequenas coisas, também é fiel nas grandes; e aquêle que em pouco é injusto, também é injusto em muito. Assim sendo, se não administrardes fielmente as riquezas iníquas, quem vos confiará as verdadeiras? E se não administrardes fielmente os bens alheios, quem vos dará o que é vosso?

"Servo nenhum pode servir a dois senhores,* porque ou virá a detestar um e amar o outro, ou há de dedicar-se ao primeiro e desprezar o segundo. Não podeis servir a Deus e às riquezas".

Ora, os fariseus, que eram muito apegados ao dinheiro, ouviam tudo isso que dizia Jesus, e dêle escarneciam.

E Jesus lhes disse: "Por justos vos inculcais aos olhos dos homens. Mas Deus conhece os vossos corações, e muitas vêzes o que aos homens parece excelente, perante Deus é abominação.

"A Lei e os Profetas* duraram até a vinda de João. Desde então o reino de Deus vem sendo anunciado, e por causa dêle lutam todos porfiadamente. Mas é mais fácil passarem o céu e a terra do que abolir-se um ápice* da Lei. Tanto assim que aquêle que repudia sua mulher e casa com outra, comete adultério,* e também comete adultério quem casa com mulher repudiada por seu marido".

760 — *Havia um homem rico que tinha um feitor, etc.* Com esta parábola faz-nos ver Jesus o cuidado que devemos ter em nos assegurar uma boa morte.

761 — *Cados.* Tradução de um termo hebraico ("bat") que designava a unidade de medida para os líquidos, e que, segundo se supõe, equivalia a pouco mais de 38 litros. Cados também chamavam os romanos grandes vasos de barro em que guardavam o vinho.

762 — *Cem medidas.* Na Vulgata está "coros", adaptação de palavra hebraica que designava uma medida equivalente a dez cados.

763 — *E o patrão reconheceu que o feitor infiel procedera atiladamente.* Que o feitor procedeu desonestamente e que tão desonestos como êle foram os que anuíram às suas propostas, em rigor nem seria necessário dizer. Mas o Evangelho refere que o patrão louvou o feitor infiel. Convém notar que não foi Jesus que louvou o feitor desonesto pela sua fraude, mas sim o patrão. Contudo, reduzamos ao seu verdadeiro sentido e proporção êsse louvor, que não poucos hão de ter imaginado extenso e cordial. Possuidor de grande fortuna, no acervo da qual nem se notaria a diminuição atribuível à fraude já mencionada, o patrão certamente não deu maior importância ao caso, e terá proferido um comentário como o que se segue: "Precavido o meu feitor foi; isto não há negar". Assim sendo, e como não podia deixar de ser, o que êle louvou foi tão sômente a previdência do empregado. — Em seguida explica Jesus: "...porque os filhos do século são mais prudentes nos seus negócios do que os filhos da luz", explicação que vem confirmar o que acima ficou dito. — Os filhos do século são os mundanos, apegados às coisas materiais e que se guiam pelas máximas do mundo. Os filhos da luz são as pessoas esclarecidas pela fé. Os primeiros não poupam esforços na defesa dos seus interesses materiais. Neste particular, são ativos e prudentes. Os outros, os filhos da luz, são imprudentes e inertes no tocante aos seus interesses eternos. Muitas vêzes incorrem em faltas graves que lhes tiram o direito à eterna bem-aventurança, e retardam por semanas, senão por meses e anos, a indispensável e urgente reconciliação com Deus pela Penitência. Facilitam incrivelmente com a possibilidade de morrerem de um momento para outro.

764 — *Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade.* Recomenda Jesus que granjeemos amigos no céu com os bens deste mundo. Chama êle de "riquezas da iniquidade" aos bens materiais, porque, embora dons de Deus, freqüentemente são mal adquiridos e mais freqüentemente ainda são mal aproveitados, causando por isto a ruína dos homens em tôda espécie de desregramentos. Enfim, porque, em regra, dada a desonestidade do homem, servem mais ao vicio do que à virtude. Com essas mesmas riquezas, mas licitamente adquiridas — sobretudo por meio do trabalho honesto — devem os filhos da luz granjear amigos no céu, empregando generosamente uma parte dos seus haveres em obras de caridade. Constituem estas um grande meio de salvação, sem todavia nos dispensarem da oração e da penitência, é claro. — Transportada a um plano superior, a parábola revela-se claramente em tôda a importância do seu sentido principal.

765 — *Servo nenhum pode servir a dois senhores,* etc. Veja-se a nota 339.

766 — *A Lei e os Profetas.* Por esta expressão entendia-se então tôda a Biblia. Jesus não viera abolir a lei de Moisés, como declarou de público. Viera apenas aperfeiçoá-la.

767 — *Um ápice.* Os ápices são pontos ou pequenos traços sobrepostos a letras hebraicas, que indicam a sua pronúncia, como o trema, em português. De resto, os dois pontos do trema são também chamados ápices.

768 — *Tanto assim que uquêlê que repudia sua mulher e casa com outra, comete adultério.* Jesus dá aqui um exemplo do rigor com que será exigido o cumprimento da Lei. O divórcio permitido por Moisés (V. nota 317) constituía derrogação de um dos preceitos da lei primitiva. E esta derrogação foi anulada por Jesus.

140 — LÁZARO E O MAU RICO (S. Lucas, XVI, 19-31)

"Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho finíssimo,* e todos os dias se regalava com lautas refeições. À sua porta achava-se recostado um mendigo coberto de chagas, que se chamava Lázaro. Muito desejava êle saciar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ninguém lhas dava. E vinham os cães e lambiam-lhe as feridas.*

"Aconteceu, porém, que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão.*

"E morreu também o rico e foi sepultado. Achando-se no inferno, todo em tormentos, levantou os olhos e viu a Abraão de longe,* e Lázaro no seio de Abraão. Então gritando, suplicou: "Pai Abraão, tem compaixão de mim e manda que Lázaro molhe nágua a ponta do dedo e venha refrescar a minha língua, porque sofro muito nestas chamas".

"Filho — respondeu Abraão — lembra-te que recebeste os teus bens durante a vida e que a Lázaro só tocaram males. Por isto é êle agora consolado e tu sofres êsses tormentos. Demais, entre nós e vós há um grande abismo.

Ninguém que o queira, poderá passar daqui para onde estais, nem daí para cá”.

“Tornou o rico: “Então eu te suplico, pai, que faças Lázaro ir à minha casa paterna, onde tenho cinco irmãos, para que êle lhes conte isto, e assim não aconteça que venham parar também neste lugar de tormentos”.

“Mas Abraão respondeu: “Êles têm Moisés e os profetas. Que os ouçam”.

“Insistiu o rico: “Não basta isso, pai Abraão. Mas se um morto fôr ter com êles, hão de converter-se”.

“E Abraão replicou: “Se não dão ouvidos a Moisés e aos profetas, nem num morto que ressuscite acreditarão”.*

769 — *Linho finíssimo.* A Vulgata diz “byssos”. Este tecido era muito conhecido no Oriente. Segundo Plínio, vendia-se a pêso de ouro o “linum byssinum” trabalhado na cidade grega de Patras.

770 — *Vinham os cães e lambiam-lhe as feridas.* O cão era, para os judeus, um animal impuro, isto é, transmissor de impurezas legais. Tão grande era a fraqueza de Lázaro, que não podia impedir que os cães lhe lambessem as chagas, o que naturalmente muito o afligia.

771 — *Seio de Abraão.* Tendo sido Abraão o pai da nação judaica, chamavam “seio de Abraão” o limbo (V. nota 26).

772 — *Viu a Abraão de longe,* etc. Como faz notar o Pe. Lagrange: “Jesus não pretende descrever a situação dos mortos como ela é na realidade”. Apenas apresenta aos seus ouvintes um quadro tão vivo quanto possível do caso. Mas nesse quadro está também o essencial das verdades de além-túmulo: o julgamento de Deus, o caráter irrevogável de suas sentenças, a recompensa dada ao justo e o castigo infligido ao pecador relapso.

773 — *Nem num morto que ressuscite acreditarão.* Se a palavra de Deus, com as provas incessantes que a acompanham, não basta para vencer o ímpio, pois, como disse em frase lapidar o Pe. Leonel Franca, S.J.: “As ignomínias do coração sempre procuram a cumplicidade da inteligência”, inútil também será o que lhe possa dizer um morto. Patenteou-se isto logo depois. Lázaro, irmão de Marta e Maria, foi ressuscitado por Jesus, quando o seu corpo já entrava em decomposição. Que efeito produziu entre os fariseus o estupendo milagre? Longe de se converterem, os inimigos do Redentor imediatamente entraram em conjuração para matá-lo. — Em nossos dias, os milagres de Lourdes, embora comprovados até por cientistas acatólicos, acaso têm provocado conversões em massa, como seria de esperar? E porventura têm provocado, em regra, a conversão dos próprios cientistas que os comprovam? — Ao cego que não quer ver, nem os maiores prodígios conseguirão atrair para o caminho da verdadeira religião.

141 — AI DO MUNDO, POR SEUS ESCÂNDALOS!

(S. Marc. IX, 41-49; S. Mat. XVIII, 6-14; S. Luc. XVII, 1-2)

Disse Jesus aos seus discípulos: “Os escândalos são inevitáveis;* mas aí daquele que os provoca!”

“Melhor seria para êle que lhe amarrassem uma pedra de moinho ao pescoço* e o precipitassem no mar, do que ser motivo de pecado para uma dessas crianças que crêem em mim”.

“Ai do mundo por causa dos escândalos! Têm que suceder escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo vier!”

“Se a tua mão te escandaliza,* corta-a. Melhor será para ti entrar sem uma das mãos na vida eterna, do que, conservando as duas, ir para o inferno, onde não morre o verme que rói os condenados,* e o fogo nunca se apaga, porque é inextinguível.

“Se o teu pé te escandaliza, corta-o e joga-o fora. Melhor será para ti entrar aleijado na vida eterna, do que, tendo dois pés, ser precipitado no fogo eterno, onde não morre o verme que rói os condenados e nunca se extinguem as chamas.

“E se um dos teus olhos te escandaliza, arranca-o e joga-o fora. Melhor é para ti entrar sem um olho na vida eterna, do que com os dois ser atirado ao fogo do inferno, onde não morre o verme que rói os condenados nem se extinguem as chamas, porque todos serão salgados com fogo,* e toda vítima será salgada com sal.

“O sal é bom. Tornando-se, porém, insípido, com que podereis temperá-lo? Conservai o sal em vós mesmos”.

“Vêde, não desprezeis nenhum desses pequeninos. Digo-vos que os seus anjos* nunca deixam de contemplar a face de meu Pai, que está nos céus.

“O Filho do Homem veio salvar o que havia perecido.

“Que vos parece? Se alguém tiver cem ovelhas e uma delas se extraviar, porventura não deixará as noventa e nove nos montes para ir procurar a que se perdeu? E eu vos digo em verdade que, se chegar a encontrá-la, mais se alegrará por causa desta do que pelas noventa e nove que não se desgarraram.

“Assim também é vontade de meu Pai que não se perca um só desses pequeninos”.

774 — *Os escândalos são inevitáveis.* Escândalo pode significar um caso escabroso, alvoroço, indignação causada pelo mau procedimento do próximo e finalmente tudo aquilo que pode induzir em erro ou pecado. Jesus emprega a palavra nesta última acepção. — Sendo o homem dotado de livre arbítrio e tendo o pecado corrompido a sua natureza, a ponto de fazê-la propender geralmente para o mal, sempre ocorrerão escândalos em consequência da corrupção humana e por abusos de liberdade. Ainda assim, não quis Deus privar dessa prerrogativa o homem, porque desde Adão está êle pôsto à prova, e a sua liberdade, se é funesta quando empregada para o pecado, também é necessária para a reparação e para a prática do bem.

775 — *Melhor seria para êle que lhe amarrassem uma pedra de moinho ao pescoço...* O escândalo é um crime dos mais graves, é o pecado de Satanás. E o pior de todos os pecados é dar escândalo aos inocentes. Por isto reserva Jesus as suas mais terríveis maldições para os que induzem ao pecado os pequeninos.

776 — *Se a tua mão te escandaliza...* Veja-se a nota 316.

777 — *O verme que rói os condenados.* Trata-se aqui de uma alusão ao remorso dos condenados, suplicio diferente do infligido pelo fogo. A passagem comentada é uma citação de texto profético. (Isaias: LXVI, 24)

778 — *Todos serão salgados com fogo,* etc. Esta passagem da Sagrada Escritura é uma metáfora baseada em propriedades comuns que possuem o fogo e o sal. O fogo do inferno será para o condenado como um sal que, preservando-o da corrupção, o devorará sem o consumir. E toda pessoa que tiver praticado a renúncia e a mortificação cristã, será salgada com sal, o que significa que será tornada igualmente incorruptível, mas na glória do céu.

779 — *Seus anjos.* Deus confia cada um de nós à proteção de um anjo tutelar. Note-se, porém, que a proteção dos anjos da guarda não vai até o ponto de tolher a liberdade humana.

142 — PAZ E CORREÇÃO FRATERNAL

(S. Mat. XVIII, 15-20; S. Marc. IX, 49; S. Luc. XVII, 3-4)

"Tomai cuidado convosco. Vivei em paz uns com os outros.

"Se vosso irmão pecar contra vós, ide repreendê-lo em particular.* Se êle vos ouvir e se arrepender, perdoai-lhe, que assim ganhareis vosso irmão. E se pecar sete vêzes* por dia contra vós, e sete vêzes por dia vos procurar para vos dizer que se arrepende, perdoai-lhe.

"Se êle não vos der ouvidos, tomai convosco uma ou duas pessoas, a fim de que pelas palavras de duas ou três testemunhas se decida a questão. Mas se vosso irmão não ouvir nem a essas pessoas, dizei-o à Igreja. E se não atender a Igreja, passai a considerá-lo como pagão e publicano.

"Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na Terra será também ligado no céu,* e tudo o que desligardes na terra, também será desligado no céu.

"Digo-vos, ainda, que se dois de vós se unirem na Terra para pedir qualquer coisa,* meu Pai que está nos céus a concederá. Porque onde estiverem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, entre elas estarei eu".

780 — *Se vosso irmão pecar contra vós, ide repreendê-lo em particular,* etc. Jesus estabelece aqui a regra e a ordem que deve seguir a caridade quando ofendida. Se a ofensa não foi pública, o ofendido tentará a correção fraterna a sós com o ofensor, naturalmente quando não tiver sérias razões para crer que ela seja imprópria ou que dê margem para nova ofensa. Persistindo a ofensa ou

os seus efeitos, o ofendido levará o fato ao conhecimento de um ou dois irmãos, que deverão tentar, por sua vez, fraternalmente, a correção do culpado, e que, frustrada esta, possam atestar depois o ocorrido. Agravado assim o delíto, o queixoso apelará para o juízo da Igreja (isto é, para as autoridades eclesiásticas), que, segundo a gravidade da culpa e o grau de obstinação do ofensor, imporá a este penas proporcionais, até, em caso extremo, a de excluir de seu grêmio o rebelde.

781 — *Sete vèzes*. Locução proverbial com o sentido de "muitas vèzes".

782 — *Tudo o que ligardes na terra será também ligado no céu...* Jesus Cristo estende aos discípulos os poderes de "ligar e desligar" que, em sua plenitude, já tinham sido atribuídos ao chefe dos Apóstolos, de modo particular. Esse direito consiste, diretamente, no poder de excomungar e de readmitir no grêmio da Igreja os que dela forem excluídos; mas, indiretamente, abrange não só o fóro externo, senão também o interno. E por isto interpretam-no ainda os teólogos como a faculdade de perdoar e reter os pecados.

783 — *Se dois de vós se unirem para pedir qualquer coisa...* Irmanados pela mesma fé e caridade, os cristãos, ainda quando reunidos no mais limitado número, alcançarão o que pedirem para o seu bem, porque estará com eles Jesus e apresentará a mesma súplica a Deus Pai.

143 — PERDÃO DAS INJÚRIAS. O DEVEDOR INJUSTO

(S. Mat. XVIII, 21-35)

Então Pedro chegou-se a Jesus e perguntou-lhe: "Senhor, quantas vèzes deverei perdoar meu irmão, quando me ofender? Até sete vèzes?"

Respondeu Jesus: "Não até sete vèzes — digo-te eu — mas até setenta vèzes sete".*

"Por isto o reino dos céus é comparável com o que sucedeu a um rei que quis tomar contas a seus servos. Ao começar a tomada de contas, apresentaram-lhe um servo que devia dez mil talentos.* Como o devedor não tivesse com que pagar, ordenou o seu senhor que tanto êle como sua mulher, seus filhos e todos os bens que possuía, fôsem vendidos,* e com o produto da venda se saldasse a dívida.

"Mas o servo lançou-se-lhe aos pés e suplicou: "Senhor, dá-me novo prazo, e te pagarei tudo".

"Tocado de compaixão, deu-lhe o senhor a liberdade e lhe perdoou a dívida.

"O servo, porém, tendo saído e encontrando um companheiro seu que lhe devia cem denários,* agarrou-o pela garganta e o sufocava, dizendo: "Paga o que me deves".

"Arrojou-se aos seus pés o companheiro e implorou-lhe: "Dá-me tempo, e te pagarei tôda a dívida. Não concordou o outro. Retirou-se e o mandou prender e deixar no cárcere até que pagasse o que devia.

“Havendo presenciado o incidente os outros servos, companheiros de ambos, ficaram muito contristados e foram contar ao seu senhor tudo o que havia acontecido.

“Então o senhor mandou chamar o servo a quem perdoara a dívida e disse-lhe: “Servo mau, eu te dispensei do que me eras devedor, porque me pediste. Não devias, pois, ter compaixão do teu companheiro como eu tive compaixão de ti?”

“E tomado de indignação, o senhor o entregou aos verdugos para que tomassem conta d’ele até que pagasse t’oda a dívida.

“Assim também vos há de tratar meu Pai celestial, se do íntimo do coração não vos perdoardes uns aos outros”.

784 — *Até setenta vêzes sete*. A locução proverbial “setenta vêzes sete” significa, no caso, um número indefinido. Trata-se, porém, principalmente de não guardar ressentimento contra o ofensor.

785 — *Dez mil talentos*. Era uma soma descomunal. Calculou-a um autor em sessenta milhões de pesetas de ouro, aproximadamente.

786 — *Ordenou que êle, sua mulher, seus filhos e todos os seus bens fôssem vendidos*. Conforme o direito de alguns povos da Antigüidade, o credor podia proceder assim contra os devedores insolventes.

787 — *Cem denários*. Era uma importância insignificante em comparação com a dos dez mil talentos que o rei perdoara ao servo chamado a contas.

144 — LIÇÃO DE FÉ

(S. Lucas, XVII, 5-6)

Disseram os Apóstolos ao Senhor: “Aumenta a nossa fé”. E êle respondeu: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda que seja, direis a esta amoreira:* “Arranca-te daí e muda-te para o mar”, e ela vos obedecerá”.

788 — *Direis a esta amoreira: “Muda-te para o mar”, e ela vos obedecerá*. No dia seguinte ao da Transfiguração, por ocasião da cura do lunático que os discípulos não tinham podido livrar da possessão demoníaca, fizera Jesus uma declaração semelhante à da epigrafe, para mostrar o extraordinário poder da fé. Veja-se a nota 560.

145 — O SERVO HUMILDE

(S. Lucas, XVII, 7-10)

“Qual de vós, tendo um servo que lhe trabalha na lavoura ou cuida do gado, dirá a êle, quando o vê voltar do campo: “Vem, põe-te à mesa?” Em vez disto, não lhe dirá: “Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me até que eu tenha t’erminado de comer e beber; depois comerás tu e beberás?”

“E porventura ficará o senhor devendo obrigações ao servo por ter ele cumprido as suas ordens? Entendo eu que não.

“Assim sendo, vós também, depois que tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: “Somos servos sem importância.* Fizemos apenas o que era do nosso dever”.

789 — *Somos servos sem importância.* Recomenda Jesus que seus discípulos sejam sempre humildes de coração e modestos nas palavras, deixando o julgamento de suas ações inteiramente a Deus, que melhor verá se eles são fiéis e o servem com a devida solicitude e eficiência.

146 — CURA DE DEZ LEPROSOS

(S. Lucas, XVII, 11-19)

Em caminho para Jerusalém, passou Jesus pela fronteira da Samaria com a Galiléia. Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, que pararam a certa distância e se puseram a gritar: “Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!”

Assim que os viu, disse-lhes Jesus: “Ide mostrar-vos aos sacerdotes”.*

E sucedeu que em caminho ficaram curados os dez leprosos.

Um deles, ao ver que estava são, voltou atrás, glorificando a Deus em altas vozes, lançou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus e agradeceu-lhe a cura. Era samaritano esse homem.*

Perguntou-lhe então Jesus: “Não foram dez que ficaram curados? Onde estão os outros nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro?”

E disse ao homem: “Levanta-te e vai, que a tua fé te salvou”.

790 — *Ide mostrar-vos ao sacerdote.* Vejam-se as notas 241 e 242.

791 — *Era samaritano esse homem.* O Evangelho não diz que os outros leprosos eram judeus, mas é o que se pode deduzir do contexto. A miséria comum levava-os a esquecer as divergências de religião e de costumes que os separavam dos samaritanos.

147 — A SEGUNDA VINDA DE JESUS

(S. Luc. XVII, 20-37)

Tendo-lhe os fariseus perguntado quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes Jesus: “O reino de Deus não virá com aparato, nem se poderá dizer que esteja aqui ou lá, porque o reino de Deus está no meio de vós mesmos”.*

Depois disse aos seus discípulos: "Tempo virá em que desejareis ver um só dos dias do Filho do Homem, e não o vereis. Alguns hão de dizer-vos: "Ei-lo aqui, ali está êle!" E não deveis ir lá nem segui-los. Porque tal um relâmpago que fuzila na região mais baixa do céu e o ilumina de um extremo a outro, assim será no dia da vinda do Filho do Homem.* Mas é preciso que antes êle passe por muitos sofrimentos, e que seja rejeitado por esta geração.

"Assim como aconteceu nos dias de Noé, acontecerá também nos dias do Filho do Homem. As pessoas comiam e bebiam, casavam e faziam casar os filhos, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e todos pereceram.

"Como também aconteceu no tempo de Ló. As pessoas comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e edificavam. Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu fogo e enxôfre do céu, e foram todos consumidos.

"Assim será no dia em que se manifestar o Filho do Homem. Nessa hora, quem estiver no terraço e tiver os seus utensílios em casa, não desça para buscá-los; da mesma forma, quem estiver no campo, não volte para trás. Lembrai-vos da mulher de Ló.

"Quem procurar salvar a sua vida perdê-la-á;* e quem a perder salvará a alma.

"Digo-vos que, naquela noite, de duas pessoas que estiverem no mesmo leito, uma será tomada, e abandonada a outra;* de duas mulheres que estiverem moendo juntas, será tomada uma e a outra rejeitada; e de dois homens que estiverem no campo, um será tomado e o outro abandonado".

Perguntaram-lhe então os discípulos: "Senhor, onde se dará isso?"

Respondeu-lhes Jesus: "Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também as águias".*

792 — *Está no meio de vós mesmos.* Jesus fundou um reino visível, dando-lhe Pedro como chefe e os outros Apóstolos como cooperadores. Entretanto, o seu reino também é espiritual. Estava êle no seio do povo de Israel. Estava no meio dos próprios fariseus. Não o reconheciam êles todavia, porque não o esperavam daquela forma. Não o viam porque eram cegos que não queriam ver.

793 — *Assim será no dia da vinda do Filho do Homem.* Consta na Vulgata: "ita erit Filius hominis in die sua", isto é, literalmente: "assim será o Filho do Homem em seu dia", o que também se pode traduzir como se vê na epigrafe. — Refere-se Jesus ao seu segundo advento, no fim do mundo, e compara a sua aparição ao relâmpago porque êste surge repentinamente, iluminando o horizonte de um extremo ao outro, e logo se fazendo ver de todos.

794 — *Quem procurar salvar a sua vida, perde-la-á...* Quem procurar salvar a sua vida naquele momento supremo, acabará perdendo a sua alma. (V. notas 445 e 548)

795 — *Naquela noite, de duas pessoas que estiverem no mesmo leito, uma será tomada e abandonada a outra, etc.* No momento do Juízo Final, a sorte dos homens dependerá exclusivamente do seu mérito pessoal e do valor de suas obras, acontecendo então que até pessoas unidas por matrimônio, parentesco, officio, amizade, etc. virão a ser separadas para sempre, indo umas para o reino do céu e outras para o suplicio eterno. — Pouco antes aludira Jesus ao fim do mundo empregando a palavra "dia". Agora diz "naquela noite" porque vai mencionar o caso de duas pessoas que estarão dormindo quando chegar a hora do Juízo Final. Ora, o dia propriamente dito compreende também as horas da noite, e, além disto, enquanto para os homens de um hemisfério o Juízo Final ocorrerá nas horas de luz, para os do hemisfério oposto ocorrerá ainda de noite.

796 — *Onde estiver o corpo aí se juntarão as águias.* Note-se preliminarmente que os antigos classificavam os abutres na familia das águias. — Divergem os comentadores quanto à significação das misteriosas palavras da epígrafe. E' possível que Jesus tenha apenas citado um provérbio corrente na época, por meio do qual fazia ver que a reunião das almas para o julgamento final seria daria onde seria natural que ocorresse.

148 — A VIÚVA E O JUIZ INÍQUO

(S. Lucas, XVIII, 1-8)

A fim de mostrar que é preciso orar sempre* e não desanimar, propôs Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola:

"Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens. Vivia na mesma cidade uma viúva, que fôra ter com êle e lhe pedira: "Faze-me justiça contra a pessoa com quem estou em demanda".

"Por muito tempo negou-se êle a atendê-la. Mas por fim pensou consigo mesmo: "Não temo a Deus nem respeito os homens. Contudo, já que esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, para que não acabe por me fazer alguma afronta".

E continuou o Senhor. "Atentai bem para o que diz êsse juiz iníquo. E Deus não há de fazer justiça aos seus escolhidos, que dia e noite clamam por êle; e há de permitir que sejam sempre oprimidos? Declaro-vos que bem depressa lhes fará justiça. Mas, quando vier o Filho do Homem, julgais vós que encontrará fé na Terra?"*

797 — *E' preciso orar sempre.* Oferecendo a Deus, nas orações da manhã, os nossos pensamentos, nossas ações tôdas e os nossos sofrimentos, durante todo o dia estaremos virtualmente em oração, o que é prática geral entre os católicos. Contudo, Jesus não impôs como norma a oração ininterrupta. Recomendou, isto sim, a oração perseverante e até insiste, como foram as súplicas da viúva citada na parábola.

798 — *Quando vier o Filho do Homem, julgais vós que encontrará fé na terra?* Nos dias tremendos que precederão o fim do mundo,

virá a rarear a fé necessária para a oração perseverante e para a esperança da salvação a despeito das provações da época. Mas as palavras da epigrafe, onde há sobretudo fôrça de expressão, absolutamente não significam que até os justos, em massa, chegarão a perder a sua fé.

149 — O FARISEU E O PUBLICANO

(S. Lucas, XVIII, 9-14)

A alguns que se tinham em conta de justos e desprezavam os outros, propôs também Jesus a seguinte parábola:*

“Subiram dois homens ao Templo para fazer oração. Um era fariseu e o outro publicano.

“O fariseu, de pé, orava assim: “Graças te dou, meu Deus, porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos e adúlteros, nem como êste publicano! Jejuo duas vêzes por semana e pago o dízimo de tudo o que possuo”.*

“Entretanto, o publicano, conservando-se à distância, nem ao menos ousava levantar os olhos para o céu, mas batia no peito e dizia: “Meu Deus, tem compaixão de mim, pecador”.

“Digo-vos que êste voltou justificado para casa, e o outro não. Porque todo aquêle que se glorifica será humilhado, e todo aquêle que se humilha será glorificado”.

799 — *Propôs também esta parábola.* Com a parábola do fariseu e do publicano que subiram ao Templo para rezar, ensina Jesus que a oração, além de perseverante, deve ser humilde.

800 — *Jejuo duas vêzes por semana e pago o dízimo de tudo o que possuo.* Na Vulgata consta: “Jejuno bis in sabbato”, isto é, literalmente: Jejuo duas vêzes em sábadado. Era uma maneira de falar que significava: de um sábadado a outro. — Quanto ao pagamento do dízimo, veja-se a nota 689.

150 — JESUS NA PERÉIA

(S. João, X, 40-42; S. Mat. XIX, 1-2; S. Marc. X, 1)

Tendo terminado estas prédicas, saiu Jesus daqueles lugares, e, partindo da terra dos galileus, dirigiu-se novamente para a região da Judéia, além do Jordão.*

Seguiram-no multidões até o lugar em que João começara a batizar, onde Jesus se deteve. Outra vez reuniram-se a êle as turbas, e êle, segundo costumava, tornou a ensinar os que o acompanhavam, e ali curou os enfermos.

E diziam: “João não fêz nenhum milagre, é certo, mas vê-se que é verdade tudo o que êle disse a respeito dês-te homem”.

801 — *Partindo da terra dos galileus, dirigiu-se novamente para a região da Judéia, além do Jordão. Veja-se a nota 734.*

151 — INDISSOLUBILIDADE DO MATRIMÔNIO

(S. Mat. XIX, 3-9; S. Marc. X, 2-9)

Chegaram-se a Jesus alguns fariseus e, a fim de experimentá-lo, perguntaram-lhe: "Pode o homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?"*

Respondeu Jesus: "Que preceito vos deu Moisés?"

Tornaram êles: "Moisés permitiu despedi-la* depois de lhe dar carta de repúdio".

Redarguiu-lhes Jesus: "Não lêstes que aquêlê que criou o gênero humano, no princípio fêz um homem e uma mulher, e disse: "Por isto deixará o homem pai e mãe,* e unir-se-á a sua mulher, e serão dois numa só carne?"

"Assim, já não são dois, mas uma só carne. Por isto não separe o homem o que Deus uniu".

Objetaram êles: "Então por que mandou Moisés dar carta de repúdio à mulher e despedi-la?"

Replicou-lhes Jesus: "Foi por causa da dureza dos vossos corações* que Moisés vos deu êsse preceito, permitindo que repudiásseis vossas mulheres. Mas no princípio da criação não foi assim. Por isto vos declaro eu que todo aquêlê que repudiar sua mulher, a não ser em caso de mancebia,* e casar com outra, comete adultério. E também comete adultério quem casar com a repudiada".

802 — *Pode o homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?* Como ficou dito em outra nota, a lei hebraica permitia o divórcio "a vínculo". As escolas dominantes na Judéia estavam plenamente de acôrdo neste ponto. Divergiam apenas no modo de entender a causa que podia autorizar o divórcio. Os discípulos de Schammai, um dos dois mais afamados mestres da casuística judaica no século anterior à pregação de Jesus, inclinavam-se a interpretar com rigor o texto da Lei, não admitindo facilidades para o rompimento dos laços conjugais. A escola de Hillel, rival e contemporâneo de Schammai, optava pela condescendência, chegando a admitir que o marido repudiasse a mulher por ter encontrado outra mais interessante ou por lhe ter apresentado a espôsa um prato de comida mal preparada.

803 — *Moisés permitiu despedi-la...* Moisés autorizara o repúdio da espôsa, ao tempo em que a poligamia ainda era tolerada no povo de Israel. Quando Jesus veio ao mundo, já não existia a poligamia entre os israelitas, e Deus, por intermédio do profeta Malaquias, já havia condenado o costume do divórcio (Malaquias: II, 16).

804 — *Por isto deixará o homem pai e mãe...* Disse-o Adão, por inspiração divina (Gênesis: II, 23-24). E' o motivo por que Jesus menciona estas palavras como ditas por Deus.

805 — *O homem não deve separar o que Deus uniu.* Jesus revoga peremptoriamente a tolerância de Moisés, e põe outra vez em vigor a indissolubilidade primitiva do matrimônio, permitindo apenas a separação dos cônjuges por motivos justos, não, porém, o divórcio, que lhes dá liberdade de convolar a novas núpcias. Quando o homem e a mulher se unem pelo casamento, o que realmente acontece é que eles são unidos pelo próprio Deus. Não é, pois, de admirar que Jesus tenha feito do matrimônio, restituído ao seu antigo esplendor, um sacramento da Nova Lei.

806 — *Por causa da dureza de vossos corações.* Permitira Moisés o divórcio atendendo ao fato de serem os homens ainda insuficientemente esclarecidos na ordem moral, e para evitar maiores males, em vista da dureza do coração dos judeus. Mas essa concessão não podia subsistir na Nova Lei, que vinha formar os homens em melhores sentimentos e estabelecer costumes mais puros entre eles.

807 — *A não ser por causa de mancebia.* Veja-se a nota 317.

152 — CELIBATO

(S. Mat. XIX, 10-12; S. Marc. X, 10-12)

Em casa, interrogaram-no os discípulos sôbre o mesmo assunto. E Jesus respondeu: "Todo aquêlê que repudiar sua mulher e casar com outra, comete adultério por causa da primeira; e se a mulher repudiar seu marido* e casar com outro, comete adultério".

Disseram-lhe então os discípulos: "Se tal é a condição do marido e da mulher, não convém casar".

Ao que respondeu Jesus: "Nem todos têm capacidade para compreender esta doutrina,* mas sômente aquêles a quem isto foi dado. Há quem não pode casar por defeito de nascença; outros há que não podem casar também, porque os homens os tornaram incapazes; e há ainda os que renunciam ao casamento para alcançar o reino dos céus. Quem puder entendê-lo, entenda-o".

808 — *Se a mulher repudiar seu marido...* E' S. Marcos o evangelista que fala do divórcio procedente da mulher. Isto porque destinara o seu Evangelho, não propriamente aos judeus, mas a outros povos, onde imperava o abuso do divórcio, como o de Roma, cujas ilustres senhoras — dizia Sêneca — não contavam os anos pelo número dos cônsules, mas pelo dos maridos.

809 — *Nem todos têm capacidade para entender esta doutrina,* etc. Evidentemente o Salvador não desaprova nesta passagem o matrimônio, que elevou à dignidade de sacramento. O que quis mostrar aos seus discípulos foram as vantagens do celibato religioso, voluntariamente escolhido. Sabia que tratava de um assunto pouco acessível à maioria dos homens, o que deu logo a entender com as suas primeiras palavras. Mas também sabia que aquela doutrina haveria de ser entendida e posta em prática por legiões de pessoas abnegadas, que renunciariam ao matrimônio e aos seus legítimos prazeres, tão sômente por amor a Deus, mais forte e mais eficaz do que tôdas as mutilações.



CAMINHO DE BETÂNIA A JERUSALÉM

153 — MORTE E RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

(S. João, XI, 1-45)

Achava-se então enfêrmo um homem chamado Lázaro, que era de Betânia, aldeia onde moravam as irmãs Maria e Marta.* Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo* e lhe enxugara os pés com os seus cabelos. E Lázaro, que estava doente, era seu irmão.

Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: "Senhor, aquêlo a quem amas, adoeceu".

Ao ouvir êste recado, respondeu Jesus:* "O caso da enfermidade de Lázaro não terminará em morte,* porque é para a glória de Deus, a fim de que por êle seja glorificado o Filho de Deus".

Ora, Jesus tinha amizade a Marta, a sua irmã Maria e a Lázaro. Entretanto, mesmo sabendo que Lázaro estava enfêrmo, permaneceu ainda dois dias no lugar onde se encontrava. Depois disse aos seus discípulos: "Voltemos para a Judéia".

"Mestre — objetaram-lhe os discípulos — não faz muito pretendiam os judeus apedrejar-te, e queres ir outra vez para lá?"

Respondeu-lhes Jesus: "Não são doze as horas do dia?* Se alguém anda durante o dia, não tropeça, porque vê a luz dêste mundo; mas tropeçará se andar durante a noite, porque lhe faltará a luz".

Assim falou Jesus, e depois acrescentou: "Nosso amigo Lázaro dorme,* mas eu vou despertá-lo do sono".

Disseram os discípulos: "Se êle dorme, Senhor, há de sarar".

Falara-lhes Jesus da morte de Lázaro; êles, porém, pensaram que se referira ao repouso do sono. Então Jesus declarou-lhes claramente: "Lázaro morreu. Por causa de vós, estimo não ter estado lá,* para que tenhais fé. Mas agora vamos vê-lo".

Então Tomé, chamado Dídimo,* disse aos outros discípulos: "Vamos nós também para morrer com êle".

Ao chegar Jesus, já fazia quatro dias que Lázaro estava sepultado.*

Betânia distava de Jerusalém cêrca de quinze estádios.* Muitos judeus tinham ido visitar a Marta e Maria, para as consolar da morte do irmão.

Marta logo que soube da vinda de Jesus, saiu-lhe ao encontro. Maria, porém, ficou em casa.



BETANIA

E disse Marta a Jesus: "Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que mesmo agora Deus te concederá tudo o que lhe pedires".

Respondeu-lhe Jesus: "Teu irmão há de tornar à vida".

Disse Marta: "Sim, sei que tornará à vida na ressurreição do último dia".

"Eu sou a ressurreição e a vida* — voltou Jesus. Quem crê em mim, viverá ainda que tenha morrido. E todo aquele que em vida crê em mim, não sofrerá a morte eterna. Crês isto?"

"Sim, Senhor — respondeu ela. Eu creio que tu és o Cristo, Filho de Deus, que devia vir ao mundo".

Depois de dizer estas palavras, afastou-se para ir falar a sua irmã Maria, a quem disse em voz baixa: "O Mestre está aí e te chama".

Assim que ouviu a notícia, Maria levantou-se e foi ter com Jesus, porque êle ainda não havia entrado na aldeia, mas estava naquele lugar onde Marta fôra encontrá-lo. Os judeus que se achavam com ela em casa e a consolavam, quando a viram levantar-se e sair tão depressa, seguiram-na, dizendo: "Vai chorar no túmulo".

Chegando ao lugar onde se encontrava Jesus, logo que o deparou Maria, lançou-se aos seus pés e disse: "Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria falecido".

Ao vê-la chorar e vendo chorar também os judeus, Jesus estremeceu em espírito e deixou-se comover profundamente.* "Onde o pusestes?"* perguntou em seguida.

Responderam-lhe: "Vem, Senhor, para ver".

E Jesus chorou.*

Observaram então os judeus: "Vêde como êle o estimava". Alguns, porém, disseram: "Êle que fez o cego de nascença enxergar, não podia ter impedido que Lázaro morresse?"

Tornando a estremeecer interiormente,* Jesus dirigiu-se para o sepulcro, que era uma gruta com uma pedra fechando-lhe a entrada.

Disse Jesus: "Tirai a pedra".

Interveio Marta, irmã do morto: "Senhor, êle já cheira mal, porque faz quatro dias que foi sepultado".

Replicou-lhe Jesus: "Não te disse eu que se tivesses fé, verias a glória de Deus?"

Então tiraram a pedra.

Jesus ergueu os olhos ao céu e falou: "Pai, graças te dou por me teres atendido. Bem sei que sempre me atendes. Mas falo assim por causa dos que me cercam, para que acreditem que me enviaste".

Dito isto, ordenou em alta voz: "Lázaro, vem para fora!"

No mesmo instante surgiu do sepulcro o que estivera morto.* Tinha os pés e as mãos ligados com ataduras, e o rosto envolvido num lenço.

Disse Jesus: "Desatai-o e deixai-o andar".

Tendo presenciado o que Jesus fizera, creram nêle muitos dos judeus que haviam ido visitar a Maria e Marta.

810 — *De Betânia, onde moravam Marta e Maria.* E' mencionada esta circunstância a respeito da aldeia, para distingui-la de outra com igual nome, também chamada Betabara (V. nota 112). E o evangelista (S. João) fala das duas irmãs de Lázaro como de pessoas que o leitor já deve conhecer por referências de outro Evangelho.

811 — *Maria era aquela que ungiu o Senhor com bálsamo.* Até certa época eram consideradas uma só pessoa a irmã de Lázaro, chamada Maria, a pecadora inominada que ungiu os pés de Jesus em casa do fariseu Simão, na Galiléia, e Maria Madalena. Em 1516, Lefèvre d'Étaples lançou a tese de que se tratava de três pessoas diferentes. Desde então o assunto vem sendo mantido em controvérsia, tendo-se também formulado outras hipóteses. Entretanto, ao que parece, maiores probabilidades de se impor finalmente tem a tese que distingue: 1º — uma pecadora inominada que ungiu os pés de Jesus, na Galiléia (S. Lucas: VII, 36-50); 2º — Maria de Betânia, irmã de Lázaro, que também ungiu os pés do Senhor, mas em Betânia, na Judéia portanto (S. Mateus: XXVI, 6-13; S. Marcos: XIV, 3-9; S. João: XII, 1-8); 3º — Maria Madalena, que foi libertada de múltipla possessão demoníaca (S. Lucas: VIII, 2).

812 — *Respondeu Jesus.* Naturalmente Jesus falou à pessoa que lhe levava o recado. As suas palavras são destinadas às duas irmãs.

813 — *Não terminará em morte.* Quis Jesus dizer que o caso não terminaria com a morte de Lázaro, porque faria seu amigo ressuscitar.

814 — *Não são doze as horas do dia?* etc. Faz ver Jesus que a duração de sua vida mortal está determinada como a duração do dia solar, e que assim como o homem caminha com segurança enquanto é dia e geralmente só há risco em andar quando sobrevêm as trevas da noite, também êle, por mais que conspirem e lhe armem ciladas os judeus, nada sofrerá enquanto não fôr chegado o tempo de sua paixão, em que voluntariamente se entregará às mãos de seus inimigos.

815 — *Lázaro dorme.* Lázaro já havia morrido quando Jesus assim falou. A morte do justo é um sono, do qual desperta para a felicidade eterna. Sono foi sobretudo a morte de Lázaro, porque não era definitiva.

816 — *Por causa de vós, estimo não ter estado lá.* Se Jesus estivesse em Betânia na ocasião, como homem, é claro, certamente se teria deixado levar por espontânea compaixão para com o amigo e suas irmãs, e então, ou curaria o doente ou o ressuscitaria logo depois da morte, frustrando-se assim o milagre sobremaneira impressionante da ressurreição de Lázaro quando o seu corpo já entrava em putrefação, prodígio de que Jesus esperava maior estímulo para a fé dos discípulos.

817 — *Didimo*. Significado do nome de Tomé em grego, a saber: "gêmeo".

818 — *Fazia quatro dias que Lázaro estava sepultado*. O mensageiro das irmãs de Lázaro levou um dia para ir ter com Jesus; o Salvador esperou dois dias e empregou o quarto na viagem para Betânia. Note-se ainda que, segundo o costume da época, os enterros se realizavam no mesmo dia da morte.

819 — *Quinze estádios*. Quase três quilômetros.

820 — *Eu sou a ressurreição e a vida*. Isto é, sou eu que faço ressuscitar e que dou a vida.

821 — *Jesus estremeceu em espírito e deixou-se comover profundamente*. Ou como diz a Vulgata: "...infremuit spiritu, et turbavit seipsum". Estas palavras são de rigorosa verdade teológica. Jesus participava de todos os sentimentos legítimos da natureza humana e era suscetível de tôdas as nossas emoções no que elas têm de justo e nobre. Entretanto, a sua vontade nunca deixava de regular todos os impulsos de sua natureza.

822 — *Onde o pusestes?* Não ignorava Jesus onde estava o corpo. Pergunta-o, contudo, para chamar a atenção dos judeus sobre o que ia fazer e para remover tôda e qualquer suspeita de fraude, atraindo testemunhas irrecusáveis. A ressurreição de Lázaro seria como que um apêlo supremo do Mestre ao coração dos seus inimigos, para levar à conversão o maior número possível de quantos o perseguiam.

823 — *Chorou*. Santificou Jesus, como homem, todos os bons sentimentos da nossa natureza.

824 — *Tornando a estremeceer interiormente*. Já agora de indignação, ante a malévola observação dos seus inimigos.

825 — *Surgiu do sepulcro o que estivera morto*. Críticos há que põem em dúvida êste milagre, alegando o fato de não constar êle nos Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas. Mas o caso explica-se perfeitamente. S. João pertencia ao círculo de relações de Caifás. Não aprovava, é claro, as maquinações políticas do Sumo Sacerdote, que chegara à convicção de que a condenação de Jesus se impunha como medida de segurança nacional. Não é, pois, de estranhar que o evangelista, estando a par de muitos pormenores do que se passou logo depois da ressurreição de Lázaro, tenha dado particular importância ao referido milagre. E tudo indica que os outros evangelistas não tiveram conhecimento dêsses pormenores. De resto, admite-se que S. Pedro devia estar ausente quando Lázaro foi ressuscitado. Como não tenha assistido ao milagre e não lhe conhecesse o alcance histórico, que só mais tarde foi revelado por S. João, o chefe dos Apóstolos, na catequese primitiva que a êle remonta, não costumava narrar a ressurreição de Lázaro. E por influência da omissão voluntária de S. Pedro, não narraram também o caso os evangelistas S. Mateus e S. Marcos. Explica-se assim o fato de não se encontrar qualquer referência ao milagre nas fontes utilizadas por S. Lucas. Êstes três últimos evangelistas preferiram não falar a respeito do acontecimento porque não podiam contar o prodígio exatamente como acontecera.

154 — O SANEDRIM CONTRA JESUS. REFÚGIO EM EFRÉM
(S. João, XI, 46-56)

Entretanto, alguns dos judeus que tinham assistido ao milagre, foram ter com os fariseus e os inteiraram do que Jesus acabava de fazer. Reuniram-se então em conselho os Príncipes dos sacerdotes* e os fariseus, e disseram: "Esse homem realiza muitos prodígios. Que poderemos fazer? Se o deixarmos assim, todos passarão a crer nêle, e virão os romanos e acabarão com a nossa cidade e a nossa nação".*

Um dêles, porém, chamado Caifás, que era o Sumo Sacerdote daquele ano,* disse-lhes: "Nada entendeis disto! Nem vêdes que mais vos convém que morra um homem pelo povo do que perecer tôda a nação!*

Ora, não foi por si mesmo que êle assim falou.* Mas sendo Sumo Sacerdote daquele ano, profetizou que Jesus havia de morrer pela nação, e não sòmente pela nação, mas também para reunir num todo os filhos de Deus que estavam dispersos.

E desde êsse dia começaram êles a excogitar um meio de fazer morrer Jesus. Por isto Jesus deixou de aparecer em público entre os judeus, e retirou-se para uma cidade de nome Efrém,* situada em região próxima do deserto. E lá permaneceu com os seus discípulos.

Como estava próxima a Páscoa dos judeus, muitos moradores daquela região subiram a Jerusalém antes da festa, para se purificarem.

Em Jerusalém andavam à procura de Jesus. No Templo indagavam uns aos outros se pensavam que êle não compareceria à festa? Porque os Grandes Sacerdotes e os fariseus tinham passado ordem de que se alguém soubesse do paradeiro dêle, fôsse denunciá-lo para que pudessem prendê-lo.

826 — *Os Príncipes dos sacerdotes.* Muitas traduções falam aqui em "pontífices". Opinam alguns filólogos que o vocábulo vem do latim, significando "construtores de pontes", porque na primitiva cidade de Roma a corporação dos sacerdotes havia construído e reparado por várias vêzes a ponte Sublícia, que unia Roma ao monte Janículo, tendo sido a única ponte na cidade até o século II A. C. O chefe do colégio sacerdotal usava o título de "Pontifex Maximus" (Sumo Pontífice) que os Papas passaram a adotar por volta do século IV.

827 — *Acabaráo com a nossa cidade e a nossa nação.* Receavam que a conversão geral do povo judaico à doutrina de Jesus servisse de pretexto aos romanos para suprimirem as regalias concedidas aos Príncipes dos sacerdotes e à Nação, e que a Judéia passasse a ser governada segundo a lei comum a que eram submetidas as províncias romanas. Preocupavam-se principalmente em resguardar os seus interesses temporais.

828 — *Caifás, que era o Grande Sacerdote daquele ano.* Segundo a lei, os Sumos Sacerdotes eram inamovíveis. Mas, por abuso de autoridade, os romanos costumavam depor as autoridades religiosas que incorriam em seu desagrado. Alguns desses dignitários nem um ano se mantiveram no cargo.

829 — *Convém mais que morra um homem pelo povo do que perecer toda a nação.* O conselho de Caifás é imoral e criminoso, porque se baseia no aforismo iníquo de que os fins justificam os meios — o que significava, no caso, que era melhor matarem um inocente do que perder a nação, por causa dele, alguns privilégios políticos. Segundo a tradição, o conciliábulo dos chefes do judaísmo realizou-se numa casa de campo sobre um monte sobranceiro ao vale de Hinon e que ainda hoje é chamado "Monte do Mau Conselho".

830 — *Não foi por si mesmo que ele assim falou.* Quis Deus que Caifás escolhesse as suas palavras de tal modo que elas exprimissem perfeitamente a redenção do gênero humano. Foi da vontade de Deus que ele profetizasse porque era Sumo Sacerdote. Cumpre, porém, notar que nem todos os que dizem profecias são realmente profetas, no sentido religioso da expressão, assim como não são justos todos os que pugnam pelo direito e pela justiça, pois muitos o fazem por motivos inconfessáveis.

831 — *Efrém.* Pequena cidade a noroeste de Jericó. O topônimo é alteração do nome Efraim.

155 — A CAMINHO DE JERUSALÉM, JESUS ABENÇÕA AS CRIANÇAS (S. Marc. X, 13-16; S. Mat. XIX, 13-15; S. Luc. XVIII, 15-17)

Encaminhando-se Jesus para Jerusalém, foram-lhe levados alguns meninos para que os tocasse. Também lhe levaram criancinhas para lhes impor as mãos e orar por elas. Mas os discípulos a todos repeliram e admoestaram.* Vendo isto, muito se desgostou Jesus, e, chamando-os, disse-lhes: "Deixai vir a mim os pequeninos e não os estorveis, porque deles é o reino de Deus. Em verdade vos digo, quem não receber como uma criança o reino de Deus, nele não entrará".*

Então abraçou as crianças, e, impondo-lhes as mãos, as abençoou.

Em seguida partiu dali.

832 — *Os discípulos a todos repeliram e admoestaram.* Foi um excesso de zelo, com a intenção de poupar o Salvador ao incômodo de atender as crianças, o que certamente lhe roubaria um tempo precioso. De resto, naquele tempo, se os meninos eram tratados com alguma consideração, às meninas, ao contrário, não se dava importância nenhuma.

833 — *Quem não receber como uma criança o reino de Deus, nele não entrará.* Isto é, não será admitido no reino de Deus quem não receber a doutrina de Jesus com a singeleza e a humildade que constituem predicado natural nas crianças e virtude nos adultos. Evidentemente não se alude aqui à puerilidade, mas sim àquela dispo-

sição de espírito que inspirou ao filósofo chinês Meng-Tseu uma sutil observação: "O homem de escol é aquê que soube conservar o seu coração de menino".

156 — O JOVEM RICO

(S. Mat. XIX, 16-26; S. Marc. X, 17-27; S. Luc. XVIII, 18-27)

Quando Jesus se punha a caminho, correu-lhe ao encontro um môço de posição, e, dobrando o joelho à sua frente, perguntou: "Bom Mestre,* que devo eu fazer, no tocante a boas obras, para alcançar a vida eterna?"

Disse-lhe Jesus: "Por que me interrogas sôbre o que é bom? Por que me chamas bom? Ninguém é bom a não ser Deus.* Mas se queres entrar para a vida, guarda os mandamentos".

"Quais?" perguntou o jovem.

Respondeu-lhe Jesus: "Tu conheces os mandamentos: Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não levantarás falso testemunho, não cometerás fraudes, honrarás teu pai e tua mãe, amarás o teu próximo como a ti mesmo".

"Mestre — tornou o môço — tudo isso tenho eu observado desde rapaz.* Que me resta fazer ainda?"

Ao ouvir estas palavras, olhou-o Jesus afetuosamente e disse-lhe: "Ainda te falta uma coisa. Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, e reparte tudo com os pobres. Terás assim um tesouro no céu. Depois vem e segue-me".

Em consequência, entriteceu-se o môço e afastou-se pesaroso, porque era possuidor de muitos bens.

Tendo observado que êle ficara triste, Jesus correu o olhar em redor de si, e disse aos seus discípulos: "Como é custoso para os ricos entrar no reino de Deus! Em verdade vos digo que um rico difficilmente entrará no reino dos céus".*

A estas palavras ficaram atônitos os discípulos. Mas, continuando a falar, Jesus disse: "Sim, caros filhos, muito difficil é entrarem no reino de Deus os que põem a sua confiança nas riquezas. Digo-vos mesmo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha* do que entrar um rico no reino dos céus".

Com isto mais se admiraram os discípulos. E diziam uns aos outros: "Mas então quem poderá salva-se?"

Olhou-os Jesus e disse: "Para os homens isso é impossível, mas para Deus não,* porque para Deus tudo é possível".

834 — *Bom Mestre.* Entre os rabinos, esta fórmula era tida como lisonja. Os doutôres da lei consideravam-se bastante honrados com o simples título de Mestre.

835 — *Por que me chamam bom?* Era um excelente môço aquêle, não há dúvida, mas revelava excessiva sensibilidade, imaginação viva e insuficientemente disciplinada. A resposta de Jesus indica certa reserva, uma censura indireta, a recomendação de maior comedido em palavras e atitudes.

836 — *Ninguém é bom a não ser Deus.* Os arianos pretendiam apoiar a sua heresia nesta passagem evangélica, dizendo que Jesus repreende o jovem em consequência de lhe atribuir êste uma qualidade que por essência e natureza só a Deus pertence. Respondem os intérpretes católicos que, não havendo o jovem reconhecido o Messias na pessoa de Jesus, o Salvador lhe faz ver que não tem apenas a bondade comunicada aos homens, mas a bondade intrínseca da natureza divina, porque é Filho de Deus, que é quem comunica aos homens a sua bondade. Interrogado sôbre o que é o bem e o que pode conduzir à vida eterna, Jesus Cristo indica aquêle que encerra em si tôda a bondade.

837 — *Desde rapaz.* "A juventute mea", diz a Vulgata, isto é, desde a minha juventude. Mas no início do mesmo versículo (S. Mateus: XIX, 20) consta que falava um adolescente. Daí a tradução daquelas expressões latinas como está na epígrafe.

838 — *Um rico difficilmente entrará no reino dos céus.* Não diz Jesus ser impossível que os ricos venham a entrar no reino do céu. Afirma, sim, que em geral têm êles poucas probabilidades de alcançar a eterna bem-aventurança, porque quase sempre são muito apegados às suas riquezas e muitas vêzes as aproveitam quase que exclusivamente para os seus prazeres e caprichos, e isto facilmente os leva à perdição. Daí as reiteradas advertências de Jesus contra as riquezas.

839 — *E' mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha...* Diversas explicações têm sido aventadas para esta comparação hiperbólica. Certo mesmo é apenas que as palavras da epígrafe constituem um provérbio muito usado no Oriente Próximo e com o qual se alude a uma coisa naturalmente impossível (veja-se, porém, a nota seguinte). Encontra-se esta máxima no Alcorão. E com uma variante, no Talmude também. — Já foi dito em outra nota que a hipérbole se enquadra na própria índole dos idiomas orientais e que por isto a empregou Jesus também freqüentemente.

840 — *Para os homens isto é impossível, mas, para Deus, não.* Com razão inquietaram-se os discípulos ao ouvirem as palavras de Jesus reforçadas com o provérbio comentado na nota anterior. E então Jesus acode a tranquilizá-los, dizendo que, a despeito de tudo, a graça divina, que é onipotente, fará comunicar-se aos homens o despreendimento imprescindível para a salvação, não se salvando apenas os que resistirem à graça de Deus (V. nota 860).

157 — A RECOMPENSA DOS SACRIFÍCIOS

(S. Mat. XIX, 27-30; S. Marc. X, 28-31; S. Luc. XVIII, 28-30)

Tomando então Pedro a palavra, disse a Jesus: "Aqui estamos nós que deixamos tudo para te seguir. Qual será, pois, a nossa recompensa?"

Respondeu Jesus: "Em verdade vos digo que, no dia da regeneração,* quando o Filho do Homem se tiver sentado no seu trono resplandecente, vós que me seguistes, também vos sentareis em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquêlê que por minha causa deixar a sua casa* ou os irmãos, as irmãs, o pai, a mãe, a mulher, os filhos ou a sua herdade, receberá o cêntuplo e terá a vida eterna. Em verdade vos digo, não há ninguém que tendo deixado a sua casa, irmãos ou irmãs, pai ou mãe ou filhos ou terras por minha causa e por amor do Evangelho, não receba, já nesta vida, mesmo no meio das perseguições, o cêntuplo em casas,* irmãos, irmãs, pai ou mãe ou filhos, e, no século futuro, a vida eterna. Entretanto, muitos dos primeiros serão os últimos,* e muitos dos últimos serão os primeiros".

S41 — *No dia da regeneração.* No fim do mundo tôda a natureza será restaurada, despindo-se de qualquer aparência lutuosa e tomando aspecto florescente e alegre (V. Epístola de S. Paulo aos Romanos: VIII, 18 e seg.; II Epístola de S. Pedro: III, 12-13).

S42 — *Todo aquêlê que deixar a sua casa.* Segundo os intérpretes, refere-se aqui Jesus não aos que abandonam a espôsa, mas sim aos que por amor do Evangelho renunciam ao estado conjugal.

S43 — *O cêntuplo em casas, etc.* O cêntuplo que Jesus promete, não se deve entender literalmente de bens da mesma natureza que a dos renunciados; mas sim de bens muito mais valiosos, que são os eternos. Pode parecer supérflua esta observação. No entanto, da interpretação literal desta passagem nasceu o erro dos chamados "milênários", segundo o qual os eleitos reinariam na Terra com Jesus Cristo por mil anos, desfrutando os bens de que se tivessem privado, centuplicados e na mesma espécie.

S44 — *Muitos dos primeiros serão os últimos.* Veja-se a nota 738.

158 — OS TRABALHADORES DA VINHA

(S. Mateus, XX, 1-16)

"Dá-se com o reino dos céus o que succedeu com um pai de família que ao romper da manhã saiu a contratar trabalhadores para a vindima. Tendo ajustado com os trabalhadores pagar-lhes um denário por dia, mandou-os à sua vinha.

"Saindo de nôvo por volta da terceira hora,* viu outros homens que estava mna praça sem fazer nada, e lhes dis-

se: "Ide vós também para a minha vinha, e vos darei o que fôr justo". E êles foram.

"E o pai da família tornou a sair, ali pela sexta e nona* hora, e fêz o mesmo.

Finalmente, à undécima* hora saiu mais uma vez, e encontrando na praça outros desocupados, perguntou-lhes: "Por que ficais aí o dia todo sem fazer nada?"

"Responderam êles: "Porque ninguém nos contratou para trabalhar".

"Então ide vós também para a minha vinha", disse o pai de família.

"Ao fim da tarde, ordenou êle ao seu feitor: "Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário de um dia, começando pelos últimos, até os primeiros.

"Apresentaram-se, pois, os que tinham chegado à undécima hora, e recebeu cada um o seu denário. Apresentaram-se então os primeiros, imaginando que receberiam maior paga. Mas cada um dêles recebeu também um denário apenas. E ao recebê-lo murmuraram contra o pai de família e lhe disseram: "Os que chegaram por último só trabalharam uma hora e tu os pagas como a nós, que sofremos as fadigas de todo o dia e o calor!"

Dirigindo-se a um dos que reclamavam, respondeu o dono da vinha: "Amigo, não te faço nenhuma injustiça.* Não ajustaste comigo receber um denário? Toma, portanto, o que é teu e retira-te, pois quero dar a êste último tanto quanto dei a ti. Porventura não posso fazer dos meus bens o que acho conveniente? Ou me olhas com maus olhos* porque eu sou bom?"

"Assim os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos".*

845 — *Terceira hora. Sexta e nona hora. Undécima hora.* Nove horas da manhã; meio-dia e três horas; cinco horas da tarde. Veja-se a nota 1209.

846 — *Não te faço nenhuma injustiça, etc.* O mérito de um trabalho ou o valor de uma obra espiritual não se deve aferir pelo tempo que levou nem pelo esforço que exigiu. Não tendo os homens conhecimento perfeito do que quer que seja, como poderão julgar os juízos de Deus? E Jesus Cristo faz ver que, justo sempre para com todos, é senhor de liberalizar as suas graças a quem lhe aprouver e como bem entender.

847 — *Com maus olhos.* No caso, com despeito e inveja.

848 — *Muitos são chamados e poucos os escolhidos.* Os fariseus imaginavam que tinham direito aos primeiros lugares no reino do Messias. Tinham inveja aos Apóstolos e não queriam admitir que o reino de Deus fôsse acessível aos gentios. Chamados como os outros, não

seriam escolhidos, em consequência de sua maldade e incompreensão a respeito da misericórdia divina. Veja-se também a nota 923.

159 — JESUS PREDIZ PELA TERCEIRA VÊZ A SUA PAIXÃO PRÓXIMA
(S. Marc. X, 32-34; S. Mat. XX, 17-19; S. Luc. XVIII, 31-34)

Em caminho para Jerusalém, ia Jesus à frente dos seus discípulos, que o seguiam admirados e cheios de temor. E tomando outra vez de parte os doze Apóstolos, falou-lhes do que estava por lhe acontecer.

“Eis, pois, que subimos para Jerusalém — disse êle. Tudo o que foi escrito pelos profetas acêrca do Filho do Homem, há de cumprir-se. O Filho do Homem será entregue aos Príncipes dos sacerdotes, aos escribas, aos anciãos, que o condenarão à morte e o entregarão aos gentios. E será coberto de injúrias, cuspirão nêle e o açoitarão. Depois de o flagelarem, tirar-lhe-ão a vida. Mas ao terceiro dia ressuscitará”.

Os Apóstolos, porém, nada disto entenderam.* Era aquela uma linguagem misteriosa para êles, e não penetravam o sentido do que lhes dizia Jesus.

849 — *Nada disto entenderam.* Apesar de ser a terceira vez que Jesus anunciava a Paixão, as suas palavras pouco adiantaram. Que os discípulos nada compreenderam do que disse o Salvador nesse momento, é naturalmente fôrça de expressão. O que o evangelista quer dizer é que êles nada compreenderam do que havia de essencial nas palavras do Mestre, isto é, a redenção do gênero humano pelo cruento sacrificio do Filho de Deus feito homem.

160 — O PEDIDO DOS FILHOS DE ZEBEDEU

(S. Mat. XX, 20-28; S. Marc. X, 35-45)

Aproximaram-se então os filhos de Zebedeu, de nome Tiago e João, acompanhados de sua mãe, e disseram a Jesus: “Mestre, quiséramos que nos atendesses um pedido”.

Perguntou Jesus: “Que desejais de mim?”

A estas palavras prostrou-se a seus pés a mãe dos dois discípulos, e suplicou-lhe: “Manda que no teu reino meus filhos se sentem um à tua direita e o outro à tua esquerda”.

E falaram os discípulos também: “Concede-nos que um de nós se sente à tua direita e o outro à tua esquerda, quando chegar a tua glória”.

“Não sabeis o que pedis — replicou Jesus. Podeis beber o cálice que eu tenho de beber,* ou receber o batismo que deverei receber?”

“Podemos”, responderam êles.

“Sim — tornou Jesus — bebereis o cálice que tenho de beber* e receberéis o mesmo batismo que vou receber. Mas quanto ao privilégio de vos assentardes à minha direita

ou à minha esquerda, não compete a mim concedê-lo.* São lugares que pertencem àqueles para quem foram preparados por meu Pai”.

Ao ouvir estas palavras, indignaram-se os outros dez discípulos contra Tiago e João. Mas Jesus os chamou para junto d'ele e disse-lhes: “Sabeis que as nações são dominadas por aqueles que reconhecem como chefes, e que os grandes exercem poder sobre elas. Entre vós não deve ser assim. Todo aquêlê que quiser ser o maior dentre vós, faça-se vosso servo; e quem dentre vós quiser ser o primeiro, faça-se vosso escravo. Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela redenção de muitos”,*

850 — *Concede-nos que nos sentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda.* Os discípulos pensavam em glórias, tronos e outras maravilhas do messianismo político. Como já foi dito em nota, ainda não tinham recebido o Espírito Santo e por isto eram deficientes a sua noção da doutrina evangélica e o seu procedimento de Apóstolos.

851 — *O cálice que eu tenho de beber.* Refere-se Jesus ao cálice de sua Paixão, ao seu batismo de sangue.

852 — *Sim, bebereis o cálice que tenho de beber.* A pronta resposta dos discípulos bem mostra que não medem tôda a extensão do sacrifício a que Jesus alude, e que confiam demais em si. Não obstante, o Salvador confirma que serão capazes do que afirmam, porque toma em conta o heroísmo de sua fidelidade futura e perseverança final, postas à prova no exílio e nos suplicios que vieram a suportar por amor ao Divino Mestre.

853 — *Não compete a mim concedê-lo.* Como já foi dito em nota, apesar de serem comuns às três Pessoas divinas tôdas as obras “ad extra”, algumas delas são especialmente atribuídas ora a uma ora a outra das três Pessoas. Assim, por exemplo, atribui-se a criação ao Pai, a redenção ao Filho e a santificação ao Espírito Santo, como ficou dito em outra nota.

854 — *Pela redenção de muitos.* Jesus morreu pela salvação de todos. Mas, de fato, a redenção, conquanto tenha salvo a muitos, não aproveitou àqueles que deixaram de se valer dela pela fé e pelas boas obras. E assim continuará a suceder até o fim dos tempos.

161 — CURA DOS CEGOS DE JERICÓ

(S. Mat. XX, 29-34; S. Marc. X, 46-52; S. Luc. XVIII, 35-43)

Andava Jesus pelas imediações de Jericó* com os seus discípulos e acompanhado do povo em multidão. Sentados à margem da estrada, mendigando, achavam-se dois cegos,* um dos quais, filho de Timeu, era chamado Bartimeu. Ao ouvir o tropel da multidão que acompanhava a Jesus, Bartimeu perguntou o que era aquilo. Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré que ia passando. Assim que soube que era Jesus de Nazaré quem passava, Bartimeu suplicou em altas vozes:

“Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim!” E desataram os dois a clamar: “Senhor, Filho de Davi, tem piedade de nós!”

Os que iam à frente repreenderam os cegos, ordenando que se calassem. Mais alto ainda passaram êles a gritar: “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós!”

Deteve-se Jesus e ordenou que fizessem chegar ambos à sua presença. Disseram então ao cego Bartimeu: “Tem confiança! Levanta-te que o Senhor te chama”.

Bartimeu arrojou de si o seu manto, levantou-se num salto, e, seguido pelo companheiro,* aproximou-se de Jesus. E Jesus perguntou: “Que quereis que eu vos faça”.

Responderam êles: “Senhor, que se abram os nossos olhos”. E Bartimeu disse, ainda: “Mestre,* faze que eu veja”.

Compadecendo-se dêles, tocou-lhes Jesus os olhos, e disse a Bartimeu: “Pois vê. Vai. A tua fé te salvou”.

No mesmo instante os dois cegos começaram a enxergar, e foram em seguimento de Jesus, glorificando a Deus. Também elevou louvores a Deus o povo que presenciou o prodígio.

Depois seguiram todos para Jericó.

855 — *Andava Jesus pelas imediações de Jericó.* Segundo S. Mateus e S. Marcos a cura dos cegos de Jericó ocorreu quando Jesus saía da cidade; segundo S. Lucas, quando dela se aproximava. A melhor explicação do caso, ao que parece, é a que se baseia no fato de existirem duas cidades com o nome de Jericó: a antiga, em ruínas, que fôra destruída por Josué e por muito tempo permanecera desabitada; e a nova Jericó, aristocrática, construída com especial carinho por Herodes I, o Grande, e seu filho Arquelau. Assim, a cura dos cegos terá ocorrido quando Jesus se encaminhava da primeira para a segunda das duas cidades, isto é, quando saía de uma e ao mesmo tempo se aproximava de outra, estando, em qualquer hipótese, “nas imediações de Jericó”, como consta nesta Sinopse.

856 — *Dois cegos.* S. Mateus diz que eram dois os cegos, ao passo que S. Marcos e S. Lucas citam um só. Não era raro na Palestina, e ainda não é, andarem cegos aos pares, a fim de se auxiliarem mutuamente. Tanto assim que não será fora de propósito supor que Jesus tenha aludido a isto quando falou em “cegos guias de cegos”. No caso dos cegos de Jericó, o mais decidido vem a ser como que a personificação dos dois, enquanto que o outro permanece oculto à sombra do primeiro. Além disto os evangelistas que só mencionam um cego, Bartimeu, fazem-no por ser êste mais conhecido e porque queriam salientar a sua cura.

857 — *Seguido pelo companheiro.* As palavras da epígrafe não estão no Evangelho, mas pelo contexto se demonstra que exprimem o que realmente aconteceu. Foram incluídas nesta Sinopse porque tornam mais fácil a compreensão dos fatos.

858 — *Mestre.* Na Vulgata consta “Rabboni”, título mais respeitoso do que “rabbi” (meu mestre), ou seja, rabino, doutor da lei.

Nos Evangelhos, o termo "Rabboni" só se encontra em duas passagens: aqui e em S. João: XX, 16. Pronuncia-se Rabôni.

162 — CONVERSÃO DE ZAQUEU

(S. Lucas, XIX, 1-10)

Tendo entrado em Jericó, Jesus ia atravessando a cidade.

Ora, morava ali um homem rico chamado Zaqueu, que era um dos chefes dos publicanos. Desejava êle ver a Jesus para ficar conhecendo-o. Não o conseguia, porém, porque, sendo pequeno de estatura, a multidão lhe tolhia a vista. Correu então para frente e subiu a um sicômoro* a fim de ver a Jesus, que deveria passar por ali.

Quando Jesus chegou àquele ponto da cidade, levantou os olhos, viu a Zaqueu e disse-lhe: "Zaqueu, desce daí depressa porque hoje tenho de me hospedar em tua casa".

Baixou Zaqueu da árvore precipitadamente, e com satisfação recebeu a Jesus.

Vendo isto, murmuravam todos, estranhando que Jesus tivesse ido hoperdar-se em casa de um pecador.

Entretanto, Zaqueu, quando se achou frente a frente com o Senhor, disse-lhe: "Resolvi dar aos pobres a metade dos meus bens, Senhor, e a quem tiver lesado restituirei quatro vezes mais".

Respondeu-lhe Jesus: "A salvação entrou hoje nesta casa,* porque também êste é filho de Abraão. Na verdade, o Filho do Homem veio salvar o que se havia perdido".

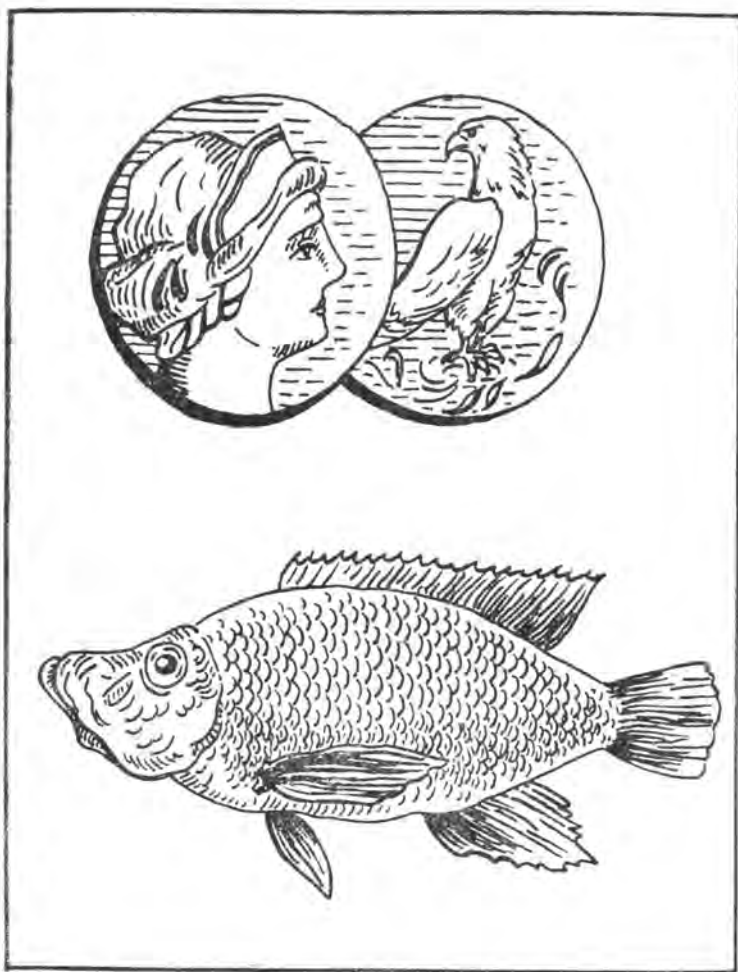
859 — *Sicômoro.* Figueira silvestre. Ainda hoje se encontram essas árvores em Jericó. São de pouca altura. Suas raízes levantam-se da terra em arcos e os galhos começam já na parte inferior do tronco, o que torna muito fácil subir por êle.

860 — *A salvação entrou hoje nesta casa...* A milagrosa cura dos cegos de Jericó tinha maravilhado o povo. A conversão de Zaqueu não maravilhou ninguém. No pensamento de Jesus foi um milagre diferente, mas não menor do que o outro. E' que no caso de Zaqueu — como nota Ricciotti, citando palavras de Jesus — "um camelo havia passado pelo fundo de uma agulha, o que é impossível para os homens, mas não para Deus".

163 — OS DEZ MARCOS DE PRATA

(S. Lucas, XIX, 11-28)

Vendo atentos à sua palavra os que o cercavam, acrescentou Jesus a seguinte parábola,* porque, achando-se êle perto de Jerusalém, o povo estava convencido de que o reino de Deus em breve se manifestaria.



ESTÁTER É O CHAMADO "PEIXE DE S. PEDRO"
("Choronis Simonis"). V. parg. 100.

“Disse êle, pois: “Um homem de nobre ascendência foi a um país distante a fim de receber o cetro de um reino,* mas com a intenção de regressar depois. Antes, porém, chamou dez dos seus servos, deu-lhes dez marcos de prata* e disse-lhes: “Negociai com êste dinheiro até a minha volta”.

“Não queriam saber dêle os seus conterrâneos, e, por isto, depois de ter êle partido, mandaram uma deputação* com a incumbência de fazer saber que não o queriam como rei. Não obstante, foi êle investido no poder de soberano, e, tendo voltado, mandou chamar os servos a quem confiara o seu dinheiro, para informar-se dos lucros que cada um havia obtido.

“Apresentou-se, pois, o primeiro e disse: “Senhor, o teu marco de prata rendeu dez marcos”.

“Muito bem, servo bom — disse o rei. Porque foste fiel no pouco, serás governador de dez cidades”.

“Em seguida apresentou-se o segundo servo e disse: “Senhor, o marco que me confiaste, rendeu outros cinco”.

“E o rei respondeu: “Também tu serás governador, de cinco cidades”.

“Chegou o terceiro servo e disse: “Senhor, aqui está o teu marco. Guardei-o bem num lenço, com receio de ti, porque és um homem exigente, que tiras de onde não pões e colhes o que não semeias”.

“Servo mau — replicou o rei — por tuas próprias palavras te condeno. Se sabias que sou um homem exigente* que airo de onde não ponho e colho o que não semeio, por que não depositaste o meu dinheiro numa casa bancária, para que, ao voltar, eu o recebesse com os seus juros?”

“E ordenou aos que ali estavam: “Tirai-lhe o marco de prata e dai-o ao que tem dez”.*

“Ponderaram-lhe, porém: “Senhor, êsse já tem dez marcos”.

“Redargüiu o rei: “Pois eu vos digo que a todo aquêle que tem, se dará ainda, e terá em abundância;* mas ao que não tem, será tirado mesmo o que possui. Quanto aos meus inimigos, aquêles que não me quiseram como rei, trouxe-os aqui e dai-lhes a morte na minha presença”.

Tendo dito estas palavras, adiantou-se Jesus a todos, e continuou subindo em direção a Jerusalém.

861 — *A seguinte parábola.* Com a parábola, Jesus faz ver que o triunfo do reino de Deus consiste em recompensa ou castigo, conforme o procedimento de cada um, e também que êsse triunfo não ocorreria senão depois de uma ausência do pretendente ao reino, que somente no segundo advento se apresentaria como soberano.

862 — *Um homem de nobre ascendência...* foi receber o cetro de um reino. Entendem alguns intérpretes que Jesus alude aqui ao costume de irem os príncipes tributários de Roma fazer-se reco-

nhecer e coroar na cidade dos Césares. Seria, por exemplo, o caso histórico de Arquelau, filho de Herodes I, o Grande. E como na parábola, também aconteceu que uma comissão de cidadãos foi enviada para levar ao conhecimento da autoridade suprema a oposição dos adversários da dinastia herodiana à pretensão do príncipe.

863 — *Dez marcos de prata.* O marco de prata (“mna” ou “mina”) não era moeda de muito valor. A modicidade da quantia confiada aos servos da parábola destina-se a fazer notar que a prova da fidelidade se faz no pouco, “in modico”.

864 — *Mandaram uma deputação.* Não foram os servos que a enviaram, e sim outras pessoas. E a deputação devia dirigir-se ao soberano de quem o príncipe ia receber a investidura real.

865 — *Se sabias que sou um homem exigente...* Isto é, se em tua opinião sou um homem exigente, etc., por que não procedeste com mais prudência? Aliás, os próprios fatos desmentiam o servo indolente, e o seu senhor não era um homem injusto como insinuava.

866 — *Daio a quem tem dez.* Aqui se vê que o senhor acabava dando aos servos fiéis o dinheiro a eles confiado, e que, portanto, os fizera trabalhar unicamente em proveito deles mesmos. — A passagem em questão significa que nenhuma graça pode ficar inútil. Aquelas que forem rejeitadas pelos maus, reverterão em benefício dos fiéis que não as menosprezam.

867 — *A todo aquêlle que tem, se dará ainda, e terá em abundância.* Estas palavras de Jesus, já ditas em outra ocasião, têm aqui a significação que se segue. Aquêles que possuem a graça e sabem fazê-la frutificar, novas graças receberão, e assim hão de viver na abundância do que para a salvação é necessário. Aquêles que não a possuem, nada tendo conseguido com os dons de Deus visto haverem deixado de fazer render as graças recebidas, nem das boas obras que tiverem praticado tirarão proveito. E serão privados até disto, porque o bem que fizeram, só o terão feito por motivos puramente humanos.

868 — *Dai-lhes a morte na minha presença.* O pecador que se opõe ao reino de Deus pode ser punido com a morte imediata, e muitos certamente o têm sido. Mas o que esta passagem realmente significa é que o pecador impenitente, não escapará da sua punição quer nesta vida, quer na outra. No segundo caso, pela condenação eterna, que é outra espécie de morte.

164 — JESUS UNGIDO EM BETÂNIA

(S. João, XII, 1-11; S. Mat. XXVI, 6-13; S. Marc. XIV, 3-9)

Seis dias antes da Páscoa,* Jesus foi a Betânia, onde Lázaro havia morrido e por êle fôra ressuscitado. Em Betânia ofereceram-lhe uma ceia na casa de Simão, o leproso.* Marta servia, e Lázaro fazia parte dos comensais.

Estando Jesus à mesa, entrou Maria. Trazia um vaso de alabastro, que continha uma libra de precioso bálsamo, feito de nardo legítimo.* Aproximou-se ela de Jesus, ungiu-lhe os pés* e os enxugou com os cabelos.* Depois quebrou o vaso* e esparziu sôbre a cabeça do Mestre o restante do conteúdo. E encheu-se a casa com o cheiro do bálsamo.

Disse então Judas Iscariotes, um dos discípulos de Jesus, aquêles que o havia de entregar: "Por que não se vendeu êste bálsamo por trezentos denários,* para reparti-los entre os pobres?"

Isto disse êle não porque se interessasse pelos pobres, mas porque roubava,* pois, estando encarregado da bôlsa, tirava para si o que nela se depositava.

Alguns dos outros discípulos que presenciavam o que se passava, também se mostraram contrariados* e comentaram entre si: "Para que êste desperdício de bálsamo? O perfume poderia ser vendido por alto preço — mais de trezentos denários — e o que fôsse apurado se daria aos pobres". E censuravam a Maria.

Ciente de tudo o que acontecia, disse Jesus: "Por que molestais esta mulher, se praticou uma obra boa para comigo? Deixai-a que guarde isto para o dia do meu sepultamento.* Pobres, sempre os tereis, e podereis fazer-lhes bem quando quiserdes. A mim, porém, não me tereis sempre.*"

"Esta mulher fêz o que estava em seu poder. Derramando o arômata sôbre mim, antecipadamente embalsamou o meu corpo para a sepultura. Em verdade vos digo, em todo o mundo, onde fôr pregado o Evangelho, há de ser narrado, em memória dela, o que acaba de fazer".

Entretanto, grande número de judeus, vindo a saber que Jesus ali estava, acorreram ao local, não só por causa de Jesus, como também para ver a Lázaro, que êle havia ressuscitado dos mortos. E então os Príncipes dos sacerdotes resolveram dar morte a Lázaro também,* pois muitos se separavam dos judeus* por causa dêle, e passavam a crer em Jesus.

869 — *Seis dias antes da Páscoa.* Jesus terá viajado de Jericó para Betânia durante o dia da sexta-feira anterior, para chegar a Betânia ao pôr-do-sol, hora em que começava oficialmente o sâbado, sendo então proibidas as viagens.

870 — *Simão, o leproso.* Este Simão tinha a alcunha constante da epigrafe porque realmente fôra leproso. Segundo opiniões autorizadas, havia sido curado por Jesus.

871 — *Nardo legítimo.* Óleo aromático extraído dos rizomas, das fôlhas e das espigas da planta do mesmo nome, que dá nas cavidades dos rochedos da Palestina. O nardo extraído das espigas era o mais precioso, e também o mais caro dos perfumes líquidos então conhecidos.

872 — *Ungi-lhe os pés.* Os judeus tinham por hábito honrar os hóspedes oferecendo-lhes finas essências para se perfumarem. Maria vai além. Um pressentimento angustioso, uma intuição mística, própria dos grandes contemplativos, fá-la compreender que Jesus seria morto em breve sem que ela pudesse prestar-lhe as honras

derradeiras, da embalsamação, e por isto resolve fazê-lo antecipadamente. E Jesus aludirá em seguida a essa intenção piedosa de Madalena.

873 — *Enxugou-lhe os pés com os cabelos.* Veja-se a nota 192

874 — *Quebrou o vaso.* Provavelmente com a delicada intenção de evitar que fôsse aproveitada por outra pessoa alguma sobra do aroma que estava sendo empregado em Jesus.

875 — *Trezentos denários.* Este preço atribuído à libra de bálsamo (350 gramas) que Maria gastara, era uma quantia considerável. Representava aproximadamente o que se poderia pagar em geral por um ano de trabalho.

876 — *Porque roubava.* Estava confiada a Judas a bolsa comum dos Apóstolos. Era êle o tesoureiro do grupo. Perdeu-o a ambição, a inveja, o amor ao dinheiro. — A resistência que Jesus opôs às pretensões dos que pretendiam aclamá-lo rei, logo depois da primeira multiplicação dos pães, encheu-o de decepção e amargura: esperava um lugar proeminente no reino do Messias. Os seus sonhos desvaneceram-se. Ficou apenas o ressentimento contra Jesus. E com o andar do tempo, Judas foi endurecendo no pecado, e, afinal, chegou ao cúmulo de roubar. A respeito do caso de Judas, veja-se a nota 296.

877 — *Alguns dos outros discípulos também se mostraram contrários.* Judas reprovou a ação da irmã de Lázaro por mesquinho interesse, enquanto que os outros discípulos só a reprovaram por lhes parecer que aquêle "desperdício de bálsamo" não agradaria a Jesus, sempre tão sóbrio e humilde. E se também observaram que o valor do perfume poderia ser dado aos pobres, foi realmente por espírito de caridade e por acreditarem que Jesus pensava do mesmo modo.

878 — *Deixai-a que guarde isto para o dia do meu sepultamento.* Isto é, deixai que a sua caridade de me ungrir agora, fique reservada para consôlo seu no dia em que me sepultarem.

879 — *A mim não me tereis sempre.* E' claro que Jesus falava exclusivamente de sua presença corporal.

880 — *Resolveram dar morte a Lázaro também.* Com certeza não deixaram de pensar que Lázaro poderia ser ressuscitado outra vez. Mas provavelmente resolveram dar morte a Lázaro depois de matarem a Jesus, porque não acreditavam que o Salvador ressuscitasse para fazer Lázaro voltar à vida.

881 — *Pois muitos se separavam dos judeus.* Isto é, da Sinagoga, porque os judeus expulsavam dela os que passavam a crer em Jesus.

XVIII — ÚLTIMAS INSTRUÇÕES, NO TEMPLO

165 — ENTRADA TRIUNFAL EM JERUSALÉM

(S. João, XII, 12-19; S. Mat. XXI, 1-11, 14-17; S. Luc. XIX, 29-44; S. Marc. XI, 1-11)

No dia seguinte,* o povo que tinha chegado para a festa, ficou sabendo que Jesus se aproximava de Jersualém, e, pegando em ramos de palmeiras, saiu a recebê-lo.

Quando Jesus chegou a Betfagé,* nas cercanias de Jersualém e Betânia, junto ao monte chamado das Oliveiras, enviou à frente dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: "Ide à aldeia que está diante de vós. Assim que a ela chegardes, encontrareis uma jumenta prêsa, e com ela um jumentinho,* que está atado, e ainda não foi montado por ninguém. Desamarrai-os e trazei-os aqui. Se alguém vos fizer alguma objeção e perguntar: "Que estais fazendo? Por que desprendeis êsses animais?" respondei que é porque o Senhor precisa dêles, e então vos deixarão trazê-los".

Com tudo isto que aconteceu, cumpriu-se o que fôra anunciado pelo profeta,* quando ordenou se dissesse à Filha de Sião* que o seu rei viria a ela cheio de mansuetude, e montado em jumento,* num jumentinho, cria dum animal de carga.

Tendo-se pôsto em caminho os discípulos enviados à aldeia, encontraram junto à porta, fora, numa encruzilhada, a jumenta e o jumentinho atado, como Jesus tinha dito que o encontrariam. Fazendo o que lhes fôra ordenado, o desamarraram. Mas na ocasião em que o desamarravam, os donos que lá estavam com outras pessoas, os interpeelaram: "Que estais fazendo? Por que desatais êsse jumento?" E êles responderam como Jesus lhes recomendara: "Porque o Senhor precisa dêle". Então deixaram que o levassem. E os discípulos conduziram o jumentinho e a jumenta.

Depois puseram sôbre êles os seus mantos, e Jesus montou.

Assim sendo, achou Jesus um jumentinho e nêle montou como está escrito: "Não temas, Filha de Sião, que aí vem o teu rei montado sôbre o filhinho da jumenta".

A princípio os discípulos não atinaram com o sentido do que sucedia. Mas quando Jesus foi glorificado, então lhes ocorreu que essas coisas tinham sido escritas a respeito dêle, e que êles mesmos haviam concorrido para que se realizassem.

À passagem de Jesus, grande número dos da multidão presente estendiam os seus mantos no caminho, e outros cortavam ramos de árvores e juncavam a estrada. E quando Jesus já ia chegando ao declive do Monte das Oliveiras, todos os seus discípulos, transportados de júbilo, começaram a louvar a Deus em altas vozes, por causa de tôdas as maravilhas que haviam presenciado. E clamavam: "Bendito seja o rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas!"

E as turbas que iam à frente e as que vinham atrás, também clamavam, dizendo: "Hosana ao Filho de Davi!* Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Bendito seja o reino que é chegado de nosso pai Davi! Hosana nas alturas! Hosana! Bendito seja o rei de Israel que vem em nome do Senhor!"

Fazia-lhe esta manifestação o povo que estivera com Jesus quando êle chamou a Lázaro do sepulcro e o ressuscitou dos mortos. E também por isto veio gente ao seu encontro,* pois tinham ouvido dizer que êle realizara êsse milagre.

Os fariseus, porém, diziam uns aos outros: "Vêdes como nada conseguimos? Lá vai todo o mundo atrás do homem!" E alguns dêles, que seguiam com a multidão, disseram a Jesus: "Mestre, chama à ordem os teus discípulos".

E Jesus respondeu: "Asseguro-vos que, se êles se calarem, as próprias pedras clamarão".

Tendo chegado às proximidades de Jerusalém, viu Jesus a cidade, e chorou* sôbre ela dizendo: "Oh! se ao menos neste dia que ainda te é concedido, tu conhecesses o que te pode trazer a felicidade! Mas isto agora está oculto aos teus olhos. Virão dias funestos para ti,* em que os teus inígnos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, apertando-te por todos os lados. Derrubar-te-ão por terra, assim como aos teus filhos que em ti estão, e dentro de ti não deixarão pedra sôbre pedra, porque não conhecestes o tempo em que foste visitada".

Entrou Jesus em Jerusalém, e tôda a cidade ficou em alvoroço. E perguntavam: "Quem é êste?" E a multidão respondia: "E' Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia".

E Jesus foi ao templo de Deus. Cegos e aleijados ali se aproximaram dêle, e os curou.

Ante os prodígios que realizara, e vendo os meninos clamaram no Templo: "Osana ao Filho de Davi!," os Príncipes dos sacerdotes e os escribas indignaram-se e lhe disseram: "Estás ouvindo o que dizem?"

Respondeu Jesus: "Sim. nunca lêstes o texto que diz: "Da bôca dos meninos e das crianças de leite recebeste o perfeito louvor?"*

Em seguida afastou-se deles. E depois de ter observado tudo em derredor, saiu da cidade já bastante tarde, e em companhia dos Apóstolos voltou para Betânia, onde ficou.

882 — *No dia seguinte.* No dia seguinte ao da ceia em Betânia. No domingo, portanto.

883 — *Betfagé.* Pequena povoação situada a noroeste de Betânia, entre esta aldeia e a cidade de Jerusalém.

884 — *Uma jumenta... e um jumentinho.* Na Palestina, os jumentos eram montada de pessoas notáveis. — Até então, sempre fugira Jesus às aclamações do povo. Agora toma providências para que a sua entrada em Jerusalém se efetue com aparato. E' porque assim dispusera Deus Pai, mandando anunciar pelos profetas o grande acontecimento.

885 — *O que fôra anunciado pelo profeta.* E' uma profecia de Isaías (LXII, 11) e de Zacarias. (IX, 9) Não a cita Jesus textualmente. Dá apeans o seu sentido. — Emprega o Salvador a palavra "profeta" como termo genérico; alusivo, portanto, a Isaías e Zacarias.

886 — *Filha de Sião.* Designação poética da cidade de Jerusalém, construída na sua maior parte sôbre o monte Sião.

887 — *Montado em jumento.* S. Mateus diz: "...sôbre uma jumenta e um jumentinho", ao passo que S. Marcos, S. Lucas e S. João só mencionam o segundo animal. Conforme alguns intérpretes, Jesus terá utilizado os dois: primeiramente a jumenta, para não cansar demais o jumentinho; e depois êste, montado no qual fêz a última parte do trajeto e entrou em Jerusalém. Segundo as prescrições da lei mosaica, os animais destinados a qualquer ato sagrado deviam ser escolhidos entre os que ainda não tivessem sido postos a serviço dos homens. Estava neste caso o jumentinho ainda não montado. Com a alusão ao fato, Jesus fizera ver que a sua entrada em Jerusalém seria um acontecimento de natureza religiosa.

888 — *Hosana ao Filho de Davi.* A palavra hebraica "hoschana", de que se deriva a expressão "hosana", significa: salvai, peço-vos. Tratava-se de um apêlo a Deus, freqüentemente lido nas sinagogas, sendo, portanto, muito conhecido entre o povo. Aplicada a Jesus naquela ocasião, importava no reconhecimento de que êle era o Messias prometido a Israel.

889 — *Veio gente ao seu encontro.* Refere-se o evangelista ao povo de Jerusalém.

890 — *Chorou.* O Filho de Deus chorou de pesar pela ingratidão com que Jerusalém respondera ao seu amor, e pela sorte horrível que a esperava (Veja-se a nota seguinte).

891 — *Virão dias funestos para ti.* Realizou-se a predição de Jesus no ano 70 da nossa era. Para reprimir sublevações dos judeus, atacaram a cidade, sucessivamente, os generais romanos Vespasiano e Tito. Êste último mandou cercá-la a fim de reduzir os seus habitantes pela fome. E conseguiu-o. Conta-se que o flagelo chegou a tais extremos que os sitiados procuravam matar a fome com o que

encontravam nos esgotos. Afinal Tito tomou a cidade e mandou arrasá-la depois de ter feito passar a fio de espada os sobreviventes. Ordenara que respeitassem o Templo. Mas um soldado o incendiou. — Quando Jesus disse que na cidade não ficaria pedra sobre pedra, é claro que empregou uma locução hiperbólica, querendo apenas dizer que Jerusalém seria inteiramente destruída, como realmente aconteceu.

892 — *"Da boca dos meninos e das crianças recebeste o perfeito louvor"*. — Faz ver o Salvador que até os hosanas dos meninos desde muito tinham sido vaticinados. As palavras que cita são do salmo VIII, e nelas se vê empregado o "pretérito profético". Muitos acontecimentos futuros foram assim anunciados no Antigo Testamento, com o emprego dos verbos no passado.

166 — A FIGUEIRA SEM FIGOS

(S. Marc. XI, 12-15; S. Mat. XXI, 18-19)

No outro dia,* tendo saído de Betânia e voltando ainda de manhã para a cidade, Jesus sentiu fome. Nisto enxergou de longe, à beira do caminho, uma figueira coberta de fôlhas, e adiantou-se para ver se acaso acharia nela alguns frutos. Mas quando se aproximou da árvore, nada encontrou senão fôlhas, porque não era tempo de figos.

Então falou-lhe assim: "Nunca mais coma alguém dos teus frutos!* Nunca mais nasça de ti fruto algum!"

E ouviram os seus discípulos estas palavras.

Em seguida chegaram a Jerusalém.

893 — *No outro dia*. Isto é, na segunda-feira.

894 — *Nunca mais coma alguém dos teus frutos*, etc. Havia na Palestina figueiras que davam frutos fora de tempo. Mas Jesus sabia que não encontraria figos naquela. Quis apenas praticar um ato de valor simbólico. Tinham-no feito os antigos profetas. Jeremias, por exemplo, que mandara quebrar um cântaro de barro para representar a destruição de Judá e de Jerusalém. A figueira coberta de fôlhas, porém sem figos, representava a Sinagoga, riquíssima de cerimônias exteriores, mas destituída de valor espiritual, e que por isto merecia a maldição da esterilidade perpétua. — Condenando a figueira que não tinha frutos, mas somente fôlhas, mostra Jesus o que pode fazer a uma alma estéril de boas obras. Jesus sacrifica a árvore para advertir o homem, e assim salvá-lo.

167 — GENTIOS QUEREM VER A JESUS

(S. João, XII, 20-26; S. Marc. XI, 19)

Entre os que tinham ido adorar a Deus no dia da festa, havia alguns gentios.* Dirigiram-se eles a Filipe, natural de Betsaida da Galiléia, e lhe pediram: "Senhor, desejamos ver a Jesus". Filipe foi dizer isto a André, e depois André e Filipe o disseram a Jesus.

E Jesus lhes respondeu: "E' chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem.* Em verdade, em verda-

de vos digo que se o grão de trigo não cair em terra e não morrer, ficará estéril; mas se morrer, muitos frutos produzirá. Aquêlo que ama a sua vida, virá a perdê-la,* mas o que aborrecer a sua vida neste mundo, há de conservá-la para a vida eterna. Quem quiser servir-me, siga-me, e onde eu estiver, aí também estará aquêlo que me serve. Quem me servir será honrado por meu Pai.

“Agora está perturbada a minha alma.* E pedirei eu que o Pai me livre desta hora? Mas se foi para isto que cheguei a esta hora. Pai, glorifica o teu nome”.*

Veio então uma voz do céu, que disse: “Já o glorifiquei e tornarei a glorificá-lo”.

O povo que ali estava e tinha ouvido, disse: “Foi um trovão”.* E diziam outros: “Foi um anjo que lhe falou”.

Disse-lhes, entretanto, Jesus: “Esta voz não se fêz ouvir por minha causa,* mas por amor de vós. Agora vai ser julgado o mundo.* Agora será expulso o príncipe dêste mundo.* do.* E eu, quando fôr erguido da Terra, atrairei tudo a mim”.*

Com estas palavras indicava a espécie de morte que lhe estava reservada.

Falou então o povo: “Aprendemos na Lei que o Cristo permanece eternamente.* Como, pois, disseste tu: “Cumpre que o Filho de Homem seja suspeuso? Quem é êsse Filho do Homem?”

Respondeu Jesus: “A luz estará convosco por pouco tempo ainda. Andai enquanto tendes luz, crêde na luz, para que não vos surpreendam as trevas, pois quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. Enquanto tendes luz, crêde na luz, para que sejais filhos da luz”.

Tendo dito isto, Jesus retirou-se, ocultando-se aos olhos dos judeus. E ao cair da tarde saiu da cidade.

895 — *Alguns gentios.* A respeito dêstes gentios considera-se opinião mais verossímil a de que tinham ido adorar o Deus de Israel, atraídos pela fama dos milagres de Jesus. Leva a crer que não tinham a intenção de falar ao Divino Mestre o fato de Jesus não lhes dirigir a palavra.

896 — *E' chegada a hora em que será glorificado o Filho de Deus.* Jesus não diz que será glorificado porque os gentios querem vê-lo. Alude, sim, à glória de ser o Redentor de todo o gênero humano e de virem e crer nêle todos os povos. E precisamente por aludir à Redenção é que em seguida fala de sua morte e dos frutos que dela resultarão.

897 — *Aquêlo que ama a sua vida virá a perdê-la...* Vejam-se as notas 445 e 548.

898 — *Agora está perturbada a minha alma,* etc. Jesus fala consigo mesmo. E deixa-nos estas palavras a fim de que não suponhamos que estava isento de natural amor à vida ou do horror à morte e aos vexames por que teria de passar.

899 — *Pai glorifica o teu nome.* Diz Jesus a Deus Pai que não o poupe, visto que com a sua morte resplandecerá a glória divina.

900 — *Já o glorifiquei e tornarei a glorificá-lo.* Isto é, os teus milagres e a tua obediência têm redundado em glória para mim; e muito mais glória me hão de trazer a tua ressurreição e a fundação da Igreja, da qual farão parte muitas nações, em que o meu nome é desconhecido.

901 — *Foi um trovão,* etc. Todos ouviram a voz de Deus, porém não de igual modo. Os Apóstolos — alguns deles, pelo menos — reconheceram a palavra divina; outras pessoas presentes perceberam no fato alguma coisa de extraordinário, e por isto disseram que havia falado um anjo; mas houve também quem tomasse a voz de Deus por um trovão, ou seja, por um simples fenômeno da natureza. Explicam-se estas diferenças, porque a voz de Deus não se faz ouvir e compreender senão conforme as disposições dos homens para a receber.

902 — *Esta voz não se fez ouvir por minha causa.* Não se fez ouvir a voz de Deus para informar a Jesus do que dizia, mas somente para que os homens cressem no que era confirmado por aquêlê testemunho do Céu.

903 — *Agora vai ser julgado o mundo.* O homem, deixando-se arrastar ao pecado, merecera ficar escravizado a Satanás. Não é que Satanás tivesse merecido tornar-se senhor do homem. E' que Deus lhe havia abandonado o pecador. — Trata-se agora de julgar se o mundo deverá permanecer sob o jugo da tirania infernal ou se deverá ser libertado. E então Jesus Cristo prontifica-se a redimir o gênero humano à custa do seu sangue, estabelecendo assim em tôda parte o reino de Deus. E Satanás só terá, sôbre os homens, o poder que êles lhe permitirem tomar. E' a virtude da morte redentora de Jesus que assim se manifestará plenamente, e que, por antecipação, também aproveitou aos justos do Antigo Testamento.

904 — *Será expulso o Príncipe dêste mundo.* Satanás será destituído do seu império no mundo, onde se instalou como príncipe, pelos motivos expostos.

905 — *Quando fôr erguido da terra, atrairei tudo a mim.* A cruz em que serei pregado, há de converter-se em instrumento de bênção e de salvação, e dela mesmo atrairei a mim todos os povos.

906 — *Aprendemos que o Cristo permanece eternamente.* Interpretando o texto sagrado de acôrdo com as suas esperanças de vitórias e grandezas temporais a serem trazidas pelo Messias, os judeus escarneciam da declaração de Jesus, de que seria sacrificado.

168 — A FIGUEIRA SÊCA, A FÉ E A ORAÇÃO

(S. Marc. XI, 20-27; S. Mat. XXI, 20-22; S. Luc. XIX, 47-48)

No dia seguinte,* pela manhã, os discípulos, ao passarem, viram que secara até às raízes a figueira amaldiçoada por Jesus. Muito admirados, exclamaram: "Como secou depressa!" E Pedro, tendo-se lembrado do que ocorrera, disse: "Mestre, olha como secou a figueira que amaldiçoaste".

Respondendo, disse Jesus: "Tende fé em Deus. Em verdade vos digo que, se tiverdes fé sem hesitações, não só podereis fazer isto a uma figueira, mas também se disserdes a este monte: "Sai daí e lança-te ao mar",* há de isto acontecer, contanto que não vacieis no coração, mas creiais que se realizará tudo o que tiverdes dito.

"Eis por que vos digo: "Crêde firmemente que recebereis o que pedirdes na oração, e tudo vos será concedido".

"E se tiverdes alguma coisa contra alguém, quando fordes orar perdoai-lhe, para que vosso Pai que está nos céus, também perdôe os vossos pecados, pois se vós não perdoardes, vosso Pai que está nos céus, também não perdoará os vossos pecados".

E voltaram outra vez a Jerusalém.

E todos os dias Jesus ensinava no Templo. Os Príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos do povo* procuravam perdê-lo, mas não achavam meio de lhe fazer mal, porque o povo todo o ouvia enlevado.

907 — *No dia seguinte.* Na terça-feira.

908 — *Se disserdes a este monte: "Sai e lança-te ao mar..."* Veja-se a nota 560.

909 — *Os Príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos do povo.* Era o Sanedrim em péso, o Grande Conselho da nação, com os seus grupos constitutivos: o dos Príncipes dos sacerdotes (também chamados Sumos Sacerdotes), que, representando a aristocracia sacerdotal, era formado pela pessoa investida dessa dignidade, por Sumos Sacerdotes de anos anteriores, e por membros das famílias de que provinham êsses sacerdotes principais (Holzmeister); o dos escribas ou doutôres da lei, grupo popular e dinâmico por excelência, em sua maior parte formado por leigos e fariseus; o dos anciãos, que representavam a aristocracia dos leigos e se compunha de cidadãos idosos, é claro, mas sobretudo abastados ou de prestígio.

169 — JESUS CONFUNDE OS SEUS INIMIGOS

(S. Luc. XX, 1-8; S. Mat. XXI, 23-27; S. Marc. XI, 27-33)

Num daqueles dias, tendo Jesus ido ao Templo e andando por êle, a instruir as turbas e a anunciar o Evangelho, aproximaram-se-lhe, em grupo, na ocasião em que pregava, os Príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos do povo, e lhe falaram nestes termos: "Dize-nos: com que autoridade fazes tu essas coisas?* Quem te deu poder para fazê-las?"

Redarguiu-lhe Jesus: "Quero eu também vos fazer uma pergunta. Se me responderdes a ela, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. Dizei-me, pois:

donde vinha o batismo de João,* do céu ou dos homens? Respondei”.

Puseram-se êles a refletir, dizendo consigo mesmo: “Se respondermos que o batismo de João era do céu, êle nos perguntará: “Então por que motivo não acreditastes nêle?” E não podemos dizer que era dos homens, por causa do povo, pois tôda esta gente nos apedrejaria, visto terem como certo que João era realmente um profeta. Decidiram-se então a responder que não sabiam donde era o batismo de João, e disseram a Jesus: “Ignoramos”.

E Jesus lhes replicou: “Pois também eu não vos digo” com que autoridade faço estas coisas”.

910 — *Com que autoridade fazes tu essas coisas?* Era uma interpelação acintosa que faziam ao Salvador. Fala-se assim a um impostor. E por isto respondeu Jesus sobranceiramente aos seus adversários.

911 — *Donde vinha o batismo de João?* A pergunta de Jesus contém a informação que lhe pediam, pois a origem do seu poder e da sua missão era a mesma de onde vinha o batismo de João Batista, isto é, o Céu.

912 — *Pois também eu não vos digo...* Fala assim Jesus porque os seus adversários, negando maliciosamente o que sabiam a respeito de João, se mostravam indignos de ouvir ali a confirmação da verdade.

170 — OS DOIS FILHOS

(S. Mat. XXI, 28-32; S. Marc. XII, 1)

Passando Jesus a falar em parábolas, disse:

“Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, ordenou-lhe: “Meu filho, vai trabalhar hoje na minha vinha”. Respondeu o filho: “Não quero ir”. Mas depois, tocado de arrependimento, foi trabalhar.

Indo ter com o segundo, o pai deu-lhe a mesma ordem. “O filho, respondendo, disse: “Vou, Senhor”; e entretanto não foi.

“Qual dos dois filhos fêz a vontade de seu pai?”

“O primeiro”, responderam-lhe.

E Jesus disse: “Em verdade vos digo que publicanos e mulheres de má vida entrarão primeiro do que vós no reino de Deus. Porque João vos mostrou o caminho da justiça, e não acreditastes nêle, ao passo que tanto publicanos como mulheres de má vida creram nas suas palavras. E vós, nem vendo isto vos convertestes* para lhe dar fé”.

913 — *E vós, nem vendo vos convertestes.* Nesta parábola, compara Jesus os seus adversários ao filho que obedece somente em palavras; e os outros, os elementos desprezados pelo povo eleito,

que se haviam convertido com a pregação de João Batista, comparando o Salvador ao filho que primeiramente se mostrou rebelde, mas acabou obedecendo. E nota que a falta dos desidiados é mais grave ainda, porque nem a impressionante conversão de publicanos e mulheres transviadas conseguira fazê-los admitir que também eles deviam converter-se e crer em João Batista, acolhendo-o como precursor do Messias.

171 — OS VINHATEIROS HOMICIDAS
(S. Mat. XXI, 33-46; S. Marc. XII, 1-12; S. Luc. XX, 9-19)

Dirigindo-se ao povo,* propos Jesus a seguinte parábola:*

“Ouvi-me. Um homem, pai de família, plantou uma vinha, cercou-a com muro, cavou e nela fez um lagar e edificou uma torre. Arrendou-a depois a uns agricultores, e saiu do país por muito tempo.

“Ao chegar a época da vindima, mandou um servo aos agricultores, para cobrar deles a sua parte do que produzira a vinha. Mas os vinhateiros agarraram o servo, e, depois de o terem ferido, o despediram com as mãos vazias.

“Enviou outro servo o dono da vinha. Mas os agricultores o apedrejaram, ferindo-o na cabeça, cumularam-no de injúrias e o despediram sem lhe dar nada.

“O dono da vinha mandou um terceiro servo, e eles, ferindo e expulsando também este, o mataram.

“Foram-lhes ainda enviados outros servos* em número maior do que os primeiros, e eles fizeram-lhes o mesmo, ferindo uns e matando outros.

“Tendo ainda um filho a quem muito amava, finalmente disse o proprietário da vinha: “Que hei de fazer? Enviarei meu filho bem amado. Quando o virem, não lhe faltará ao respeito. Com certeza hão de acatar meu filho”.

“Entretanto, os vinhateiros, vendo o filho do rendeiro, disseram uns aos outros: “Este é o herdeiro. Se o matarmos, a vinha acabará sendo nossa. Vamos, matemo-lo, e nos tornaremos proprietários da sua herança”. E apoderando-se dêle, puseram-no fora da vinha e o mataram.

“Pergunto-vos agora: quando vier o senhor da vinha, que fará aos agricultores de que falo?”.

Responderam-lhe: “Mandarão matar sem piedade os malfeteiros, e arrendará a sua vinha a outros vinhateiros que lhe paguem os frutos no tempo da vindima”.

“Sim — disse Jesus — ele há de vir e dará cabo dos tais agricultores e entregará a outros a vinha”.

Ao ouvirem isto, disseram os que o escutavam: “Não o permita Deus!”

Olhando então para êles, disse Jesus: "Que significa o que está nas Escrituras?* Nunca lêstes a passagem que diz: "A pedra que os construtores rejeitaram,* tornou-se pedra angular. Foi o Senhor quem fêz isto, e é coisa admirável aos nossos olhos".

"Declaro-vos, pois, que o reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que o faça produzir os seus frutos.

"Quem cair sôbre esta pedra, ficará em pedaços, e será esmagado aquêle sôbre quem ela cair".

Depois de ouvirem estas palavras, os Príncipes dos sacerdotes, os fariseus e os escribas perceberam que era a seu respeito que Jesus falara. E compreendendo que a parábola dos vinhateiros era dirigida contra êles, chegaram a se movimentar para o prender naquele mesmo instante; mas ficaram com receio do povo, que considerava a Jesus como profeta.

914 — *Dirigindo-se ao povo.* Segundo S. Mateus e S. Marcos, Jesus propôs diretamente aos seus adversários a parábola dos vinhateiros homicidas; Mas S. Lucas diz que o Salvador falou ao povo, porque era a êste que se dirigia quando os outros vieram interrompê-lo, sendo que o povo ali permaneceu, formando o seu principal auditório.

915 — *A seguinte parábola.* Esta segunda parábola simboliza a reprovação em que incidiram os judeus por não acreditarem na missão divina de Jesus Cristo, e bem assim a salvação oferecida aos pecadores e aos pagãos, que, uma vez convertidos, também são acolhidos no reino de Deus.

916 — *Outros servos.* Os servos de que Jesus fala são os profetas. Entre outros, Miquéias, aprisionado por Acab; Eliseu, perseguido por Jorão; Jeremias, apedrejado; Isaías, serrado ao meio; Zacarias, morto num dos átrios do Templo.

917 — *O que está nas Escrituras.* Nos Salmos: CXVII, 22, e em Isaías: XXVIII, 16.

918 — *A pedra rejeitada tornou-se pedra angular.* Este símbolo, já empregado no Antigo Testamento, aplica-se admiravelmente a Jesus Cristo, que, apesar de rejeitado por seus inimigos de todos os tempos, é a pedra angular da região e da civilização.

172 — OS CONVIDADOS PARA O BANQUETE DE NÚPCIAS
(S. Mat. XXII, 1-14)

Continuou Jesus a falar, e disse, ainda, em parábola;*"Dá-se com o reino dos céus coisa semelhante com o que sucedeu quando um rei, celebrando as núpcias de seu filho,* mandou servos incumbidos de chamar os convidados para as bodas, e êstes se recusaram a ir.

"Enviou então o rei outros servos com esta recomendação: "Dizei aos convidados que já preparei o banquete, que

já mandei abater os meus bois e os animais cevados, enfim, que já está tudo pronto. Que venham, pois, às bodas”.

“Mas os convidados não deram importância ao convite. Um foi para o seu campo e outro para o seu negócio. Os restantes agarraram os servos que o rei enviara, e, depois de os haverem ultrajado, os mataram.*

“Ao ter notícia disto, indignou-se o rei, fêz marchar os seus exércitos, exterminou os assassinos e pôs fogo à sua cidade.

“Depois disse aos seus servos: “As bodas estão preparadas, mas os que estavam convidados não foram dignos dela. Ide, pois, às encruzilhadas e convidai para os bodas quantos encontrardes”.

“Saíram os servos pelos caminhos, e reuniram todos os que encontraram, sem discriminação. E a sala do banquete de núpcias ficou cheia de convidados.

“Entrou depois o rei para ver os que se achavam à mesa. Deparando-se-lhe na sala um homem que não estava com a veste nupcial,* perguntou-lhe: “Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial?” E o homem não pôde responder.

“Ordenou, pois, o rei aos seus servos: “Atai-o de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.

919 — *Disse, ainda, em parábola.* Esta parábola, muito semelhante à que propusera, meses antes, em casa de um fariseu, contém clara advertência aos que naquela mesma hora planejavam mandar prender a Jesus e dar-lhe a morte.

920 — *As núpcias de seu filho.* As núpcias de Jesus Cristo e a Igreja. A figura das bodas, com este sentido, encontra-se já no Antigo Testamento (Salmo XLIV).

921 — *Depois de os terem ultrajado, os mataram.* À primeira vista, parece isto uma inverossimilhança. Por que matar os encarregados de fazer um convite de núpcias? Mas é o que realmente tem sucedido aos servos de Deus que convidam os homens para o banquete no reino do céu. Aconteceu na época remota dos profetas e tem acontecido até nos nossos dias, em terras de missões.

922 — *Veste nupcial.* Era uma veste de cerimónia que os reis do Oriente costumavam oferecer a quem convidavam para os banquetes de núpcias. Considerava-se afronta apresentar-se sem ela um convidado. Em geral é tomada na Igreja como símbolo da veste baptismal da inocência, conservada intata ou recuperada por meio do sacramento da confissão.

923 — *Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.* Na opinião de abalizados comentadores, esta desproporção quantitativa dos “chamados” sobre os “escolhidos” verifica-se em relação aos judeus apenas, que na sua maioria desprezaram a pregação do Evangelho. Não se deve, pois, entender dos que entram no grêmio da Igreja.

173 — O TRIBUTO DE CÉSAR

(S. Mat. XXII, 15-22; S. Marc. XII, 13-17; S. Luc. XX, 20-26)

Então os fariseus afastaram-se de Jesus e foram combinar entre si um modo de o surpreender* nas suas palavras. Não o perdendo de vista, enviaram a êle, com ordem de o manter em observação, alguns dos seus discípulos, em companhia dos herodianos. Tinham-lhes recomendado que se fingissem de justos para o surpreenderem no que dissesse, a fim de o entregarem à autoridade e poder do Governador.

Chegando, pois, os enviados, falaram a Jesus: "Mestre, sabemos que és amigo da verdade, que dizes e ensinas o que é direito, sem te deixares constranger por causa de ninguém, visto que não te permites parcialidades pessoais, e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, sem atender à respeito humano, porque não levas em consideração o exterior dos homens. Assim sendo, dize-nos o que te parece: é lícito pagarmos tributo a Cesar ou não?"*

Conhecendo a sua perfídia e penetrando-lhes a astúcia, disse-lhes Jesus: "Por que me experimentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do tributo, dai-me um denário para eu o ver".

Apresentaram-lhe um denário.

E Jesus perguntou: "De quem é esta imagem e a inscrição?"*

"De César",* responderam.

Tornou-lhes Jesus: "Dai, pois, a César o que é de César,* e a Deus o que é de Deus".

Ao ouvirem isto, os discípulos dos fariseus e os herodianos ficaram pasmados. Não tendo conseguido surpreender a Jesus em palavra alguma, diante do povo, e sentindo-se tomados de admiração pela sua resposta, calados afastaram-se d'êle e se retiraram.

924 — *Um modo de o surpreender.* Procuravam apanhar a Jesus em alguma palavra que pudessem alegar para indispor-lo com o Governo ou com o povo.

925 — *E' lícito pagarmos tributo a César ou não?* A pergunta era cavilosa: se Jesus respondesse afirmativamente, incorreria no desagrado do povo, que considerava indigno dos filhos de Abraão pagarem tributo a autoridades pagãs; se fôsse negativa a resposta, teria Jesus contra si o Governo e os seus partidários, os herodianos, podendo ser denunciado como instigador de rebelião.

926 — *De quem é esta imagem e inscrição?* O denário apresentado a Jesus foi provavelmente o do imperador Tibério, então no trono. Jesus fêz a pergunta da epigrafe porque queria que os seus antagonistas mesmo estabelecessem os elementos básicos da questão.



DENARIO OU DINHEIRO. Inscrições em latim, abreviadas. No anverso: «Pontifex Maximus», Pontífice Máximo. No reverso: «Ti (berius) Caesar Divi Aug (usti) F (ilius) Augustus», isto é, Tibério César, Filho do Divino Augusto, e também Augusto (excelso).

Assim já procedera Sócrates, introduzindo o chamado "método interrogativo" nas discussões filosóficas.

927 — *De César.* Nome que costumavam tomar os imperadores romanos, depois de Júlio César.

928 — *Dai, pois, a César o que é de César, etc.* Uma resposta irreplicável. Jesus deu à questão inesperada amplitude. Dar a César o que é de César, não é somente pagar tributos, mas também aceitar lealmente os deveres do cidadão para com o Estado em tudo o que pertencer ao domínio do Estado. E dar a Deus o que é de Deus é conservar-se fiel ao dever religioso e pugnar sempre pelos direitos sagrados e intangíveis da consciência, mesmo em oposição ao Estado, quando este cai no abuso das exigências iníquas.

174 — OS SADUCEUS E A RESSURREIÇÃO

(S. Marc. XII, 18-27; S. Mat. XXII, 23-33; S. Luc. XX, 27-40)

Naqueles dias foram ter com Jesus alguns saduceus — os quais negam a ressurreição — e lhe fizeram a seguinte pergunta: "Mestre, Moisés nos deu por escrito o preceito* de que, se morrer alguém, deixando mulher e não tendo filhos, deve seu irmão casar com a mulher do morto e dar descendentes a êle. Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu, e como não tivesse filhos, sua mulher ficou para seu irmão. Casou com ela o segundo e morreu sem deixar filhos. Assim, pois, também êste não deixou descendentes. Casou então o terceiro com a viúva, e todos os sete a tomaram como espôsa e morreram sem deixar descendentes. Por último, depois de todos êles, morreu também a mulher. Quando chegar o tempo da ressurreição e voltarem a viver tanto ela como os sete irmãos, a qual dêles pertencerá a mulher, se foi espôsa de todos?"

Respondendo, disse-lhes Jesus: "Não vêdes que estais em êrro? E' que não entendeis as Escrituras nem conheceis o poder de Deus. Quando ressuscitarem dos mortos, os homens não hão de ter mulheres nem as mulheres terão maridos, mas serão como os anjos de Deus no céu. Os filhos dêste mundo casam e são dados em casamento. Mas os que forem julgados dignos do século futuro* e da ressurreição dos mortos, nem casarão nem tomarão mulher, porque já não poderão morrer,* visto serem iguais aos anjos* e filhos de Deus, na qualidade de filhos da ressurreição.

"Ora, que os mortos ressuscitam, deixou-o entender Moisés junto da sarça ardente. Não lêstes o que disse Deus, falando para vós? Não lêstes no livro de Moisés que Deus falou sôbre a sarça, e disse: "Eu sou o Deus de Abraão e o Deus de Isáac e o Deus de Jacó?" Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos,* porque todos vivem para êle. Estais, portanto, em grande êrro".

Ouvindo isto as turbas, maravilharam-se da sua doutrina.

E tomando a palavra, alguns escribas disseram-lhe: "Mestre, falaste bem!" E daí em diante já não se atreveram a lhe propor questões. *

929 — *Moisés nos deu por escrito o preceito...* Referiam-se à "lei do levirato". Veja-se a nota 126.

930 — *Os que forem julgados dignos do século futuro...* Jesus alude aqui exclusivamente à ressurreição gloriosa, isto é, à dos eleitos do Senhor, os mortos em estado de graça.

931 — *Porque já não poderão morrer.* A união dos sexos, que tem por fim a propagação da espécie, não tem razão de ser no céu, pois é claro que a humanidade será mantida no número a que tiver chegado quando ocorrer o Juízo Final.

932 — *Iguais aos anjos...* Depois da ressurreição, os filhos de Deus serão perfeitos em tudo. Entretanto as palavras de Jesus não significam, que, no céu, as pessoas que se amaram no mundo perderão seu afeto mútuo. Ao contrário. Livres da escravidão dos sentidos, todos os seus afetos hão de purificar-se, tornando-se espiritualizados. Os eleitos continuarão a se amar, mas em Deus e para Deus.

933 — *Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos...* O argumento com que Jesus responde aos saduceus é o da "sanção moral". E' a lei do dever que exige a imortalidade pessoal. Deus nos pareceria injusto se não recompensasse a virtude e não castigasse o vício. Em outros termos, Deus nos apresenta como santos os grandes Patriarcas; mas de que valeria ser santo, se a virtude e o vício conduzissem ao mesmo fim, isto é, ao nada. — As palavras "porque todos vivem por êle", que se seguem às da epígrafe, significam que também os Patriarcas ainda viviam; em espírito, naturalmente, e no limbo. — Em suma, Jesus prova a ressurreição dos mortos pela imortalidade da alma, que são, com efeito, dois dogmas inseparáveis. Sendo a alma imortal, deve reunir-se um dia ao corpo a fim de receber a recompensa ou o castigo merecido nesse mesmo corpo, que lhe serviu de instrumento tanto para o bem como para o mal.

934 — *Já não se atreveram a lhe propor questões.* O evangelista refere-se aos saduceus, pois em seguida um escriba interpelará ainda a Jesus para o pôr à prova.

175 — O PRIMEIRO E MAIOR MANDAMENTO

(S. Marc. XII, 28-34; S. Mat. XXII, 34-40)

Tendo chegado ao conhecimento dos fariseus que Jesus havia reduzido os saduceus ao silêncio, reuniram-se êles em conselho.

Entretanto, um dos escribas, doutor da lei, que assistira à discussão entre os saduceus e Jesus, e percebera quão acertadamente tinha Jesus respondido, perguntou-lhe, a fim de o por à prova, qual era o principal de todos os manda-

mentos. “Mestre — disse êle — qual é o maior mandamento da Lei?”

Respondeu-lhe Jesus: “O primeiro mandamento de todos é êste: — Ouve, Israel,* o Senhor teu Deus é o único Deus. Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, de todo o teu entendimento e com tôdas as tuas fôrças. Êste é o maior e o primeiro dos mandamentos. Mas o segundo é semelhante ao primeiro:* — Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há nenhum outro mandamento que seja maior do que êste. Nestes dois mandamentos se baseiam tôda a Lei e os Profetas”.

Disse-lhe então o escriba: “Mestre, na verdade, disseste bem que há um só Deus, e não há outro senão êle. Amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento, de tôda a alma e com tôdas as fôrças, e amar o próximo como a si mesmo, vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios”.

A estas palavras do escriba, que tanta sabedoria denotavam, disse-lhe Jesus: “Não estás longe do reino de Deus”.

E ninguém mais ousou interrogá-lo.

935 — *Ouve, Israel...* Deuteronomio: VI, 4-5.

936 — *Mas o segundo é semelhante ao primeiro.* Acrescenta Jesus ao primeiro mandamento o do amor ao próximo, porque êste deve ser amado não por quem é, mas sim por amor a Deus, que o criou. Os dois preceitos, estreitamente relacionados entre si, formam, no conceito de Jesus, “o maior mandamento”.

176 — O CRISTO, FILHO DE DAVI

(S. Mat. XXII, 41-46; S. Marc. XII, 35-37; S. Luc. XX, 41-44)

Estando reunidos os fariseus, perguntou-lhes Jesus:

“Que pensais a respeito do Cristo? De quem é êle filho?”*

“De Davi”, disseram-lhe.

Falou então Jesus, ensinando, no Templo: “Os escribas dizem que o Cristo é filho de Davi.* No entanto, Davi, inspirado, o chama de Senhor. Estão no livro dos Salmos as palavras que êle proferiu, inspirado pelo Espírito Santo: “Disse o Senhor ao meu Senhor: — Senta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos como escabêlo dos teus pés”. O próprio Davi chama-o, pois, de Senhor. Ora, se Davi o chama seu Senhor, como pode êle ser seu filho?”

Não houve quem lhe respondesse uma só palavra.

E a partir daquele dia já ninguém se abalçou a lhe fazer perguntas.

937 — *De quem é filho? Ou seja, de quem é descendente?*

938 — *Os escribas dizem que o Cristo é filho de Davi, etc.* Jesus era chamado “filho de Davi” pelo povo. Ele aceita o título, que no seu caso equivalia ao de Messias, e é como filho de Davi que vai falar. Ora, Davi chama de Senhor ao Messias (Salmo CIX, 1), porque este, sendo seu descendente enquanto homem, era também seu Senhor enquanto Deus. As palavras do Salvador projetam tanta luz sobre a sua dupla natureza, que confundem definitivamente os fariseus, reduzindo-os ao silêncio.

939 — *Se Davi o chama de Senhor, como pode ele ser seu filho?* Não nega Jesus que seja descendente de Davi, como homem; quer apenas obrigar os fariseus a reconhecerem que ele é alguma coisa mais: filho de Deus.

177 — ADVERTÊNCIA SUPREMA

(S. João, XII, 37-50; S. Marc. XII, 37)

Apesar dos muitos milagres que Jesus operara na presença dos judeus, estes não acreditavam nêle, cumprindo-se assim a palavra do profeta Isaías, que disse: “Senhor, quem deu crédito ao que ouviu de nós? E a quem se revelou o braço do Senhor?”*

Por isto não podiam crer. Tanto que Isaías disse também: “Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração,* e assim não vêem com os olhos nem entendem com o coração nem se convertem, e eu não lhes restituo a saúde”. Isto disse Isaías quando contemplou a glória do Cristo e falou a seu respeito.*

Na verdade, muitos dos principais judeus creram em Jesus. Contudo, não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga, porque mais prezavam a glória aos olhos dos homens do que a glória perante Deus.

Entretanto, levantou Jesus a voz e disse: “Quem crê em mim,* não é em mim que crê, mas sim naquele que me enviou; e quem me vê a mim, vê aquêle que me enviou.

“Eu sou a luz e vim ao mundo para que todos os que em mim crêem não fiquem em trevas.

“Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, não o julgarei eu, porque não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo. Quem me despreza e não aceita as minhas palavras, tem quem o julgue. Há de julgá-lo, no último dia, a palavra que eu tenho pregado.* Porque não falei por mim mesmo. O Pai que me enviou, determinou-me o que devo dizer e o que me cumpre anunciar. E eu sei que a vida eterna depende do que êle ordenou.* Assim, pois, o que eu venho dizendo, é como o Pai me recomendou que o digo”.

E o povo em grande aglomeração o ouvia com prazer.

940 — *A quem se revelou o braço do Senhor.* Isaías: LIII, 1. O “braço do Senhor” é Jesus Cristo, instrumento de que Deus Pai se serviu para a execução do plano da Redenção.

941 — *Cegou-lhes os olhos, endureceu-lhes o coração...* Isaías: VI, 9. A cegueira e o endurecimento do coração dos pecadores resultam de lhes ser retirada a graça divina, que vai diminuindo na proporção em que dela se abusa. É um justo castigo de Deus.

942 — *Quando contemplou a glória do Cristo e falou a seu respeito.* É S. João quem o diz. Refere-se êle a uma visão de Isaías, que assim pôde contemplar o Altíssimo em sua glória (VI, 1-3). Ora, afirmando-nos o evangelista que Isaías tinha visto a glória do Cristo e que sobre êle havia falado, faz ver, com esta identificação, que o Cristo é Deus.

943 — *Quem crê em mim...* Aquêles que crêem em mim, propriamente não é no homem que têm diante de si que crêem, mas sim em Deus, que me enviou e que também vêem em mim, pela fé.

944 — *Há de julgá-lo a palavra que eu tenho pregado.* Ao dizer Jesus que a sua palavra julgará os incrédulos, naturalmente não exclui a pessoa do Juiz, mas a supõe, pois não poderia haver julgamento, se, além da lei, não houvesse quem a aplicasse. O Verbo Divino, a Palavra substancial de Deus, há de julgar os homens no fim do mundo. E será alegada contra os descrentes a pregação de Jesus, corroborada pelos seus milagres.

945 — *A vida eterna depende do que êle ordenou.* Ou como está na Vulgata: "mandatum ejus vita aeterna est", isto é, literalmente: "o seu mandamento é vida eterna". O que Jesus Cristo, enviado por Deus Pai, ensinou e ordenou, é condição da eterna bem-aventurança.

178 — CONTRA OS ESCRIBAS E OS FARISEUS

(S. Mat. XXIII, 1-39; S. Marc. XII, 38-40; S. Luc. XX, 45-47)

Como observasse que o povo se mantinha atento, prosseguiu Jesus na sua pregação, dizendo à multidão e aos seus discípulos: "Guardai-vos dos escribas* que se comprazem em andar com vestes talares* e se regozijam de ser cumprimentados nas praças, que gostam de ocupar os primeiros lugares na sinagoga e nos banquetes, e que devoram os bens das viúvas, sob pretexto de longas orações. Maior condenação lhes está reservada.

"Os escribas e os fariseus tomaram conta da cátedra de Moisés. Observai, pois, e fazei tudo o que êles vos disserem. Mas não os imiteis em suas obras, porque êles ensinam o que se deve fazer e não o fazem. Arranjam fardos pesados e insuportáveis e os põem sobre os ombros dos homens; mas nem com um dedo ajudam a movê-los. E praticam tôdas as suas obras para serem vistos pelos outros. Por isto usam filatérias* mais largas e franjas mais compridas* no manto, gostam de ocupar os principais lugares* nos banquetes e nas sinagogas, e fazem questão de ser cumprimentados nas praças e de que os chamem de mestres.*

"Vós, porém, não desejeis que vos chamem de mestres,* porque só um é o vosso mestre, e todos sois irmãos. Não chameis de pai* a ninguém dentre vós na Terra, porque um

só é vosso Pai, que está nos céus. Nem vos intituleis mestres, porque vosso mestre é um só, o Cristo.*

“O maior de todos vós, será vosso servo. Quem se glorificar será humilhado, e quem se humilhar será glorificado.

“Mas ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fechais aos homens o reino dos céus, e nem vós entraís nem deixais que entrem os que desejam entrar.*

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que, sob pretexto de recitar longas orações, devorais o patrimônio das viúvas, e por isto sereis submetidos a mais severo julgamento.

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que percorreis terras e mares para fazer um prosélito, e depois de o terdes ganho, o tornais duas vezes mais digno do inferno* do que vós mesmos.

“Ai de vós, guias cegos, que dizeis que jurar pelo Templo* não tem importância, mas que aquele que jurar pelo ouro do Templo fica obrigado a cumprir o juramento! Insensatos e cegos! Que vale mais: o ouro ou o Templo que santifica o ouro? Dizeis também que não é nada jurar pelo altar, e que só fica obrigado aquele que jurar pela oferta que está sobre êle. Cegos que sois. Que vale mais: a oferta ou o altar que santifica a oferta? Quem jura pelo altar, jura por êle e por tudo o que sobre êle está. E quem jurar pelo Templo, jura por êle e também por aquele que no Templo habita. E quem jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que no trono do céu está sentado.

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã,* do funcho e do cominho, e não fazeis caso das coisas mais importantes da Lei, que são a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Deve-se fazer estas coisas e não omitir aquelas. Guias cegos como sois, coais um mosquito e engolis um camelo.*

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais o que está por fora do copo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e sordícia. Fariseu cego, purifica primeiro o interior do copo e do prato, para que o exterior também fique limpo.

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque sois semelhantes a sepulcros caiados, que parecem belos por fora, e por dentro estão cheios de ossadas dos mortos e de toda espécie de podridão. Assim vós também por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais repletos de hipocrisia e iniquidade.

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que edificais os túmulos dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: “Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices na morte dos profetas”. Ora,

assim dais testemunho, vós mesmos, de que sois filhos daqueles por quem os profetas foram mortos. Acabai, pois, de encher a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como podereis escapar à condenação do inferno?

“Eis que vos envio profetas, sábios e doutores. A uns haveis de matar e crucificar, a outros açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade, e assim recairá sôbre vós todo o sangue inocente que foi derramado na Terra,* desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias,* que matastes entre o santuário e o altar.

“Em verdade vos digo que tudo isto recairá sôbre esta geração.*

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedregas os que te são enviados, quantas vezes quis eu reunir teus filhos como as aves reúnem os seus pintainhos debaixo das asas, e tu no entanto não o quiseste!”

“Deserta ficará a vossa casa, porque vos declaro que não me tornareis a ver* até o dia em que digais: “Bendito seja o que vem em nome do Senhor”.

946 — *Guardai-vos dos escribas*, etc. Jesus havia proferido acusações como essas em outra ocasião. Agora, porém, aumenta de ponto a severidade das suas objurgatórias. E' que a obstinação de escribas e dos fariseus, o seu ódio irredutível e a conspiração que tramavam naquela mesma hora, tornaram maior do nunca a justa indignação de Jesus. E o Salvador também quer prevenir os seus discípulos ainda uma vez contra a falsa doutrina e as exigências descabidas dos mentores espirituais do povo judaico. E' o Divino Mestre que fala, para quebrar o jugo dos tiranos do espírito. E por isto fulmina a hipocrisia.

947 — *Vestes talaras*. Naquele tempo, as vestes amplas e compridas, chamadas “talaras” porque desciam até a parte posterior do pé (talão), eram usadas exclusivamente por pessoas de maior importância: os sacerdotes, os soberanos, etc.

948 — *Filatérias*. Eram tiras de pergaminho, com textos ou sentenças bíblicas que os judeus traziam em estojos presos ao braço esquerdo ou na testa, em atenção ao que se lê no Exodo: XIII, 16, e no Deuteronômio: VI, 6-8, e XI, 18. Usavam-nas os fariseus mais vistosos do que as usavam os outros, o que faziam para se mostrarem mais zelosos e exatos na observância da Lei. Este costume, motivado por falsa interpretação do texto e filho do formalismo farisaico, degenerou no povo em verdadeira superstição.

949 — *Franjas mais compridas*. Franjas azúis que todo israelita observante da Lei devia usar nos quatro ângulos do seu manto, segundo prescrições do Deuteronômio (XXII, 12) e do Livro dos Números (XV, 38-40).

950 — *Querem os primeiros lugares*, etc. Jesus não condena que aceitem os primeiros lugares e recebam homenagens as pessoas que têm direito a tais distinções. Condena sômente que os homens façam questão disto por orgulho.

951 — *Mestres*. A Vulgata traz a expressão "Rabbi", mencionada em outra nota.

952 — *Não desejeis que vos chamem mestres. Não chameis de pai a ninguém*. Não pretende Jesus abolir esses tratamentos, é claro. O que o Salvador censura e proíbe é que alguém os empregue levianamente ou os deseje por jactância, em desacôrdo com a fraternidade que deve reinar entre os homens.

953 — *Vosso Mestre é um só, o Cristo*. As palavras de Jesus não afetam nem de leve a autoridade da Igreja docente, constituída pelo Papa e os Bispos, auxiliados pelos sacerdotes, Mestre infalível em matéria de fé e de costumes, cuja missão de ensinar lhe foi confiada por Jesus Cristo mesmo, com a promessa de sua divina assistência, que é o que garante a infalibilidade do magistério eclesiástico (S. Mateus: XXVIII, 19-20).

954 — *Não entrais nem deixais entrar*. Os escribas e os fariseus não ingressavam no reino do céu e impediam que outros entrassem, porque além de fecharem o coração à voz de Jesus, dissuadiam o próximo de seguir o Salvador, assoalhando que era falsa a sua doutrina e que os seus milagres não passavam de obras do demônio.

955 — *Duas vezes mais dignos do inferno*. Porque voltavam aos vícios do paganismo, acrescentando-lhes a hipocrisia dos fariseus, seus mestres.

956 — *Jurar pelo Templo*. Ensina Jesus que o juramento pelas coisas (como pela Bíblia, por exemplo) só tem valor conforme a relação em que elas estiverem para com o Criador, que no caso representam, e, assim sendo, nada pode ser superior ao Templo e ao altar, exclusivamente consagrados a Deus.

957 — *Pagais o dízimo da hortelã, etc*. Como ficou explicado em outra nota, a Lei não exigia tanto. Havia, porém, virtudes muito importantes por exercer e que os escribas e fariseus deixavam esquecidas. E' religião mal compreendida praticar certas devoções, aliás excelentes, e omitir deveres essenciais e de rigoroso preceito, como por exemplo não faltar às procissões, mas deixar de assistir missa em domingo por motivos fúteis. Cumpre fazer aquelas coisas, porque são boas, e não omitir as outras, porque são de obrigação.

958 — *Coais um mosquito e engolis um camelo*. Costumavam os judeus coar as bebidas, por temerem que elas contivessem algum verme ou inseto morto cujo contato provocasse impureza legal. Mas a despeito de todo esse escrúpulo, os escribas e fariseus incorriam despreocupadamente em faltas enormes, de outra espécie. Daí a comparação hiperbólica de Jesus.

959 — *Recairá sobre vós todo o sangue inocente que foi derramado na Terra...* Os judeus seriam castigados como se fôsem responsáveis por todo o sangue inocente derramado desde o princípio dos tempos, porque maior do que todos os crimes anteriores é o que eles vão cometer, crucificando o Filho de Deus e perseguindo a sua Igreja. Zacarias é aqui mencionado com Abel porque a sua morte constituiu um sacrilégio, pois era êle sacerdote e foi morto no Templo. Não quis dizer Jesus que tornava os escribas e os fariseus responsáveis pelo sangue derramado até então, mas sim que o infortúnio da nação e a destruição da cidade santa viriam a ocorrer no tempo deles, que tinham levado ao auge a malícia das gerações precedentes, por desprezarem o Evangelho e tramarem a morte do Redentor.

960 — *Zacarias, filho de Baraquias*. Como consta no Antigo Testamento (II Paralipômenos: XXIV, 20 e 22) que o profeta Zacarias era filho de Jojada, a passagem dada na epígrafe suscitou discussões a respeito da identidade do Zacarias mencionado por Jesus. Entretanto, comentadores autorizados chegaram à conclusão de que se trata de uma só pessoa. — O eminente comentador Dr. Karl Staab é de opinião que as palavras “filho de Baraquias” foram acrescentadas ao texto evangélico (“Dass Neu Testament”, Ed. 1951). Entende que no caso houve interpolação de copista, porque o Códice Sinaitico, importante documento básico, não traz aquelas palavras, como de resto o Evangelho de S. Lucas (XI, 51).

961 — *Sobre esta geração*. O que Jesus predisse, aconteceu dentro do prazo de quarenta anos que se seguiram àquele dia, isto é, dentro do prazo considerado pelos judeus como uma “geração”.

962 — *Não me tornareis a ver...* Diz Jesus que a sua pregação cessará em breve e que os judeus deixarão de vê-lo e ouvi-lo. Mas entre eles há convertidos e crentes. E para que a ruína iminente da cidade deicida não se afigure a esses uma perda irreparável, conforta-os com a predição de que o povo escolhido o reconhecerá como Senhor antes do fim dos tempos.

179 — O DONATIVO DA VIÚVA

(S. Marc. XII, 41-44; S. Luc. XXI, 1-4)

Estando Jesus sentado à frente do gazofilácio, olhava como o povo depositava dinheiro nos cofres das ofertas. Enquanto o observava, viu que muitos ricos lançavam vultosos donativos no gazofilácio.

Nisto chegou também uma viúva pobre, e Jesus notou que ela contribuiu com duas pequenas moedas de bronze, que importavam num quadrante. Chamando então os seus discípulos, disse: “Em verdade vos digo que mais deu esta pobre viúva* do que todos os outros que depositaram donativos no gazofilácio. Porque todos os outros fizeram ofertas do que lhes sobrava; mas a viúva deu da sua própria indigência quanto possuía, deu tudo o que lhe restava para o seu sustento”.

963 — *Mais deu esta pobre viúva*. Para Deus, o valor da esmola vem do coração, da boa vontade, do sacrifício que faz quem a dá.

180 — A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO

(S. Mat. XXIV, 1-2; S. Marc. XIII, 1-2; S. Luc. XXI, 5-6)

Tendo saído do Templo, Jesus ia-se retirando, quando se chegaram a ele os seus discípulos a fim de lhe chamar a atenção para as obras que ali estavam sendo executadas. Disse um dos discípulos: “Mestre, olha que pedras, que construção!” Alguns outros referiram-se à beleza das pedras e à magnificência das ofertas com que o Templo estava ornado. Respondendo-lhes, disse Jesus: “Eetais vendo tudo isto, tôdas

estas grandiosas construções? Em verdade vos digo, chegará o tempo em que tôdas estas coisas serão arrasadas, e delas não ficará aqui pedra sôbre pedra".*

964 — *Não ficará aqui pedra sôbre pedra.* O que Jesus realmente quer dizer com estas palavras é que o Templo seria arrasado. E de fato, da magnífica construção só restaram os alicerces, que mais tarde também foram arrancados por ordem de Juliano, o Apóstata. O Muro das Lamentações, junto ao qual os judeus costumam orar e chorar as desventuras de sua pátria, é uma parte do paredão de arrimo da esplanada em que se erguia o Templo.

XIX — PROFECIAS NO MONTE DAS OLIVEIRAS

181 — MALES FUTUROS

(S. Marc. XIII, 3-13; S. Mat. XXIV, 3-14; S. Luc. XXI, 7-19)

Estando Jesus sentado no Monte das Oliveiras, em face do Templo, aproximaram-se d'ele em particular os discipulos Pedro e Tiago, João e André, e lhe falaram à puridade: — “Mestre — perguntaram-lhe — quando hão de succeder essas coisa?* Que sinal indicará o momento em que elas começarão a acontecer? Que indício teremos da tua vinda no fim dos tempos?”

Ao que Jesus lhes respondeu: “Tomai cuidado para que ninguém vos iluda, porque virão muitos, e, servindo-se do meu nome, dirão: “Eu sou o Cristo;” é chegado o tempo”. E assim a muitos enganarão. Guardai-vos de os seguir.

“Ouvireis rumores de guerra, ouvireis falar de batalhas e rebeliões. Não vos assusteis, porém. E' necessário que estas coisas aconteçam primeiro, mas não será ainda o fim.

“Levantar-se-á nação contra nação, levantar-se-á reino contra reino, e haverá grandes terremotos em diversos lugares, e pestes e fomes, e aparecerão fenômenos espantosos no céu, grandes prodígios. Mas todos êstes indícios serão somente o comêço das aflições.

“Antes de tudo isto, sereis submetidos à tribulação. Sereis perseguidos, presos, entregues às sinagogas e encarcerados.

“Tomai, pois, cuidado convosco. Por meu respeito, por causa de meu nome, vos entregarão aos tribunais, e hão de açoitar-vos nas sinagogas e levar à presença dos governadores e dos reis. E isto vos acontecerá a fim de que perante êles deis testemunho de mim.

“Entretanto, primeiro será pregado o Evangelho em tôdas as nações.*

“Gravai bem nos vossos corações que, enquanto vos conduzirem aos tribunais, não deveis ter preocupações a respeito do modo como haveis de responder. Direis o que vos fôr inspirado naquela hora. Por que eu vos darei eloquência e sabedoria a que não poderão resistir nem opor contração todos os vossos inimigos, pois não sereis vós quem falará, mas sim o Espírito Santo.

“O irmão entregará o irmão à morte,* e o pai entregará o filho, e os filhos se levantarão contra os pais e lhes darão a morte. E sereis entregues até por vossos pais e irmãos, parentes e amigos, e farão morrer alguns de vós. E sereis odiados de todos por causa do meu nome. Contudo, não se perderá um só cabelo de vossas cabeças.* E pela resignação salvareis as vossas almas.*

“Muitos hão de perder a fé, cometer traições uns para com os outros, e odiar-se reciprocamente”.

“Surgirão falsos profetas em quantidade e iludirão a muitos.

“Por ser muita a iniquidade, no coração de muitos a caridade arrefecerá. Mas aquêle que perseverar até o fim, há de ser salvo.

“E êste Evangelho do reino será pregado no mundo inteiro, para servir de testemunho a tôdas as nações,* e só então sobrevirá o fim”.

965 — *Quando hão de suceder essas coisas?* Supõem os discípulos que a destruição de Jerusalém coincidirá com a vinda de Jesus no fim dos tempos, para o Juízo Final. Por isto Jesus primeiramente responde de modo geral à pergunta, e depois particularizando os acontecimentos.

966 — *Eu sou o Cristo, etc.* Nesta primeira parte da profecia é revelado que os sinais anunciados se apresentarão tanto antes da ruína de Jerusalém como antes do fim do mundo, vindo a ser mais flagrantes e prolongados no segundo caso.

967 — *Eloquência a que não poderão resistir os vossos adversários.* Sob os imperadores romanos, viram-se até crianças, como Santa Inês, enfrentar com extraordinária eloquência e sabedoria as acusações dos seus perseguidores.

968 — *Primeiro será pregado o Evangelho em tôdas as nações.* Antes da destruição de Jerusalém, já haviam pregado o Evangelho em tôdas as nações do mundo conhecido, desde a Bretanha até a Etiópia, desde a península Ibérica até as regiões da Índia e da Cítia.

969 — *O irmão entregará o irmão à morte...* Veja-se a nota 438.

970 — *E farão morrer alguns de vós.* Efetivamente, três Apóstolos foram mortos antes da destruição de Jerusalém: S. Tiago, filho de Zebedeu, S. Tiago, filho de Alfeu, e S. Pedro.

971 — *Contudo não se perderá um só cabelo de vossas cabeças.* As palavras da epígrafe significam que mesmo as mais violentas perseguições contra a Igreja não causarão aos cristãos nenhum dano verdadeiro, porque êles serão recompensados com vantagem até por um fio de cabelo que lhes arrancarem.

972 — *E pela resignação, salvareis as vossas almas.* Com o mesmo sentido consta na Vulgata: “In patientia vostra possidebitis animas vestras”, na vossa paciência possuireis as vossas almas. Em seguida fala Jesus na perseverança necessária para a salvação, o que acabava de fazer em outros termos, porque a paciência também se define como “perseverança tranqüila”.

973 — *Para servir de testemunho a todas as nações.* Para atestar o cuidado de Deus pela salvação de todos os homens.

182 — DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

(S. Marc. XIII, 14-20; S. Mat. XXIV, 15-22; S. Luc. XXI, 20-24)

“Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei que está próxima a sua destruição.

“Quando, pois, virdes reinar no lugar santo, onde não deveriam fazer-se sentir, a desoladora abominação predita pelo profeta Daniel — quem isto ler entenda* — então fuja para os montes quem se achar na Judéia; quem estiver na cidade, saia, e quem se encontrar no campo, não entre nela. Quem estiver no terraço não desça para a casa nem entre* para buscar o que quer que seja; quem se achar no campo, não volte para buscar o seu manto. Porque êsses serão dias de justiça, em que se cumprirá tudo o que foi escrito pelos profetas.*

“Ai das mulheres que nesses dias estiverem por ser mães ou com filhinhos de peito. Oraí, pois a fim de que estas coisas não sucedam no inverno; oraí para que não tenhais de fugir no inverno ou em sábado,* porque nesses dias haverá tribulações tais como não houve desde o princípio, quando Deus criou o mundo, nem haverá jamais. E será grande a miséria na Terra e a cólera de céu cairá sobre este povo, levado em cativeiro a todas as nações; e Jerusalém há de ser calcada aos pés pelos gentios, até que se completem os tempos das nações.* E se o Senhor não abreviasse êsses dias, não se salvaria ninguém. Mas êle os abreviou em atenção aos eleitos que escolheu”.

974 — *Quem isto ler entenda.* Esta advertência indica que as palavras precedentes têm sentido especial. Segundo a maioria dos intérpretes, os horrores da desolação, anunciados por Daniel (“abominationem desolationis”, como consta na Vulgata) são a profanação do Templo pelos zelotes (V. nota 294), que o ocuparam por mais de três anos, cometendo nêle assassinatos e outros crimes; e são também a destruição do santuário pelos romanos.

975 — *Não desça para casa nem entre.* Recomendação de fugir pela escada exterior que levava aos terraços. Avisa Jesus que tão rápida virá a catástrofe que não haverá um instante a perder para a fuga.

976 — *Tudo o que foi escrito pelos profetas.* No Evangelho consta apenas “tudo o que foi escrito”, ficando, porém, claramente subentendido que se trata de profecias. Daí a nossa tradução supletiva do versículo.

977 — *Para que não tenhais de fugir no inverno ou em sábado.* Porque o mau estado dos caminhos ou o rigorismo da interpretação sobre a observância do repouso sabático viriam tornar a fuga difícil, se não impossível.

978 — *Até que se completem os tempos das nações.* Por estas palavras entendem uns o tempo em que se cumprirá a profecia da conversão de todos os povos à religião de Cristo; e outros, o tempo em que, segundo os desígnios de Deus, os pagãos deveriam castigar o povo judaico.

183 — A VINDA DO FILHO DO HOMEM

(S. Mat. XXIV, 23-31; S. Marc. XIII, 21-27; S. Luc. XXI, 25-27;

“Então se alguém vos disser: “Vêde, aqui está o Cristo”. ou “Ei-lo ali”. não acrediteis, porque se levantarão falsos Cristos e falsos profetas, e farão grandes prodígios e maravilhas tais, que, se fôsse possível, até os escolhidos enganariam.

“Ficai, portanto, de sobreaviso, pois de tudo vos previno. Assim, se vos disserem: “Ali está o Cristo, no deserto”, não deveis sair. Se disserem: “Ei-lo aqui no interior da casa”, não lhes deis crédito, porque como o relâmpago que irrompe do Oriente e até no Ocidente aparece, assim há de ser a vinda do Filho do Homem. Onde quer que se achar o corpo, aí se reunirão também as águias.*

“Logo depois da tribulação desses dias,* haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas. O Sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, e as estrelas cairão do céu. Na Terra passará a reinar a consternação entre as nações em consequência da confusão produzida pelo bramido do mar e das ondas, mirrando-se os homens de medo na expectação das coisas que virão sobre o mundo, por que estarão abaladas as forças do firmamento.*

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem,* e chorarão todos os povos da terra, e não de ver o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade. E ele enviará os seus anjos para reunir ao som da trombeta e em alta voz os seus eleitos, de todos os quadrantes da terra, de um a outro extremo do céu”.*

979 — *Ai se reunirão as águias.* Veja-se a nota 796.

980 — *Logo depois da tribulação desses dias.* Não significam estas palavras que o fim do mundo deveria ocorrer imediatamente depois da destruição de Jerusalém. Nesta prédica, adota Jesus o modo de falar dos profetas, que nem sempre recebiam revelações explícitas sobre a relação do tempo que separava os acontecimentos futuros a que se referiam. Denomina-se “perspetiva profética” essa forma de vaticínio. Para não citar senão um exemplo, no livro de Daniel, (IX, 26) o profeta não separou no tempo a morte do Messias e a destruição de Jerusalém, e esta, no entanto, só ocorreu no ano 70.

981 — *Estarão transtornadas as forças do firmamento.* Ou como diz a Vulgata: “et virtutes coelorum commovebuntur”. Provavelmente são aqui mencionadas as leis da mecânica celeste, que se transtornarão, produzindo enorme confusão e horrífica desordem.

982 — *O sinal do Filho do Homem.* Isto é, a cruz, segundo opinião geral dos intérpretes.

983 — *De todos os quadrantes da Terra, de um a outro extremo do céu.* Com estas expressões alude Jesus aos eleitos que existiram desde os primeiros dias da humanidade e aos que estiverem vivos no dia do Julzo Final.

184 — A FIGUEIRA NA APROXIMAÇÃO DO ESTIO

(S. Luc. XXI 28-33; S. Mat. XXIV, 32-35; S. Marc. XIII, 28-31)

“Quando, pois, começarem a acontecer estas coisas, erguei-vos e levantai a cabeça, porque se aproxima o momento da vossa redenção”.

Em seguida propôs-lhe Jesus esta comparação: “Aprende uma comparação da figueira. Quando os seus ramos já se encham de seiva e brotam as fôlhas, e, como tôdas as árvores ela começa a produzir frutos, sabeis que está próximo o verão. Assim também, quando virdes suceder tôdas as coisas de que vos falei há pouco, sabei que está perto, achando-se à porta, o reino de Deus. Em verdade vos digo; que não passará esta geração* sem que se cumpram tôdas estas coisas. Hão de passar o céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão”.

984 — *Não passará esta geração.* A geração contemporânea de Jesus no que diz respeito à destruição de Jerusalém. E no tocante ao fim do mundo, o gênero humano no número a que deverá chegar naquele dia.

185 — NECESSIDADE DE VIGILÂNCIA

(S. Mat. XXIV, 36-51; S. Marc. XIII, 32-37; S. Luc. XXI, 34-36)

“Êsse dia e essa hora, ninguém sabe quando será, nem os anjos no céu nem o Filho,* mas somente o Pai.

“Como sucedeu nos dias de Noé, assim também acontecerá com a vinda do Filho do Homem. Nos tempos que precederam o dilúvio, os homens comiam e bebiam, casavam e faziam casar os filhos até o dia em que Noé entrou na Arca, e só se deram conta do que se passava, quando veio o dilúvio, que fêz desaparecer todos êles. Assim será também a vinda do Filho do Homem.

“Velai, pois, sôbre vós, para que não suceda carregardes os vossos corações com excessos no comer e no beber e com as preocupações terrenas, e para que êsse dia não vos surpreenda repentinamente.

“Então, de dois homens que estiverem no campo, será levado um e abandonado o outro.* De duas mulheres que juntamente estiverem moendo, uma será levada e a outra será deixada de parte.

“Vigiai, portanto, e nunca deixeis de orar, para que possais livrar-vos de tudo o que há de acontecer, e apresentar-vos com confiança diante do Filho do Homem.

“Ficai de sobreaviso,* porque não sabeis quando chegará êsse tempo. Há de ser como o que sucede quando um homem, partindo para longa viagem, deixa a sua casa sob os cuidados dos servos,* designando a cada um a sua tarefa, e recomenda ao porteiro que esteja vigilante.

“Assim sendo, vigiai, porque não sabeis quando virá o dono da casa, se de tarde, se à meia-noite, se de manhã; e para que não aconteça que, chegando êle de repente, vos encontre dormindo.

“Velai, porque não sabeis em que dia há de vir o vosso Senhor. Se o pai de família soubesse em que hora da noite viria o ladrão, sem dúvida velaria e não o deixaria penetrar na sua casa. Por isto, ficai vós também preparados, pois não sabeis em que hora virá o Filho do Homem.

“E o que digo a vós, digo a todos: “Vigiai”.

“Quem pensais que é o servo fiel e prudente a quem o senhor encarregou de dar de comer, pontualmente, aos seus familiares? Bem-aventurado o servo que o senhor, na sua volta, encontrar procedendo assim. Na verdade vos digo que o fará administrador de todos os seus bens.

“Mas se o servo de que falo, fôr mau e disser consigo mesmo: “O meu senhor não voltará tão cedo”, e fiado nisto, se puser a maltratar os companheiros, e comer e beber com ébrios costumazes, o senhor virá num dia em que êle não o espera e em hora que lhe é desconhecida, e, separando-o,* lhe dará lugar entre os hipócritas.* E ali haverá choro e ranger de dentes”.

985 — *Ninguém sabe... nem o Filho.* Como Deus que é, Jesus Cristo sabe, evidentemente, em que dia e hora ocorrerá o fim do mundo. Mas Jesus não dispõe desse conhecimento como homem, porque é um conhecimento que transcende da inteligência humana. Tem-no o Salvador na sua divindade; mas, mesmo assim, não o tem para o revelar. E' o que significam as palavras da epigrafe. Entretanto, ainda que não se possa prever “o dia ou hora” do fim do mundo, são admissíveis as conjecturas acêrca da época em que sobrevirá o acontecimento, baseadas nos numerosos dados contidos na Sagrada Escritura ou em revelação particulares autorizadas.

986 — *Será levado um e abandonado o outro...* Veja-se a nota 795

987 — *Ficai de sobreaviso.* Natural é a transição de idéias do fim dos tempos para o fim da vida de cada um. Por isto Jesus recomenda a todos que tenham o cuidado de sempre estar preparados para a morte.

988 — *Como um homem... que deixa a sua casa aos cuidados dos servos,* etc. Vejam-se as notas 707 e seguintes, sôbre a parábola dos servos vigilantes, que Jesus propôs pela primeira vez numa de suas últimas peregrinações na Galiléia.

989 — *Separando-o*. Consta na Vulgata: "et dividet eum", e o dividirá. Na linguagem da Escritura, "dividir alguém" significa, muitas vêzes, separar o corpo e a alma: matar. Mas tradutores autorizados têm artibuído ao verbo dividir, nesta passagem evangélica, o sentido de separar (separar dos bons), versão que é corroborada pelo contexto. Foi ela adotada nesta Sinopse por parecer mais natural.

990 — *E lhe dará lugar entre os hipócritas*. Em outras palavras: condená-lo-á ao suplício infernal reservado aos hipócritas.

186 — AS DEZ VIRGENS

(S. Mateus, XXV, 1-13)

"Dar-se-á então com o reino dos céus coisa semelhante com o que sucedeu quando dez virgens, tomando de suas lâmpadas, foram receber o casal de esposos.*

"Entretanto, cinco dentre elas eram insensatas e cinco prudentes.

"As cinco que eram insensatas, tomaram as suas lâmpadas, mas não levaram azeite consigo. As prudentes, porém, levaram azeite em vasilhas, juntamente com as lâmpadas.

"Como o espôso tardasse em vir, começaram tôdas a sentir sono e adormeceram.

"À meia-noite fêz-se ouvir um brado: "Aí vem o espôso. Sai ao seu encontro". Levantaram-se tôdas as virgens e foram preparar as suas lâmpadas. Então as insensatas pediram às prudentes: "Dai-nos do vosso azeite porque as nossas lâmpadas estão-se apagando". Responderam as prudentes: "E' melhor irdes procurar os que o vendem,* e então comprai o que vos falta, a fim de não acontecer que o azeite se torne insuficiente para nós tôdas".

"Ora, enquanto as insensatas foram comprar o azeite, chegou o espôso, e as que estavam preparadas, entraram com êle na sala das núpcias, e a porta foi fechada.

"Mais tarde vieram as outras virgens e suplicaram: "Senhor, Senhor, abre-nos a porta". Êle, porém, respondeu: "Em verdade vos digo, não vos conheço".*

"Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora".

991 — *Foram receber o casal de esposos*. Refere-se Jesus a um costume da época. A espôsa era conduzida por dez môças amigas à casa do espôso, que a esperava acompanhado por dez amigos. Como a festa se realizava à noite, levavam-se pequenas lâmpadas acesas e um vaso de azeite, como se vê ainda em antigos desenhos gravados nas catacumbas.

992 — *E' melhor irdes procurar os que o vendem...* As dez virgens prudentes não podiam atender o pedido das insensatas. Os vasos só continham o azeite necessário para cada uma, e nenhuma delas sabia se êle viria a sobrar, por chegar mais cedo o espôso. — Houve

quem se baseasse nesta passagem para pôr em dúvida a intercessão dos santos e negar a sua eficácia. É uma objeção insidiosa e falsa. O que a Igreja ensina sobre a intercessão dos bem-aventurados é que ela alcança graças que aproveitam aos fiéis para a sua santificação e salvação, e lhes obtém o perdão das penas temporais nesta vida e na outra. Nunca porém, ensinou, a Igreja que alguém se salve sem mérito pessoal e sem boas obras próprias, sendo capaz delas, nem que aos mortos na impenitência e descuido da salvação possa valer o patrocínio dos santos.

993 — *Não vos conheço.* Modo de falar, que significa: para mim, já agora sois como pessoas estranhas. — Quanto ao sentido da parábola, as virgens representam os fiéis, que são convidados a tomar parte no banquete eterno das núpcias celestiais de Jesus Cristo e a Igreja. As lâmpadas figuram a luz da fé e a chama da caridade, alimentadas pelas boas obras. O sono é a morte; o despertar a ressurreição; a porta fechada, o degrêdo no inferno.

187 — OS TALENTOS

(S. Mateus, XXV, 11-30)

“Deus faz como um homem que, estando prestes a se ausentar para longe, chamou os seus servos e lhes confiou o que possuía.* A um deu cinco talentos; a outro, dois; e ao terceiro, um. A cada qual segundo a sua capacidade. E partiu em seguida.

“O servo que recebeu cinco talentos foi negociar com eles, e ganhou outros cinco. Da mesma forma, o que recebeu dois talentos, ganhou mais dois. Mas o que só ficou com um, foi cavar um buraco no chão,* e ali escondeu o dinheiro do seu senhor.

“Muito tempo depois, voltou o senhor dos servos e os chamou a contas.

“Aproximando-se o que tinha recebido cinco talentos, apresentou mais cinco, e disse: “Senhor, entregaste-me cinco talentos. Aqui tens outros cinco, que ganhei”. Respondeu-lhe o senhor: “Muito bem, servo bom e fiel. Porque foste fiel em pequenas coisas,* dar-te-ei a administração das grandes. Entra na alegria de teu senhor”.

“Chegou também o que recebera dois talentos, e disse: “Senhor, confiaste-me dois talentos: Eis aqui dois talentos que ganhei com eles”.

“Perfeitamente, servo bom e fiel — respondeu-lhe o senhor — já que foste fiel em poucas coisas, dar-te-ei a administração de muitas. Entra na alegria do teu senhor”.

“Chegando por fim o que havia recebido um talento, disse: “Senhor, sei que és um homem exigente,* que ceifas onde não semeaste e recolhes onde nada puseste. Assim, pois, fiquei com medo e escondi debaixo da terra o teu talento. Aqui tens o que te pertence”. Respondeu-lhe o senhor: “Servo mau e preguiçoso! Se sabias que ceifo onde não semeio e recolho onde nada ponho, devias entregar o meu dinheiro

a banqueiros, para que, no meu regresso, eu recebesse com juros o que é meu".

"E o Senhor mandou que tirassem dêle o talento e o dessem ao que tinha dez. Porque àquêle que já tem, dar-se-á ainda* e ficará na abundância; e ao que não tem, tirar-se-á mesmo o que parece ter. E ordenou que arrojassem o servo inútil às trevas exteriores, onde haverá chôro e ranger de dentes".

994 — *Um homem chamou os seus servos e lhes confiou o que possuía.* Nesta parábola mostra-nos Jesus que é preciso trabalhar para que a graça frutifique em obras de salvação. Assemelha-se a graça a um capital que deve render juros para o seu dono, que é Deus. E do modo como empregamos as graças que recebemos, depende a nossa salvação.

995 — *Cinco talentos.* O talento era pês e moeda da Antiguidade, sendo usado principalmente entre os gregos e os romanos. Cinco talentos representavam uma soma considerável.

996 — *Escondeu-o no chão.* Em outros têrmos, nada fêz para que o capital desse lucro. Não trabalhou, não cumpriu o seu dever.

997 — *Em pequenas coisas.* As obras dos homens, por maiores que pareçam, são realmente de pequena monta comparadas com os bens que, no Juízo Final, o Senhor distribuirá aos seus servos fiéis.

998 — *Sei que és um homem exigente.* O servo restituiu integralmente o dinheiro que lhe foi confiado. Neste sentido não defraudou o seu senhor. Foi, pois, honesto. A sua culpa está em não se ter empenhado por fazer render o capital recebido. E' uma lição de que não basta evitar o pecado, mas que também é necessário praticar a virtude.

999 — *Aquêle que já tem, dar-se-á ainda...* Rigorosamente falando, nenhuma graça se perde, porque todos os benefícios que os homens recebem, provêm do sacrificio cruento de Jesus Cristo, cujo sangue preciosíssimo não se pode perder. Assim sendo, recebem os bons o que deixam de receber os maus. E' o que significam, na parábola dos talentos, as palavras da epígrafe.

188 — O JUÍZO FINAL

(S. Mat. XXV, 31-46; S. Luc. XXI, 37-38)

"Quando vier o Filho do Homem em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, então sentar-se-á sôbre o seu trono resplandecente. Reunidos diante dêle todos os povos, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas,* pondo as ovelhas à direita e os cabritos às esquerda.

"Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: "Vinde, benditos de meu Pai. Tomai posse do reino que vos foi preparado já no princípio do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer,* tive sede, e me destes de beber; estava peregrinando, e me recolhestes; andava sem roupas, e me

vestistes; estava enfêrmo, e me visitastes; achava-me encarcerado, e fostes ver-me”.

“Dirão, porém, os justos: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrinando e te recolhemos ou sem roupa e te vestimos? Quando te vimos enfêrmo ou encarcerado, e fomos ver-te?”

“Respondendo-lhes, dirá o rei: “Em verdade vos digo que tôdas as vêzes que fizestes isto a algum dos meus humildes irmãos, a mim o fizestes”.

“E aos que estiverem à sua esquerda, dirá o rei: “Afastai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno,* que foi preparado para o demônio e os seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; andava peregrinando, e não me recolhestes; estava sem roupas, e não me vestistes; achava-me enfêrmo e no cárcere e não em visitastes”.

“Perguntarão também êstes: “Senhor, quando foi que te vimos com fome ou com sede, peregrinando ou sem roupas, enfêrmo ou no cárcere, e deixamos de te prestar assistência?”

“Responderá o rei: “Em verdade vos digo que tôdas as vêzes que deixastes de fazer isso a alguma pessoa humilde, deixastes de fazê-lo a mim”.

“E êsses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna”.

Jesus pregava de dia no Templo. Depois saía da cidade e pernoitava no monte chamado das Oliveiras. E todo o povo madrugava para ir ouvi-lo no Templo.

1000 — *Aparta dos cabritos as ovelhas.* As ovelhas, pacíficas por excelência, representam os bons; os cabritos, em geral rebeldes, representam os maus.

1001 — *Tive fome e me destes de comer, etc.* Além da obediência à lei divina, é necessário praticar a caridade, que Jesus mencionou como “novo mandamento” (V. S. João: XIII, 34-35). E’ evidente que falta à verdadeira caridade todo aquê que falta à justiça, ou seja, aos mandamentos de Deus e da Igreja; ao passo que o fiel cumpridor dos deveres da caridade ultrapassa em muito os estritos deveres da justiça. Por isto é bastante que todos sejam julgados do ponto de vista das obras de misericórdia.

1002 — *O fogo eterno.* Criou Deus o inferno depois da rebelião de Lúcifer e dos anjos que o apoiaram (V. nota 772).

189 — A CONJURAÇÃO

(S. Mat. XXVI, 1-5, 14-16; S. Marc. XIV, 1-2, 10-11; S. Luc. XXII, 1-6)

Aproximava-se, entretanto, a festa dos pães ázimos,* que se chama Páscoa. Devia ela celebrar-se dali a dois dias.



SICLO DE PRATA. Inscrições em hebraico. No anverso: "Shekel Jisrael", Siclo de Israel. As letras no centro indicam: Ano 3. No reverso "Jeruchâlem kédôchá". Jerusalém Santa.

E aconteceu que, tendo Jesus terminado tôdas as suas prédicas, disse aos seus discípulos: "Sabeis que daqui a dois dias se festejará a Páscoa, e que o Filho do Homem será entregue para que o crucifiquem".

Entretanto, os Príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam meios de fazê-lo morrer. Reuniram-se, pois, os Príncipes dos sacerdotes no átrio do Sumo Sacerdote, que se chamava Caifás, e entraram em conselho, deliberando que fariam prender a Jesus arditosamente e o entregariam à morte. Mas tinham receio do povo. E para evitar tumultos populares, decidiram que a prisão não seria efetuada no dia da festa.

Ora, entranhou-se então Satanás em Judas,* um dos doze, que tinha o sobrenome de Iscariotes. E Judas foi ter com os Príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. Combinou com os Príncipes dos sacerdotes e com os magistrados a maneira como havia de entregá-lo a êles, e afinal propôs: "Dizei-me o que pretendeis dar-me, e eu o entregarei a vós". A estas palavras, alegraram-se os que o ouviram, e prometeram que lhe dariam dinheiro, estipulando a quantia de trinta moedas de prata.* Judas aceitou, e desde então se pôs a procurar uma oportunidade de entregar Jesus sem amotinar o povo.

1003 — *Pães ázimos*. Pães ázimos ("asmos", na linguagem popular) são pães preparados sem fermento. Por ocasião da festa dos ázimos, comia-se o cordeiro pascal, e durante sete dias era proibido comer pão fermentado.

1004 — *Entranhou-se então Satanás em Judas*. Foi Judas mesmo — nota Fillion — que abriu para Satanás a entrada de sua alma. A respeito dêste assunto, veja-se ainda a nota 296.

1005 — *Trinta moedas de prata*. Devem ter sido trinta siclos de prata. Têcnicamente, a expressão comum "os trinta dinheiros de Judas" não é exata, porque 30 siclos equivaliam a 120 dinheiros (denários). — Referindo-se a esta passagem evangélica, Cristiani faz notar a diferença que há entre as pobres satisfações do pecado e a felicidade que proporciona ao homem a amizade de Deus.

XX — ÚLTIMA CEIA PASCAL

190 — PREPARATIVOS DA CEIA PASCAL

(S. Luc. XXII, 7-13; S. Mat. XXVI, 17-19; S. Marc. XIV, 12-16)

Entretanto, chegou o dia dos pães ázimos,* em que era de preceito imolar-se o cordeiro pascal.* Assim, os discípulos foram ter com Jesus e perguntaram-lhe: “Aonde queres que vamos preparar-te a ceia da Páscoa?” E Jesus enviou dois dos seus discípulos, Pedro e João, dizendo-lhes: “Ide vós e preparai tudo para comermos a Páscoa”.

Indagaram êles: “Mas onde queres que te preparemos a ceia?”

Respondeu Jesus: “Ao entrardes na cidade, sairá ao vosso encontro um homem levando um cântaro d'água.* Seguí-o à casa em que êle entrar, e onde quer que entre, dizeis ao pai de família e dono da casa: “O Mestre manda dizer-te que a sua hora está próxima e que deseja celebrar a Páscoa em tua casa. Onde é, pois, o aposento em que deverá comer o cordeiro pascal com os seus discípulos?” E êle vos mostrará um grande cenáculo* mobiliado. Preparai-nos ali o que fôr necessário”.

Partiram os discípulos, e, chegando à cidade, encontraram tudo como lhes fôra dito, e prepararam a ceia pascal como Jesus lhes ordenara.

1006 — *Chegou o dia dos pães ázimos.* A última ceia realizou-se em 6 de abril do ano 30, quinta-feira, supondo-se que abril tenha coincidido com o mês de Nisan (primeiro mês do ano litúrgico dos judeus), e, como Nisan, tenha começado com lua nova, pois os meses do calendário judaico eram lunares. — No ano em que Jesus morreu, a Páscoa caía em sexta-feira. Os saduceus, segundo costume seu, atrasaram em um dia o calendário, para que a oferenda solene das primícias do trigo se realizasse em domingo. Os fariseus, adistritos ao calendário regular, efetuaram em sábado a oferenda das primícias. Quanto ao povo, dividido entre as duas correntes de opinião, não tomou parte em massa nas cerimônias, mas por facções, em dias diversos. A última ceia de Jesus foi, pois, sem dúvida, a ceia legal do cordeiro e se realizou na quinta-feira, como a dos fariseus e da maioria do povo que considerava aquêle dia o 14 de Nisan. Naquela época, os judeus organizavam por meios empíricos o seu calendário, que era de uma elasticidade quase inconcebível para os homens dos nossos dias. Essa elasticidade é uma realidade histórica de grande importância. E justamente por se basearem nela é que as explicações antecedentes têm sido consideradas como as mais acertadas para a questão de que aqui se trata.

1007 — *Era de preceito imolar-se o cordeiro pascal.* Com o mesmo sentido consta na Vulgata: "...necesse erat occidi pascha", era necessário imolar-se a páscoa. Levava-se o cordeiro ao Templo para ser imolado, e fazia-se em casa a ceia pascal.

1008 — *Um homem levando um cântaro de água.* Era um sinal muito fácil de reconhecer, pois raras vezes se encontrava um homem com um cântaro de água naquelas terras, em que de ordinário eram as mulheres que iam à fonte. Devia ser um dos muitos que tinham aderido a Jesus, ou talvez algum parente do evangelista, como pensa Ricciotti.

1009 — *Cenáculo.* Entre os latinos, êste vocábulo significa simplesmente "refeitório". Nós, porém, o reservamos para imortalizar a sala onde se realizou a ceia eucarística.

191 — COMÊÇO DA CEIA. LAVA-PÉS

(S. João, XIII, 1-11; S. Luc. XXII, 14-18, 24-30; S. Mat. XXVI, 20; S. Marc. XIV, 17)

Antes do dia da festa pascal,* Jesus foi ao cenáculo, à tarde em companhia dos doze Apóstolos. Chegada a hora da ceia, tomou lugar à mesa com êles.

Suscitou-se então entre os discípulos uma discussão* a respeito de qual dêles deveria reputar-se maior.

Disse-lhes, porém, Jesus: "Os reis dos gentios os dominam, e os que têm autoridade entre os gentios, intitulam-se benfeitores.* Mas entre vós não deverá ser assim. O maior de vós faça-se tão pequeno como o menor, e o que governa seja como o que serve. Porque eu vos pergunto: qual é o maior, o que está à mesa ou o que serve? Não é maior o que está à mesa? No entanto eu estou entre vós como um servo.

"Vós permanecestes comigo nas minhas tribulações. Por isto vos preparo um reino, como meu Pai o preparou para mim. Comereis e bebereis à minha mesa, no meu reino, e tomareis assento sôbre tornos a fim de julgar as doze tribos de Israel".

Sabia que em seguida deveria passar dêste mundo para seu Pai.* Como tinha amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim. E disse-lhes: "Ansiosamente desejei comer convosco esta Páscoa antes de padecer, pois vos declaro que não tornarei a comê-la até que ela se realize no reino de Deus".*

Então pegou um cálice, deu graças* e disse: "Tomai e distribuí dêle entre vós. Digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira até que venha o reino de Deus".

Durante a ceia* — já o demônio havia insinuado ao coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse o Mestre — Jesus, mesmo sabendo que o Pai depositava tudo em suas mãos e que saíra de Deus* e que para Deus ia, levand-

tou-se da mesa, depôs o manto,* tomou uma toalha, cingiu-se com ela, e, depois de despejar água numa bacia, passou a lavar os pés dos discípulos, enxugando-os com a toalha que trazia à cintura.

Quando se aproximou de Simão Pedro, disse-lhe este: “Senhor, tu me lavares os pés?”

Respondeu-lhe Jesus: “Não compreendes agora o que eu faço, mas hás de compreender depois”.

“Não — tornou Pedro — jamais me lavarás os pés”.

Replicou-lhe Jesus: “Se não te lavar, não terás parte comigo”.

Então Simão Pedro rendeu-se: “Senhor, lava-me não só os pés, mas também as mãos e a cabeça”.

E Jesus lhe disse: “Aquêle que já se banhou,* não precisa lavar senão os pés, e está inteiramente limpo. Vós também estais limpos, mas não todos”.

Sabia Jesus quem o havia de trair, e por isto disse quem nem todos estavam limpos.

1010 — *Na tarde anterior ao dia da festa pascal.* Naquele ano, a Páscoa caía em sexta-feira. Acontece, porém, que o dia legal começava em seguida ao pôr-do-sol do dia anterior. Assim sendo, para os efeitos legais principiava a sexta-feira pelas seis ou sete horas da tarde, podendo-se desde então comer o cordeiro pascal. Na realidade, era ainda quinta-feira. E por isto pôde Jesus celebrar a Páscoa na véspera de sua paixão.

1011 — *Suscitou-se entre os discípulos uma discussão...* O que aconteceu foi que, na ocasião de tomarem lugar à mesa, os Apóstolos disputaram a honra de ocupar os divãs mais próximos de Jesus (V. notas 374 e 1015). Simples competição de amor-próprio. Observa Ricciotti que nada prova melhor a honestidade dos evangelistas do que o cuidado com que notam a mesquinhez dos fundadores da Igreja, ainda não iluminados pelo Espírito Santo. No seu Evangelho, S. Lucas dá a contenda dos Apóstolos depois da ceia pascal e da instituição da Eucaristia. Esclarecem os comentadores que o evangelista assim procedeu a fim de logo fazer concentrar-se a atenção especial do leitor nos fatos mais importantes, deixando para depois outros menos memoráveis, alguns dos quais se deram antes daqueles ou quase simultaneamente, ao menos em parte.

1012 — *Intitulam-se benfeitores.* Entre os príncipes da Síria e do Egito, havia um bom número deles que se intitulavam “Evergetas” (Benfeitores, em grego), mas que no entanto haviam sido terríveis tiranos. O título de “Evergeta” dava-se também, uma vez ou outra, a simples cidadãos que tinham merecido a honra de ser considerados como benfeitores da nação.

1013 — *Deveria passar dêste mundo para seu Pai.* Há aqui uma alusão à palavra “páscoa”, que quer dizer “passagem”, como já foi explicado em outra nota. A partida de Jesus para o céu coincidiria com a festa pascal, que recordava a Israel o grande acontecimento de ter passado do Egito para Canaã, por entre as águas repartidas do Mar Vermelho.

1014 — *Até que ela se realize no reino de Deus.* Em outros termos: "até que se realize a ceia da Páscoa eterna", pois as palavras "reino de Deus" se entendem aqui da ressurreição de Jesus e da sua glorificação no céu. "Mutatis mutandis", aplica-se também este comentário às seguintes palavras de Jesus: "... não tornarei a beber do fruto da videira até que venha o reino de Deus".

1015 — *Então pegou do cálice, deu graças, etc.* No ágape do cordeiro pascal, observavam-se as cerimônias que se seguem. Começava-se por um cálice de vinho misturado com água que o pai de família distribuía aos convivas, exprimindo a sua satisfação de poder celebrar a Páscoa com eles. Comiam-se ervas amargas e bebia-se água salgada, em memória das amarguras que haviam sofrido os israelitas durante o cativeiro no Egito. Circulava um segundo cálice de vinho, no qual todos molhavam os lábios em sinal de união, e rezava-se um salmo. Só depois destas cerimônias preliminares é que se comia o cordeiro pascal, acompanhado de pães ázimos e vinho com água. Terminava o festim circulando um último cálice, acompanhado de orações. Nos antigos tempos, comia-se a páscoa de pé e com um cajado na mão, recordando-se assim a viagem dos israelitas para Canaã. Mas no tempo de Jesus já era costume fazerem os convivas a refeição pascal reclinados em sofás ou divãs dispostos junto à mesa, segundo o costume oriental. Além das abluções iniciais, praticavam-se outras durante a refeição. O vinho que Jesus ofereceu aos Apóstolos antes de comerem todos o cordeiro pascal, não foi ainda o da Sagrada Eucaristia. Era apenas o do cerimonial da Páscoa judaica.

1016 — *Durante a ceia.* Muitas traduções trazem, aqui, "depois da ceia". O texto grego, porém, diz que o lava-pés se realizou durante a ceia, razão por que assim se fez constar nesta Sinopse. Em grego, as expressões "durante" e "depois" diferem apenas numa letra, provindo daí o equívoco de que se originou a discordância apontada. Jesus quis reforçar com um ato humilíssimo as suas reiteradas recomendações de humildade, que, bem via, não tinham surtido ainda o desejado efeito. Dispôs-se então a lavar os pés dos Apóstolos, e realmente os lavou, como narra em seguida o Evangelho.

1017 — *Sabendo que saíra de Deus.* Se Jesus levou a sua humildade até lavar os pés dos Apóstolos, não foi porque ignorasse a sua origem divina. Ele mesmo o dirá pouco depois. Por conseguinte, é com plena consciência da sua dignidade que o Filho de Deus pratica o edificante ato de humildade para com aqueles pobres pescadores.

1018 — *Depôs o manto.* Consta na Vulgata: "ponit vestimenta sua", depôs as suas vestiduras. Aludem estas palavras ao manto que os judeus costumavam usar. Jesus ficou somente com uma túnica, veste de fâmulos e escravos.

1019 — *Aquêle que se banhou.* Era costume lavar as mãos e a cabeça e até banhar-se, antes de ir para a mesa. Dêstes cuidados de aseo, passa Jesus à purificação da alma, simbolizada no lava-pés. Quem saiu do banho, naturalmente deve ter limpo o corpo, a não ser talvez os pés, que facilmente se sujam, por estarem mais em contato com o solo. Assim também aqueles que se purificam dos pecados graves. Apenas terão ainda as manchas dos pecados leves, comparáveis à poeira que lhes adere aos pés, e só delas precisam purificar-se.

192 — JUDAS É DENUNCIADO

(S. João, XIII, 12-30; S. Mat. XXVI, 21-25; S. Marc. XIV, 18-21; S. Luc. XXII, 21-23)

Depois que lavou os pés dos discípulos, retomou Jesus o seu manto, pôs-se novamente à mesa e disse: “Compreendeis o que acabo de fazer? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque realmente o sou. Ora, se eu, sendo vosso Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros, porque vos dei o exemplo, a fim de que façais como eu fiz|

“Em verdade, em verdade vos digo, o servo não é mais do que o senhor, nem o enviado* é mais do que aquele que o enviou. Bem-aventurados sereis se compreenderdes isto e o puserdes em prática.

“Não falo de todos vós. Bem sei a quem escolhi.* Mas é preciso que se cumpra a Escritura:* O que come o pão comigo levantará contra mim o calcanhar.* Isto vos digo já agora, antes de se dar, para que, na ocasião de acontecer, reconheçais que se refere a mim.*

“Em verdade, em verdade vos digo, quem receber aquele que eu enviar, receberá a mim, e quem a mim recebe, recebe aquele que me enviou”.

Proferidas estas palavras enquanto estavam à mesa comendo, Jesus sentiu-se abalado em seu espírito, e, falando claramente, disse: “Em verdade, em verdade vos digo, um de vós que come comigo, há de trair-me”.

Entreolharam-se os discípulos, sem saber de quem falava Jesus, e puseram-se a perguntar uns aos outros qual deles seria que havia de cometer a traição. E penetrados de grande tristeza, entraram a lhe perguntar, cada um em particular: “Porventura sou eu, Senhor?”

Respondendo-lhes, disse Jesus: “Um dos doze, que leva a mão ao prato comigo, é que me entregará. Está com as minhas, sobre a mesa, a mão do traidor. Na verdade, o Filho do Homem vai morrer, assim como dele está escrito.* Mas aí daquele por quem o Filho do Homem há de ser entregue. Melhor seria para ele que não tivesse nascido”.

Falando em particular também, perguntou Judas, que depois o traiu: “Acaso serei eu, Mestre?”

E Jesus lhe respondeu: “Tu o disseste”.*

Ora, estava reclinado sobre o peito de Jesus um dos discípulos* a quem ele muito estimava. Chamou-o Pedro com um aceno e disse-lhe: “Pergunta de quem é que ele fala?”*

Inclinou-se o discípulo sobre o peito de Jesus, e perguntou: “Senhor, quem é ele?”

Respondeu Jesus: "E' aquêlê a quem eu der o pão embebido".* E tendo embebido o pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. E logo depois de Judas ter comido o pão apoderou-se dêle Satanás.*

E Jesus lhe disse: "Faze depressa o que estás por fazer".

Mas nenhum dos que estavam à mesa atinou com o motivo por que Jesus lhe falou assim.* E como Judas é que estava encarregado da bolsa, pensaram alguns dêles que Jesus lhe recomendara que comprasse o que necessitavam para a festa, ou que desse alguma coisa aos pobres.

Judas, porém, assim que recebeu o pedaço de pão, saiu* da sala. E já era noite.

1020 — *O enviado.* Na Vulga está "apostolus", vocábulo que também significa "enviado", como já foi dito em outra nota.

1021 — *Bem sei a quem escolhi.* Judas tinha sido chamado, mas não seria do número dos escolhidos.

1022 — *E' preciso que se cumpra a Escritura.* Alude Jesus ao Salmo XL, e principalmente ao seu décimo versículo. No salmo êsse, Davi refere-se ao traidor Aquitofel, seu conselheiro, que tomou parte na conspiração de Absalão para lhe usurpar o trono (II Reis, XV, 12 e 31). Ora, Davi era a figura profética do Messias. A traição que sofreu de Aquitofel representava profeticamente a que o Divino Mestre sofreria de um dos seus discípulos (Atos: I, 16), traição que teria o mesmo desfêcho do crime de Aquitofel, pois êste também acabou enforcando-se. (II Reis: XVII, 23) Repetidas vêzes aludira Jesus de maneira clara à traição que o rondava. Chegara, porém, o momento de desmascarar o traidor, obrigando-o a separar-se do grupo dos Apóstolos de que já não era digno, e encaminhar os acontecimentos para o desfêcho permitido por Deus desde tôda a eternidade.

1023 — *Levantará contra mim o calcanhar.* Alude esta frase ao ato de levantar o pé para esmagar um animalejo. No salmo XL, como se encontra na Vulgata, lê-se: "...magnificavit super me supplantationem", o que não comporta tradução literal.

1024 — *Para que reconheçais que se refere a mim.* Citando a profecia do salmo XL, dá Jesus aos Apóstolos mais uma prova de que é o Messias, Filho de Deus feito homem, e fá-los notar que não é colhido de surpresa.

1025 — *Assim como dêle está escrito.* Salmo XL, 10. V. nota 1022.

1026 — *Tu o disseste.* Locução hebraica geralmente empregada como resposta afirmativa. A resposta de Jesus certamente não foi ouvida pelos outros Apóstolos, talvez nem mesmo por S. João, que se encontrava mais próximo do Mestre, e que estaria com a atenção prêsa ao que diziam os comensais no outro lado da mesa.

1027 — *Estava reclinado sôbre o peito de Jesus um dos discípulos.* Os convivas reclinavam-se em divãs, e apoiavam-se no cotovêlo esquerdo para conservar livre a mão direita. Com um leve movimento para trás, fâcilmente podiam recostar a cabeça sôbre o peito de quem

estava à sua esquerda. A esta posição alude o evangelista, ou, como consta na Vulgata: "Erat recumbens unus ex discipulis ejus in sinu Jesus". O trecho provém de S. João. E é ele mesmo o discípulo a quem se refere, e que Jesus muito estimava, provavelmente em virtude da pureza dos sentimentos que exornavam o coração do jovem Boanerges.

1028 — *Pergunta de quem é que ele fala.* Depreende-se do contexto que o pedido de S. Pedro foi feito por palavras e acenos que somente S. João percebeu. E em segredo ficou este sabendo quem seria o traidor.

1029 — *Pão embebido.* Era nímia gentileza no Oriente, e ainda é, oferecer com a própria mão um bocado escolhido. Jesus deu a Judas um pedaço de pão embebido na gordura do cordeiro pascal. Não era apenas um sinal para indicar o traidor. Tratava-o ainda com amabilidade, lamentando profundamente a sua perversidade inflexível. Pagava o mal com o bem.

1030 — *Apoderou-se d'ele Satanás.* O demônio já inspirara a Judas a idéia da traição. Agora apodera-se inteiramente de sua vítima. Com o mesmo sentido das palavras da epígrafe, consta na Vulgata: "Intróvit in eum satanas", entranhou-se nele Satanás.

1031 — *Nenhum atinou com o motivo por que Jesus lhe falou assim.* Se o Apóstolo S. João ficou sabendo, antes, que Judas seria o traidor (V. nota 1026), não julgou que a traição se consumaria logo, e por isto também ele não compreendeu que as palavras de Jesus aludiam ao crime de Judas.

1032 — *Judas saiu.* Não poucos comentadores são de opinião que Judas só deixou a sala depois da instituição do sacramento da Eucaristia. Mas a maioria dos exegetas contemporâneos entendem que o traidor se afastou logo depois que Jesus lhe disse, exprobatória-mente, que fizesse depressa o que tinha a intenção de fazer.

193 — GLORIFICAÇÃO DE JESUS

(S. João, XIII, 31-32)

Depois que Judas saiu, disse Jesus: "Agora é glorificado o Filho do Homem,* e Deus é glorificado nele. Ora, se Deus é nele glorificado, também Deus o há de glorificar em si mesmo, e em breve o glorificará".

1033 — *Agora é glorificado o Filho do Homem, etc.* A saída de Judas põe termo à angústia do coração de Jesus. E exulta o Salvador ao pensar no grandioso mistério da Redenção que se vai realizar, consumando-se assim a glória que ele pusera em salvar o mundo, glória também do Eterno Pai, que o enviara. À morte de Jesus seguir-se-á quase imediatamente a sua ressurreição gloriosa. E a isto alude também o Salvador.

194 — INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

(S. Mat. XXVI, 26-28; S. Marc. XIV, 22-24; S. Luc. XXII, 19-20)

Quando ainda estavam ceando,* tomou Jesus o pão, e deu graças e benzeu-o. Distribuiu-o depois aos seus discípulos,

e disse: "Tomai e comei. isto é o meu corpo,* que é dado por vós.* Fazei isto em memória de mim".*

Depois de comido o cordeiro pascal, Jesus tomou também o cálice, novamente deu graças, e o deu aos discípulos, dizendo: "Bebei dêle todos, porque isto é o meu sangue,* o sangue da nova aliança,* que será derramado por vós e por muitos, para remissão dos pecados".

E beberam todos.

1034 — *Quando ainda estavam ceando...* A ceia do cordeiro pascal havia terminado. Jesus institui, em continuação, a sagrada Eucaristia, distribuindo aos Apóstolos o pão e o vinho do novo sacramento, dom supremo do seu amor e com o qual perpetuaria a sua presença real entre os homens. Veja a nota seguinte.

1035 — *Isto é o meu corpo.* Pelas palavras onipotentes do Salvador, a substância do pão sofreu uma transformação prodigiosa, tornando-se outra substância, inteiramente diversa, o corpo de Jesus Cristo. E' o que se chama o mistério da transubstanciação. O pão continuou mantendo a sua aparência, ou, em outros termos, permaneceram as "espécies" do pão. Nêle estava, porém, Jesus Cristo, com corpo, sangue, alma e divindade. E este prodígio denomina-se "mistério da presença real". Em algumas traduções encontra-se: "Este é o meu corpo", e mais adiante: "Este é o meu sangue". Os textos básicos permitem também esta fórmula, e não apenas a tradução com o pronome "isto". Mas o sentido permanece o mesmo. Jesus Cristo afirma categoricamente a sua presença real na sagrada Eucaristia.

1036 — *Que é dado por vós.* Jesus Cristo instituiu logo a Eucaristia como sacrifício (V. nota 1038), para satisfação pelos pecados dos homens e expiação. Encontram-se no Evangelho de S. Lucas as palavras da epigrafe. Omitiram-nas os evangelistas S. Mateus e S. Marcos porque elas se subentendem nas que se lêem sobre o vinho transubstanciado em sangue eucarístico: "que será derramado por vós".

1037 — *Fazei isto em memória de mim.* E' uma ordem dada aos Apóstolos para celebrarem na Igreja o sacrifício eucarístico e distribuírem a Eucaristia, como fêz Jesus mesmo. Assim, na ocasião foram êles investidos do ministério sacerdotal para oferecerem a Deus o sacrifício litúrgico (V. nota 1038), e foi-lhes conferida a autoridade episcopal para transmitirem aos seus sucessores os direitos e poderes religiosos.

1038 — *Isto é o meu sangue.* Estas palavras pronunciadas sobre o cálice operam a transubstanciação do vinho, representando a efusão do sangue do Salvador na cruz. Assim como acontece sob a espécie do pão, Jesus Cristo está no vinho eucarístico, em corpo, sangue, alma e divindade. Nesta segunda consagração foi instituído o santo sacrifício da Missa, que comemora e continua, de modo incruento, mas real, o sacrifício de Jesus no Calvário. Sacrifício, no caso, é a oferta exterior de uma coisa sensível, que o ministro legítimo consagra a Deus, como demonstração de que reconhece o seu domínio soberano sobre tôdas as coisas, e também com o objetivo de expiação pelos pecados que em tôda parte os homens sempre cometem. Todos os sacrifícios da Antiga Lei eram somente figuras do grande sacrifício de Jesus Cristo, na cruz, para a redenção do gênero humano. No santo sacrifício da Missa, os fiéis — e também os sacerdotes em Missas celebradas por outros — não estão obrigados à Comunhão sob

as duas espécies, pois cada uma delas encerra o mesmo sacramento. Nos primeiros tempos da Igreja os fiéis recebiam, na Comunhão, pão e vinho consagrados. Não se era de opinião, porém, que isso fôsse absolutamente necessário. E para maior facilidade na distribuição da Eucaristia, como também para evitar acidentes fortuitos ou profanações na distribuição do vinho, a partir do século XIII adotou-se o costume de ministrar aos fiéis a Eucaristia somente sob a espécie de pão.

1039 — *O sangue da nova aliança*. Com o mesmo sentido consta na Vulgata: "sanguinis novi testamenti", o sangue do novo testamento. Exprime-se assim Jesus para fazer notar que o seu sacrifício representa a confirmação da Nova Lei, da nova aliança de Deus com os homens por intermédio d'Ele, o Cristo, e portanto do Novo Testamento. (V. Introdução) tomado este vocábulo no sentido de uma declaração da vontade de Deus, como já foi explicado em outra nota.

195 — PALAVRAS DE DESPEDIDA. ADVERTÊNCIA A PEDRO

(S. João, XIII, 33-38)

"Caros filhos,* ainda estou um pouco convosco. Disse eu aos judeus que não podiam ir para onde eu vou. O mesmo digo agora.

"Dou-vos um novo mandamento:* Amai-vos uns aos outros, de modo que chegueis a vos amar mutuamente como eu vos amei. Por esta particularidade do mútuo amor conhecerão todos que sois meus discípulos".

Perguntou-lhe então Simão Pedro: "Para onde vais tu?"

Respondeu-lhe Jesus: "Aonde eu vou não podes seguir-me agora. Mais tarde, porém, me seguirás".

Disse Pedro: "Por que não posso seguir-te agora? Eu darei a minha vida por ti!"

"Darás a tua vida por mim?* — tornou Jesus. Em verdade, em verdade te digo que antes de cantar o galo* me terás negado três vezes".

1040 — *Caros filhos*. Na Vulgata está "filioli", tratamento que na sua forma diminutiva exprime particular afeição, como as palavras da epígrafe. Do último colóquio de Jesus com os seus discípulos prediletos, S. Lucas fala pouco e nada dizem os dois outros Evangelhos Sinópticos. Provavelmente por entenderem S. Mateus e S. Marcos que naquela noite Jesus apenas repetiu o que já havia dito em outras ocasiões. Mas S. João consagrou ao memorável colóquio uma série de capítulos. Pensam muitos que esta prédica, tão importante no quarto Evangelho como o Sermão da Montanha nos três primeiros, tenha sido aumentada por S. João com ensinamentos de Jesus anteriormente ministrados.

1041 — *Dou-vos um novo mandamento*. Segundo os intérpretes, este preceito é chamado "novo", não por seu objeto, que era o de preceitos já em vigor, mas por seu teor e extensão. À luz do novo mandamento, devemos amar o próximo "eficazmente", isto é, provando com atos o nosso amor, e "perfeitamente", ou seja, amando no próximo o que é de Deus. A Antiga Lei (Levítico: XIX, 18) proibia a vingança, impunha o perdão das injúrias e mandava amar os amigos como a

si mesmo. O nóvo mandamento, pelo se utor especial e maior extensão, obriga-nos a amar até os que se fazem nossos inimigos. Cumpre, porém, notar que o amor ao próximo, no sentido de caridade cristã, não precisa ser uma afeição sensível para se enquadrar nas duas normas expostas linhas acima. Podemos não simpatizar com determinada pessoa e contudo socorrê-la cristãmente em suas necessidades. E' um exemplo frisante de amor ao próximo.

1042 — *Darás a tua vida por mim?* Na sua presciência, sabia Jesus que o sincero zêlo de Pedro se desmentiria em breve numa lamentável deserção. Mas... diria a Pedro o que ia acontecer? Sim, devia dizer, ainda que o entristecesse. O Apóstolo contava demais com a sua coragem. Precisava aprender a desconfiar de si; tinha de ficar sabendo o que é o homem quando abandonado às próprias fôrças.

1043 — *Não cantará o galo.* Pelo confronto com os outros Evangelhos, vê-se que as palavras da epígrafe significam: antes que o galo tenha cantado tódas as vêzes que costuma cantar durante a noite.

196 — PALAVRAS DE CONSÔLO AOS DISCÍPULOS

(S. João, XIV, 1-26)

"Não se perturbe o vosso coração. Vós credes em Deus. Crede também em mim.

"Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fôsse, eu o teria dito, pois vou preparar-vos um lugar. Depois que eu fôr e tiver preparado o vosso lugar, virei outra vez e vos levarei comigo para que estejais onde eu estiver. Sabeis para onde eu vou e conheceis o caminho".

Falou, porém, Tomé: "Senhor, não sabemos para onde vais. E como podemos conhecer o caminho?"

Respondeu-lhe Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida.* Ninguém vai ao Pai senão por mim. Se me conheceis a mim,* também a meu Pai conhecereis. Mas em breve o conhecereis* e até já o vistes".

Disse-lhe então Filipe: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isto bastará".

"Há tanto tempo que estou convosco — respondeu Jesus — e ainda não me conheceis! Filipe, quem me vê a mim, vê também o Pai. Como, pois, dizes tu: "Mostra-nos o Pai?"

"Não credes que estou no Pai* e que o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo. O Pai que está em mim é que faz as minhas obras. Se não acreditais que eu estou no Pai e que o Pai está em mim, crede-o ao menos em vista das minhas obras.

"Em verdade vos digo que aquêle que crê em mim, fará o que eu faço, e até mais,* porque eu vou para o Pai, e tudo o que em meu nome pedirdes a meu Pai, eu o farei,* a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Hei de conceder-vos tudo o que me pedirdes* em meu nome.

"Se me tendes amor, guardai os meus mandamentos.

"Rogarei a meu Pai, e ele vos dará outro Intercessor,* que permaneça convosco para sempre. E' o Espírito de verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Mas vós o conhecereis, pois ele permanecerá convosco e estará em vós.

"Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós. Ainda um pouco de tempo, e o mundo não me verá mais. Mas vós haveis de ver-me, porque eu vivo e vós também vivereis.*

"Nesse dia conhecereis que estou no Pai* e vós em mim e eu em vós.

"Quem conhece os meus mandamentos e os guarda, ama-me.* E quem me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e hei de manifestar-me a ele".

Disse-lhe Judas, não o Iscariotes:* "Senhor, por que razão te manifestarás a nós e não ao mundo?"

Respondeu Jesus: "Se alguém me ama,* guardará a minha palavra. E meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos a nossa morada.* Quem não me ama, não guarda as minhas palavras. Ora, a palavra que tendes ouvido não é minha,* mas de meu Pai, que me enviou.

"Digo-vos isto enquanto estou convosco. Mas o Intercessor, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vós há de ensinar tudo e fará que vos lembreis de quanto vos tenho dito".

1044 — *Eu sou o caminho a verdade e a vida.* Jesus é o "caminho" porque nos conduz ao Eterno Pai pelo seu exemplo, e porque é o mediador necessário; é a "verdade" em que devemos crer, por ser a palavra de Deus, o Verbo Divino Encarnado; é a "vida" porque comunica aos fiéis a vida da graça.

1045 — *Se me conhecêsseis a mim...* Se me tivésseis conhecido melhor, se tivésseis visto em minha pessoa a Divindade que está em mim, teríeis conhecido também o Eterno Pai, porque o Pai e eu somos um quanto à divindade, temos os mesmos atributos, as mesmas qualidades essenciais.

1046 — *Em breve o conhecereis.* Em breve o Espírito Santo vos fará compreender o que vistes em mim.

1047 — *Não credes que estou no Pai...* Jesus substitui o verbo "ver" que havia dado margem à pergunta de Filipe, pelo verbo "crer", que dissipará todos os equívocos, mostrando que ele não se referia aos sentidos, e sim à fé. Entre o Pai e o Filho há perfeita identidade de natureza. Durante a festa da Dedicção, já dissera Jesus: "Eu e o Pai somos um". A pergunta de Filipe dá-lhe ensejo para precisar a sua grandiosa declaração.

1048 — *E até mais.* Esta promessa foi cumprida principalmente com a conversão do mundo ao Cristianismo por efeito da pregação dos Apóstolos, enquanto que pela pregação pessoal de Jesus só se converteu uma parte do povo israelita.

1049 — *Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, eu o farei,* etc. Neste trecho do Evangelho (S. João: XIV, 13-16) Jesus Cristo

ora fala como Deus, dizendo que fará aquilo que fôr pedido ao Eterno Pai; ora fala como homem, prometendo que por sua intercessão junto ao Pai, o Espírito Santo será enviado aos Apóstolos. Mostrando que são inseparáveis na essência e nas operações, embora distintos nas pessoas, Jesus acentua que o Pai será glorificado no que o Filho fizer, e que se deve orar ao Pai em nome do Filho, e ao Filho, no seu próprio nome. Entretanto, não se deduza daí que seja supérflua ou destituída de valor a intercessão dos santos. E' um ato de humildade recorrer a eles, considerando-os mais agradáveis a Deus do que nós. E invocá-los não significa que confiemos menos em Jesus, pois bem sabemos que só pelos méritos do Salvador é que os santos são ouvidos.

1050 — *Hei de conceder-vos tudo o que pedirdes.* Quem obedece às inspirações da graça, só pede a Deus o que Deus tenciona conceder-lhe, o que é útil para a salvação das almas. A isto chama Jesus "pedir em seu nome".

1051 — *E' ele vos dará outro Intercessor.* Na Vulgata consta: "et alium Paraclitum dabit vobis". Paraclito (ou Paracleto, do grego "Parákletos") significa intercessor, advogado, assistente, conselheiro ou confortador. São clássicas as três primeiras acepções. Nesta passagem, pela primeira vez apresenta Jesus à consideração do espírito humano o mistério inefável da Santíssima Trindade, nomeando também o Espírito Santo, que viria completar em nós a obra espiritual de Jesus, pela santificação das almas.

1052 — *Eu vivo e vós também vivereis.* Significam estas palavras que Jesus, como Deus, é a própria vida e tem em si a vida eterna, e que os Apóstolos dela partilharão na bem-aventurança em que serão admitidos depois da morte.

1053 — *Nesse dia conhecereis que estou no Pai...* Os Apóstolos haveriam de vê-lo ressuscitado e glorioso. E então, esclarecidos pelo Espírito Santo, que já teria descido sobre eles, chegariam ao conhecimento do mistério da união consubstancial de Jesus com o Pai e da sua íntima união com os fiéis.

1054 — *Quem guarda os meus mandamentos, ama-me.* Encerram estas palavras toda uma Teologia, desconhecida até então e que só muito mais tarde seria plenamente desenvolvida. O verdadeiro amor a Deus impõe-nos, por si mesmo, a fiel e sincera observância dos mandamentos divinos. Tudo o que se diga em contrário deve ser considerado como erro, e dos mais grosseiros. O próprio Jesus dá-nos o exemplo dessa obediência, prova essencial do amor, quando diz que se entregará aos seus inimigos para que o mundo conheça que tem amor ao Pai e que faz o que o Pai lhe ordena (S. João XIV, 31). E no decorrer da ceia pascal, por diversas vezes tocou na fundamental questão.

1055 — *Judas, não o Iscariotes.* Trata-se de Judas Tadeu.

1056 — *Se alguém me ama, etc.* Deus habita na alma do justo, isto é, daquele que ama a Deus e por isto observa a sua lei. O mundo não ama a Jesus. Não amando a Jesus, não segue a sua palavra, e, não seguindo a sua palavra, não pode ter a revelação do Eterno Pai. E' a resposta à pergunta de Judas Tadeu.

1057 — *E nós... nele faremos a nossa morada.* E nós, a três Pessoas da Santíssima Trindade, estabeleceremos morada permanente em seu coração, como num templo.

1 058 — *A palavra que tendes ouvido, não é minha.* Nesta passagem e no versículo anterior (S. João: XIV, 23-24), Jesus distingue as palavras humanas de que se servia para ensinar, e a "Palavra" eterna do Pai, ou seja, o Verbo Divino, que se fez homem e fala por intermédio de sua natureza humana.

197 — A PAZ EM CRISTO

(S. João, XIV, 27-31; S. Mat. XXVI, 29; S. Marc. XIV, 25)

"A paz vos deixo. Dou-vos a minha paz. Mas não a dou como a dá o mundo.*

"Não se perturbe nem se assuste o vosso coração. Ouvistes o que eu vos disse: Vou, mas voltarei para vós. Se me tivésseis amor, folgaríeis em saber que vou para o Pai,* porque o Pai é superior a mim.*

"Digo-vos isto agora, antes que suceda, para que o creiais depois de suceder.*

"Já não vos falarei por muito tempo, porque vem o Príncipe deste mundo. Sobre mim não tem poder nenhum. Mas para que o mundo conheça que tenho amor ao Pai e que faço o que o Pai me ordenou, levantai-vos e saiamos daqui.*

"Em verdade vos digo que a partir de hoje não beberei mais deste fruto da videira* até o dia em que o hei de beber novamente convosco no reino de Deus, meu Pai".

1 059 — *Não a dou como a dá o mundo.* Ao se despedirem, costumavam os judeus dizer: "A paz seja convosco". E' o que na ocasião faz Jesus Cristo. Mas observa que as suas palavras não constituem simples fórmula convencional de despedida, porque éle dá realmente a paz que deseja aos seus discípulos. Trata-se da paz com Deus, com o próximo e consigo mesmo.

1 060 — *Se me tivésseis amor, folgaríeis em saber que vou para o Pai.* Jesus não põe em dúvida que o amem os Apóstolos, como poderiam amá-lo aqueles humildes pescadores ainda não agraciados com os dons sobrenaturais do Espírito Santo. Emprega o Salvador uma maneira comum de falar, fazendo ver que deixa o mundo para subir ao seio do Eterno Pai, onde a sua humanidade se revestirá de glória imperecível.

1 061 — *Porque o Pai é superior a mim.* Com o mesmo sentido consta na Vulgata: "quia Pater major me est", porque o Pai é maior do que eu. Quando Jesus proferiu as palavras reproduzidas na epígrafe, naturalmente se colocou no nível humano dos Apóstolos, necessitados de consólo, falando-lhes como homem e enquanto homem. Não cabe dúvida a respeito desta interpretação, porque efetivamente só como homem poderia ir Jesus para o eterno Pai, já que pela sua natureza divina lhe é igual, e d'ele jamais saiu.

1 062 — *Para que o creiais depois que suceder.* Para que à vista da realização do que anunciava, os Apóstolos também acreditassem que voltaria a eles, como tinha declarado momentos antes.

1 063 — *Levantai-vos e saiamos daqui.* A maior parte dos comentadores são de opinião que Jesus se levantou da mesa com os Apósto-

Ios, mas que se demorou ainda a falar com eles no Cenáculo, como é comum acontecer em ocasiões de despedida. Tendo S. João escrito as frases da epígrafe no capítulo XIV do seu Evangelho, continua ainda reproduzindo a extensa prédica de Jesus, o que confirma a opinião mencionada linhas acima.

1 064 — *A partir de hoje não beberei mais deste fruto da videira.* No fim da ceia circulava o último cálice. Isto deu ensejo a que o Divino Mestre repetisse o que dissera quando havia oferecido aos Apóstolos o primeiro cálice de vinho.

198 — A VIDEIRA E OS SARMENTOS

(S. João, XV, 1-17)

“Eu sou a genuína videira* e meu Pai é o agricultor. Há de êle cortar todos os sarmentos que não derem frutos* em mim, e mondará os que produzirem frutos, para que os produzam com maior abundância.

“Vós já estais purificados em virtude das instruções que vos dei.* Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. O sarmento da videira não pode dar frutos por si mesmo. Tem que permanecer ligado a ela. Assim vós também não o podereis, se não permanecerdes em mim.*

“Eu sou a videira e vós sois os sarmentos. Aquêles que permanece em mim e no qual eu também permaneço, produzirá frutos em abundância, porque sem mim nada podeis fazer.

“Quem não permanecer em mim, será jogado fora como sarmento inútil, e secará, e será enfeixado e lançado ao fogo para queimar.

“Se permanecerdes em mim e se guardardes as minhas palavras,* podereis pedir tudo o que quiserdes,* e vos será concedido. Nisto é glorificado meu Pai: em que deis muito fruto e sejais meus discípulos.

“Como meu Pai me ama, assim vos amo eu. Permaneci no meu amor. Se obedecerdes aos meus preceitos, permaneceréis no meu amor, assim como eu tenho obedecido aos preceitos de meu Pai e permaneço no seu amor.

“Digo-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa.

“Este é o meu preceito: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Ninguém revela maior amor do que aquêles que dá a própria vida pelos amigos. Vós sois meus amigos, com a condição de fazer o que vos ordeno. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Chamo-vos de amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai.*

“Não fostes vós que me escolhestes. Eu é que vos escolhi e vos dei a missão de pregar a minha doutrina e pro-

duzir os frutos da virtude e das boas obras,* frutos que permaneçam. E o Pai então vos concederá tudo o que pedirdes em meu nome.

“E isto vos ordeno eu: que vos ameis uns aos outros”.

1 065 — *Sou a genuína videira.* Exprime-se assim Jesus para dizer que é o oposto daquela videira a que Isaías se tinha referido severamente, porque, devendo ela dar boas uvas, se tornara silvestre e só labruscas produzira (Isaías: V, 4). Trata-se de uma alusão à Sinagoga, que só deu frutos sáfaros.

1 066 — *Há de êle cortar todos os sarmentos que não derem frutos, etc.* Deus rejeitará os cristãos que não praticam boas obras, e purificará os outros por meio de provações, a fim de que se tornem melhores. As tribulações de que por vêzes nos queixamos, longe de indicarem que Deus nos abandona, demonstram a sua paternal solicitude para conosco. Inúmeros são aquêles que devem a salvação de sua alma à advertência de uma enfermidade grave.

1 067 — *Em virtude das instruções que vos dei.* A palavra de Deus esclarece-nos a fé, afervora a caridade e nos dispõe à penitência.

1 068 — *Vós também não o podereis, se não permanecerdes em mim.* E' pela graça que os cristãos permanecem unidos a Jesus. Quando em pecado mortal, separados portanto do Cristo, já não podem praticar obras de caráter sobrenatural, isto é, meritórias para o céu. Sômente podem praticar boas obras de caráter natural, que têm a vantagem de prepará-los para receber a graça de penitência, mas que para o céu não contam. A Eucaristia (Comunhão) é um dos meios mais eficazes para recebermos a seiva espiritual da graça. Na alegoria da videira e dos sarmentos está claramente simbolizada a união eucarística.

1 069 — *E se guardardes as minhas palavras.* Com o mesmo sentido consta na Vulgata: “et verba mea in vobis manserint”, e se as minhas palavras permanecerem em vós. — Guardamos as palavras de Deus quando as pomos em prática, pautando por elas as nossas vidas.

1 070 — *Tudo o que quizerdes.* Naturalmente o que não ofereci qualquer inconveniente para a salvação, como foi explicado em outra nota.

1 071 — *Tudo o que ouvi de meu Pai.* Deve-se entender por estas palavras: tudo o que Jesus viera revelar e ensinar enquanto estivesse na Terra e que os discípulos podiam compreender. Além disto, como dirá o próprio Jesus dentro em pouco, “tinha ainda muitas coisas para lhes dizer, mas que ainda não podiam compreender”.

1 072 — *Os frutos da virtude e das boas obras.* Na Vulgata lê-se: “ut fructum afferatis”, isto é, para que produzais frutos. Mas o sentido do termo “frutos” nesta passagem é o que consta explicitamente na epígrafe.

199 — O ÓDIO DO MUNDO

(S. João, XV, 18-27, XVI, 1-5)

“Se o mundo vos detesta, sabeí que antes me detestou a mim. Se fôsseis do mundo, êle vos amaria como o que é

seu. Mas porque não sois do mundo e porque dêle vos separei, o mundo vos detesta.

“Lembra-vos das instruções em que vos disse: o servo não é mais que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também a vós perseguirão, e guardarão a vossa palavra como guardaram a minha.*

“Mas tudo isto vos farão por minha causa, porque não conhecem aquêles que me enviou. Se eu não tivesse vindo e não lhes falasse, não teriam pecado.* Mas agora não têm desculpa para o seu pecado. E aquêles que me detesta, também detesta a meu Pai.

“Se eu não tivesse feito entre êles obras tais como ainda ninguém fêz, não teriam pecado. Agora, porém, embora as tenham visto, me odeiam a mim e a meu Pai também. Cumpre-se assim o que está escrito na sua Lei,* isto é: “Odiaram-me sem motivo”.

“Quando vier o Paráclito, Espírito de verdade que procede do Pai* e que da parte de meu Pai vos hei de enviar, dará êle testemunho de mim. E também vós dareis o vosso testemunho, porque estais comigo desde o princípio.

“Disse-vos isto para que não vos escandalizeis. Porque vos expulsarão das sinagogas. E mais: dias virão em que todos aquêles que vos matarem, julgarão estar prestando serviço a Deus. E assim vos hão de tratar porque não conhecem nem ao Pai nem a mim.

“Digo-vos estas coisas para que, ao chegar o tempo de se realizarem, vos lembreis de que eu as predisse para vós. Não vo-las disse desde o princípio porque ainda estava convosco”.*

1 073 — *Guardarão a vossa palavra como guardaram a minha.* Isto é, não a guardarão de modo nenhum. Mas não todos, naturalmente.

1 074 — *Não teriam pecado.* A pregação de Jesus, queiramos nós ou não, criou uma grande responsabilidade em todos a quem foi transmitida. E os milagres que Jesus operou para dar aos homens irrecusável demonstração de sua divina autoridade, também são tomados em conta na responsabilidade dos pecadores, porque êstes não poderão reivindicar o benefício da dúvida razoável a respeito da missão do Redentor, inúmeras vezes confirmada por aquêles milagres.

1 075 — *Como está escrito na Lei.* Salmos XXXIV, 19 e LXVIII, 5.

1 076 — *Que procede do Pai.* O Espírito Santo, terceira Pessoa da Santíssima Trindade, também procede do Filho. Se assim não fôsse, não competiria a Jesus enviá-lo com a missão de assistir aos Apóstolos.

1 077 — *Porque ainda estava convosco.* Faz ver Jesus que durante o tempo da sua convivência com os Apóstolos, somente êle seria alvo de perseguições e que por isto não lhes falara de modo preciso dos sofrimentos e provações pelas quais êles também deveriam passar mais tarde.

200 — ASSISTÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO. PRÓXIMA DESERÇÃO
DOS DISCÍPULOS E ADVERTÊNCIA A PEDRO

(S. João, XVI, 5-32; S. Luc. XXII, 31-34)

“Agora vou para aquêles que me enviou. E nenhum de vós me pergunta: “Para onde vais?” porque ficastes com os corações consternados pelo que vos disse. Mas eu vos digo a verdade. E’ conveniente para vós que eu vá, pois, se não fôr, não virá a vós o Espírito Consolador, e se fôr, a vós o enviarei.

“Quando êle vier, ao mundo convencerá do pecado e da justiça e do juízo.* Do pecado, porque não acreditaram em mim; da justiça, porque vou para meu Pai e já não me vereis; do juízo, porque o príncipe dêste mundo já está julgado.

“Tenho ainda muitas coisas por vos dizer, mas ainda não podeis compreendê-las. Mas quando vier o Espírito de verdade, vos ensinará tôdas as verdades. Não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que está por vir. Êle me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará.* Tudo o que o Pai tem é meu. Por isto vos disse que o Espírito de verdade receberá do que é meu e vo-lo anunciará.

“Daqui a pouco tempo não me vereis mais.* Passado mais um pouco de tempo, tornareis a ver-me, porque vou para meu Pai”.

Indagaram então alguns dos seus discípulos, falando entre si: “Que vem a ser isto que êle nos diz: — Daqui a pouco tempo não me vereis mais, e passado mais um pouco de tempo, tornareis a ver-me, porque vou para meu Pai?” E acrescentaram: “Que significarão as palavras “daqui a pouco tempo?” Não sabemos o que êle quer dizer”.

Conhecendo Jesus que êles queriam interrogá-lo, disse: “Perguntais uns aos outros por que vos disse eu que daqui a pouco tempo não me vereis mais, e passado ainda um pouco de tempo, tornareis a ver-me. Em verdade, em verdade vos digo que haveis de chorar e gemer, ao passo que o mundo se alegrará. Sim, ficareis acabrunhados de tristeza. Mas afinal a vossa tristeza se converterá em alegria.

“A mulher, quando está para dar à luz, fica triste,* porque é chegada a sua hora. Mas depois que lhe nasce um filho, já não se lembra do seu sofrimento, pela satisfação que sente por haver dado um homem ao mundo.

“Assim vós também. Agora estais tristes, mas tornaremos a ver-nos, e os vosso coração se alegrará e já ninguém vos há de tirar a vossa alegria. Nesse dia, nada mais me perguntareis.

“Em verdade, em verdade vos digo, se em meu nome pedirdes a meu Pai alguma coisa, êle vo-la dará. Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis, e será completa a vossa alegria.

“Tenho-vos dito isto em parábolas.* Mas vem o tempo em que já não me servirei de comparações, e abertamente vos falarei de meu Pai. Nesse dia pedireis em meu nome, e digo-vos que já não terei de rogar ao Pai por vós.* Porque o Pai mesmo vos ama por me terdes amado e acreditardes que de Deus procedo. Eu saí do Pai e vim ao mundo; deixarei agora o mundo para voltar a meu Pai”.

Disseram então os discípulos: “Eis que nos falas claramente, sem te servires de parábolas. Vemos agora que sabes tudo e não necessitas de que te façam perguntas. Por isto cremos que saístes de Deus”.

Respondeu Jesus: “Credes agora? Aproxima-se a hora — e mesmo já chegou — em que sereis dispersados, cada qual para a sua parte, e me deixareis só. Mas eu não fico só, porque o Pai está comigo”.

E o Senhor prosseguiu: “Simão, Simão, Satanás reclamou todos vós para vos joeirar como trigo.* Eu, porém, roguei por ti, para que não esmoreça a tua fé.* Tu, por tua vez, conforta teus irmãos”.

Respondeu-lhe Pedro: “Senhor, estou pronto a ir contigo para o cárcere ou para a morte”.

Tornou-lhe, porém, Jesus: “Digo-te, Pedro, que ainda hoje, antes de cantar o galo,* três vêzes negarás que me conheces”.

1 078 — *Ao mundo convencerá do pecado e da justiça e do juízo.* Um das explicações mais bem aceitas das palavras da epígrafe é a seguinte. A vinda do Espírito Santo e a sua ação manifesta, tanto nos Apóstolos como em todos os outros discípulos de Jesus Cristo, mostrariam às almas de boa vontade o grande pecado que o mundo incrédulo cometeu, repelindo a Jesus e não aceitando a sua doutrina; a justiça divina que condenou a Satanás e levou o Salvador para a glória do céu; o juízo divino em sua infalível sabedoria, pois condenando o mundo a Jesus, pronunciou uma sentença iníqua, e havendo Satanás inspirado a abominável sentença, foi devidamente julgado e teve destruído o seu império.

1 079 — *Vo-lo anunciará.* Durante a sua vida terrena, Jesus Cristo exerceu o magistério exterior. A êste magistério vai suceder outro, todo interior e espiritual, em cada um dos Apóstolos, e depois na Igreja, até a consumação dos séculos. Não são dois ensinamentos distintos, mas duas formas do mesmo ensino.

1 080 — *Daqui a pouco não me vereis mais, etc.* Estas palavras referem-se de modo imediato à morte, ressurreição e aparições subsequentes do Salvador. Mas nada impede que sejam entendidas em sentido anagógico, como significando a vida terrena dos Apóstolos no período posterior à ascensão de Jesus, e a sua futura entrada no reino da eterna bem-aventurança.

1 081 — *A mulher, quando está para dar à luz, fica triste, etc.* Para fazer surgir em si "um homem novo", o cristão deve sofrer tanto como sofre a mãe nas dores da maternidade. Mas depois, passada a luta, a sua alegria será completa.

1 082 — *Em parábolas.* Pela denominação de "parábola" entenderam os judeus todas as exposições de idéias por meio de figuras ou de frases misteriosas.

1 083 — *Já não terei de rogar ao Pai por vós.* Não diz Jesus que cessará a sua mediação junto ao Eterno Pai. Apenas exalta o amor de Deus aos seus Apóstolos em particular e aos fiéis em geral, como que fazendo notar que seria desnecessário encarecer a solicitude com que êle, Jesus, cumpriria a sua missão de mediador.

1 084 — *Simão, Simão, Satanás reclamou todos vós para vos joeirar como trigo.* Jesus quis dizer que assim como o trigo é sacudido para se separarem os grãos e a palha, seriam os discípulos postos à prova pelas tentações. E Pedro, como chefe da Igreja, devia ser desde logo prevenido para tomar a dianteira na defesa contra os espiritos do mal.

1 085 — *Roguei por ti para que não esmoreça a tua fé.* Jesus promete aos Apóstolos a indefectibilidade na fé, sendo esta a origem da infalibilidade de Pedro em matéria de doutrina, que evidentemente é extensiva aos seus sucessores, porque enquanto durar a Igreja é necessário que se perpetue nela o ministério e primado de Pedro. Jesus orou por S. Pedro em particular, porque, salvando-se êle, guia e chefe dos outros, também se salvariam os que lhe seguissem o exemplo.

1 086 — *Antes de cantar o galo.* Veja-se a nota 1 043.

201 — LUTAS FUTURAS E PROMESSAS DE VITÓRIA

(S. Luc. XXII, 34-38; S. João, XVI, 33)

Depois disse Jesus aos seus discípulos: "Quando vos enviei a pregar sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos alguma coisa?"

"Nada", responderam êles.

"Mas agora — continuou Jesus — quem tem bolsa, leve-a consigo. Faça o mesmo quem tiver alforje. E quem não têm, venda a sua túnica e compre uma espada.* Porque vos digo que agora até nisto se cumprirá em mim a Escritura, quando diz: "Foi contado no número dos malfeteiros".* E' que se vai realizar tudo o que se refere a mim".

"Senhor — disseram êles — aqui estão duas espadas".*

Tornou-lhes Jesus: "Basta.* Eu vos falei dêste modo para que tenhais a paz em mim. No mundo estarei em tribulações. Mas tende confiança, que eu venci o mundo.*"

1 087 — *Mas agora... venda a sua túnica e compre uma espada.* Jesus emprega aqui uma figura de linguagem apropriada à violência das tribulações que os Apóstolos deveriam enfrentar, devendo êles proceder como quem se prepara para uma longa e perigosa viagem.

1 088 — *Foi contado no número dos malfeteiros.* Encontra-se esta passagem em Isaías: LIII, 12.

1 089 — *Aqui estão duas espadas.* Não tinham compreendido os Apóstolos que Jesus lhes falara por metáfora quando aludira à necessidade da compra de uma espada. E provavelmente apresentaram as grandes facas que haviam servido para trincar o cordeiro pascal, querendo dizer que não precisavam de espadas verdadeiras para defenderem o Mestre e se defenderem a si mesmos.

1 090 — *Basta!* Ante a incompreensão dos Apóstolos, interrompe-os Jesus com esta exclamação que representa uma ordem de dar o assunto por terminado. Em apóio desta asserção, nota Schoettgen (citado por Knabenbauer) que os judeus costumavam usar uma frase que significava “sufficit tibi”, isto é, “não precisas dizer mais”, com a qual faziam calar quem proferia um erro.

1 091 — *Eu venci o mundo.* Jesus tranqüiliza os Apóstolos dando a entender que a sua vitória sobre o mundo de que Satanás é o príncipe, constitui garantia certa de que ele também o vencerão.

202 — ORAÇÃO DE JESUS A SEU PAI

(S. João, XVII, 1-26)

Assim falou Jesus. Depois, levantando os olhos ao ceu, disse: “Pai, é chegada a hora. Glorifica teu Filho* para que teu Filho também te glorifique. Deste-lhe poder sobre todos os homens, afim de que dê a vida eterna a todos os que lhe confiaste. Ora, a vida eterna está em conhecerem por um só verdadeiro Deus a ti e a Jesus Cristo,* que enviaste.

“Eu te glorifiquei sobre a Terra. Terminei a missão de que me encarregaste.* Glorifica-me agora contigo, Pai, com aquela glória que eu tinha em ti, antes da criação do mundo.*

“Fiz conhecer o teu nome aos homens que me deste do mundo.* Eles eram teus e tu mos confiaste, e guardaram a tua palavra. Agora sabem que tudo o que me deste vem de ti, porque lhes transmiti as palavras que me deste, e a aceitaram, reconheceram verdadeiramente que de ti procedo, e acreditam que me enviaste.

“Por eles é que rogo. Não rogo pelo mundo,* mas por aqueles que me deste, porque são teus, e tudo o que é meu te pertence e tudo o que é teu também pertence a mim, e nêles é que sou glorificado.

“Já não fico no mundo — eles, porém, ficam no mundo — e volto para ti. Pai santo, guarda, em teu nome, aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós. Enquanto estive com eles, guardei-os em teu nome. Conservei os que me deste, e nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição.* E assim se cumpriu a Escritura.* Agora, porém, vou para ti. Isto digo para que eles, no mundo, sintam em si mesmos a minha completa alegria.

“Transmiti-lhes a tua palavra, e o mundo entrou a detestá-los porque eles não são do mundo, como também eu

não sou do mundo. Consagra-os na verdade.* A tua palavra é a verdade. Assim como tu ao mundo me enviaste, também eu os envie ao mundo. Por eles me consagro a mim mesmo, para que sejam consagrados na verdade.

“Não rogo somente por eles, mas também pelos que em mim hão de crer, em virtude da sua palavra, para que sejam um, todos eles.* Assim como tu, Pai, em mim estás, e como eu em ti estou, assim também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que me enviaste.

“Dei-lhes a glória que me deste,* a fim de que sejam um, como um somos nós. Nêles estou* e em mim estás, para que sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que me enviaste e que os tens amado como tens amado a mim.

“Pai, quero que onde eu estou estejam comigo aqueles que me confiaste, para contemplarem a glória que me deste,* pois que antes da criação do mundo a mim amaste.

“Pai justo, o mundo não te compreendeu, mas eu te compreendi, e estes que aqui estão compreenderam que me enviaste. Fiz e continuarei a fazer que conheçam o teu nome, a fim de que esteja nêles o amor com que me tens amado* e para que eu nêles permaneça”.

1 092 — *Glorifica teu Filho.* Jesus faz a sua oração como homem, mas também exprimindo como Deus os motivos pelos quais será atendido. Prevendo que ao vê-lo coberto de opróbrios e tratado como um verme da terra, muitos hão de ficar escandalizados e decair na fé, pede que o Pai o glorifique com a ressurreição dentre os mortos. Mas a sua preocupação propriamente dita consiste em comunicar a vida eterna àqueles que nêles crêem, isto é, àqueles que crêem na sua divindade. E a vida eterna a que se refere é a da graça divina, condição essencial da eterna bem-aventurança.

1 093 — *A vida eterna está em conhecer por um só Deus a ti e a Jesus Cristo.* A vida eterna, isto é, a vida em Deus, e, portanto, a verdadeira vida, começa neste mundo pelo conhecimento que temos de Deus Pai e de Jesus, seu Filho Unigênito. Não é tudo este conhecimento por si só, mas tudo se baseia nêles. Consuma-se êle no céu pela “visão beatífica”, que é como chamam os teólogos a felicidade suprema de contemplar a Divindade em suas infinitas perfeições.

1 094 — *Terminei a missão de que me encarregaste.* Jesus terminara de fato a sua pregação. Mas encerraria a sua missão no mundo redimindo a humanidade, com a morte na cruz. E fala também deste acontecimento futuro, como se já tivesse ocorrido, porque sabia que êle havia de realizar-se e porque para Deus não há futuro nem passado.

1 095 — *Glorifica-me com aquela glória que eu tinha em ti, antes da criação do mundo.* Antes da criação do mundo, “o Verbo estava em Deus”, onde possuía a glória que pertence ao Filho Unigênito do Eterno Pai. E Jesus pede que a sua humanidade seja associada no céu à glória de sua natureza divina.

1 096 — *Não rogo pelo mundo.* Evidentemente Jesus não quer dizer que o mundo ficará para sempre excluído da sua intercessão. Ele mesmo recomendou aos Apóstolos que amassem os inimigos. Assim

sendo, o mundo, com todos aquêles que preferem a Deus os prazeres da vida terrena, está somente excluído da oração que naquela ocasião fazia Jesus.

1097 — *A não ser o filho da perdição.* Foi Judas Iscariotes o "filho da perdição". Esta expressão é um hebraísmo que significa "aquêles que quis ou procurou a perdição".

1098 — *E assim se cumpriu a Escritura.* Alude à perdição de Judas o décimo versículo do salmo XL. A perdição do Apóstolo estava predita na Escritura porque ele viria a rejeitar a graça divina e perder-se, por livre e voluntária determinação sua. Veja-se a respeito dêste assunto a nota 295.

1099 — *Consagra-os na verdade.* Com o mesmo sentido consta na Vulgata: "Santifica eos". O verbo "santificar", em diversas passagens bíblicas, tem o sentido de "oferecer a Deus, sacrificar". Quanto à verdade, é o que Deus pensa de si mesmo e de tôdas as criaturas. E' o pensamento de Deus a respeito de tudo. Dêsse pensamento origina-se tudo o que é bom, justo e perfeito. Por conseguinte, o que não é conforme ao pensamento de Deus, constitui êrro, defeito ou injustiça.

1100 — *Para que sejam um, todos êles.* A nota dominante na pregação de Jesus é a recomendação do amor fraterno. Enquanto esperamos pela realização do grande sonho da fraternidade universal, devemos continuar firmemente apegados à unidade já alcançada, que reina na Igreja de Cristo.

1101 — *Dei-lhes a glória que me deste.* Segundo diversos comentadores, alude o Salvador à qualidade de filhos do Altíssimo, que deu aos Apóstolos e aos cristãos em geral; e segundo S. João Crisóstomo, refere-se Jesus à doutrina evangélica, acompanhada, para os Apóstolos, do poder de realizar milagres.

1102 — *Nêles estou.* A graça que existe nos fiéis, fá-los participantes da vida de Jesus. Dêle recebem a vida da graça, como os membros de um corpo recebem a vida natural do centro fisiológico de que ela dimana.

1103 — *A glória que me deste.* Para contemplarem não só a glória da sua humanidade ressuscitada, mas também a glória eterna da sua divina filiação, depois da morte de cada um dêles.

1104 — *A fim de que esteja nêles o amor com que me tens amado.* Refere-se Jesus aqui ao Espírito Santo, terceira Pessoa da Santíssima Trindade, que procede do Eterno Pai e do Filho, como substancial amor de ambos.

203 — NO MONTE DAS OLIVEIRAS, TERCEIRA ADVERTÊNCIA A PEDRO (S. Mat. XXVI, 30-35; S. Marc. XIV, 26-31; S. Luc. XXII, 39; S. João, XVIII, 1)

Depois de ter dito estas palavras e de haver recitado o hino de ação de graças,* saiu Jesus com os seus discípulos, e, segundo o seu costume, dirigiu-se com êles para o Monte das Oliveiras.

Então lhes disse Jesus: "Esta noite todos vós sereis escandalizados por minha causa, pois está escrito: "Ferirei o pastor* e se dispersarão as ovelhas." Mas depois de eu ressuscitar, irei adiante de vós para a Galiléia".

Tomando Pedro a palavra disse: "Até mesmo que todos se escandalizem de ti, eu nunca me escandalizarei".

Tornou-lhe Jesus: "Em verdade te digo que ainda esta noite, antes de cantar o galo pela segunda vez, três vêzes me terás negado".

Mas Pedro insistiu: "Mesmo que seja necessário morrer contigo, não te negarei".

E de igual modo se manifestavam todos os outros discípulos.

1105 — *O hino de ação de graças.* No texto original consta apenas "o hino", expressão técnica com que era designada a ação de graças que se seguia à ceia pascal. Daí a tradução explícita do vocábulo, como se lê na epígrafe.

1106 — *Está escrito: Ferirei o pastor...* Jesus recorda e confirma, em relação aos seus discípulos, a profecia de Zacarias (XIII, 7) sobre a Paixão do Messias prometido a Israel.

CELEBRAR
Instituto de Estudos
Filhas do Brasil
Rua da Liberdade, 100
BELO HORIZONTE

XXI — PAIXÃO E MORTE DE JESUS CRISTO

204 — AGONIA* EM GETSÊMANI

(S. Mat. XXVI, 36-46; S. Marc. XIV, 32-42; S. Luc. XXII, 40-46; S. João, XVIII, 1)

Acompanhado de seus discípulos, foi então Jesus para um lugar chamado Getsêmani,* situado além da torrente de Cedron.* Havia ali um horto, e com os seus discípulos nêle entrou Jesus.

Ao chegar, disse-lhes: "Sentai-vos aqui enquanto vou fazer oração. Orai também, para não caídes em tentação".

E tendo levado consigo a Pedro e os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, começou a entristecer-se. Sentiu-se tomado de horror e angústia, e ficou profundamente abatido.

Disse então aos três: "Minha alma está mortalmente triste! Ficai aqui e velai comigo".

Avançando um pouco, afastou-se Jesus dos discípulos à distância de um arremêssso de pedra. E caindo de joelhos, prostrou-se com o rosto no chão e se pôs a orar, para que, se fôsse possível, passasse dêle aquela hora.

E disse: "Pai, Pai meu,* se é possível, passe de mim êste cálice.* Nada é impossível para ti, Pai. Se te apraz, afasta de mim êste cálice.* Contudo, não se faça a minha vontade, mas sim a tua. Não seja como eu quero, mas sim como o queres tu".

Levantando-se depois da oração, foi êle ter com os discípulos. Achou-os adormecidos na sua tristeza e disse-lhes: "Como podeis estar dormindo? Levantai-vos e orai".

E falou a Pedro: "Simão, tu dormes? Então não pudeste velar uma hora comigo? Vigiai e orai para não entrardes em tentação. O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca".*

E Jesus novamente se afastou e orou pela segunda vez, dizendo as mesmas palavras: "Pai meu, se êste cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade".

Depois voltou e outra vez encontrou os discípulos dormindo, porque estavam com os olhos fatigados. E êles não sabiam o que lhe haviam de dizer.

Deixou-os Jesus, tornou a retirar-se e orou pela terceira vez, repetindo ainda as mesmas palavras. Nisto apareceu-lhe um anjo do céu e o confortou. E então entrou Jesus em ago-

nia. Passou a orar com maior instância, e sobreveio-lhe um suor, como gotas de sangue,* que escorria até o chão.

Aproximou-se então dos discípulos pela terceira vez e disse-lhes: "Ainda dormis e descansais! Basta!" Chegou a hora em que o Filho do Homem será entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos! Vamos! Já se aproxima aquele que me há de entregar".

1107 — *Agonia*. A palavra vem do grego "agôn", que significa luta. Para os gregos, "agonia" era a competição dos aurigas e a luta dos atletas do anfiteatro, que exigiam dos ânimos e dos membros dolorosas violências. Na sua evolução semântica, o termo passou a ser usado como denominação da última luta do organismo contra a morte. Empregou-o S. Lucas para designar um desencadeamento de condições acompanhadas de tristeza profunda e envolvendo a idéia de extenuante combate contra angústias ocultas.

1108 — *Getsêmani*. Provém este topônimo do hebraico "Geth Xemani" e significa "lagar de azeite". Deve ter sido um olival, com o respetivo lagar e talvez circundado por um muro rústico. Provavelmente pertencia a algum discípulo de Jesus, e por isto o Salvador se utilizava do horto com inteira liberdade. Uma tradição que remonta ao século IV, situa Getsêmani num ponto junto à estrada atual de Jerusalém a Betânia, onde existem enormes oliveiras de idade milenária.

1109 — *Torrente de Cedron*. A torrente propriamente dita forma-se na época principal das chuvas. Dura quatro ou cinco semanas apenas. Mas nesse breve período as suas águas turvas precipitam-se com grande violência no fundo do estreito vale do Cedron, que é o mesmo vale de Josafá.

1110 — *Pai, Pai meu*. No Evangelho de S. Marcos, como está na Vulgata, consta: "Abba pater". É aramaica a palavra "abba". Sabe-se que o Evangelho de S. Marcos foi baseado na catequese de São Pedro. E no caso de que aqui se trata, provavelmente o evangelista reproduziu "ipsis verbis" o que ouvira. S. Pedro teria mencionado a mesma expressão de que Jesus se havia servido, e lhe acrescentara o significado em língua compreendida pelos romanos, a quem se destinava mais especialmente o Evangelho de S. Marcos.

1111 — *Se é possível passe de mim este cálice*. A palavra "cálice" tomada em sentido figurado, encontra-se com frequência nos escritos rabínicos e significa um momento aflitivo ou a sorte reservada a alguém. No caso de Jesus, cálice era a prova suprema pela qual devia passar o Messias antes do seu triunfo; era a missão de redimir na cruz os homens, cujos pecados pesavam terrivelmente sobre os ombros do Justo por excelência, transformado em vítima expiatória da humanidade. Sofreu então Jesus a angústia mais dilacerante de sua vida, pelo conflito de suas duas naturezas. Como faz notar Daniel Rops, no Evangelho nada atinge tão profundamente a verdade psicológica como esta passagem em que o coração perturbado de Jesus e sua consciência em vertigem imploram de Deus um milagre que desmentiria toda a missão evangélica. Por isto, muito acertadamente comenta Ricciotti: "Nunca em sua vida aparece Jesus tão verdadeiramente humano".

1112 — *Afasta de mim este cálice*. A natureza humana, se não fôr estimulada por sentimentos de extraordinário poder, ou se não

receber auxílio sobrenatural, fraqueja necessariamente ante a dor moral ou física. Foi o que sucedeu a Jesus, permitindo-o êle (Santo Tomás, III questão, 18-6), ante a previsão de sua paixão próxima, dos pecados que ainda cometeriam os homens até o fim do mundo, das iniquidades que devia tomar sobre si e expiar, da terrível certeza de que, para muitos, a sua morte seria inútil. Assim o permitira a Divindade que nêle existia, retirando-lhe os auxílios extraordinários com que até então o assistira, a fim de que a sua sagrada humanidade ficasse sujeita a tôdas as nossas fraquezas, menos o pecado. Como disse S. Pulo na Epistola aos Hebreus, convinha que Jesus sofresse. Realmente convinha. Já porque assim tirou aos homens que se revoltam contra a justiça divina, a possibilidade de se desculparem, mesmo no seu fóro íntimo, com o argumento de que o Messias não sofreu tanto como êles. Mais do que todos sofreu Jesus. E também foi mais tentado do que ninguém, embora conheçamos apenas uma das tentações com que o espirito do mal intentou perdê-lo. As provações a que estamos sujeitos, nem de longe podem comparar-se com as que sofreu o Filho de Deus, isto é, Deus mesmo, na natureza humana que assumiu. — Nestas últimas palavras parece existir uma incongruência implícita, dada a impassibilidade de Deus, ou seja, dado o fato de que Deus não é suscetível de sofrer. Incongruência apenas aparente. Trata-se, na verdade, de um mistério. Diante dos fatos que o abonam, a razão pode e deve aceitá-lo, ainda que a inteligência humana não tenha capacidade para o explicar. Jesus, Homem-Deus, não pode ser inteiramente compreendido por nós, porque, se o fôsse, não seria Deus. Em boa lógica, segue-se também que não podemos explicar perfeitamente todos os seus atos e tôdas as suas reações conhecidas. Veja-se a nota 6 a respeito do mistério em religião.

1113 — *A carne é fraca.* O vocábulo "carne" significa aqui a natureza humana.

1114 — *Um suor como gôtas de sangue.* Êste pormenor encontra-se no Evangelho de S. Lucas, que, sendo médico, como se sabe, dava particular atenção a tudo o que se relacionava com a natureza humana de Jesus. O fenômeno fisiológico conhecido pela designação de "hematidrose" (suor de sangue), tem sido observado em casos de angústia extrema, quando a natureza faz irromper de suas profundezas as mais singulares manifestações. Observou-o já Aristóteles e deu-lhe a denominação de "suor sangüíneo" ("Hist. animal", III, 19). Trata-se de uma hemorragia grave por ser muito grande a superfície em que se produz.

1115 — *Ainda dormis e descansais. Basta!* Na Vulgata consta: "Dormite jam, et requiescite", Dormi agora e descansai (S. Mateus; XXVI, 45 e S. Marcos: XIV, 41). Mas há nestas palavras uma antífrase, pois Jesus não teve a intenção de recomendar aos Apóstolos que continuassem dormindo, mas, ao contrário, somente os admoestou por não estarem vigilantes na hora em que Judas se aproximava para prendê-lo. Em apôio desta interpretação vem o texto de S. Lucas (XXII, 46), onde se lê, na menção do mesmo fato: "Quid dormitis?" Por que dormis? Assim sendo, a tradução da passagem, como está na epígrafe, plenamente se justifica pelo contexto evangélico.

205 — JESUS É PRÊSO

(S. João, XVIII, 2-12; S. Mat. XXVI, 47-56; S. Marc. XIV, 43-52; S. Luc. XXII, 47-53)

Falava ainda Jesus, quando chegou Judas Iscariotes,* um dos doze, à frente de uma turbamulta. O traidor conhe-

cia aquêlo lugar, porque ali estivera muitas vèzes com Jesus e os seus discípulos. A turba era constituída por uma coorte* e servos munidos de archotes e lanternas, por muitos populares armados de espadas e varapaus. E ali estavam por ordem dos Príncipes dos sacerdotes, fariseus, escribas e anciãos do povo.

Sabendo de tudo o que lhe havia de suceder, Jesus adiantou-se.

Ora, o traidor havia dado uma senha aos que o seguiam. Dissera-lhes: "Aquêlo a quem eu beijar* é o homem. Prendei-o e levai-o com cuidado". E logo ao chegar aproximou-se de Jesus para o beijar.

Falou-lhe Jesus: "Amigo, a que vieste?"

"Eu te saúdo, Mestre", disse o traidor. E beijou-o.

"Judas — tornou Jesus — atraçoas com um beijo o Filho do Homem?"

E dirigiu-se aos outros: "A quem procurais?"

"A Jesus de Nazaré", responderam.

Disse Jesus: "Sou eu".

Junto dêles estava Judas, o traidor. E assim que Jesus lhes disse "Sou eu", retrocederam e caíram por terra.*

Perguntou Jesus pela segunda vez: "A quem procurais?"

Novamente responderam: "A Jesus de Nazaré".

Tornou-lhes Jesus: "Já vos disse que sou eu. Se é, pois, a mim que procurais, deixai ir os que me acompanham".

Assim se cumpriu a sua palavra,* quando dissera: "Não perdi nenhum daqueles que me deste".

Então aproximaram-se os que ali estavam para prendê-lo, e lhe deitaram mãos.

À vista do que estava acontecendo, os discípulos que o cercavam, disseram: "Senhor, atacamos essa gente a espada?" E imediatamente Simão Pedro, que se achava junto de Jesus e que havia trazido uma espada, desembainhou a arma, e, golpeando um servo do Sumo Sacerdote, chamado Malco, cortou-lhe a orelha direita. Mas Jesus interveio: "Basta!* Põe a tua espada na bainha, porque todos os que se servirem da espada, pela espada hão de morrer.* Pensas, porventura, que não posso recorrer a meu Pai, e que êle não me porá logo aqui, prontas, mais de doze legiões de anjos? Não hei de eu beber o cálice que me deu meu Pai? Como então poderiam cumprir-se as Escrituras,* que declararam que assim deve suceder?"

Depois, falando para a turba e dirigindo-se aos que ali tinham ido contra êle, Príncipes dos sacerdotes, magistrados do Templo e anciãos, disse: "Como se eu fôsse um ladrão,

E tocando a orelha do servo, curou-o.*

saístes com espadas e varapaus para me prender. Quando eu andava entre vós, todos os dias ensinando no Templo, não me prendestes nem estendestes as mãos para me deter. Esta é a vossa hora e o poder das trevas.* E assim se cumprem as Escrituras”.

Realmente, cumpriram-se as predições dos profetas em todos esses acontecimentos.

Nisto os discípulos de Jesus o abandonaram.* Fugiram todos. Entretanto, certo mōço o seguia, tendo apenas um lençol sōbre o corpo.* Prenderam-no, mas êle largou o lençol, e, assim mesmo despido, escapou dêles.

1116 — *Chegou Judas Iscariotes.* Não é difícil adivinhar como se preparou a odiosa diligência policial dirigida por Judas. Do Cenáculo fôra o traidor à casa de Caifás, a quem anunciou que chegara o momento de entrarem em ação contra Jesus, e se ofereceu para conduzir o bando armado ao lugar onde sabia que o Mestre passaria a noite. Ora, Caifás e os seus asseclas queriam a morte de Jesus. Era, pois, necessário recorrer ao Governador romano Pôncio Pilatos, a única pessoa, no país, que tinha o direito de vida e morte. E foi o que fêz Caifás. Os Evangelhos não falam desta diligência extraordinária junto ao Governador porque se baseiam exclusivamente em relatos de testemunhas que dizem apenas aquilo de que têm conhecimento direto. Mas tudo indica que ela se realizou. Em primeiro lugar a participação da milícia romana nos acontecimentos. Além disto, a presteza com que se efetuou o processo de Jesus, sendo o Salvador condenado e imediatamente levado ao Calvário, onde veio a expirar por volta das três horas da tarde de sexta-feira. E finalmente o sonho de Prócula. Veja-se a êste respeito a nota 1178.

1117 — *Uma coorte.* A coorte compunha-se de 650 soldados. Provavelmente o evangelista empregou o vocábulo para designar um destacamento da coorte sediada em Jerusalém. Em caso de necessidade, o destacamento devia conter a turba de que Judas se fizera acompanhar. Os servos do Templo é que deviam efetuar a prisão de Jesus. Note-se que em português a palavra em questão também não designa sōmente a coorte prōpriamente dita com os seus 650 componentes, mas ainda um magote, uma porção indeterminada de gente em armas.

1118 — *Aquêle a quem eu beijar.* Entre os judeus, era costume beijarem-se as pessoas depois de certa ausência. Apesar de ter sido muito breve a ausência de Judas, o traidor esperava que a sua odiosa esperteza não despertasse desconfiança.

1119 — *Caíram por terra.* Refere-se o evangelista aos que estavam adiante da turba e que foram interpelados e responderam. Mostrou o Salvador na ocasião, que, em conformidade com a profecia de Isaías (LIII, 7), se entregava livremente, porque não lhe faltava poder para se libertar dos seus inimigos. Foi um prodígio que realizou. Mas nem assim se deixaram impressionar o traidor e os seus companheiros. Provavelmente pensaram que era tarde para recuar. Demais, muito maiores prodígios já realizara Jesus, que no entanto também não tinham causado a conversão dos judeus. Tanto é verdade que o homem obcecado no êrro não se deixa convencer nem pela prova do milagre.

1120 — *Assim se cumpriu a sua palavra.* Alude o evangelista ao que dissera Jesus na sua oração depois da ceia pascal.

1121 — *Basta!* Na Vulgata consta: "Sinite usque huc". Segundo Knabenbauer, esta frase, aqui, só pode ser tomada textualmente na acepção de uma ordem para que não se continue a fazer alguma coisa, razão por que a traduzimos como se lê na epígrafe.

1122 — *Os que se servirem da espada, pela espada hão de morrer.* Servir-se da espada significa, nesta passagem, derramar o sangue do próximo. Alude Jesus a um preceito do Gênesis (IX, 6), que naquele tempo já era corrente como máxima jurídica, segundo o qual devia ser considerado réu de morte todo aquêlê que derramasse criminosamente o sangue do seu semelhante.

1123 — *As Escrituras.* Salmo XXI; Isaías, LIII; Zacarias: XII, 10 e XIII, 7.

1124 — *Tocando a orelha do servo, curou-o.* Veja-se a nota 1119.

1125 — *Está é a vossa hora e o poder das trevas.* Jesus denunciava aqui a analogia existente entre os seus inimigos e Satanás. A hora dêles é a noite, pois, como já dissera a Nicodemos: "Todo aquêlê que faz o mal aborrece a luz". E é das trevas o seu poder porque são maus e por isto dignos sequazes daquele que é chamado "Príncipe das trevas".

1126 — *Nisto os discípulos de Jesus o abandonaram.* Como ficou dito em outra nota, faltava-lhes ainda o dom da fortaleza, que receberiam do Espírito Santo e que os levaria a afrontar impávidamente até o própria morte no martírio.

1127 — *Certo móço o seguia, tendo apenas um lençol sobre o corpo.* Esse lençol, denominado "sindone", era também uma veste de linho que se usava contra o frio. S. Marcos é o único evangelista que refere a ocorrência, dando a impressão de que transmite uma recordação pessoal.

206 — EM CASA DE ANÁS. PRIMEIRA NEGAÇÃO DE PEDRO

(S. João, XVIII, 13-24; S. Mat. XXVI, 57-58; S. Marc. XIV, 53-54; S. Luc. XXII, 54-57)

Os que tinham prendido a Jesus, levaram-no primeiramente à casa de Anás,* por ser êste sogro de Caifás, Sumo Sacerdote naquele ano. Caifás era aquêlê* que tinha dado aos judeus o conselho de que convinha morrer um homem pelo povo.

De longe, Simão Pedro seguia a Jesus, juntamente com outro discípulo. Como êste discípulo fôsse conhecido do Sumo Sacerdote, entrou com Jesus no pátio da casa. Pedro, porém, ficou à porta, do lado de fora. Saiu então o outro discípulo, que era conhecido do Sumo Sacerdote, falou à porteira e fêz Pedro passar para o pátio. Mas a criada que guardava a porta perguntou a Pedro: "Não és tu também um dos discípulos daquele homem?"

“Não sou”, respondeu Pedro. E internando-se no pátio, foi sentar-se com os servos da casa para ver como terminaria o que estava acontecendo.

Os servos e os guardas acenderam uma fogueira no meio do pátio, porque fazia frio, e sentaram-se em volta do fogo a fim de se aquecerem. Pedro tomou lugar entre eles, aquecendo-se também. Uma criada viu-o sentado junto da fogueira, encarou-o e disse-lhe: “Este aí também estava com o tal homem”.

Mas Pedro o negou, dizendo: “Mulher, eu não o conheço”.

Entretanto, Anás interrogava a Jesus acêrca dos seus discípulos e da sua doutrina.

E Jesus respondeu: “Eu falei públicamente* ao mundo. Sempre ensinei na Sinagoga e no Templo, onde se reúnem todos os judeus, e nada disse em segredo. Por que, pois, me interrogas?* Interroga aquêles que ouviram o que eu lhes disse. Eles sabem muito bem o que ensinei”.

A estas palavras, um dos guardas presentes deu uma bofetada em Jesus e disse: “Assim respondes ao Sumo Sacerdote?”

Redargüiu-lhe Jesus: “Se eu falei mal,* mostra-me onde está o mal. Mas se falei bem, por que me bates?”

Então Anás o enviou manietado ao Sumo Sacerdote Caifás em cuja casa se reuniram todos os sacerdotes, os escribas e os anciãos.

1128 — *Levaram-no à casa de Anás.* Anás conservava honorariamente o título de Sumo Sacerdote e freqüentemente era solicitado a prestar o concurso de sua experiência quando surgiam questões importantes, como foi o caso do julgamento de Jesus. O Sanedrim reunia-se numa das salas do Templo, mas em caso de urgência a reunião podia realizar-se em casa do Sumo Sacerdote. E tudo indica que Anás e Caifás moravam em palácios contíguos, unidos por um pátio comum. O que aconteceu em casa de Anás só é narrado por S. João, que conseguiu entrar na sala do julgamento por ser pessoa das relações do Sumo Sacerdote, como já foi dito em outra nota. Completou assim êsse evangelista a narração do processo de Jesus. Quanto ao comparecimento do Salvador perante Caifás, S. João apenas o menciona, porque nos três primeiros Evangelhos foi pormenorizadamente relatado o que se passou.

1129 — *Caifás era aquêle...* V. S. João: XI, 50.

1130 — *Falei públicamente...* Jesus dá a Anás uma resposta indireta porque mais do que isto não merecia o iníquo juiz. Afirma apenas que de tudo o que ensinara em particular aos seus discípulos nada entrava em contradição com o que tinha declarado públicamente.

1131 — *Por que me interrogas?* Jesus protesta contra a inquirição de Anás, baseando-se no direito das gentes: em todos os povos, incluído o hebreu (“Ketuboth”, II, 9), o acusado não tinha obri-

gação de prestar testemunho a respeito de si mesmo. E Jesus, em sua resposta, remete o juiz às testemunhas que deviam ser ouvidas.

1132 — *Se falei mal...* Interpelou Jesus o guarda para não deixar crer que fôsse capaz de desprezitar autoridades legítimas, mesmo quando injustas e perseguidoras. Por isto não ofereceu o Salvador a outra face ao agressor, como recomendara que fizessem os seus discípulos, no Sermão da Montanha. E' que os conselhos evangélicos não são tão absolutos como os preceitos, porque éstos obrigam sempre, salvo em casos de colisão com preceito mais importante, ao passo que a observância dos conselhos é subordinada às circunstâncias.

207 — JESUS PERANTE CAIFÁS

(S. Mat. XXVI, 59-68; S. Marc. XIV, 55-65)

Entretanto, os Príncipes dos sacerdotes e todo o Sanedrim procuravam quem prestasse algum testemunho falso contra Jesus,* a fim de o entregarem à morte. Não o conseguiram, porém. Na verdade, muitos se prestaram a jurar falso, mas, como depunham aleivosamente, os seus depoimentos eram contraditórios.

Por fim chegaram ainda duas testemunhas inverídicas, e, erguendo-se, também prestaram depoimento falso, declarando: "Este homem disse que podia destruir o templo de Deus* e construí-lo outra vez em três dias". E também: "Nós o ouvimos declarar isto: Eu destruirei este templo* feito pela mão do homem, e em três dias edificarei outro, que não será fito pela mão do homem".

E também não eram concordes os seus depoimentos.

Levantou-se então no centro o Sumo Sacerdote, e, adiantando-se, interpelou a Jesus: "Não respondes coisa alguma ao que éstos alegam e depõem contra ti?"

Jesus, porém, mantendo-se em silêncio, nada respondeu.*

Mais uma vez o interpelou o Sumo Sacerdote, dizendo-lhe: "Eu te conjuro pelo Deus vivo* que nos digas se és o Cristo, Filho de Deus bendito".*

Falou então Jesus: "Tu o disseste, eu o sou. Declaro-vos, porém, que dentro em pouco vereis o Filho do Homem vir sôbre as nuvens, sentado à direita da Divina Onipotência.*

Rasgou então o Sumo Sacerdote as suas vestiduras,* exclamando: "Blasfemou!* Que necessidade temos ainda de testemunhas? Acabais de ouvir a blasfêmia. Que vos parece?"

Condenando unânimemente a Jesus, disseram os presentes: "E' réu de morte".

E começaram alguns a lhe cuspir no rosto. Os homens que o haviam prêso, esmurravam-no, e, tapando-lhe os

olhos, davam-lhe bofetadas e diziam: "Adivinha, Cristo, quem foi que te bateu?"

1133 — *Procuravam algum testemunho falso contra Jesus.* Na jurisprudência judaica multiplicavam-se as medidas necessárias para evitar qualquer erro judiciário. Quando se tratava de matéria capital, todas as dúvidas que sugerissem deviam ser interpretadas a favor do réu. Era proibido realizar julgamentos à noite. O tribunal tinha que começar os julgamentos de dia e encerrá-los antes do pôr-do-sol. Se os juizes não encontravam motivo para a absolvição, deviam adiar a sentença para o dia seguinte, a fim de poderem pensar no caso durante a noite. Mas, como se vê pelo Evangelho, os componentes do Sanedrim não se deixavam embarçar por escrúpulos legais. Queriam a todo transe a morte de Jesus. Certamente impressionadas com a advertência cavilosa que Caifás lhes fizera depois da ressurreição de Lázaro, a respeito da conveniência de garantirem a tranqüillidade da nação com a morte de Jesus, odiosamente antepunham à Justiça as razões de Estado.

1134 — *Disse que podia destruir o templo de Deus... Destruirei este templo.* Os atentados contra o Templo eram considerados crimes gravíssimos contra a Divindade e a Nação. Mas os dois depoimentos reproduzidos na epígrafe eram falsos, tanto nos seus termos, como no tocante à sua acepção. Jesus dissera: "Destruí vós este templo e em três dias o reerguerei" (S. João: II, 19). E assim falando, referia-se ao seu corpo, que haveria de ressuscitar, e não ao templo de Jerusalém, como já foi explicado. Afóra isto, a imputação em causa, mesmo tomada ao pé da letra, não constituía motivo de condenação. Jesus não manifestara o propósito de arrasar o Templo. Apenas havia desafiado os seus adversários a demoli-lo, garantindo que o reconstruiria imediatamente. Herodes, o Grande, tinha demolido em parte o monumental edificio, e não fôra incriminado por isto, muito ao contrário.

1135 — *Jesus nada respondeu.* O silêncio de Jesus significava que nada era necessário opor a testemunhas discordantes, cujos depoimentos pecavam por improcedentes.

1136 — *Eu te conjuro pelo Deus vivo.* Vendo baldados todos os seus esforços anteriores, Caifás apela para os meios extremos. A solene fórmula de adjuração reproduzida na epígrafe, nenhum judeu podia deixar de responder sem incorrer em crime contra Deus.

1137 — *Que nos digas se és o Cristo, Filho de Deus bendito.* Em outras circunstâncias, Jesus usara de prudência a respeito da declaração que dêle exigiam. Mas havia chegado o momento de dizer abertamente, mesmo afrontando os maiores riscos, que era o Cristo, Filho de Deus. E o Salvador não vacilou em proferir as palavras fatais que os seus adversários esperavam.

1138 — *A direita da Divina Onipotência.* Em sua resposta, Jesus não proferiu o nome mesmo de Deus ("Javé"), mas disse "Poder de Deus" ("virtutis Dei", como está na Vulgata, ou seja, Divina Onipotência) para não contrariar o costume dos rabinos, que, por escrúpulo de respeito, nunca pronunciavam o sagrado nome de Javé (Jeová).

1139 — *Rasgou o Sumo Sacerdote as suas vestiduras.* Era costume dos judeus rasgarem as vestes — o manto, ao menos — em sinal de grande pesar ou indignação.

1140 — *Blasfemon.* A blasfêmia consiste num ultraje à majestade de Deus. Dizer-se o Messias ou declarar que era outra pessoa não constituía blasfêmia. E bem assim referir-se a Deus por outros nomes, respeitosos, que não o de Javé e Eloim, tidos estes como tão sagrados que haviam sido subtraídos da linguagem comum. Nestas condições, Caifás declarou que Jesus blasfemara por ter o Salvador confirmado que era o Filho de Deus, no sentido ontológico da expressão. No entanto, há quem insista no erro de afirmar que o Salvador nunca proclamou a sua divindade. E' negar o fato histórico simplesmente pelo empenho de negá-lo.

208 — PEDRO CONTINUA NEGANDO* A JESUS

(S. Marc. XIV, 66-72; S. Mat. XXVI, 69-75; S. Luc. XXII, 58-62; S. João, XVIII, 25-27)

Fora, no pátio em baixo, Pedro ainda estava sentado junto ao fogo... Viu-o uma das criadas do Sumo Sacerdote, chegou-se a êle, e, olhando-o de frente, disse: "Tu também andas com o Galileu, Jesus de Nazaré".

Negou-o Pedro diante de todos, declarando: "Não o conheço nem sei o que dizes".

E levantou-se. Mas continuou junto do fogo.* Perguntaram-lhe então: "Não és tu também dos seus discípulos?"

"Não sou", negou êle. E dirigiu-se para a entrada do pátio, a fim de sair. E cantou o galo.*

Quando Pedro transpôs a porta, viu-o outra criada, e pôs-se a dizer aos que ali se achavam: "Êste é um dêles, pois também andava com Jesus de Nazaré".

Negou-o Pedro outra vez, e com juramento: "Palavra que não conheci tal homem".

Daí a pouco, vendo-o outro, disse: "Tu também és dêles".

Respondeu Pedro: "Não sou".

Decorrido o intervado de uma hora aproximadamente,* alguém afirmou: "E' certo que êste andava com êle, porque também é galileu".

"Homem — retrucou Pedro — não entendo o que dizes".

Mas um dos servos do Sumo Sacerdote, parente daquele a quem Pedro decepara a orelha, disse-lhe: "Porventura não te vi no horto com êle?"

Negou-o Pedro outra vez.

Aproximaram-se os que estavam de pé, e disseram: "Sem dúvida que és dos tais, porque também és galileu, e até o teu sotaque te denuncia".

Então Pedro entrou a praguejar,* protestando que não conhecia a pessoa de que se tratava. E disse jurando: "Não conheço o homem de quem falais".

E quando êle ainda esbravejava, cantou o galo pela segunda vez. E o Senhor, que ia passando,* voltou-se e olhou para Pedro. E Pedro lembrou-se das palavras que Jesus lhe havia dito: "Antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás".

Então Pedro afastou-se dali e chorou amargamente.

1141 — *As negações de Pedro.* Foram ao todo oito as negações do chefe dos Apóstolos. Não obstante, costuma-se dizer que foram três porque ocorreram em três ocasiões diferentes: no pátio da residência de Anás; junto à porta pela qual se passava ao palácio de Caifás; no pátio da residência deste último. Os quatro evangelistas trataram do assunto de maneira diferente. Como se viu acima, houve três séries de negações. Houve também três grupos de interpelantes, pois até a porteira, que iniciou sôzinha as suas interpeleções, logo foi secundada por outros. Tendo em conta estes dados, explica-se facilmente a questão: dentre os vários grupos de pessoas e séries de palavras, cada evangelista escolheu para a sua narração o que lhe pareceu mais adequado. E nenhum dêles pretendeu apresentar uma narração completa dos fatos nem excluir qualquer das outras narrações. Ao relatar-nos a queda do primeiro chefe da Igreja, os evangelistas dão-nos uma prova inconcussa da sua perfeita lealdade. Não recorrem a tergiversações, não amenizam os fatos. Contam com absoluta objetividade o que aconteceu. O chefe dos Apóstolos em breve se reabilitaria da sua momentânea fraqueza, pregando impavidamente o Evangelho e afrontando o martírio com extraordinária serenidade e firmeza de ânimo. Mas a sua queda sempre deverá ser lembrada. Como uma advertência contra a comum presunção dos homens no tocante à virtude da fortaleza, em particular, e, geralmente falando, com respeito à capacidade de perseverança na virtude.

1142 — *Continuou junto ao fogo.* Pedro levantara-se para sair dali. Continuou, porém, aquecendo-se ao fogo para dissimular a sua perturbação. E cometeu assim nova imprudência.

1143 — *E cantou o galo.* Cantou o galo pela primeira vez naquela noite aziaga. Realizou-se, pois, plenamente, a profecia de Jesus, que certa vez afirmara que Pedro haveria de negá-lo três vezes antes que o galo cantasse, e outra vez dissera que antes de cantar o galo pela segunda vez, três vezes tê-lo-ia negado o Apóstolo.

1144 — *Decorrido o intervalo de uma hora aproximadamente.* Em face das reiteradas negações de Pedro, acabaram deixando-o em paz. E o Apóstolo discretamente se empenhava em ver ou ouvir alguma coisa do que estava sucedendo a Jesus. Ainda não sentia todo o peso da sua apostasia. Com o espírito evidentemente conturbado, não deixava falar a consciência. E' possível que até tenha julgado tolerável o seu procedimento, por ser particularmente melindrosa a situação em que se achava.

1145 — *Entrou a praguejar.* Tendo evitado o perigo de se dar a conhecer, aos poucos Pedro fôra recobrando ânimo, e por fim voltara a tomar parte na conversa dos guardas e dos fâmulos do Sumo Sacerdote. Denunciado pelo seu modo de falar, sentiu-se perdido. Procurando instintivamente uma evasiva qualquer, desatou a proferir impropérios e chegou a jurar, para convencer aquela gente de que podiam acreditar nas suas palavras. O fundo psicológico da atitude do Apóstolo toma particular relêvo nesta passagem aflitiva.

1146 — *Que ia passando.* Terminada a sessão noturna do processo, saíram do tribunal alguns guardas do Templo, e entre êles Jesus, que era conduzido ao lugar onde devia passar o resto da noite, num calabouço do próprio palácio de Caifás. A frase da epigrafe é interpolação nossa. Justifica-a o evidente sentido da passagem evangélica em que foi inserida.

209 — NOVAS AFRONTAS

(S. Lucas, XXII, 63-65)

Os que ficaram encarregados de guardar a Jesus, escarneciam dêle e o feriam.* Depois de lhe vendarem os olhos, davam-lhe no rosto e diziam: "Adivinha quem foi que te bateu". E dirigiram-lhe injúrias sôbre injúrias, blasfemando contra êle.

1147 — *Escarneciam dêle e o feriam,* etc. A malta dos guardas do Sumo Sacerdote continuou desmandando-se em ultrajes contra Jesus. Reiteravam-se as afrontas. Principalmente aquela de vender os olhos do Salvador, dar-lhe no rosto, e intimá-lo a adivinhar quem era que lhe batia. Não se contentavam em agredi-lo; queriam também vê-lo caído no ridículo.

210 — JESUS PERANTE O GRANDE CONSELHO

(S. Luc. XXII, 66-71, XXIII, 1; S. Mat. XXVII, 1-2; S. Marc. XV, 1)

De manhã, logo que amanheceu,* todos os Príncipes dos sacerdotes e anciãos do povo reuniram-se com os escribas e o Sanedrim em péso, e entraram em conselho contra Jesus para o entregarem à morte. Levaram-no ao plenário, e ali o intimaram: "Se tu és o Cristo, declara-o a nós".

"Respondeu Jesus: "Se eu vo-lo disser, não me dareis crédito. E se eu vos fizer uma pergunta, não me respondeis* nem me dareis liberdade. Sabei, porém, que depois disto o Filho do Homem estará sentado à direita de Deus Todo-Poderoso".

Então disseram todos: "Por conseguinte, tu és o Filho de Deus".

E Jesus respondeu: Vós o dizeis, eu o sou".

E êles concluíram: "Não temos necessidade de mais nenhum testemunho.* De sua bôca acabamos de ouvir nós mesmos a blasfêmia".

Levantando-se todos os membros do Conselho, fizeram amarrar a Jesus, e assim prêso foram entregá-lo ao Procurador Pôncio Pilatos.*

1148 — *Logo que amanheceu.* O julgamento anterior, inteiramente ilegal, devia ser confirmado de dia, em reunião plenária do Grande Conselho. E o evangelista S. Marcos (XV, 1) faz notar a pressa com que procederam, no caso, os indignos sanedritas.

1149 — *Se eu vos fizer uma pergunta, não me respondereis.* Segundo diversos intérpretes, a pergunta a que Jesus alude seria semelhante àquelas que fizera no Templo, a respeito do batismo ministrado por João Batista, e que não tinham sido respondidas pelos seus inimigos, porque de suas respostas resultaria a conclusão de que Jesus era o Messias esperado pelo povo de Israel.

1150 — *Não temos necessidade de mais nenhum testemunho,* etc. O indefeso réu já estava julgado. Nem se proferiu a sentença de morte depois do inquérito, porque ela já fôra pronunciada antes. O nôvo julgamento não passava de simples formalidade.

1151 — *Foram entregá-lo ao Governador Pôncio Pilatos.* A pena de morte imposta pelo Sanderim, só podia ser executada por ordem da suprema autoridade civil, o representante de Roma, que era, então, Pôncio Pilatos, o qual governava a Judéia como preposto do Imperador Tibério. E os chefes do judaísmo esperavam conseguir a cumplicidade do Governador acusando a Jesus de revolucionário com pretensões a se tornar rei da Judéia.

211 — REMORSO E MORTE DE JUDAS

(S. Mat. XXVII, 3-10)

Entretanto, Judas, que havia traído a Jesus, vendendo-o condenado, sentiu-se tomado de remorso,* e foi devolver as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos. E disse-lhes: "Pequei, entregando sangue inocente".

Mas êles responderam: "Que nos importa? Devias saber o que fazias".

Então Judas arremessou as moedas no Templo, saiu e foi enforcar-se.*

Os Príncipes dos sacerdotes recolheram as moedas e disseram: "Não é lícito pô-las no cofre do Templo,* porque é preço de sangue".

Consultando-se entre si, resolveram comprar com elas o campo de um oleiro* e fazer dêle um cemitério para forasteiros. Por êste motivo, até hoje êsse campo é chamado Hacéldama,* que quer dizer: campo de sangue.

Cumpriu-se assim o que foi anunciado pelo profeta Jeremias,* quando disse: "Tomaram as trinta moedas de prata, custo daquele que foi pôsto a preço entre os filhos de Israel, e deram-nas pelo campo de um oleiro, assim como o Senhor me ordenou".

1152 — *Sentiu-se tomado de remorso.* "Poenitentia ductus", diz a Vulgata. O que Judas sentiu foi um falso arrependimento, que não procedia da graça, pois, se fôsse sincera a sua contrição, teria êle pedido perdão a Deus e se salvaria.

1153 — *Enforcou-se.* Em vez de se arrepender humildemente como Pedro, envergonha-se Judas e sente pezar pelo que fêz, desesperando, porém, do perdão de Deus como Caim (Gênesis: IV, 13), e, mais ainda, pondo termo à vida por suas próprias mãos. Em tudo isto o

traidor é a figura do pecador impenitente, que acaba sempre aborrecendo os seus desmandos, mas que não chega a execrar o pecado senão para cometer outro maior.

1154 — *No cofre do Templo.* O cofre que a epigrafe menciona chamava-se "Corbona", como se lê na Vulgata, e destinava-se a recolher donativos para os gastos do Templo.

1155 — *Resolveram comprar o campo de um oleiro.* Nos "Atos dos Apóstolos", (I, 18) consta que Judas adquiriu esse campo com o dinheiro recebido pela sua traição. E' apenas um modo reflexo de exprimir-se. A compra é atribuída a Judas em razão de ter êle proporcionado os meios para efetuá-la.

1156 — *Hacéldama.* Segundo a tradição, o Hacéldama ficava ao sul da cidade de Jerusalém. Não poucos autores dão o vocábulo como paroxítono. Não obstante, é preferível a pronúncia indicada na epigrafe, de palavra proparoxítone, já porque segue a latina, como via de regra acontece com as palavras portuguesas.

1157 — *O que foi anunciado pelo profeta Jeremias.* Ao que parece, o evangelista (no caso, S. Mateus) combinou aqui alusões proféticas colhidas nos livros de Jeremias, XVIII, 2 e XXXII, 8 e de Zacarias. (XI, 12-13) Em alguns manuscritos latinos não se lê o nome de Jeremias, mas apenas a indicação: "do profeta". Segundo Ricciotti, provavelmente as palavras da profecia são atribuídas a Jeremias porque naquele tempo, sendo o livro d'êste vidente considerado o principal dos livros proféticos, citar Jeremias significava que se estava citando uma passagem qualquer de todos aquêles escritos.

212 — JESUS PERANTE PILATOS

(S. João, XVIII, 28-38; S. Luc. XXIII, 2-4; S. Mat. XXVII, 11; S. Marc. XV, 2)

Levaram, pois, Jesus da casa de Caifás para o pretório.* Ere de manhã cedo.* Mas os judeus não entraram, a fim de não se contaminar e poderem comer o cordeiro pascal. Saiu então Pilatos para ter com êles, e perguntou-lhes: "Que acusação apresentais contra êste homem?"

Responderam-lhe: "Se êle não fôsse um malfeitor, não o teríamos entregado a ti".*

Tornou-lhes Pilatos: "Levai-o vós mesmos e submetei-lo a julgamento segundo a vossa lei".*

Replicaram os judeus: "Não nos é permitido dar morte a ninguém".

Assim devia cumprir-se a palavra que dissera Jesus,* indicando de que morte havia de morrer.

E os judeus começaram a acusá-lo, dizendo: "Surpreendemos êste homem amotinando o povo,* proibindo dar tributo a César e dizendo-se Cristo Rei".

Pilatos voltou ao interior do pretório e mandou chamar a Jesus. Jesus foi levado à presença do Procurador, e êste lhe perguntou: "E's tu o Rei dos judeus?"

"Tu o dizes por ti mesmo* — indagou Jesus — ou foram outros que te disseram isso de mim?"

Retrucou Pilatos: "Porventura sou judeu?*" Foram os de tua nação e os chefes dos sacerdotes que te entregaram nas minhas mãos. Que fizeste tu?"

Respondeu Jesus: "O meu reino não é deste mundo.* Se o meu reino fôsse deste mundo, os meus súditos haveriam de lutar para que eu não caísse em poder dos judeus. Mas o meu reino não é daqui".

Disse-lhe então Pilatos: "Logo, tu és rei?"

Respondeu Jesus: "Sim, sou rei.* Eu nasci, vim a este mundo para dar testemunho à verdade. E todo aquele que é da verdade, dá ouvidos à minha voz".

Tornou-lhe Pilatos: "Que é a verdade?*" E dito isto, voltou a ter com os judeus, e declarou aos Príncipes dos sacerdotes e à multidão: "Não encontro nêle nada de criminoso".*

1158 — *Pretório.* Para os romanos, o "praetorium" era o lugar onde o pretor estabelecia a sua sede para exercer justiça, e que, conforme a ocasião, podia ser um castelo fortificado, o palácio de um rei vencido ou uma tenda de campanha. Como ficou dito em outra nota, Pilatos morava em Cesaréia. Quando subia a Jerusalém, hospedava-se geralmente no palácio de Herodes. Tudo indica, entretanto, que também residia na fortaleza Antônio, e que foi ali o pretório no dia do julgamento de Jesus.

1159 — *Era de manhã cedo.* Mesmo sendo imprópria a hora, os judeus levaram o Salvador imediatamente à presença de Pilatos, porque nas suas relações com o Procurador romano o seu procedimento se caracterizava por um misto de servilismo e insolência. Sabiam que sempre se arriscavam à rispidez dos Procuradores, é certo, mas também não ignoravam que os representantes de César temiam as denúncias dêles à Roma. Daí a sua atitude aparentemente paradoxal.

1160 — *Se êle não fôsse um malfetor, não o teríamos entregado a ti.* Nota-se nesta resposta, bastante rude, a pretensão que os judeus alimentavam de que a sentença já proferida contra Jesus fôsse ratificada pelo Governador e que êste a mandasse executar sem muitas cautelas judiciárias.

1161 — *Submetei-o a julgamento segundo a vossa lei.* Simulando ignorar que já tivesse havido qualquer julgamento, e, em todo caso, não sabendo que os judeus haviam proferido sentença de morte contra Jesus, Pilatos replicou ásperamente, dando a entender que para êle, tôda aquela história não passava de uma importunação supérflua.

1162 — *Assim devia cumprir-se a palavra que dissera Jesus.* Com a sua objeção, significaram os judeus ao Governador que Jesus já fôra julgado por êles e condenado à morte. Ora, entre êles, a pena capital era a de morte por lapidação. Mas, para Jesus ser apedrejado, fôra preciso que tivesse provocado a indignação do povo num caso de flagrante delito. E o Salvador, ao predizer pela terceira vez a sua paixão próxima, afirmara que seria vítima de uma sentença cuja execução estava reservada às autoridades romanas. O suplício que os romanos impunham de preferência, principalmente aos judeus, era o da cruz. Por conseguinte, Jesus fizera ver, em sua pre-

dição, qual o gênero de morte a que seria submetido. De resto, já na sua conversa com Nicodemos anuncia que seria crucificado (S. João: III, 14).

1163 — *Supreendemos este homem amotinando o povo...* As três acusações que levantaram contra Jesus, eram igualmente graves. Entretanto, como se verá em outra nota, Pilatos não as tomou assim. E nisto acertou, porque todas elas eram caluniosas. Jesus havia abalado o prestígio dos fariseus, tornando periclitante a situação por eles alcançada na nação judaica. Mas isto não era semear desordem. Quando os fariseus e os herodianos pretenderam levá-lo a tomar posição contra o fisco romano, pronunciara êle a lapidaria sentença: *Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*. Finalmente, é verdade que Jesus se apresentou como o Cristo, Filho de Deus, porque êle era realmente o Messias prometido a Israel; mas nunca permitiu que o proclamassem rei, como tanto desejava o povo. A decidida resistência que opôs a essa pretensão, valeu-lhe mesmo a perda da maior parte dos discípulos galileus.

1164 — *Tu o dizes por ti mesmo...?* Com esta pergunta quis Jesus que ficasse esclarecida a de Pilatos, no que concernia ao sentido da palavra "rei". Foi como se dissesse: — *Suspeitas de que eu pretenda fazer-me Rei da Judéia ou te louvas nas acusações dos meus inimigos, de que me inculco o Rei-Messias?*

1165 — *Porventura sou judeu?* Esta réplica demonstra que Pilatos entendia a realeza de Jesus no sentido religioso dos judeus, isto é, como atributo do Messias esperado por Israel.

1166 — *O meu reino não é deste mundo.* O sentido da frase é este: a soberana autoridade que exerço no mundo por intermédio da minha Igreja, não me foi transmitida pelos homens, não a recebi deste mundo, não ma deu nenhum poder da terra; tenho-a do Céu, foi-me comunicada por meu Pai; embora ela se exerça no mundo, o meu reino não é daqui. O reino de Cristo pertence ao tempo, essencialmente transitório, e à eternidade; abrange a terra e o céu, tendo por fim promover a felicidade temporal e espiritual dos homens e das nações.

1167 — *Sim, sou rei.* Jesus responde afirmativamente à pergunta de Pilatos, mas logo acrescenta um esclarecimento que revela o verdadeiro sentido da sua declaração. O fim da missão que o trouxe ao mundo é fazer triunfar a verdade, difundindo entre os homens o reino de Deus. E quem ama sinceramente a verdade, não deixará de ouvir Aquêle que por ela veio dar a vida a fim de salvar o mundo.

1168 — *Que é a verdade?* E' provável que Pilatos tenha sido adepto do ceticismo, doutrina filosófica segundo a qual a dúvida sistemática deve ser a atitude do sábio. Em todo caso, o Governador formulou a sua pergunta no tom altaneiro de quem não crê possa alguém dizer o que seja a verdade. Tanto assim que nem esperou pela resposta de Jesus.

1169 — *Não encontro nêle nada de criminoso.* Reconheceu assim Pilatos que a realeza de Jesus em nada podia prejudicar os direitos do Imperador romano.

213 — JESUS É REMETIDO A HERODES

(S. Luc. XXIII, 5-12)

Entretanto, os judeus insistiam cada vez mais nas suas denúncias, dizendo: "Ele subleva o povo com a doutrina que prega por toda a Judéia, desde a Galiléia até aqui".

Ao ouvir falar em Galiléia, perguntou Pilatos se aquele homem era galileu. Quando soube que Jesus pertencia à jurisdição de Herodes, remeteu-o a este, sendo que Herodes também se achava em Jerusalém naqueles dias.

Vendo a Jesus, regozijou-se Herodes,* porque havia longo tempo que desejava encontrar-se com ele. E' que tinha ouvido falar muito a seu respeito e esperava vê-lo realizar algum milagre. Fêz-lhe, pois, muitas perguntas. Mas Jesus nada lhe respondeu.*

Estavam presentes os Príncipes dos sacerdotes e os escribas, e não cessavam de acusar a Jesus.

Então escarneceu deles Herodes, com os seus soldados. Tendo mandado vestir-lhe, por zombaria, uma túnica branca,* enviou-o de volta a Pilatos.

E naquele dia tornaram-se amigos Herodes e Pilatos, separados, antes, por inimizade pessoal.

1170 — *Regozijou-se Herodes.* S. Lucas é o único evangelista que narra o que ocorreu no palácio de Herodes quando Jesus ali esteve. Os outros evangelistas nada souberam desse episódio do processo de Jesus. Ao que parece, S. Lucas foi informado pela piedosa Joana, mulher de Chusa, procurador de Herodes, à qual faz referência especial no seu Evangelho (VIII, 3).

1171 — *Jesus nada lhe respondeu.* Uma das maiores humilhações impostas a Jesus foi a de se apresentar como réu diante do incestuoso Tetrarca da Galiléia. A Pilatos ainda deu Jesus explicações sobre uma das causas do processo. Mas perante o assassino de João Batista, entendeu que se impunha o silêncio. Nem podia condescender em servir de entretenimento àquele devasso criminoso.

1172 — *Mandou vestir-lhe uma túnica branca.* A veste de gala dos reis e imperadores era uma túnica branca bordada a ouro. Mas de branco também eram vestidos os dementes. O fato revela que Herodes apenas se sentiu despeitado com o silêncio de Jesus e que não considerou criminoso o acusado.

214 — NOVAMENTE PERANTE PILATOS

(S. Luc. XXIII, 13-16; S. Mat. XVII, 12-14; S. Marc. XV, 3-5)

Tendo convocado os Príncipes dos sacerdotes, os magistrados e o povo, disse-lhes Pilatos: "Vós me trouxestes este homem como perturbador do povo, e no entanto, interrogando-o em vossa presença,* não achei fundamento em ne-

numa das acusações que me apresentastes. E Herodes também não, pois vos mandei ter com êle, e nada se apurou, contra êste homem, que seja digno de morte. Portanto, mandarei castigá-lo e depois lhe darei liberdade”.*

Então os Sumos Sacerdotes levantaram divesas acusações contra Jesus. E mesmo acusado pelos Príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, Jesus manteve-se calado.*

Interpelou-o outra vez Pilatos, dizendo: Não respondes nada? Não ouves os testemunhos que levantam contra ti? Vê de quantos crimes te acusam”.

Jesus, porém, continuou em silêncio, nada respondendo às palavras de Pilatos, o que deixou o procurador sumamente admirado.

1173 — *Interrogando-o em vossa presença.* Estando aberta a porta do pretório, mesmo de fora os judeus podiam assistir ao que nêle se passava.

1174 — *Mandarei castigá-lo e depois lhe darei liberdade.* O castigo a que se referia Pilatos era a flagelação. Propunha êle aos judeus uma espécie de transação, não tomando em conta a odiosidade daquele regatear que punha em jôgo a dignidade do acusado em troca da liberdade a que êle tinha pleno direito. Se Jesus fôsse culpado, não era caso de restituí-lo à liberdade; se era inocente, por que castigá-lo? Afinal Pilatos condenou a Jesus por receio de um motim popular, tornando-se assim o protótipo do magistrado indigno.

1175 — *Jesus manteve-se calado.* O Salvador não quis defender-se de acusações absurdas, cuja falsidade competia a Pilatos averiguar, e assim provocou a admiração do Governador pela dignidade do seu intencional silêncio.

215 — BARRABÁS PREFERIDO A JESUS

(S. Mat. XXVII, 15-23; S. Marc. XV, 6-14; S. Luc. XXIII, 17-22; S. João, XVIII, 39-40)

Ora, segundo o costume, o Governador tinha que soltar um prêso* e entregá-lo ao povo no dia solene da festa, sendo que o prêso deveria ser qualquer que os judeus pedissem.

Aglomerando-se o povo, pôs-se a pedir ao Governador a graça que costumava conceder.

Falou Pilatos à multidão ali reunida: “E” de praxe entre vós que eu vos solte um crimino por ocasião da Páscoa. Qual quereis que ponha em liberdade: “Barrabás ou Jesus, que é chamado o Cristo?”

Porque êle bem sabia que os Príncipes dos sacerdotes haviam entregado Jesus por inveja.

Entretanto, estando Pilatos sentado no tribunal, mandou dizer-lhe sua mulher:* “Não te envolvas na causa dêse justo, porque muito padeci, hoje, em sonho por causa dêle”.*

Mas os Príncipes dos sacerdotes e os anciãos incitaram a turba e persuadiram aos do povo de que deviam pedir que Pilatos lhes soltasse Barrabás e fizesse morrer Jesus.



Arco do "Ecce Homo", antes da construção do convento a que foi dado igual nome. Acredita-se que o arco está no lugar exato da Antônia onde Pilatos mostrou ao povo de Jerusalém o Salvador corado de espinhos depois do suplício da flagelação. V. nota 1902.

"Qual dos dois preferis que vos solte?" tornou a perguntar o Governador. Quereis que vos solte o Rei dos judeus?"

Novamente clamaram todos juntos, dizendo: "Não a êsse, mas a Barrabás! A êsse manda matar, e solta-nos Barrabás!"

Pilatos, que desejava salvar a Jesus, falou-lhes outra vez: "Que hei de eu então fazer de Jesus,* que se chama o Cristo? Que quereis que eu faça ao Rei dos judeus?"

Vocifaram todos de nôvo, bradando: "Crucifica-o! Crucifica-o! Que êle seja crucificado!"

Pela terceira vez interveio o Governador Pilatos e disse: "Que mal fêz êste homem? Não encontro nêle crime algum que mereça a morte. Portanto, vou mandá-lo flagelar e depois o soltarei".

1176 — *O Governador tinha que soltar um prêso.* Não se sabe com certeza qual a origem dêsse costume, que, segundo se depreende do texto evangélico (S. Lucas: XXIII, 17), chegava a ter fôrça de lei. Houve quem contestasse a existência do aludido costume. Contestação sem provas. Costumes semelhantes são atestados por Tito Lívio e Ateneu. Além disto, há um caso igual narrado num papiro egípcio do ano 85 (G. Vitelli, "Papiri fiorentini", I, Milão, 1905, páginas 113-116).

1177 — *Sua mulher.* Consta num evangelho apócrifo que a mulher de Pilatos se chamava Cláudia Prócula (ou Procla).

1178 — *Muito padeci em sonho por causa dêle.* Como ficou dito em outra nota, tudo indica que na noite de quinta-feira Caifás procurou a Pilatos para lhe falar sôbre o caso de Jesus. O Governador certamente contou à espôsa o que se passara, e daí se terá originado o sonho de Prócula. Sabe-se pela Sagrada Escritura que o sonho era um meio de que Deus se servia com bastante freqüência para comunicar a sua vontade aos homens. Entretanto, não se deve admitir intervenção especial de Deus num fato que tenha explicação natural ou até apenas plausível.

1179 — *Que hei de eu então fazer de Jesus?* Deve de ter sido muito grande a perplexidade de Pilatos por terem os judeus pedido que soltasse o criminoso Barrabás. E com a sua pergunta bem revelou o infeliz Governador quão indigno era das funções de Juiz.

216 — JESUS É AÇOITADO E COROADO DE ESPINHOS

(S. João, XIX, 1-11)

Pilatos ordenou que levassem a Jesus e o açoitassem.*

Os soldados teceram uma coroa de espinhos, puseram-na sôbre a cabeça de Jesus e o cobriram com um manto de púrpura.

Depois aproximavam-se dêle e diziam-lhe: "Eu te saúdo, rei dos judeus!" E lhe davam bofetadas.

Saiu novamente Pilatos e disse ao povo: "Vêde! Eu vo-lo trago aqui fora para que saibais que não encontro nele crime nenhum".

Com efeito, mostrou-lhes Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto escarlate. E Pilatos disse: "Eis o homem".*

Logo que o viram os chefes dos sacerdotes e os seus servos, puseram-se a gritar, dizendo: "Crucifica-o! Crucifica-o!"

Respondeu Pilatos: "Levai-o e crucificai-o vós, porque eu não acho nele crime algum".

Replicaram os judeus: "Nós temos uma lei, e segundo a nossa lei, êle deve morrer, porque se fêz passar por filho de Deus".

Ao ouvir estas palavras, Pilatos ficou com maiores receios.* Levou Jesus para o interior do pretório e perguntou-lhe: "Donde és tu?"

Jesus não lhe deu resposta.*

Disse, pois, Pilatos: "Não me falas? Ingoras que tenho poder para te crucificar ou te dar liberdade?"

Falou-lhe então Jesus: "Não terias sôbre mim poder nenhum se não o recebesses do alto. Por isto é réu de maior pecado aquêle que me entregou nas tuas mãos".

1180 — *Ordenou que o açoitassem.* Desde muito conheciam os judeus a flagelação (V. Deuteronômio: XXV, 2-3). Mas os romanos tinham-na convertido em suplicio mais terrível, fixando nos flagelos (azorragues) pequenos pedaços de osso ou de chumbo. Não raro morriam os condenados em consequência da flagelação.

1181 — *Eis o homem.* Cumpriu-se na ocasião uma profecia de Isaías: "...Tornado alvo de desprezo, era o último dos homens, um homem de dores, homem que sabe o que é sofrer... Tão maltratado estava que não o reconhecemos" (Isaías: LIII, 2-3). Pilatos esperou que a espantosa figura de Jesus ensangüentado acabasse movendo o povo à compaixão. Enganou-se. Já então a massa estava completamente dominada pelo frenesi da loucura homicida.

1182 — *Ficou com maiores receios.* O recado de Prócua sôbre o pesadêlo que tinha tido, deixara-o bastante intrigado. Embora cético, Pilatos era supersticioso — incongruência muito comum entre os que não recebem as luzes da verdadeira religião. E os seus receios aumentaram, provavelmente porque ante a acusação dos chefes do judaísmo, de súbito lhe ocorreu que Jesus podia ser de fato uma entidade sôbre-humana e portanto dotada de algum poder prodigioso. Daí a sua pergunta: "Donde és tu?"

1183 — *Jesus não lhe deu resposta.* O cético e iníquo juiz que era Pilatos, não merecia resposta àquela pergunta, que só podia ser perfeitamente esclarecida com uma revelação sôbre o mistério da Santíssima Trindade.

217 — CONDENADO POR PILATOS

(S. Mat. XXVII, 23-31; S. Marc. XV, 14-20; S. Luc. XXIII, 23-25; S. João, XIX, 13-16)

Então empenhou-se Pilatos em achar um meio de libertar a Jesus.

Entretanto, os judeus bradavam, dizendo: "Se dás liberdade a êsse homem, não és amigo de César,* porque todo o que se faz de rei, declara-se contra César".

A estas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora, e se sentou em seu tribunal, no lugar que se chama Litóstrotos, em hebraico Gábata.*

Era o dia de preparação de Páscoa,* por volta da sexta hora.*E Pilatos disse aos judeus: "Eis aqui o vosso rei".

Mas êles instavam aos gritos, pedindo que Jesus fôsse crucificado, e seus clamores aumentavam cada vez mais. E vociferavam: "Que êle seja crucificado! Fora, fora com êle! Crucifica-o!"

Obtemperou-lhes Pilatos: "Devo então crucificar o vosso rei?"

Responderam os Sumos Sacerdotes: "Não temos outro rei além de César!"

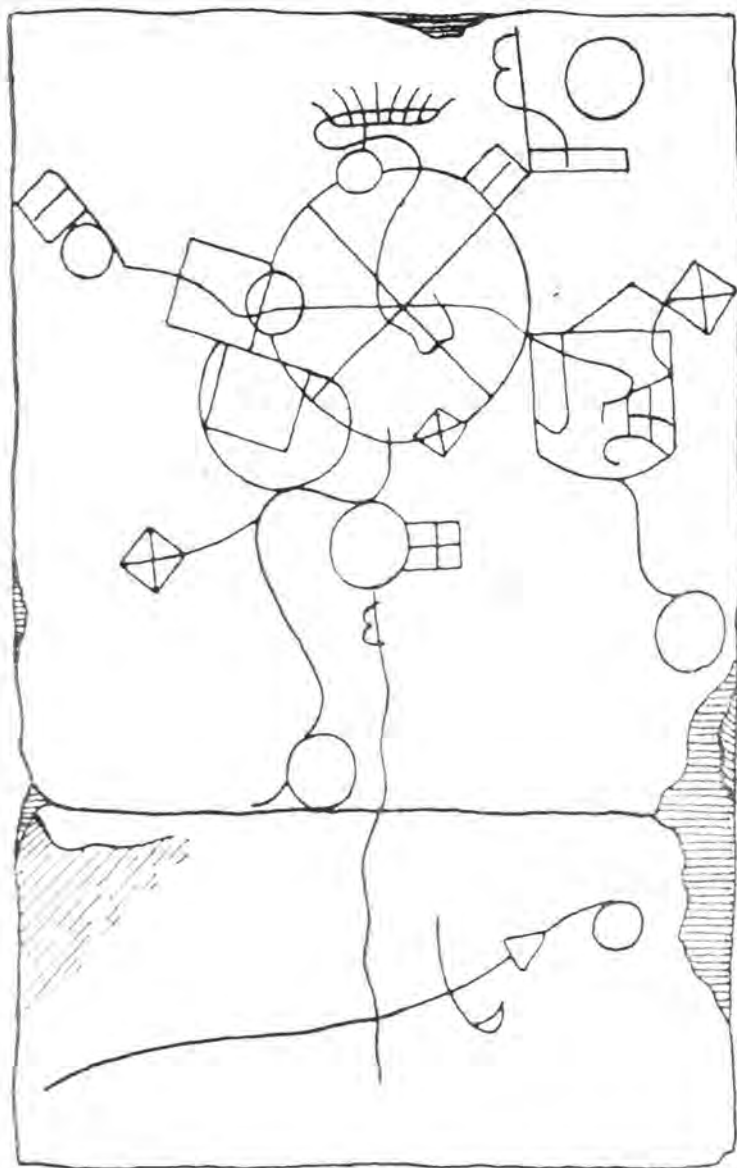
Vendo Pilatos que nada adiantava e que era cada vez maior o tumulto, mandou buscar água, lavou as mãos à vista do povo* e declarou: "Sou inocente do sangue dêste justo. Respondei vós por êle".

E a multidão em pêso respondeu: "O seu sangue caia sôbre nós e sôbre nossos filhos".

Querendo satisfazer o povo, Pilatos, ordenou que fizessem o que êles pediam. Soltou-lhes Barrabás, que reclamavam e que fôra prêso por crime de homicídio e sedição, e então entregou Jesus à turbamulta* para que fizessem dêle o que bem entendessem e depois fôsse crucificado.

Os soldados do Procurador levaram Jesus para o átrio do pretório e fizeram formar à roda dêle tóda a coorte. Despiram-no, então, vestiram-lhe uma clâmide* carmesim, colocaram-lhe sôbre a cabeça a coroa de espinhos que haviam tecido, e puseram uma cana na sua mão direita. E para zombarem dêle, ajoelhavam-se à sua frente e diziam: "Eu te saúdo, rei dos judeus". E pegando de uma cana, davam-lhe com ela na cabeça, e nêle cuspiam. Em seguida, dobrando os joelhos, o reverenciavam.*

Depois de terem assim escarnecido dêle, tiraram-lhe a púrpura, vestiram-no com as suas próprias roupas, e o levaram para crucificá-lo.



JOGO DO REI (parte) gravado no pavimento do Litóstratos e com o qual costumavam entreter-se os guardas do Pretório. Vêem-se nêlo uma coroa radiada, muito usada pelos reis do Oriente, e a inicial da palavra "Basileus", que significa "rei".

1184 — *Se dás liberdade a êsse homem, não és amigo de César...* Com isto atacavam o Governador no ponto mais sensível. "Amigo de César" era um título criado em Roma, havia pouco, para dar lustre a famílias então elevadas à categoria das antigas linhagens senatoriais. Se Pilatos não tinha êste título glorioso — e parece que não — certamente o ambicionava.

1185 — *E se sentou em seu tribunal, no Litóstrotos, em hebreico Gábata.* Mandou colocar à vista do povo a cadeira curul, na qual se instalavam os magistrados romanos quando distribuíam justiça. O vocábulo Litóstrotos ("pavimento de pedras", em grego) e a palavra Gábata ("lugar alto", em aramaico) são denominações equivalentes do mesmo lugar. No hebraico, o segundo nome é oxítono. A pronúncia acima indicada pelo acento tônico veio-nos através do latim. Era o Litóstrotos uma espécie de terraço, com pavimento de lajes. Foi encontrado no convento de Nossa Senhora de Sião.

1186 — *Preparação da Páscoa.* Os judeus designavam com o nome de "parasceve" (preparação) a sexta-feira. E' que na sexta-feira preparavam o que fôsse necessário para o dia seguinte, a fim de não infringir a lei do repouso sabático.

1187 — *Por volta da sexta hora.* Isto é, por volta do meio-dia (V. nota 1209).

1188 — *Lavou as mãos diante do povo.* Trata-se de um costume muito antigo cujo simbolismo dispensa explicação. Veja-se o Deuteronômio (XXI, 6-7). Citam-no também Virgílio e Ovídio.

1189 — *Entregou-o à turbamulta...* Pilatos abandonou Jesus à fúria dos seus inimigos, mas a execução seria realizada por soldados da milícia romana, como era de praxe.

1190 — *Clâmide.* Manto dos antigos, seguro por um broche aos ombros e ao pescoço, deixando inteiramente livre o braço direito.

1191 — *Dobrando os joelhos, o reverenciavam.* Isto é, fingiam prestar-lhe homenagem de vassalos. Com o mesmo sentido de reverenciar lê-se na Vulgata: "...adorabant eum".

218 — A CAMINHO DO CALVÁRIO

(S. Luc. XXIII, 26-32; S. Mat. XXVII, 32; S. Marc. XV, 21; S. João, XIX, 17)

Levando a sua cruz* às costas, encaminhou-se Jesus para um lugar denominado Calvário, em hebraico Gólgota.*

Quando Jesus e os que o conduziam, saíram da cidade, encontraram um homem de Cirene,* chamado Simão, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava de volta do seu campo, e, pondo-lhe a cruz sôbre os ombros, o obrigaram a carregá-la atrás de Jesus.*

Acompanhavam a Jesus o povo em grande aglomeração e muitas mulheres, que, batendo no peito e chorando, o lamentavam.

Voltando-se para elas, disse Jesus: "Filhas de Jerusalém, não choreis sôbre mim,* mas sim sôbre vós mesmas e sôbre vossos filhos, pois dias virão em que se dirá: "Bem-



TRECHO DA "VIA DOLOROSA"

-aventuradas as estêreis e as entranhas que não geraram e os peitos que não nutriram!" Pedirão aos montes: "Caí sobre nós!" "E aos outeiros: "Cobrí-nos!" Porque se o lenho verde é assim tratado, que não se fará ao sêco?"*

E juntamente com êle eram levados dois malfeteiros, para serem mortos.

1192 — *A sua cruz.* As cruces, no tempo de Jesus, apresentavam três formas. Isto geralmente falando, ou seja, fazendo-se abstração de formas mais antigas. Havia a cruz rematada ("immissa"), com um braço vertical superior, o remate, menor do que os outros; a cruz patibulada ("commissa") de três braços, em forma de T; e a cruz de Santo André, em forma de X. Acredita-se que foi usada a primeira para o suplício de Jesus. Há quem suponha que existia nas cruces um suporte para os pés, no quais o corpo se apoiava. Os cravos eram fixados entre os ossos do corpo ("espaço de Destot", em Anatomia), onde se insere resistente tendão com solidez suficiente para sustentar o péso de um corpo.

1193 — *Calvário, em hebraico Gólgota.* A palavra "Calvário" tem o sentido de "crânio" ou "caveira". Situado fora dos muros da primitiva Jerusalém, a noroeste da cidade, o monte chamava-se Calvário quer por causa da sua configuração, quer por motivo de uma versão antiga, segundo a qual fôra ali sepultado Adão, o primeiro homem. A palavra "Gólgota", com o mesmo sentido de "crânio", é transcrição do termo aramaico "gulgaltha".

1194 — *Cirene.* Importante cidade da África, na Líbia, às margens do Mediterrâneo.

1195 — *Obrigaram-no a carregá-la atrás de Jesus.* Era costume que os condenados conduzissem ao lugar da execução o instrumento do suplício. Entretanto, recearam os algozes que o Salvador morresse antes de chegar ao Calvário. Por isto, e não por compaixão, como se poderia supor, ordenaram que Simão o auxiliasse. E' corrente a opinião de que Jesus continuou carregando a cruz com o auxílio de Simão, o que melhor se coaduna com a tradição, segundo a qual o Salvador ainda caiu duas vêzes sob o péso do madeiro.

1196 — *Não choreis sobre mim, etc.* Sem se deter, Jesus, esquecendo-se de si para só pensar nas dores alheias, lembra às compungidas mulheres que se apressavam os dias do cerco e da destruição da cidade, durante os quais deveriam padecer terrivelmente as mães que ali estivessem, como já havia predito.

1197 — *Se o lenho verde é assim tratado, que não se fará ao sêco.* O "lenho verde", isto é, a árvore em todo o seu viço, símbolo da virtude na sua integridade, representa a Jesus Cristo; o "lenho sêco" representa os pecadores em geral, e, particularmente, o povo judaico.

219 — A CRUCIFICAÇÃO

(S. Mat. XXVII, 33-34, 38; S. Marc. XV, 22-23, 27-28; S. Luc. XXIII, 33-34; S. João, XIX, 18)

Depois de chegarem ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer Calvário, ofereceram a Jesus vinho misturado com mirra e fel.* Tendo êle provado a bebida, não a quis beber.*

E ali o crucificaram* com os dois ladrões,* um à direita, e o outro à esquerda, e Jesus no centro. Assim se cumpriu a Escritura, que diz: "Foi contado entre os malfetores".

Jesus, porém, dizia: "Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem".

1198 — *Vinho com mirra e fel.* Para diminuir a violência da dor dos supliciados, propinavam-lhes vinho misturado com incenso ou mirra, porque acreditavam que o vinho assim aromatizado se tornava anestésico. No Evangelho de São Mateus consta que deram a Jesus "vinho misturado com fel". É uma passagem que não impõe interpretação ao pé da letra. Pode ser que o vocábulo "fel" fôsse então uma expressão genérica com que se designasse qualquer amargor, como por exemplo o da mirra.

1199 — *Provou-a e não a quis beber.* Supõe-se que Jesus tenha tocado os lábios no copo para corresponder à atenção de quem havia adicionado mirra ao vinho e que não a tomou porque era de sua divina vontade padecer com perfeita consciência de suas dores e sem nenhum alívio humano.

1200 — *Com dois ladrões.* Segundo a tradição, o primeiro dos dois ladrões era chamado Dimas, Dimas e Dermas; e o segundo, Germas e Gesmas. A malícia humana pretendeu desonrar a Jesus dando-lhe dois ladrões para companheiros de suplicio. Serviu apenas para cumprir os designios de Deus, pois contribuiu para a realização de uma antiga profecia, como se diz em seguida no Evangelho (V. Isaías: LIII, 12).

1201 — *E ali o crucificaram.* Procedia-se de diversos modos à crucifixão. Freqüentemente, porém, já cravavam o condenado na cruz deitada no chão e depois a erguiam e fixavam. Supõe-se que Jesus foi crucificado deste modo. E poucos suplicios seriam tão pavorosos. "Crudelissimum terribimumque supplicium", disse Cícero.

220 — O DÍSTICO NA CRUZ

(S. João, XIX, 19-22; S. Marc. XV, 26; S. Mat. XXVII, 37)

Ora, Pilatos escrevera um título* com a causa da condenação e mandara colocá-lo no alto do madeiro, acima da cabeça de Jesus. Estava escrito no título: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus".*

Leram-no muitos dos judeus, porque o lugar da execução ficava perto da cidade, e porque o título fôra escrito em hebraico, grego e latim.*

Então os principais sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: "Não devias ter escrito "Rei dos Judeus". Escreve o que ele mesmo disse: "Eu sou o Rei dos Judeus".

Mas Pilatos retrucou-lhes: "O que escrevi, escrito está".*

1202 — *Pilatos escrevera um título.* Duvidam alguns comentadores de que Pilatos tenha escrito o dístico, ou seja, o "título" numa tabuleta oficialmente assim chamada. São de opinião que o Governador apenas ditou o letreiro. Entretanto, também é possível que efeti-

vamente o tenha escrito ele mesmo. Irritado como estava, e já não havendo razão para temer uma denúncia a Roma porque podia alegar grande zelo em combater pretendentes ao trono, talvez quis vingar-se dos judeus, lançando-lhes, com o próprio punho, a afrontosa ironia do célebre dístico.

1203 — *Jesus Nazareno, Rei dos judeus*. Nos Evangelhos, o letrado apresenta-se de quatro modos diferentes: “Este é Jesus, Rei dos judeus”, (S. Mateus) “O Rei dos judeus” (S. Marcos), “Este é o Rei dos judeus” (S. Lucas), “Jesus Nazareno, Rei dos judeus” (S. João). Os evangelistas usaram de muita independência nos seus escritos, resultando daí não poucas discordâncias de forma entre eles. Não se atinham ao “servilismo verbal” — acertada expressão de Ricciotti. Como os antigos catequistas, os autores dos Evangelhos canônicos cingiam-se unicamente à fidelidade substancial, isto é, aderiam à verdade no sentido das palavras e não na materialidade delas. Atitude absolutamente razoável e que no entanto não é compreendida pelos que cultuam ferrenhamente a literalidade, como os fariseus do tempo de Jesus. É o eterno conflito entre os defensores da letra e os do espírito. E não há possibilidade de entendimento entre eles, porque, a bem dizer, vivem em mundos diferentes. A disciplina de exegese manda que a interpretação da Sagrada Escritura se subordine em primeiro lugar às leis ordinárias da linguagem humana. Mas dá importância decisiva ao sentido essencial dos textos sagrados, baseada que é no axioma de que a verdade não pode contradizer-se a si mesma.

1204 — *Em hebraico, grego e latim*. O hebraico era língua teológica e destinava-se aos judeus; o grego era a língua dos eruditos e destinava-se aos gentios; o latim era a língua dos dominadores e destinava-se ao mundo oficial.

1205 — *O que escrevi, escrito está*. Ou como consta na Vulgata: “Quod scripsi, scripsi”, o que escrevi, escrevi — maneira de dizer que o que estava escrito não seria alterado.

221 — DIVISÃO DAS VESTES DE JESUS

(S. João, XIX, 23-24; S. Mat. XXVII, 35-36; S. Marc. XV, 24-25; S. Luc. XXIII, 34)

Depois de terem crucificado a Jesus, os soldados apoderaram-se de suas vestes,* e, amontoando-as em quatro partes separadas, uma por soldado, tiraram à sorte para ver a quem caberia cada uma.

Mas a túnica não tinha costura,* porque era tecida de alto a baixo. Disseram, então, os soldados uns aos outros: “Não a rasguemos. Vamos jogar sobre ela para ver a quem tocará”. Cumpriu-se deste modo o que fôra predito pelo profeta,* ao dizer: “Repartiram entre si as minhas vestiduras, e sobre a minha túnica lançaram sortes”.

Assim, pois, fizeram os soldados, e, sentando-se, montaram guarda a Jesus.

E já passava da sexta hora.*

1206 — *Apoderaram-se de suas vestes...* Afora alguns panos menores, as vestes hebraicas compunham-se de duas túnicas, interior uma e exterior a outra, e de um manto formado de várias peças cosidas no sentido do comprimento. O oficial romano que dirigia a

execução, certamente não permitiu que os soldados tomassem tôdas as vestes de Jesus, em atenção ao costume dos judeus de respeitarem o recato público, não expondo inteiramente despidos os réus de morte.

1 207 — *A túnica não tinha costura.* Provavelmente se refere o evangelista à túnica exterior. Já por ser inconsútil, com certeza era a peça de mais valor das vestes de Jesus.

1 208 — *Predito pelo profeta.* Salmo XXI, 19, de Davi, o rei profeta.

1 209 — *E já passava da sexta hora.* Consta na Vulgata: "Erat autem hora tertia", era então a terceira hora. Esta observação, que é de S. Marcos, parece estar em contradição com a passagem em que São João refere que Jesus foi mostrado ao povo, no Litóstrotos — o que ocorreu "por volta da sexta hora". A explicação que se considera mais acertada, para dirimir esta aparente contradição, baseia-se nos costumes dos judeus daquela época. O tempo compreendido entre o amanhecer e o pôr-do-sol dividia-se em doze "horas". Mas esta divisão era mais teórica do que pratica, e em países como a Judéia, onde eram muito raros os aparelhos de medir o tempo, prevaleciam as indicações da luz solar. Adotou-se então o costume de dividir as doze horas diurnas em quatro períodos iguais, dois anteriores ao meio dia e dois posteriores. Assim, desde o amanhecer até às nove horas da manhã, pelo nosso cômputo, era a "primeira hora"; das nove horas ao meio-dia, a "terceira hora"; do meio-dia às três horas da tarde, pelo nosso cômputo, a "sexta-hora"; das três horas da tarde até o pôr-do-sol, a "nona hora". Os Evangelhos Sinópticos só excepcionalmente (S. Mateus: XX, 1-6) dão com maior precisão as horas das ocorrências. S. João, ao contrário, costuma citá-las exatamente, tomando por base o dia de doze horas: Assim a discordância entre S. Marcos e S. João a respeito da hora em que Jesus foi crucificado é apenas aparente, porque S. Marcos se refere à "terceira hora" como a um período de horas que vai até o meio-dia, e S. João alude à "sexta-hora" numéricamente: ao meio-dia, portanto. As duas passagens em questão: "Erat hora quasi sexta" e "Erat autem hora tertia" podem, pois, ser traduzidas como consta nesta Sinopse: "Era por volta da sexta hora" e "já passava da sexta-hora". E como se verifica pelo que foi exposto linhas acima, não é de modo nenhum forçada esta conciliação cronológica da apresentação de Jesus no Litóstrotos e da crucifixão do Salvador pouco tempo depois.

222 — BLASFÊMIAS CONTRA O CRUCIFICADO

(S. Mat. XVII, 39-44; S. Marc. XV, 29-32; S. Luc. XXIII, 35-38)

Entretanto, o povo olhava para Jesus, e os transeuntes blasfemavam dêle, meneando a cabeça e dizendo: "Ó tu que destróis o Templo e o reedificas em três dias, salva-te agora a ti mesmo! Se és o Filho de Deus, desce da cruz".

Também os Príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos escarneciam dêle, dizendo: "Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo. Salve-se a si próprio, se é o Cristo escolhido de Deus, o Rei de Israel. Se é o Cristo, Rei de Israel, desça agora da cruz. Se virmos isto, nós lhe daremos crédito. Êle confia em Deus. Que Deus o livre agora, se o ama. Pois não disse êle: "Eu sou Filho de Deus?"

Insultavam-no igualmente os soldados, que, aproximando-se, lhe ofereciam vinagre* e diziam: "Se és o Rei dos judeus, salva-te!" Isto por causa do título que se via acima de Jesus, em letras gregas, latinas e hebraicas, e no qual se lia que êle era o Rei dos judeus.

E os mesmos improperios lhe dirigiam os ladrões* que tinham sido crucificados com êle.

1210 — *Ofereciam-lhe vinagre.* Quer fôsse vinagre mesmo, quer fôsse vinho de má qualidade, como supõem alguns autores, ou ainda a "posca", água acidulada com vinagre, bebida comum dos soldados romanos, êstes a ofereciam a Jesus apenas por zombaria.

1211 — *Os mesmos improperios lhe dirigiam os ladrões.* Na opinião de muitos comentadores, foi só um dos ladrões que dirigiu doestos a Jesus. E explicam que o evangelista se serviu da expressão "ladrões" como "plural de categoria", frisando que a escória das classes sociais se unia às pessoas de condição nas invectivas contra a inerme vítima do farisaísmo oficial.

223 — O LADRÃO ARREPENDIDO

(S. Lucas, XXIII, 39-43)

Um dos ladrões* que estavam ali suspensos, blasfemou contra Jesus, dizendo: "Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós também".

Mas o outro então o repreendeu, dizendo: "Nem tu temes a Deus, mesmo padecendo igual suplício? Sem dúvida é justo que nós padeçamos, porque recebemos o merecido castigo dos nossos atos. Mas êste homem não fêz mal nenhum".

E dirigiu-se a Jesus: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino".

Respondeu-lhe Jesus: "Em verdade te digo que ainda hoje estarás comigo no paraíso".*

1212 — *Um dos ladrões.* Gesmas, segundo a tradição. O ladrão penitente teria sido Dimas.

1213 — *Paraíso.* Conforme os intérpretes, "paraíso" significa aqui o limbo ou o seio de Abraão (V. nota 771), ao qual desceria Jesus, depois da morte, a fim de confortar as almas dos justos do Antigo Testamento que ali se encontravam. A visão da Divindade, que teriam então, tornaria o limbo um verdadeiro paraíso.

224 — JESUS, MARIA E JOÃO

(S. João, XIX, 25-27)

De pé, junto à cruz, estavam a mãe de Jesus, Maria, irmã de sua mãe* e mulher de Cléofas, e Maria Madalena.

Vendo Jesus sua mãe e ao lado dela o discípulo a quem amava,* disse a sua mãe: "Mãe, eis aí teu filho",* Depois disse ao discípulo: "Eis aí tua mãe".

É daquele momento em diante o discípulo tomou a seu cuidado* a mãe de Jesus.

1214 — *Irmã de sua mãe.* Como ficou demonstrado em outra nota, o vocábulo "irmão" aparece freqüentemente nas Escrituras com o sentido de "parente". É o que sucede aqui. A mulher de Cléofas, ao que consta, era cunhada da mãe de Jesus.

1215 — *A quem amava.* Trata-se do evangelista S. João. Evidentemente Jesus também amava os outros Apóstolos. Mostrava-se, porém, mais afetuoso para com S. João (V. nota 1027).

1216 — *Mãe, eis aí teu filho.* Na Vulgata consta "mulier" em vez de "mater" (mãe). Veja-se a este respeito a nota 153. Na pessoa de S. João fomos todos constituídos filhos adotivos de Maria Santíssima. É o fundamento da hiperdulia, isto é, o culto que os católicos prestam à mãe de Jesus.

1217 — *Tomou-a a seu cuidado.* Na Vulgata lê-se "...acceptam discipulum in sua", o que alguns autores traduzem por "levou-a o discípulo para sua casa". Consta efetivamente que a Virgem Maria passou a morar com João, em Jerusalém.

225 — MORTE DE JESUS

(S. João, XIX, 28-30; S. Mat. XXVII, 45-56); S. Marc. XV, 33-41; S. Luc. XXIII, 44-49)

Por volta da sexta hora,* cobriu-se de trevas tôda a Terra* até a hora nona,* escurecendo-se o Sol.

Pouco antes da nona hora, exclamou Jesus em alta voz: "Eli, Eli, lamá sabactani?"* o que quer dizer: Meu Deus, meu Deus! por que me desamparaste?"*

Ao ouvir as suas palavras, alguns dos circunstantes disseram: "Ele chama por Elias".*

Sabia Jesus que tudo estava consumado. Mas para que a Escritura acabasse de se cumprir, disse: "Tenho sede".

Haviam pôsto ali um vaso cheio de vinagre. Logo correu um dos soldados, tomou uma esponja, e, tendo-a ensopado no vinagre, a atou em volta da extremidade de uma cana* e ofereceu de beber a Jesus.

Os outros, porém, diziam: "Deixa-o. Vamos ver se Elias vem livrá-lo".

"Deixai-o vós — replicou o soldado. Veremos depois se Elias o vem livrar".

Entretanto, Jesus bebeu o vinagre e disse: "Tudo está consumado. Depois, emitindo pela segunda vez uma grande brado, clamou:* "Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito".

Dito isto, inclinou a cabeça e expirou.*

Então o véu do Templo* rasgou-se de alto a baixo, em duas partes, tremeu a terra, fenderam-se as rochas* e abriram-se as sepulturas e não poucos corpos de santos que ti-

nham morrido, tornaram à vida. Êstes, depois da ressurreição de Jesus, foram à cidade santa e apareceram a muitos.*

O centurião, postado à frente da cruz, vendo o que acontecera, isto é, que Jesus expirara clamando daquela maneira, glorificou a Deus, dizendo: "Este homem era sem dúvida um justo; verdadeiramente era Filho de Deus".

E os que com êle faziam guarda a Jesus, tendo presenciado o terremoto, e à vista de tudo o mais que acontecia, sentiram grande medo, e diziam: "Este homem era realmente Filho de Deus".

E todos os da multidão presente àquele drama, vendo o que sucedia, retiraram-se batendo no peito.

À distância, observando o que se passava, estavam todos os conhecidos de Jesus,* e também as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia,* ministrando-lhe o necessário.

Entre elas achavam-se Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago Menor e de Jose; e Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu. Estas já o acompanhavam quando êle estivera na Galiléia, provendo-o do que precisava. As outras, que eram muitas, tinham vindo com êle para Jerusalém.

1218 — *Por volta da sexta hora.* Isto é, depois do meio-dia.

1219 — *Cobriu-se de trevas tôda a Terra.* A expressão "tôda a Terra", hiperbólica no caso, designa aqui a Judéia, como ocorre em outras passagens da Bíblia hebraica. Realizou-se na ocasião uma profecia de Amós. (VIII, 9)

1220 — *Até à nona hora.* Até às três horas da tarde.

1221 — *Eli, Eli, lamá sabactani?* Foi naturalmente um prodígio o fato de ter Jesus emitido tão fortes exclamações, porque a crucifixão mal permitia que os suplicados articulassem uma ou outra palavra. As exclamações "Eli, Eli!" estão assim, em hebraico puro, no texto de S. Mateus. No Evangelho de S. Marcos encontram-se elas em língua siro-caldaica ou araméica: "Eloi, Eloi!"

1222 — *Por que me desamparaste?* Não foi um brado de desespero que Jesus emitiu. Foi a expressão viva da maior angústia que pôde sofrer um homem chegado a tais extremos de tortura. Além disto, o salmo XXI, que começa com as palavras da epígrafe, refere-se ao futuro Messias, predizendo os seus sofrimentos supremos. Aplica-o Jesus a si mesmo e assim chama a atenção dos seus inimigos para o cumprimento da profecia na sua pessoa.

1223 — *Êle chama por Elias.* Pode ter acontecido que alguns circunstantes houvessem tomado a exclamação do Salvador por uma invocação a Elias. Mas também é possível que os judeus fingissem ter entendido mal as palavras de Jesus, para escarnecer do agonizante uma vez mais, dando a entender que êle delirava.

1224 — *Tenho sede.* Jesus não havia tomado o vinagre ou a bebida avinagrada que lhe tinham oferecido os soldados. Pede-a agora porque chegara o momento de se cumprir a profecia de Davi, no

salmo LXVIII. Não o fez, porém, com o intuito de realizar a profecia. A profecia é que foi feita porque chegaria o momento em que até vinagre o Salvador aceitaria para mitigar a sede.

1225 — *Uma cana.* No Evangelho de S. João consta o vocábulo "hissôpo". Mas o hissôpo é uma pequena planta de ramos muito flexíveis. Alguns intérpretes entendem que houve, no caso, substituição da palavra "hyssop" (dardo) pelo termo "hissôpo". Nos Evangelhos de S. Mateus e S. Marcos lê-se "cana", em latim "arundo" ou "calamus", sendo que estas palavras também têm o sentido de "seta".

1226 — *Clamou.* Veja-se a nota 1221.

1227 — *Expirou.* Ou como consta na Vulgata: "...tradidit spiritum", rendeu o espírito. Durou três horas a agonia de Jesus. Via de regra a agonia dos condenados prolongava-se por muito mais tempo. Tanto assim que Pilatos virá a admirar-se de que Jesus tenha expirado tão depressa. Entretanto, experiências fisiológicas provaram que os choques dolorosos não se adicionam, mas de certo modo se multiplicam. Em consequência disto foi extremo o depauperamento a que Jesus chegou depois dos seus padecimentos imediatamente anteriores ao suplicio da cruz. Assim sendo, realmente de admirar é que Jesus não tenha morrido antes, já no caminho do Calvário, como recearam os seus algozes quando obrigaram o Cireneu a auxiliá-lo.

1228 — *O véu do Templo.* Como ficou dito em outra nota, o santuário do Templo dividia-se em dois compartimentos: o "Santo" e o "Santo dos Santos". Separava-os um reposteiro de enormes dimensões, todo tecido de ouro e púrpura, com franjas côr-de-jacinto. Era o véu do Templo a que se refere o evangelista.

1229 — *Fenderam-se as rochas.* Uma das fendas do Calvário, ainda hoje visível na igreja do Santo Sepulcro, apresenta estranho aspecto, pois a ruptura da rocha se estende em sentido transversal. Um terremoto comum teria separado as camadas de que se compõem as rochas, seguindo a fenda os veios que as formam e quebrando as travações nos pontos mais fracos. Tudo indica, pois, que o abalo sísmico de que se fala no Evangelho, foi um fenômeno de caráter extraordinário.

1230 — *Apareceram a muitos.* Apresentaram-se êles a determinadas pessoas para confirmação da ressurreição do Salvador. Não se imagine, portanto, uma espécie de invasão de Jerusalém por uma multidão de ressuscitados.

1231 — *Todos os conhecidos de Jesus.* Parece mais provável que os Apóstolos — com exceção de S. João, é claro — não estavam presentes no Calvário e também não tomaram parte no sepultamento de Jesus. São, pois, hiperbólicas as palavras "todos os conhecidos de Jesus", constantes da epígrafe.

1232 — *As mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia.* Veja-se as notas 192, 379 e 380.

226 — O GOLPE DE LANÇA

(S. João, XIX, 31-37)

A fim de que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado, pois estava-se em dia de preparação e aquêlê sábado era de grande solenidade, os judeus rogaram a Pila-

tos que mandasse quebrar as pernas dos condenados e removê-los dali.

Vieram, pois, os soldados e quebraram as pernas a ambos os ladrões que haviam sido crucificados com Jesus. Aproximando-se de Jesus e verificando que já estava morto, deixaram de lhe quebrar as pernas. Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança,* e imediatamente saiu do ferimento sangue e água.*

Dá testemunho disto quem presenciou o fato.* E o seu testemunho é verdadeiro. Ele sabe que diz a verdade para que também vós acrediteis. Porque estas coisas aconteceram e assim se cumpriu a Escritura, onde diz: "Não quebrareis nenhum dos seus ossos". E também na passagem onde se lê: "Volverão os olhos* para aquele a quem traspassaram".

1 233 — *Um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança.* Segundo Santo Agostinho, S. Bernardo e outros, foi o lado direito de Jesus Cristo que o soldado (Longinus, chamavam-no os cristãos da Antiguidade) abriu com um golpe de lança, e não o esquerdo, o que entretanto não impediu que o coração tenha sido atingido pela ponta do ferro.

1 234 — *Sangue e água.* Segundo parecer de conceituado médico (Dr. Judica), publicado em 1937 pela revista "Medicina Italiana", de Milão, a água que juntamente com sangue saiu do ferimento no lado de Jesus, depois de sua morte, deve ter sido o derrame seroso de uma pericardite traumática provocada principalmente pela flagelação. Entretanto, fisiólogos ingleses explicaram o fato supondo uma ruptura anterior do coração. Neste caso, ter-se-ia produzido uma hemorragia interna no pericárdio e a subsequente decomposição do sangue, cujos glóbulos vermelhos se depositariam embaixo, enquanto que o soro aquoso ficaria em cima, de modo que no momento de ser rompido o pericárdio pelo golpe da lança, o elemento sangüíneo e o aquoso saíam separados. Como quer que tenha ocorrido o fato, importa principalmente que na ocasião se realizou uma profecia de Zacarias (XII, 10), segundo a qual o Messias seria ferido com um golpe que o traspassaria.

1 235 — *Quem presenciou o fato.* O próprio evangelista S. João.

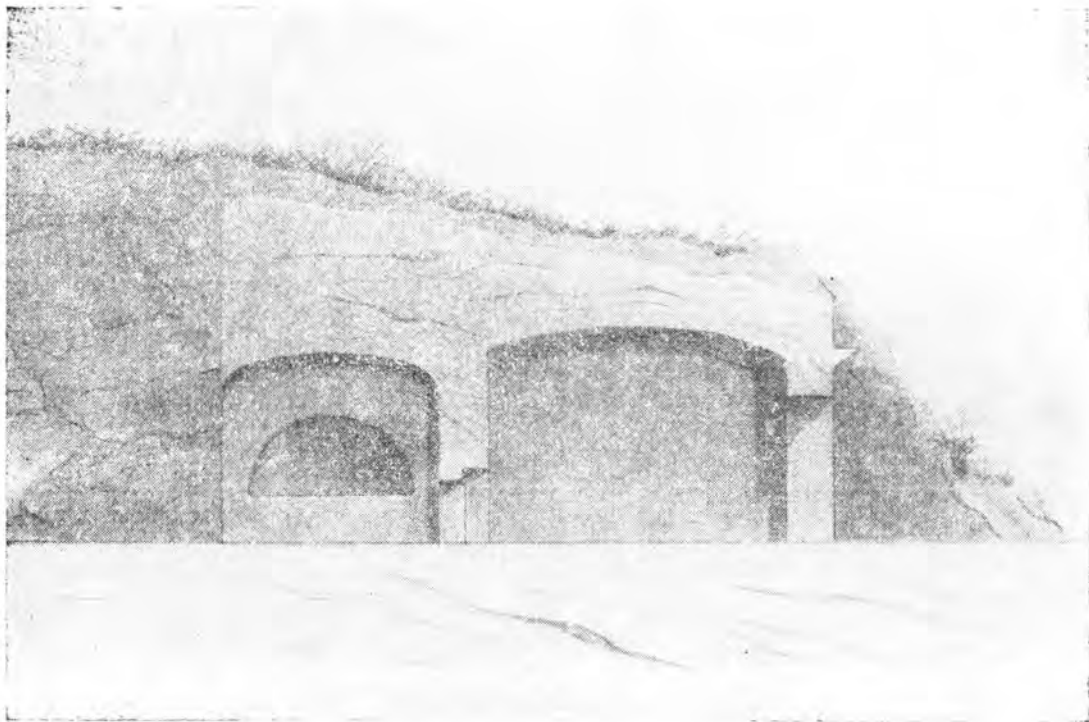
1 236 — *Não quebrareis nenhum dos seus ossos.* Era uma prescrição relativa ao cordeiro pascal (Êxodo: XII, 46) e representava profeticamente a integridade em que permaneceria o corpo de Jesus Cristo na sua imolação.

1 237 — *Volverão os olhos...* Zacarias: XII, 10.

227 — JESUS É DESCIDO DA CRUZ E SEPULTADO

(S. Marc. XV, 42-47; S. Mat. XXVII, 57-61; S. Luc. XXIII, 50-56; S. João, XIX, 38-42)

Como já se aproximasse a noite daquele dia* de pasceve, um homem bom e justo, chamado José, natural de Arimatéia, (cidade da Judéia) nobre e rico membro do Sa-



O JAZIGO DE JOSÉ DE ARIMATEIA, CEDIDO PARA O
SEPULTAMENTO DE JESUS. *Reconstituição de Vogné*

nedrim,* que não aprovara o plano e os atos dos outros judeus, pois era discípulo de Jesus, ainda que em segrêdo por temor aos seus conterrâneos, e que também esperava o reino de Deus, resolutamente foi apresentar-se a Pilatos e pediu-lhe permissão para levar consigo o corpo de Jesus.

Admirando-se Pilatos de que Jesus já tivesse morrido, chamou o centurião e o interrogou sôbre o fato. Depois que o centurião lhe confirmou que Jesus estava morto, cedeu o corpo a José e ordenou que lho entregassem.

Então José comprou um lençol, foi ao Calvário, desceu o corpo de Jesus e o amortalhou no pano de linho branco.

Nicodemos, aquêle que certa vez tinha ido visitar a Jesus de noite, também ali se apresentou. Levava quase cem libras de uma mistura de mirra e aloés.*

Tomaram ambos o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com aromas,* como costumavam fazer os judeus para sepultar os mortos.

Ora, no lugar onde Jesus fôra crucificado, havia um horto, e neste horto um túmulo nôvo, cavado na rocha, pertencente a José* e que ainda não havia sido ocupado por ninguém. Sepultaram a Jesus ali, porque, sendo dia de parasceve, já começava o sábad,* e o sepulcro ficava a pouca distância.

Rolou José de Arimatéia uma grande pedra até a entrada do túmulo e retirou-se.

As mulheres que haviam acompanhado a Jesus, vindo com êle da Galiléia, Maria Madalena e a outra Maria, mãe de José,* sentadas em frente ao sepulcro, tinham estado observando onde colocavam o corpo. Viram, pois, o túmulo e como o corpo fôra nêle depositado. Voltando então para casa, prepararam arômatas e bálsamos, mas no sábad guardaram o repouso em obediência à Lei.

1238 — *A noite daquele dia.* O repouso obrigatório do sábad começava legalmente ao anoitecer de sexta-feira, o dia de "parasceve" ou seja, o dia de antecipação dos trabalhos para o dia imediato.

1239 — *Nobre e rico membro do Sanedrim.* Na Vulgata, José de Arimatéia é designado como "decúrio", o que correspondia, na Judéia, à dignidade de senador entre os romanos. Refere a tradição que mais tarde estêve José na Gália e na Bretanha, e que a primeira igreja cristã inglêsa foi por êle construída.

1240 — *Quase cem libras de uma mistura de mirra e aloés.* O aloés de que fala o evangelista deve ter sido, não o aloés medicinal, mas sim um arômata extraído do agaloché, também chamado "pau de aloés", madeira odorífera procedente da Índia. As cem libras de perfumes funerários correspondiam a trinta e dois quilos. Na profusão dos perfumes subentendia-se o grau da homenagem prestada ao morto, como entre nós na profusão das flôres que são enviadas para o entêrro de uma pessoa grandemente estimada.

1241 — *Envolveram-no em panos de linho com aromas*, etc. Alegam alguns críticos contradições dos evangelistas no que referem como acontecido entre a morte a ressurreição de Jesus, porque S. Mateus não fala da embalsamação, mas somente de que o corpo foi envolvido num lençol (XXVII, 59); porque S. Marcos diz que, transcorrido o sábadado, as mulheres que assistiram ao sepultamento, compraram perfumes para ungrir o corpo de Jesus (XVI, 1), ao passo que, segundo S. Lucas, elas trataram de adquirir os perfumes na sexta-feira mesmo (XXIII, 56), informando, porém, S. João, que José de Arimatéia e Nicodemos já haviam embalsamado o corpo com quase cem libras de mirra e aloés (XIX, 38-40). Contudo, não têm razão os críticos. O laconismo de S. Mateus nesta passagem nada prova contra a verdade dos fatos, porque também noutras passagens o evangelista foi até omissivo, tendo sido completada nos Evangelhos posteriores a sua narração dos acontecimentos. Quanto à diferença entre S. Marcos e S. Lucas, explicam-na os intérpretes fazendo ver que S. Lucas certamente se refere ao preparo inicial dos perfumes, o que as piedosas mulheres puderam realizar na sexta-feira, ao voltarem do Calvário, enquanto que S. Marcos alude à compra de novos e provavelmente mais preciosos arômatas, e ao preparo final dos mesmos no sábadado, já ao anoitecer, tudo sem violação do repouso sabático (V. notas 1238 e 1247). Também não procede a alegação de que, tendo visto as mulheres como Jesus havia sido sepultado (V. nota 1265), não pensariam que fôsse necessário embalsamá-lo novamente. Ao contrário. Incentivaram-nas o exemplo dos dois discípulos e a circunstância de que sem dúvida poderiam fazer aquilo bem melhor do que eles, que tinham de trabalhar com pressa em vista da necessidade de deixarem o corpo sepultado antes de terminar o dia de sexta-feira, e porque elas procederiam à embalsamação com o cuidado e a carinhosa paciência que em geral só as mulheres põem em semelhantes tarefas.

1242 — *Já começava o sábadado*. Vejam-se as notas 1238 e 1247.

1243 — *Um túmulo novo, pertencente a José*. Era um jazigo preparado com antecedência, como também em nossos dias muitos costumam mandar fazer (V. nota 1265).

1244 — *Mãe de José*. Este José era irmão de S. Tiago Menor, como consta em outra nota.

228 — SÁBADO SANTO. E' GUARDADO O SEPULCRO

(S. Mateus, XXVII, 62-66)

No dia seguinte ao de parasceve, os Príncipes dos sacerdotes e os fariseus foram juntos à casa de Pilatos e disseram-lhe: "Senhor, lembramo-nos de que aquêle impostor, quando em vida, afirmou que ressuscitaria depois de três dias. Manda, pois, que guardem o sepulcro até o terceiro dia, para não suceder que os seus discípulos roubem o corpo e depois digam ao povo que êle ressuscitou dos mortos. Sim, porque êste último embuste viria a ser pior que o primeiro".

Respondeu-lhes Pilatos: "Vós tendes guardas.* Ide e guardai o sepulcro como quiserdes".

Saíram êles então, postaram sentinelas junto ao sepulcro e selaram-lhe a pedra.*

1245 — *Vós tendes guardas.* Há quem entenda que Pilatos aludia aos soldados da guarda particular do Templo e dos Príncipes dos sacerdotes.

1246 — *Selaram-lhe a pedra.* Sobre os interstícios que haviam ficado entre a abertura do túmulo e a pedra que o fechava, colocaram tiras de pano, fixaram-nas com cera e imprimiram nesta o sinete de Caifás, Sumo Sacerdote em exercício. Nestas condições, ninguém podia abrir o túmulo sem romper os selos.

XXII — «SURREXIT»

229 — RESSURREIÇÃO DE JESUS

(S. Marc. XVI, 1-7; S. Mat. XXVIII, 1-7; S. Luc. XXIV, 1-8; S. João, XX, 1-15)

Já havia transcorrido o dia de sábado.* Ao amanhecer do dia seguinte, Maria Madalena,* a outra Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram arômatas e foram embalsamar a Jesus.*

Levando consigo os arômatas já preparados, dirigiram-se ao sepulcro muito cedo, pois ainda estava escuro.*

Entretanto fêz-se sentir um grande terremoto. Porque um anjo do Senhor desceu do céu, e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada* e sentou-se sobre ela.

Brilhava, no seu aspeto, como um relâmpago, e as suas vestes eram brancas como a neve.

Impressionados pelo que viram, os guardas mirraram-se de susto* e ficaram como mortos.

Já tinha saído o Sol quando as mulheres se aproximaram dali.

E diziam umas às outras: “Quem rolará para nós a pedra da entrada do sepulcro?”* Porque ela era muito grande.

Nisto olharam e viram a pedra afastada do sepulcro. Entraram e não encontraram o corpo do Senhor Jesus.

Então Maria Madalena saiu correndo e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: “Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram”.

Pedro e o outro discípulo imediatamente se dirigiram para o túmulo. Corriam ambos juntos. Mas o outro discípulo correu mais velozmente do que Pedro, e, passando-lhe a frente, chegou primeiro. Curvando-se, viu ele os lençóis espalhados no chão, mas não entrou.

Chegou Simão Pedro, que o seguia, entrou no sepulcro e viu os lençóis e um sudário que estivera sobre a cabeça de Jesus, sendo que o sudário não estava com os lençóis, mas dobrado num lugar à parte.

Em seguida entrou também o discípulo que chegara em primeiro lugar. E viu e passou a crer.* Pois ainda não

tinham entendido a Escritura,* segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.

E então os discípulos voltaram para casa.

As mulheres, porém, entraram outra vez no sepulcro. Viram um jovem sentado à direita, e ficaram pasmadas.

E o anjo tomando a palavra, falou-lhes: "Não tendes receio, não vos assusteis assim. Sei que procurais a Jesus Nazareno, que foi crucificado".

Estavam consternadas as mulheres pelo desaparecimento do corpo. Então apareceram junto delas dois jovens* vestidos de roupas resplandecentes. Atemorizadas, baixaram elas os olhos para o chão. E eles disseram: "Por que procurais entre os mortos aquêle que está vivo? Ele não está aqui, ressuscitou. Lembrai-vos do que vos disse quando andava pela Galiléia: "Cumprir que o Filho do Homem seja entregue às mãos dos pecadores, e que seja crucificado. Mas ao terceiro dia ressuscitará". Pois ele ressuscitou como disse. Vinde e vede o lugar onde estava pôsto o Senhor. Aqui está o lugar em que o depuseram. Ide logo e dizei aos seus discípulos e a Pedro que o Senhor ressuscitou e vai adiante de vós para a Galiléia. Lá o vereis, como ele vos prometeu. Atentai que eu vo-lo predisse".

Então lembraram-se elas das palavras de Jesus.*

1247 — *Já havia transcorrido o dia de sábado.* Na linguagem dos judeus, os dias dividiam-se em "tarde e manhã" (V. Gênesis: I, 5; 13, 19, 23, 31). Dizia-se correntemente que o dia seguinte amanhecia ao cair da tarde anterior. O dia legal tinha início ao despostrar das estrélas, e não ao raiar do Sol. O primeiro dia da semana, imediato ao sábado, começava com o crepúsculo da tarde dêste dia. E' a razão por que se lê no Evangelho: "Na tarde de sábado, ao amanhecer o primeiro dia depois do sábado" (S. Mateus: XXVIII, 1).

1248 — *Maria Madalena...* S. Marcos é que dá a relação completa das mulheres que voltaram ao sepulcro para terminar a embalsamação do corpo de Jesus. Já foi explicado em outra nota que os Evangelhos são fragmentários, completando-se uns pelos outros. Entretanto, cumpre advertir aqui que S. João menciona somente Maria Madalena porque esta vai desempenhar no episódio o mais importante papel.

1249 — *Compraram arômatas e foram embalsamar a Jesus.* Vejam-se a êste respeito a parte final da nota 1241 e a nota seguinte.

1250 — *Muito cedo, pois ainda estava escuro.* As caridosas mulheres terão comprado os arômatas na noite de sábado, que, segundo já se viu em outra nota, era considerado como o início do primeiro dia da semana. Depois devem ter voltado para casa, o que o texto evangélico não impede que se subtenha, e só se dirigiram para a sepultura quando o dia estava por clarear. — Em S. João (XX, 1) consta que ainda estava escuro. Em São Marcos (XVI, 2) lê-se que "o Sol já havia nascido". Cristiani esclarece que o fato se deu na hora matinal em que, apesar de já nascido o

Sol, ainda havia terras escuras na região do sepulcro, situado a oeste de Jerusalém. Segundo Ricciotti, o caso se resolve interpretando o texto evangélico por acepção subentendida: as mulheres ter-se-iam dirigido para o sepulcro quando ainda estava escuro e lá chegaram depois de já ter nascido o Sol, como se faz constar no texto desta Sinopse.

1251 — *Rolou a pedra da entrada.* As pedras com que se fechavam os túmulos, tinham forma de mó e eram roladas para dentro da entrada, obstruindo-a pela sua espessura.

1252 — *Mirraram-se de susto.* O anjo baixara ao túmulo e removera a pedra da entrada somente para mostrar que Jesus já havia ressuscitado e não estava ali. O Salvador não se deixou ver por ninguém no ato mesmo da sua ressurreição. Presentes só estavam os guardas. E estes não mereciam assistir ao portentoso acontecimento. — A Ressurreição é o milagre dos milagres. Os próprios inimigos da fé cristã, contemporâneos do Salvador e de seus discípulos, tão poderosos contra eles, não conseguiram desmentir convincentemente o ensino evangélico baseado no acontecimento histórico que foi a ressurreição de Jesus Cristo.

1253 — *Quem rolará para nós a pedra da entrada do sepulcro?* Assim discorriam as santas mulheres por ignorarem que o túmulo fôra selado e confiado à guarda dos soldados, o que ocorrera em sua ausência, no dia de sábado.

1254 — *Passou a crer.* O que o discípulo viu, e com êle S. Pedro, sem dúvida o convenceu de que o corpo de Jesus não tinha sido roubado, pois se fôsse este o caso, não havia razão para levarem o morto sem os panos que o envolviam e muito menos para dobrarem cuidadosamente o sudário que lhe cobria a cabeça e pô-lo de parte. Os dois Apóstolos ainda não se davam conta de que se havia realizado uma das mais importantes profecias da Escritura. Já acreditavam, porém, que ali havia ocorrido um prodígio. E depois regressaram à cidade refletindo sobre o que lhes fôra dado verificar. Veja-se também, a respeito do assunto, a nota seguinte.

1255 — *Pois ainda não tinham entendido as Escrituras.* O evangelista atribui à falta de melhor compreensão das Escrituras (salmo XV, 10) 'o fato de serem os Apóstolos tardos em crer, e por isto os desculpa. Demais, acostumados a ouvirem Jesus falar em parábolas, não o tinham compreendido bem, pensando que as suas alusões à Ressurreição talvez significassem outra coisa, de que mais tarde viriam a ter conhecimento.

1256 — *Dois jovens.* Esses dois jovens ("duo viri", como consta na Vulgata, dois varões) eram os dois anjos que são mencionados pouco adiante na narração evangélica da presente Sinopse.

1257 — *Então lembraram-se das palavras de Jesus.* Das palavras de Jesus que acabavam de lhes ser recordadas.

230 — AS MULHERES VÃO CONTAR QUE VIRAM OS ANJOS

(S. Luc. XXIV, 9-12; S. Mat. XXVIII, 8; S. Marc. XVI, 8)

Atemorizadas, as mulheres fugiram do sepulcro,* e por causa do grande medo de que a princípio se achavam acometidas, nada diziam. Mas, com o temor, passaram a sentir também uma grande alegria, e, correndo, apressaram-se em

levar a notícia aos discípulos de Jesus. E contaram aos onze a todos os mais o que haviam visto. Foram Maria Madalena, e Joana, Maria, mãe de Tiago, e outras com elas, que referiram os fatos aos Apóstolos. Eles, porém, não lhes deram crédito,* porque tudo aquilo lhes parecia imaginação provocada por delírio.

Pedro, entretanto, levantou-se e correu ao sepulcro.* Debruçou-se à entrada e só viu os lençóis que estavam espalhados no túmulo. E voltou para casa, admirado do que acontecera.*

1258 — *Atemorizadas, fugiram do sepulcro...* O evangelista refere as impressões por que passaram as santas mulheres, até levarem a sua mensagem aos discípulos de Jesus. A princípio assustadas pela aparição, fugiram do sepulcro e retiraram-se para algum lugar das vizinhanças, sem dizer palavra e sem cogitarem de fazer o que lhes fôra ordenado. Depois, porém, recobrando a calma, foram cumprir as ordens que tinham recebido. Pensam alguns intérpretes que o evangelista quis apenas dar a entender que elas nada disseram pelo caminho. Mas a primeira versão é mais comumente dotada.

1259 — *Não lhes deram crédito...* Surpreendem-se muitos ante a extrema relutância que mostraram os Apóstolos em admitir, sem reservas, o fato da Ressurreição. E' que a Ressurreição não se dera como eles a esperavam, porque alimentavam a velha ilusão de que o Messias restauraria o reino de Israel, estabelecendo o seu poder em toda a terra. Acresce que a notícia era transmitida por mulheres, e estas facilmente são consideradas por demais imaginosas, sendo por isto muitas vêzes postos em dúvida até os seus mais procedentes testemunhos.

1260 — *Pedro correu ao sepulcro.* E' de S. Lucas este trecho. Entendem muitos autores que S. Pedro foi ao sepulcro uma vez apenas. Entretanto, segundo a opinião de outros, nada obriga a crer que o evangelista tenha invertido a ordem dos fatos, narrando agora a primeira ida de S. Pedro ao sepulcro, e de mais a mais sem aludir a S. João, que então acompanhou o chefe dos Apóstolos. E' muito mais conforme às habitual precisão de S. Lucas, e de resto muito mais natural, tenha êle consignado aqui que S. Pedro se dirigiu uma segunda vez ao túmulo do Salvador. Naturalmente esperava que os anjos, se de fato tinham aparecido às mulheres, também apareceriam a êle e lhe diriam alguma coisa sôbre o desaparecimento do corpo de Jesus.

1261 — *Admirado do que acontecera.* Isto é, admirado de que os anjos só tivessem aparecido às mulheres.

231 — PRIMEIRAS APARIÇÕES DE JESUS

(S. João, XX, 11-18; S. Mat. XXVIII, 9-10; S. Marc. XVI, 9-11)

Tendo ressuscitado, pela manhã, no primeiro dia da semana, Jesus apareceu primeiramente a Maria Madalena,* da qual havia expulsado sete demônios.* Junto do sepulcro, do lado de fora e de pé, estava ela a chorar.* E chorando inclinou-se e olhou para ver o túmulo. E viu dois anjos* vesti-

dos de branco, sentados, um à cabeceira e o outro aos pés do lugar onde fôra pôsto o corpo de Jesus.

"Mulher, por que choras?" perguntaram-lhe.

Respondeu ela: "Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram".

Ao dizer estas palavras, voltou-se para trás* e viu Jesus em pé. Não percebeu, porém, que era êle.*

"Por que choras, mulher?" perguntou Jesus.

E ela, julgando que fôsse o zelador do horto, disse-lhe: "Senhor, se fôste tu que o tiraste, diz-me onde o puseste e eu o levarei".

"Maria!" disse-lhe Jesus.

Voltou-se ela* e exclamou: "Rabboni!" o que significa "Mestre".

Tornou-lhe Jesus: "Não me detenhas,* porque ainda não subi para meu Pai. Mas vai dizer a meus irmãos* que subirei para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus".

Maria Madalena foi ter com os discípulos que haviam andado com Jesus e estavam aflitos e chorosos, e contou-lhes que tinha visto o Senhor, e transmitiu-lhes as palavras de Jesus. Êles, porém, ouvindo dizer que Jesus vivia e fôra visto por ela, não acreditaram.*

Entretanto, saiu Jesus ao encontro das outras mulheres e disse-lhes: "Deus vos salve!"

Aproximaram-se elas, abraçaram-lhe os pés e o adoraram.

Tornou-lhes Jesus: "Não temais. Ide e dizei a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia, que lá me verão".

1 262 — *Apareceu primeiramente a Maria Madalena.* A mãe de Jesus, que esperava convictamente a Ressurreição, não está incluída no número daquelas pessoas a quem o evangelista se refere. O que êle diz aplica-se apenas aos que precisavam ver a Jesus para crer que havia ressuscitado, e dentre êstes é que Maria Madalena foi a primeira a quem o Salvador apareceu. O motivo por que Maria Santíssima não foi com as outras mulheres ao sepulcro para completar a embalsamação do corpo de Jesus, deve ter sido precisamente o fato de já lhe ter aparecido seu divino Filho. Na opinião de diversos autores, os evangelistas não referem esta aparição porque não tinha caráter público.

1 263 — *Da qual havia expulsado sete demônios.* A alusão aos excessos da vida passada de Madalena destina-se a assinalar o seu arrependimento e penitência, tão grandes que lhe mereceram o privilégio de ser citada no Evangelho como a primeira pessoa a quem Jesus apareceu. A respeito da expressão "sete demônios" veja-se a nota 379.

1 264 — *Chorava junto ao sepulcro.* Madalena voltara da cidade, donde acabava de chegar.

1265 — *Viu dois anjos.* O túmulo, como era de hábito entre os judeus, compunha-se de um vestibulo e a câmara mortuária com um nicho horizontal para o corpo, sendo que os dois compartimentos se comunicavam por uma porta baixa. As outras mulheres, tendo entrado no vestibulo e olhando dali para a câmara interior, a princípio viram somente um anjo postado à cabeceira do nicho onde estivera o corpo. Madalena viu dois anjos, um à cabeceira e o outro no extremo oposto do lóculo. Provavelmente por ter ficado em melhor ponto de vista, embora de mais longe, se não por isto mesmo, e também porque teve de se baixar a fim de olhar para a câmara mortuária.

1266 — *Voltou-se para trás.* Madalena voltou-se para ver se deparava algum sinal de Jesus ou então por se sentir atraída, sem o saber, pela presença do Salvador.

1267 — *Não percebeu que era êle.* Ou porque Jesus se mostrasse com aparência diversa ou porque os olhos de Madalena estavam como que velados para não o reconhecer ella immediatamente, tal como sucederia aos dois discipulos de Emaús (S. Lucas: XXIV, 16). Dizem alguns intérpretes que Jesus quis pôr à prova a sua fé e o seu amor, não se lhe dando a conhecer logo no primeiro momento.

1268 — *Voltou-se ella.* Voltou-se Madalena outra vez, naturalmente porque na sua ansiedade já teria virado o rosto para outra direção, ou porque o movera para enxugar as suas lágrimas.

1269 — *Não me detenhas.* Quis Jesus dizer que Madalena não se prendesse em lhe cingir assim os pés, porque ainda não subira ao céu, e antes de sua ascensão ao Eterno Pai ainda ficaria algum tempo na Terra; e que, no momento, o que ella devia fazer era ir levar aos discipulos a noticia que então lhe deu. Corrobora esta explicação o sentido da frase "Não me toques" como está no texto grego original, isto é, "Não te prendas a mim".

1270 — *Meus irmãos.* Jesus refere-se aos seus discipulos. Chamando-lhes "irmãos", faz ver que, em virtude de sua paixão e resurreição, os homens já eram efetivamente filhos de Deus pela graça.

1271 — *Não acreditaram.* Pensaram talvez que Jesus ressuscitado deveria apparecer primeiramente a elles.

232 — SÃO SUBORNADOS OS GUARDAS

(S. Mateus, XXVIII, 11-15)

Quando ellas se tinham afastado do sepulcro,* alguns dos guardas foram à cidade e narraram aos Príncipes dos sacerdotes tudo o que havia succedido.

Os Príncipes dos sacerdotes reuniram-se com os anciãos, e, depois de deliberarem, deram uma grande soma em dinheiro aos soldados, e ordenaram-lhes: "Contai o caso assim: "Os discipulos foram de noite ao sepulcro e roubaram o corpo* enquanto nós estávamos dormindo". Se isto chegar aos ouvidos do Governador, havemos de persuadi-lo e vos livraremos de qualquer castigo".

Tendo recebido o dinheiro, os soldados seguiram as instruções que lhes haviam sido dadas. E o boato dêles propalou-se entre os judeus, perdurando até o presente.*

1272 — *Quando elas se tinham afastado do sepulcro.* Os guardas foram à cidade provavelmente já da primeira vez em que as piedosas mulheres se afastaram do sepulcro, depois de o terem encontrado aberto e sem o corpo de Jesus.

1273 — *Roubaram o corpo.* Esta calúnia contra os Apóstolos era muito grave. Entretanto, veio apenas revelar que se os discípulos de Jesus não puderam ser perseguidos por violação de sepultura, foi porque a mentira inventada pelos chefes do judaísmo pecava manifestamente por irremediável falta de verossimilhança. E de fato, se os soldados estivessem dormindo, nada teriam visto, e, portanto, não poderiam dizer o que acontecera; se estivessem acordados, deveriam ter resistido a mão armada contra os violadores do túmulo. Poucas vezes se terá ilustrado tão bem, em fato histórico, a antiga máxima de que a mentira tem as pernas curtas.

1274 — *Perdurando até o presente.* Quer o evangelista dizer que a invenção dos sanedritas se propagou entre os judeus e por eles ficou sendo geralmente aceita.

233 — OS DISCÍPULOS DE EMAÚS

(S. Luc. XXIV, 13-35; S. Marc. XVI, 12-13)

Nesse mesmo dia, dirigiam-se dois discípulos a uma aldeia denominada Emaús,* que distava de Jerusalém cerca de sessenta estádios.* Iam falando um com o outro sobre tudo o que havia ocorrido, quando o Senhor lhes apareceu sob outra forma. Enquanto conversavam, confrontando entre si os acontecimentos, aproximou-se Jesus e pôs-se a caminhar com eles. Mas ambos tinham a vista como que obliterada, de modo que não pudessem reconhecê-lo.*

E disse Jesus: "De que falais um com o outro pelo caminho? E por que estais tristes?"

Um deles chamado Cléofas,* respondeu-lhe: "Só tu és forasteiro em Jerusalém e não sabes o que ali se passou estes dias?"

Tornou-lhes Jesus: "Mas que foi que aconteceu?"

"Referimo-nos ao caso de Jesus Nazareno — responderam. Era um profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo povo. Comentávamos como os Sumos Sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que ele fôsse o Salvador que resgataria a Israel.* Mas agora, além de tudo o mais, já passaram três dias depois que essas coisas sucederam. E' verdade que nos causaram espanto algumas mulheres, das que andavam conosco. Tendo ido ao sepulcro de manhãzinha, e não encontrando o corpo, voltaram dizendo que lhes haviam aparecido anjos, e que os anjos afirmaram que o Mestre estava vivo. Alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram as coisas como tinham dito as mulheres. O Mestre, porém, não viram".*

Então lhes disse Jesus: "O' estultos, de corações tardos para crer o que quer que seja de quanto anunciaram os profetas! Pois não era necessário que o Cristo passasse por tudo isso e assim entrasse na sua glória?"

E citando todos os profetas, a começar por Moisés, explicou-lhes o que a respeito d'ele estava dito em tôdas as Escrituras.

Quando se achavam perto da aldeia para onde se dirigiam, Jesus fêz menção de seguir adiante. Mas os discípulos muito instaram com êle, dizendo-lhe: "Fica conosco, porque se faz tarde. O dia já está declinando".*

E Jesus entrou em casa com os dois.

Ora, aconteceu que, quando estava com êles à mesa, tomou o pão, e, tendo-o abençoado, partiu-o e ofereceu-o a ambos.

Abriram-se-lhes os olhos e então o reconheceram.* Mas Jesus logo desapareceu de onde estava.

E êles disseram um para o outro. "Não é verdade que sentíamos abrasar-se o nosso coração enquanto êle nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?"

Levantando-se imediatamente, voltaram para Jerusalém. Ali encontraram os onze Apóstolos reunidos com outros discípulos, os quais diziam: "Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão".* Por sua vez contaram êles o que lhes acontecera no caminho para Emaús, e como tinham reconhecido a Jesus, isto é, ao partir êle o pão.

E nem a êstes deram crédito todos.*

1275 — *Emaús*. Aldeia situada a oeste de Jerusalém.

1276 — *Sessenta estádios*. O estádio, como se sabe, media aproximadamente 185 metros. Alguns manuscritos falam de 160 estádios (30 quilômetros). Entretanto, deixou demonstrado o Pe. Lagrenge que a distância exata entre Emaús e Jerusalém era realmente de sessenta estádios apenas ("Commentaire de Saint Luc", Paris, Gabalda, 1921, últimas páginas).

1277 — *De modo que não pudessem reconhecê-lo*. Por disposição de Deus, deviam manifestar a sua fé e assim dar ao Salvador o ensejo de mostrar que tudo o que havia acontecido, longe de lançar dúvida sobre a verdade de sua palavra, servia precisamente para confirmá-la, porque tudo fôra predito pelos profetas.

1278 — *Cléofas*. Segundo alguns escritores eclesiásticos, êste discípulo era irmão ou cunhado de S. José.

1279 — *Esperávamos que êle resgataria Israel*. Isto é, esperavam que Jesus libertasse os judeus do domínio dos romanos e restabelecesse o antigo reino de Davi. Como se vê por esta manifestação, o desconhecido conquistara a confiança dos dois viandantes, que por isto não receavam manifestar-se abertamente como discípulos do Crucificado.

1280 — *O Mestre, porém, não viram.* Por estas palavras se conclui que os dois discípulos tinham saído de Jerusalém antes de Maria Madalena ter anunciado que Jesus lhe havia aparecido.

1281 — *Fica conosco... o dia já está declinando.* Seria por volta das três horas da tarde. Mas os discípulos empregaram uma fórmula de cortesia da hospitalidade palestinese. Ainda hoje é assim na Palestina. Já a partir do meio-dia dizem que o dia "declina", como pretexto para insistir com os amigos no sentido de que pernoitem onde estão.

1282 — *Então o reconheceram.* O evangelista apenas determina o momento em que Jesus foi reconhecido. Não é certo que os discípulos de Emaús já tivessem conhecimento da instituição do grande sacramento da Eucarista nem consta que Jesus lhes tenha falado dêle no caminho. Por conseguinte, nada obriga à conclusão de que o Salvador foi reconhecido pelo ato de partir o pão e distribuí-lo.

1283 — *Apareceu a Simão.* Na sua primeira Epístola aos Coríntios (XV, 5) atesta S. Paulo que foi S. Pedro o Apóstolo a quem Jesus ressuscitado apareceu em primeiro lugar. Não se sabe, porém, em que circunstâncias. Em todo caso, essa aparição veio demonstrar que Jessu já perdoara a passageira apostasia do chefe dos Apóstolos e que o pecado dêste não o destituiu da primazia com que era distinguido no grupo apostólico.

1284 — *Nem a êstes deram crédito todos.* Provavelmente por não compreenderem como dois simples discípulos podiam ser honrados com o mesmo privilégio concedido a S. Pedro, mas ainda não concedido aos outros Apóstolos, muitos dos presentes duvidaram da noticia. E é de supor que a discussão do caso se tenha prolongado até altas horas da noite.

234 — JESUS APARECE AOS APÓSTOLOS REUNIDOS SEM TOMÉ

(S. Luc. XXIV, 36-43; S. João, XX, 19-23)

Na tarde daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana, os Apóstolos estavam à mesa, a portas fechadas* por medo dos judeus, e ainda falavam sobre as últimas ocorrências, quando Jesus, aparecendo-lhes por fim,* postou-se entre eles e disse-lhes: "A paz esteja convosco. Sou eu, não temais".

Contudo, perturbados, transidos de susto, os Apóstolos julgavam estar vendo um espetro.

Disse-lhes, pois, Jesus: "Por que vos perturbaís e por que se levantam essas dúvidas em vossos corações? Olhai para as minhas mãos e para os meus pés. Sou eu mesmo. Apalpai-me e vêde. Um espírito não tem carne nem ossos, como verificais que eu tenho".

Ao dizer isto, mostrou-lhes as mãos, os pés e o lado. Sentiam-se alegres os Apóstolos por vê-lo, mas, de tão contentes e admirados, não chegavam ainda a crer.* Então perguntou-lhes Jesus: "Tendes aí alguma coisa que se coma?" E como lhe apresentassem uma posta de peixe assa-

do e um favo de mel, comeu à vista dêles* e devolveu-lhes o que sobrou.

E disse-lhes novamente: "A paz esteja convosco!" Em seguida: "Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio".*

Proferidas estas palavras, dirigiu-lhes uma insuflação* e disse: "Recebei o Espírito Santo. Àquêles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados,* e àquêles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos".

1285 — *Estando fechadas as portas, apareceu-lhes Jesus.* Com esta aparição quis demonstrar Jesus que o seu corpo, embora da mesma natureza que antes da Ressurreição, já tinha assumido as qualidades de corpo glorioso. E' o mesmo prodígio que o faz presente na Eucaristia, sem que o vejamos.

1286 — *Por fim.* O evangelista fala das aparições de Jesus ocorridas imediatamente depois da Ressurreição, referindo que a última foi aos Apóstolos reunidos nessa ocasião. Depois desta aparição, Jesus apresentou-se ainda por diversas vêzes aos seus discípulos, até o dia da sua ascensão ao céu.

1287 — *Não chegavam ainda a crer.* Já então não se tratava de uma verdadeira dúvida. Era uma hesitação, motivada pelo caráter extraordinário do fato e pelo temor de que, acreditando logo no que se lhes deparava, tivessem depois um desengano, e com isto viessem a sofrer mais do que antes, com a ausência do Divino Mestre. E' da experiência: o homem ordinariamente hesita em admitir como certo aquilo que ansiosamente deseja. Houve quem considerasse como um caso de "auto-sugestão coletiva" a fé dos Apóstolos na ressurreição de Jesus. Mas para chegar a esta conclusão é preciso fechar voluntariamente os olhos aos textos evangélicos ou violentá-los, deixando-se dominar por prevenção das mais tendenciosas. Revelam os Evangelhos que só lenta e sucessivamente se renderam os Apóstolos à evidência deslumbradora do grande acontecimento. Em nenhum dêles transparece o menor indicio da receptividade imprescindível para que se produza o fenómeno da sugestão. Ao contrário, mostraram-se todos por demais refratários a qualquer influência em tal sentido. Assim sendo, chega a ser absurdo pretender explicar o caso com a hipótese de uma auto-sugestão coletiva.

1288 — *Comeu à vista dêles.* A fé cristã — nota Santo Agostinho — não põe dificuldade em admitir que o Salvador, depois da Ressurreição, com o corpo por assim dizer espiritualizado, sem deixar, porém, de ser verdadeira carne, tenha comido e bebido com os seus discípulos. Não é a faculdade de comer que cessa para os corpos glorificados, e sim a necessidade de se alimentarem.

1289 — *Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio.* Jesus envia os Apóstolos com o encargo de continuarem a sua obra redentora revestidos de autoridade e poderes semelhantes aos dêle e sob as mesmas condições, isto é, para pregarem o Evangelho embora com sacrificio da própria vida, motivo por que participarão um dia de sua glória.

1290 — *Dirigiu-lhes uma insuflação.* O sópro simbolizava, no caso, o Espírito Santo, porque no idioma hebraico o espírito e o vento são representados por uma mesma palavra. Note-se, entretanto, que,

segundo já foi dito em outro comentário, só no dia de Pentecostes receberiam os Apóstolos a plenitude dos dons do Espírito Santo.

1291 — *Aquêles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados...* Nessa ocasião foi instituído o sacramento da Penitência, também chamado Confissão. Os Apóstolos, e naturalmente os seus sucessores, não poderiam perdoar ou reter pecados "ao acaso". Deviam proceder como representantes de Jesus, isto é, de Deus mesmo. Seriam juizes de consciências e pronunciariam verdadeiras sentenças no tribunal sagrado que Jesus acabava de instituir. E como o pecado é por si mesmo secreto, visto depender da intenção, e como ninguém pode penetrar a intimidade das consciências, no tribunal da Penitência os próprios culpados devem acusar-se a fim de serem julgados em conhecimento de causa. Nestas condições, a chamada "confissão auricular", isto é, feita sigilosamente aos ouvidos do representante de Jesus Cristo, estava implícita e claramente contida nas solenes palavras do Salvador. Ao contrário do que muitos supõem, não foi a partir dos Concílios de Latrão ou de Trento que a Igreja adotou a confissão auricular. Ela já era praticada nos tempos apostólicos. E a História atesta que desde os primeiros tempos do Cristianismo a confissão nunca deixou de ser praticada pelos cristãos.

235 — NOVA APARIÇÃO AOS APÓSTOLOS, EM PRESENÇA DE TOMÉ
(S. João, XX, 24-31; S. Marc. XVI, 14)

Tomé, um dos doze,* chamado Dídimo, não estava com os outros quando Jesus lhes apareceu.

E eles então lhe disseram: "Nós vimos o Senhor".

Respondeu Tomé: "Se eu não vir a abertura dos cravos nas suas mãos, se não puser o dedo nas suas chagas e não introduzir a mão no seu lado, não acreditarei".

Oito dias depois, achavam-se os discípulos outra vez encerrados em casa;* os onze, pois Tomé estava com eles. Apesar de se manterem fechadas as portas, Jesus entrou, quedou-se de pé no meio deles e disse: "A paz esteja convosco".

E imediatamente falou a Tomé: "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos. Chega também a tua mão e a introduz no meu lado. E não sejas incrédulo, mas fiel".

Respondendo-lhe, disse Tomé: "Meu Senhor e meu Deus.

Jesus censurou aos Apóstolos a sua incredulidade e dureza de coração, por não haverem dado crédito aos que o tinham visto ressuscitado. E tornou a Tomé: "Tu acreditas-te, Tomé, porque viste. Bem-aventurados os que não vêem e contudo acreditam".*

Muitos outros prodígios fêz ainda Jesus na presença dos seus discípulos e que não foram escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, Filho de Deus, e para que, por esta fé, tenhais a vida em seu nome.

1292 — *Um dos doze.* Como Judas já não fazia parte do colégio apostólico, o Evangelista naturalmente alude, aqui, aos "doze" que tinham sido escolhidos por Jesus.

1 293 — *Achavam-se os discípulos outra vez encerrados em casa.* S. Marcos refere-se a este fato frisando que Jesus apareceu aos "onze". Estava, pois, presente o colégio apostólico em péso quando o Salvador se apresentou para que Tomé lhe tocasse as chagas. E assim todos os Apóstolos puderam apresentar-se como testemunhas oculares da presença de Jesus na Terra depois de ter êle ressuscitado.

1 294 — *Bem-aventurados os que não vêem e contudo acreditam.* Na Vulgata consta: "...beati qui non viderunt, et crediderunt", bem-aventurados os que não viram e creram. Jesus empregou em tempo passado os verbos da frase porque em face da sua onisciência já aparecia como sucedido o que ainda estava por acontecer.

236 — APARIÇÃO DE JESUS À MARGEM DO LAGO DE TIBERÍADES
(S. João, XXI, 1-14)

Mais tarde, novamente se mostrou Jesus aos seus discípulos. Foi à margem do mar de Tiberíades e do seguinte modo.

Achavam-se reunidos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e dois outros discípulos. Disse-lhes Simão Pedro: "Vou pescar".

"Nós vamos contigo", responderam os outros.

Saíram, pois, e embarcaram. Mas não conseguiram pescar coisa alguma naquela noite. Ao romper da manhã, apareceu Jesus na praia. Não o reconheceram,* porém, os discípulos.

"Filhos* — perguntou-lhes Jesus — tendes alguma coisa para comer?"

"Não", responderam.

Tornou Jesus: "Atirai a rêde pela direita do barco, que dará peixe".

Os discípulos atiraram a rêde, e não podiam retirá-la da água, de tantos que eram os peixes. Então o discípulo que Jesus amava* disse a Pedro: "E' o Senhor".

Simão Pedro achava-se despido.* Ao ouvir dizer que era o Senhor, vestiu o seu manto e saltou para a água. Os outros discípulos, porém, aproximaram-se embarcados, com a rêde cheia de peixes, porque estavam distantes da terra apenas uns duzentos côvados.* Ao saltarem em terra, viram êles algumas brasas dispostas no solo,* um peixe sôbre elas, e um pão.

Disse-lhes Jesus: "Trazei-me alguns dos peixes que apañastes agora".

Simão Pedro subiu ao barco e arrastou para terra a rêde com cento e cinqüenta e três grandes peixes. E mesmo sendo tantos os peixes, a rêde não se rompeu.

"Vinde comer",* disse Jesus.

Nenhum dos discípulos, mesmo quando já estavam comendo, ousou perguntar-lhe quem era êle,* pois sabiam que era o Senhor.

Jesus tomou o pão e o repartiu entre êles. E o mesmo fez com o peixe.

Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos* depois de ter ressuscitado dos mortos.

1 295 — *Não o reconheceram.* Evidentemente porque Jesus se apresentou na praia com aparência diversa da que conheciam como sua.

1 296 — *Filhos.* Na Vulgata consta o vocábulo "pueri", que pode significar crianças, meninos, rapazes ou filhos. Em algumas traduções lê-se "moços". Adotamos o termo empregado pelo Cônego Duarte Leopoldo em "Concordância dos Santos Evangelhos".

1 297 — *O discípulo que Jesus amava.* Veja-se a nota 1 027.

1 298 — *Simão Pedro achava-se despido.* Trazia apenas uma espécie de tanga que os pescadores usavam às vèzes durante o trabalho. Estava, pois, sem a túnica, com o corpo nu até a cintura e com as pernas descobertas.

1 299 — *Duzentos côvados.* Cêrca de 105 metros, pois o côvado, principal medida de comprimento entre os judeus, equivalia a 0,525 mais ou menos.

1 300 — *Algumas brasas dispostas no solo...* Os discípulos sabiam que Jesus nada trouxera e que nada encontrara na praia. Por conseguinte, o braseiro, o peixe e o pão ali existentes eram novas provas da onipotência do Salvador, a qual se manifestara na pesca extraordinária com que os favorecera e na facilidade com que havia feito surgir diante de si o que lhe aprouvera.

1 301 — *Vinde comer.* Veja-se a nota 1 288.

1 302 — *Nenhum ousou perguntar-lhe quem era êle.* Já então reconheciam a Jesus pela sua bondade e onipotência. Sentiam, porém, que êle não era dêste mundo. E por isto não se atreviam a lhe fazer perguntas sôbre a sua pessoa, a respeito da Ressurreição, acêrca da sua permanência na Terra, etc., como seria natural.

1 303 — *A terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos.* Foi a terceira aparição de Jesus aos discípulos reunidos, pois, sem falar nas aparições às mulheres que tinham ido ao sepulcro para completarem a embalsamação do seu corpo, também já havia êle aparecido a Pedro, a Tiago e aos discípulos de Emaús.

237 — PRIMADO DE PEDRO E PREDIÇÃO DO SEU MARTÍRIO

(S. João, XXI, 15-24)

Terminada a refeição, perguntou Jesus a Simão Pedro: "Simão, Filho de João, amas-me tu mais do que êstes outros discípulos?"*

"Sim, Senhor — respondeu Pedro. Tu sabes que te amo".
Tornou-lhe Jesus: "Apascenta os meus cordeiros".

E perguntou-lhe outra vez: "Simão, Filho de João, amas-me?"

Respondeu Pedro: "Sim, Senhor. Tu sabes que te amo".

Volveu-lhe Jesus: "Apascenta os meus cordeiros".

E perguntou-lhe pela terceira vez: "Simão, Filho de João, amas-me?"

Contristou-se Pedro por lhe perguntar Jesus pela terceira vez se o amava. E respondeu: "Senhor, não há nada que ignores. Bem sabes, pois, que te amo".

Tornou-lhe Jesus: "Apascenta as minhas ovelhas.* Em verdade, em verdade te digo, quando eras mōço tu cingias os rins e ias para onde desejavas,* mas quando fōres velho, estenderás as mãos e outro te há de cingir e levar para onde não queres".*

Isto disse Jesus para dar a entender o gênero de morte com que Pedro glorificaria a Deus.

E assim tendo falado, acrescentou: "Segue-me".

Foi Pedro, e, voltando-se, viu que o seguia o discípulo a quem Jesus amava e que durante a ceia pascal, recostado ao seu peito, indagara dēle quem era que havia de traí-lo. Vendo-o, pois, Pedro, perguntou a Jesus: "Senhor, e a este o que acontecerá?"*

Respondeu Jesus: "Embora queira eu que ēle assim fique até a minha volta,* que te importa isto?* Quanto a ti, segue-me".

Então logo correu entre os irmãos* o boato de que aquēle discípulo não morreria. Mas Jesus não dissera: "Este não morrerá", e sim: "Que te importa — queira eu, embora — que ēle assim fique até a minha volta?"

E este é o mesmo discípulo que dá testemunho dēstes fatos e que os narrou. E sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.*

1304 — *Amas-me tu mais do que estes outros discípulos?* O Salvador faz Simão Pedro notar que a sua missão de dirigir os fiéis, na qualidade de representante dēle, Jesus, deverá basear-se inteiramente no amor a Deus. Além disto, como Pedro negara a Jesus em três diferentes ocasiões, o Salvador proporciona-lhe ensejo de dar a ēle, em três declarações também, satisfação pública pela sua apostasia.

1305 — *Apascenta as minhas ovelhas.* Assim foi o Apóstolo constituído Pastor universal dos Bispos e seus representantes, os sacerdotes, e dos fiéis em geral, figurados todos pelos cordeiros e pelas ovelhas.

1306 — *Cingias os rins e ias para onde desejavas.* São imagens da independência de que se goza na mocidade.

1307 — *Estenderás as mãos. . . e outro te há de cingir e levar para onde não queres.* Representam estas palavras uma clara predi-

ção do suplício que sofreria S. Pedro. As palavras "para onde não queres" exprimem o sentimento da natureza humana devido ao qual a alma demora e resiste a se separar do corpo, e que também é chamado "instinto de conservação" ou "aversão à morte". Esta particularidade da nossa fraqueza, reconheceu-a Jesus como natural, fazendo notar que nem a velhice tornaria isento dela o chefe dos Apóstolos.

1308 — *E a este o que acontecerá?* Simão Pedro vê que João o segue, e supõe que o discípulo também quer interrogar o Salvador sobre a sua própria sorte, sem contudo se animar a fazê-lo. E assim como na última ceia João interpelou o Salvador por Pedro, agora Pedro, em retribuição, resolve perguntar em lugar d'ele o que lhe interessa. E' interpretação de S. João Crisóstomo.

1309 — *Se quero que elle assim fique.* Jesus dá a entender que João não haveria de sofrer morte violenta como os outros Apóstolos.

1310 — *Até que eu volte.* Não se refere Jesus ao seu advento no fim dos tempos. Segundo Fillion, alude à sua vinda por ocasião da morte de cada um dos homens.

1311 — *Que te importa isto?* Com estas palavras quis Jesus frisar que não seria preciso preocupar-se Pedro pela sorte de João.

1312 — *Entre os irmãos.* Assim se chamavam uns aos outros os primeiros cristãos.

1313 — *Sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.* Knabenbauer faz notar que se trata de uma atestação da verdade de tudo o que contém o Evangelho de S. João, e não apenas do que se refere ao episódio então narrado.

238 — APARIÇÃO DE JESUS NUM MONTE DA GALILÉIA

(S. Luc. XXIV, 44-48; S. Mat. XXVIII, 16-17)

Entretanto, foram os onze discípulos para a Galiléia e subiram a um monte que Jesus lhes havia designado. E quando viram a Jesus, o adoraram. Mas alguns duvidaram* ainda de que elle fôsse mesmo Jesus.

E Jesus aproximando-se falou-lhes: "Quando ainda convivia convosco, disse-vos que era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos".

E abriu-lhes a intelligência para a compreensão das Escrituras* e acrescentou: "Cumpria que, assim como está escrito, padecesse o Cristo, ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia, e em seu nome se pregassem a tôdas as nações, começando por Jerusalém, a penitência e a remissão dos peccados. E vós sois as testemunhas destes fatos".

1314 — *Alguns duvidaram.* Na primeira Epistola aos Coríntios (XV, 6), S. Paulo informa que nessa ocasião Jesus appareceu a mais de quinhentos discípulos. Não admira que entre esses quinhentos discípulos a quem Jesus appareceu na Galiléia, alguns tivessem ainda as suas dúvidas quanto à realidade da aparição que se lhes deparava, provavelmente por não acreditarem na própria Ressurreição. O caso de Tomé bem mostra quanto isto era possível.

1315 — *Abriu-lhes a inteligência para a compreensão das Escrituras.* Fêz-lhes compreender as profecias que no Antigo Testamento se referem ao Messias. No dia de Pentecostes, as luzes que eles tinham já, chegariam à plenitude pela efusão do Espírito Santo.

239 — ÚLTIMAS INSTRUÇÕES

(S. Marc. XVI, 15-18; S. Mat. XXVIII, 18-20; S. Luc. XXIV, 49)

“Foi-me dado todo o poder no céu e na Terra.* Ide, pois, e ensinai a todos os povos. Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a tôdas as criaturas,* batizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando a observância de todos os preceitos que vos tenho dado.

“Quem crer e fôr batizado, será salvo;* quem não crer, será condenado.

“Os sinais que acompanharão os que crêem, são os seguintes: em meu nome expulsarão demônios, falarão novas línguas, manejarão serpentes,* e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal o veneno. Porão as mãos sôbre os enfermos, e eles ficarão curados.

“Vou enviar-vos o prometido por meu Pai.* Mas permaneçei na cidade até que sejais revestidos da virtude do Céu.* E ficai certos de que estarei convosco até a consumação dos séculos.

1316 — *Foi-me dado todo o poder no céu e na Terra, etc.* Assim revelou Jesus Cristo que, mesmo enquanto homem (na sua qualidade de Redentor) recebera de Deus todo o poder no céu e na Terra. E usando de tal poder foi que encarregou os discípulos da santa missão de difundir o reino de Deus por todo o mundo.

1317 — *A tôdas as criaturas.* Evidentemente o vocábulo “criaturas” está aqui empregado, não na sua acepção mais ampla, mas sim como sinônimo de “homens” ou “pessoas”.

1318 — *Quem crer e fôr batizado será salvo...* O que Jesus Cristo ensinou e o evangelista resumiu nesta passagem, é que não pode haver salvação sem fé verdadeira, a qual se afirma mediante as obras, a começar pelo batismo. Deus quer que todos os homens se salvem e a todos oferece os meios necessários para a salvação, permitindo aos que por si sós não os podem pôr em prática, que o façam por eles os seus representantes legítimos. Perdem-se, pois, aquêles que se opuserem formalmente aos desígnios de Deus, desprezando os meios de se salvarem. Salva-se a criança pelo batismo porque razoavelmente se presume que terá a vontade de crer e de se salvar. E até que manifeste esta vontade, suprem-na os que têm o dever de instruí-la e orientá-la. Será condenado somente o adulto que, podendo crer, se negar à fé, e que por suas obras mostrar que menospreza a fé e a salvação.

1319 — *Expulsarão demônios, falarão novas línguas, manejarão serpentes...* Para animar os discípulos a pregarem no mundo o Evangelho, confirma Jesus, que, segundo o que já prometera, em seu nome farão os milagres que ele mesmo realizou, e serão muitas vezes

defendidos não só contra os perigos que lhes advierem dos animais perigosos, mas também dos ataques e ciladas com que pretenderem perdê-los os seus inimigos. Já nos "Atos dos Apóstolos" (XVIII, 3-6) se lê que S. Paulo, atacado por uma víbora que lhe saltou à mão, jogou o reptil no fogo, sem ter sofrido mal nenhum. A natural pergunta sobre o motivo por que não gozam hoje dessas prerrogativas todos os que creem, responde-se que elas eram necessárias para que a Igreja nascente se estabelecesse sólidamente e com maior rapidez.

1320 — *O prometido por meu Pai.* O Espírito Santo.

1321 — *Virtude do Céu.* Ou, como está na Vulgata "virtute ex alto", virtude do alto. Trata-se do efeito resultante da efusão do Espírito Santo nas almas dos Apóstolos.

240 — ASCENSÃO DE JESUS

(S. Luc. XXIV, 50-53; S. Marc. XVI, 19-20; S. João, XXI, 25)

Depois de ter falado aos discípulos, levou-os Jesus para fora da cidade,* na direção de Betânia, e, erguendo as mãos, os abençoou. E enquanto os abençoava, afastou-se deles e elevou-se aos céus,* onde está assentado à direita de Deus.

Então, depois de terem adorado a Jesus, os discípulos voltaram com grande júbilo para Jerusalém, e permaneceram no Templo, louvando e bendizendo a Deus.

Mais tarde partiram e pregaram o Evangelho por toda parte, cooperando o Senhor com eles e confirmando a sua pregação com os milagres que a acompanhavam.

Muitas outras coisas fez ainda Jesus. Se elas fossem narradas por escrito, pormenorizadamente, penso que nem caberiam no mundo os livros que teria sido necessário escrever.*

1322 — *Fora da cidade.* Depois da Ressurreição, os discípulos permaneceram quase um mês na Galiléia. Regressaram então a Jerusalém, sem dúvida por ordem de Jesus, e dali saíram com êle para o lugar onde assistiriam à ascensão do Senhor.

1323 — *E elevou-se aos céus.* Imbuídos da idéia de que a história de Jesus Cristo, em sua existência terrena, era apenas o primeiro capítulo da história da Igreja, os evangelistas dão pouco relêvo à ascensão do Salvador. De resto, não declarara Jesus que estaria com os Apóstolos até a consumação dos tempos, assistindo-os do alto dos céus? Conviveriam, pois, com êle espiritualmente, e isto lhes bastava. O único evangelista que dá algum desenvolvimento ao episódio da ascensão é S. Lucas, porque, terminando em seu Evangelho a história de Jesus Cristo enquanto homem, se propôs escrever depois a história do Cristo místico, razão por que começou os "Atos dos Apóstolos", isto é, a história da Igreja, com a narração do mesmo prodígio da ascensão do Salvador.

1324 — *Não caberiam no mundo os livros que teria sido necessário escrever.* É naturalmente uma frase hiperbólica, pela qual S. João dá a entender que o Evangelho não contém senão uma pequena parte dos atos e ensinamentos de Jesus Cristo, devendo-se

procurar o restante na tradição oral confiada à Igreja. Segundo S. João Crisóstomo, o evangelista quis mostrar que não escrevera para engrandecer a Jesus, pois se havia limitado a uma parte ínfima dos prodígios realizados pelo Salvador; e também pretendeu fazer notar que era mais difícil os discípulos enumerarem e referirem os prodígios evangélicos que realizá-los o Mestre para salvar os homens, conforme os designios do Altíssimo.

ÍNDICE DAS NOTAS E DOS NOMES PRÓPRIOS

—A—

Aarão	71
«Abba, pater»	1111
Abiatar	278
Abel, profeta	694
Abençoou-os	78
Abias	17
Abluções	686, 1019
Abraão	611
Abrir-se-vos-á	346
Abstinência, jejum	510, 651
A César... a Deus	928
Ações «ad extra»	265, 853
Acréscimo, por	392
Adão	128
Adoração solene	1136
Adoraram-no	474
Adúltera	584
A fim de	52, 620
Agonia no horto	1107
Agostinho, Santo	86, 154
Água viva	195, 577, 578
Águias, abutres	796
Alarido fúnebre	420
Allioli	172, 229, 239
Alcorão	839
Alma, vida	548
Almofada de barco	409
Alqueire, luz	391
Alvo de contradição	716
Amas-me?	1304
Amém	338
Amigo de César	1184
Amigo do esposo	185
Amoreira ao mar	788
Amor espiritualizado	932
Amor fraterno	1100
Amor, perdão	377
Amor, obediência	1054
Anás	1123
Anceãos dos judeus	352
André	147, 226, 1192
Anjo	115
Anjos da guarda	779
Ano propício	216
Antagonismo dos judeus com Jesus	188
Antes de	48
Antigo Testamento	h, 730
Apareceu primeiramente	1262
Aparições de J. Ressuscitado	1262, 1283, 1286, 1303
Ápice	767
«Apex»	309
Apócrifos (evangelhos), b,	2
Apostolo, discípulo	n
Aquimélec	277, 278
Aquitofel	1022
Aramaico	153
Arianos, heresia	836
Argueiro nos olhos	344
Aristóteles	1114

Arquelau	855, 862
Assaf	401
Asse	442
Ascensão do Senhor	1323
Atar, desatar	542, 782
Ateneu	1176
Até que	54
Atos dos Apóstolos	1323
Átrio dos gentios	160
Autoridade episcopal	1038
Aversão à morte	1307

—B—

Babilônia	44
Baltasar	85
Banquete, vida eterna, reino dos céus	356, 746
Banquete de núpcias	919
Baraquias	960
Bar-Jona	537
Barrabás	1179
Bartimeu	856
Bartolomeu (S.)	149
Basta!	1090, 1115, 1121
Bastão, a não ser um	430
Batismo	116, 167, 168, 169
Batismo de João	911
Batismo de sangue	715
Beijo de paz	376
Beijo de Judas	1118
Belém	60
Belzebu	192, 670
«Benedictus»	38
Benfeitores (evergetas)	1012
Benjamim	95
Betabara	112
Betânia	112, 810
Betfagé	883
Betsaida	148, 459, 530
Betsaida-Júlia	148, 459, 466, 530
Bezeta	260
Bíblia	a, 52
Blasfêmia, blasfemou	1140
Blasfêmia imperdoável	672
Boanerges	293
Boas obras	328, 1001, 1068
Boa vontade	85
Bofetada	1132
Bom Mestre	834
Bom pastor	627
Braço do Senhor	940
Branqueando, campos	202
Buzu	756
«Byssos»	769

—C—

Cabeça em bandeja	456
Cadeira curul	1185
Cados	761
Cães, blasfemadores	345
Cães, gentios	517
Cafarnaum	148, 156

Caifás	110, 828, 829,	1116	Conversão de Israel	440
Caíro		93	Conví dai os pobres	745
Calcanhar, levantar		1023	Convites dos fariseus	743
Calendário judaico		1006	Coorte	1117
Cálce	1110,	1112	«Corban»	509
Cálce, sofrimentos		851	Cordeiro pascal	1007
Calmet		118	Corozalm	654
Calvário		1193	Corpo espiritualizado	497
Camelo, fundo de agulha		839	Corpo glorioso	1285, 1288
Caminho, verdade e vida		1044	Correção fraternal	780
Canaã		98	Côvado	240
Canaanita		516	Côvados, duzentos	1299
Caná da Galiléia		152	Coxos, andam	363
Caná da Fenícia		152	Crianças, como	638
Cananeu		294	Crianças repelidas	832
Canico agitado		365	Crianças, tôdas	1317
Canico fendido		288	Cristiani	293, 1005
Cânion, cânionico	b, d,	2	Cristo	f, 536
Cantamos, não dançastes		371	Crucifixão	1200
Cântaro d'água (sinal)		1008	Cruz	547, 992, 1192
Cão, animal impuro		770	Curas, meios exteriores	239
Caravançará		62	Curas simbólicas	532
Caridade	277, 643, 714,	759		
Carne, sangue.	12, 113, 532,	593		
Carpideiras		420		
Carta de repúdio		49		
Catequese	d,	514		
Cedron		1109	Dado por vós	1036
Cefas		147	Dalmanuta	524
Cegos, dois		856	Daniel Rops	293, 387, 1110, 1155
Ceia pascal	1010, 1013,	1015	Dar-se-á ainda	999
Celibato religioso		809	Davi	42, 68, 277, 296, 1208
Cenáculo		1009	Decápole	236
Cenopégia		561	«Decurlo»	1239
Cêntuplo em recompensa		843	Dedicação, festa	726
César		927	De graça	429
Cesaréia de Filipe		534	Demônio entre vós	502
César, tributo	925,	928	Demônios	-15, 875
Chamados e escolhidos	848,	923	Denários, trezentos	44
Chave da ciência		696	Deportação para Babilônia	1222
Chaves do céu		541	Desamparo	214
Chefe da sinagoga		212	Desenrolou, livro	1134
Chorou		890	Deus dos exércitos	64
Cicero	456,	1200	Deus dos vivos	933
Cidades		641	Deuses, sois	730
Cidade santa		132	Devedores insolventes	786
Cidades, nos Evangelhos,	59	641	Devocão exterior	508
Cinco galerias, piscina		260	Dia da justiça	217
Cingir os rins		706	Dia da regeneração	841
Cirene		1195	Dia de amanhã	341, 342
Circuncisão		34	Dia legal	146
Circunstâncias, adaptação		241	Dia, meu	611
Ciro		44	Dias de misericórdia	594
Citações	97,	162	Dia propicio	453
Citópolis		183	Diáspora	576
Clamou		1226	Didimo	817
Clâmide		1190	Didrácma	633
Cléofas		1278	Dimas, Dimas, Desmas	1200
Coar mosquitos		958	Dinheiros, denários	460, 787
«Codex Vaticanus»	d,	2	Discipulo amado	1027
Cofre do Templo		1154	Discipulos, apóstolos	n
Coisas velhas e novas		407	Discussão dos discipulos	1011
Cólera de Deus		187	Dispersão dos judeus	576
Comer pão		504	Distico na cruz	1203
Comeu, já ressuscitado		1288	Dividas e devedores	337
Comigo, contra mim	640,	671	Dividir, separar	989
Como crianças		833	Divórcio 317, 768, 782, 783, 805, 806, 807, 808	
Compreensão das Escrituras		1315	Dizimo	689, 957
Comunhão de pão e vinho		1038	«Djebel Karantal»	129
Concílio de Florença		710	Doenças e tribulações	1066
Concílio de Jerusalém		34	Dois amigos	1265
Concílio de Latrão		1291	Dois senhores	339
Concílio de Trento	448,	1291	Dom de Deus	194
Confiança		430	Dom supremo	728
Confissão auricular		1291	Domingo, repouso	262
Conselho		311	Doutôres da lei	89
Conselhos e preceitos		1132	Doutrina cristã	570
Consumação dos tempos		402	Doze, onze (Apóstolos)	1292, 1293
Contra escribas e fariseus		846	Dracmas, dez	756

—D—

Dura linguagem 496
 Durante a ceia 1016

—E—

«Efetá» 520
 Efrém 331
 Eih! Eih! 1221
 Elias 20, 138, 140, 370, 553
 Elasticidade de calendário 1006
 Eloim 1140
 Emaús 1275
 Emanuel 53
 Embalsamação 1241
 Em verdade 150
 Encarnação 13, 29
 Enon 183
 Ensino com autoridade 228
 Entrada triunfal em Jerusalém 884
 Enviado 115, 367
 Escândalos 774
 Escolhidos, chamados 1021
 Escreveu no solo 587
 Escrivas 89
 Escritura, inspirada 732
 Esdreleon 60
 Escola 688, 705, 963
 Espada, compre uma 1087
 Espada, morrerão pela 1122
 Espírito impuro 676
 Espírito e verdade, em 198
 Espírito e vida, palavras 498
 Espírito, plenitude 186
 Espírito Santo 6, 22, 1046, 1051, 1076 1104
 Espósa de Cristo 252
 Estádio 467
 Estádios, quinze 819
 Estádios, sessenta 1276
 Estáter 636
 Estatura, extensão de vida 340
 Estranha linguagem 496
 Estréla, minha 87
 Eternidade 21
 Eterno Pai 102
 Eu sou 612
 Eucaristia 53, 478, 1034, 1036
 Evangelho 211
 Evangelho de S. Pedro b, 2
 Evangelho de S. João 2
 Evangelho de S. Marcos 2
 Evangelho de S. Mateus 2
 Evangelho de S. Lucas 2
 Evangelho do reino 232
 Evangelho d, 2
 Evangelhos apócrifos b, 2
 Evangelhos sinópticos d, 2
 Evangelização 514, 515
 Everetas 1012
 Exagerações na linguagem 316
 Exegese, disciplina 1203
 Expirou 1227
 Expulsão de demónios, etc. 1319
 Extrema-unção 448

—F—

Falsos profetas 624
 Fariseu e publicano no templo 799
 Fariseus 89, 118
 Fé 154, 372, 378, 491, 560, 788
 Fé, justificação 378
 Feitor infiel 760
 Fermento 399
 Fermento dos fariseus 529, 697
 Fica conosco 1281
 Figueira estéril 722, 894
 Filatérias 948
 Filha de Sião 886

Filhinhos, «filioi» 1040
 Filho contra pai 438
 Filho da paz 649
 Filho de Davi 425, 888
 Filho de Deus 475
 Filho de Deus vivo 536
 Filho, descendente 937
 Filho do Altíssimo 27
 Filhos, os dois 913
 Filho do Homem 151, 440
 Filho e Senhor 938
 Filho eterno 6
 Filhos da luz 763
 Filhos da perdição 1097
 Filhos das núpcias 251
 Filhos do espóso 25
 Filhos do reino 357
 Filhos do século 763
 Filhos e súditos 634, 635
 Filho Unigénito 163
 Filipe, discípulo 149
 Filipe, tetrarca 148
 Fillion 146, 1004, 1310
 Fim do mundo 793, 795
 Fins e meios 829
 Flagelação 1180
 Flávio Josefo 189, 452
 Fluxo de sangue 419
 Fogo, caridade 714
 Fogo eterno 1002
 Fome, sede 486
 Fora (os de fora) 385
 Fornalha 403
 Fotna 192
 Fouard, Pe. 158
 Fuga em geral 438
 Fuga em sábado 477
 Fuga para o Egipto 93
 Franjas compridas 949
 Fraternidade universal 1100
 Frutos da virtude 1072

—G—

Gáбата 1185
 Gabriel 19
 Gafanhotos, alimento 117
 Galiléia 582, 583
 Galo, não cantará 1043, 1143
 Garizim, monte 193
 Gaspar 85
 Gazofilácio 597
 Geena 313
 Genealogia de Jesus 41
 Genealógica, questão 126
 Generosidade cristã 322, 323
 Genesaré Genesar (planície) .. 476
 Genesaré, lago 148, 225
 Gentios 895
 Gentios, de parte 428
 Geração «ab eterno» 728
 Geração adúltera 527
 Geração, esta 961, 984
 Geração eterna de Jesus 575
 Gerasa, Gadara, Gergesa 411
 Gemas, Germas 1200
 Getsémani 1108
 Glória divina 615, 1103
 Glorificação 899, 900, 1033, 1902, 1095, 1101
 Graça ... 15, 80, 499, 866, 867, 1102
 Grande Conselho 909
 Gratuito, ministério 429

—H—

Hacédama 1156
 Hebraico, grego e latim 1204
 Hebraísmos 27, 52, 66, 93, 372, 474, 749, 1097

Judéia	107	Maior que João	368
Judeus	107	Mais a quem tem	393, 817
Judeus e samaritanos, antagonis- mo	193	Malaquias	104, 366, 370
Judica, Dr.	1234	Malco, curado	1124
Juízes condenáveis	343	«Mammona»	339
Juízo	311, 619	Mandamento, primeiro e maior	936
Juízo Particular	710	Mandamentos, observância: amor	1054
Jugo	659	Mandamento, vida eterna	845
Julgamento do mundo	903	Mandato	630
Julgamento irregular.	1133, 1150	Mansuetude cristã	321
Julgar, condenar	174	Manto	1018
Juliano, Apóstata	964	Manejarão serpentes	1319
Jumenta, jumentinho	887	Mão, escândalo	316
Juramentos	319, 618	Maqueronte	451
Jurar pelo Templo	956	Marco de prata	863
Justiça e misericórdia	589	Marcos, dez	863
—K—			
Keyserling	154	Marcos, evangelista	2
«Ketuboth», II, 9	1131	Mar da Galiléia	225
«Khan»	62	Mar da Tiberíades	225
Knabenbauer 578, 620, 1090,	1313	Maria Madalena (arrependimen- to)	1263
—L—			
Lado ferido	1233	Maria, purificação	69
Ladrões, os dois	1200, 1212	Maria Santíssima	24, 811
Lagrange, Pe. 147, 158, 202,	599	Marias, três (questão)	663
Lapidacão dos adúlteros	586	Marta e Maria	194
Lavou as mãos	1188	Martini	94
Lázaro, mendigo	770	Matança dos inocentes	93
Lázaro, ressuscitado	810	Matarie	2
Lázaro, seu projetado assassinio	880	Mateus, evangelista	247, 196
Lebreton	599	Mateus, Levi	829
Legítima defesa	320, 321	Matos Soares	847
Lei Antiga	9, 730	Mau Conselho (monte)	692
Lei, Ant. Testamento	730	Maus olhos	260
Lei e Profetas	308, 766	Mauss	288
Lei do segrêdo	345	Mecha fumegante	762
Leis naturais	279	Medidas	666
Leis positivas	279	Meditação e atividade	85
Lei, Torá	118	Melquior	833
Leitura da Bíblia	p, 4	Meng-Tseu	846
Lenço, «sindone»	1127	Mérito	154, 1165
Lenho verde	1197	Messias e, 47, 73, 81, 165, 199,	29
Leonel Franca, Pe.	773	362, 425, 590, 888,	199
Leprosos	238, 241, 719	Messias, revelação gradual	950
Lepton	719	Mestre	926
Letra e espírito	1203	Método interrogativo	270
Levantai-vos e salamos	1063	«Michna»	260
Levi, Mateus	247	Milagre	773, 1119
Levirato, lei	126	Milagre e conversão	514
Levitas	139, 662	Milagre, pregação	678
Ligar, desligar	542, 782	Milagres de Lourdes	773
Limbo	26, 1213	Milagres e santidade	482
Linguagem, dura	496	Milenários	843
Lisanias	109	Milícia celeste	64
Literaldade farisaica	1203	Ministério sacerdotal	1037
Litóstrotos	1185	Miquéias	c, 90, 574
Livre arbítrio	296, 499, 747	Mirra e aloés	1240
Livro, desenrolou	214	Misericórdia divina	759
Livro dos livros	a, c, 4	Misericórdia, sacrificio	250
Longinus	1233	Missa	1038
Livros sobrenaturalmente inspi- rados	c, 4	Missão baseada no amor	1304
Lunáticos	235, 556, 590	Missão dos Apóstolos	1289
Luz do mundo	307, 210	Mistério religioso	6
Luzero	210	Moisés	i, 193, 553
Luz sob alqueire	391	Montanhas, mover	560
—M—			
Má fé	685	Monte ao mar	908
Magedan	524	Monte das Bem-aventuranças	297
Magistério exterior e interior	1079	Monte das Oliveiras	583
«Magnificat»	31	Monte do Mau Conselho	829
Magos	85	Morada, nossa	1057
		Morte de Jesus	1227
		Monte Olivete	583
		Morte eterna	610
		Morte, desculdo	709
		Morte imediata	868
		Morte sono	421, 815

Mortos	646	Pai, maior que eu	1061
Mostardeira	397, 398	Pai, mestre	952
Mudo, possesso	427	Pai Nosso, oração	334
Muito cedo	1250	Pai, superior a mim	1061
Mulheres (as) e Jesus	192, 379	Paixão de Cristo	544
Mulheres piedosas	380	Palavra de Deus	271, 1067
Mulher parturiente	181	Palavra julgadora	944
Mulher, tratamento	153, 1216	Palavras de vida eterna	500
Multiplicação dos pães, primeira	462	Palavras, fatos	66, 104
Multiplicação dos pães, segunda	522	Palavra não minha	1058
Muro das lamentações	964	Palestina	56
Mutilações	316	Pão cotidiano	336

—N—

Naáman	221	Pascal	296
Nabucodonosor II	44, 727	Páscoa	9S, 1013, 1014; 1015
Naim	359	Pastor universal	1305
Não acreditaram	1259, 1271	Parábola	383, 394
Não caberiam no mundo (livros)	1324	Pastores	63
Não entras	954	Paráclito	1051
Não me detenhas	1269	Parasceve	1186
Não me vereis mais	1080	Páscoa dos judeus	159
Não sou digno	353	Paulo, S.	1S5, 1112
Nardo	871	Paz, dar	1059
Nascer de novo	167	Paz, espada	443
Natanael	149	Paz, saudação	443
Naum	582	Pecado, justiça, julzo	1078
Nazaré	23, 60	Pecadora arrependida	373
Nazareno	19, 97	Pecadores	249
Nazireus	19	Pecado, responsabilidade	1074
Necessário, o	665	Pecados e enfermidades	245
Nechonia, rabi	542	Pecados do mundo	144
Negações de Pedro	1141	Pecados leves	1019
Nicodemos	166	Pedi e recebereis	66S
Nilo, S.	192	Pedra angular	918
Ninguém sabe	985	Pedra de fechar túmulo	1251
Nisan (mês)	106	Pedra de moinho, ao pescoco	775
Nome de Deus, respeito entre os judeus	756, 113S, 1140	Pedra sobre pedra	964
Nona hora	1209	Pedro	147, 14S, 226, 1141
Normas de perfeição	845, 310	Pedro no sepulcro, pela segunda vez	1260
Nova aliança	1039	Pedro, S., primazia	291
Nova Lei	o, 29S, 1039	Pedro sobre as águas	471
Noventa e nove justos	754	Peixes diversos	406
Novo mandamento	1001	Pena de tallão	30S
Novo Testamento	o, 1039	Penitencial-vos	113
Núpeias, figura	920	Penitência, sacramento	1291

—O—

Obediência, amor	1054	Pequenas coisas	997
óbolo	315, 719	Perdão dos pecados	782
Obras de misericórdia	1001	Perdoar e reter pecados	1291
Odiar os pais	749	Peréa	734, 781
Ólho, escândalo	316	Perfeição	327
Ólho mau	512	Pérolas raras	405
Ólho por ólho	30S, 320	Perspetiva profética	980
Oração com recolhimento	331	Piscina, cinco galerias	260
Oração em comum	783	Piscina probática	259
Oração dominical	334	Pobres em espirito	290
Orações longas	332	Pobres, humildes	215
Orar em pé	330	Pobreza cristã	644
Orar sempre	797	Pobreza, voto	705
Orígenes	2, 316	Pô dos pés, sacudir	435
Oséias	93, 250, 582	Pombas, como	437
Ossos, não quebrareis	1236	Pôncio Pilatos. 107, 721, 1151, 1174, 1179,	1182
Outros servos	916	Poligamia em Israel	783
Ovelhas, cabritos	1000	Pontífices	826
Ovelha desgarrada	753	Porta das ovelhas	623

—P—

Paciência	972	Porta estreita	34S, 735
Pães ázimos	1003	Porta fechada	736
Pães da proposição	277	Portas do inferno	540
Pal contra filho	438	Pórtico de Salomão	727
Pal da Mentira	135, 607	«Poscas»	1210
Pal legal	77, 100	Possessos	229, 412
		Possuirão a Terra	300
		Poucos eleitos	349

Sinal	98
Sinais dos tempos	526
Sinal do Filho do Homem	982
Sinedrim	311
Sinópticos, Evangelhos	2
Siquém	190
Siro-Penícia	516
Sócrates	926
Sodoma	436, 653
Sol Nascente	40
Sonho de José	50
Sonho de Prócula	1178
Sono, morte	815
Subir para Jerusalém	565
Suicídio	1153
Sumo Pontífice	826
Sumo Sacerdote	17, 828
Suor de sangue	1114
Superstição	1182
Sustento merecido	432

—T—

Tabernáculos, festa	98
Tabor	552
Tadeu, Judas	295
Talento	995
Talentos	785
«Tallá, cumil»	423
Talmude	839
Telhado, terraço	d, 270, 244
Telónio	246
Temor	361
Templo	17, 18, 132, 160, 212
Tentacões	1084
Teófilo	1
Terceira hora	845, 1209
Termútis	1
Tesouro oculto	404
Testamento, aliança	g, 730
Testamento, Antigo e Nôvo	730, 1039
Testemunho	eta53
Testemunho	268, 591, 1131
Tiago Maior	292
Tiago Menor	292
Tiago, S. (Epístola)	491
Tibério	106, 1151
Tiberíades, mar	225
Tiro e Sidon	655
Tito	440
Tito Lívio	1176
Título da cruz	1202, 1208
Torá, lei escrita	118
Torre a ser construída	750
Tradição	c, 505
Transfiguração	551
Transubstanciação	1035, 1038
Trave nos olhos	344
Três Marias, questão	811
Trevas	1219
Trevas exteriores	358
Trevas, poder	1125
Tribulações salutareis	1066
Tributo do Templo	633
Tributo de César	925

Trigo, colheita	202
Trindade	6, 125, 1051
Trovão, voz de Deus	901
Tu és Pedro	539
Tudo o que pedirdes	1049, 1050
Túmulo nôvo	1243
Túnica inconsútil	1207
Tu o disseste	1026

—U—

Último cálice	1064
Último dia	652
Último lugar	744
Últimos, primeiros	738
Um, sejam	1100
Um, somos	729, 1045, 1047
Ungiu-lhe os pés	872
União consubstancial	1053
Unões ilícitas	317
Universalismo cristão	787
Urias	42

—V—

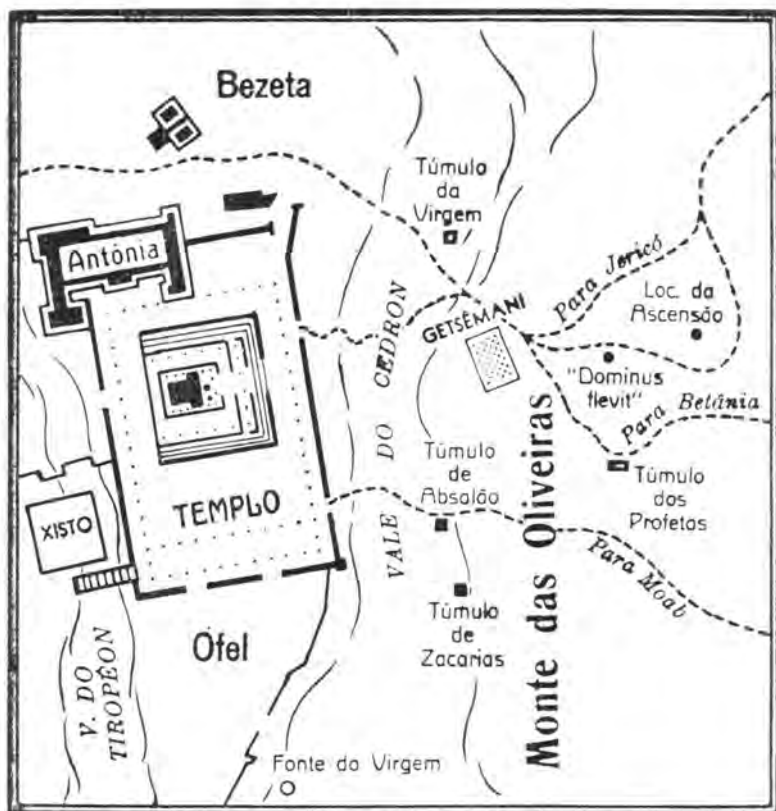
Vagens	758
Vaso, quebrou	874
Vem comigo	206
Venci o mundo	1091
Vento, espírito	170
Verbo	5, 10, 13, 1058
Verdade	1099, 1168
Verme, remorso	777
Veste nupcial	922
Vestes dos judeus	1206
Vestes talares	947
Vêu do Templo	1228
Vida, alma	445, 794
Vida eterna, banquete	356
Vida, perda	445, 548, 897
Videira genuína	1065
Vigouroux	278
Vingança de Deus	217
Vinhateiros homicidas	915
Vinho com fel	1168
Virgem desposada	24
Virgindade de Maria	28, 158
Virgens, dez	991
Virtude do céu	1321
Visão beatífica	1093
Vulgata	h, 215

—W—

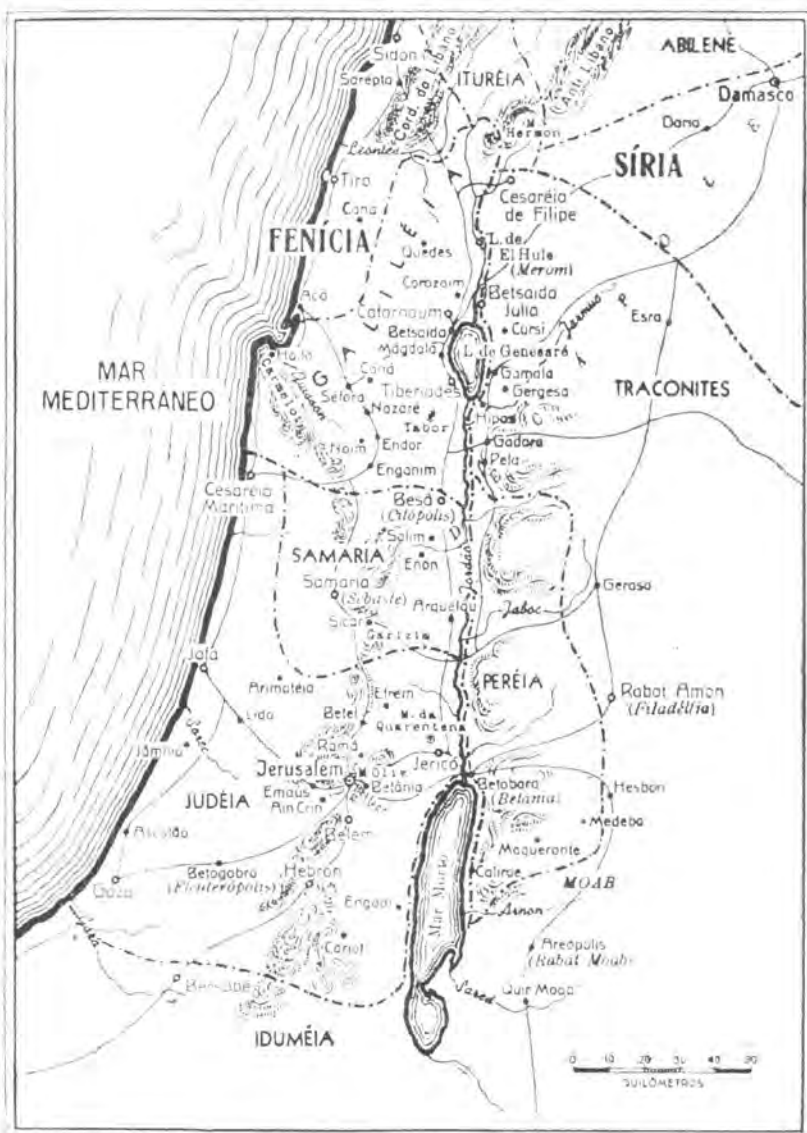
William	202, 599
Wilkenhauser	577

—Z—

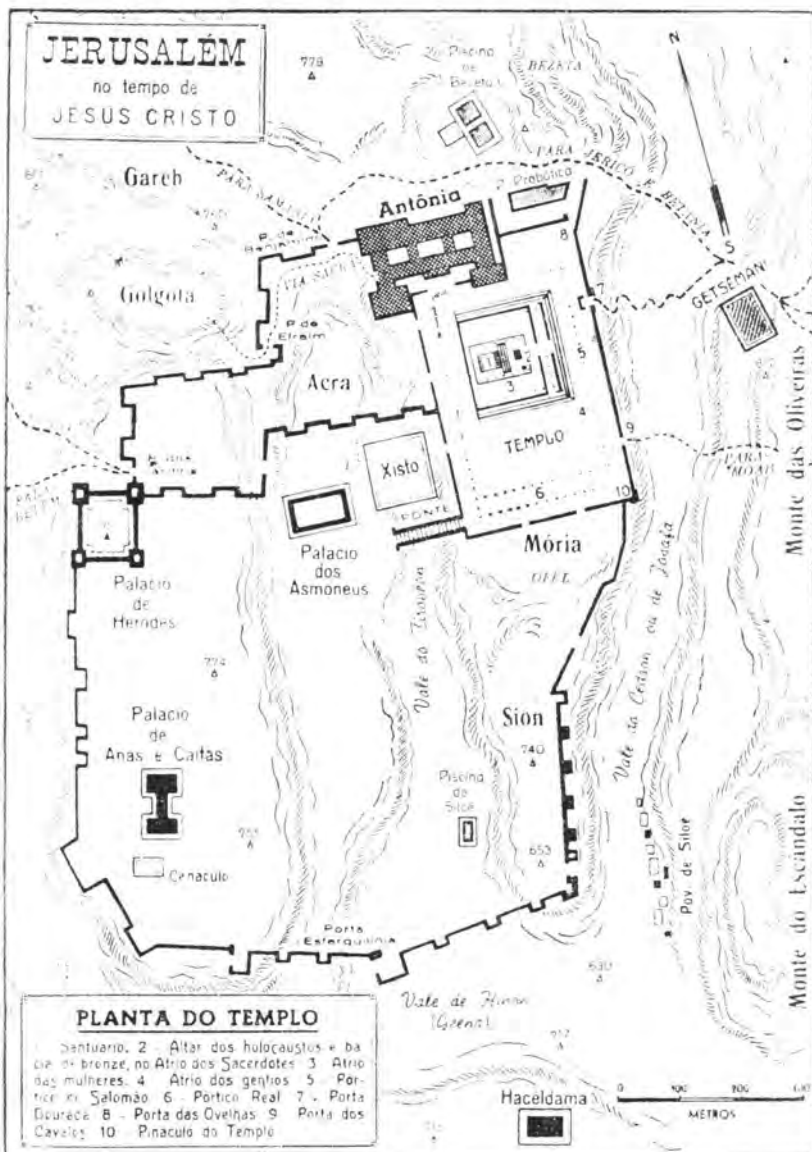
Zacarias	35, 195, 695, 885, 860
Zebedeu	292, 850
Zélo criterioso	396
Zelote	294, 974
Zerwick	28



LUGARES HISTÓRICOS NAS PROXIMIDADES DE JERUSALÉM.
 "DOMINUS FLEVIT" É O LOCAL ONDE JESUS CHOROU SOBRE
 A CIDADE SANTA (S. Luc. XIX, 41-42).



A PALESTINA NO TEMPO DE JESUS CRISTO



704
18-5-67

COLÉGIO
Imaculado Coração
Filhas de Jesus
Rua de Ipanema 1554
MÉLO HORIZONTE

COLÉGIO
Imaculado Coração
Filhas de Jesus
Rua de Ipanema 1554
MÉLO HORIZONTE

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIPOGRAFIA E EDITORA SÃO PAULO
— S. CIRO —
Est. Fed. Getúlio Vargas. — Km. 125,5
Caxias do Sul. — R. S.

COLEÇÃO BÍBLICA

Ao redor do Livro Divino as Edições Paulinas procuraram organizar uma assistência editorial para o Clero e o povo fiel do País, suscitando a presente coleção, que tende a prestar ajuda a todos na compreensão e defesa do Tesouro de inestimável preciosidade, qual é a Palavra de Deus, patrimônio dos filhos da Igreja Católica.

1. *Páginas difíceis da Bíblia*, de E. Galbiati e A. Piazza (2.a ed.)
2. *Protestantismo e Bíblia*, de Fernando Carballo
3. *Sinopse Evangélica*, de Frederico Dattler
4. *A Bíblia, escola de oração*, de Louis Leloir
5. *Guia do Antigo e Novo Testamento*, de Eugenio Zolli
6. *A Bíblia e as últimas descobertas*, de Armando Rolla
7. *O Mistério da Palavra de Deus*, de Pe. João Roatta
8. *O Filho de Deus*, de Alceu Masson
9. *A Bíblia, Mensagem de Deus em palavras humanas*, de Jean Leyie